



ENCICLOPÉDIA DO INTEGRALISMO

O DOGMA DO SIGMA

Rodrigo Christofolletti

**ENCICLOPÉDIA
DO INTEGRALISMO
O DOGMA DO SIGMA**

Rodrigo Christofolletti



Juiz de Fora

2021

© Editora UFJF, 2021

Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido por qualquer meio sem autorização expressa da editora. O conteúdo desta obra, além de autorizações relacionadas à permissão de uso de imagens ou textos de outro(s) autor(es), são de inteira responsabilidade do(s) autor(es) e/ou organizador(es).



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

REITOR

MARCUS VINICIUS DAVID

VICE-REITORA

GIRLENE ALVES DA SILVA



DIRETOR DA EDITORA UFJF
RICARDO BEZERRA CAVALCANTE

CONSELHO EDITORIAL

RICARDO BEZERRA CAVALCANTE (PRESIDENTE)
ANDRÉ NETTO BASTOS
CHARLENE MARTINS MIOTTI
CLAUDIA HELENA CERQUEIRA MARMORA
CRISTINA DIAS DA SILVA
ILUSKA MARIA DA SILVA COUTINHO
JAIR ADRIANO KOPKE DE AGUIAR
MARCO AURELIO KISTEMANN JUNIOR
RAPHAEL FORTES MARCOMINI

REVISÃO E DIAGRAMAÇÃO

MALORGIO STUDIO DESIGN & COMMUNICATION

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFJF

Christofoletti, Rodrigo.

Enciclopédia do Integralismo : o dogma do sigma / Rodrigo

Christofoletti. – Juiz de Fora, MG : Editora UFJF, 2021.

Dados eletrônicos (1 arquivo: 2,1 mb)

ISBN 978-65-89512-15-8

1. Integralismo. 2. Socialismo cristão – Brasil. I. Título.

CDU: 329.18

Este livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, promulgado pelo Decreto n. 6.583 de 29 de setembro de 2008.



EDITORA UFJF

RUA BENJAMIN CONSTANT, 790
CENTRO - JUIZ DE FORA - MG - CEP 36015-400
FONE/FAX: (32) 3229-7646 / (32) 3229-7645
editora@ufjf.edu.br / distribuicao.editora@ufjf.edu.br
www.ufjf.br/editora

Filiada à ABEU



AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a todos os pesquisadores que me antecederam e sucederam nessa busca por explicar o movimento integralista. Ao Antônio Celso Ferreira, quem me sugeriu as primeiras leituras sobre o tema. À Tânia Regina de Luca e Marieta de Moraes Ferreira (profissionais exemplares, minhas orientadoras no mestrado e doutorado, respectivamente); à Renato Alencar Dotta e Marcia Regina Carneiro, (parceiros fantásticos na elaboração e criação do GEINT – o grupo de estudiosos do Integralismo); à João Fábio Bertonha e Lídia Maria Vianna Possas, por terem me ensinado a importância da boa pesquisa de campo; ao Gilberto Grassi Calil, a quem devo a introdução de minhas incursões sobre o integralismo no pós- guerra, leitura essencial para a elaboração desse livro; ao Rogério Lustosa Victor, Giselda Brito Silva, Leandro Pereira Gonçalves, Odilon Caldeira Neto, Carlos Gustavo Nóbrega de Jesus, Ana Maria Dietrich, Renata Duarte Simões, Alexandre Almeida, Jefferson Rodrigues Barbosa, Rodolfo Fiorucci, Rodrigo Santos de Oliveira, Fábio Chang e Lilian Tavares de Bairros: novos pesquisadores que mantém acesa a chama das descobertas sobre o integralismo e os movimentos de direita em nosso país. Ao Arquivo Público Municipal de Rio Claro-SP, detentor da guarda do Acervo Plínio Salgado, onde realizei minhas pesquisas nos anos de mestrado e doutorado. Ao Departamento de História da UNESP- Assis e da Fundação Getulio Vargas FGV- CPDOC-RJ, instituições que me acolheram e possibilitaram a realização dessa pesquisa ao longo de quase uma década. Ao Gumercindo Rocha Dórea (in memoriam), integralista da terceira geração (desde a década de 1950), que a despeito de sua posição conflitante com muitas premissas deste livro, sempre foi agente de uma interlocução sadia, além de um personagem formidável. A todas essas pessoas e instituições eu dedico o fruto dessa década de pesquisas.

Muito obrigado.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	8
Leandro Pereira Gonçalves	
INTRODUÇÃO	
DIREITISMOS PLURAIS	11
CAPÍTULO I - O INTEGRALISMO EM POUCAS PINCELADAS: DA AIB AO PRP, SIGLAS DE MESMA COR	24
A AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA – AIB	24
O PARTIDO DE REPRESENTAÇÃO POPULAR (PRP): INTEGRALISMO À PAISANA ENTRE RUPTURAS E CONTINUIDADES	28
REDEFINIÇÕES DO TABULEIRO POLÍTICO E A VOLTA AO SIGMA	32
COMO SE CELEBRA UM JUBILEU DE PRATA?	34
CAPÍTULO II - AS COMEMORAÇÕES NAS PÁGINAS DOS JORNAIS	54
A GRANDE IMPRENSA	54
A IMPRENSA INTEGRALISTA	69
O JORNAL A <i>MARCHA</i> COMO PORTA VOZ DOS DESÍGNIOS PERREPISTAS	78
A CONFEDERAÇÃO DOS CENTROS CULTURAIS DA JUVENTUDE: TRANSCENDENDO OS LIMITES DA AÇÃO PARTIDÁRIA	83
CAPÍTULO III - A ENCICLOPÉDIA DO INTEGRALISMO COMO UM LUGAR DE MEMÓRIA: TEMAS CANDENTES, IDEIAS RECORRENTES	87
MEMORIALIZANDO O MOVIMENTO	111
O CONTEXTO DA PUBLICAÇÃO DA ENCICLOPÉDIA DO INTEGRALISMO	113
A <i>ENCICLOPÉDIA DO INTEGRALISMO</i> E SEUS CANAIS DE COMUNICAÇÃO	119

SUMÁRIO

GARIMPO E MEMÓRIA: ENTRE A MOCIDADE E A VELHA GUARDA INTEGRALISTA	125
A ENCICLOPÉDIA QUE NÃO ERA UMA ENCICLOPÉDIA?	127
PROPAGANDA E CONSUMO DE UMA IDEOLOGIA	131
SOBRE O QUE DISSERTAVAM TAIS ESCRITOS?	135
DISCURSOS RECAUCHUTADOS	140

CAPÍTULO IV - LEITURA EM METONÍMIA:

A ENCICLOPÉDIA DO INTEGRALISMO VISTA POR DENTRO 142

ANÁLISES POSSÍVEIS	144
O VOLUME NORTEADOR DA ENCICLOPÉDIA DO INTEGRALISMO: "O INTEGRALISMO NA VIDA BRASILEIRA"	146
A DOCTRINA	149
O CHEFE	151
ANUÊNCIA E ANAUÊNCIA	155
O ANTICOMUNISMO: <i>BANDEIRA FUNDAMENTAL</i> DO INTEGRALISMO	170
A DEMOCRACIA: UMA CONTRADIÇÃO EXPOSTA EM DOIS ATOS	178
ATO 1- OS ANOS 1930	178
ATO 2 - OS ANOS 1940 E 1950	180
DEMOCRACIA E ESTADO INTEGRAL	182
O ESTADO INTEGRAL - EM PAUTA UMA PROPOSTA PARA A NAÇÃO	192
INTEGRALISMO E REGIMES TOTALITÁRIOS	195
O CATOLICISMO INTEGRALISTA	201
ANTAGONISMO E DISSIDÊNCIA NO SEIO DA ENCICLOPÉDIA	209

SUMÁRIO

EDUCAÇÃO E ESTÉTICA	218
A EDUCAÇÃO COMO FERMENTO DE UMA MASSA EM DESCANSO	222
ESTÉTICA E POÉTICA: AS ARTES DA MENTE E DO CORPO	225
O POETA DESCONHECIDO	229
AQUILO NÃO ERA BRASIL	234
A MULHER BRASILEIRA	235
POEMA DO HOMEM NEGRO	236
CONSIDERAÇÕES FINAIS	
O INTEGRALISMO DA ENCICLOPÉDIA: ÊXITO OU ÊXODO?	239
REFERÊNCIAS	245
FONTES E ARTIGOS DE JORNAIS CONSULTADOS	264
ENTREVISTAS	268
SOBRE O AUTOR	270

PREFÁCIO

Com o lema “Deus, Pátria e Família” e com o grito *Anauê!* em defesa do nacionalismo, o integralismo brasileiro pode ser considerado o movimento fascista com maior sucesso fora da Europa. Criada oficialmente em 1932, a Ação Integralista Brasileira (AIB) foi um grupo político que tinha como propósito a formação de um grande movimento nacional. Plínio Salgado era o chefe supremo e buscava orientar com uma base cristã a sociedade brasileira em torno de um forte e sólido projeto político. A extinção da AIB, após o decreto do Estado Novo em 1937, não representou o fim do integralismo.

Atuando na ilegalidade e seguindo os direcionamentos do chefe nacional, que se encontrava exilado em Portugal, o integralismo foi rearticulado.¹ A partir de 1945, um partido fascista foi criado em um momento nada propício para movimentos autoritários. O Partido de Representação Popular (PRP) passou a ser o espaço de atuação daqueles que no passado vestiram camisas verdes e prestavam obediência a Plínio Salgado. O PRP foi um tímido partido com uma trajetória de 20 anos e que atuou no cenário político até 1965, momento que culminou com a extinção de todos os partidos políticos como consequência do Ato Institucional n. 2 (AI-2).

Os integralistas participaram do golpe civil-militar de 1964 e migraram para a Aliança Renovadora Nacional (ARENA). Após 1975, o integralismo se fragilizou com a morte do chefe nacional Plínio Salgado.² Não havia mais unidade entre os integralistas. Os militantes perderam sua referência. O integralismo foi recriado. Com a morte do líder, o vazio da liderança passou a ser disputado por gerações futuras, causando impacto na sociedade contemporânea, principalmente com neointegralistas, que buscam manter o movimento vivo e ativo.³

No momento atual brasileiro, a democracia está sendo constantemente atacada. A história é negada para justificar projetos autoritários. Não há melhor caminho do que o encontrado por Rodrigo Christofolletti para explicar tal situação. Em *Enciclopédia do integralismo: o dogma do sigma*, uma reflexão apurada sobre um sólido projeto editorial fascista é demonstrada para a compreensão de práticas e ações autoritárias.

Apesar de toda a importância que o integralismo tem para a compreensão do fascismo no Brasil, o movimento tornou-se objeto de pesquisa apenas na década de 1970. Foram muitos estudos. Na Ciência Política, Sociologia, Filosofia e História. Sem dúvida, o ponto de partida para o

¹ GONÇALVES, Leandro Pereira. *Plínio Salgado: um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975)*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.

² CALDEIRA NETO, Odilon. “Adeus, verde esperança!”: integralismo e a morte de Plínio Salgado. *Locus: Revista de História*, v. 25, p. 1-19, 2019.

³ GONÇALVES, Leandro Pereira; CALDEIRA NETO, Odilon. *O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020.

pesquisador do integralismo está no estudo de Héglio Trindade, concluído em 1971, na *Université Paris 1 (Panthéon-Sorbonne)*.⁴ Foi um pioneiro. A partir dele, diversos outros trabalhos e interpretações foram desenvolvidos sobre o movimento.⁵

Um elemento que contribuiu com o crescimento das pesquisas sobre o integralismo foi a abertura de arquivos. Em 1985, o município de Rio Claro, no interior de São Paulo, recebeu a doação de todos os documentos pessoais e políticos das mãos da viúva de Plínio Salgado, Carmela Patti Salgado, e assim construiu o Fundo Plínio Salgado, no Arquivo Público e Histórico de Rio Claro.⁶

E foi na cidade de Rio Claro que tive a oportunidade de conhecer o autor da obra que tenho a honra de prefaciar. Em 2002, deixei a cidade de Juiz de Fora para participar do I Encontro Nacional de Pesquisadores do Integralismo.⁷ Lembro-me como se fosse hoje. Ao chegar no Arquivo Público, que sediava o encontro, fui recebido de braços abertos pelo Rodrigo, organizador do evento e que estava naquele momento concluindo o mestrado em História na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Ele pesquisava a *Enciclopédia do integralismo*, um projeto editorial dos anos 1950. Fiquei fascinado, principalmente porque era uma proposta de trabalho muito original de um período inexplorado pela historiografia, a fase democrática do fascismo brasileiro a partir do PRP. Inclusive, foi nesse evento que conheci os outros dois pesquisadores do PRP, Gilberto Calil e Rogério Lustosa Victor.⁸

Nas pesquisas desenvolvidas por Rodrigo Christofolletti, com a conclusão, em 2010, do doutorado em História, Política e Bens Culturais pela Fundação Getúlio Vargas, e que culminaram no livro que o leitor poderá ler em breve, foi analisado o ambicioso projeto editorial levado a cabo pela Livraria Clássica Brasileira, instituída por Plínio Salgado, para marcar os 25 anos do integralismo, em 1957, a *Enciclopédia do Integralismo*.

⁴ TRINDADE, Héglio. *Integralismo: o fascismo brasileiro da década de 30*. 2. ed. Porto Alegre: Difel; UFRGS, 1979.

⁵ BERTONHA, João Fábio. *Bibliografia orientativa sobre o integralismo: 1932-2007*. Jaboticabal, SP: Funep, 2010.

⁶ CAMPOS, Maria Teresa de Arruda; DOTTA, Renato Alencar (Org.). *Dos papéis de Plínio: contribuições do Arquivo de Rio Claro para a historiografia brasileira*. Rio Claro, SP: Oca, 2013. Além de Rio Claro, destaco o Acervo Documental Ação Integralista Brasileira/Partido de Representação Popular – Espaço de Documentação e Memória Cultural da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (AIB/PRPDELFOFOS-PUCRS), fundo que contém uma imensa quantidade de documentos sobre a história do integralismo, oriunda do Centro de Documentação sobre a Ação Integralista Brasileira e o Partido de Representação Popular. GONÇALVES, Leandro Pereira. A trajetória dos papéis da direita do Rio Grande do Sul: de associação cívico-cultural miniano a acervo AIB/PRP (DELFOFOS/PUCRS). In: NASCIMENTO, José Antonio Moraes do. (Org.). *Centros de Documentação e Arquivos: acervos, experiências e formação*. São Leopoldo, RS: Oikos, 2016. p. 95-112.

⁷ DOTTA, Renato Alencar; POSSAS, Lidia Maria Vianna; CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro (Org.). *Integralismo: novos estudos e reinterpretções*. Rio Claro, SP: Arquivo Público e Histórico de Rio Claro, 2004.

⁸ Gilberto Calil possui um trabalho de referência para todos que querem compreender a história do PRP. No primeiro trabalho, desenvolvido em 2001, analisou a rearticulação do integralismo durante o período do Estado Novo e a formação do PRP. Em 2005, analisou o papel desempenhado pelo partido durante todo o período de sua existência, desde a formação até a extinção. Calil aponta que o partido não cumpriu o papel de protagonista nas decisões políticas do período, mantendo-se como coadjuvante engajado na defesa da dominação burguesa e no combate ao comunismo (CALIL, Gilberto Grassi. *O integralismo no processo político brasileiro: o PRP entre 1945 e 1965 – cães de guarda da ordem burguesa*. 2005. 819 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005; CALIL, Gilberto Grassi. *O integralismo no pós-guerra: a formação do PRP (1945-1950)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001). Rogério Lustosa Victor desenvolveu uma pesquisa de muita relevância acerca do integralismo e do PRP. Ele visa analisar o processo de construção da memória integralista (VICTOR, Rogério Lustosa. *O labirinto integralista: o conflito de memórias (1938-1962)*. Goiânia: Ifiteg; América, 2013; VICTOR, Rogério Lustosa. *O integralismo nas águas do Lete: história, memória e esquecimento*. Goiânia: Ed. Universidade Católica de Goiás, 2005).

A intenção original era a publicação de 25 volumes com obras políticas de Plínio Salgado e outros autores integralistas, além de textos sobre a relação do movimento com a Igreja Católica e poemas como forma de ressignificar os feitos integralistas. Entretanto, como nos conta Christofolletti, dificuldades financeiras sofridas ao longo de sua publicação fizeram com que 12 volumes fossem lançados.

Foi um período marcado pela Guerra Fria, e o discurso anticomunista era a base do integralismo. As relações políticas foram intensas e relevantes, como Rodrigo Christofolletti apresenta de forma perspicaz. Havia um clima de hostilidade ao integralismo. Plínio Salgado precisava demonstrar constantemente que o fascismo brasileiro era democrático e que estava adaptado à nova ordem vigente. Com isso, a Enciclopédia ganhou uma importância muito grande, pois era apresentada pelos integralistas como o resumo da ópera do movimento em torno de um projeto de poder - que jamais ocorreu.

Os estudos sobre o PRP são escassos, mas isso não representa que não há relevância. Pelo contrário. Trata-se de um período de enorme importância aos estudiosos do fascismo brasileiro. O presente texto, portanto, possui relevância sobre o significado de determinadas reflexões relacionadas ao integralismo, principalmente a partir da escassez de pesquisas na fase democrática.⁹ O livro de Rodrigo Christofolletti vem um momento mais que apropriado. O pesadelo autoritário e o avanço fascista estão cada vez mais vivos. O autoritarismo e a intolerância estão longe de ser página virada na história.

Prof. Dr. Leandro Pereira Gonçalves
Universidade Federal de Juiz de Fora e Pesquisador CNPq

⁹ Outros estudos podem ser localizados em coletâneas sobre o integralismo como: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Org.). *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Rio de Janeiro: Autografia, 2019. v. 3; GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (Org.). *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. 2a ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017; 2018. 2 v. Além de trabalhos acadêmicos em uma perspectiva regional como as dissertações de Ângela Flach (FLACH, Ângela. “*Os vanguardistas do anticomunismo*”: O PRP e os perrepietas no Rio Grande do Sul (1961-1964). 2003. 255 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003) e Claudira Cardoso (CARDOSO, Claudira. *Partido de Representação Popular: política de alianças nos governos estaduais do RS de 1958 a 1962*. 1999. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999), bem como estudos voltados para a imprensa e intelectualidade, como o trabalho de Gabriel Soares Predebon (PREDEBON, Gabriel Soares. *A trajetória e as colunas cinematográficas de Ironides Rodrigues para A Marcha (1954-1962)*. Dissertação (Mestrado em história) — Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019).

INTRODUÇÃO

DIREITISMOS PLURAIS

Para a História, assim como para as Ciências Sociais e Políticas o espectro direitista teve várias faces. Na história contemporânea brasileira o integralismo foi uma delas. A despeito da tipificação “direita” ser *per se*, contraditória e pouco precisa, o filósofo italiano Norberto Bobbio (conhecido pela sua militância esquerdista) aponta algumas características que a define e a diferencia da chamada “esquerda”. Para Bobbio, a ação política de direita nunca privilegia a realização de reformas sociais (visando uma sociedade mais igualitária) e pouco faz para a expansão das liberdades políticas (na busca de uma democracia política mais consistente). Aponta para o que chama de *funil conservador*, estigma em que o conservadorismo, reacionarismo e elitismo do pensamento de direita constituiriam, frequentemente, obstáculos para se alcançar uma lúcida consciência da realidade social. Assim, a direita que rechaçou povos de etnias diferentes, que interveio na economia, nos costumes, nas idiossincrasias de uma massa órfã (em diversas vezes ao longo da história) é mais que uma posição bem demarcada. É, antes, uma opção política que precisa ser bem analisada, compreendida e estudada por todos aqueles que buscam compreender a história das ideias políticas.

Lembrado inicialmente apenas nas manifestações extemporâneas de esparsos militantes que bradavam o característico cumprimento *Anauê!* o integralismo passou a ser revisitado nos últimos trinta anos, sobretudo dentro da academia. O número de pesquisas sobre o integralismo (tanto na sua versão pré quanto pós-guerra) cresceu significativamente. Passou-se a estudar o integralismo não somente para (re) conhecê-lo e (re) significá-lo, o que seria uma postura inerente e incondicional de qualquer pesquisa, mas, sobretudo para sinalizar novas possibilidades de percepção da sua atuação na sociedade de sua época.

Na esteira da ampliação dos estudos sobre o integralismo este trabalho apresenta a seguinte hipótese: o integralismo do período pós-guerra, sobretudo a partir de finais da década de 1950, caracterizou-se por uma mutabilidade que simultaneamente o colocou em evidência e trouxe o movimento para uma releitura de ação política. Para tanto, lançou mão de estratégias de cooptação militante sobre as quais investiu toda a sua força no sentido de angariar frutos políticos mais consideráveis, em um momento em que tudo o que lembrasse os *camisas verdes* era rechaçado, devido a sua pecha de movimento autoritário. A celebração dos 25 anos de sua existência política e a publicação da Enciclopédia do Integralismo (marcos reguladores de sua cosmogonia) serão aqui tratadas como pontos fundamentais para entendermos a atuação que o integralismo teve no período estudado.

Tal como evidencia Rodrigo Patto Sá Motta, em pesquisa análoga, o conjunto de indivíduos que nos interessa neste estudo, também se compõe basicamente da mistura de dois grupos de atores: os conservadores e os reacionários (MOTTA, 2002, 47). Os integralistas vinculados à retomada simbólica de finais dos anos 1950, se destacaram por oscilarem entre o reacionarismo e o conservadorismo. Como reacionários, possuíam como característica maior uma predisposição à intransigência, a incapacidade de aceitar mudanças de qualquer natureza. Como conservadores, ameaçados por tais mudanças, tiveram dificuldades em flexibilizar muitas de suas propostas, justamente por elas não corresponderem às demandas vigentes.

Nesse sentido, esses integralistas foram apenas um dos grupos que atuaram em prol da manutenção de valores que acreditavam ser fundamentais para seu projeto de poder e Nação. Desse quadro também fazem parte outras entidades direitistas que, no intervalo entre 1955 e 1965, se multiplicaram. Exemplos mais significativos, mas não únicos, são os ultrarreacionários da TFP (Sociedade Brasileira da Tradição, Família e Propriedade) e alguns setores da UDN. Engrossa a fileira, entidades cujo corte conservador impediam uma aproximação com setores mais progressistas, como é o caso da Cruzada Brasileira Anticomunista e da Liga da Emancipação Nacional, ambas, reflexo da polarização que se acentuou em finais dos anos 1950, a despeito de muitas destas entidades terem sido criadas em princípios da década. Para ampliarmos o leque do espectro direitista atuante nos estertores do governo JK (momento que coincide com a celebração do *Jubileu de Prata* integralista e a publicação da *Enciclopédia do Integralismo*) merece destaque também, o grupo de intelectuais vinculado ao periódico *Maquis*, e ao *Movimento por um mundo Cristão*, corpos conservadores que encontraram interlocução com instituições como o *IPES* e o *IBAD*, instrumentos de institucionalização de um programa de face direitista em finais dos anos 1950. (MOTTA, 2002, 65).

Elemento relevante para esta discussão é o papel que o integralismo *perrepista* detinha no período estudado. De 1945, quando o Partido de Representação Popular (corolário da Ação integralista Brasileira) foi criado, até 1955, ano em que Plínio Salgado concorreu à presidência da República, obtendo mais de 700 mil votos, a postura do *perrepismo* foi de abrandamento da radicalidade que outrora caracterizou o integralismo. A abordagem que os integralistas passaram a ter frente à opinião pública, nesse período suavizando seus discursos, antes mais virulentos, com relação às suas alianças políticas, é um sinal desta modificação de postura. Outro exemplo marcante foi a autopercepção do movimento frente à sua militância que migrou de uma postura egocêntrica (só o integralismo salva!) para outra, talvez, mais maleável (o integralismo pode salvar com a ajuda de outros, desde que o nacionalismo, o anticomunismo e o acatamento ao passado integralista fossem respeitados).

No entanto, o ano de 1957 se tornou paradigmático para o integralismo, pois a partir das celebrações dos 25 anos de sua criação, a intelectualidade do partido debruçou-se sobre a história do movimento no sentido de uma retomada de sua ritualidade e discurso progressivo. Isso se deu

graças à insatisfação da base militante que se viu sem identidade própria, fator que instigou a sigla a retomar partes de sua ritualística característica. Aqui, categorizamos como intelectuais do movimento integralista, nomes que de alguma maneira se vinculavam ao projeto de recondução de sua ideologia, como alguns correligionários do PRP, poucos integralistas dos anos 1930 e alguns representantes dos *Águias Brancas*, a juventude integralista. A campanha de Plínio Salgado à presidência da República em 1955 e as comemorações das bodas de prata integralista, constituíram-se na aparição mais efetiva do integralismo no pós-guerra, isto porque, até 1957 o discurso e atuação partidária do PRP havia tido pouca ressonância, sobretudo diante da militância mais tradicional. Esse fator, aliado à necessidade de fortalecer sua identidade ideológica original, acabou por estimular as modificações da postura integralista.

Então, os festejos das bodas de prata, bem como as respostas às acusações dos grandes jornais, forneceram o tema para uma campanha de valorização do integralismo. A celebração não se alimentou apenas das questões públicas (os festejos populares), mas também da materialidade expressa na vendagem de seus produtos. A compra de suvenires despertava no simpatizante a manutenção de sua lembrança e o sentimento de pertencimento ao integralismo, o que estimulava a permanência cotidiana dessa cultura material. Se a imprensa se posicionou contrariamente ao reaparecimento da ritualidade integralista, a mídia impressa do integralismo, por sua vez, destinou um significativo espaço para a propaganda de sua doutrinação e vendagem de seus produtos.

Sofisticou-se também as estratégias de ampliação da militância, o que incentivou os integralistas a criarem, no espaço de alguns anos, um calendário rememorativo que contemplava festas populares, simulações históricas, constituição de novos órgãos ligados ao movimento, bem como a produção de uma série variada de produtos que ostentava a marca integralista. Redefinindo pontos de choque com a postura dos anos 1930, os integralistas *perrepistas* do pós-guerra, buscaram na sua estruturação elementos que reafirmassem seu aparato ritualístico e mítico e mantiveram uma oposição ao comunismo cada vez mais acentuada supervalorizando seus adereços, ritos e símbolos, como força motriz para sua caminhada política.

Por outro lado, a atmosfera de redemocratização na qual o país vivia projetou atores que passaram a afirmar cada vez mais que o integralismo representava o mal essencial. Os liberais, a imprensa de circulação nacional e, em diversos momentos, outra face direitista, representada pela UDN (sobretudo, Carlos Lacerda e Amaral Neto) lançaram a metáfora de que o “novo” integralismo seria um vírus que não poderia mais ser hospedado no corpo da sociedade. Nessa disputa, com o intuito de promover atividades que ensejassem a partilha de sua cultura política, calcada em sua rede de sociabilidade, o partido avançou nas investidas, projetando estratégias e eventos que viabilizassem uma reviravolta na sua atuação político-partidária. Tais investidas foram marcadas pela realização das *festividades dos 25 anos do Movimento Integralista* - que ocorreram durante o mês de outubro (simbólico para os integralistas) e da publicação da *Enciclopédia do Integralismo*, lançada simultaneamente à realização das festividades.

A *Enciclopédia do Integralismo* surgiu como uma proposta de apresentação ordenada da leitura de mundo dos integralistas. A apresentação desse corpo doutrinal pautou-se pela necessidade de seus escritos parecerem um conjunto coerente e sólido, uma vez que, por meio dele, seus membros pretendiam divulgar suas realizações. Os integralistas comungavam uma leitura particular de mundo, cuja partilha de sentimentos e convicções era o centro de seu ideário, e o fortalecimento do integralismo do pós-guerra esteve intimamente ligado a essa partilha, num período cada vez mais adverso à presença do integralismo no cenário político. Nesse sentido, a delimitação temporal do tema proposto (1957-1961) justifica-se por este período ter colocado em evidência o retorno de uma postura ritualística já bem conhecida do integralismo. Tal período fundamentou-se essencialmente por importantes definições no perfil do partido e da doutrina integralista, tais como a afirmação de Salgado como líder onipotente, a ocorrência de algumas alianças políticas até então indesejáveis ao PRP - como as coligações com a UDN e o PSD - e a reorientação do caráter nacionalista do movimento, enfraquecido nos cinco primeiros anos de sua atuação política.

Diante desse panorama, buscou-se abordar dois objetivos centrais: inicialmente, apreender os mecanismos utilizados pelo integralismo a partir de 1957, seus significados simbólicos e sua inserção na sociedade da época, destacando elementos que atuaram como mediadores entre tempos, espaços e memórias diversos. O segundo objetivo foi analisar as temáticas que conferiam sentido ao que se lia na *Enciclopédia do Integralismo*. Para tanto, procurou-se entendê-la como um *lugar de memória* integralista, (campo de disputa e de construções que se pretendiam perenes; produtora e estimuladora de visões de mundo plurais, de memórias coletivas).

A partir dessa ideia, pretendeu-se responder algumas questões fundamentais: que critério presidiu a seleção do material publicado? Quais os temas mais recorrentes? Que lugar ocupou o passado do movimento no compêndio? Foram retomados, em 1957, os princípios e valores defendidos na década de 1930 ou, pelo contrário, forjou-se um novo discurso? Que representações de democracia, eleições e participação popular foram consagradas? Quais eram seus adversários? Qual (is) o(s) projeto(s) de futuro que a publicação acalentava? Essa foi apenas uma das possibilidades de se apreender tamanha diversidade de temas e escritos. Nesse sentido, ao se descolarem do terreno da mera compilação, o compêndio suscitou outras indagações: o que permaneceu do integralismo nesse momento de democracia e qual a relação existiu entre os possíveis integralismos presentes neste compêndio? Algumas das respostas para essas questões puderam ser encontradas na articulação dos acontecimentos ocorridos em finais da década de 1950, peças que construíram o mosaico político daquele período democrático.

Para subsidiar esta discussão acerca das relações entre memória e história, alguns historiadores têm informado sobre o aprofundamento e a pluralidade com que estas categorias de análise têm sido construídas. Nesse sentido, a dinâmica do produtor/reprodutor/gerenciador de memórias diante desta profusão de *memorialismos recuperados* (sobretudo nestes últimos

50 anos) corrobora a ideia de que nunca antes a memória foi tão historicizada e a história se *memorializou* tanto. Atualmente, a memória tornou-se um capital simbólico: passou a gerar direitos, e com isso, proporcionou aos estudiosos uma diversidade de focos de análise e campos operacionais, sobre os quais se distingue um vocabulário próprio (os chamados jargões do campo social da memória). Isso possibilitou interpretar práticas memoriais, culturais, sociais e suas circularidades tal como nos ensinam os textos de (Le GOFF, 1984), (NORA, 1995), (HALBWACHS, 1996), (RICOUER, 1997), (ANSART, 1998), (CHARTIER, 2006) e (KOSELLECK, 2010), auxiliando o historiador na busca e interpretação de sua escrita, narrativa, estatuto de atuação, fronteiras (limite e contato), bem como, suas políticas de vida: elementos que geram densos conflitos. Por isso, a escolha de se analisar a *Enciclopédia* como um *lugar de memórias*, produtor e reproduzidor de modos de ver integralistas se coloca, antes, como um desafio.

A partir dessa premissa, os integralistas, contrariando a ordem vigente na época e remando a jusante da corrente, insistiram na preservação do passado como legitimador de suas ações. Percebe-se assim que as celebrações fizeram parte (assim como a construção de *objetos de memória*) da institucionalização de práticas simbólicas postas a serviço da sacralização cívica do movimento, do tempo e do espaço - comemorações/lugares de memória. A culminância deste processo se deu na publicação dos 12 volumes que contaram a história do integralismo. A *Enciclopédia do Integralismo* apareceu, então, como apanágio de um grupo com relativa expressão, mas grande pretensão política, servindo de exemplo catalisador deste imaginário que funcionou como referência para aqueles que ainda viam no movimento algo de inspirador.

Vários autores têm demonstrado, desde as décadas iniciais do século 20, como os intelectuais brasileiros apontaram a necessidade de uma tentativa de construção da nação brasileira. (MICELI, 2001); (OLIVEIRA, 1988); (ORTIZ, 1994) e (PÉCAUT, 1990). J. F. Sirinelli definiu o intelectual a partir do papel que passou a desempenhar de acordo com as mudanças da sociedade. Propôs existirem duas acepções. A primeira englobaria os mediadores, funções desempenhadas por jornalistas, escritores, professores secundários, eruditos e até alunos. Seriam os disseminadores de ideias. A segunda trata dos atores sociais vinculados à noção de engajamento, entendidos como os produtores, formadores de opinião - sempre predispostos a colocarem-se ativos perante os problemas enfrentados pela sociedade da qual fazem parte, por conta da potencialidade de serem criadores e formadores de cultura. Os intelectuais, como mais um grupo entre outros que compõem a sociedade, são atores sociais que produzem parte de um conjunto de saber presente em uma comunidade. Portanto, é dentro dessa perspectiva de ampliação da noção de intelectual defendida por Sirinelli que se pretende apreender as comemorações dos 25 anos do movimento integralista e a publicação da *Enciclopédia do Integralismo*.

Com relação à cultura intelectual da direita, especificamente, da qual o integralismo foi um dos exemplos mais acabados, é necessário que se atente para o seguinte problema: uma visão limitada sobre a função crítica da intelectualidade de direita pode levar à conclusão de que “o conceito

de intelectual de direita é contraditório na sua essência”. (BOM & BURNIER, 1971, 10). Seria como se convencionou denominar de uma hemiplegia intelectual, isto é, uma, paralisação das funções de um lado da corrente intelectual. Isso incorre num problema grave, pois institui obrigatoriamente a ideia de que a direita é a responsável primeira pelo “refluxo ideológico, não só dentro do seu próprio feudo político (partido em si), em proveito de outra corrente mais forte, portanto, vencedora, mas no liame de seus representantes”. (SIRINELLI, J. & VIGNE, 1992)

O caso da intelectualidade integralista vinculada ao PRP é bastante pertinente, pois no cenário em que se reformula a simbologia integralista, o movimento vive justamente um episódio semelhante: um refluxo de suas forças político-partidárias. Se, por um lado, a abordagem utilizada neste livro situa-se no cruzamento das histórias política, social e cultural, interseção esta que permite “acessar (...) as práticas de representação acionadas nas diferentes circunstâncias históricas, podendo assim explorar, por meio de documentos de distintas naturezas, um rico histórico de representações, que nos mostram as fortes conexões entre a política e a cultura” (CAPELATO & DUTRA, 2000,238), por outro, também procura posicionar-se no debate da *cultura política*, conceito que tem informado estudos de natureza bastante diversa.

De acordo com a definição de Almond & Verba, entende-se a cultura política como sendo uma prática que “nasce para designar o conjunto de atitudes, normas, crenças, mais ou menos largamente partilhadas pelos membros de uma determinada unidade social, e tendo como objetivos fenômenos políticos, comportando assim os conhecimentos, ou melhor, sua distribuição entre os agentes num determinado contexto”. (ALMOND, G. & VERBA, Apud. SANI In: BOBBIO, 1995). Tal concepção está diretamente ligada a um entendimento norte-americano do conceito que tem como base a relação indivíduo/cultura política, circunscrevendo-se na relação entre o indivíduo e sua crença, escala de valores e entendimento do mundo. Nessa perspectiva, o conceito procura dar conta da relação entre o indivíduo e sua ação. Alguns historiadores têm preferido trabalhar com uma noção plural de *cultura política* - com fronteiras nem sempre rígidas. Assim, na história recente, há referências a culturas políticas socialistas, nacionalistas, fascistas e católicas, em contraposição a uma única matriz democrática. É possível, portanto, apreender o conceito de forma diversa.

J. F. Sirinelli afirma que o conceito de cultura política tem que ser entendido segundo um complexo sistema de inter cruzamentos de aspectos que, antes de tudo, participaria de uma simbiose filosófica e doutrinal, que exprime na sua forma uma vulgata acessível em grande número; “uma leitura comum e normativa do passado histórico que se coloca positiva ou negativamente frente aos grandes períodos do passado; uma visão institucional que traduz o plano de organização política do Estado; uma concepção de Estado ideal que tenta imprimir um discurso de símbolos e códigos, que detenham em si um vocabulário próprio, se exprime segundo um vocabulário, símbolos e gestos que se constituem num referencial e um verdadeiro ritual. (SIRINELLI, 1995, p.4 -5)

É inserido nessa interpretação de cultura política plural que se pretende ler o integralismo do pós-guerra, corroborando a noção de que a existência de um grupo de pessoas que compartilham uma visão de mundo se formaliza, de maneira geral, através de redes: “veio sobre o qual amizades se sustentaram, fidelidades se arrebanharam, influências se exerceram. É antes de tudo um lugar de fermentação intelectual, de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade”. (SIRINELLI, 1995, 249) Serge Berstein atenta para o fato de que “participando da mesma cultura política, os membros comuns têm uma visão comum do mundo, uma leitura própria do passado, e uma perspectiva idêntica por futuro, (...) seus valores e crenças constituem um arcabouço que dispõe de um mesmo vocabulário, de símbolos e gestos que constituem um verdadeiro ritual”. (BERSTEIN, 1998, 24) Por isso, um grupo que comunga uma dada visão de mundo passa a estabelecer afinidades, visões de passado e perspectivas de futuro comuns, construídas num patamar de historicidade no qual as variadas culturas políticas necessitam dar respostas às questões do presente, sob o risco de, não cumprindo este papel, desaparecerem. Daí que a cultura política integralista do pós-guerra, a despeito de se constituir numa das mais significativas culturas políticas da direita brasileira, não conseguiu responder às necessidades de seu tempo, nem tampouco alcançou uma ressonância social relevante, perdendo sua força enquanto mobilizadora social. É a partir desse diapasão que se pretende ler a *Enciclopédia do Integralismo*.

Também foi nesse horizonte que a intensa produção simbólica do movimento integralista do pós-guerra apresentou-se aos militantes como sendo *lugar* no qual se compartilharam tradições e um projeto de futuro para o país. Produziu-se, portanto, a ideia de que os integralistas possuíam um papel relevante no cenário político nacional. Pergunta-se, então: como esta cultura política se fez presente na reestruturação do movimento integralista, difundindo-se a ponto de ser o referencial dos valores e atitudes de seus dirigentes políticos? O êxito deve-se à ação dos profissionais da memória, de intelectuais que fizeram com que tal cultura política se cristalizasse nas ações cotidianas: memorialistas, romancistas, historiadores, militantes que localizam a “batalha no coração das cerimônias comemorativas, que visam se inscrever simbolicamente no espaço público e no sistema de crenças e valores. É nesta circulação, mesmo entre as esferas do discurso, escrita e memória, que a cultura política encontra as massas”. (SIRINELLI, 1995, 11)

A cultura política constitui-se num processo que tem origem na identidade de um dado grupo, e em suas tentativas de autopropetuação, bem como no desenvolvimento da sensibilidade dos indivíduos que dele fazem parte. Sirinelli chamou a atenção para o fato de que as culturas políticas, por conta da circulação das ideias, estão em constante transmutação e que a necessidade de adaptação, com vistas à solução dos problemas é parte integrante de sua identidade. Por isso, submergem ou emergem de acordo com as perspectivas favoráveis ao seu desaparecimento ou reaparecimento. Isso evidencia que sem a festa, a celebração e o retorno ao passado dito glorioso, tanto a mística quanto a política integralistas perdem sua função de aglutinadores e depositários de interesses comuns e esperanças futuras. Portanto, a força da cultura política como elemento

do comportamento individual resultaria, em primeiro lugar, da sua complexa elaboração. Diante disso, seria o caso de se procurar uma explicação nos comportamentos políticos para fundamentar a existência de um indivíduo ou um grupo.

Entendemos que toda fonte histórica está sob a influência direta de quem a produziu, sendo assim tendenciosa. Devemos por isso, sempre termos em mente as circunstâncias em que estas fontes foram produzidas: sua época, sua especificidade, sua função quando produzida, quem a produziu e com que intenção. O historiador deve, portanto, utilizar-se das fontes tendo sempre em vista que suas pesquisas podem ferir orgulhos e tradições, e que, portanto, devem estar fundamentadas em ampla investigação e reflexão para não caírem inclusive em descrédito. A utilização unilateral de fontes constitui-se assim em um equívoco metodológico imperdoável para o historiador. Considerando tais questões, a percepção da parcimoniosa disponibilidade de outras fontes que pudessem contradizer ou pelo menos matizar a análise da documentação integralista foi o maior desafio deste trabalho. No caso deste livro, a utilização de fontes paralelas às já consagradas pelo discurso integralista foi parcialmente prejudicada pela parca representatividade que o integralismo teve na sociedade da época. Poucas fontes alternativas ao discurso integralista registraram as celebrações do retorno ritualístico do movimento em finais dos anos 1950. Por isso, acervos privilegiados de informação foram os jornais da imprensa de circulação nacional das cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e Vitória - ES, dos quais destacamos: *O Estado de S. Paulo*; *Correio Paulistano*; *Folha da Manhã*; *Folha da Noite*; *Folha da Tarde*; *Diário Popular*; *Diário de Notícias*; *O Jornal*; *O Globo*; *Diário Carioca*; *Tribuna da Imprensa*; *A Notícia*; *Gazeta de Notícias*; *Jornal do Brasil*; *Última Hora*; *Diário da Noite*; *Diário de Notícias/RJ* e *Gazeta de Vitória-ES*.

A leitura dos jornais de grande circulação objetivou constatar a oposição enfrentada pelo integralismo no período estudado. Em compensação, em decorrência da pouca disponibilidade de fontes alternativas à imprensa que nos possibilitasse mapear com mais profundidade a recepção que tal celebração causou nos “não integralistas”, buscou-se analisar os discursos dos depoentes integralistas, atentando para a supervalorização e o proselitismo acentuado que muitos destes discursos trouxeram. O tom superlativo, os números inflacionados e certamente irrealistas, as histórias mirabolantes, as hipérboles do discurso integralista foram matizados pela análise do objeto em si: o que possibilitou com que as falas e as fontes integralistas fossem questionadas em sua forma e essência.

Desse modo, considerar as celebrações dos 25 anos do integralismo e a publicação da *Enciclopédia do Integralismo*, apenas à luz de suas produções, tomando-as como fontes exclusivas, transmitiria pouco efeito de análise, causando inclusive um resultado laudatório e eivado de ingenuidade. Foi necessário analisar o compêndio (como aglutinador dos discursos integralistas) em toda sua extensão para que, desse modo, fosse visualizado sua diversidade de ideias e nuances. No entanto, talvez a maior prova de que os integralistas dos finais dos anos 1950 falavam para si

próprios, sem uma dimensão *extramuros*, seja a constatação de que pouquíssimas informações foram encontradas no período para se contraporem aos arroubos de grandiosidade das fontes integralistas. Por que nesse momento os integralistas teriam sido sistematicamente ignorados? Cabe aqui, portanto, uma espécie de autocrítica com relação à possível unilateralidade de algumas fontes utilizadas neste trabalho, o que determinou, por vezes, insuficiente aprofundamento analítico. Felizmente, na medida do possível, esses problemas foram superados quando se buscou apresentar críticas a esses discursos, balizados em um profundo entendimento do paradoxo que este movimento representava em finais dos anos 1950, período marcado pela euforia do novo em detrimento do passado.

Outra preocupação deste livro foi dialogar com a historiografia do tema. A bibliografia a respeito da atuação do movimento integralista é ampla e compreende diversas interpretações sobre sua atuação política. Na sua primeira aparição, que abrange o curto período entre o surgimento da AIB e a institucionalização como partido político (1934-37), o estudioso do tema pode contar com considerável número de teses acadêmicas, artigos, ensaios, reportagens e as mais diversas referências sobre a temática produzidas por historiadores, filósofos, sociólogos e jornalistas. A análise desse variado conjunto possibilitou perceber mudanças significativas de enfoque que vão desde a vinculação direta do integralismo a uma matriz fascista, como se o movimento nacional nada mais fosse que uma cópia desta, passando pela refutação dessa interpretação até desembocar, na década de 1990, em análises cada vez mais específicas e regionalizadas do movimento. Nas últimas duas décadas (2000-2020), a ampliação do espectro integralista possibilitou novas abordagens e novos enfoques sobre a ação do movimento.¹⁰ (BERTONHA, 2007, 02).

Embora haja uma considerável gama de trabalhos sobre o integralismo no Brasil, produzidos principalmente ao longo das décadas de 1970 e 1980, em sua absoluta maioria voltada para o integralismo dos anos 1930, os estudos sobre a atuação deste movimento no período pós-guerra, ganharam relevância, apenas, a partir dos finais da década de 1990. Mesmo assim, privilegiavam o período de formação do Partido de Representação Popular, ou mesmo a sua consolidação partidária, sendo muito pontuais os trabalhos que ampliavam as observações para as temáticas vinculadas aos elementos culturais do movimento. A partir dos anos 2000, verificou-se a abertura de novas perspectivas de análise sobre o integralismo. Os focos heterodoxos, as preocupações pluralistas, as buscas por explicações que contemplem as pesquisas sobre gênero, simbologias, biografias, regionalismos e internacionalismos, bem como temáticas já consagradas como o foco no político partidário e nas memórias de antigos militantes ainda vivos faz da historiografia atual sobre o integralismo algo multifacetado. Para abarcar a profusão de temas e abordagens que se multiplicaram nos últimos anos foi criado um grupo de pesquisadores interessado em

¹⁰ De acordo com a Bibliografia Orientativa sobre o Integralismo, trabalho hercúleo que compila mais de 800 referências, realizado por João Fabio Bertonha, no ano em que o Integralismo comemorou 75 anos de criação, o crescimento dos trabalhos acadêmicos sobre o integralismo se deu da seguinte forma: No período 1919-1930 – 8; 1931-1940 – 97; 1941-1950 – 25; 1961-1970 – 15; 1971-1980 – 83; 1981-1990 – 98; 1991-2000 – 164; 2001-2007 – 283. Desse quantitativo destacam-se os estudos descritos nas Referências Bibliográficas dispostas no final do livro.

compartilhar esta pluralidade de questões sobre o tema. Esse grupo¹¹ redimensionou os focos e as discussões sobre o integralismo criando espaços privilegiados de discussões, sobretudo nos fóruns especializados sobre História e Ciências Sociais.

Alicerçado pela extensa bibliografia referente ao movimento integralista, da qual parte se corrobora, parte se contesta, este livro busca repostas para alguns questionamentos fundamentais: que critério presidiu a seleção do material publicado? Quais os temas mais recorrentes? Que lugar ocupou o passado do movimento no compêndio? Foram retomados, em 1957, os princípios e valores defendidos na década de 1930 ou, pelo contrário, forjou-se um novo discurso? Que representações de democracia, eleições e participação popular foram consagradas? Quais eram seus adversários? Qual (is) o(s) projeto(s) de futuro que a publicação acalentava? Enfim, trata-se de inquirir a respeito de como os integralistas queriam ser vistos e compreendidos naquele momento em que celebravam o seu jubileu de prata.

É interessante notar que o integralismo do pós-guerra, mais especificamente da segunda metade da década de 1950, tenha ressurgido não como uma mudança política propriamente dita, mas essencialmente como uma transformação de linguagem. Essa transformação se deu, aliás, de maneira incompleta, pois seus quadros desvalorizaram inicialmente a essência ideológica da extinta AIB e depois reafirmaram-na (em partes), estabelecendo uma contradição interna no movimento. O problema consistiu em não explicar, não repolitizar, não enquadrar o movimento à nova realidade do pós-guerra.

A historiografia tem buscado, especialmente, redimensionar a lógica pela qual passaram as relações da direita no Brasil, o que sugere que sejam discutidas com maior atenção as bases sobre as quais tal corrente política tem se reestruturado. Exemplos significativos deste redimensionamento da direita no país são os pequenos, porém atuantes, grupos neointegralistas que ostentam o sufixo *neo* como registro da “capacidade de reciclagem do movimento”. Tais facções têm crescido em número e significação desde a década de 1980. Com discursos bastante variados, mas cujo veio principal se fortalece na atitude saudosista de seus aderentes - nos moldes dos antigos integralistas -, estes têm propagandeado os escritos dos antigos líderes do movimento, em especial os de Salgado, e atuado basicamente por meio da *internet*.

¹¹ A ideia de formalizar encontros institucionais sobre a temática nasceu de uma conversa entre mim e Renato Dotta, em meados de 2000, cujo mote era a necessidade de aumentar a interlocução sobre nossas pesquisas. Nascia assim, o GEINT (Grupo de Estudos do Integralismo), que teve seu primeiro encontro oficial, em novembro de 2002, no Arquivo Municipal de Rio Claro – SP, local onde está alocado o acervo Plínio Salgado. Em outubro de 2003, o segundo encontro ocorreu em Porto Alegre – RS, sediado pela equipe do CD-AIB-PRP, e em novembro de 2005, o terceiro encontro se deu em Ponta Grossa – PR. O quarto encontro se deu em maio de 2010, em Juiz de Fora – MG, evento constituinte do I Congresso Nacional do Discurso Autoritário, evento que realizado na Universidade Federal de Juiz de Fora. De 2010 a 2018, encontros nos GTs e STs da Anpuh se encarregaram de dar continuidade aos estudos, bem como novas coletâneas e livros que ampliaram a abrangência das temáticas. Ao longo desses vinte anos, mais de cento e cinquenta pesquisadores estiveram vinculados ao GEINT. Atualmente, o grupo encontra-se em reformulação. Dele derivaram novos grupos de pesquisa ligados ao CNPq, como o Grupo Direitas, História e Memória, coordenador por Leandro Pereira Gonçalves, o Observatório da Extrema Direita, coordenado por Odilon Caldeira Neto, o grupo Estudos do Integralismo e Outros Movimentos Nacionalistas, coordenador por Marcia Regina Carneiro, o GT Direita e autoritarismo, coordenado por Renato Dotta, dentre outros congêneres.

Note-se que a historiografia produzida sobre o movimento integralista, sobretudo com relação à sua primeira atuação, foi marcada pelo predomínio de uma leitura crítica, marxista, voltada, sobretudo a responder às imposições de um momento em que o país vivia imerso numa ditadura. Época de extrema discriminação social, quando os direitos de cidadania haviam sido extirpados e a intelectualidade de matriz esquerdista se colocava contrária a tudo que lhe parecesse antidemocrático. Por isso, a desqualificação do movimento integralista naqueles anos 1970 deve ser compreendida levando-se em conta o posicionamento de uma historiografia comprometida com os valores da democracia. Deve-se levar em conta a historicidade de tal afirmação. Trata-se de um autor que nega o integralismo como força política significativa numa década em que os estudos marxistas eram os formadores de opinião. Dos anos 1970 até os dias atuais a percepção dos estudiosos que se dedicam a pesquisar o integralismo mudou sensivelmente, senão pela mudança de postura no perfil da formação do historiador, pela própria reavaliação do integralismo como um tema plural, cujo manancial de informações fortaleceu-se, a partir dos anos 1990/2000¹², tornando-se um tema fundamental para se entender a história política do século 20 no Brasil. Estudá-lo, principalmente na sua versão do pós-guerra, é enfocar uma revisão historiográfica que os anos 1990 começaram a implementar e que trabalhos pontuais das primeiras décadas dos anos 2000 têm ajudado a solidificar.

A relevância de se estudar o integralismo se pauta, portanto, pela importância que hoje se faz presente em interpretar as diversas culturas políticas ligadas a essa opção da direita. Este livro defende que o entendimento da direita possibilita o esclarecimento de certos elementos que foram obliterados pela leitura da historiografia dos anos 1970/1980 e concorda que o integralismo foi a versão fascista brasileira, mas antes de tudo, procura assegurar que houve gradações em seus elementos fundantes, e que estes merecem ser desmitificados. Atento às diversas pesquisas realizadas sobre o tema não objetiva o consenso de que o integralismo foi o mais atuante signo de tendência autoritária no Brasil pré-1964.

A delimitação temporal do tema estudado (1957-1961) justifica-se por este período ter colocado em evidência o retorno político do integralismo, bem como a sua revitalização simbólica. Tal período fundamentou-se essencialmente por importantes redefinições no perfil do partido e da doutrina integralista, tais como a reafirmação de Salgado como líder onipotente, a ocorrência de algumas alianças políticas até então indesejáveis ao PRP - como as coligações com a UDN e o PSD - e a redefinição do caráter nacionalista do movimento, enfraquecido nos cinco primeiros anos de sua atuação política. Esse período também se mostrou bastante significativo no que diz respeito à marcante atuação dos adversários do integralismo, antagonismo que, na época, provinha de diferentes espectros do campo político. A existência de uma oposição ao integralismo do pós-guerra possibilitou analisar as reações que o discurso integralista causava nos seus adversários. Em todos esses trabalhos, a aparição do PRP é apontada como uma tentativa frustrada do integralismo retornar a vida política, uma vez que em praticamente toda a sua trajetória, esse partido utilizou-se

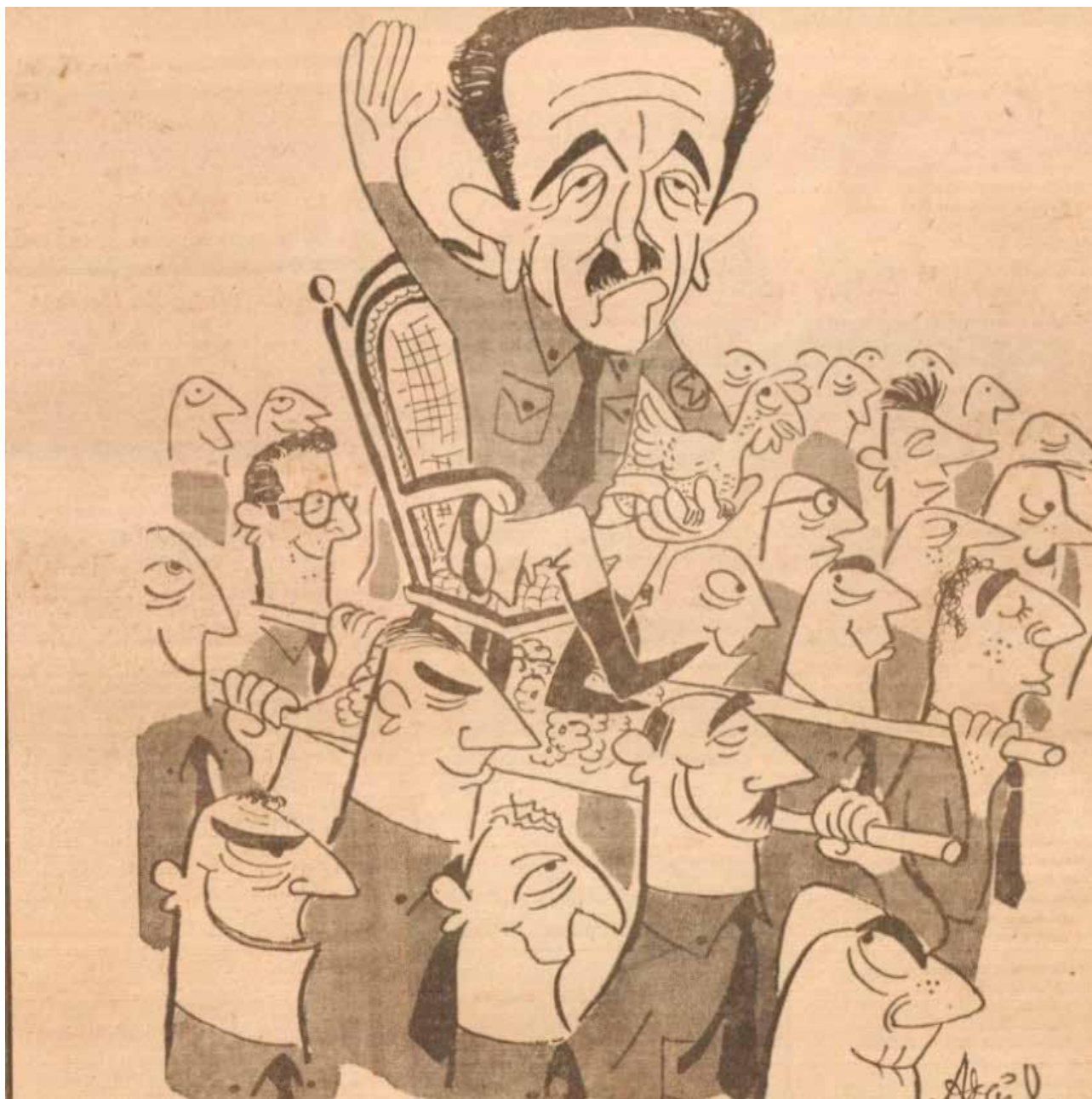
¹² Ver os trabalhos de maior profundidade sobre a atuação do integralismo no período pós-guerra descritos nas Referências ao final do livro.

da prática de coligações com outros partidos, mantendo sempre uma postura de ordem secundária na hierarquia partidária nacional.

Este livro é o resumo de duas décadas de estudos sobre os meandros de um movimento político que, surpreendentemente, ressurgiu em tempos atuais, não só como farsa, mas como tragédia. Busca revelar os diálogos a respeito das celebrações integralistas em finais da década de 1950, e por isso suas representações produzidas neste período. A busca pela interpretação desses diferenciados discursos foi fundamental para que eu pudesse enxergar nos integralistas mais que um preconceito ideológico. Sinalizou que os conservadorismos devem ser interpretados sob o risco de serem ignorados, perpetuar como forma dominante no cenário político nacional. O estudo sobre os integralistas vinculados à *Enciclopédia do Integralismo* aponta para a necessidade de ouvirmos as vozes dissonantes deste tipo de discurso político. Todas estas questões superficialmente discutidas nesta apresentação poderão ser aprofundadas nos capítulos que compõem este livro. Embora, este texto tenha sido originalmente uma compilação de escritos redigidos para minha dissertação de mestrado e tese de doutorado, o que se entrega aqui é uma síntese que espera dar conta da multiplicidade das possibilidades de análise sobre o universo da *Enciclopédia do Integralismo*.

Por fim, nos questionamos: qual teria sido o maior dogma do sigma? A irrestrita subserviência ao líder Plínio Salgado? A incansável defesa do anticomunismo? A eterna maquiagem de um movimento nacionalista e católico diante das mudanças radicais de um mundo em transformação? As respostas para tais questões são diversas e divergentes. Mas, os discursos variam conforme os interlocutores. Nesses últimos anos meus interlocutores (os, hoje, poucos nonagenários militantes integralistas) se esforçaram para legitimar seu discurso e me convencerem que o legado integralista havia cumprido seu papel: manter-se vivo na memória e na história do país. O fato de grupos de pouca expressão se apropriarem do Sigma e se auto-intitularem integralistas em pleno 2019/2020 (como aconteceu com o ataque à produtora de vídeos do grupo *Porta dos Fundos*, que foi alvejada por coquetéis *molotov* na véspera de Natal de 2019, cuja autoria foi reivindicada por um grupo que se dizia integralista e monarquista), de certa forma, corrobora a ideia de que, ao menos nas pesquisas ações cotidianas, bem como no universo acadêmico o movimento permanece ativo. No entanto, é preciso que se diga: este trabalho não afiança as memórias desses integralistas, embora as respeite, tomando a partir delas caminhos de interpretação diversos. Em tempos que se parece reeditar as velhas questões dicotômicas dos anos 1930/1950, como a bipolarização político-ideológica, as intolerâncias, os achincalhamentos políticos, a espera por uma saída viável, discutir o integralismo me parece absolutamente contemporâneo. Em 2021, celebram-se cinquenta anos da publicação do último volume da *Enciclopédia* (1961). Mas, dessa vez, os integralistas não celebraram, estão ocupados em reafirmar a sua semelhança com o bolsonarismo. Será possível averiguar similitudes (eu diria até mimeses) entre os discursos proferidos pelos integralistas dos anos 1950 e de certos políticos em pleno século 21. Essas aproximações são mais presentes do que o bom senso pode suportar. Por este motivo, espero que este livro possa colaborar para o aprofundamento da temática e estimule outras iniciativas, construindo assim, um panorama mais acurado da trajetória do *ethos* integralista.

Figura 1 - O retorno do integralismo



Fonte: Maquis, 11 de outubro de 1957.

O INTEGRALISMO EM POUCAS PINCELADAS: DA AIB AO PRP, SIGLAS DE MESMA COR

A AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA – AIB

A década de 1930 iniciou-se sob o signo das transformações. A ascensão de Getúlio Vargas, líder de um movimento armado de oposição ao recém-eleito presidente, Júlio Prestes fora precedida por um clima de agitação, no qual as tendências políticas polarizaram-se. A vitória dos revolucionários, longe de apaziguar as disputas, acabou por aprofundar a polêmica em torno da centralização do poder e a oposição oligárquica. Essa polêmica encontrou sua expressão mais acabada na Revolução de 1932 e continuaria a manifestar-se nas discussões da Assembleia Constituinte. A redefinição do cenário político partidário, marca desse período, foi acelerada pelo surgimento de novas forças políticas, dentre as quais merece destaque o Integralismo.

A Ação Integralista Brasileira (AIB) foi oficialmente criada no dia 7 de outubro de 1932 em reunião solene no Teatro Municipal de São Paulo, por iniciativa do político e escritor modernista Plínio Salgado que, na ocasião, apresentou ao país o *Manifesto de Outubro*, uma carta programa que sintetizava todas as reivindicações e propostas do movimento e que se auto proclamava: “(...) simultaneamente, um atestado de óbito do antigo e carcomido sistema, primado pela dependência e vinculação liberal, e um registro de nascimento do novo, do verdadeiro movimento de salvação nacional”. (Monitor Integralista, ano II, 6/5/1934, 07) Salgado proferiu várias palestras, nas mais diversas regiões do país, com o intuito de difundir os objetivos da Ação Integralista Brasileira. Angariou a simpatia de figuras representativas do mundo intelectual que permaneceriam ligados ao movimento até a sua interdição. Em 1934, pouco depois de haver nascido como uma agremiação político-cultural¹³ o integralismo transformou-se definitivamente em corrente partidária que se distinguia pela forte ação militante. O jornal *Monitor Integralista*, primeiro jornal oficial do partido, assim descreveu a mudança:

¹³ De fato, a AIB constituía-se num desdobramento da Sociedade de Estudos Políticos (SEP), uma agremiação cultural que objetivava discutir problemas de cunho político. Fundada em março de 1932, portanto 7 meses antes do movimento integralista, esta sociedade, segundo Salgado: “era destinada a criar uma nova mentalidade no país e coordenar os estudos de uma nova ideia. A SEP seria a base de um novo movimento, a Enciclopédia da Revolução; um passo para a institucionalização do partido integralista”.

A AIB tornou-se uma representação política em março de 1934. Posteriormente, em março de 1935, seus estatutos seriam modificados, quando a partir do II Congresso do Integralismo, em Petrópolis (RJ), passaria a ser legitimamente uma associação civil, com sede em São Paulo, e um partido político, sempre onde estivesse presente o chefe supremo.¹⁴ ((Monitor Integralista. Ano I, 22/7/1933, 6)

O lema da Ação Integralista Brasileira era *Deus, Pátria e Família* e suas proposições políticas assentavam-se em três pontos: a promoção, por meio de intensa propaganda¹⁵, da elevação moral e cívica da população brasileira; a condenação da noção liberal de representação, substituída pela figura do chefe; e a implantação no Brasil do *Estado Integral*, meta política da AIB, concebido como um poder único e fortemente centralizado. A ênfase integralista no culto à pátria e sua combativa contraposição às correntes de esquerda corroboravam a valorização da soberania nacional, propalada por Getúlio Vargas. A partir de 1934, a legenda passou a registrar núcleos em todo território nacional, contando, de acordo com as controvertidas fontes integralistas, em meados de 1937, com quase um milhão de adeptos. (TRINDADE, 1979, 89). Trata-se, claramente de uma contagem superdimensionada. A supervalorização proposital dos integralistas com relação a estes números se dá no sentido de propagandear os resultados alcançados pelo partido em finais dos anos 1930. Certamente, a análise mais acurada em outras fontes apontará para um contingente bem menor ao apresentado pelos integralistas. Um aspecto significativo que possibilita compreender a adesão de milhares de pessoas ao movimento é o contexto de instabilidade social e as respostas integralistas aos seus desdobramentos. Este foi um dos pontos centrais da constituição social do movimento, que pode ser entendido mediante a concentração de parcelas da população provinda de diversos setores da classe média.

O entendimento desta constituição social demanda também que se leve em conta a inserção do movimento integralista no pensamento autoritário brasileiro. Algumas das matrizes mais diretas da formação do pensamento autoritário brasileiro (vinculadas tanto a uma raiz católica como cientificista) podem ser remetidas às obras de Oliveira Vianna, Alberto Torres, Azevedo Amaral e Jackson de Figueiredo. Foi influenciado pelos escritos desses autores que o integralismo se lançou no cenário político nacional. É significativo notar que tal postura autoritária permaneceria no pós-guerra, quando o integralismo se viu obrigado a modificar alguns de seus preceitos mais caros. Como antídoto à crise formada a partir das polarizações políticas, o integralismo propôs o “fortalecimento do Estado Nacional, a subordinação da luta de classes ao

¹⁴ Todas as citações deste livro obedecem à grafia original, tal como foram registradas. Os eventuais erros ortográficos também foram mantidos. O registro como partido somente foi concedido pelo Tribunal Superior Eleitoral em setembro de 1937, sob a forma de protocolo da candidatura de Plínio Salgado à eleição presidencial de 1938. Portanto, a legalização partidária da AIB teve vida curta: menos de 2 meses. A ritualística do movimento ia da socialização infantil até as cerimônias matrimoniais e fúnebres. O Nacionalismo, o Cristianismo e o conceito de Educação Familiar compunham os principais elementos da *cultura política integralista*. A tríade adotada pelo movimento para sintetizar suas aspirações foram melhor definidas após o I Congresso de Vitória – ES, em fevereiro de 1934.

¹⁵ Ver: *Código de propaganda integralista; Código de Ética Jornalística e Protocolos e Rituais* da AIB. In: *Monitor Integralista*. Estratos dos nºs, 17 e 18 de 20 de fevereiro de 1937.

bem nacional, o voto corporativo, a imposição de limites à interferência do capital internacional, o fortalecimento cultural nacional em oposição ao estrangeirismo e a resoluta contraposição ao comunismo; além, é claro, do fortalecimento dos princípios da moral cristã”. (CHAUÍ, 1982, 135)

Segundo Francisco Martins de Souza:

A AIB objetivava a reforma do estado, por meio da formação de uma nova cultura filosófica e jurídica, de sorte que o povo brasileiro, livremente, dentro das normas da constituição de julho de 1934, passa a assegurar de maneira definitiva, evitar lutas provinciais, entre grupos de qualquer natureza, principalmente evitando rebeliões armadas: deverão seguir estes pontos: a) o culto a deus, pátria e família, b) a unidade nacional, (...) e todo o corolário que destes pontos fundamentais, e centrais provenham. (SOUZA, 1982, 108)

Uma vez alcançados tais objetivos, o Brasil passaria a ser “um país grande e emancipado do liberalismo”. (SALGADO, 1934, 06) Tal discurso ganha sentido quando se leva em conta o contexto da época, marcado, pelo menos desde os anos 1920, por uma crítica contundente ao liberalismo, então encarado como incapaz de responder às necessidades da nação. A ressonância da pregação integralista pode ser avaliada pelos expressivos resultados alcançados nas eleições legislativas e municipais de que participou.¹⁶ Os integralistas também estiveram presentes em diversas Assembleias Estaduais com maior destaque para os Estados da região Sul. (Revista Anauê! Ano III, s/nº. 3/3/1937) Até as eleições de 1936, a AIB elegeu 5 deputados federais, 10 estaduais, além de centenas de vereadores e alguns prefeitos. No âmbito social, o fato da AIB haver se tornado mais um dos canais de expressão das demandas de setores médios em ascensão também deve ser levado em conta para compreender seu crescimento no período. É necessário sublinhar que o Integralismo obteve significativo êxito, transformando-se num partido de numerosa militância. Já no campo estrito das alianças e barganhas políticas, as relações do integralismo foram marcadas pela tensão, principalmente com o governo Vargas. Ora chamados a participar, ora perseguidos, os integralistas oscilaram entre inimigos e aliados, conforme as necessidades do momento:

Em 1935, a AIB começou a se ressentir das perseguições a ela dirigida pelo governo, perseguições que, paradoxalmente, vieram acompanhadas de um certo tipo de apoio que o próprio governo ofereceu a AIB, confundindo assim a liderança integralista. O governo já havia aproveitado da força política do integralismo para apoiar a Lei de Segurança Nacional, e posteriormente o próprio golpe de 1937. (...) Os integralistas orgulhavam-se de possuir sofisticadas técnicas de aliciamento e doutrinação. Segundo Salgado, “falávamos o que estava na boca do povo e na sua alma... E logo que aderiam uma parcela de homens em uma pequena cidade fundávamos ali um núcleo... Neste núcleo, fundávamos uma escola, biblioteca e ambulatório, pois estávamos convencidos que era

¹⁶ De acordo com dados publicados no *Monitor Integralista*, foram eleitos, nos primeiros cinco anos do movimento, apenas no Estado de São Paulo, mais de 70 vereadores do partido. Cidades como Campinas, Rio Claro, Araraquara, Mogi-Mirim; Marília, Bauru, Jaú, Santos e São Vicente; além da capital, contavam com representantes da AIB em suas Câmaras Municipais. Presidente Prudente, promissora cidade do interior paulista, foi governada por um prefeito integralista entre 1934 e 1936. No restante do país, o resultado eleitoral não foi uniforme: as regiões Sul e Nordeste elegeram um contingente maior de representantes do que a região Norte.

disso que a população precisava: educação e medicamentos... mente e corpos são...” (Sessão de Doutrinação. 27 de junho de 1936). Tanto no Brasil como na Europa os anos 1930 foram anos de manifestações de massa. Em âmbito nacional, o integralismo foi apenas um dos movimentos de relativo alcance popular. Tratava-se, portanto, de uma característica geral da época que, no Brasil, polarizou-se com a aparição não somente do integralismo como do comunismo. No exterior, os exemplos mais acabados foram, de um lado, o movimento internacional comunista, e de outro, as tendências mais ou menos similares como o totalitarismo nazista e fascista e o autoritarismo português, espanhol e austríaco. A despeito da força política conseguida pelo integralismo, a legalidade da AIB terminou em finais de 1937¹⁷, quando o governo decretou a dissolução do partido integralista, pondo fim “à ambiguidade com que o governo tratava a AIB, ora manifestando sua aprovação, alimentando até mesmo a possibilidade de alianças com ela, ora reprimindo suas atividades” (SCHWARTZMAN, BOMENY & COSTA, 2000, 243)

A despeito da força política conseguida pelo integralismo, a legalidade da AIB terminou em finais de 1937, quando o governo decretou a dissolução dos partidos, inclusive o integralista, pondo fim à ambiguidade com que o governo tratava a AIB, ora manifestando sua aprovação, alimentando até mesmo a possibilidade de alianças com ela, ora reprimindo suas atividades. Na relação pendular mantida com o integralismo, Vargas se fortaleceu mantendo sua posição de destaque.

Na disputa direta com o integralismo, Vargas saiu vitorioso. O golpe desferido por Getúlio Vargas não impediu, porém, que Plínio Salgado permanecesse uma figura influente no cenário político, pelo menos até seu autoexílio. (*A Marcha*, n.º avulso de comemoração. 1962, 4) Os sonhos de implantação de um determinado tipo de Estado autoritário e antiliberal malograram, definitivamente, com o frustrado assalto ao Palácio Guanabara. (SILVA, 1971); (CARONE, 1976); (NASSER, 1947). Há, no entanto, correntes historiográficas que atestam ter havido apenas uma transferência de poderes e de posição deste Estado autoritário, o que levanta a hipótese de que, muito do projeto integralista tenha efetivamente sido levado a cabo pela administração getulista durante o Estado Novo. Nesse sentido, o malogro integralista não ocorreu totalmente. De qualquer maneira, o assalto integralista foi a chance aguardada por Vargas para desferir o golpe final. Independente do conteúdo das versões registradas pelos líderes do movimento sobre este episódio, e dos acontecimentos delas decorrentes, o integralismo, enquanto partido, cessou suas atividades após o frustrado ataque. O pano caiu sobre o palco integralista que entrou para o *índex* do Estado Novo. Terminava o primeiro ato.

¹⁷ A 11 de novembro de 1937, dia subsequente à deflagração do golpe, o partido integralista foi posto na ilegalidade. Poucas semanas depois, precisamente no dia 3 de dezembro, um decreto de Vargas dissolveu a Ação Integralista Brasileira. Porém, em obediência às novas leis do Estado Novo, a AIB pôde funcionar, como uma entidade cultural e cívica (Ação Brasileira de Cultura- ABC) até meados de 1938.

O PARTIDO DE REPRESENTAÇÃO POPULAR (PRP): INTEGRALISMO À PAISANA, ENTRE RUPTURAS E CONTINUIDADES

Rio de Janeiro, outubro de 1957. Todos os assentos do Teatro João Caetano estavam lotados quando uma tocha negra empunhada por um idoso e uma adolescente fardados com vestimenta verde desfilou sobre a passarela do salão de espera do teatro. Era o archote da geração, bastião que representava a passagem de poder de uma geração a outra do movimento que comemorava aniversário. Era o Jubileu de Prata integralista e a imprensa estava presente. Por todos os lugares do teatro, se viam simpatizantes, curiosos e desafetos de Plínio Salgado, que do alto do palco, na plenitude de seus 62 anos, ergue o braço direito e com a mão estendida grita para a catarse geral do salão. Mais de mil braços direitos são erguidos. O coro é uníssono: três Anauês! A saudação exclusiva ao chefe! Era a comemoração que marcaria o retorno simbólico integralista no pós-guerra.

(A Tribuna da Imprensa, 7 de outubro de 1957)

A epígrafe é autoexplicativa. Encontros como o descrito acima, sempre foram comuns no integralismo. Houve um tempo em que, por todo o país, milhares de simpatizantes do integralismo lotavam teatros, escolas, cinemas, ou qualquer espaço em que comportasse muitas pessoas, que, espremidas em poltronas e corredores se acotovelavam para ouvirem catarticamente as palestras e os encontros da antiga Ação Integralista Brasileira. No período pós-guerra essas cenas se reproduziram em todo território nacional.

O Integralismo atravessou o período do Estado Novo na ilegalidade e com o fim do regime iniciou uma intensa movimentação política. Porém, a conjuntura nacional e internacional impunha uma série de dificuldades para a eventual articulação de um partido que lembrasse as doutrinas totalitárias recém derrotadas na guerra. Afinal, desde o início dos anos 1940, quando o governo Vargas se afastou dos países que integravam o Eixo, já se delineava a tendência de liberalização do regime, processo que se consumou com sua queda em 1945. O fim do Estado Novo resultou na busca de uma nova estrutura legal. Então, as condições de associação política alteraram-se. Nesse momento, o cenário político caracterizou-se pela agitação das diversas siglas de menor representatividade que, no processo de democratização, adquiriram o direito de concorrer pelas vagas do legislativo e executivo nacional. Então, a partir da segunda metade da década de 1940, verificou-se a abertura de um novo horizonte nas articulações político-partidárias do país. Após a derrocada de Vargas, siglas foram recriadas, partidos rearticularam-se e, no bojo desse novo cenário de redemocratização, surgiu um partido que, embora estigmatizado por sua atuação anterior, tentou transformar alguns de seus princípios políticos visando a aproximação com o eleitorado que reconquistava o direito de voto. Tratava-se da sigla liderada pelo ex-líder integralista, Plínio Salgado.

A cartografia partidária ensejada pela abertura democrática consolidou um novo perfil político. Surgiram partidos de contornos bastante diferentes, dentre os quais se destacaram a UDN,

o PSD, o PTB e o PCB. Ao lado dos grandes partidos, articularam-se pequenas siglas que, no mais das vezes, gravitavam sob as influências dos primeiros. Foi o caso do PRP (Partido de Representação Popular), herdeiro da AIB (Ação Integralista Brasileira). Embora sem alcançar a mesma dimensão da AIB, o PRP teve uma intervenção relevante no processo político, possuindo uma militância convicta e um patrimônio eleitoral não muito elevado, mas bastante sólido.

O anúncio de eleições parlamentares confirmadas para dezembro de 1945 incentivou a organização partidária dos diferentes grupos políticos. Cerca de seis meses antes, no dia 17 de maio de 1945, os integralistas residentes no Brasil, sob a coordenação do “Representante do Chefe Nacional”, Raimundo Padilha, fizeram publicar com grande destaque nos principais jornais do país, uma longa “Carta Aberta à Nação Brasileira”, apresentada como uma reação “contra a obstinada e injusta campanha, sistematicamente feita no sentido de infamar aquele movimento [o integralismo], e, em consequência, todos quantos, sincera e honestamente dele participaram”, e contra a “teimosa repetição de calúnias”. (*Diário de Notícias*, Porto Alegre, 17/5/1945, 4) O documento pretendia desmentir as acusações de vínculos com o nazifascismo, afirmando que as investigações policiais não encontraram nenhuma prova que ligasse os integralistas aos fascistas europeus.

O ambiente hostil ao integralismo de então deve ser levado em conta na avaliação da estratégia das lideranças integralistas naquele momento, tornando compreensível o caráter defensivo de suas primeiras manifestações públicas, as dificuldades encontradas e a demora na definição pela alternativa de organização partidária. O próprio Salgado, em reelaboração posterior, recordava: “Passada a guerra, restauradas as liberdades democráticas, as calúnias tinham exercido eficientemente o seu negro ofício. Assim, grande parte da opinião pública brasileira fazia o pior dos juízos a respeito do integralismo e dos integralistas. Foi o ambiente que encontrei ao regressar do Auto-exílio em 1946”. (SALGADO, 1953, 3) As diversas manifestações de militantes integralistas polemizando com seus acusadores, na maioria das vezes em linguagem igualmente agressiva, estabeleciam um contraponto que, mesmo não logrando reverter completamente o clima hostil, evidenciava que os integralistas estavam de volta à cena política, defendendo inicialmente em termos acanhados, tanto sua doutrina como sua trajetória prévia. Assim, o primeiro semestre de 1945 é marcado pelos movimentos de rearticulação dos integralistas. Conforme aponta Carone, em 1945 “o movimento integralista ressurge, timidamente no começo, mais agressivo depois. Mesmo assim, sua manifestação é cautelosa, sem qualquer pompa e provocação, como antes de 1937”. (CARONE, 1976, 213)

Ao mesmo tempo, a imprensa especulava sobre as possíveis estratégias dos integralistas para seu retorno à vida política brasileira. Em março de 1945, o jornal *Diário de Notícias* publicava que Plínio Salgado teria enviado novas diretrizes a Raimundo Padilha, indicando “como seus partidários devem agir em face do momento político brasileiro, dizendo-lhes que aguardem a revogação da lei que acabou com os partidos políticos e em seguida promovam a reorganização do integralismo, de forma a poderem seus adeptos comparecer em massa no pleito eleitoral próximo” (SALGADO, 1945,18)

Como apontado anteriormente, a publicação da “Carta Aberta à Nação Brasileira”, já antecipava as pretensões organizativas dos integralistas. A própria publicação deste documento, contando com 103 assinaturas de lideranças, afora “milhares de outras assinaturas de antigos integralistas” não publicadas, demonstra que os integralistas já haviam atingido um estágio de organização razoável. Os signatários da Carta eram representativos do ponto de vista da liderança integralista, incluindo 19 ex-membros da “Câmara dos Quarenta” da Ação Integralista Brasileira e a maior parte de seus antigos “chefes provinciais”. Dentre eles estavam alguns dos mais conhecidos seguidores de Plínio Salgado, como Gustavo Barroso (a despeito de jamais militar no partido), Olbiano de Melo, Antônio Coelho Branco, Custódio de Viveiros, Jayme Ferreira da Silva, Oscar Machado, Fernando Cochrane, Marcel da Silva Teles, além de seu “representante no Brasil”, Raimundo Padilha. Alberto Cotrim Neto, João Carlos Fairbanks e Loureiro Júnior (estes três presentes na *Enciclopédia do Integralismo*, foco central deste estudo) também assinaram o documento. À exceção de Barroso, todos os demais participaram da constituição do Partido de Representação Popular. O mais importante dirigente integralista dos anos 1930 já afastado do movimento naquele momento era Miguel Reale. Então, com a anuência de Plínio Salgado, que voltaria do autoexílio apenas em 1946, e certa indiferença do contingente ex-integralista, fundou-se o novo partido. Cabe registrar que pela legislação, para obter o registro definitivo seria necessário que a sigla pretendente apresentasse uma listagem de assinaturas com 10 mil nomes. Em 3/11/1945 o Partido de Representação Popular (PRP) apresentou uma lista com mais de 15 mil assinaturas, conseguindo o registro definitivo em 10 de novembro de 1945.

Embora sem alcançar a mesma dimensão da AIB, o PRP teve uma intervenção relevante no processo político, a se julgar pela representatividade do partido em 18 estados da federação. Politicamente, o Programa do PRP pregava a “consagração intransigente da defesa da ordem democrática, baseada na pluralidade partidária e na garantia dos direitos fundamentais do homem” (PROGRAMA DO PRP, 1945, 1), uma natural adaptação aos programas democráticos vigentes, cujo objetivo era a manutenção da sigla. Socialmente, a militância do PRP era majoritariamente proveniente de dois setores: os médios urbanos e o de pequenos proprietários rurais das regiões de colonização italiana e alemã, principalmente oriundos da região sul. O PRP centrou-se no anticomunismo, no nacionalismo e no espiritualismo, e defendeu a centralização do poder.

Por seu turno, a reorientação doutrinária procurou redefinir o significado do integralismo. Adotando, num primeiro momento (1945-1955), um vocabulário diferenciado dos tempos pregressos, os *perrepistas* (integralistas vinculados ao PRP) apresentaram-se como maiores adversários do autoritarismo e buscavam justificar sua conversão à forma partidária. O apoio à candidatura presidencial de Eurico Gaspar Dutra (PSD) facilitou a movimentação dos integralistas no sentido de formação de um partido político. Foi necessário também, além da reformulação doutrinária, o redimensionamento do projeto político, abandonando sutilmente a proposta de reestruturação corporativa da sociedade, da ritualística e da simbologia.

O chamado integralismo do período pós-guerra pode ser dividido em dois momentos distintos: de 1945 a 1955 (criação do PRP até campanha e Salgado à Presidência da República); e

1957-1965 (retomada das alegorias e celebrações do movimento até seus estertores). Portanto, no decênio 1945-55 o chamado “novo” partido integralista amenizou seu discurso e apresentou-se aos brasileiros como uma alternativa política possível. A despeito disso, as alianças contraídas pelo PRP suscitaram controvérsias quanto ao teor evidentemente fisiológico e não ideológico de suas alianças. Tais correlações acabaram por minar a base de sustentação do partido, abrindo precedência para um processo de degeneração de sua base ideológico-militante, antes tão propalada. Pode-se supor que o realinhamento da ação política do partido também foi estimulado pela insuficiente votação alcançada nas eleições realizadas até a metade da década de 1950. Na contagem final da votação à presidência da República de 1955, Salgado atingiu 714.379 votos, ou 8,3%, dos votos válidos: a maior votação obtida pelo movimento integralista em um processo eleitoral, em toda história do movimento.

Em seu trabalho sobre a construção partidária do PRP, o historiador Gilberto Grassi Calil sustenta a tese de que o PRP, ao longo de sua trajetória, tornou-se um partido nacional. Os dados estatísticos levantados em seu trabalho nos revelam que as informações referentes às eleições de 1945, 1947, 1950, 1955, 1958, 1960 e 1962 (seis eleições, excetuando-se a de 1955, para presidência da República) corroboram a ascensão do número de parlamentares do PRP eleitos nas câmaras legislativas municipais, estaduais, e federal (nesta tanto na Assembleia quanto no Senado). Mesmo assim, o que se percebe é que ainda permanecem algumas lacunas, relativas às eleições de 1954, 1958 e 1962, nas quais ainda não foi possível determinar a votação obtida pelo PRP. Os números absolutos das votações do PRP não são desprezíveis, sobretudo se comparados aos partidos de porte médio. O PRP elegeu, no decorrer de sua existência, um total de 26 mandatos de deputados federais e 97 deputados estaduais, distribuídos em 15 estados e no Distrito Federal, o que revela que esteve presente no debate político da maior parte do território nacional. Majoritariamente, o PRP foi mais bem votado nas regiões Sudeste e Sul, o que também afiança a antiga e tradicional base do eleitorado integralista cooptado desde os tempos da AIB. Calil analisa a oscilação dos números alcançados pelas votações perrepistas na década de 1950. (CALIL, 2005, 434) O lento crescimento do partido e, mesmo, sua relativa estagnação eleitoral a partir de 1950 acentuava as desconfianças dos militantes integralistas que esperavam uma intervenção mais radicalizada do partido, levando muitos a explicitar suas divergências e vários dentre eles a efetivamente abandonar o partido. Frente ao reagrupamento partidário do período, a estratégia do PRP foi a de adequar-se à nova proposta política do momento: a democracia exigia o abrandamento dos pontos mais radicais do antigo integralismo. Assim, a rearticulação integralista sob a forma de partido político exigiu a adoção de um vocabulário diferenciado dos tempos pregressos e a manutenção do anticomunismo, elementos que colaboraram para que os integralistas se apresentaram como os maiores adversários do autoritarismo (e isso foi jocosamente noticiado à época), buscando assim, justificar sua conversão à forma partidária. De 1945 até o final 1955, o PRP manteve-se discreto costurando poucas alianças e definindo-se como um partido de postura ideológica e política sem muita expressão.

No entanto, após a candidatura de Salgado à presidência da República em 1955, e, sobretudo a partir das celebrações dos 25 anos do integralismo em 1957, o que o movimento chamou de

a “retomada de seus símbolos mais caros”, o PRP passou a chamar mais a atenção do panorama político vigente. Percebe-se então, como alguns membros vinculados ao novo partido integralista focaram suas forças em diversos eventos objetivando reintroduzir no cotidiano de sua militância, um sistemático enaltecimento dos rituais, símbolos e adereços integralistas anteriormente cultivados. As *galinhas verdes*, o cumprimento Anauê!, o símbolo Sigma (Σ) e as vestimentas militares esverdeadas, bem como seu hinário e suas manifestações de apreço e subserviência ao chefe, Plínio Salgado, voltariam a ser teatralizadas em todos os diretórios do PRP. Logo, tais eventos espalharam-se como notícia digna de destaque. Para Plínio Salgado, “O cata-vento começava a girar novamente” (SALGADO, 1957, 03). O novo partido, que durante os seus quase vinte anos de atuação parlamentar (1945-65) configurou-se como uma das agremiações políticas mais controversas do citado período, teve atuação de retaguarda, centrando foco nas articulações de bastidores da política nacional. O PRP constituiu-se no instrumento de intervenção política dos integralistas durante todo o chamado período democrático, mas foi com a retomada de seus rituais já característicos, (elementos ligados à AIB) que o movimento voltou a ser notícia.

REDEFINIÇÕES DO TABULEIRO POLÍTICO E A VOLTA AO SIGMA

O contexto em que se desencadeou o governo JK, sobretudo seu quartel final, é relevante para entendermos o crescimento de importância que o PRP teve no período. Nesse sentido, a consolidação do PRP no cenário político nacional foi favorecida graças às transformações ocorridas nos finais desta década. O governo JK apesar de gozar de uma segura maioria parlamentar e de conciliar interesses políticos e econômicos dentro da ordem democrática, teve que conviver com focos de instabilidade. O surgimento de novas lideranças partidárias, que resultaram na fragmentação da coalizão PSD-PTB e conduziram a novas composições políticas foi um grande teste da tessitura política do período.

Fruto das transformações do período, o avanço do PTB e a desestabilização de seu adversário direto, o PSD, criam um processo de polarização na sociedade: de um lado, um avanço das esquerdas, e uma maior visibilidade e atuação do PTB. De outro, um crescimento do discurso direitista, que encontra na UDN novo campo. Nesse período, ocorreu um processo de aumento na influência das propostas reformistas de esquerda. As organizações sociais ligadas a movimentos populares, ligas camponesas, sindicatos, movimento estudantil e partidos de esquerda experimentaram uma fase de crescimento e consolidação. Insere-se neste contexto o aumento da representação parlamentar dos partidos ligados a esquerda, e o crescimento da influência do projeto reformista que se configurou como um dos principais pilares para o golpe de 1964.

Por outro lado, a consolidação do discurso direitista propugnado pela UDN a colocava como um espectro antípoda dessas organizações esquerdistas passando a sigla a explorar um novo discurso, cada vez mais popular, buscando se aproximar do eleitorado e demarcar sua proposta política. Concomitantemente ao crescimento das extremidades do espectro político, o centro vive, nestes estertores dos anos 1950 um arrefecimento, um esvaziamento nas suas propostas e críticas,

o que alguns cientistas sociais e políticos chamariam de uma “erosão de suas bases e discurso”. (FERREIRA e SARMENTO, 2001, p.454) O PSD, por exemplo, passou por uma profunda cisão o que abriu possibilidade de composição com elementos provenientes de outras legendas. Já, no PTB, a despeito do sensível crescimento eleitoral, as divergências sobre a definição do trabalhismo levaram alguns de seus expoentes a ensaiar novas alianças. A UDN, após debater a possibilidade de novas alianças, construiu uma coligação com vários partidos, buscando com isso ampliar sua influência e seu discurso, agora bem mais popular.

Esse quadro plural é bastante complexo, viabilizaria a recolocação de pequenos partidos no cenário político da época, como foi o caso do Partido Democrata Cristão (PDC), Partido Republicano (PR), Partido Libertador (PL), Partido Trabalhista Nacional (PTN) - todos esses coligados à UDN. Além desses, havia mais de uma dezena de partidos de menor expressão com representantes eleitos no Congresso Nacional, dentre os quais se destacavam o PSP (Partido Social Progressista) de Adhemar de Barros e o PRP (Partido de Representação Popular) de Plínio Salgado. Pois, foi entremeadado nesse complexo *quebra-cabeça* político, que, a partir de 1957, o partido presidido por Salgado jogou as cartas de seu baralho marcado visando uma nova projeção política. O PRP passou então a efetivar cada vez mais seus canais de doutrinação (tal como no período da AIB), apostando em um reavivamento da memória militante enfraquecida e cada vez menos aderente, a partir da comemoração de fatos, entendidos pelos integralistas, como “relevantes e dignos de serem revividos”. O que se apresenta a seguir é parte de um grande projeto de revitalização do integralismo do pós-guerra. Consolidação esta que fez do PRP um dos partidos mais controversos e incompreendidos do período.

As celebrações do jubileu de prata integralista reacendem os ânimos de sua base militante. Os integralistas comungavam uma leitura de mundo particular, cuja partilha de sentimentos e convicções era o centro de seu ideário, e o fortalecimento do integralismo do pós-guerra esteve intimamente ligado a essa partilha, num período cada vez mais adverso à presença do integralismo no cenário político. Portanto, a solidificação das redes de sociabilidade fez com que os integralistas do período conseguissem realizar um projeto de readerência de parte da militância. No momento em que diversos setores da sociedade civil permaneciam contrários à lembrança do integralismo extremista dos anos 1930 e que os membros do movimento eram acusados de não possuírem propostas adequadas nem para o presente nem para o futuro, a retomada dos preceitos, rituais e adereços mais caros do integralismo foi o alvo perseguido pelo movimento visando uma melhor aceitação de sua militância fragmentada. Os velhos militantes, nesse momento, passaram a ser mais importantes que a opinião pública. Afinal de contas, o integralismo do PRP começava a perceber que, desde sua fundação até o presente momento, ainda não havia encontrado sua identidade. Daí, a aposta em reacender a militância fervorosa dos anos 1930, como tábua de salvação de sua manutenção política. Por outro lado, a atmosfera de redemocratização na qual o país vivia passou a afirmar cada vez mais que o integralismo representava metaforicamente, uma doença que não poderia mais ser hospedada no corpo da sociedade.

As eleições presidenciais de 1955 foram um importante teste para o partido, tendo se constituído em fator decisivo para que a sigla empreendesse coalizões que ajudariam a compor a geografia partidária de fins dos anos 1950 e 1960. Após a votação alcançada pelo PRP neste pleito, o partido procurou apresentar-se à sociedade de maneira mais veemente, restabelecendo alguns de seus adereços e rituais mais conhecidos, como a simbologia do Sigma e a mística integralista. Então, se no momento do retorno democrático (década de 1940) o lema do partido foi o de esconder seu passado, o final dos anos 1950 renunciou o resgate de sua imagética e ritualística mais antigas.

Com o intuito de promover atividades que ensejassem a partilha de sua cultura política, o partido avançou nas suas investidas, projetando estratégias e eventos que viabilizassem uma reviravolta na sua atuação político-partidária. Tais investidas foram marcadas pela realização de eventos especiais dos quais se destacam: as *festividades dos 25 anos do Movimento Integralista* - que ocorreram durante o mês de outubro de 1957; e a publicação da *Enciclopédia do Integralismo*, lançada simultaneamente à realização das festividades. Este episódio em especial nos interessa diretamente. A promoção desses eventos foi fomentada por uma aguda radicalização contra a esquerda e um surpreendente abrandamento com relação ao liberalismo, o que indicava uma postura ambígua da sigla. Assim, as comemorações dos *25 anos de fundação da Ação Integralista Brasileira* e a publicação da *Enciclopédia do Integralismo* constituem-se em elementos fundamentais para o entendimento do projeto de rearticulação integralista em finais dos anos 1950.

Embora o PRP tenha vivido uma trajetória mais duradoura que a da AIB, o partido conheceu o caso semelhante. O projeto de governo/poder integralista/perrepista foi novamente frustrado com golpe de 1964 e o corolário do Ato Institucional n.º 2, que extinguiu os partidos políticos, em 27 de outubro de 1965. Tendo cedido seu apoio aos militares, após a instalação do bipartidarismo, Plínio Salgado, assim como grande parte dos correligionários do PRP, filiou-se à ARENA (Ação Renovadora Nacional). (TRINDADE b, 1994: 124). Em meados da década de 1970, Plínio Salgado afirmou: “Quem disse que não governaríamos? Podemos não ser o centro do poder, mas somos seus mais fortes pilares”. (SALGADO, 1972, 23) Apesar dessa afirmação, o Integralismo, ao menos, enquanto discurso filosófico teve uma sobrevida bastante curta após o período de exceção, o que nos impele a questionarmos: em que medida os pilares referidos por Salgado ruíram após o seu falecimento, em 7 de dezembro de 1975? Para responder a essa pergunta, é fundamental retroagirmos duas décadas, período no qual os pilares aludidos por Salgado foram reavaliados.

COMO SE CELEBRA UM JUBILEU DE PRATA?

Os anos de 1957 e 1958 foram de comemorações para o integralismo. Celebraram-se os seus 25 anos de criação e de sua mais importante manifestação popular, a chamada *grande marcha integralista*. Diante da celebração desses dois episódios, a intelectualidade do partido debruçou-se sobre a história do movimento. Tratava-se do primeiro grande evento de uma agenda que objetivava lançar luz às conquistas pgressas do movimento. Como lembrou Gerardo Mello Mourão, em

entrevista para este trabalho: “o caminho das pedras que começaria nas celebrações e terminaria na publicação da *Enciclopédia do Integralismo*”. (MOURÃO, 2002)

No período em que se celebraram seus 25 anos de sua criação intelectualidade integralista debruçou-se sobre a história do movimento. As comemorações das bodas de prata integralista constituíram-se na primeira aparição efetiva do integralismo no pós-guerra. O jogo democrático estimulou as modificações de sua postura frente à sociedade. No entanto, seu ressurgimento causou desconforto na grande imprensa, que não acreditava que tivesse ocorrido uma real transformação. Num período em que a democracia era soberana, a lembrança dos tempos autoritários parecia ser o maior obstáculo para a rearticulação do integralismo que, chegava ao final da década de 1950, percorrendo caminhos de reavaliação. O Congresso Nacional do PRP realizado em Vitória-Espírito Santo deu suporte às comemorações integralistas que se prolongaram por mais de seis meses. Esse evento inaugurou o cronograma festivo das celebrações do movimento.

Subjacente estava o debate a respeito de qual seria o lugar do novo integralismo naquele momento, termo que procura indicar a renovação do movimento e seu distanciamento dos anos 1930. No entanto, no campo estrito do simbólico, uma série de elementos do período anterior foi reapropriada como seus rituais e elementos imagéticos peculiares. Há, portanto, o retorno ao universo simbólico como tentativa de fortalecimento interno perante seus quadros e militância. Com a reconstituição do universo simbólico integralista, as Convenções Nacionais do PRP firmaram-se como um dos canais mais eficientes de sua mobilização e doutrinação partidária. Após várias convenções de caráter nacional, realizadas entre a segunda metade da década de 1940 e a primeira de 1950, o PRP voltou a organizar as reuniões do partido, modificando o seu objetivo.

Se até 1955 as Convenções foram organizadas visando objetivos relacionados apenas à organização interna do partido, que se resumiam, na maioria das vezes, a pequenas disputas de ordem doméstica - como a homologação de novos correligionários e diretórios, a expulsão de alguns descontentes, ou até mesmo tímidas estratégias de cooptação eleitoral - na segunda metade da década de 1950, a perspectiva perrepista passou a incluir uma postura doutrinária e propagandística mais agressiva. A preocupação exclusiva com a organização interna do partido cedeu espaço à novas estratégias de aproximação eleitoral. A propaganda e a simbologia do PRP visavam publicizar para consolidar. Num cenário muito menos receptivo que o desejado pelos perrepistas, a reconvocação dos militantes tornou-se uma questão de ordem.

Como resposta ao fracasso nas urnas, os perrepistas passam a buscar um novo perfil. Ao lado da autoavaliação partidária, organizaram-se diversos encontros regionais da base do partido - as prévias regionais. Esses encontros, objetivavam a elaboração de um plano político-doutrinário que cumprisse a função de dotar o PRP de novas diretrizes políticas e simbólicas. O XVI Congresso Nacional, realizado em julho de 1957, na capital capixaba, constituiu-se em parte importante desta autoavaliação necessária frente às reações de uma parte significativa da militância perrepista, preocupada com a fragilidade da sigla no contexto político.

A cidade de Vitória já fora sede, no início da década de trinta, do primeiro congresso do movimento. Voltar, tantos anos depois, caracterizava-se antes como uma estratégia de ação: daí a cidade de Vitória e o XVI Congresso serem representativos do segundo período de doutrinação. De acordo com a Câmara Gestora de Propaganda do partido, órgão responsável pela criação, organização e veiculação da imagem do PRP, “o Congresso visava ativar uma parte sensível da militância que havia se desestimulado”. (Notas da Câmara Gestora do XVI Congresso do PRP. Vitória/julho de 1957, 6) Realizado de 26 a 28 de julho nas dependências do Palácio da Assembleia Legislativa do Estado e encerramento no Teatro Carlos Gomes, contou com a presença de diretórios de todos os estados da Federação. Na oportunidade, a comitiva do Partido de Representação Popular foi declarada “hóspede oficial do Estado do Espírito Santo”. (A *Tribuna* - Vitória. 27/07/1957, 6) Quando da realização do congresso, o governador, Francisco Lacerda de Aguiar (1955-1959 - PSD), se encontrava na capital federal, sendo o cargo exercido pelo então secretário de governo, Oswaldo Zanello, que era também o Diretor Estadual do PRP, o que explica as razões da recepção dos perrepistas com honras de chefe de estado.

Figura 1 - Detalhe de umas das convenções nacionais realizadas pelo PRP. Data provável, set./1956. Na foto, os símbolos do PRP: o crucifixo, a bandeira nacional, o mapa do Brasil centrado por um sino e os dizeres que indicavam a noção de hierarquia tão apreçoada pelo movimento integralista: “Quem cumpre ordem, não erra”.



Fonte: Arquivo Público Municipal de Rio Claro – SP. Acervo Plínio Salgado.

Algumas deliberações do encontro redefiniram substancialmente o rumo da política perrepista. Foram discutidos: o novo plano de propaganda doutrinária do partido; a multiplicação dos diretórios; a sua posição no âmbito nacional e estadual; as realizações futuras; as eleições

do ano seguinte e a possibilidade de lançar a candidatura de Plínio Salgado para o Legislativo Federal. A mesa oficial que presidiu os trabalhos foi formada por Plínio Salgado, na presidência; Carlos Nascimento, Presidente em Exercício da Comissão Executiva como secretário; e mais cinco integrantes do partido: Gil de Alencar, Secretário Geral do Diretório Nacional; Jamil Feres, Secretário do Conselho Político Nacional do PRP; Dep. Federal Loureiro Júnior; Dep. Estadual Luís Campagnoni, sublíder da maioria na Câmara Federal e o Dep. Padre Ponciano dos Santos, líder da Bancada do PRP na Câmara Federal.

Dentre as matérias votadas, uma mereceu especial destaque: o retorno da simbologia do Sigma (S) como emblema oficial do PRP, proposta encaminhada pelo Conselho Político Nacional, órgão de assessoria vinculado ao Diretório Nacional do partido. De 1945 a 1957, a insígnia oficial do PRP havia sido um sino envolto pelo mapa do Brasil que, para os perrepistas, significava o “tilintar das novas gerações integralistas por todo o país”. (Protocolos da Fundação do PRP, janeiro de 1946) De acordo com um dos representantes do Diretório Nacional, “(...) como a ressonância das badaladas não havia surtido o efeito esperado, pensou-se na mudança (...)”. (*A Marcha*, 7/8/1957, 6) A proposta foi recebida com entusiasmo pela mesa diretora, que a comunicou aos pares, obedecendo ao seguinte protocolo: Salgado pediu que todos se levantassem, pois tinha em mãos uma proposta que modificaria definitivamente o perfil do PRP. A formalidade do chefe, seu ar grave e sério, criou enorme expectativa entre os presentes. Em pé, amparado pelo encosto da cadeira central da mesa diretora, mãos trêmulas em riste, Plínio Salgado leu em voz alta a referida proposta. (*A Gazeta*. Vitória. 29/7/1957, 6)

Tenho aqui em minhas mãos uma proposta de tal significância que necessita da atenção irrestrita de todos. Pede-se o patriotismo de que se respeite a leitura da proposta. Parágrafo único: O Conselho Político Nacional pede deferimento para que seja substituído o nosso atual emblema do partido pelo Sigma, símbolo de uma doutrina que, nem o tempo, nem as circunstâncias haviam apagado. (*A Marcha*. 2/8/1957, p.4)

Votada a matéria, Salgado anunciou:

(...)é com orgulho que apresento o resultado desta que mudará por completo nossas ações daqui por diante. Sabeis o que acabais de fazer? Nesse momento assumis a maior responsabilidade, desde a fundação do Partido de Representação Popular. O Sigma significa um conceito de vida espiritualista e nacionalista (...) o Sigma nunca foi materialista, nem comodista, nem egoísta (...) o Sigma crê em Deus (...) o Sigma vive uma vida heroica. Desde este instante, renovais o nosso partido, assumis os mais pesados deveres, mas desde este instante, estais vivificados e animados por uma nova vida. Foi isto o que fizestes! O Sigma acaba de ser adotado como o distintivo oficial do PRP. Voltamos a ser fortes! (*A Marcha*. 2/8/1957, 5)

Politicamente, este ato revestiu-se de um significado especial para cúpula do partido: o PRP passava, a partir daquele momento, a novamente se identificar com o símbolo maior da Ação Integralista Brasileira. Os perrepistas assumiram, de maneira incondicional, que sua

reestruturação partidária necessitava dessa reaproximação com os símbolos dos tempos da AIB, no sentido de avaliar sua recepção por parte de seus devotados militantes. Então, o partido buscou sua reafirmação no passado. Se, em 1945, o PRP se afastou de seu passado recente para se adaptar às novas diretrizes da democracia e fugir da incômoda comparação com o fascismo, em 1957 o apelo tornou-se outro. Foi preciso buscar antigas identificações. No momento em que a ressonância do PRP era pequena, tanto no Parlamento quanto diante a sociedade civil, o projeto de lançar uma nova marca política - em verdade absolutamente conhecida, mas que possibilitasse às lideranças do PRP uma tentativa de reversão do quadro em que se mantinham - foi a confirmação de que o passado continuava sendo tão ou mais importante que o presente para os perrepistas. É relevante que o PRP tenha retomado a simbologia integralista. Por meio dela, ícones do antigo movimento como o Sigma, o hinário, o archote (chama da transição geracional), permaneceram presentes como elementos significativos de identificação política. À incorporação do Sigma como insígnia oficial do PRP, seguiu-se a reapropriação de um outro elemento simbólico bastante caro aos integralistas, a *galinha verde* - símbolo não oficial do movimento, que era vista pelos militantes integralistas como o amuleto da sorte de Salgado. O perrepista dos anos 1950 voltava a identificar-se com os antigos códigos, rituais, gestos e crenças e voltava a comungar a mesma cultura política de antes.

Embora criada de forma depreciativa, insuflada por seus opositores políticos, a frente antifascista¹⁸, a simbologia da galinha verde teve origem controversa. Uma das versões que mais circularam nos debates de esquerda, e que sempre foi execrada pelos integralistas, identifica a origem da alcunha à forma como os militantes integralistas abaixavam-se e movimentavam-se, de um lado para o outro, fugindo dos tiros disparados por policiais, numa das diversas vezes que os integralistas e a frente antifascista enfrentaram-se em praça pública, nos idos de 1934.¹⁹ O gesto lembrava um bando de galinhas assustadas fugindo. O uniforme verde teria dado origem ao termo galinhas verdes. A despeito dessa versão, os integralistas ensaiaram outra, que acabou oficializada pelo movimento, segundo a qual, o símbolo provinha da mentalidade nacionalista, própria do ideal patriótico da AIB. Para os integralistas, nenhum animal representava mais a nacionalidade brasileira do que a galinha. Era a galinha quem alimentava a população pobre. Animal dócil, ágil, de fácil adaptação, e cuja carne dura - originalmente tratava-se da galinha caipira - representava a resistência do brasileiro rural e urbano, a galinha constituiu-se no símbolo de resistência e agilidade integralista. Dessa forma, incorporou-se a imagem que, inicialmente, tinha um caráter depreciativo. À galinha

¹⁸ A frente englobava anarquistas, socialistas, stalinistas, trotskistas, partidários da ANL, do PCB e democratas. Vários sindicatos estavam representados como: o Sindicato dos Empregados do Comercio, a Coligação dos Sindicatos Proletários de SP, da União dos Alfaiates, do Partido Socialista, da Liga Internacionalista Comunista, da Liga das Mulheres Trabalhadoras de SP, do Comitê contra as Guerras imperialistas, dentre outras associações. *Cadernos AEL. Anarquismo e Anarquistas*. 8/9 – 1998 – p.181.

¹⁹ Dos conflitos travados entre os integralistas e a frente antifascista, o mais marcante ocorreu no dia 7 de outubro de 1934, quando centenas de integralistas desfilavam pelas ruas da cidade de São Paulo, em comemoração ao segundo aniversário da Ação Integralista Brasileira.

verde e ao Sigma adicionou-se o ideal de uma suposta democracia orgânica, que demonstrava o compromisso do movimento com a ordem democrática, sustentando uma complicada aproximação entre o conceito de Estado Integral dos anos 1930 e a suposta adaptação à ordem democrática. Nas palavras de Salgado:

o primeiro passo rumo a prática política da democracia efetiva, que diferente da democracia liberal de defeitos clássicos, viria a ser conhecida pela sua postura mais eficiente frente aos problemas da Nação, pois nascida do simbólico, conheceria a ação pragmática das coisas e sonhos públicos, no sentido de que, a democracia orgânica religaria os pedaços partidos da sociedade civil num todo coerente e conciso, símbolo da possibilidade de uma Nação mais forte. (SALGADO, El. VIII, 1958, 79)

Ainda na noite de encerramento do XVI Congresso de Vitória, no Teatro Carlos Gomes, foram tomadas outras decisões de relevância para a organização do partido, entre elas a indicação e aprovação da candidatura de Plínio Salgado à Câmara Federal, o que proporcionaria ao líder o seu primeiro mandato no Legislativo Federal, cargo que ocuparia por três gestões consecutivas (1962-1966-1970), até abandonar a vida pública. A indicação tinha finalidade clara: criar um episódio político que, segundo a imprensa do partido seria o “molde e a perspectiva de união entre os símbolos e a massa”. (Boletim da Câmara de Gestão do XVI Congresso do PRP em Vitória – ES, 26/07/1957, 4) A presença de Salgado e da militância no Congresso foi saudada como fundamental para “a reformulação coerente e decisória do novo PRP. Ambos passariam a fazer parte do mesmo corpo”. Entretanto, cabe matizar o termo massa. O que transparece é mais o uso hiperbólico, uma busca do desejado retorno da antiga militância do que, propriamente, uma descrição acurada do agrupamento que se reuniu no Congresso. Milhares de pessoas participaram do encontro, mas a noção de massa não passou de uma figura de linguagem.

A rememoração de um passado de glórias tornou-se a partir de então prática corrente no PRP. A fusão de elementos simbólicos do integralismo dos anos 1930 com a atuação política ensejou a (re)criação de uma ritualística própria. Nesse momento, os perrepistas valeram-se da metáfora da transformação, do ressurgimento das cinzas do ostracismo político, tal como Fênix, a ave mitológica grega. Esta metáfora passou a sustentar-se de maneira bastante sólida a partir da metade dos anos 1950. Assim os perrepistas buscaram fortalecer-se se inspirando nos anos 1930, o que obviamente não coadunava com o contexto político vigente. Sob a ótica político-partidária, as conclusões foram diversas: a tentativa de lançar-se avante nas disputas democráticas afirma a preocupação do movimento em desvincular-se de uma imagem que ficou cristalizada ao longo do tempo, a dos “eternos estrategistas da retaguarda pseudodemocrática”. (Perfis Diversos. O ESP. 04/11/1957, 6) No entanto, o que se percebe é um retorno à mística e símbolos da fase anterior, justamente aquela da qual se queria distanciar.

Insuflada pela atmosfera de celebração que tomou conta dos perrepistas, logo após as decisões do XVI Congresso, sua imprensa intensificou os contatos entre o movimento e certos

órgãos representativos da sociedade de perfil eminentemente direitista, tais como centros católicos e laicos de cultura e associações em prol de ideias nacionalistas. A Ação Patriótica das Mulheres Brasileiras (órgão simpático ao PRP), a União Nacional dos Operários e Camponeses brasileiros²⁰, a Junta Católica pela Liberdade²¹, entidades identificadas com a essência religiosa e antiliberal da conduta político/doutrinária de Salgado, bem como os Círculos Operários²² e os Centros Culturais da Juventude²³, foram algumas das associações que prestaram solidariedade às celebrações integralistas.

Os debates travados junto a tais associações foram fundamentais para que o PRP encontrasse interlocução numa sociedade avessa ao seu ideário. De 1957 em diante, a rememoração do passado integralista teve como intuito básico traçar um paralelo entre uma virtuosa fase pretérita e uma projeção de presente e futuro, espelhada na pujança anterior. Tratava-se de dividir as angústias e os projetos comuns. Nesse sentido, o XVI Congresso Nacional do PRP em Vitória foi o episódio inaugurador da retomada simbólica do integralismo no pós-guerra. Tal retomada deu-se imersa numa conjuntura desfavorável à permanência integralista. Não se pode esquecer que o final dos anos 1950 foi marcado pelo otimismo. Durante o governo de JK, aprofundou-se o caráter urbano do país, que passou a respirar os ares do desenvolvimentismo. Nesse contexto, nada parecia mais distante do que os sonhos de Salgado em atribuir ao PRP a tarefa de realizar “a convergência sábia que reestruturaria os modelos carcomidos pela falsa demonstração de linearidade democrática”. (SALGADO, A Marcha, 10/10/1957, 3)

De forma geral, as bodas de prata ofereceram a oportunidade para realizar, em praça pública, o cultuado calendário de manifestações integralistas, herdado dos anos 1930: em 28 de fevereiro, a *Vigília da Nação*, alusiva ao *I Congresso Nacional do Integralismo*, realizado em 1934; pouco depois *As Matinas de Abril*²⁴. (SALGADO, A Marcha, 15/11/1958, 6) celebração que relembra a primeira grande marcha integralista na capital paulista, originalmente ocorrida em 1933; em 7 de outubro,

²⁰ Organização de cunho católico que tinha na presidência nacional, Jarbas Medeiros e que desenvolvia atividades junto aos sindicatos operários urbanos e rurais. Simpática à doutrina integralista, foi, ao lado dos Centros Culturais da Juventude, uma associação de significativa força no cenário da época.

²¹ Dissidência da ala revisionista da Igreja Católica, portanto, de caráter conservador, esta Junta assessorava a UNOCB e os Ciclos Operários em encontros sistemáticos durante todo o final da década de 1950.

²² Organizações católicas de caráter econômico-social e de direito civil, nascidas no Brasil da década de 1930 com o objetivo de prestar assistência e auxílio mútuo entre os operários. Em 1957, havia no Brasil mais de 400 Círculos Operários.

²³ A C.C.C.J. (Confederação dos Centros Culturais da Juventude, fundada em 1952) foi uma associação que congregou diversos Centros por todo o país. Os Centros Culturais da Juventude primavam pelo estudo de temas nacionalistas, cuja preocupação central era o preparo das novas gerações integralistas: simpatizantes da doutrina que se transformariam em propagadores da cultura do movimento. A diretoria da CCCJ no biênio 1957-59 foi presidida por Gumercindo Rocha Dórea. Os C.C.J., na década de 1960, eram vinculados ao IPES (Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais), organização financiada por entidades particulares virulentamente anticomunistas.

²⁴ A comemoração das Matinas de Abril, que originalmente foi a primeira cerimônia do calendário integralista, deveria realizar-se em todos os diretórios integralistas no país, e de preferência em local apropriado, pouco antes do sol raiar. Este era um significativo elemento na simbologia da transição de poderes do movimento: a passagem da experiência para juventude, a nova geração integralista.

*A Noite dos Tambores Silenciosos*²⁵, que marcava o lançamento do Manifesto de 1932. Todas estas datas comemorativas foram retomadas em 1957. Necessitava-se rememorar o que o tempo havia silenciado e, de preferência, pintando com cores menos carregadas alguns episódios que pudessem comprometer a nova fachada do movimento. A celebração dessas festividades significou um esforço de retorno simbólico do Sigma e da camisa verde, mistura de permanência e transformação políticas que, tanto publicamente quanto nos bastidores da ação partidária nacional, possibilitou ao integralismo submergir do ostracismo com o fôlego de um “gigante adormecido” -metáfora utilizada à forra pelos correligionários do PRP.

Em finais de agosto de 1957, começou a ser idealizado um cronograma de festividades que visava dar notoriedade ao jubileu integralista. A sugestão de um calendário de celebrações visava compartilhar a história do movimento, sensibilizando a sociedade para o retorno do Integralismo. A liderança perrepista foi a responsável pela organização deste calendário. E a formulação de estratégias que possibilitasse um maior enquadramento do partido frente às novas disposições democráticas parece-nos indicar que o movimento integralista continuou obediente a uma elaborada imbricação de poderes: o intelectual subordinado ao político, e este à doutrina, tradutora geral das necessidades do partido. O cronograma de celebração perrepista constituiu-se numa retomada do calendário integralista, datado de duas décadas atrás. O movimento caracterizou-se pela profusão de datas comemorativas, eventos de significância que recebiam nomes pomposos, que primavam pela supervalorização dos adereços e rituais e que se fundamentava como base essencial para a atmosfera de uniformidade pensada pelo integralismo. O jornal *A Marcha* publicou o quadro de atividades da *Semana do 7 de outubro (data da publicação do Manifesto Integralista de 1932)*. A veiculação do *Programa das Festividades* foi intensa durante todas as semanas do mês de setembro. Durante a primeira semana de outubro, uma programação específica para cada dia foi prevista, como se observa abaixo:

Comemorações previstas para a primeira semana de outubro de 1957

1º de outubro - terça-feira – 21h30 - Discurso de Plínio Salgado pela Rádio Globo

2 de outubro – quarta-feira – 21h – homenagem ao Fundador do Integralismo na sede do PRP do Distrito Federal.

3 de outubro – quinta-feira – 10h – Missa por alma dos mártires integralistas; 11h – Romaria ao Cemitério São Francisco Xavier; 17h - Inauguração da Exposição Histórica sobre o Integralismo, *que se propõe ser o verdadeiro divisor de águas para os integralistas*.

4 de outubro – sexta-feira – 20h – Hora de Arte promovido pelo Departamento Feminino.

5 de outubro – sábado – 9h – Abertura do Congresso da União Operária e Camponesa - Abertura da Convenção do PRP (em locais diferentes); 14h – Sessões do Congresso da UNOC e da Convenção do PRP; 20h - Abertura do Congresso N. dos Águias Brancas.

6 de outubro – domingo – 12h – Churrasco na Quinta da Boa Vista (inscrições prévias); 17h – Encerramento da Convenção do PRP; 19h – Encerramento do Congresso da UNOC; 22h – Encerramento do Congresso dos Águias Brancas.

7 de outubro- segunda-feira – 11h – Missa Solene na Igreja da Candelária; 21h Sessão Magna de Encerramento das Comemorações.

Programa Especial das Celebrações do Sigma (1932-1957). Fonte: *A Marcha*, 27/9/1957, p. 8.

²⁵ A celebração da *Noite dos Tambores Silenciosos* ocorreu pela primeira vez durante o I Congresso Meridional Integralista de 1935, em Blumenau-SC, e contou com a presença de (sic) mais de 40 mil participantes. Com o tempo, tal cerimônia passou a ser considerada como a mais importante do calendário integralista.

Dos eventos arrolados no calendário, um em especial merece destaque: a *Exposição Histórica do Integralismo*, que congregou milhares de pessoas nos cinco dias em que foi aberta ao público. Realizada no Salão Assírio do Teatro Municipal do Rio de Janeiro²⁶, esta exposição refazia a trajetória histórica do movimento, expondo suvenires e mais de 30 quadros explicativos sobre o seu aparato simbólico. É lícito apontar que, para o simpatizante integralista, vinculado ou não ao PRP, o sentido da comemoração e da exposição de sua história era dotado de um caráter “reformador” e “revitalizante”, pois restituía o disperso sentimento de pertencimento desses indivíduos. Não obstante, a organização dos preparativos do evento demonstrou que as comemorações de outubro de 1957 visavam atingir não apenas os antigos militantes - as fileiras verdes, como eram costumeiramente designados por seus correligionários -, mas a sociedade em geral. Exemplar nesse sentido foi o registro da significativa presença de populares na exposição integralista. (Caderno de Presença da Exposição Integralista, outubro de 1957). Muitas vezes, tal contingência não mantinha nenhuma relação de proximidade com o movimento ou a sigla. A organização da *Exposição* instalou um caderno de presença na entrada do Salão, visando obter um diagnóstico do perfil do público assistente. Nesse caderno, pedia-se para que o presente, além de informar seu nome, idade, cidade e profissão, também manifestasse sua filiação política: “se era dos quadros do PRP, simpatizante do integralismo ou nenhum dos dois”.²⁷ Nesse sentido, o grau de participação popular nas festividades serviria como um teste para aquilatar sua receptividade às propostas do PRP. De acordo com Salgado, “a alimentação desse contato com as massas manteria a prática militante acesa, saudosa e revigorada, simultaneamente”. (Plínio Salgado na Câmara dos Deputados, Comemoração do 40º aniversário da AIB. 27/02/1972).

Entretanto, a ausência de significativos marcos da história do integralismo neste calendário suscita questionamentos com relação à constituição do mesmo. A data em que se comemoraria o *putsch* integralista contra o Palácio do Catete (madrugada de 11 de maio de 1938), ataque surpresa que visava à retirada do poder das mãos de Vargas, não foi sequer lembrada. Note-se como o direcionamento das festividades permitia apenas a rememoração de fatos considerados jubilosos. Relendo o material de propaganda dessa *Exposição*²⁸, tem-se a impressão do pleno êxito integralista, sem mencionar os fracassos do movimento, como se este não fizesse parte de sua história. (*A Marcha e Protocolos de Festividades do PRP*. Acervo Plínio Salgado. Arquivo H. M. Rio Claro)

O *putsch*, as dissidências, a vinculação fascista, nada disso aparecia, a não ser como argumento de contraposição de seus adversários, ou como atestado de que o integralismo havia

²⁶ Dependência cedida a Plínio Salgado pelo então prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Octacílio Negrão de Lima. Em bilhete emitido à direção do PRP, o prefeito carioca sucintamente escreveu: “Está à disposição do evento. O salão Assírio é o bastante para comportar tal Exposição. A prefeitura do Distrito Federal orgulha-se de poder demonstrar essa ação democrática e patriótica”. *Bilhete timbrado da Prefeitura do Distrito Federal: Setor de cartas, s/d* (aproximadamente agosto de 1957). Acervo Plínio Salgado. Arquivo Público de Rio Claro.

²⁷ O caderno de presença da *Exposição Histórica do Integralismo* foi pouco referenciado e apenas algumas matérias de jornais da época. Embora em péssimo estado de conservação, traz informações valiosas com relação à presença de populares no festejo. Ver: *Caderno de Presença*. Acervo Plínio Salgado. Arquivo Público Municipal de Rio Claro.

²⁸ Série de artigos intitulada: “*A verdade contra a mentira*”. *A Marcha*, (semana da comemoração).

sido maltratado pela oposição. A Exposição não cedeu lugar ao frustrado ataque de 1938. Com a exceção de breves comentários em rápidas passagens no jornal *A Marcha* e um pequeno cartaz com dizeres ufanistas exposto durante o evento, a memória do ataque integralista ao Palácio Guanabara permaneceu registrada como uma “incompreendida façanha integralista”. (Quadro Geral. *A Marcha*, 9/10/1957, 12)

Figura 2 - Comportamento de “prenda e rifa!”. Plínio Salgado na Abertura da Exposição Histórica do Integralismo, 1957.



Fonte: Arquivo Público Municipal de Rio Claro – SP. Acervo Plínio Salgado.

Dentre as festividades realizadas para celebrar os 25 anos do aparecimento do movimento integralista, duas marcaram de forma decisiva o seu retorno público: a celebração do aniversário do Manifesto de 1932, realizada durante a primeira semana de outubro de 1957 em algumas das grandes capitais do país, tais como Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, e a comemoração da primeira marcha integralista sobre a cidade de São Paulo, rememorada em 1958. O período de comemorações alastrou-se por mais de seis meses, a contar da data do aparecimento do manifesto até a citada passeata, numa espécie de reconstituição histórica do Integralismo. As festividades comemorativas do Jubileu de Prata tiveram início na noite do dia 1º de outubro de 1957. Com seu retumbante retorno, o integralismo pretendia irradiar a atmosfera de celebração, lançando mão de estratégias que abarcassem uma esfera significativa da sociedade. Para a primeira semana daquele mês foram agendados diversos atos públicos, celebrações e convenções de aliança, que contaram com o apoio de representantes de setores ligados ao catolicismo, como os operários católicos e parte da juventude ligada à igreja, como mostrado anteriormente. A presença desses setores tornou-se o símbolo de que o integralismo perrepista não estava sozinho.

Figura 3 - Charge que ridiculariza a ação dos Águias Brancas. Publicada, originalmente no jornal, *O Estado de S. Paulo*, em setembro de 1957, foi republicada, meses depois, em *A Marcha*. O texto original da charge dizia: “Eles começam a voar...” - uma alusão irônica ao voo alçado pelos correligionários do PRP. Em resposta, *A Marcha* afirmou: “Eles (os burgueses) começam a ter medo...”. *A Marcha*, 21/11/1957, p. 4



Segundo dados da grande imprensa, a cúpula do PRP, em conjunto com o grande contingente militante integralista, sempre lotou as dependências onde ocorreram celebrações. Teria sido assim em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e dezenas de cidades brasileiras. A noção de uniformidade e de inclusão era destacada por Salgado, para quem a celebração “não havia sido criada para ser utilizada apenas nas vestes integralistas”. (SALGADO, 1972, 34) Tal homogeneidade tinha por meta impor um padrão a ser seguido. A concepção de uniformidade imprimiu às celebrações integralistas um caráter litúrgico, na medida em que deveria ser fielmente seguido por seus aderentes em todos os núcleos do movimento, não somente durante as comemorações, mas ao longo de sua trajetória. Note-se que essa noção de uniformidade jamais foi abandonada pelos contingentes integralistas, afinal, como dizia Salgado “a noção de

pertencimento passa pelo sentimento de ver-se igual”. (*A Marcha*, 11/10/1957, 2) Nesse sentido, o discurso da união, da força e da coesão foi veiculado adjetivando o novo integralismo como um corpo sólido, bem construído. Concomitante a isto, a noção de nacionalidade, de pertencimento, foi explorada à exaustão.

Em 1º de outubro de 1957, o Teatro carioca João Caetano, local da sessão solene integralista, abrigou um contingente de participantes avaliado em milhares de pessoas, o que superestimou a notícia do retorno simbólico integralista, logo espalhada por todo o país. Para isso contribuiu o fato de a abertura da Semana Comemorativa ter sido irradiada pela Rádio Globo, em rede nacional. Em seu discurso de abertura Plínio Salgado afirmou: “sob um esquema de festa diplomática e com o comparecimento de lotação absoluta, por parte de pessoas dos mais diversos cantos do país²⁹, as cadeiras do Teatro João Caetano são poucas, perto do contingente aqui presente. Eu, Plínio Salgado, retrospectivo e feliz dou boas-vindas à aurora do novo movimento. A celebração é a ordem do passado frente ao glorioso presente! Parabéns a todos os presentes. Parabéns a todos integralistas. Declaro aberta a sessão solene que traz à baila a pujança integralista!”. (*A Marcha*, 25/03/1957, 2)

Além da Rádio Globo carioca, outras emissoras retransmitiram os discursos da noite para os quatro cantos do o país. Conectando todo o Brasil, tais rádios transformaram as comemorações num verdadeiro comício ao vivo. Participaram das retransmissões a Clube de Conselheiro Lafayette e a Pampulha (MG), várias rádios da capital e interior paulista, como a Capital e a Urânio; a Club de Macaé, Miracema e São Fidelis, no estado do Rio de Janeiro; a rádio Apucarana, no Paraná; a rádio Joinville e Sulina de Guaporá, na região Sul do país. Além dessas emissoras, também retransmitiram o evento, a Meamirim, no Maranhão; a Difusora em Maceió; a Poti, em Natal, dentre outras. A superlotação do Teatro não impediu que os *flashes* jornalísticos registrassem a presença dos convidados ilustres. Estiveram presentes o representante do governador Ademar de Barros, Desembargador Lourival de Almeida; o Major Luis F. Borges, representando o Presidente da República; o Cap. Olavo Correia Martins, representando o prefeito carioca Negrão de Lima; Ulisses Guimarães, Presidente da Câmara dos Dep.; o Senador Carlos Lindemberg (PSD), além de outros representantes das mais variadas agremiações políticas. A presença de representantes foi avaliada de formas distintas pelos jornais. A imprensa integralista a noticiou como “prova cabal da significância do movimento neste momento atual”. (*A Marcha*, 3/10/1957, 4) Já, jornais como o *Correio Paulistano* e o *Diário de Notícias* vincularam a celebração integralista ao que denominaram de “Lei do tapa buraco”, ou seja, para tais jornais, a ausência dos titulares dos cargos demonstrava

²⁹ “Comparecimento às comemorações... A diretoria de arranjos da comemoração pede a todos os interessados, a fim de se evitar atropelos de última hora, e para melhor controle de recepção e hospedagens de companheiros que virão assistir às comemorações, solicitamos a todos do interior e demais cidades que comuniquem-se conosco, dentro da maior brevidade, dizendo quantas pessoas virão, a que horas e em que hotéis se hospedarão, a fim de providenciarmos sua cadeira cativa. Dirijam-se com urgência ao nosso contato – Paulo R. Bandeira – Cx Postal 5144 – DF.” Note a preocupação da comissão organizadora: “Pretendemos realizar no mínimo um evento bastante planejado. A festa divisora de águas. Será AJ e DJ, ou seja: antes do Jubileu e depois dele”. ‘Notícia Curta’. *A Marcha*, em diversas veiculações de 15 a 25 de março de 1957.

o pouco caso das autoridades para com o movimento: “representante é sempre um tapa buraco para não comprometer diretamente a figura pública do titular”. (Correio Paulistano, 3/10/1957, 5)

Dois outros marcos da simbologia perrepista seriam frequentemente mobilizados ao longo do ano do jubileu em todas as sedes do PRP: as *Cerimônias do Sino* e as *Inaugurações públicas dos retratos* de Plínio Salgado. As Cerimônias do Sino consistiam no badalar de sinos anunciando a presença de Plínio Salgado nos diretórios. Isso ocorreu por diversas vezes desde que o PRP se institucionalizou. Sobretudo no ano do jubileu, essas cerimônias se intensificaram, na medida em que novos núcleos perrepistas iam sendo inaugurados.

Concomitantes a essas cerimônias, multiplicaram-se as inaugurações públicas dos retratos de Salgado. Miméticas, se comparadas a outras manifestações do período getulista, sobretudo durante o período do Estado Novo, tais inaugurações promoviam o encontro entre antigos e recentes correligionários do PRP, todos em prol da veneração ao líder do movimento. As comemorações do Jubileu de Prata estenderam-se de outubro de 1957 até abril do ano seguinte. Ao longo de 1958, registraram-se outras efemérides. A simbologia integralista, desde sua institucionalização, era vasta e visava, além da contraposição comunista, a propaganda para a arregimentação de novos militantes, motivo pelo qual era ostensivamente divulgada. Os desfiles e concentrações integralistas sempre primaram pela imponência; pretendiam constituir-se em demonstrações de força do movimento. De acordo com a ritualística integralista, “tais desfiles eram ordenados em alas, com batedores e tendo à frente uma bandeira azul, preta e branca, com o símbolo do sigma na frente”. (PROTOCOLOS E RITUAIS, 79)

Com relação à primeira marcha integralista, sua celebração superou as expectativas de seus organizadores; inflamou a militância adormecida e movimentou a imprensa de grande circulação, que viu no acontecimento possibilidades concretas de utilização propagandística. A rememoração durou três dias (24, 25 e 26 de abril de 1958), desdobrando-se em vários momentos. No primeiro, houve a cerimônia de “boas-vindas” ao “sol nascente”, representação da retomada do movimento. Dois dias depois, processou-se a simulação da histórica passeata integralista, seguida do encerramento oficial das comemorações. Voltava-se ao local da marcha, a cidade de São Paulo, onde o núcleo dos ex-correligionários do sigma juntou-se aos afiliados perrepistas e admiradores no intuito de realizar - segundo o próprio Damiano Gullo, presidente do diretório paulista do PRP - “a mais impressionante e bela comemoração já realizada pelos integralistas”. (“Rememoração por convicção”. *A Marcha*, 07/05/1958, 5)

Figura 4 - Vista parcial da simulação da Primeira Marcha Integralista. SP. Abril de 1958. O jornal integralista noticiou milhares de pessoas. A fotografia mostra dezenas.



Fonte: Arquivo Público Municipal de Rio Claro – SP. Acervo Plínio Salgado.

A simulação da marcha significava para o integralista “um ritual que magicamente injetava novas forças no movimento. A ritualística integralista possuía o poder de renovar, revigorar o mais apático dos cabisbaixos”. (Revista *Manchete*. 17/5/1958) Embora os organizadores previssem um significativo comparecimento de seus simpatizantes, algo com que os integralistas não contavam terminou por provocar uma situação constrangedora para seus pares: inviabilizada por uma tempestade que caiu sobre a cidade de São Paulo, a festividade das bodas de prata da *primeira marcha integralista* teve um desfecho inesperado e pouco favorável. Na comemoração de boas-vindas ao sol nascente (simbolicamente, a nova geração integralista) o convidado especial faltou ao encontro. No exato momento em que aconteceria o protocolo, pontualmente às cinco e meia da manhã do dia 24, a torrencial tempestade acabou por afugentar o pequeno contingente integralista que, prostrado, defronte ao salão da Escola Paulista de Medicina, cantou o hino do movimento, sob o olhar atento e sarcástico da meia dúzia de jornalistas que cobriram o evento.³⁰ (*A Marcha*, 3/5/1958, 5) Triste coincidência para os integralistas, significativa simbologia para seus adversários.

Estiveram presentes na solenidade os repórteres dos jornais *Estado de S. Paulo*; *Correio Paulistano*; *Folha da Manhã*; *Última Hora/SP* e da sucursal paulista do periódico carioca *O Globo*.

³⁰ A despeito do reduzido número de repórteres que cobriram o evento, foram enviados mais de 250 convites a toda a imprensa de grande circulação do país.

Além dos jornais, a *Revista Manchete* também cobriu o evento. (*A Marcha*, 26/4/1958, 5) A expressiva presença da imprensa de grande circulação demonstra que o espectro integralista ainda interessava aos meios de comunicação: “o integralismo, por mais jocoso que possa mostrar-se ainda é notícia”. (*Última Hora*, 23/4/1958, 9) Tanto era assim que Assis Chateaubriand, referindo-se ao episódio, assegurou: “O chute no cachorro morto, que não estava tão morto assim...”. (*A Marcha*, 26/4/1958, 5)

Na comemoração das *Matinas de Abril* de 1958, manifestação de agradecimento ao sol, o convidado mais esperado deixou de comparecer. De acordo com *A Marcha*:

A adversidade do tempo proibiu que a AIB comemorasse na totalidade suas matinas... Exatamente as 5 e meia da manhã, uma forte chuva caiu sobre as cabeças dos camisas verdes em plena *capital federal*³¹ determinando a dispersão de muitos integrantes. Após alguns discursos prostrados na chuva, a comemoração culminou em imagens fabulosas...O Hino Nacional ecoou pelo ar molhado, em plena madrugada. (*A Marcha*, 1/5/1958, 6)

Segundo Rosa Maria F. Cavalari, estudiosa dos protocolos e dispositivos festivos do integralismo, as cerimônias deveriam realizar-se em locais apropriados, independentemente de eventuais contratempos. A celebração era uma obrigação para o integralista e deveria ocorrer: “em locais onde as concentrações estivessem proibidas, as Matinas poderiam ocorrer no interior das sedes ou no seu quintal particular, de preferência onde pudessem contemplar o nascer do sol”. (CAVALARI, 1999, 183) Provavelmente, não se registrou a maneira pela qual os integralistas conseguiram saudar os raios solares naquela manhã de tempestade. Façanha que apenas os integralistas conseguiram realizar. A determinação militante foi testada debaixo d’água. Vale esclarecer o ritual:

Meia hora antes de raiar o sol, em local apropriado, formarão todos os camisas verdes, de frente para o sol, sob a direção da maior autoridade do local, representante da Secretaria Nacional de Educação (SNE). Ao nascer do sol, a autoridade, mandará: Camisas verdes, em saudação ao Brasil levantem o braço. Todos executam a ordem, dando três fortes anuês!, e ao final cantarão o hino integralista, findo o qual, permanecerão em silêncio e em saudação em dois minutos. Terminando este tempo, autoridade manda a todos: Firmes! E todos arriarão os braços e permanecerão em posição de sentido, em silêncio, enquanto o chefe da solenidade, dirá: Camisas verdes... este sol que iluminou quatro séculos da História Brasileira; iluminou a primeira marcha dos integralistas e iluminará a vitória do Sigma. Assim, como esperamos hoje, esta alvorada, aguardaremos confiantes o Dia do Triunfo. Pelo Brasil, pelo Estado Integral, três anuês! Finda esta oração, um clarim, executará lentamente uma alvorada. Finda a alvorada a autoridade presente fará cantar o Hino Nacional, pois só este está acima do Hino do Integralismo, e em seguida ocorrerá o Juramento de Fidelidade ao Chefe Nacional. (Protocolos e Rituais. Cap. XI, Artigo 168)

Com relação à saudação integralista *anauê!*, citada no trecho acima, vale destacar o significado de respeito às autoridades que também servia como um fraterno cumprimento entre

³¹ Grifo meu. Sempre reverenciando o passado brasileiro, *A Marcha*, seguidas vezes, reproduziu erros tipográficos que acarretaram desconforto para o próprio movimento. A simulação da “marcha integralista” não havia sido realizada na capital Federal, tal como fora registrado pelo jornal, mas na capital paulista.

companheiros de mesma categoria. Realizada como forma de cumprimento individual ou coletivo, foi regulamentada segundo a rígida hierarquia do movimento: somente o Chefe nacional ou seu representante, designado previamente por ele, poderiam receber o cumprimento de 3 *anauês*. A partir desta gradação, os demais membros do integralismo passariam a saudar seus companheiros com 2 ou apenas 1 *anauê*. As patentes do alto escalão integralista (Câmara dos 40, Conselho Integralista), dois *anauês*; chefes municipais e distritais, além de patentes rasas, apenas um *anauê*. A saudação de três *anauês* também era realizada, em ocasiões particulares, quando por exemplo, o Integralismo homenageava a Deus. Tal homenagem ocorria, geralmente, na comemoração da Noite dos Tambores Silenciosos. Além desta ocasião, como parte dos cerimoniais de enterro dos *milicos do além*³², também se realizava o cumprimento de 3 *anauês*. Normalmente este cumprimento era apenas dirigido a Plínio Salgado, entretanto, a cerimônia de saudação aos *milicos do além*, abria, eventualmente a exceção do rígido protocolo: “(...) aos falecidos, por repousarem, ao lado de Deus, mereciam tal homenagem”. (Protocolos e Rituais. Cap. VII, Artigo 73) Mas, nem só de tempestades viveram as celebrações das bodas de prata da primeira marcha integralista. Dois dias depois da malfadada boas-vindas ao sol, foi a vez de lembrar outra data de significância no calendário da *marcha*. Tratava-se da consagrada reconstituição histórica da passeata sobre³³ a capital paulista. Segundo seus organizadores:

Lembrando a tarde de céu plúmbeo, como o próprio ar da sociologia política e social brasileira de então, que um grupo de 40 homens (operários e estudantes) vestidos de camisa verde, saiu da Avenida Brigadeiro Luis Antonio, em coluna de três, atingiu o Largo São Francisco, entrou pela Rua Benjamin Constant dirigindo-se, frente à Praça da Sé até a rua Wenceslau Brás, quando logo adiante, na Rua do Carmo, deu-se a concentração final da grandiosa demonstração integralista (...) 25 anos depois, deu-se novamente a potentosa marcha! Tal reconstituição histórica e épica contou com integralistas da fase áurea do movimento, bem como de gerações mais contemporâneas. Estiveram presentes na concentração de São Paulo grande arte dos integralistas do Brasil: os que atuam na política, que militam na cultura, na ação social, os integralistas ideológicos. Para tanto, mais de 180 municípios brasileiros mandaram seus representantes para a simulação histórica. Caravanas de vários estados colaboraram com esta grande comemoração. (*A Marcha*, 24/07/1958, 4)

Embora os desfiles integralistas tenham se notabilizado pelo grande número de participantes, tal quantidade emprestava ao evento uma caracterização grandiosa, superlativa – o que, aliás era o objetivo do movimento: parecer maior do que sempre o fora - a representatividade do número de aderentes nesta comemoração pareceu ter sido menos importante para alguns dos participantes do evento. José Constante Barreto, afirma que:

³² O termo “milico do além” foi criado por mim, a partir da terminologia “Milícia do Além”, comumente empregada pelos integralistas.

³³ Torna-se inevitável a imediata comparação com a atmosfera que tomou conta da Itália pré-1930, quando Benito Mussolini lançou-se sobre Roma no episódio conhecido como *La Marcia su Roma*. As identificações são bastante fortes. Não podemos negligenciar que a escolha do nome do jornal oficial do PRP também traz em si alguma identificação. *A Marcha* registra o ideário de conquista, reconquista, expansão, característico dos movimentos fascistas.

(...) mais importante era que vinte e cinco anos depois, sobre o mesmo chão, a simbologia permanecia viva... éramos nós que três décadas atrás éramos 50 mil, mas que agora enchíamos a rua não com contingentes, mas com orgulho de nosso aniversário. Me lembro que falaram que era a ridícula cópia das marchas do Mussolini... aliás como sempre falaram da gente lá nos anos 1930, mas eu nem ligava... até saí no jornal empunhando a bandeira do Sigma que tanto me orgulhou... agora, é claro, que foi bem mais mixuruca, isso... pensando depois de tanto tempo, isso foi(...). (BARRETO, 2000)

As comemorações encerraram-se em uma sessão solene presidida por Plínio Salgado e assistida por centenas de pessoas. Interessante notar que até o dia 15 de abril, uma semana antes de sua realização, a sessão estava confirmada para acontecer no Salão Nobre da Associação Paulista de Futebol, sublocada à Rádio Record. Ocorreu, porém, um sintomático episódio. Às vésperas da realização do evento, os planos integralistas foram frustrados pela quebra do acordo firmado anteriormente, por parte do diretor da emissora. Este, dias antes da cerimônia, indeferiu o pedido de empréstimo do Salão de Audiência da Associação de futebol. A única saída para os integralistas foi buscar um novo local para a realização do evento. O jornal perrepista noticiou com perplexidade a decisão do diretor da emissora:

A Sessão Solene do Jubileu de Prata da Primeira Marcha Integralista, que seria realizada no Auditório da Federação Paulista de Futebol, que se acha sublocada à Rádio Record, terá que transferir-se para outra localidade. *Tudo isso porque seu diretor é um comunista.* Por interferência do senhor Luis Carlos Prestes, o auditório que já havia sido reservado para nossa comemoração, foi, de última hora, negado, com o claro intuito de sabotagem. A Comissão está providenciando outro local, tão ou mais agradável para os nossos amigos integralistas. A Sessão Solene ocorrerá no mesmo dia da marcha e às 10 horas, na concentração pré-marcha será avisado o local e hora exatas. (*A Marcha*, 21/07/1958, p. central)

Tal episódio confirmou a generalizada insatisfação de alguns setores da sociedade para com o retorno do simbolismo político integralista. Essa oposição não se restringiu à imprensa escrita. O estigma com relação ao integralismo permanecia sendo o seu maior adversário. A simbiose de dois fatores colaborou para que se desencadeasse esta campanha de oposição declarada ao movimento. Primeiramente, o arraigado sentimento antiplinista (que em intensidade semelhante ao sentimento anti-integralista) ainda era fomentado por vários de seus adversários, dentre eles, alguns empresários de comunicação. Em segundo lugar, a figura emblemática de Luis Carlos Prestes continuava a representar uma significativa força política, além de uma “pedra” na trajetória plinista. No embate direto entre comunistas na ilegalidade e integralistas em processo de reformulação, os primeiros venceram o *round*. Com “*o puxão de tapete comunista*”- frase atribuída a Salgado -, comprovou-se que a representatividade do líder integralista e do PRP perante a sociedade civil restituiu-se mais na esfera simbólica e menos na política. O que ocorreu em São Paulo evidenciou-se em larga escala por todo o país.

Figura 5 - Em São Paulo, Plínio Salgado discursa ao final das comemorações dos 25 anos da Primeira Marcha.



Fonte: Arquivo Público Municipal de Rio Claro - SP. Coleção Plínio Salgado. Plínio Salgado.

No entanto, é necessário que se atente para algo que se tornou notório ao longo da vida política de Salgado: o eterno sentimento persecutório com relação aos seus maiores adversários ideológicos, os comunistas. Tudo o que se relacionasse ao integralismo, mesmo nos anos 1950, deveria ser realizado em oposição direta aos comunistas. O episódio do cancelamento no Salão da Associação Paulista de Futebol ilustra de maneira precisa o sentimento persecutório que Salgado nutria com relação aos atos políticos que o cercavam na época. Talvez, o mais importante quanto a esse sentimento persecutório era que, de maneira efetiva, a gama de insatisfeitos quanto a sua permanência no cenário democrático nacional não se restringia aos comunistas. A sociedade civil não havia recebido bem, desde os anos 1940, o retorno integralista, sob a pena de desacreditar de sua nova roupagem democrática. Fosse por confiar que se tratava apenas de uma encenação cômica e ridícula - adjetivos comuns na época -, que menosprezava a recente liberdade democrática, fosse por identificá-los como legatários do extremismo fascista, a grande maioria da sociedade civil não se via confortável com a permanência dos integralistas na ordem democrática. Curiosamente, foi esta mesma sociedade civil que duas décadas depois recebeu de braços abertos a imposição militar dos anos 1960 acreditando ser este o caminho para a solução de seus maiores problemas. Confirmada a sessão para o Salão da Escola Paulista de Medicina, deu-se finalmente o encerramento das jubilosas comemorações do integralismo.

(...) Foram os integralistas, em coluna de 2, adentrando ao auditório das 'Classes Laboriosas', primeiro os camisas verdes, simbolizando os veteranos, depois os demais companheiros do PRP, dos Centros Culturais, da União Operária e Camponesa do Brasil e, finalmente o povo em geral. O antigo salão das 'Classes Laboriosas' onde outrora, há 25 anos, desfraldou-se a bandeira do sigma, rememorava-se o grande salão, que na noite era pequeno para abrigar tamanha multidão. (*A Marcha* 1/5/1958, 3)

Nesta solenidade de encerramento, instituiu-se a *Câmara dos Águias Brancas*³⁴, um conjunto que congregava 30 representantes do novo Conselho Diretivo Integralista de 1958. A Câmara dos 30 Águias Brancas - cargo honorífico integralista - nasceu como um corpo auxiliar da cúpula perrepista. Era constituída dos seguintes nomes: Loris Vilas Boas (Belém -PA), Gaspar Brígido (Fortaleza-CE), Rosa Maria Sales de Mello (Recife-PE), Wanillo Galvão Barros (Maceió-AL), Hélio Rocha (Salvador-BA), José Penedo (Itabuna-BA), Aníbal Teixeira de Souza (DF), Edgard Rocha (DF), Walter Povoleri Ferreira(DF), José Lucena Dantas(DF), Gumercindo Rocha Dórea (DF), João André de Lima Porto(DF), Lelis Ferreira Chaves(DF), José Carlos Rocha (Niterói-RJ), José Maria Rodrigues Bastos (SP), José Batista de Carvalho (SP), Leovegildo Pereira Ramos (SP), Carmem Pinheiro Dias (SP), Alfredo Augusto Rabelo Leite (SP), Therezinha Mansur (Campinas-SP), Antônio Reis Vilalobos (Ribeirão Preto-SP), Orlando Antônio Mendonça (Campinas-SP), Luis Domingues (BH-MG), Honório Silveira Neto (BH-MG), Heloísa Guimarães (BH-MG), Ubiritan de Macedo (Curitiba-PR), Airton Luiz Batista (Curitiba-PR), Walter Trinca (SJRP-SP), Umberto Perger (Poa-RS) e Sérgio Ferrari (Poa-RS). João Carlos Fairbanks, integralista da primeira geração, relembra a criação dos Águias Brancas:

Uma e outra - o oásis e as águas cristalinas - vim encontrá-los em 1931, donde surgia a Sociedade de Estudos Políticos (SEP) e a Ação Integralista Brasileira... Eis um depoimento de um dos homens da geração anterior de 32. Para bem interpretá-los e corrigi-los nos respectivos efeitos sociais e políticos, a fértil imaginação de Plínio Salgado criou os 'Águias Brancas'. Ao velho cabe incitar os jovens: quem não quiser figurar como urubu e assim naturalmente almejar o cadáver da Nação procure ser "Águia Branca", procurando conduzir as vicissitudes da vida à estratosfera e à iosfera, por sobre as quais a tranqüila e sedativa luz dos raios cósmicos nos advertirá: *sic itur ad Astra*. (FAIRBANKS, EI, VI, 1958, 178)

A composição do primeiro conselho dos 30 Águias não foi aleatória. Sua distribuição geográfica obedeceu ao critério de representatividade política. Assim, Estados que possuísem maior número de filiados foram contemplados com indicações proporcionais. Logo, a região Sudeste foi a que mais cedeu membros para o Conselho, seguida das regiões Sul, Nordeste e Norte. Por outro lado, é significativo o registro de um número bastante reduzido de representantes femininas no Conselho: apenas quatro, duas paulistas, uma mineira e uma pernambucana, o que vem corroborar a tese de que a ascensão política feminina, principalmente no PRP, ainda caminhava em passos bastante lentos. Entretanto, pode-se fazer uma leitura diversa da presença dessas quatro mulheres na constituição do Conselho de Águias Brancas. Simultaneamente às propagandas de jornal que veiculavam a mulher como consumidora, cuja ação social não ultrapassava os limites domésticos, a presença destas quatro mulheres num órgão de representatividade política como o Conselho demonstra uma gradativa permeabilidade no pensamento integralista com relação à atuação política feminina. Plínio Salgado, presidente de honra dos Centros Culturais da Juventude, e Aníbal Teixeira,

³⁴ Os Águias Brancas já haviam sido criados desde 1952, juntamente com os Centros Culturais da Juventude. Seu primeiro congresso se deu na cidade de São Paulo, com a presença de mais de 600 jovens. Fonte: SALGADO, P. Entrevista à revista *O Cruzeiro*. 10/4/1954, p.11-12.

presidente da Confederação Integralista³⁵, além de Leovegildo Pereira Ramos, representante da geração contemporânea, deram início ao chamamento dos 30 “apóstolos verdes”.³⁶ Os integrantes da mais nova divisão integralista prestaram juramento à mesa constituinte do alto escalão do PRP, exaltando sua fidelidade: “Juro, perante Deus, minha honra e à Nação integralista, pugnar pelos princípios integralistas que consubstanciam a doutrina aceita e proclamada pelos Águias Brancas; estudá-la e conhecê-la em sua essência e consequência. Propagá-la pela juventude em todos os círculos da vida brasileira, abraçar e manter o sonho da vida e povo brasileiros. Unirmo-nos aos demais Líderes pela grandeza de nossa Pátria”. (*A Marcha*, 01/05/1958)

Segundo Plínio Salgado, tanto os Centros Culturais da Juventude quanto a Câmara dos Águias Brancas eram constituídos de representantes que carregavam em si “uma mistura de Quixote e Sancho... um híbrido especial” (*A Marcha*, 24/4/1958, 5). De acordo com o líder integralista seus militantes eram “Quixotes porque sabiam que o mundo era governado por pessoas como Eles!”. Independente do grau superlativo e contestado do discurso plinista, as celebrações tiveram para o integralismo um saldo positivo, pois recolocaram o movimento no cenário político nacional, a despeito de toda a contrariedade manifesta pela grande imprensa. O ressurgimento da simbologia integralista, por meio de suas efemérides, reconduziu o movimento às páginas dos principais jornais brasileiros. O integralismo não só voltou a ser notícia, como passou a ocupar lugar de destaque nas discussões promovidas pela imprensa, instituindo-se novamente como foco de importância da política nacional.

³⁵ A Confederação Integralista foi formada para dar suporte político à criação da Câmara dos Águias Brancas. Aníbal Teixeira assume a presidência da CCCJ após a gestão de Gumercindo R. Dórea.

³⁶ Designação provocativa, sistematicamente utilizada pelo jornal *Última Hora*, tanto de São Paulo, como do Rio de Janeiro e Porto Alegre.

AS COMEMORAÇÕES NAS PÁGINAS DOS JORNAIS

*“(...) as águas da hipocrisia dissolverão os pés de barro do gigante,
e deles surgirão impérios que serão sustentados pela Gomorra do mundo”*

(Emile Zola, *L’Aurore*, 13 de janeiro de 1898)

A GRANDE IMPRENSA

O clima de liberdade partidária que o país viveu no contexto constitucional e democrático de pouco mais de 18 anos entre a queda da uma ditadura e a emergência de outra, estimulou o exercício de independência e expansão dos meios de comunicação. A grande imprensa sempre fez do tema político sua tônica. Foi a imprensa que transformou a centelha em incêndio. Embora o “tema político neutralizasse a influência literária, não permitia, porém, que fosse utilizada meramente a linguagem jornalística, aquela que é específica, diferente da linguagem literária”. (SODRÉ, 1966, 371) Nos anos 1950, tanto a imprensa de grande circulação, quanto a imprensa proselitista³⁷, propriamente dita, aprenderam a necessidade de sincronizar as duas linguagens. Dentro de sua orientação tipicamente pequeno-burguesa, os jornais refletiam a consciência da camada mediana da ascendente classe média da população, que era afinal, a consumidora de seus exemplares.

A imprensa seleciona, caricaturiza e adapta uma realidade a partir de ‘instantâneos’ do real. Os antagonismos políticos tornavam-se agudos e se refletiam claramente na imprensa. Na maioria das vezes, a contraposição ideológica saltava das manchetes desses jornais para tomar parte na vida cotidiana da sociedade civil. Historicamente, a liberdade de imprensa na sociedade capitalista foi condicionada pelo capital, dependente do vulto dos recursos que a empresa dispunha e do grau de sua dependência em relação às agências de publicidade. Isso se tornou ainda mais claro no Brasil dos anos 1950. Nesse período, o desenvolvimento da imprensa no Brasil foi condicionado, como não podia deixar de ser, ao desenvolvimento do país que, submerso na atmosfera desenvolvimentista, fazia frente às propostas capitalistas engendradas pela política de JK.

³⁷ A imprensa integralista do pós-guerra atuou caracterizando-se, essencialmente, pela postura proselitista e anticomunista. Alguns dos periódicos que disseminaram a ideologia integralista foram: nos anos 40, *A Idade Nova*, *Boletim do PRP* e a *Reação Brasileira*. Nos anos 50 destacam-se: *O Monitor*, *A Marcha* e, a revista *Avante*, além de periódicos regionais de menor alcance que corroboravam o perfil editorial dos jornais integralistas de maior porte.

No setor jornalístico, projeto análogo pôde ser percebido na mudança das técnicas implementadas com o decorrer da década³⁸: principalmente no sentido da divulgação de novos produtos, oposições ou boicotes com relação a algumas facções político/ideológicas (SEGISMUNDO, 1962, 39); e da própria apresentação da notícia, cada vez mais virulenta com relação a desafetos políticos. É evidente que, dentro de certos limites, os jornais foram controlados pelos seus próprios donos. Como se contam pelos dedos os grandes jornais, conta-se pelos dedos seus proprietários: Assis Chateaubriand, Roberto Marinho, Júlio de Mesquita Filho, Paulo Bittencourt, Nascimento Brito, Samuel Wainer, Carlos Lacerda e uns poucos mais. (SODRÉ, 1966, 412) A concentração de corporações, por sua vez, tomara aspectos ainda mais acentuados com o desenvolvimento do rádio e da televisão: os “aglutinadores de audiência”, que fariam a diferença entre o aclamado e o desterrado, como lembrou certa feita Assis Chateaubriand. A tendência às grandes corporações, de que os Diários Associados³⁹ constituem o primeiro exemplo, agravar-se-ia com a constituição de corporações complexas, reunindo jornais e revistas, emissoras de rádio e televisão.

Foi sobre este cenário, de definidas posições ideológicas, que se deu o reavivamento da simbologia integralista. Se nos anos 1940 a esfera político-partidária havia conhecido a reestruturação da sigla integralista, agora era o poder simbólico da instituição que necessitava de reajustes. Desde 1945, a relação entre o integralismo e os jornais da imprensa brasileira foi marcada por atritos.⁴⁰ Longe de se manter indiferente, tal relação primava, de um lado, pela hostil e virulenta manifestação anti-integralista e de outro, pela pequena, mas não menos contundente autoafirmação integralista. A grande imprensa, preocupada com a manutenção da ordem democrática passou a fazer o papel

³⁸ Em termos quantitativos, num período de seis anos, de 1957 a 1963, a alta do preço do papel importado para a imprensa aumentou cerca de 574%. Tal sobretaxa acirrou ainda mais os ânimos propalados pelas disputas eleitorais na década. Um número considerável de pequenos jornais faliu neste período. A grande imprensa veio, definitivamente, a solapar a concorrência jornalística, das pequenas empresas de mídia que se estabeleceram nas últimas duas décadas. Com isso, a imprensa política, propriamente dita, acabou por sofrer os reflexos da falta de papel no mercado, pois impossibilitada de importar a matéria prima, muitos desses jornais acabam sendo desativados. De 1955 a 1958, os jornais integralistas, sofreram contundentes diminuições nas tiragens de seus exemplares. Ver: Diversos editoriais que tratam do assunto em: *A Marcha*, (fevereiro de 1955 a janeiro de 1958).

³⁹ *Os Diários e Emissoras Associados*, grandioso conglomerado jornalístico de propriedade do empresário e jornalista Assis Chateaubriand, chegou a constituir uma cadeia sem paralelo na América Latina, com mais de 30 jornais, 3 revistas, 23 emissoras de rádio e 13 de televisão, das quais destacaram-se as rádios *Tupi e Tamoio* (ambas no RJ), bem como a emissora *Tupi de televisão*. No seguimento impresso, seu mais importante jornal foi o *Diário Carioca*, que sustentou durante os anos 1950 uma vigorosa campanha anti-integralista. No seguimento de revista, paradoxalmente *O Cruzeiro* fez o contraponto dos jornais de Chateaubriand, se mostrando bastante pendular quanto a figura de Salgado. É importante lembrar que, *os Diários Associados* já em 1945, conclamavam a imprensa a intervir diretamente para impedir a rearticulação integralista. Em artigo publicado num dos jornais da rede, sob o título de: “*Rearticula-se rapidamente o Integralismo*”, trazia um texto alarmante: “Continua preocupando os meios democráticos daqui a atitude que vem mantendo a imprensa em face ao movimento de rearticulação integralista. Se não tomarmos o devido cuidado estes movimentos fascistas serão mais fortes do que foram antes da derrota do Eixo”. *Diário de Notícias*, 8/10/1945, p.8. Entretanto, *os Diários Associados* mantiveram uma postura ambivalente (tal como a de seu proprietário). O tom das denúncias modificou-se, em meados de 1950, incentivado pelo apoio do PRP à candidatura udenista de Eduardo Gomes à presidência de República comprovando a vocação pendular do dono dos Diários Associados. Na segunda metade da década os ataques recomeçariam.

⁴⁰ No período entre 10 e 15 de novembro de 1945, parte da grande imprensa paulistana indignada com a concessão do registro definitivo ao PRP reproduziu o eco dissonante do descontentamento. O jornal *Correio Paulistano* afirmava: “Protestamos veementemente contra o partido da chamada ‘expressão ideológica da direita reacionária’”. *Correio Paulistano*, 11 novembro de 1945. p.3. Opinião semelhante foi exposta pelos jornais *O Estado de S. Paulo* e *Diário de Notícias*.

de porta voz de uma sociedade desgostosa da permanência do integralismo no cenário político nacional. As acusações acirraram os ânimos de ambos os lados. Esse enfrentamento tornou-se mais evidente a partir de 1957, quando se intensificaram as campanhas contestatórias às comemorações integralistas. Segundo Plínio Salgado, “enquanto as penas do integralismo foram molhadas nas tintas da convicção, a alquimia da grande imprensa fez-se sentir de maneira nociva”. (*A Marcha*, 3/11/1957, 9) Isso equivale a pensar que tanto o integralismo quanto a imprensa liberal de grande circulação intensificaram suas acusações. Então, o dístico em desuso serviu como alerta para grande parte da imprensa da época: *Integralismus Proh Pudor*.⁴¹

A grande imprensa⁴² noticiou as comemorações integralistas de maneira bastante variada: de um absoluto descaso a mais fervorosa agressividade. Dias após as festividades, *O Diário Popular* (SP) publicou um artigo cujo título exprimia a posição do jornal com relação à volta integralista. Questionava o jornal acerca de que tipo de mudança teria ocorrido, de fato, no integralismo. (*Diário Popular*, 7/10/1957, Caderno 1, 2) Ao questionar a veracidade da mudança no teor do novo integralismo, o jornal indagava-se quanto aos “falsos propósitos que levarão às suas verídicas aplicações”. A reportagem enfatizou uma frase que incomodaria por muito tempo os setores ligados ao movimento: “Transformação ou repetição? O que se vê hoje se viu ontem... são seis por meia dúzia, mas que não sejam meia dúzia desses aí!”. A suposta contradição entre o discurso de Salgado e a ação do movimento foi fomentada pelas acusações de “uma fantasiosa demonstração de poder” (*Diário Popular*, 9/10/1957) - que chegava às páginas dos jornais pelo caminho inverso. Seu lugar, segundo o próprio *Diário Popular*, “era as páginas de fundo”, um eufemismo para designar as páginas policiais que na época fechavam os jornais.

Outro periódico que questionou a alegação de que o integralismo havia se transformado num movimento brando foi o *Última Hora/RJ*.⁴³ (WAINER, 1980, 231) O vespertino teve, num primeiro momento, uma postura meramente informativa que se modificou com o passar das primeiras semanas do mês de outubro. Sob o título “Bodas de Prata Verde. Sigma e rituais, renasce o integralismo no Brasil” (*Última Hora/RJ*, 12/10/1957, 7), dispensou mais de meia página detalhando sua organização e festividade. O jornal chamou a atenção para o fato de que, na escala de valores integralista, o movimento antecedia ao partido, fator que favorecia o reforço de sua doutrina. Após atacar veementemente a UDN, Salgado modifica o tom de seu discurso, e afirma que “justamente aqueles da ‘eterna vigilância’ entenderam que era solução para o Brasil um governo de força (...) entretanto, talvez, os que propunham a ‘ditadura’, tivessem boas intenções”.

⁴¹ “Integralismo: Oh! Vergonha!”: Mote das campanhas veiculadas na maioria dos jornais de grande circulação do país.

⁴² No presente trabalho restringiremos nossa análise aos periódicos: *O Estado de S. Paulo*; *Correio Paulistano*; *Folha da Manhã*, *da Noite e da Tarde*; *Diário Popular*; *Diário de Notícias*; *O Jornal*; *Diário Carioca*; *Tribuna da Imprensa*; *A Notícia*; *Gazeta de Notícias*; *Jornal do Brasil*; *Última Hora*; *Diário da Noite*; *Diário de Notícias/RS* e *O Globo*.

⁴³ O vespertino *Última Hora* foi criado no Rio de Janeiro, pelo jornalista Samuel Wainer, por sugestão do presidente Getúlio Vargas, após receber incentivo financeiro do Banco do Brasil, numa transação bastante controversa, apoiada pelo então presidente. Seu intuito foi ser um jornal ‘pró Getúlio Vargas’. No início da década de 1960, no auge de sua cadeia jornalística, Samuel Wainer possuiu sucursais da *UH* em 7 cidades do território nacional: Rio, São Paulo, Curitiba, Porto Alegre, Belo Horizonte, Niterói e Recife.

Tal discurso foi apresentado no intuito de minimizar os choques com a ala opositora do integralismo (UDN), que se mantinha no poder. Por muito pouco não se chegou a um resultado oposto ao desejado. A despeito das frágeis alianças políticas estabelecidas entre o PRP e a UDN, o discurso de Salgado foi recebido pela base udenista como uma “simples e má conduzida licença poética”. (*Jornal do Brasil*, 13/10/1957) Com exceção da figura de Carlos Lacerda, eterno adversário do Integralismo, a bancada udenista não se agitou com a acusação desferida por Salgado. Daí ter respondido às acusações com uma frase de impacto subjacente: “Aquilo do que foi falado pelo líder das galinhas verdes, foi tão somente uma fraseologia megalomaniaca inofensiva, uma licença poética! Nada daquilo de fato nos chega!”.

O jornal de Samuel Wainer enfatizou o tom denunciativo da reportagem em matéria publicada pela sucursal paulistana, na qual reforçou a disputa entre a UDN e o líder Integralista, reafirmando “o caráter aguerrido da base udenista e a contraposição carismática do chefe verde”. (*Última Hora/SP*, 8/10/1957, 4). Reafirmando o texto da matriz carioca o diário destacou:

Para nós a festa está lançada! Tambores, archotes e o Sigma: a festa está lançada! Ditadura e boas intenções: numa das únicas vezes que o Senhor Plínio Salgado desviou do discurso de rememoração do integralismo abordando outro assunto, iniciou um ataque frontal à UDN afirmando que ‘justamente aqueles que disseram ser o preço da liberdade a eterna vigilância, entenderam mais tarde que a solução para o Brasil era um governo de forças’. Salgado disse acreditar nas boas intenções dos que pedem a ditadura, fazendo um adendo quanto a participação da UDN... que critica veementemente. Arrematou: Talvez eles tivessem boas intenções!!! (*Última Hora/SP*, 8/10/1957, 5).

Como o jornal de Wainer não era simpático nem ao integralismo nem ao seu chefe, a ênfase dada à manifestação integralista no Teatro João Caetano teve um caráter peculiar. A notícia embutiu em seu conteúdo uma mensagem sub-reptícia, “uma flecha no olho udenista” - como afirmou Wainer em suas memórias. (WAINER, 1980, 156) Aliando a crítica doutrinária contra o integralismo com o explícito ressentimento udenista, as matérias da *Última Hora* visaram, antes de tudo, o líder da UDN. Carlos Lacerda foi, na realidade, o alvo da notícia, uma vez que, ao vincular a base udenista aos integralistas, estaria a *Última Hora* atrelando a “paranoica desenvoltura de Salgado à histriônica megalomania do Corvo” - (*Última Hora/SP*, 8/10/1957, 8) como ficou conhecido Carlos Lacerda nos corredores dos jornais cariocas dos anos 1950.

Tanto para Wainer quanto para Chateaubriand, a “falsa ditadura” pouco interessava. Vincular Lacerda e a base udenista a uma coalizção pró-ditadura era bem mais proveitoso. Portanto, menos efeitos surtiram os ataques de Salgado visando Lacerda. Os ecos das acusações foram sentidos em outros campos. Em finais dos anos 1950, as alianças partidárias sofreram a reverberação de tais denúncias, favorecendo uma frente de contraposição à UDN.

O *Última Hora* ainda publicou dois editoriais, o primeiro com a seguinte manchete: “O hino e o passeio do archote”, no qual analisou de maneira pormenorizada a passagem deste ritual, que para os integralistas significava “a transferência da força e ideal para as gerações futuras”.

O longo ritual intrincado que durou exatamente duas horas já provocava cansaço nos ouvintes mais interessados... então, para animá-los o locutor chama todos a cantar fervorosamente o hino do movimento, *Avante!* Mistura de catarse e transe psicóticos, tal hino despertou uma espécie de patriotismo verde naqueles que o assistiam... Após, apareceu um archote que foi passado de mão em mão e todos os que recebiam tomavam uma postura militar, davam meia volta e passavam para o que estivesse mais próximo. O archote é o símbolo da ideia integralista e foi passado por Pimenta de Castro para seu filho. Tal ritualidade caracterizava a cerimônia de passagem, a transferência da geração de 32 para a de 57, composta pelos ditos 'Águias Brancas' – versão mais moderna da indelével intolerância plinista". (*Última Hora/SP, 8/10/1957, 8*)

No segundo editorial, publicado a 13 de outubro, o jornal destacou:

Renascendo com seus hinos, ritos e cerimônias complicadas a AIB comemorou semana passada no Theatro João Caetano, seus 25 anos... Todo o eleitorado integralista carioca, juntamente com um redobrado policiamento civil e mais vários curiosos encheram a casa de espetáculos da Praça Tiradentes. Ainda há párias para a radicalidade, e não eram só os carcamanos de outrora, mas uma nova geração ludibriada pelos foscos brilhos do verde decadente... Sentados em 'V', os integralistas saudaram o 'big man' - como dantes... (*Última Hora/SP, 8/10/1957, 3*)

Os jornais *Folha da Tarde* e *Folha da Noite*, por sua vez, noticiaram as comemorações com imparcialidade jornalística, mesmo deixando implícita em sua linha editorial a contrariedade frente à reformulação do movimento. Ambos os jornais imprimiram, a rigor, as mesmas notícias: "Com Sigma camisa verde e *anauê*, retorna ostensivamente, à atividade os integralistas!". (*Folha da Tarde, 8/10/1957, 4* & *Folha da Noite, 9/10/1957, 4*)

De acordo com as *Folhas*:⁴⁴

O movimento ressurgue agora sob um novo dístico, e novo nome: agora não é mais AIB, mas MIB, Movimento Integralista Brasileiro, que, segundo assessores de Salgado ☐ deverá substituir o PRP em breve. A troca de uma instituição política para uma de cunho político cultural, vem de encontro com os propósitos dos Integralistas de reeducarem as novas gerações de acordo com os novos preceitos da agremiação. Subscreeve em edital patenteado e timbrado pelo carimbo do partido, o senhor Plínio Salgado, presidente do mesmo. (*Folha da Tarde, 9/10/1957, 3*)

Diferentemente de seus congêneres do Grupo Folha, o matutino *Folha da Manhã* tomou a celebração a partir de uma perspectiva mais desfavorável. Noticiou as festividades, explicitando sua oposição diante do novo integralismo: "Sob os 5 lustros deste movimento, pouco teríamos a noticiar. Entretanto e infelizmente, empolga os meios integralistas a volta do Sigma e a oficialização da galinha verde como símbolo. Que jamais amadureça!" (*Folha da Manhã, 10/9/1957, 3*). Em outro

⁴⁴ O jornal *Folha da Noite* foi inaugurado em 1921. Quatro anos depois foi inaugurada a *Folha da Manhã* e em 1945 a *Folha da Tarde*. Em 1960, as *Folhas* juntaram-se dando origem à *Folha de S. Paulo*.

estrato, retirado da extensa reportagem da *Folha da Manhã*, a ideia de transferência de ‘posse e poder’ surgiu carregada de simbolismos. Tal questão se mostrou como novidade dentro do PRP. Com a criação dos Centros de Cultura da Juventude - órgãos de reajuste político/ideológica implícitas do integralismo - as novas gerações obtiveram maior influência nas decisões do partido. O sentido da transposição do legado não era apenas cultural, mas principalmente político:

O Integralismo já voltou! Porém, a camisa verde não voltará. O que vocês precisam entender é que isto significa que o sentimento foi renovado. Transmutou-se. Hoje somos Fênix. Retornamos agora sob outra forma. O Sigma é símbolo de uma doutrina filosófica, enquanto que a camisa verde significou um tipo de ação, hoje superada, principalmente tendo em vista, o movimento de 32. E esse motivo, era a infiltração dos camisas pretas e caquis. Camisa verde, hoje, em consequência não tem mais lugar, pois não saberiam lutar, com um inimigo que hoje, veste-se à paisana. (...) Nossa transmutação não tem o objetivo de vestir-se tal qual eles... por isso é primordial a separação de um ideário frágil e apolítico de um sentimento forte regido por hastes de ouro como é o ideário político cultural do integralismo. Hoje, o PRP nos dá suporte para tal, mas ontem éramos só nós da AIB... o centro nevrálgico do sistema de pensamentos integral. (...) Congratulemo-nos a nossos congêneres mais novos. Serão deles a resposta do novo país. (...) Serão deles a figura do chefe que hoje me comunga a todos. Legado e a presença permanecerão!⁴⁵

Finalizando sua apreciação quanto ao retorno integralista e sua celebração, adjetivada como *non sense*, o editorial de 8 de outubro dirigiu um veemente repúdio à permanência dos integralistas:

Por estar de novo nas ruas, e sem disfarces, o integralismo assusta. Se não aos ‘cobras criadas’, aos mais novos que podem ser ludibriados pelo canto da sereia maviosa transvertida de democrática verde... Estão eles, prontos para explorar os pontos mais vulneráveis da democracia nacional. Chega-se à audácia de colocar-se de novo o problema do fardamento e da milícia, imitações baratas do fascismo mundial. E se a indumentária e a organização paramilitar não voltarão - como aliás alardeia aos sete ventos o seu chefe - ao menos por enquanto... certos símbolos que nos fazem lembrar estão a solta O mais grave é que o neointegralismo visa catequizar as novas gerações desprevenidas, que ainda não tem noção dos males que o raciocínio do movimento apresenta. O corporativismo é meio caminho andado para o totalitarismo; o nacionalismo, o anticomunismo radical, que são apregoados são cunhas perigosíssimas. Termos que alertarmos a toda a nova geração sobre essa sereia. De outro lado, as novas gerações encontram lá, guarida, uma vez que estão descrentes da democracia e da vida partidária. Com isso, eles podem ser presas fáceis às garras do sigma. E seu chefe, pretende inculcar em seus jovens o epíteto de ‘Messias da Juventude’, assim como o fizera antes. Agora sob a forma dos Centros de Juventude... Portanto, para que não haja ceticismo em torno do novo perigo integralista, o democrata consciente não pode deixar de bradar a todos, a ver se nos livramos da ameaça sem o mesmo processo sofrido em 1937. (*Folha da Manhã*, 8/10/1957, 8)

⁴⁵ “O Integralismo foi à escola: a ideia de 32 é a bandeira de 57”. *Folha da Manhã*. p.8. Este discurso foi editado na íntegra, no jornal *A Marcha*, setembro de 1958. p.9. Para conservar o caráter expressivo de sua resposta, transcrevemos apenas o estrato, no qual, aparece a contundente preocupação de Salgado com relação à transferência de seu legado.

Com um texto de abordagem tão ácida quanto os publicados por seus concorrentes, o jornal *Correio Paulistano* noticiou as bodas de prata do movimento de maneira incisiva, como a manutenção de um arcaísmo. O periódico situou as celebrações num bojo maior de conflitos político/ideológicos, acentuando alguns elementos.

Aceitando o que identificam como provocação extremista, com a qual declararam, se procurou embaraçar num enredo ridículo a doutrina que perfilaram em 32. Os integralistas vão institucionalizados pela nova sigla, paralelamente às comemorações do jubileu de prata; oficializar a galinha verde como símbolo da vergonha e da sua ação política. Restam-nos saber, de que aves se tratam na realidade. Fênix, águias ou meras galinhas... o retorno do inatingível, ou a atenção do inevitável? Resta-nos apenas marcarmos o dia, para sabermos qual é a resposta! Um repúdio ao integralismo. (*Correio Paulistano*. 8/10/1957, 5)

Apesar de ser elogiado por sua postura intelectual, Plínio Salgado é tido como uma figura de pouca expressão política. O editorial do *Correio Paulistano* afirmou: “(...) descartamos qualquer possibilidade de aproximação com o integralismo seja ele velho ou neo. Suas ideias não pertencem ao nosso tempo!”. (*Correio Paulistano*, 8/10/1957, 8) Para o jornal, Salgado não percebia que

(...) com esse gesto de reinventar o integralismo, não passaria de um ‘revenant’ no cenário da política brasileira; um espectro que iria vagar nos quatro cantos do país (...) Não seria com o integralismo brasileiro que o Brasil se salvaria. Nem com ele, voltaria, o senhor Plínio Salgado ao seu fastigídio de 20 anos atrás. A sua doutrina não se firmou na realidade das nossas instituições. Para nós não passaria de um sucedâneo do Integralismo português; porém, agora, sem o recurso do chefe, genuíno e autêntico. (*Correio Paulistano*, 8/10/1957, 8)

O jornal *O Estado de S. Paulo* também criticou o apelo sensacionalista do PRP, descrevendo as celebrações como o ápice de um conflituoso e “apoplético retorno”. (*O ESP*, 9/10/1957, 9). A metáfora biológica da apoplexia, como sendo o integralismo “um quisto sanguíneo que estourara na sociedade brasileira, vazando intenções espúrias para todos os lados”, foi continuamente utilizada pela maioria dos jornais da época. Em especial, uma nota de canto de página do *O ESP*, cuja sutileza amenizava o caráter ácido do pequeno, porém contundente escrito.

(Da sucursal, Rio, 7) – Centenas de adeptos de Plínio Salgado compareceram ontem no Theatro João Caetano. Além da ressurreição pré-programada do Manifesto Integralista que propagava anteriormente a dissolução dos partidos; houve a volta dos rituais. Seria a volta dos estridentes centuriões? (*O Estado de S. Paulo*. 8/10/1957)

Outro ponto de discórdia entre *O ESP* e os integralistas foi a forma como o primeiro se referiu aos chamados “milicos do além”. O texto do jornal reacende uma questão central para os integralistas, então mais acirrada que nunca: a passagem do legado. A contraposição ideológica deu lugar ao escárnio: “Houve, durante a comemoração, uma estranha homenagem aos mártires

que nunca morrem. Isto porque – segundo o jornal – os integralistas nunca morrem: vão para a milícia do além!”. (*O Estado de S. Paulo*, 8/10/1957) A ideia de imortalidade no integralismo contém uma simbologia própria, tomada como espécie de *bhrama* ou nirvana penosamente conquistado pelo membro integralista, justamente por este ter servido o movimento em períodos conturbados e difíceis. Segundo a crença integralista, todos os mortos continuariam hierarquicamente lutando a favor dos que se mantiveram na luta cotidiana. Como pano de fundo, tal homenagem visava a aproximação entre o alto escalão integralista e as famílias dos falecidos, uma espécie de tutela, num momento em que se encontravam em condições de abandono e orfandade. Na hierarquia festiva do movimento, a celebração do culto aos milicos do além ocupava um lugar especial. Entende-se que a exacerbação da proteção familiar visava antes de tudo apadrinhar a família do ex-militante objetivando que não se afastassem do ideário integralista.

A manutenção da doutrina consubstanciava-se por meio do oferecimento à família órfã de toda a sorte possível de provimento material e psicológico, bem como da disponibilidade de escolas para os filhos dos falecidos, ajuda financeira e até profissional. “O integralista provedor deveria sê-lo na vida e na morte e seus familiares são o espelho disso”. (*A Marcha*, 23/4/1946, 12) Nesse sentido, o retorno das homenagens aos milicos do além - episódio passível de chacotas - era coberto de um simbolismo significativo para os integrantes do movimento. O que para os integralistas denotava “a manutenção da tradição, o primeiro passo para a efetivação integral”⁴⁶, para a exterioridade não passava de um descompasso com relação ao presente. Os adversários do integralismo não perderam a oportunidade de ridicularizar a denominação ‘milícia do além’, que rendeu demoradas gargalhadas.

A despeito do que publicaram os jornais integralistas, em seus *Scriptum post mortum*⁴⁷, o ajuste dessas famílias no enquadramento proposto pelo movimento não foi regra, mas exceção. Mesmo sob uma enorme pressão por parte dos diretórios dos quais eram membros, muitos integralistas não conseguiram doutrinar suas famílias. Há uma contundente diferença na atuação desse expediente por parte dos integralistas dos anos 1930 e do pós-guerra. Segundo os jornais, *A Ação* e *A Offensiva* nos anos de 1935 e 1936, cerca de 115 famílias foram “agasalhadas pelos braços da nação integralista”, um eufemismo perfeito para a direção e alienação coletiva. Já no pós 1945, a investida familiar passou por abordagens diferenciadas: a fidelidade integralista dá lugar à conveniência partidária. Embora o simbólico continuasse a balizar muitas das ações do PRP, a noção cada vez menos passional passa a ser o tom das disposições políticas do partido. Foi incentivada por esta transmutação de ideais que se efetivou a tentativa de reversão da realidade partidária no novo integralismo pós-guerra. A manutenção do passado enquanto pedra de toque da doutrina redimensionou-se, e a relação assistencialista entre a sigla e a população voltou a ocupar espaço significativo nos primeiros anos da trajetória do PRP.

⁴⁶ “As cerimônias da Milícia do Além”. *Protocolos e Rituais*. Estrato 4, p.23, 1936. Reeditado n *A Marcha* em 12 de novembro de 1957

⁴⁷ Tanto no período da AIB como no período pós 1945, o *Scriptum post mortum* eram as seções de jornais integralistas que noticiavam os falecimentos, bem como as datas dos enterros de sua *milícia do além*.

Com exceção dos jornais *Tribuna da Imprensa* e *Diário Carioca*⁴⁸, de propriedade dos jornalistas Carlos Lacerda e Assis Chateaubriand, a maioria dos jornais da grande imprensa carioca focou a celebração integralista com menor animosidade que a mídia paulistana. A despeito disso, alguns periódicos não pouparam frases de efeito e ataques veementes ao projeto refundador de Salgado. O integralismo foi denominado de “Insepulto” e “envernizado de segunda mão”, pelo jornal *Diário de Notícias*, que noticiou a celebração espelhada na “magnificência carismática do Chefe Integralista”, supervalorizando o acontecimento:

O Insepulto Integralismo e seu curioso ritual: Dispersou qualquer dúvida quanto a esse particular a onerosa celebração verde que se encerrou ontem a noite. A festa foi só do Integralismo. Os oradores em momento algum lembraram de mencionar o PRP. Sintomático... o partido bem que não anda bem das pernas mesmo... Porém, juntamente com os hurras surgiu também a mística integralista do Chefe. Tanto, que o chefe não pôde entrar pela porta da frente do Teatro J. Caetano... Necessitou entrar pela porta dos fundos para evitar os arrebatamentos de seus companheiros, empolgados pela rememoração integralista. (*Diário de Notícias*, 8/10/1957, 8)

Como a absoluta maioria dos jornais cariocas defendia opiniões antípodas às de Salgado, muitas de suas matérias transcenderam abertamente a barreira da mera informação. Dias após a veiculação da primeira notícia publicada sobre as festividades integralistas, o *Diário de Notícias* abriu suas páginas para um dos mais significativos adversários do Integralismo: o intelectual e líder católico, Gustavo Corção. Se de um lado, os integralistas do pós-guerra viam-se solidarizados com alguns setores da igreja católica, de outro, significativos representantes do catolicismo apreendiam a reorganização integralista de modo contrário. Em linhas nada condescendentes, Corção atacou veementemente o integralismo, tecendo um paralelo entre o que julgava moderno e anacrônico para a época. Sob a tinta do intelectual católico, o impacto das acusações desferidas contra o movimento integralista soou como uma vingança pessoal ‘à disforme e verde agremiação’.

Tivemos nessa semana o satélite artificial e a noitada integralista. Sim senhores, enquanto o planeta todo se ocupava em focar a bola que os russos atiraram no espaço a mais de 900 quilômetros de altura, os adeptos sobreviventes de Salgado se reúnem numa fúnebre *sou irrè*. Para comemorar o 25º aniversário da AIB. Tem toda razão o nosso confrade em assinalar a sombria ideia fixa daqueles que sonham em andar pra trás quando o mundo inteiro sonha andar pra frente. E é triste para ele e para mim ter que falar de Integralismo na hora em que todos falam em geofísica de rádio astronomia e de viagens interplanetárias. Devo antes dizer que não acredito muito que o futuro da humanidade esteja na linha do satélite, mas longe mais ainda está da linha do Integralismo!!! Ou do *Anauê!!!* A principal característica da comemoração integralista a meu ver, foi seu aspecto funerário, pois pelo que li, sua celebração mais se parecia com um velório. É verdade que houve a cerimônia

⁴⁸ Em ambos periódicos, podem ser encontradas importantes informações sobre as comemorações, destacando a contrariedade destes com relação ao integralismo. A consulta desses jornais estava, à época, (princípios da década de 2000) temporariamente interdita devido à microfilmagem dos mesmos. Atualmente, esses jornais encontram-se microfilmados e disponíveis para consulta. Fonte: *Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro*.

nazista da transmissão do archote, mas essa mesma cerimônia confinada no prédio do teatro mais lembrava os sírios das câmaras ardentes do que os fachos de uma *course aux Fleubert*. Não, outras partes do seu caráter mortuário foi ainda mais nítido: chamavam os falecidos e os presentes com voz de alma e de outro mundo. E estes respondiam, então: Presente! E nós, que não acreditamos que o fulano esteja presente naquela ridícula cena de celebração de uma patuscada, sentimos um certo alívio!!! Melhor assim. Dizem eles que os integralistas não morrem. Vão para a milícia do Além. Antes assim... la passando o tempo, e a certa altura da esquisita festa o locutor berrou: Andemos um pouco pra trás! E todos em um unísono responderam: Andemos! E nós nos alegamos: muito bem, andem pra trás!!! Andem! Para trás é que se anda ... E por fim soaram os tambores silenciosos... mas ora bolas como podem soar se são silenciosos??? Ora que pergunta tola. Como será que um integralista se exprime para respondê-la? A conclusão que se tira de tudo isso é a seguinte: não há termos próprios para descrever as impropriedades: a tolice se chama tolice. Assim concluo: há uma grande semelhança entre os defuntos de Salgado e os eleitores de Benedicto Valadares: Em termos políticos todos querem andar pra trás. E ainda tem mais... há um simulacro entre o governo pessedista de JK e o Integralismo: O senhor presidente consulta o senhor Plínio e este consulta os mortos, e assim vai o Brasil para trás com velocidade maior que a do famoso satélite. (CORÇÃO, *Diário de Notícias*, 10/10/1957, 5)

No final de suas considerações Gustavo Corção deixa transparecer a insatisfação de considerável parcela dos setores mais conservadores da época - dentre eles a Igreja Católica - com relação às alianças entre Salgado e Kubitscheck, que significaram a pulverização dos votos e a migração de eleitores para a candidatura de JK, em detrimento da candidatura do udenista Juarez Távora. Quando, em 1955, o partido lançou a candidatura presidencial de Plínio Salgado utilizando o slogan de campanha “*uma elite para as massas*”, foi acusado por Juarez Távora de favorecer a candidatura de Juscelino Kubitscheck, seguindo um acordo secreto que supostamente teria sido estabelecido entre as lideranças do PRP e PSD. A hipótese de que o acordo secreto tenha realmente sido realizado é reforçada pelo fato de que Kubitscheck entregou aos integralistas a presidência do Instituto Nacional de Imigração e Colonização, responsável pela política agrária do país. Enquanto Kubitscheck alcançou o patamar de 33,8% dos votos, Távora arregimentou 28,7% do eleitorado. Adhemar de Barros não passou dos 24,4%. (BOJUNGA, 287) O fiel da balança foi o percentual de votação alcançado por Salgado que rompeu a marca dos 7%, o que acabou por determinar a vitória de JK. Portanto, a presença de Salgado nas eleições de 1955 favoreceu a eleição da liderança pessedista. De um eleitorado de mais de 15 milhões de pessoas compareceram pouco mais de 9 milhões para votar, o que contabilizou um total de 59,3% dos eleitores.

Nesse sentido, o “simulacro” alardeado por Corção, foi antes uma bem-sucedida manobra política que aliançou as bases do PSD e PRP. Deve-se registrar também a clara provocação de Corção no sentido de desautorizar ou ridicularizar a aproximação de JK com o integralismo, tido por ele como o retrocesso acentuado. Não bastassem as referências nada lisonjeiras publicadas por Gustavo Corção no *Estado de S. Paulo*, a revista católica *A Ordem*, que na época era dirigida por Alceu Amoroso

Lima, passou a publicar em seus editoriais, desde 1945, um veemente repúdio à reorganização integralista. O seu ressurgimento foi considerado pela revista como “um grave erro, que nem mesmo o surto comunista poderia justificar”. (*A Ordem*, 167-168, set. 1945, 172). Ainda segundo a revista, tratava-se de um “claro retardamento da evolução democrática, um incentivo à propagação comunista”, daí concluir enfaticamente: “nos opomos inequivocamente ao integralismo” (*A Ordem*, 167-168, set. 1945, 173) Pautadas na repercussão dos eventos que englobaram a Semana do Jubileu de Prata, diversas manchetes evocaram a tentativa da estabilização econômica do PRP por meio das chamadas “promoções integralistas”. Tais operações consistiam em angariar fundos para a sigla, sem que o caráter da promoção fosse totalmente explicitado. Ou seja, embora os simpatizantes e correligionários soubessem da situação financeira do partido, jamais a sigla, em suas mensagens, mostrava-se dependente de “favores dos simpatizantes”.

A *Campanha Dinheiro pelo Bem do Brasil* foi uma das bem-sucedidas promoções realizadas pela cúpula do partido. No término da semana comemorativa, arrecadou-se um considerável montante, que ajudou a estabilizar, momentaneamente, os combalidos cofres do PRP. Alguns integralistas de Minas Gerais, por sua vez, rifaram um automóvel que continha uma tabuleta com os seguintes dizeres: “Ajudem o galinheiro de Juiz de Fora. De 10 em 10 a galinha engorda!”. Das estratégias de arrecadação de fundos para o reerguimento financeiro do partido, o pedido em espécie e as rifas de diversos gêneros foram as mais utilizadas. Mas não se restringiram a isto, utilizavam-se do mais variado leque de ações promocionais, objetivando lucros que reergueriam o PRP do poço financeiro em que se encontrava. Tanto foi assim, que como a façanha do Barão de *Münchhausen*, o partido suspendeu seu próprio corpo da situação de desconforto financeiro em que se encontrava, mantendo atividades que, posteriormente, comprovaram-se ilícitas. Dentre elas, leiloavam terrenos e importavam automóveis sem autorização alfandegária para, posteriormente, rifá-los.

Em um desses episódios de importação de automóveis, o PRP, em meados de 1958, acabou se envolvendo em uma negociata que levou a sigla ao Tribunal de Justiça Eleitoral. A acusação: importação indevida de automóveis com fins de repasse do montante para a sigla, ação inconstitucional. Na prática, significava a importação de bens materiais e sua utilização sem o devido registro. O processo tramitou no TJE até que fosse comprovada a ilegalidade da transação. Importava-se o automóvel, de preferência ajudado por simpatizantes da sigla, estrategicamente postados nos órgãos responsáveis pela operação de importação, e, sem maiores custos, taxas ou impostos, leiloavam-no. Geralmente adquirido por um correligionário, voltava o automóvel a ser leiloado, duplicando o ônus da importação. Foi em função de alguns desses leilões que a sigla pôde, em finais de 1950, estabilizar-se financeiramente. O PRP foi absolvido pelo TJE e pela Receita Federal por insuficiência de provas.

O caráter antidemocrático do PRP foi o mote explorado pelo *Jornal do Brasil*, que noticiou a “nova incursão plinista” carregando nos adjetivos:

A tirania está em voga apenas na cabeça dos que não respeitam a vontade popular. Ser popular hoje em dia não é arregimentar fardas a esmo. Por isso precisamos noticiar que ressurgem entre nós as coisas verdes. Porém é imperativo declararmos que todos estamos fartos da tirania! Quando Salgado na famigerada noite dos tambores, ameaçava a Deus e a todos com castigos implacáveis, Getúlio, tranquilamente deu o golpe para si mesmo liquidando com um simples decreto o fascismo tupiniquim e as esperanças messiânicas do chefe nacional. Plínio guardou a camisa verde no fundo do Baú, e foi escrever seus livros em tranquila vilegiatura em Portugal e agora, 20 anos depois, em franca contradição com as tendências contemporâneas ressuscita símbolos, camisas verdes, braços levantados à Romana, saudações indígenas... Não meu filho... com Brasília, fila de lotação, falta d'água, o José Maria Alckmin na Fazenda... é ruim disso vingar hein... Definitivamente não há espírito pro Integralismo vingar. P.B. (Jornal do Brasil, 9/10/1957, 4)

Da mesma maneira com que a imprensa se contrapôs ao PRP e às comemorações dos 25 anos integralistas, também repudiou a reedição da passeata integralista, simulacro de um dos episódios mais cultuados pelo movimento. Tal reconstituição causou furor na imprensa de grande circulação, que o destacou em suas primeiras páginas. Os jornais noticiaram a realização da marcha segundo posturas que variaram entre a aguda contraposição e o mais profundo desprezo. Das matérias publicadas pelos mais variados segmentos da grande imprensa, com relação à frustrada comemoração dos integralistas paulistas, talvez, o exemplo de contrariedade mais contundente tenha sido o da revista *Manchete*. Por outro lado, a notícia do frustrado episódio integralista espalhou-se por todo o território nacional, sendo reproduzida, por vários dias, em diversos meios de comunicação das mais distantes localidades do país. Há registros de programas de rádios mato-grossenses, reportagens de jornais baianos, alagoanos e mineiros, que reproduziram os acontecimentos, segundo a ótica da grande imprensa paulistano-carioca, (em especial os jornais conservadores da grande imprensa e os vinculados à rede dos Diários Associados); que na sua maioria, era absolutamente contrária ao aparecimento de um neointegralismo. Em função disso, as matérias foram sempre focalizadas segundo um padrão de sarcasmo e sátira, bastante particulares. Infelizmente não foi possível rastrear tais informações nos veículos indicados, o que gera uma margem considerável de dúvida sobre a veracidade de tais veiculações; porém, a informação serve como ponto de partida para se traçar novas interpretações sobre este inusitado episódio, que marcou esses seis meses (outubro de 1957/ abril de 1958) de comemorações integralistas. (Correio Paulistano, de maio de 1958)

Em maio de 1958, a *Manchete* publica uma matéria intitulada: “*Vergonha Verde vem aí!*”⁴⁹, na qual focaliza Plínio Salgado, Damiano Gullo (diretor regional do PRP/SP) e Leovegildo Pereira Ramos, respectivamente representantes das gerações de 1932 e 1958, perfilados e mantendo o

⁴⁹ A despeito da fotografia publicada no jornal *A Marcha* trazer o logotipo da *Revista Manchete* no canto superior direito (ver foto), sugerindo que a reportagem tivesse sido destacada da capa da revista, o que se comprovou foi que a matéria publicada por *Manchete* não foi uma matéria de capa, e sim, mais uma das muitas matérias constituintes da revista. Portanto, isto sugere que os integralistas, no afã de superdimensionar a notícia editaram a fotografia de Salgado e próceres juntamente com o logotipo da *Manchete*, numa justaposição que aumentava a relevância da matéria.

característico gesto de saudação *Anauê*. Sob uma atmosfera sensacionalista, denunciou o caráter ‘proveitador da nova/velha sigla’. A citação, apesar de longa, sintetiza a postura da grande imprensa frente ao integralismo. Descreveu a matéria:

As galinhas travestidas de águia tentam galvanizar o falecido fascismo caboclo. Retrato do fraco retorno verde Doze anos depois que vinte milhões de pessoas morreram por causa de braços erguidos (saudação nazifascista), braços tornaram a erguer-se em São Paulo. Remanescentes da antiga Ação Integralista Brasileira - cerca de 200⁵⁰ - comemoraram, durante a semana, o 25º aniversário da primeira “marcha” dos camisas-verdes, realizada naquela cidade em 1933. As manifestações se iniciaram, debaixo d’água, às 5 horas da manhã da penúltima quarta-feira, com uma “cerimônia de saudação ao nascimento do sol”, completamente ofuscado pela chuva. Prosseguiram com a inauguração de uma “exposição histórica” do integralismo e uma passeata, no sábado, encerrando-se com a convenção do Partido de Representação Popular, fachada pseudodemocrática dos plinistas de hoje. À frente de todas as manifestações, o sr. Plínio Salgado, chefe nacional daquele que em tempos foram conhecidos como galinhas-verdes e agora se rebatizaram como águias-brancas, declarou que se enganaram os que supõem morto o integralismo. “Éramos 800 em 1937, somos agora um milhão”. Garantiu que sua doutrina é hoje a força dominante nas Forças Armadas e ganha terreno em todo o mundo. Disse ainda que a expansão do comunismo é uma balela: trata-se apenas de conquista territorial, favorecida pelo Acordo de Yalta, os integralistas, no momento, constituindo o fiel da balança sucessória, em São Paulo. Mas a verdade é que a manifestação de há duas semanas atraiu muito pouca gente, sendo poucos os que ainda não se acanham de usar camisa verde em público. Por outro lado, foi fraquíssima, para não dizer inexistente, a repercussão no resto do país. De qualquer modo, eles tiveram, às vésperas da Lei de Fidelidade, toda a liberdade para berrar e desfilar em público, sem que a Polícia os incomodasse e também sem que o povo se incomodasse com eles. *Necessitamos descobrir quem acoberta esses proto integralistas e congêneres, para que não deixemos passar as mesmas vergonhas que outrora o Brasil foi obrigado a conhecer.*⁵¹ (*Revista Manchete*, nº 317, 17/05/1958)

As respostas integralistas não tardaram. O jornal *A Marcha* publicou réplica que inverteu os argumentos da revista *Manchete*, demonstrando que o projeto de permanência integralista era, antes de tudo, bem assessorado.

A frase é verdadeiramente formidável!

E... de agora em diante, na boca de nossos oradores e na penna de nossos jornalistas, será o grande ‘slogan’ de nossas campanhas, o magnífico cartaz com que nos apresentamos à Nação. Entre todas as homenagens rendidas ao Integralismo pela imprensa, pela televisão, pelo rádio e pela Tribuna Parlamentar, nenhuma foi mais expressiva e eloqüente que a da Revista *Manchete* da capital federal. Publicando o mais belo dos clichês sobre a comemoração grandiosa ocorrida em São Paulo, aquela revista o marginou com um título que é um

⁵⁰ As estimativas integralistas computaram cerca de 500 pessoas, entre ex-integralistas, correligionários do PRP e simpatizantes. A polícia que acompanhava a solenidade apresentou outros números em seus relatórios: ‘*mais ou menos 350 pessoas*’. Fonte: *Relatório da Polícia Militar do Estado da Guanabara*. Folha 15, de 25 de abril de 1958. Publicado no *Jornal do Brasil*, de 27 de abril de 1958.

⁵¹ Após 1955, outra revista de envergadura nacional, a revista *O Cruzeiro*, teria uma postura menos inquisitiva com relação ao integralismo, comprovando, mais uma vez, a ambígua relação entre Chateaubriand e Salgado.

aviso profético: 'Vergonha Verde Vem Aí!'. O Integralismo é considerado, numa época de desbramentos e desbragamentos impudicos, a própria vergonha da Nação. Vergonha por tudo o que degrada o nosso país. Sim! Vergonha verde vem aí! Pois num país em que se perdeu a vergonha, que apareçam os homens de vergonha. Que venha a Vergonha Verde para dar vergonha a quem já a perdeu. (...) Certa imprensa se compraz em divulgar tudo o que há de negativo: o comunismo, o divorcismo, o escândalo, a irreverência para com as coisas sagradas... Dizem que isso é 'jornalismo moderno'. Mas para nós isso é ausência de responsabilidade. Por isso, para que o senso de responsabilidade volte, que volte a Vergonha Verde dominar todas as consciências e corações. Por isso tudo, *A Marcha* exprime os sentimentos de todos os integralistas e agradece à *Manchete* – profética e iluminada - a frase interpretativa do atual momento histórico nacional. (*A Marcha* 5/1/1958, 5)

Assim, os integralistas apresentavam-se à nação como os únicos e verdadeiros “bastiões da vergonha e da honradez políticas: virtudes, imperceptíveis no cenário político de então”. (Boletim PRP-RS, 13/5/1958, 4) Utilizando-se de uma manobra político-discursiva bastante incomum, o PRP apresentou-se como uma alternativa aos “gêneros do mercado disponíveis no momento”⁵²: o representante de uma política de moralização, mesmo que para muitos, tal artifício tenha soado como artimanha estritamente demagógica. Como resposta ao coro de repúdio da imprensa, Salgado defendia-se afirmando que o partido detinha uma doutrina perfeitamente democrática e condizente com as normas da nova Constituição. (*A Semana*, 08/05/1950, 24) Pressionado sobre o caráter das celebrações, Plínio Salgado esclareceu: “não se trata de reforma, mas de transformação!”. É interessante salientar que, desde as primeiras entrevistas cedidas pelo chefe integralista, o conceito de transformação foi o centro de seu discurso: “queremos promover uma mudança nada processual, mas com um teor de ruptura determinado pela situação política na qual se encontrava o PRP (...)”. (*Diário Popular*. Caderno 2, 8/10/1957, 1) Note-se que a iniciativa da transformação em questão, “a partilha de um passado e futuro”, não partiu exclusivamente das entranhas do PRP, mas também de uma minoria saudosista que congregava ex-militantes e forças políticas de grande expressão no cenário político nacional, o que foi bastante explorado pelos jornais adversários.

Em matéria de duas colunas cujo título era: “Não voltarão os camisas verdes?”, a *Folha da Manhã* priorizou estratos da entrevista e discurso de Salgado, sustentando sua contraposição à figura do líder integralista que, ao ser indagado sobre a comemoração e a rememoração do antigo movimento, respondeu:

Não, não voltarão os camisas verdes. Sei da anacronia deste símbolo, que fora inclusive sugerido, isto é, parcialmente sugerido pelo antigo general.... Mais importante é que hoje a chama não morreu. Quiseram queimar o verde do uniforme assim como fizeram com as matas do relampejo febril, como se sentem politicamente as novas gerações, mas não conseguiram. O verde morreu só no uniforme, que era importante naquele momento para

⁵² Aqui fazemos referência à metáfora utilizada por Salgado num de seus discursos na bancada da Câmara dos Deputados, no início da década de 1970. Salgado faz uma retrospectiva das coligações políticas realizadas pelo PRP em finais da década de 1950, com especial enfoque ao fortalecimento da UDN e à articulação entre o PTB e o PSD. Ver: *Plínio Salgado na Câmara dos Deputados*, na comemoração do 40º aniversário da AIB. *Perfis Parlamentares da Câmara dos Deputados*. 27 de fevereiro de 1971.

contrapor a uma ideia fascistizante de camisas caqui e preta. Era essa a diferença. Hoje não. Hoje o ideário fica, mas veste roupagens diferentes. (*Folha da Manhã*. 8/10/1957, 6)

Sob o título: “Águias Brancas assumem a vanguarda”, a *Folha da Manhã* publicou o discurso proferido por Salgado, cujo tom foi o forte sentimento nacionalista. Nas palavras do “chefe”:

o antigo personificado no novo e vice-versa, pois não podemos deixar de registrar que esses festejos não foram promovidos pelo PRP. Seus promotores são os jovens nascidos após o lançamento de nosso Manifesto. São eles os representantes de mais de 500 centros de cultura da Juventude, os chamados Águias Brancas. Seus filhos se tornaram mais integralistas que a geração de 32. No entanto somos todos uma família: o PRP, os Águias, os jovens dos Centros, os antigos amigos, militantes, simpatizantes, correligionários, a imprensa, todos... somos uma família. (*Folha da Manhã*. 8/10/1957, 7)

Em outra entrevista, ainda indagado pelo jornalista da *Folha da Manhã* sobre que tipo de roupagem ideológica vestiria, Salgado argumentou: “a da democracia, é claro! Que pretensão nós teríamos, não fosse a de nos congratularmos ao novo dispositivo ululante da democracia”. E acrescentou um adendo à interrupção do repórter, ponderando sobre algo que tornar-se-ia um problema para seus correligionários: a questão da transferência de poder: “(...) os nossos legatários voarão alto, serão os Águias Brancas para quem passaremos o archote do poder. Não sejamos generosos com nossos algozes, mas não traiamos nossa paciência”. (*Folha da Manhã*, 8/10/1957, 7) Vale notar que o conceito de democracia, ao qual Salgado se referiu, soou para os jornalistas como mais um exercício de retórica utilizado pelo chefe integralista. A concepção de democracia orgânica, idealizada por Salgado, mostrou-se como mais uma “falastrice repugnável, que envergonhava, simultaneamente, os verdadeiros democratas e até os verdadeiros integralistas que, embora fossem de fato vermes do fascismo eram coerentes com sua vocação”. (*Folha da Manhã*. 9/10/1957, 6.)

Por outro lado, é relevante destacar que a “falta de generosidade” mencionada por Salgado no final de seu discurso, dirigia-se ao escárnio com que o jornal *O Estado de S. Paulo* referira-se aos perrepistas. Os periódicos integralistas, sobretudo *A Marcha*, não foram nada generosos com o ‘bravo matutino’, qualificando-o como “o mais nobre representante do liberalismo putrefato da nação (...) O verdadeiro banqueiro da notícia corrupta e inepta”. (*A Marcha*, 9/10/1957, 3) Acusado pelo jornal *O Globo*⁵³ de se equiparar a um copiador compulsivo, representante de uma ideologia anacrônica e um farsante da retórica, Salgado reagiu enfaticamente:

⁵³ *O Globo*, desde os anos 40, havia se constituído num opositor sistemático do integralismo. No início do período de rearticulação partidária, as acusações entre Salgado e Roberto Marinho acabaram rompendo a esfera ideológica. Em 1946, o jornal *Idade Nova* (antecessor *dA Marcha*) publica um artigo acusando *O Globo* e seu proprietário de serem comparsas de uma mistificação jornalística. O jornal *Idade Nova* expressou seu conceito sobre Roberto Marinho da seguinte maneira: “Roberto Marinho terá que sofrer todas as consequências de sua irresponsabilidade de prosaico gozador da vida, de analfabeto atrevido, de ‘gangster’ sem inteligência nem virilidade, um energúmeno irresponsável. Roberto Marinho compreende, pela queda da vendagem de sua folha velhaca, que a opinião dos homens de bem, do povo, que é juiz imparcial, não se conforma com os argumentos ridículos, com os pretextos pueris com que *O Globo* lançou mão para excusar-se a fornecer os elementos que levaram a articular as mais graves imputações contra a honra de Plínio Salgado”. Ver: ‘*Vergonha para a imprensa: falência moral de O Globo*’. *Idade Nova*. 8/6/1946, p.1 e 4. Nos anos 50 a contraposição ideológica continuou.

Quem diria que voltaria no local onde fui condenado à força pelos comunistas para comemorar o jubileu de prata e força integralista sob os olhares atentos e aplausos festivos da população brasileira... esta é mais uma prova que a força se faz em conjunto. Ideologia anacrônica? Copiador compulsivo? A resposta é dada nesta noite: um cérebro e um corpo forte: eis o resultado do melhor possível...O problema é que Marinho e seu jornalzinho não respeita sua vez... ele ainda terá chance, se algum dia virar um jornalista de verdade. Desde 45 nos encontramos... e desde lá, me faz ou manda fazer sempre a mesma pergunta: fraquinho esse repertório não Marinho? (*O Globo*, 8/10/1957, 10)

Para *O Jornal*, Salgado afirmou: “(...) os camisas verdes ainda estão vigilantes e bem vivos (...) para a cruzada de redenção da Pátria. Não somos anacrônicos porque Chronos está a nosso favor”. (*O Jornal*, 8/10/1957, 6) As respostas integralistas aos ataques da grande imprensa compuseram mais um capítulo no projeto de supervalorização do movimento. O exemplo das réplicas publicadas nos mais diversos jornais da época, seguidas da contundente resposta ao artigo da revista *Manchete*, vieram a acentuar o caráter combativo da sigla, que tentava se restabelecer publicamente como uma real possibilidade de escolha, dentre as muitas alternativas do cenário político. Nessas intervenções encontramos o divisor de águas entre a tímida postura do Partido de Representação Popular pré-1957 e o caráter mais ofensivo adquirido pela sigla a partir de então.

A IMPRENSA INTEGRALISTA

Os festejos das bodas de prata, bem como as respostas às acusações dos grandes jornais, forneceram o tema para uma campanha de valorização do integralismo. No entanto, a celebração não se alimentou apenas das questões públicas (os festejos populares), mas também da materialidade expressa na vendagem de seus produtos. A compra de suvenires despertava no simpatizante a manutenção de sua lembrança e o sentimento de pertencimento ao integralismo, o que estimulava a permanência cotidiana dessa cultura material. Se a imprensa posicionou-se contrariamente ao reaparecimento da mística e simbologia integralistas, a mídia impressa integralista, por sua vez, destinou um significativo espaço para a propaganda de sua doutrinação e vendagem de seus produtos.

Depois dos anos 1950 os fatores do progresso brasileiros incorporaram-se a receita jornalística de grande escala o produto de nova forma de veiculação, como o anúncio a varejo, a mensagem institucional, e a gama de produção que derivava do novo ingrediente: o marketing. (BAHIA, 1990, 145) Foi, portanto, a otimização da imprensa/empresa, que favoreceu o fortalecimento do consumo no setor editorial, redimensionando as perspectivas do setor jornalístico brasileiro. A propaganda, por sua vez, passou a desempenhar papel fundamental no panorama político e ideológico, fomentando o consumo de bens produzidos pela denominada *indústria cultural* incipiente, mas promissora. Nesse sentido, o papel desempenhado pelo jornal *A Marcha*⁵⁴ - que

⁵⁴ Folha semanal substituta do diário, *Idade Nova* (jornal oficioso do partido até 1951).

permaneceu como órgão oficial do partido até 1965, sob a direção de Plínio Salgado e a redação de Gumercindo R. Dórea - foi fundamental.

A *Marcha*, órgão oficial de imprensa do Partido de Representação Popular, foi o mais significativo periódico do integralismo de pós-guerra, o porta-voz do PRP. Com uma circulação nacional, o semanário era mantido com a colaboração dos assinantes e dos pouco mais de 50 anunciantes, dentre os quais se destacavam empresas de projeção internacional, como empresas aéreas, de laticínios, empresas farmacêuticas dentre outras. Entretanto, o maior montante do dinheiro utilizado para a manutenção dos quadros do jornal, bem como para manutenção do maquinário provinha das assinaturas, que em março de 1958 foram contabilizadas em mais de 25 mil em todo o território nacional.

Havia no jornal seções diferenciadas para abarcar todas as faixas etárias. Assim, ao mesmo tempo em que havia as seções políticas e econômicas, geralmente voltadas ao público masculino adulto, havia também o suplemento feminino, o caderno adolescente e o infantil. O público d'A *Marcha* era, principalmente, os correligionários do PRP e simpatizantes do integralismo. Uma vez que o jornal era semanal, a rede de distribuição d'A *Marcha* abrangia a maioria das grandes cidades do país, do Amazonas ao Rio Grande do Sul. De acordo com Gumercindo R. Dórea, redator chefe do jornal, até 1959 - "mesmo que demorasse para chegar, com alguns dias de atraso, nossos leitores não ficavam sem o jornal... estivesse ele na Bahia, ou no Maranhão, em São Paulo ou no Rio, onde o jornal era pensado, diagramado e prensado". (DÓREA, 19/11/2001)

Diretórios do PRP de todos os estados enviavam mensagens confirmando o recebimento do jornal. Diversos telegramas de diretórios do interior dos estados das regiões norte e nordeste, além da região sul, foram enviados ao Diretório Nacional do PRP e à redação do semanário, o que comprova a amplitude da rede de distribuição d'A *Marcha*. Tais telegramas eram frequentemente publicados nas páginas do jornal.⁵⁵ De acordo com um anúncio veiculado sistematicamente no hebdomadário: "A *Marcha* é o semanário, entre todos os jornais do país que penetra em mais municípios brasileiros, ou seja, 1850 municípios. A *Marcha* alcança onde o brasileiro está. De cima a baixo do mapa nacional". (A *Marcha*, 26/7/1957, 1)

Geralmente, diagramado nos cantos de baixo da primeira página, o anúncio era sempre enquadrado em margens coloridas (azul ou vermelho), o que o diferenciava dos demais. A despeito da hiperbólica propaganda, o nome dos 1850 municípios jamais foi publicado no semanário, nem mesmo em pequenas seções, o que suscita a dúvida quanto a veracidade do montante. Teria realmente a distribuição alcançado tal amplitude ou a indicação dos milhares de municípios não passou de mera retórica de propaganda?

A tiragem oficial do semanário é desconhecida. Entretanto, diversas vezes foram publicados balanços da empresa jornalística que apontam para números aproximados. Entre 1957 e 1959,

⁵⁵ "Acusamos recebimento - *Marcha* nº 357, com atraso, mas em tempo sabermos a quantas anda nosso partido. Saudações integralistas - Diretório de Ahaurum-Mirim- PB. 5 de julho 1956". Telegrama do Diretório Estadual do PRP da PB. Acervo Plínio Salgado. Telegramas passivos.

a tiragem d'A Marcha oscilou entre 25 e 30 mil exemplares semanais. (*A Marcha*, 26/9/1958, 9) Entretanto, a meta inicial pretendida pelo jornal era a casa dos 50 mil.

Ontem, hoje e sempre o PRP e A Marcha estão do lado do verdadeiro patriota, noticiando o que o brasileiro precisa saber. Enquanto a voz da verdade, enquanto a pena e a tinta do patriotismo estiverem trabalhando por um Brasil melhor, Você não tem o que temer. Mas para isso é preciso que divulgue nosso ideal. Divulgue nosso partido. Divulgue nosso jornal. A Marcha, nesses 6 anos de prestação de serviço, orgulha-se de poder ser chamado de órgão oficial do Partido de Representação Popular e de ter em seus leitores a marca de quase 50 mil brasileiros. (*A Marcha*, 26/9/1958, 9)

Anúncios como este começaram a ser veiculados em abril de 1957 e perduraram até o final de 1958. Entretanto, foi a partir de setembro de 1957 que o jornal passou a anunciar uma gama significativa de suvenires, com a clara intenção de rerepresentar a marca integralista. Dentre os produtos oferecidos com vistas à comemoração das bodas de prata integralista estavam distintivos do PRP, que se diferenciavam pelo gênero (homens e mulheres usavam distintivos diferenciados), flâmulas do Sigma e de Salgado, régua, lapiseiras, calendários, termômetros com a figura do líder integralista imersa no interior do tubo medidor (algo sofisticado para os padrões da época), cinzeiros, utensílios de cozinha, jogos de chá com o Sigma impresso, carteiras de fósforos, formas de bolo, diplomas artísticos, canetas esferográficas, broches, pratos de louça e discos promocionais com jingles integralistas.⁵⁶

Em um desses jingles, cunhados originalmente para a campanha presidencial de 1955, mudou-se o refrão para se reaproveitar a melodia. Ao invés de: “vamos votar no homem...”, assim ficou: “Chegou, chegou a hora de brindar, com essa chance e Plínio Salgado fazer o Brasil melhorar... vamos saudar o homem, iá iá - iô iô, vamos com Plínio vamos, io io - ia ia, você vai com mamãe depois vai com papai, e se ele entrar não diga que vai mais não vai...”⁵⁷ Outros materiais foram elaborados, como carimbos e fotografias de Plínio Salgado em vários tamanhos e autografadas. Nesse sentido, é emblemático o texto constituinte da *Tabela de preços dos suvenires da campanha dos 25 anos*, que dizia o seguinte: “Integralista, se você vem ao Rio assistir às comemorações de 7 de outubro, adquira os objetos que recordam esse fato histórico e guarde-os para que passem, de mão em mão, a seus filhos, netos e bisnetos. E se você não pode vir, encarregue seu companheiro que vier de comprar e levar para você uma dessas lembranças”.⁵⁸ Todos esses produtos movimentaram um considerável aparato industrial e comercial que dava suporte à marca integralista. Empresários, industriais e comerciantes simpatizantes do movimento e ligados aos mais diferentes ramos, foram

⁵⁶ A respeito ver: o jornal *A Marcha*, especialmente os números de setembro de 1957 a abril de 1958.

⁵⁷ Jingle: “*A hora de Plínio*”. Disco Promocional (Compacto) lançado na campanha para a presidência de 1955. Letra modificada para as comemorações dos 25 anos. Setembro de 1957. Acervo Plínio Salgado. Arquivo Histórico Municipal de Rio Claro.

⁵⁸ Propaganda veiculada no jornal *A Marcha* de 27/9/1957, p.3. Perceba a preocupação dos integralistas com relação de seu ideário simbólico junto às gerações futuras, um dos pilares da conceituação propagandística do movimento. Ver anexo, *Tabela de Preços dos suvenires*. Figuras 18 e 19. Grifo meu.

os responsáveis pela fabricação e distribuição desses produtos. Sua vendagem foi organizada pelos integralistas, que se valeram de malas diretas e reembolso postal. Um exemplo dessa prática foi o serviço de Caixa Postal mantido pelo movimento. O interessado enviava seu pedido e os integralistas remetiam os produtos, no período máximo de uma semana. Assim, as mercadorias integralistas chegavam à residência do consumidor em prazo bastante curto, o que gerou um fluxo contínuo de remessas, principalmente no período de setembro a novembro de 1957. Em consonância com a indústria cultural que se formalizara⁵⁹, o Sigma apresentou seus produtos visando atingir os mais variados setores sociais. Nas páginas dos jornais perrepistas, em especial *n'A Marcha*, as propagandas desses produtos ganharam vida. O jornal foi o fórum das discussões partidárias e o armazém mais bem sortido dos integralistas. Procurando abarcar as mais diversas clientelas, tais anúncios objetivavam “falar a língua dos que tomavam contato com eles [produtos]”. Por meio dos anúncios, ou “reclames” como eram normalmente citados, comunicavam-se com os mais diferenciados receptores, apresentando um significativo número de produtos. Falava-se à *dona de casa*, ao *provedor do lar*, ao *coleccionador*, aos *militantes saudosistas*, ao *trabalhador*, ao *adolescente*. Analisemos alguns exemplos:

Acham-se a venda os distintivos do PRP, aprovados recentemente no Congresso de Vitória, trazendo o Sigma de volta como símbolo do PRP. Com ele mostraremos de quem somos, a que doutrina pertencemos. Compre o seu já. O seu e de seus irmãos, filhos e amigos... Presenteie com broches do Sigma, filetas do Sigma, Cordões do Sigma, e para sua senhora: anéis e colares com pingente do Sigma. Pois agora: é por meio dele que nós voltaremos a nos identificar. Pedidos, podem ser feitos ao Sr. Paulo R. Bandeira, Secretário Nacional de Propaganda, na Capital CX postal 5144. Obs: O lucro médio de 30% sobre os preços acima será empregado no pagamento das despesas das festas e comemorações. (*A Marcha*, 6/9/1957, 2)

O primeiro segmento social a ser destacado pelo assédio propagandístico dos produtos que levavam a marca Sigma foi o das mulheres, ou, de acordo com os integralistas, o das donas de casa. No estrato abaixo, tem-se a dimensão de como o direcionamento se deu:

A Marcha em sua nova fase não quer levar apenas as notícias semanais aos seus leitores e a orientação doutrinária, deseja como um jornal de base cultural penetrar mais profundamente nos lares, e para isso instituiu, dentre outras, esta dedicada exclusivamente às mulheres (...) Nosso objetivo, portanto é oferecer tudo que seja importante para a mulher para o desempenho de sua elevada missão, conhecimentos que vão da moda aos cuidados pessoais e domésticos. Além desses objetivos procuramos despertar para os problemas sociais... assim sendo uma reparação rigorosa e completa lhe deve ser ministrada tendo por base a educação integral (...) Eis porque daqui desta página feminina procuraremos abordar todos esses aspectos, do pequeno conselho ao trabalho de arregimentação da

⁵⁹ É significativo destacar que no mesmo período inauguraram-se novas diretrizes na veiculação de “anúncios”. Realizou-se o primeiro Congresso Brasileiro de Propaganda, encontro que alterou sensivelmente as campanhas publicitárias brasileiras. Desde então, a propaganda brasileira passou a ser encarada como algo mais profissional. Logo, mais rentável. Realizada na cidade do Rio de Janeiro, durante os dias de 29 a 31 de outubro por iniciativa da Associação Paulista de Propaganda e da Associação Brasileira das Agências de Propaganda, tal Congresso redefiniu as diretrizes da propaganda brasileira.

mulher... para uma cruzada de redenção nacional pela sua acção decidida, patriótica e cristã. (A Marcha, 6/9/1957, 2)

Os anúncios integralistas buscavam, de maneira mais específica, comunicar-se diretamente com a figura da mulher dona de casa. Essa rotulação limitava a sua ação social, uma vez que ela era vista pelo integralismo como a responsável pela administração do lar. Tal postura indica os limites da modernização do discurso integralista: as mulheres, ao invés de companheiras, seguiam sendo caracterizadas pelas funções domésticas. Vale notar que a realidade feminina da época contradizia o discurso passadista apresentado pelo Integralismo, o que aprofundou as contradições entre as posturas do partido e a prática social, atestando o descompasso integralista. A casa continuava sendo vista como o espaço social feminino, no qual a mulher interagia tão somente no sentido de proporcionar à família bem-estar e comodidade. Fica evidente a condenação de tudo o que desviasse do padrão por eles idealizado, como se vê no anúncio transcrito:

Donas de Casa. Não deixem de fazer no dia 7 de outubro, um doce usando as formas que reproduzem o Sigma. Bolos com a forma de Sigma dão força aos seus filhos. Dentro de cada lar, a família reunida, ao partir o bolo, o pudim, a torta a gelatina de 'sigminhas'.... o manjar... terá diante dos olhos o símbolo de tão alto ideal e que recordará – na data do Jubileu de Prata do Manifesto de Outubro - as lutas de 25 anos pelo bem do Brasil. O Brasil integralista precisa da força de você: Rainha do Lar. E prestigia a todas que não se desvirtuam do sagrado compromisso de manter-se fiel aos domínios domésticos. Encomendas e pedidos ao Departamento Feminino do PRP, dirigindo suas cartas à D. Mariana de Alencar – Rua Dias da Rocha, 30, apto. 1001 – Copacabana – RJ. Os pedidos da capital serão atendidos pelo fone:57-43-87, ao preço módico de CR\$75,00. Quando pelo reembolso postal será acrescido a despesa de embalagem e selos postais. Podem-se também ser encomendados milheiros. (A Marcha, 8/7/1957, 6)

Neste estrato é possível visualizar a tentativa de envolver todos os familiares na celebração. Mais nítida, porém, é a mensagem endereçada à mulher que já se constituía em força de trabalho significativa. A clara postura estigmatizante do anúncio abre precedentes para interpretações preconceituosas. Para a doutrina integralista, cada gênero possuía suas respectivas funções sociais. “Nem inferior, nem superior ao homem, a mulher é simplesmente diferente. E esta diferença é que gera o equilíbrio” – afirmava uma das representantes femininas, em entrevista ao suplemento feminino do jornal, *A Acção*. (CORBISIER, EI, IX, 1959, 76) A dona de casa, personagem importante na manutenção familiar, foi um dos alvos mais perseguidos pelas campanhas publicitárias integralistas. De acordo com Margarida Corbisier, “a própria mulher integralista assumia a diferença entre a função masculina e feminina, reputando a ela mesma o papel de cuidadeira do lar”. (CORBISIER, EI, IX, 1959, 76). A despeito da questão sobre a subserviência feminina no integralismo, ter sido mais complexa nos anos 1930, percebe-se, nos anos 1950, resquícios bastante marcantes de tal postura. Nos anos 1930, os integralistas defendiam o casamento, a maternidade, condenavam a luta pela emancipação

feminina, e também, incorporaram uma série de valores modernos em relação à mulher e à família. Para os padrões atuais de busca por isonomia entre gêneros, o trecho abaixo é mais que um retrato de época, é algo a se sepultar:

Para o integralismo, a mulher burguesa deveria ser combatida pelo bloco homogêneo de resistência e combate à tendência perniciosa da mulher para o materialismo corruptor, acarretando o descuido dos filhos, com repercussão tremenda na sociedade. Por isso afirmo: urge, a bem da humanidade, um corretivo à loucura da mulher, de querer igualar-se ao homem em tudo, em contraposição, às leis biológicas quando o que lhe compete é procurar corrigir seus vícios e desregramentos. Enquanto as mulheres se mantêm adstritas aos deveres naturais da senhora do lar, da zeladora de sua economia, educadora dos filhos, os homens crescem em importância dado seu valor de provedor. (PENNA, El. IX, 1959, 42)

No discurso médico, por exemplo, a mulher - mãe, dona de casa - possuía papel de destaque nos projetos integralistas. A educação feminina era defendida com o objetivo de preparar a mulher para ser uma mãe melhor, mais preparada; para ter condições de formar seus filhos sob novos critérios higiênicos etc. O próprio Plínio Salgado afirmou, diversas vezes em seus discursos, que o valor feminino só era compreendido mediante sua função orgânica, ou seja, sua função enquanto pessoa zeladora dos afazeres domésticos. Para o chefe integralista, “o trabalho feminino fora do lar, a busca desvairada da satisfação dos desejos materiais está solapando a estrutura familiar. Com ela, desmora a Pátria. Definitivamente, a função feminina é antes a função maternal”. (SALGADO, El. IX, 1960, 36)

A despeito das mulheres integralistas estudarem e trabalharem no movimento, como professoras, enfermeiras, assistente-sociais e jornalistas, elas aparecem nos discursos muito mais como colaboradoras e companheiras dos homens na missão de construir o Estado Integral, porém, subservientes às demandas masculinas. Embora Salgado defendesse que a função da mulher provinha de natureza diferente da função exercida pelos homens do movimento - “são elas mais frágeis e necessitam educar a geração futura”⁶⁰ - sua restrição ao âmbito doméstico suscita um papel secundário, sobretudo na esfera política. Já nos anos 1950, o discurso que agregava a função social feminina ao âmbito doméstico cresceu, o que evidenciou a participação coadjuvante da mulher na política integralista. Isso fez aflorar novamente a noção consagrada nos anos 1930 de que as mulheres não poderiam ultrapassar os limites domésticos, no máximo os setores ligados à educação. Carmen Pinheiro Dias, blusa verde⁶¹ representante dos setores de educação e lactários da antiga AIB acrescenta: “a posição da mulher face ao integralismo é, foi, e sem dúvida será sempre,

⁶⁰ “O que a mulher necessita, seus deveres e obrigações”. *A Marcha*. Diversos artigos veiculados no período de agosto a dezembro de 1957.

⁶¹ Na década de 1930, a divisão feminina do integralismo era denominada *blusa-verde*. A dos homens, *camisa-verde* e das crianças e adolescentes, *plinianos*. *Protocolos e Rituais*, p.27.

trabalhar para a família. É este espaço, o centro por excelência da atuação da mulher”.⁶² (DIAS, EI, IX, 1960, 56).

Nos anúncios dos periódicos analisados, a figura da mulher do lar passou a figurar como catalisadora da força familiar, real alicerce da doutrina integralista. Nesse sentido, a dona de casa - um dos rótulos da mulher integralista⁶³ - foi uma personagem tão importante para o movimento quanto foi a figura masculina, jovem ou adulta. Embora visando a mesma finalidade, as propagandas se faziam de maneira absolutamente distinta. A figura feminina aparece como uma mera consumidora de formas de bolo, panelas e coisas do gênero. Aqui se evidencia o caráter estigmatizador do movimento, herança controvertida dos tempos da AIB. De qualquer maneira, a função social feminina, embora secundária com relação à masculina, não deixava de gozar de prestígio, como atesta a preocupação dos anúncios.

Ainda com relação ao estrato referente à comercialização dos suvenires, vale notar como tal aparato pôde comercializar no atacado um número tão expressivo de formas de bolo com a silhueta do Sigma. Cigarros, réguas e canetas seguiram os mesmos itinerários das vendas das forminhas. Notas fiscais da época comprovam que diversas ‘formas sigmáticas’ foram vendidas.⁶⁴ Modelar nesse sentido é a nota fiscal nº 21003, emitida pela Indústria de panelas e similares de esmaltados: Santa Sincopa/Rio de Janeiro S. A., cuja quantidade descrita atingia o número de 18 mil formas de bolo. Apenas nos meses de setembro a novembro de 1957, mais de 50 mil formas de bolo e similares foram comercializadas⁶⁵. Cabe perguntar se todos os consumidores eram, de fato, simpatizantes e/ou militantes do partido ou se o formato inusitado das formas de bolo do Sigma atraiu consumidores incautos.

Simultaneamente aos estratagemas utilizados para aproximar a dona de casa da doutrinação, e atentos aos demais segmentos da sociedade, os integralistas afinaram sua busca de prática doutrinal, seguindo uma das preocupações mais diretas do partido: arregimentar novos simpatizantes para a sigla. Evidenciou-se, então, uma campanha conjugada, visando abarcar um amplo espectro de pessoas. A figura masculina foi privilegiada. No trecho abaixo é clara a preocupação do partido em trazer para seus quadros o provedor do lar:

Poesia para o Bom Homem

Se tu és o provedor do Lar, o que trata das eventuais dores e rega as alegrias do lar, a família depende de vc. A Nação depende de vc. O integralismo depende de vc. Não podes, no entanto, desapontar a tríade de sua vida. Venha participar das sessões de doutrinação. Lá você poderá levar seus filhos, sua esposa e todos juntos serão trazidos à verdade.

⁶² Carmen Pinheiro Dias foi secretária geral dos CCCJ durante o período de 1957-59.

⁶³ Havia outros, em diferentes anúncios: *zeladora, enfermeira da saúde do lar, prestadora eficiente de bons serviços, àquela que sempre está atrás de um bom integralista etc.*

⁶⁴ Descrição do item arrolado na nota fiscal.

⁶⁵ Nota nº: 21003. *Indústria de panelas e similares de esmaltados: Santa Sincopa/Rio de Janeiro S. A.*, datada de 27 de setembro de 1957. Nos meses posteriores a demanda continuou sendo que o mês de outubro movimentou um maior número de vendas. Dados: Acervo Plínio Salgado/Rio Claro. *Notas e Protocolos.*

Você que provê seu lar provenha de inteligência sua família. Deixe que o PRP venha até você. (*A Marcha*, 15/9/1956, 5)

Dentre os anúncios veiculados, eram mais comuns os que procuravam despertar a atenção dos colecionadores. Integralistas de longa data, tais colecionadores encontravam, nesses anúncios, ofertas de vários produtos: canetas, selos de Plínio Salgado e do Sigma, calendários e folhinhas do PRP, caixinhas de fósforos com a sigla em vários tamanhos e cores, enfim, suvenires os mais diversos. A diretiva heterogênea das propagandas integralistas no período pós-guerra foi marcada pela abertura de um extenso leque de opções e produtos. Bom exemplo dessa diversidade é o anúncio transcrito abaixo:

Já está à disposição dos que colecionam as galetitas de fósforos do PRP, o mais novo modelo dourado, trazendo na capinha a foto do chefe com relevo do mapa da Nação. Desta vez as caixinhas virão com 50 palitos e não mais com 30. É um presente do PRP aos amigos colecionadores que poderão ser adquiridos pelo telefone. Mas se você prefere ainda os marcadores de livro do sigma dourados ou prateados, continuamos vendendo: Pedidos pelo telefone:57-43-87, ou pela Cx postal 5144. (*A Marcha*, 4/3/1956, 5)

Os anúncios destinados aos trabalhadores, por sua vez, eram apresentados de maneira diferenciada, contendo, além do texto descritivo, ilustrações que dialogavam com os mais variados segmentos da sociedade. Veja-se exemplo:

Você, amigo do Sigma, venha trabalhar conosco. Venha comemorar conosco nossos 25 anos. O Brasil precisa dos seus serviços. Preciso dos serviços dos trabalhadores de toda a Nação quando a chama do archote integralista quase triunfou, e precisará mais do que nunca, para a vitória do nosso Brasil. Você, que produz, molda, tece, pinta, corta, você que medica, advoga, que ensina... você que pensa também... Você que está nos sindicatos traga para o partido mais companheiros. O PRP cresce dia a dia, mais ainda precisa crescer. Por isso, filie-se e conheça a verdadeira doutrina nacionalista. Contatos no diretório do PRP de seu Estado, ou cidade. O PRP é o único autorizado a usar a chama do Sigma.⁶⁶

Obedecendo a estratégias de aproximação propagandística bastante variadas, que se confundiam, muitas vezes, com a própria doutrinação, os anúncios voltados aos militantes propriamente ditos eram divididos em algumas sessões específicas, explorando pontos de aproximação particulares. As propagandas comparativas: “Somos nós o diferencial entre o passado carcomido e o futuro representável”; as que traziam embutidos nos textos um “chamamento imperativo”: “seja um correligionário do PRP!”; as de interpretação subjacente: “O Brasil anda bem? Porque você não o Recupera e o melhora Praticando?”; e aquelas cujo texto dirigiu-se a um público indiferenciado:

⁶⁶ A ilustração que acompanhava este anúncio trazia um balcão de empregos separando uma imensa fila de trabalhadores dos atendentes. Ao fundo uma faixa: “O trabalho mais dignificante é o trabalho pela Nação. O Partido de Representação Popular está disposto a caminhar com você trabalhador nesse caminho de procura e de vitória”. Infelizmente, tal página está impossibilitada de ser reproduzida por fotocópia devido a seu péssimo estado de conservação. *A Marcha*, 6/4/1955, última página.

Todos podem se filiar ao PRP: senão vejamos: podem ao menos ajudar aos companheiros consumindo seus produtos: Um caixa de fósforos, um selo, uma marca de cigarro que você mude, passando a fumar Cigarros do Sigma, você está ajudando a nos promover, mostrando ao Brasil que somos bem mais que meros arregimentados de pessoas e ideias. Somos o partido da Nação.⁶⁷

A sofisticação das estratégias arquitetadas pelos integralistas criou, no espaço de seis meses de celebrações, um calendário rememorativo que contemplou festas populares, simulações históricas, constituição de novos órgãos ligados ao partido, (a exemplo dos Águias Brancas), bem como a produção de uma série variada de produtos que ostentavam a marca integralista. Independente de tais estratégias e do grau de sucesso conseguido por elas, percebe-se que os agentes de celebração conseguiram congregar a propaganda e a doutrinação com vistas à efetiva partilha de seu ideal: um futuro partilhado por todos aqueles ligados ao movimento. Entretanto, para a imprensa não integralista, a aceitação, a força e a possibilidade desse ideal mostraram-se profundamente arcaicos frente à realidade dos anos 1950 e 1960. Segundo os jornais de grande circulação, o descompassado discurso integralista havia caducado devido à contradição que sua permanência causava ao estabelecimento da democracia.

A despeito das comemorações dos 25 anos do integralismo servirem para colocá-lo novamente na ordem do dia, não foram suficientes para revigorar o movimento. As celebrações não se limitaram às festividades públicas e às mordazes críticas trocadas com a imprensa. É necessário registrar que, como parte desse esforço de permanência da mística e simbologia integralistas foi concebido um projeto editorial que se incumbiu de apresentar o conjunto de valores e as propostas integralistas, cujo resultado foi a publicação da *Enciclopédia do Integralismo*, o mais importante registro do movimento desde seu retorno institucional em 1945. Os grupos que consumiram essa ideologia impressa nos jornais perrepistas e sua linha editorial seriam os responsáveis pela manutenção da chama integralista, em tempos de democracia. Deles destacam-se os Águias Brancas, a juventude perrepista, os Centros Culturais da Juventude, membros de um movimento que ficaria conhecido como “integralismo à paisana”, tópicos que discutiremos a seguir.

Os festejos das bodas de prata, bem como as respostas às acusações dos grandes jornais, forneceram o tema para uma campanha de valorização do integralismo. No entanto, a celebração não se alimentou apenas das questões públicas (os festejos populares), mas também da materialidade expressa na vendagem de seus produtos. A compra de sua ideologia por meio dos livros indicados pelo jornal oficial do partido despertava no simpatizante a manutenção de sua lembrança e o sentimento de pertencimento ao integralismo, o que estimulava a permanência cotidiana dessa cultura material. Se a imprensa se posicionou contrariamente ao reaparecimento da ritualística integralista, a mídia impressa integralista, por sua vez, destinou um significativo espaço para a propaganda de sua doutrinação e vendagem de seus produtos. Nesse sentido, foi

⁶⁷ Todos esses anúncios foram publicados no jornal *A Marcha* durante os meses de março a setembro de 1957.

fundamental o papel desempenhado pelo jornal *A Marcha* - que permaneceu como órgão oficial do partido até 1965, sob a direção de Plínio Salgado e, em significativo período, a redação de Gumercindo Rocha Dórea.

O JORNAL A MARCHA COMO PORTA-VOZ DOS DESÍGNIOS PERREPISTAS

A leitura dos mais de 12 anos de cobertura do jornal *A Marcha* revela, por um lado, a existência efetiva de grandes dificuldades de financiamento, e em decorrência disto, o esforço na obtenção de recursos através de campanhas voltadas à militância integralista. *A Marcha*, órgão oficial de imprensa do Partido de Representação Popular, foi o mais significativo periódico do integralismo ao longo dos anos 1950 e meados de 1960, o porta-voz do PRP. Com uma circulação nacional, o semanário, a partir da segunda metade dos anos 1950 era mantido com a colaboração dos assinantes e dos pouco mais de 60 anunciantes, dentre os quais se destacavam empresas de projeção internacional, como empresas aéreas, de laticínios, empresas farmacêuticas, dentre outras. De acordo com o historiador Gilberto Grassi Calil, a principal fonte de recursos obrigatoriamente foi, durante toda a existência do jornal, a publicidade paga. Mais do que isto, uma análise dos anúncios revela que os integralistas recebiam apoio de diversas empresas de grande porte, revelando apoio de setores do grande capital, desmentindo a tese de Salgado de que a burguesia não anunciava em *A Marcha* por “esforço heroico, pelo fato de a maior parte dos anunciantes temer dar ao órgão, ostensivamente anticomunista, suas publicidades, alegando o perigo que corriam de serem sabotados em suas fábricas ou estabelecimentos comerciais pelo grande número de empregados adeptos do credo vermelho”. (*A Marcha*, 28/10/1955, 1,6,7,10 e 12).

Os principais anunciantes de *A Marcha* entre 1953 e 1957 abrangeram diversos setores da economia brasileira. Tanto os anunciantes locais quanto os de projeção nacional e mesmo multinacional tiveram espaço constante nas páginas do jornal *A Marcha*. Setores como o editorial, financeiro/estatal, financeiro/privado, aviação, industrial farmacêutico, industrial alimentício, comércio, imobiliário, setor automotivo, hoteleiro, de construção civil e até mesmo, governamental, como no caso, de diversos anúncios do governo estadual de São Paulo⁶⁸ construíram a carteira de anunciantes do jornal.⁶⁹ Entretanto, o maior montante do dinheiro utilizado para a manutenção

⁶⁸ Os governadores paulistas, Adhemar de Barros e Lucas Nogueira Garcez foram ambos apoiados pelo PRP. Chama a atenção anúncios que divulgavam operações conjuntas entre órgãos públicos do governo paulista, tais como a “Operação Fartura”, uma ação conjunta da Secretaria da Agricultura, do Banespa e da Ceagesp. A semente que alimenta milhões. *A Marcha*, Rio de Janeiro, nov./dez.1954. p. 4.

⁶⁹ Os vinte e cinco anunciantes mais constantes do semanário no período supracitado foram: Livraria Clássica Brasileira, (320 anúncios), Banco do Estado de São Paulo (80 anúncios); Serviço Aéreo Cruzeiro do Sul (46 anúncios), Elixir 914 (30 anúncios pequenos), Pílula do Abade Moss (256 anúncios), Banco Hipotecário Gramacho (46 anúncios), Casa Valentim (84 anúncios), Banco Mauá (129 anúncios), Sorvetes Kibon (247 anúncios) Sabonete Santelmo (45 anúncios) Pan Air do Brasil (54 anúncios), Editora das Américas (38 anúncios), Móveis Drago (30 anúncios), Varig Serviços Aéreos (135 anúncios) Volkswagen do Brasil (70 anúncios), Laboratório Leite de Rosas (68 anúncios), Imobiliária Inhangá (34 anúncios) Mecânica Paulista (45 anúncios) Hotel Suíço (32 anúncios) Casa Marconi (79 anúncios) Casa Buri (34 anúncios) Edições GRD (68 anúncios), Fotografia Arsenal (76 anunciantes), Loyd Brazilian Ship (43 anúncios) e Hotel Pantanal (32 anúncios). Fonte: *A Marcha*, março de 1953 a outubro de 1957.

dos quadros do jornal, bem como para manutenção do maquinário provinha das assinaturas, que em março de 1958 foram contabilizadas em mais de 25 mil em todo o território nacional.

O lançamento do jornal *A Marcha*, em fevereiro de 1953, é mais um elemento da estratégia integralista dos anos 1950, visando retomar a iniciativa de expandir suas bases e inserir-se no debate político nacional. Desde o fim da circulação do jornal *Idade Nova*, em abril de 1951, o partido havia ficado desprovido de um jornal de circulação nacional. Já em junho daquele ano estava em andamento o recolhimento de contribuições para o lançamento de um novo jornal integralista (que viria ser *A Marcha*) o qual se estendeu por todo o ano de 1952. Poucas semanas após seu lançamento, o jornal colocou-se a questão da vinculação partidária: “*A Marcha* não é um jornal partidário no sentido comum da expressão. É um jornal que tem uma linha política definida, assentada na doutrina do cristianismo e do nacionalismo. O que queremos? Formar uma mentalidade cristã, nacionalista; e de lutar pela afirmação cultural do Brasil”. (DOREA, 1953, p.2)

Ao longo da década de 1950, *A Marcha* se notabilizou por exprimir a voz dos integralistas. Esta voz unívoca viu diminuir paulatinamente o quadro de seus anunciantes. Então, tais problemas acrescidos de uma insuficiente receita, e também, o enxugamento do quadro de assinantes, fez emergir, em 1957 o lançamento de uma nova campanha de “Recuperação Financeira” do jornal, viabilizando o retorno dos programas de Plínio Salgado no rádio, a publicação de materiais de propaganda e apoiando as atividades da Confederação dos Centros Culturais da Juventude (CCCJ) e da União Operária e Camponesa do Brasil (UOCB).

No ocaso de 12 anos de publicação intermitente, *A Marcha* encontrou seu mais difícil desafio. No final de 1962, *A Marcha* anunciou “suspender algumas de nossas edições no mês de janeiro”, pois visaria “reestruturar inteiramente os seus serviços, não somente no que se refere à parte redacional, que será enriquecida, como também no que se relaciona com o volumoso cadastro de nossos assinantes e das entidades às quais enviamos gratuitamente o nosso jornal”.⁷⁰ Ao contrário do que se anunciava, no entanto, o jornal só voltou a circular quase dois anos depois, em outubro de 1964, e mesmo assim, com periodicidade mensal, logo transformada em bimestral. Em outubro de 1964, *A Marcha* volta a circular, com uma nova diretoria, em cujo quadro havia a presença de três militares.⁷¹

O jornal retoma sua circulação afirmando em editorial: “Eis novamente circulando *A Marcha*, depois de um período em que recompôs os seus serviços e trabalhou pela maior expansão nos Municípios Brasileiros. Não foi propriamente uma interrupção, mas uma quadra de intensas atividades no sentido de readaptar o nosso órgão a novas circunstâncias da vida econômica e social

⁷⁰ Reestruturação dos serviços de *A Marcha* – Interrupção das nossas edições durante algumas semanas. *A Marcha*, Rio de Janeiro, 20/12/1962, p. 1.

⁷¹ Era a seguinte a diretoria: Presidente: Paulo Lomba Ferraz (banqueiro); Vice-Presidente: Gal. João Muller Neiva; Diretor Tesoureiro: Gal. Carlindo Gonçalves Lopes; Diretor Superintendente: Cel. J. C. Teixeira Coelho; Diretor Substituto: Silvio Skinner Lopes; Redatores: Luis Alexandre Compagnoni (gaúcho que tem textos publicados na Enciclopédia do Integralismo) e Aníbal Teixeira.

do País”. (*A Marcha*, 07/10/1957,1) Após quase dois anos de interrupção, a opção por não tratar abertamente das dificuldades financeiras pelas quais passou o jornal evidencia a clara intenção de Salgado e da linha editorial de *A Marcha* de jamais demonstrar fraqueza ou perda de influência. Se por um lado havia as estratégias de manutenção e permanência do jornal no universo editorial brasileiro (outra investida das celebrações integralistas - “manutenção para doutrinação”), por outro, o jornal oscilava entre a sofisticação e a conservação de técnicas que dessem ao hebdomadário uma identidade visual. A identidade de suas reportagens, matérias e propagandas, ou seja, seu conteúdo passava pelo mesmo processo. Nesse sentido, havia no jornal seções diferenciadas para abarcar todas as faixas etárias.

Concomitantemente às seções políticas e econômicas, geralmente voltadas ao público masculino adulto, havia também o suplemento feminino, o caderno adolescente e o infantil. O público *da Marcha* era, principalmente, os correligionários do PRP e simpatizantes do integralismo. Nos períodos que antecediam as eleições, a campanha eleitoral passava a ser tratada como prioridade absoluta, ocupando-se a maior parte do jornal com a propaganda dos candidatos do PRP, a defesa das coligações realizadas e os ataques a seus adversários, geralmente acusados de comunistas ou cúmplices do comunismo. A Confederação dos Centros Culturais da Juventude (ver o próximo item) editava as colunas “Movimento Águia Branca” e “Ergue-te Mocidade” - que chegou a ocupar duas páginas semanais do jornal, com a divulgação das atividades dos diversos centros culturais e dos congressos por eles realizados. O anticomunismo permaneceu presente em todo o período de circulação do jornal, principalmente nas seções de notícias internacionais (“Resenha Internacional”, “Terra dos homens”), através de denúncias contra a União Soviética, China e os países do Leste Europeu; mas também nas constantes denúncias de “infiltração comunista” nos demais partidos e nos governos.

Uma vez que o jornal era semanal, a rede de distribuição *da Marcha* abrangia a maioria das grandes cidades do país, do Amazonas ao Rio Grande do Sul. De acordo com Gumercindo R. Dórea, redator chefe do jornal, até 1959 - “mesmo que demorasse para chegar, com alguns dias de atraso, nossos leitores não ficavam sem o jornal... estivesse ele na Bahia, ou no Maranhão, em São Paulo ou no Rio, onde o jornal era pensado, diagramado e prensado”. (DÓREA, 2007) Diretórios do PRP de todos os estados enviavam mensagens confirmando o recebimento do jornal. Para aprimorar o debate sobre a interlocução que o PRP possuía em finais dos anos 1950, focalizemos, a seguir a junção que se deu entre a campanha de anúncios publicada no jornal e as propagandas ideológicas de caráter proselitista mantidas pela Confederação dos Centros Culturais da Juventude, o corpo não partidário mais próximo do partido em toda década. Esta relação alude para o fato de que o PRP não estava sozinho na busca por uma maior visibilidade do integralismo.

Figuras 6.1; 6.2; 6.3; 6.4; 6.5; 6.6; 6.7 - Capas do jornal A Marcha no período de julho de 1957 a abril de 1958.



Fonte: Capas de A Marcha, Julho de 1967 a abril de 1958.

Figura 7 - Capa d'A *Marcha*, 15/5/1958. Justaposição do logotipo da *Manchete* à fotografia de Salgado: repúdio com relação à matéria publicada pela *Manchete* e um aguçado senso de oportunidade. O jornal *A Marcha* sempre lançou mão deste expediente para influenciar a militância.



Fonte: *A Marcha*, Capa. 15/05/1958.

A CONFEDERAÇÃO DOS CENTROS CULTURAIS DA JUVENTUDE: TRANSCENDENDO OS LIMITES DA AÇÃO PARTIDÁRIA

Para além das celebrações dos 25 anos e das efemérides noticiadas pelo jornal *A Marcha*, os integralistas dos anos 1950 possuíam outras articulações que reforçavam a sua ação militante. Nesse sentido, mais que um grupo de aprendizes, cuja figura de Salgado sempre fora o espelho, os Centros Culturais da Juventude se notabilizaram por exprimirem uma articulada e independente postura política, a despeito da clara submissão aos preceitos doutrinários integralistas. A esse respeito, em princípios 1953, Salgado enumerava suas “realizações” de 1952, como parte integrante de um plano articulado e global que visava a fundação da Confederação dos Centros Culturais da Juventude e o planejamento para lançar *A Marcha*, dentre outros pontos, que de acordo com Salgado seriam fundamentais para a reconsolidação do integralismo.⁷² Então, a constituição da vasta estrutura necessária para a ampliação das perspectivas do integralismo se deu fundamentalmente entre 1952 e 1953 quando foram criados o jornal *A Marcha* e a Confederação dos Centros Culturais da Juventude, embora tenha se completado apenas em 1957, com a criação da União Operária e Camponesa do Brasil⁷³ (CALIL, 2005,345) e a publicação da *Enciclopédia do Integralismo*.

Os Centros Culturais da Juventude, criados publicamente a partir de 1952, constituíram a mais vasta organização extrapartidária criada pelo integralismo entre 1945 e 1965. Os centros aglutinavam-se através da Confederação dos Centros Culturais da Juventude e desenvolviam atividades como a promoção de comemorações cívicas e de palestras sobre assuntos doutrinários e políticos, a organização de grupos esportivos, o desenvolvimento de cursos de “comunologia”⁷⁴, o lançamento de manifestos públicos, a edição de boletins, jornais e revistas, a promoção de peregrinações a lugares históricos e a realização de concentrações e congressos, além da disputa de entidades estudantis. A promoção de palestras e reuniões de estudos ocupava lugar central em suas atividades, contando inclusive com a participação de não integralistas (como, por exemplo, o Gal. Eurico Gaspar Dutra), e até mesmo de ex-integralistas que abandonaram o movimento (dentre os quais Miguel Reale, Guerreiro Ramos e Roland Corbisier).

⁷² Correspondência de Plínio Salgado a Olwaldo Sá, 17/2/1953 (APHRC-Pprp 17/02/1953).

⁷³ A UOCB constitui mais uma das relevantes articulações extrapartidárias do integralismo dos anos 1950. No entanto, nesta pesquisa não nos aprofundaremos na sua formação ou atuação.

⁷⁴ Destaca-se o “Curso de Teoria e Prática de Antimarxismo”, ministrado por Hélio Rocha, no Centro de Estudos Políticos, Econômicos e Sociais, do Rio de Janeiro. O curso se deu em cinco encontros, com o seguinte programa: A mais valia; Materialismo jurídico; O marxismo depois de Marx; As quatro internacionais; Prova Final. Calendário do CEPES. *A Marcha*, Rio de Janeiro, 8/10/1954, p. 4.

Figura 8 - Matéria de Capa da Revista *O Cruzeiro*: “Plínio Patético: 20 e poucos anos de ilusão. As águias e o sigma”. *O Cruzeiro*, 10 de abril de 1954. Uma versão reduzida da matéria seria reeditada na revista em 1958.



Fonte: *O Cruzeiro*, 10/04/1954.

Figura 9 - Da esquerda para a direita: Plínio Salgado (terceiro) e Gumercindo Rocha Dórea (quarto), na abertura da sessão solene de efetivação dos Águias Brancas. Foto: Arquivo Público Municipal de Rio Claro- SP. Acervo Plínio Salgado.



Fonte: Arquivo Público Municipal de Rio Claro - Fundo Plínio Salgado.

Um relato das atividades do Centro Cultural da Juventude Tavares Bastos, de Maceió- AL, publicado em *A Marcha*, é ilustrativo do funcionamento regular pretendido para os centros: o centro promovia reuniões semanais regulares, com cinco pontos de pauta: súmula da reunião anterior; noticiário nacional dos CCJs; comentário bibliográfico⁷⁵; artigo do dia; e debate (político, econômico ou doutrinário). Para o desenvolvimento de cada tema haveria um responsável indicado (dois no caso do debate). (*A Marcha*, 23/7/1954, p. 10 Apud. CALIL, 1998, 98) A estruturação do movimento teve início em janeiro de 1953. Desde o lançamento da primeira edição do jornal *A Marcha*, em 20 de fevereiro de 1953, o movimento passou a contar com uma seção fixa naquele jornal, denominada “Ergue-te mocidade”, ocupando, na maioria das edições, uma página inteira. No mês seguinte, foi

⁷⁵ A *Enciclopédia do Integralismo* tornou-se bibliografia obrigatória nas leituras e discussões dentro dos CCCJ. Como lembraria GRD: “A El era a mola mestra para todas as nossas discussões entre 1957 e 1959”. Depoimento de Gumercindo R. Dórea, 23/11/2008.

lançado o “Manifesto à Mocidade Brasileira”, enunciando treze princípios, dentre os quais a defesa do espiritualismo, da família, do nacionalismo e da “democracia orgânica”, e tendo como signatários 19 centros culturais já então em funcionamento. (*A Marcha*, 27/02/1953, 5)

Os Estatutos definiam ainda as bases doutrinárias do movimento, em termos praticamente idênticos aos da Carta de Princípios do PRP, e claramente expressivas da doutrina integralista. Tudo isso procurava dar à Juventude um sentido de vida nacionalista e cristã, para enfrentar a crise e consequentemente construir um futuro nacional condizente com nossas realidades. (*A Marcha*, 21/1/1955, 5) A Diretoria da CCCJ era composta por cinco membros, e, para estabelecer de forma ainda mais clara o vínculo com o integralismo, foi criada a figura do “Presidente de Honra”, que segundo os estatutos, “*será perpétuo e aclamado no 1º Congresso de Centros Culturais da Juventude*”. Como já era esperado, o Presidente de Honra escolhido foi Plínio Salgado. Em 1957, uma reforma nos estatutos criou federações regionais e instituiu uma forma de eleição indireta para a diretoria nacional, claramente inspirada no corporativismo, que voltava a ser defendido abertamente pelo integralismo naquele ano. Foram criadas, então, seis federações regionais: Amazônia, Nordeste, São Francisco, Minas Gerais, Centro Oeste e Sul. (*A Marcha*, 5/7/1957, 5)

Figura 10 - Leovegildo Pereira Ramos e Gumercindo Rocha Dórea: os precursores dos Águias Brancas. *O Cruzeiro*, maio de 1954. Reportagem reeditada em 1958.



Fonte: *O Cruzeiro*, 05/05/1954.

No ano seguinte, foi formada a “Câmara dos Líderes Águia Brancas”, composta por 30 membros, oriundos de 11 estados. (*A Marcha*, 13/02/1958, 5) Ainda em termos organizativos, a CCCJ passou a contar, em 1959, com cinco secretarias nacionais a Secretaria de Doutrina e Estudos (responsável pela publicação da Revista *Águia Branca*), a Secretaria de Assistência (responsável pela arrecadação financeira), a Secretaria de Cultura Artística, a Secretaria de Cultura Cívica e Física, e a Secretaria de Propaganda. (*A Marcha*, 14/8/1959, 4) lançamento da revista *Águia Branca* órgão oficial da CCCJ, as finalidades da Confederação eram apresentadas em consonância a uma concentração

preparatória ao II Congresso Nacional da CCCJ, realizada em 1954, que teria tido mais de 600 delegados, representando 107 centros culturais, e reunido mais de 1.500 pessoas em sua sessão de encerramento. (*A Marcha*, 19/3/1954, 01 e 11) Os jovens integralistas militantes dos centros culturais passaram a se designar como “Águias Brancas”, como contraposição à designação jocosa de “galinhas verdes” pela qual eram chamados por seus adversários. A revista foi lançada em janeiro de 1956, e tinha 64 páginas e periodicidade trimestral, reunindo artigos doutrinários de líderes da juventude integralista, de Plínio Salgado e outros integralistas. Seus artigos tratavam de temas doutrinários e culturais. No primeiro número, por exemplo, havia um artigo de Salgado sobre a poesia de Ulisses, um artigo do poeta integralista Tasso da Silveira sobre o teatro simbolista, um artigo sociológico de Karl Mannheim, além de seção literária, de relato das atividades dos centros e de poesias. Os centros culturais eram nomeados homenageando indivíduos tidos pelos integralistas como “heróis pátrios”, alguns deles reivindicados por vários centros culturais. De acordo com Salgado, “cada uma dessas associações escolhe um patrono entre os grandes mortos que continuam a ser os grandes vivos a animar os jovens que assumirão as responsabilidades do governo da Nação”.⁷⁶ (*A Marcha*, 2/10/1953, 3)

Existem poucas informações sobre o número de centros existentes, e os números publicados em *A Marcha* devem ser tomados com precaução, pois o jornal muitas vezes exagerava para ressaltar a expansão do movimento. No entanto, pesquisando nas matérias publicadas relativas à CCCJ entre 1953 e 1965 em *A Marcha*, encontramos referências relativas a 320 centros.⁷⁷ Em decorrência das disputas internas sobre a liderança dos Centros em 1956, uma série de artigos publicados por Gumerindo Rocha Dórea, então presidente da entidade, defendia uma estratégia agressiva para recuperar as bandeiras integralistas, que estariam sendo apropriadas pelos seus adversários, mas nestes artigos não se sobressai senão a supervalorização do presidente dos CCCJ no sentido de superdimensionar os números e a penetração dos centros. Núcleos de doutrina, pesquisa e divulgação do integralismo, os Centros foram os mais representativos espaços de ação proselitista do integralismo dos anos 1950, lugar em que os jovens militantes integralistas aprendiam seu discurso e sua ação. Concomitantemente, a institucionalização dos *Centros de Leitura Doutrinal*, (cursos obrigatórios aos Águias Brancas) alocados nos Centros possibilitou que os volumes da *Enciclopédia do Integralismo* fossem conhecidos e estudados a fundo. Doutrina, locais de doutrinação e doutrinadores: o tripé estava montado. Base operacional e doutrinal do integralismo (e a partir de 1957, difusora dos escritos do compêndio) a Confederação dos Centros Culturais da Juventude se transformou na “fábrica de disseminação” do conteúdo da *Enciclopédia*. Buscaremos, a seguir, entender como se deu a criação e publicação deste último instrumento de efeméride do jubileu de prata integralista, alvo da fidelidade dos jovens dos Centros Culturais da Juventude nos quatro anos de sua circulação.

⁷⁶ Os patronos mais reivindicados, dentre os centros que localizamos, foram Rui Barbosa (10 centros), Oliveira Viana (7), Pe. José de Anchieta (7), Euclides da Cunha (5), Barão do Rio Branco (5), Alberto Torres (4), Farias Brito (4), Jackson de Figueiredo (4), Machado de Assis (4), Paulo Setúbal (4), Tiradentes (4), Fagundes Varela (3), Joaquim Nabuco (3), José de Alencar (3), Leonel Franca (3), Olavo Bilac (3), Pândia Calógeras (3).

⁷⁷ Gumerindo Rocha Dórea (sic) atesta terem existido mais de 500 centros espalhados por todo o país.

A ENCICLOPÉDIA DO INTEGRALISMO COMO UM LUGAR DE MEMÓRIA: TEMAS CANDENTES, IDEIAS RECORRENTES

“Todo partido divide, o integralismo soma, é reunião.

A Enciclopédia pretende ser o estandarte desta somatória.

Aqui encontrar-se-á a essência do integralismo”

(Propaganda - A Marcha, outubro de 1957)

Abordaremos a seguir a construção do projeto editorial da *Enciclopédia do Integralismo*, entendendo-o como uma sofisticada estratégia de rememoração dos feitos integralistas. Para tanto, o compêndio será estudado como um *lugar de memórias* integralistas, justamente por ter buscado reavivar as *auto memórias do movimento*, recriando, rememorando, ressignificando chagas que se mostravam doloridas para seus membros, fator que desencadeou uma reconfiguração no imaginário de seus integrantes. Tendo coincidido com o período de maior visibilidade do movimento desde sua “recriação”, a publicação da *Enciclopédia do Integralismo* busca validar a premissa de que o integralismo permanecia vivo.

O contexto político dos anos 1950 diferiu profundamente daquele que viu nascer o integralismo. Adequando-se à nova diretiva pluripartidária, o integralismo passou a requerer status de “atento paladino da nova democracia” (Boletim PRP/RS, nov/1946), apresentando-se como parceiro do novo regime. Com exceção do anticomunismo, que permaneceu como um elemento arraigado da doutrina do novo partido, e da presença sempre marcante da figura do “chefe”, agora instituído como presidente do partido, os demais elementos fundadores da doutrina integralista passaram por radicais transformações. A intenção corporativista, assim como a postura antiliberal arrefeceram. Como parte do esforço de consolidação do novo perfil adotado pelo movimento foi concebido um projeto editorial que apresentou, de maneira aprofundada, o conjunto de valores, ideais, princípios e propostas integralistas, e que registrou a ação política e social daqueles que haviam integrado ou ainda integravam os seus quadros. O resultado foi a publicação da *Enciclopédia*

do *Integralismo*⁷⁸; um compêndio de doze volumes, editado durante o período de outubro de 1957 a março de 1961.

A retomada da simbologia integralista foi destacada por dois trabalhos acadêmicos que apontaram o projeto da *EI* como significativo para a reconstrução do imaginário social integralista no pós-guerra. A pesquisadora Rosa Maria F. Cavalari afirmou que: “embora esses trabalhos da *EI* tenham sido cunhados esparsamente, sem a preocupação de realizar uma sistemática educacional, foram produzidos obedecendo à mesma orientação filosófica. E embora de acordo com as interpretações pessoais de seus diversos autores, há, em todos esses escritos, um único pensamento: o da educação integral, da doutrinação para o homem integral.” (CAVALARI, 1999, 52)

Outro historiador que se referiu à *EI*, embora de forma superficial, foi Thomas Skidmore. O historiador brasileiro considerou “a *Enciclopédia do Integralismo* um dos documentos bastante úteis para se aprofundar os estudos do movimento integralista no pós-guerra, procurando precisá-la com certo cuidado, atribuindo ao projeto as múltiplas interpretações que este suscita”.⁷⁹ Nessa perspectiva, também se destaca a epígrafe inicial da obra de J. Chasin que, embora tendo sido escrita no início da década de 1970 e se tratasse do integralismo nos anos 1930 relativizou o ranço pejorativo que sempre pesou sobre o movimento. De acordo com o autor: “Plínio Salgado e o Integralismo sempre foram condenados. Mereceram, merecem e nunca será demais prosseguir na sua condenação, com uma diferença, que acentua e vigora a sanção: há que sentenciá-los por aquilo que são, não por aquilo que válidos inimigos entenderam, ou puderam entender, que fossem. E isto, acima de tudo para o nosso próprio bem”. (CHASIN, 1979, p.01)

O integralismo veiculado por meio dos escritos da *EI* permitiu que se discutisse uma série de formulações sobre os elementos de transformação do integralismo. Nesse sentido, o presente estudo guarda sólida identificação com as palavras de J. Chasin, qual seja, identificar possíveis mudanças ocorridas no âmbito do integralismo destacando suas ambiguidades. O período no qual a *EI* foi criada caracterizou-se pela expansão da oferta dos bens de consumo e pelo incremento de novas perspectivas no setor econômico, que sofreu uma profunda mudança na sua estrutura básica. A atenção deslocou-se da agricultura para a indústria, possibilitando “o crescimento da renda *per capita*, a expansão da publicidade e os investimentos industriais públicos e privados criando novas oportunidades para o mercado de comunicação”. (BAHIA, 1990, 259) O mais ativo dos governos do chamado período democrático começou e terminou seu mandato no período previsto. O sucesso da sua política econômica foi o resultado direto da estabilidade política de seu governo. “O segredo residia em encontrar alguma coisa para cada um, enquanto evitava qualquer confronto direto com seus inimigos”. (SKIDMORE, 1985, 207)

A relação desenvolvimento econômico/estabilidade política foi o tom do período JK, o que favoreceu a urdidura de uma política governamental que visava, na maioria das vezes, a conciliação. Ter conduzido a nação numa direção congruente com o interesse básico dos quatro maiores grupos

⁷⁸ Por conveniência e devido a frequente utilização, a *Enciclopédia do Integralismo* será, ao longo do texto, denominada *E I*.

⁷⁹ Em nota n.º 36, capítulo I. Nota que aparece após a 8ª reimpressão, quando ocorreu uma revisão do autor.

sociais do período - a elite rural, industrial, a classe operária, e os comerciantes e profissionais liberais da classe média - define a essência dessa política de conciliação (BOJUNGA, 2001, 415). Entre 1956 e 61, o país viveu momentos decisivos com a instalação de setores tecnológicos mais avançados e com investimentos de grande porte. As reformas, bancária, industrial, fiscal, monetária, universitária, dentre outras, ditaram a linguagem do período JK e foram essenciais para o sucesso de Plano de Metas, que “objetivava implementar no Brasil os setores industriais mais avançados, como a indústria elétrica pesada, química, automobilística, naval, e levar adiante indústrias estratégicas como a do aço, petróleo e energia elétrica”. (MELO & NOVAIS, 1998, 599) Tais mudanças favoreceram a extraordinária expansão da economia nacional, da ordem de 8,1% ao ano, nos cinco anos de implementação do Plano de Metas, o que pôde ser verificado nos mais variados setores da indústria e comércio, inclusive na indústria editorial brasileira. (BOJUNGA, 2001, 405)

A situação da indústria editorial brasileira conheceu novas bases de sustentação a partir de 1956, quando passou a existir um maior interesse do governo pelo setor, manifesto na diminuição dos tributos sobre o papel, na simplificação das tarifas alfandegárias e no surgimento de uma política de financiamento. Os incrementos na área inseriram-se, portanto, no bojo das transformações econômicas conhecidas pelo país. Vários são os indicadores que demonstram a sua expansão: o mercado de publicações ampliou-se, aumentando o número de jornais, revistas e livros, bem como suas tiragens. Entretanto, a distribuição continuava sendo realizada em moldes tradicionais. Poucos eram os pontos de vendas, o que dificultava a comercialização.

Tal quadro possibilitou o surgimento de canais alternativos de circulação, como bancas de jornal, reembolso postal e malas diretas⁸⁰ (ANDRADE, 1978), que passaram a constituir um novo circuito de distribuição editorial. Segundo Renato Ortiz, “a implantação de uma indústria cultural modificou o padrão de relacionamento com a cultura, uma vez que definitivamente passa a ser concebida como um investimento comercial”. (ORTIZ, 1988, p. 43) A concorrência entre as grandes empresas editoriais, que cresciam aceleradamente, foi a base da constituição da indústria cultural. Nesse processo de urbanização e modernização aceleradas, a informação passou a ser um bem essencial para a consolidação de uma sociedade disposta a soterrar as tradições rurais, até então muito presentes na vida cotidiana. Entretanto, o consumo desses bens culturais - cultura impressa por meio dos livros, jornais, suplementos literários, a massificação da indústria fonográfica, o paulatino crescimento da televisão, etc - destinava-se a uma pequena parcela da população brasileira. A despeito do analfabetismo, um obstáculo a ser vencido, o setor editorial beneficiou-se com o crescimento do mercado consumidor, o que pôde ser comprovado por meio do aumento dos produtos oferecidos nas bancas de jornal.

Elaborada segundo um cronograma de vendagem que abrangeu três anos e meio - o que permite supor que o objetivo maior do grupo editorial fosse manter acesa a chama da comemoração, mesmo depois da passagem da data significativa -, a *EI* constituiu-se num conjunto

⁸⁰ A respeito ver: *Quadro de canais de distribuição do mercado editorial brasileiro em finais de 1950*: Distribuidoras = 47,13%; Domicílio/porta em porta = 3,79%; Clubes de livro = 5,17%; reembolso postal = 12,32%; bancas de jornal = 19,12%; demais, 12,47%.

de livros, vendidos principalmente por envio postal. Há informações desencontradas com relação a vendagem em bancas de jornal. Na apreciação de seu editor, Gumercindo Rocha Dórea “em bancas de jornal, salvo engano, não se encontrava para comprar a Enciclopédia, nem se faziam assinaturas desta, no máximo em livrarias poderiam encontrá-la... sua distribuição era ampla, daí a possibilidade de se ter enganos com relação à sua vendagem e os locais em que poderiam ser encontradas”. (Dórea. SP. 24/7/2001). A despeito da afirmação de Dórea, anúncios de jornal, às vésperas da comemoração, apontam o contrário. “Peça na banca, ou assine, é mais prático e mais cômodo. Possuir a *Enciclopédia do Integralismo* é dar prova de ser verdadeiro integralista. Consultá-la é revelar ciência de responsabilidade doutrinária. Divulgá-la é unir a fé ao apostolado em prol da causa abraçada”. (*A Marcha*, 28/09/1957)

Tal compêndio apresentou-se, ao longo de seus mais de 40 meses de circulação, sempre com as mesmas dimensões: 10x15 cm, capa dura de tonalidade esverdeada, adequada qualidade de impressão e contendo, em média, entre 150 e 200 páginas por volume. O pequeno tamanho diferia dos padrões consagrados na época para livros, que variavam de 20x25 a 25x 30 cm⁸¹. A publicação obedeceu a uma periodicidade intermitente. No início, seus editores mantiveram a média de um volume por mês, o que se modificou a partir do quinto volume, quando passou a ser trimestral. Do oitavo volume em diante, a circulação foi semestral. Tendo sido constituída para propagandear as conquistas integralistas, a *EI* foi concebida visando apresentar ao seu público leitor os feitos de maior relevância do integralismo. Nesse sentido, Plínio Salgado acreditava “nada ser mais apropriado que iniciar o compêndio de resumos com aquilo que os integralistas denominaram de carteira de identidade do movimento, ou seja, a cartilha de princípios” de todos seus seguidores. (SALGADO, *EI*, I, 1957, 24)

O objetivo maior da *EI* era “colocar nas bancas e nas mãos dos interessados um produto de ótima qualidade gráfica para conter um conjunto significativo do melhor pensamento nacional”. (*A Marcha*, 27/2/1957, p. central.) Antes de tudo, a *EI* pretendia ser “o veículo de integração e reaproximação de todos aqueles que acreditavam, louvavam e queriam bem ao Brasil. Um compromisso para com a história da imprensa brasileira que jamais se furtaria de, em anais, ou lembranças, esquecer-se desse compêndio” (*A Marcha*, outubro de 1957). Na maioria dos volumes concentrou-se toda a perspectiva otimista dos editores integralistas, congregada nas lembranças e reflexões de Plínio Salgado, cujos elementos direcionaram uma postura de intervenção implícita do chefe com relação à publicação. Mesmo não participando ativamente das decisões do corpo editorial responsável pela trajetória do compêndio, Salgado acabou por direcionar o índice da publicação mediante seus apontamentos iniciais:

(...) Teremos diálogos, depoimentos, nossos hinos e histórias estarão condensadas, portanto, devemos ser antes de tudo representativos (...) Lembro que este será o redirecionamento do nosso valor, e que, por tudo o que aqui for escrito. Deveremos, então, prestar contas aos nossos admiradores, ao nosso público. Respeitar o não integralista, afinal não será só

⁸¹ Reproduzimos ao longo do texto alguns fac-símiles de folhas de rosto dos volumes da *EI*.

nossos admiradores que nos rereirão. Os adversários de ontem e de sempre, se fortalecem no nosso seio, para amanhã tirar proveito do nosso erro... Por isso, o Integralismo é digno de seus escritores e vice-versa. O Integralismo é digno de ser compilado numa Enciclopédia. Que assim se consubstancie!⁸²

O intuito da publicação da *EI* foi sistematicamente comunicado ao seu público leitor, por meio de frases de forte conteúdo doutrinário, que repetidas em diversas oportunidades, durante o período de sua publicação, ora como apêndices e notas explicativas dos autores dos artigos, ora como explícitas indicações do editor, reforçava o caráter pedagógico e persuasivo da publicação. Exemplos:

(...) nosso objetivo com a *EI* é o de sublocar os desejos dos populares integralistas e apaziguar as mentes daqueles que ainda não nos conhecem, para abriremos suas mentes e trazê-los até nós, como retorno ao bem-estar político; (...) ou seja, uma tentativa de olhar com olhos críticos para que percebeis a pujança do que se construiu e a vitória que se pretende alcançar: o político se faz com confiança e apelo. Este o nosso, frente aos vossos olhos: uma renitente transformação. (DÓREA, *EI*, III e IX).

Com isso, a recepção da *EI* foi, a partir de 1957, facilitada pela veiculação, cada vez mais efetiva, de anúncios sobre o compêndio em jornais do partido. Além disso, a intensificação das propagandas em comícios urbanos e a leitura conjunta dos volumes nas áreas rurais e em pequenas cidades do interior conferiram ao compêndio um papel de divulgador da “verdade integralista”. Coube aos escritos da *EI* “facilitar a penetração do ideário integralista na massa acéfala de um líder”. (SALGADO, Vol. I, 229) A significância do compêndio pôde ser evidenciada por meio da reaproximação de um número considerável de integrantes antes dispersos. Note-se que, durante sua publicação, foi bastante intensa a troca de correspondência entre a editoria e seu público leitor. Segundo Gumercindo R. Dórea, muitas dessas correspondências “serviram como um retorno daqueles que haviam deixado o movimento, mas que sensibilizados com a coletânea e a rearticulação da sigla naquela atmosfera de celebração, retornavam o contato parabenizando a iniciativa e explicitando o desejo da refiliação”. (DÓREA, SP. 13/6/2001) Em resposta a uma carta remetida por um ex-integrante da AIB da Bahia, Plínio Salgado referiu-se aos objetivos do projeto: “Se o esforço da *EI* era substantivar a reconquista do respeito de muitos integralistas que, momentaneamente abandonaram a crença e o sentimento de pertencer a algo, este objetivo estava sendo alcançado. Sem contar com a nova geração que conhecia o movimento pelo cerne e não pela epiderme”.⁸³ A confirmação deste intuito foi enfatizada por Dórea, que acrescentou: “Tínhamos todo o aval de Plínio Salgado. Passávamos o layout da edição e ele aprovava, sugeria, mas nunca... nunca discordava. Nesse sentido, sempre foi um trabalho em conjunto. A reaproximação de nossos companheiros veio junto com o interesse

⁸² Carta de Plínio Salgado a Gumercindo R. Dórea, a 12 de setembro de 1957. Arquivo Público Municipal de Rio Claro. Fundo Plínio Salgado.

⁸³ SALGADO, Plínio. ‘Sobre os novos livros’. Resposta de correspondência editada no jornal *A Marcha* em 17/9/1960. p. 8. Eram comuns as respostas de Salgado às cartas de correligionários e ex-correligionários oriundos de várias partes do país. Utilizava-se o jornal para responder simultaneamente a vários destinatários, principalmente questões relativas à doutrinação.

da nova geração. As cartas chegavam com o passar dos meses e o antigo e atual se encontravam, num único objetivo: aprender sobre o integralismo. É uma pena que tenhamos perdido o controle dessas correspondências”.⁸⁴ Também é digna de nota a preocupação dos responsáveis pelo projeto no sentido de estabelecer um cronograma para a publicação.

Da concepção gráfica à veiculação, o tempo gasto inicialmente pela editora para colocar os volumes no mercado não ultrapassava o período de três semanas. Assim, a publicação se estenderia para além do período das comemorações dos vinte e cinco anos de integralismo, prolongando-se pelos quarenta meses posteriores ao primeiro volume, editado em outubro de 1957. A opção de se publicar o compêndio por um espaço de tempo tão longo atesta a preocupação de seus idealizadores em prolongar as comemorações, no intuito de atuar como “um fomento paulatino da militância” (SALGADO, *El* I, 1957, 45) invocando e rememorando as glórias de outrora. Se as comemorações cívicas do movimento não ultrapassaram a marca dos seis meses, a *El* rompeu essa barreira temporal, permitindo que as suas propagandas possibilitassem a recepção do que foi considerado pela cúpula do PRP como um novo fôlego integralista. Numa dessas propagandas, reeditada e comentada no 9º volume da *El*, lê-se: “a chama contínua deste projeto não se fragmentaria mais do que o necessário para que, pouco a pouco os leitores se sentissem confortáveis e pertencentes. A Enciclopédia seria um ensinamento contínuo, e uma dose de patriotismo a cada volume. É a prova de que muitas vezes o intermitente vence o perene!”. (DÓREA, *El*, Introdução. Vol. IX, 02)

A concepção gráfica da *El* foi realizada pela *GRD Edições*, enquanto a impressão deu-se nas instalações do jornal *Folha Carioca* que, na época, era dirigido por um dos mais respeitados escritores integralistas, Pedro Lafayette, que também aparece nos textos da *Enciclopédia do Integralismo*. A maior parte da distribuição ficou a cargo da *Livraria Clássica Brasileira*⁸⁵, especializada em obras nacionalistas. No entanto, não havia nenhum laço institucional ou jurídico entre a *Livraria Clássica* e a *GRD* nem tampouco entre a *Folha Carioca* e o integralismo, cujo único vínculo era o de ceder suas oficinas gráficas para a impressão do compêndio. O jornal *Folha Carioca* também imprimiu diversos títulos publicados pela *Livraria Clássica Brasileira*. Embora cada órgão tivesse uma linha editorial própria, os três compartilhavam a mesma postura anticomunista.

Laurence Hallawell, que se dedicou ao estudo do livro no Brasil, afirma que a *GRD Edições*⁸⁶ teve uma importância substancial na transformação editorial no país pois, além de lançar muitas obras de literatura nacional que viriam a se consagrar, publicou algumas das mais notáveis reedições da década, sendo seu período de maior atuação os anos 1960. (HALAWELL, 1981, 417) Ainda segundo o mesmo autor, “tal editora foi a principal incentivadora do gênero ficção científica no país,

⁸⁴ Procuramos reproduzir, com a máxima exatidão, as palavras Gumerindo R. Dórea, pois a audição e a reprodução desta entrevista foram inviabilizadas por problemas técnicos do áudio utilizado, antes mesmo de providenciarmos sua transcrição.

⁸⁵ Ao longo das décadas de 50 e 60, a *Livraria Clássica Brasileira* possuiu mais de 400 livrarias ou pontos de venda no território nacional, além de mais de 20 mil clientes individuais. Fonte: *A Marcha*, out. 1963.

⁸⁶ A *GRD* renovou a literatura nacional, com autores que alcançaram grande projeção, lançando os seus primeiros livros. Dentre os quais destacam-se: Nélida Piñon, Rubem Fonseca, Fausto Cunha, Geraldo Melo Mourão, Astrid Cabral, Marcos Santarrita dentre outros. A *GRD* também manteve uma coleção de política internacional além de obras sobre ciências humanas.

a primeira a apostar no segmento, o que não impediu que, por volta de 1970, depois de mais de vinte anos editando publicações de relativo sucesso, praticamente cessasse suas atividades”. (HALAWELL, 1981, 447) Entretanto, de acordo com Gumercindo R. Dórea, a editora continua ativa, publicando menor número de títulos, na sua maioria vinculados ao integralismo. Em entrevista concedida em junho de 1999, Dórea contestou:

Fui muito mal-tratado por esses escrevinhadores de histórias dos livros no Brasil. A GRD não cessou suas atividades em meados da década de 70, mas sobrevive bravamente até hoje. Sou um editor sem recursos e público apenas boa literatura e coisas que realmente acredito. Se eu fosse compactuante como muitos outros, de certo estaria rico, mas mesmo assim continuaria integralista.⁸⁷

Nas informações fornecidas por Halawell e Dórea percebem-se duas interpretações absolutamente diferentes. A primeira estatística, e a segunda passional. Dórea nunca abandonou a militância. Sua geração fundou vários órgãos de comunicação do PRP, como jornais, revistas e editoras. A idealização do compêndio foi de sua exclusiva responsabilidade, embora contasse com a anuência contínua de Plínio Salgado. Segundo Rocha Dórea a publicação da *EI* foi lançada como “forma de iluminação renitente, expressão de síntese e júbilo à posteridade”. Nesse sentido, a *EI* objetivava constituir-se numa “obra monumental, escrita por brasileiros de três gerações sucessivas, e que procurará responder a qualquer pergunta de ordem doutrinária ou histórica, relacionada com o grande movimento cultural e político iniciado nos anos 1930”. (*A Marcha*, 03/08/1957) No entanto, seu idealizador discorda daqueles que reputam ao compêndio um caráter pedagógico proposital. De acordo com o editor:

(...) a *EI* não se apresentava como um compêndio de pedagogia, nem uma sistematização de temas rigorosamente conexos, procurando perfeita unidade de expressão e harmonia de construção (...) O critério dos organizadores desta enciclopédia foi o de conciliar a documentação do integralismo com a seleção e classificação de assuntos segundo suas finalidades, afinidades e correlações (...) os autores escreveram segundo suas convicções e interpretações pessoais, produzindo trabalhos esparsos, sem a preocupação de realizar uma sistemática educacional (...) portanto, o papel da *EI* é dar possibilidades ao homem para que ele se realize enquanto participante do integralismo. (DÓREA, *EI* IX, 1959, 1-3)

Geraldo Mello Mourão, representante de umas das primeiras gerações de escritores lançados pela *GRD Edições* e membro do projeto da *EI*, corroborou que a empreitada fora planejada pela editora de Rocha Dórea. O escritor destacou a “louvável, porém malfadada, intenção de se prolongar a comemoração dos 25 anos por meio da sustentação dos volumes da *EI*”. (MOURÃO, 02/01/2002)

⁸⁷ Gumercindo R. Dórea. SP. 7/11/1999. Entrevista anotada e não gravada. Em setembro de 2001 a GRD Edições publicou mais um livro integralista. De autoria da filha de Plínio Salgado, este livro traça um paralelo da vida e obra do líder integralista, sob a perspectiva familiar. Maria Amélia Salgado Loureiro. *Plínio Salgado, meu pai*. SP, GRD Edições, 2001. 734

Para Mourão:

(...) tão importante quanto criar novos canais, seria reconduzir os militantes integralistas por formas, talvez mais convencionais. A editora foi tenaz em investir quando tudo estava contra, mas infelizmente não conseguiu de todo, continuar investindo em projeto tão complicado. Eram, se não me engano, vinte e tantos volumes, mas a prova da dificuldade foi a realização e a publicação de apenas 11 ou 12. Rompeu-se o cronograma das festividades sim, mas não foi lá tão profundo... No fundo, no fundo, a periodicidade da publicação já nascera com o destino meio escrito. Penso que a periodicidade do projeto seguiu meio à contramão do projeto idealizado por Dórea, pois este queria que perdurasse por mais tempo. De qualquer maneira, mesmo com a força da editora e a sólida convicção de Dórea, o cronograma, se é que pode ser chamado assim, foi algo que rompeu com os convencionais júbilos dos nossos 25 anos. (MOURÃO, 2002)

A *EI* contava com o apoio da imprensa ligado ao partido e, muitas vezes, sua distribuição era realizada pelos próprios correligionários, o que suscita questionamentos com relação ao profissionalismo com que essa distribuição era realizada. Sem um projeto efetivo de distribuição, a amplitude nacional, propagandeada pelos anúncios de assinatura da *EI* deve ser encarada com reservas. Deve-se destacar ainda que, embora a *Livraria Clássica Brasileira* fosse inicialmente a maior distribuidora do compêndio no território nacional, a partir da publicação do oitavo volume, o contrato entre a *GRD* e *Livraria* passou por reformulações⁸⁸, o que comprometeu a distribuição da *EI* por todo o país. Este foi um dos maiores problemas enfrentados pela editora para conseguir manter o compêndio no mercado. Independente do grau superdimensionado das falas de alguns dos participantes da *EI*, um ponto parece consensual em quase todos os depoimentos: a maioria das regiões do país recebia os volumes da *EI*. Por meio da escassa documentação disponível, pôde-se verificar que, ao menos nas regiões sul e sudeste do país e numa parte significativa da região norte, a distribuição atingiu um patamar bastante razoável.⁸⁹

De acordo com Rocha Dórea, “a distribuição atendia aos pedidos que eram realizados, possibilitando que de norte ao sul do país a *EI* fosse comercializada por um preço módico, como o de qualquer outro livro do mesmo padrão”⁹⁰. Havia, naturalmente, Estados que recebiam mais exemplares que outros. As regiões sul e sudeste, mais populosas e representativas do ponto de vista da militância, tiveram uma maior distribuição com relação a norte e nordeste⁹¹. Infelizmente, toda documentação e registros de contabilidade da *Livraria Clássica Brasileira* foram perdidos num incêndio ocorrido em finais da década de 1960, o que inviabilizou um maior aprofundamento quanto ao grau de receptividade dos volumes da *EI*. A situação econômica nacional no início da década de 1960 era bastante diferente daquela que viu surgir o projeto da *EI*. Os estertores do

⁸⁸ Notas esparsas em diversos artigos publicados no jornal de maio de 1960 a junho de 1963, ano em que *A Marcha* foi fechada.

⁸⁹ Referências encontradas nas “Notas e Balanços da Editora”, dados editados n’ *A Marcha*, (período da publicação da *EI*) e, em “Notas Protocolares da *GRD* Edições”. Fundo: “Notas Financeiras”. Acervo Plínio Salgado. Arquivo Municipal de Rio Claro.

⁹⁰ Entrevista de Gumerindo R. Dórea. SP. 22/6/2001.

⁹¹ “Notas Protocolares da *GRD* Edições”. Fundo: “Notas Financeiras”. Acervo Plínio Salgado. Arquivo Municipal de Rio Claro.

governo JK foram caracterizados por profundas modificações em todos os setores da economia, que se via enfraquecida no final de seu mandato. Concomitante a essa conjuntura, problemas internos da *GRD Edições*, aliados a transformações no setor editorial brasileiro, fizeram com que o projeto da *El* passasse por reformulações. Em duas oportunidades, num espaço de três anos, os responsáveis pela empreitada apresentaram ao público o *rol* de volumes que seriam publicados. Tais quadros informavam à cerca do mês de publicação, data, assunto e página. Tanto no primeiro, publicado em 1957, quanto no segundo arrolamento, veiculado a partir de 1959, os conteúdos dos cinco primeiros volumes são coincidentes, o que demonstra que, ao menos inicialmente, o prognóstico de publicação havia sido cumprido. Esses volumes tratavam de depoimentos de antigos militantes.

No entanto, a partir do sexto e sétimo volumes a ordem de apresentação e seus respectivos conteúdos sofreram alterações. Com a publicação em curso os integralistas anunciaram outro quadro temático, diferente do inicial que havia sido programado em finais de 1957. Assim, em maio de 1959, portanto, logo após a publicação do 7º volume, houve uma reformulação no cronograma de edição do compêndio que estendeu a perspectiva de publicação de 20 para 25 volumes. Há propagandas que noticiam o projeto inicial com o prognóstico de 20 volumes. Entretanto, a partir da publicação do 7º volume, as propagandas passaram a noticiar a coleção com 25 volumes. No novo quadro temático, foram acrescentados mais cinco volumes não arrolados no primeiro cronograma, com destaque para temáticas concernentes à relação do integralismo com o municipalismo; sua concepção de assistência social; a preocupação do legado personificado na relação entre o integralismo e as novas gerações; além de uma folha corrida do movimento, com os serviços que o integralismo havia prestado à Nação; além de um resumo da vida e obra de Plínio Salgado. Essa diferença nos quadros temáticos se mostra particularmente interessante se, atentarmos para o fato de que, dos 20 ou 25 volumes previstos, apenas 12 foram efetivamente publicados, e que nesses 12 volumes, em muitos casos, condensou-se algumas temáticas, restringindo os volumes aos depoimentos de militantes antigos ou contemporâneos, o que forjou um perfil memorialístico para o compêndio. Veja-se a diferença nos quadros temáticos:

Quadro Temático: 20 Volumes (1957)

1) Obra prefacial	11) O integralismo e as artes
2) Estudos e depoimentos (pré-1932)	12) O integralismo e a afirmação de Cristo
3) Estudos e depoimentos (pré-1932)	13) O integralismo e a Educação Moral e Cívica
4) Estudos e depoimentos (1932)	14) O fundador do integralismo
5) Estudos e depoimentos (1932)	15) O fundador do integralismo (parte 2)
6) Estudos e depoimentos (1957)	16) O integralismo e a Assistência Social
7) A poesia integralista	17) Documentos históricos do integralismo
8) Testemunhos de contemporâneos	18) O que é integralismo
9) O integralismo e a Justiça	19) O Golpe de 1937 e a revolução de 1938
10) Pedagogia do integralismo	20) O integralismo durante a 2ª Guerra

Fonte: Informações sistematizadas pelo autor, a partir do jornal *A Marcha*, 1957.

Quadro Temático: 25 Volumes (1959)

1) Prefácio de Plínio Salgado	13) O integralismo perante a Nação
2) Estudos e depoimentos (pré-1932)	14) História do integralismo
3) Estudos e depoimentos (pré-1932)	15) História do integralismo (parte 2)
4) Estudos e Depoimentos (geração de 1932)	16 e 17) Vida e obra do fundador
5) Estudos e depoimentos (geração de 1932)	18) O integralismo na 2ª Guerra
6) O integralismo e a Justiça	19) Folha Corrida do integralismo
7) O integralismo e seus Poetas	20) Hinário Integralista
8) Estudos e Depoimentos (geração de 1958)	21) O Homem Integral e o Estado Integral
9) Estudos e depoimentos (geração de 1950)	22) O integralismo e municipalismo
10) Estrutura da Ação Integralista Brasileira	23) O integralismo e a Religião
11) Pedagogia Integralista	24) O integralismo e as novas gerações
12) O integralismo julgado por contemporâneos	25) Índice remissivo da Enciclopédia do Integralismo

Fonte: Informações sistematizadas pelo autor, a partir do jornal *A Marcha*, 1957.

Quadro Temático com os 12 volumes publicados:

Vol.	Autores	Conteúdo	Data de publicação	Nº de páginas
1	Plínio Salgado	Obra inicial: O integralismo na vida brasileira	Out. de 1957	266
2	Belisário Penna; Lúcio José dos Santos; A Belamare; Rodolfo Josetti; Victor Pujol; Madeira de Freitas.	Depoimentos e organicidade do movimento	Nov. de 1957	189
3	Tássio da Silveira; Augusto de Lima Jr.; Félix Contreiras Rodrigues; Rocha Vaz; João Carlos Fairbanks; Jaime Regalo Pereira.	Depoimentos e Estudos	Fev. de 1958	251
4	AB Cotrim Neto; San Thiago Dantas; J. Venceslau Jr.; Pe. Hélder Câmara; Arnóbio Graça; Martins Moreira; Pedro Lafayette; Antônio Galotti.	O integralismo e o novo	Mar. de 1958	216
5	Loureiro Jr.; Miguel Reale; Margarida Corbisier; Hélio Vianna; Luis Campagnoni; José Garrido Torres; Leopoldo Ayres; Ernani Lomba Ferraz; Angelo Simões de Arruda; Rômulo Almeida; Lauro Scorel.	A nação e o integralismo além de depoimentos	Abril de 1958	184
6	Miguel Reale	Autos, discussões acerca dos problemas jurídicos com relação ao integralismo	Nov. de 1958	220
7	54 poetas integralistas	Poesias proselitistas	Fev. de 1959	223
8	Genoíno Ferreira Filho; Humberto Pergher; Abelardo Cardoso; José Soares de Arruda; Hélio Rocha; Gumercindo Rocha Dórea.	A Orgânica da AIB - Tomo I	Mai de 1959	199
9	Plínio Salgado e Câmara Cascudo	A Educação e Estudos	Dez. de 1959	204
10	Hélio Vianna; Gumercindo Rocha Dórea; Miguel Reale e Pe. Hélder Câmara.	A Orgânica da AIB - Tomo II	Mai de 1960	209
11	Gustavo Barroso, Jeovhá Mota Edgard e Hélio Rocha, Carlos Matheus, Silveira Neto, Carmen P. Dias, Gumercindo R. Dórea	Depoimentos	Dez. de 1960	197
Suplemento	Francisco Galvão de Castro e Plínio Salgado	Suplemento: os 4 pontos cardeais do integralismo.	Março de 1961	189

Fonte: Informações sistematizadas pelo autor, a partir do jornal *A Marcha*, 1957.

Tendo sido pressionado pelas altas taxas de juros do mercado de papel e pelos custos da impressão, cujas cifras excediam os 60% (*A Marcha*, 30/4/1960, 4) do montante de gastos da editora, o projeto sofreu uma diminuição no número de páginas a partir do nono número. Tais fatores aceleraram o encerramento da publicação no 12º volume. O preço de vendagem variou entre CR\$150,00 (cento e cinquenta cruzeiros) em formato brochura e CR\$ 200,00 (duzentos cruzeiros) em formato encadernado/capa dura.⁹² (*A Marcha*, 29/11/1957, 6) José Batista de Carvalho, na qualidade de assinante da *El*, acrescentou um dado interessante à constatação de que o projeto necessitou adaptar-se à realidade econômica enfrentada pela sigla, a partir de 1960.

Com relação à diminuição do tamanho da Enciclopédia, do número de seus volumes, registro que foram vicissitudes naturais, contratempos naturais de toda a publicação (...) o edifício que se pretendia altíssimo contentou-se em apresentar uma sólida base, um reforçado alicerce. Então, após ter participado dos Centros de Cultura da Juventude, batalhar pelo integralismo, ver renascer a chama do Sigma, após vivenciar novas experiências com o PRP, rever a celebração continuada após os 25 do movimento, após tudo isso, e não antes de ver o integralismo reacender na opinião pública, em 1961, salvo engano, recebi meu último volume, e a *El* saiu de circulação. (CARVALHO. SP. 20/6/2000)

O almejado sucesso de público não se concretizou. No entanto, sempre sustentando que o projeto alcançara patamares significativos, Gumercindo Rocha Dórea afirmou:

(...) Estima-se, que o número de exemplares vendidos deva ter chegado à casa dos 50 mil, sempre mantendo o mesmo preço de capa da primeira edição. Os números são coadjuvantes naquele que, sem dúvida, foi o maior triunfo alcançado pelo integralismo após 1945: o de reunir em volumes muito do que apenas se encontrava em jornais e revistas que não circulavam mais e que dificilmente seriam localizados. Outro triunfo sacado de nossas mangas foi que, a geração 'Águia Branca' tomou conhecimento aprofundado do integralismo através da Enciclopédia. Foi por intermédio dela que a história do Integralismo se transformou num grande documentário acessível às novas gerações de estudiosos brasileiros. Mas se é preciso precisar um número, penso que devam ter sido comercializados cerca de 50 mil exemplares. (DÓREA. SP. 7/10/2001)

O editor ainda enfatizou que a *El*, ao longo de sua publicação, estabeleceu uma “ponte entre a mocidade que integrava os quadros do PRP e a velha guarda do movimento”. (DÓREA, SP. 28/4/2000) Criada a partir da constatação de que quase toda a produção intelectual dos grandes vultos do movimento era dispersa e de “difícil acesso” (*A Marcha*, 12/4/1957, 12) uma vez que, os trabalhos haviam sido publicados, anteriormente, em jornais e revistas cujas coleções eram difíceis de se localizar, o compêndio tinha o intuito de congrega ideias e opiniões que evidenciassem o projeto

⁹² Em termos de comparação, os volumes da *Enciclopédia do Integralismo* estiveram, em números absolutos, sempre em segundo lugar nas vendas e distribuição. O título campeão de distribuição da Livraria Clássica Brasileira era o livro: “*A vida de Jesus*”, de Plínio Salgado, que além de ser o mais vendido, também era o mais caro: em média, CR\$ 180,00 na versão mais simples e CR\$ 200,00 na versão luxuosa (capa dura). Convertidos para a moeda atual os volumes da *El* custariam em média: de 18 a 25 reais. Fonte: *Banco Central. Anuário 2000. Tabelas de Conversão.*

de futuro para a Nação, valendo-se de uma forte presença doutrinária. Sob essa ótica, a construção da memória integralista e sua concepção de registro histórico foi, aos poucos, reinterpretada pelos correligionários do movimento que, por meio da *EI*, tiveram a oportunidade de rever conceitos, reaproximar-se da doutrina, rememorar efemérides e discutir a radicalidade ou impertinência de alguns elementos contidos na formulação original político/doutrinal do movimento. Tal enfoque aponta para a tentativa de se sistematizar elementos que comprovavam o caráter rememorativo/celebrativo da empreitada.

A memória integralista foi elaborada como suporte para determinadas representações e possíveis associações com a memória coletiva. Daí a produção de objetos, lugares e celebrações, que se assentou numa literatura histórica que privilegiava um passado, supostamente glorioso, origem e busca eterna de satisfação para as agruras do presente. Buscava-se afirmar a versão de seus agentes, isto é, apresentar às gerações futuras a leitura integralista da recente história política nacional. A catalogação e a preservação dessas fontes objetivavam garantir a permanência do integralismo e de sua memória, não só para as gerações integralistas, mas para toda a população interessada em conhecer a interpretação integralista dos fatos.

Portanto, a intenção do grupo liderado por Dórea era preservar a memória do integralismo, apresentando o movimento “como um *adversário* sempre presente da política nacional, independentemente de seu fator ideológico bom ou ruim” (DÓREA, SP. 28/4/2000); a despeito de ser caracterizado como o “fruto brasileiro do fascismo”. Nesse sentido, é significativo que o próprio discurso de Dórea tenha sido impregnado pela culpabilidade, autodefendendo-se como “adversário” de alguém ou alguma coisa. A seleção dos escritos da *EI* pautou-se por um aprofundado trabalho de pesquisa, principalmente se atentarmos para o fato de que, pelo menos até 1955, não havia arquivos integralistas organizados e sistematizados. A tentativa de se preservar a memória integralista enfrentou dificuldades de diferentes ordens. Como lembrou Dórea: “(...) da falta de verbas do partido à absoluta descrença na necessidade do registro, foram vários os obstáculos a serem transpostos para que pudesse se organizar este compêndio” (DÓREA, SP. 28/4/2000). Por isso, da concepção de doutrina e de democracia à percepção de partido; das lamentações dos militantes às supervalorizações de seus membros, um amplo rol de temas foi inventariado pelo editor do compêndio.

Nesse sentido, procede a informação de que não se conhecia, na época, a preocupação sistemática de se preservar a história do integralismo pós-1945. Isso pode parecer um contrassenso, uma vez que, são vários os artigos em que o próprio Plínio Salgado exalta a necessidade de se registrar a história do partido, dos diretórios e das eleições em que a sigla integralista tivesse participação. A despeito dos limites e entraves, a *EI* transcreveu variados artigos, provenientes de diferentes localidades do país, segundo graus variados de percepção do movimento. A partir da segunda metade da década de 1950, agora já sob os auspícios do PRP, a preservação da memória do movimento passou por uma reestruturação. Gumercindo R. Dórea coletou os escritos da *EI*

em seções dos próprios diretórios, jornais de circulação encerrada e tiragens esgotadas, além de rastrear coleções particulares de alguns correligionários e militantes integralistas, na sua maioria em estado de conservação bastante precário. Dispersos e perdidos em diversas instituições e órgãos de imprensa integralistas, tais escritos foram reagrupados, alcançando um resultado reputado como “satisfatório para os propósitos integralistas”.

A concepção do compêndio foi pautada por uma “noção dirigida” do conceito e das ações integralistas, portanto, construída a partir da seleção de diversas tendências integralistas, num conjunto coeso, embora heterogêneo. As dissidências e variadas concepções de política e partido foram intencionalmente exploradas na idealização editorial da *EI*. E nesse sentido, a perspectiva de conjunto foi primordial para que se apreendessem as múltiplas possibilidades de leitura propiciadas pelo corpo documental.

O integralismo nunca foi monolítico. Sabemos que como toda grande doutrina possui membros que pensam ou agem de acordo com a doutrina mas com nuances mais ou menos ortodoxas. A intenção foi mesmo mostrar que o integralismo possuía vida. Todos de acordo com os princípios de Salgado, mais ou menos perfilados dentro de cada um de seus ideais. Na maioria das vezes era o ideal do integralista que se sobressaía... às vezes era problemático, pois, havia escritos de pessoas que não se declaravam mais integralistas, (destes, a maioria escritos reportados aos anos 1930) quero dizer, não estavam mais no movimento, e outros que embora não estivessem mais dentro do movimento jamais abandonariam a doutrina (...) mas todos fizeram parte do integralismo, e como o projeto era apresentar a face do movimento em seus diferentes tempos, nada mais natural (...).(DÓREA, SP, entrevista anotada, 21/4/2001)

Contrariamente ao que indica o título, os escritos da *EI* não foram apresentados de acordo com o padrão clássico das enciclopédias, ou seja, por meio de verbetes, dispostos em sequência alfabética, tampouco seus textos foram apresentados segundo uma produção cronológica, do escrito mais antigo para o mais recente. O que se percebe é que os volumes da *EI* foram constituídos sem um plano pré-definido, sendo publicado em cada volume uma série de temas que mesclava textos rememorativos, ou seja, preocupações referentes ao passado do movimento, com avaliações sobre o presente do integralismo. No entanto, mesmo diferenciando-se do padrão enciclopédico clássico, o conteúdo compilado na publicação tinha a pretensão de um ‘saber enciclopédico’, principalmente, se entendido como um manancial de informações cujo objetivo era, antes de tudo, divulgar as ideias do movimento, informar e educar. Seu objetivo final era a informação por meio do proselitismo.

Da leitura de seus 12 volumes sobressai a noção de um integralismo estruturado para reagir às contraposições impostas pelo estabelecido jogo democrático. As posturas morais presentes no compêndio não destoam do antigo e cultuado perfil nacionalista, e os projetos expressos em cada volume coadunaram-se num corpo coeso de rememorações e depoimentos, tributários à figura onipresente e onipotente de Salgado. Este, por sua vez, surge sempre, invariavelmente, como figura central e difusora do limite entre o permitido e o proibido. Não resta dúvidas quanto ao lugar que os integralistas se auto reservavam. Os dizeres de Salgado evidenciam que a *EI* - metaforicamente,

antídoto do ferimento não cicatrizado -, apostou na tentativa de se autoproclamar “o legatário oficial das mazelas sofridas pelo passado pouco distante”, esperando reconquistar o seu leitor, valorizando sua posição e zelando pela “boa vontade e benevolência para com aqueles que, diante a luz integralista, enxergaram a verdade do Brasil vanguardista”.⁹³ A ideia da reconstituição da simbologia integralista partiu, sobretudo, do sentimento de exclusão dos adeptos de Salgado, que se sentiam apartados do conjunto da sociedade, necessitando reafirmar sua presença, propor alternativas e releituras, variações e possibilidades para que sua visão de mundo e objetivos encontrassem espaço. No período de redemocratização tal necessidade tornou-se ainda mais premente. A permanência integralista na ordem democrática vigente precisava ser legitimada, o que se tentou por meio das celebrações de seus 25 anos, das publicações de cunho comemorativo, do incremento das propagandas etc.

Nesse sentido, é fundamental analisar quais os temas nela contidos, que propostas, valores e ações prescreviam ao país. Ao listar os colaboradores (diretos e indiretos) da *EI*, faz-se necessário apontar para a pluralidade de profissionais que integraram o compêndio: médicos, advogados, jornalistas, empreiteiros, fazendeiros, engenheiros, comerciantes, industriais, artesãos, operários, estudantes universitários e secundaristas, indivíduos da classe política, líderes católicos clérigos e leigos, bem como uma parcela considerável de populares que, principalmente por meio das poesias coletadas⁹⁴, surgiram como força de um universo multifacetado. Do ponto de vista quantitativo, os autores com maior número de publicações na *EI* foram, em ordem decrescente: Plínio Salgado; José Galotti; Miguel Reale⁹⁵; Ernani Rodrigues; João Carlos Fairbanks; Rodolpho Josetti; Félix Contreiras Rodrigues e Gumercindo Rocha Dórea, este atuando principalmente como interlocutor de vários escritos, nos prólogos, apresentações ou apêndices. Os principais nomes do integralismo tiveram textos publicados neste compêndio, entre eles: Belisário Penna; Alcebíades Belamare; Victor Pujol; Madeira de Freitas; Rocha Vaz; João Carlos Fairbanks; Santhiago Dantas; Pe. Helder Câmara; Miguel Reale; Margarida Corbisier; Hélio Vianna; Lauro Scorel; Francisco Galvão de Castro; Hélio Silva; Gumercindo Rocha Dórea, dentre outros.

Fator de destaque é a ausência de escritos de Gustavo Barroso. Embora Barroso fosse anunciado como colaborador no volume 3 de depoimentos do primeiro quadro temático, o autor não integrou o compêndio. Tal lacuna, possivelmente, pode ser encarada como uma tentativa de soterrar um passado comprometedor. Com seu antissemitismo, a vertente barrosiana parecia pouco adequada à nova roupagem integralista. (Na década de 1950, a despeito de o integralismo se apresentar como uma “promessa de irrupção descontínua” (CHASIN, 1979, 456) a ausência de Barroso assinalou a preocupação dos integralistas de desvincularem-se de alguns de seus pontos mais polêmicos. No entanto, o simples anúncio da presença de escritos de Barroso na *EI* matiza a afirmação deste afastamento, como algo previamente elaborado.

⁹³ Frase que apareceu com frequência nos mais de trinta artigos sistematizados, e analisados no jornal: *A Marcha*, durante o período de janeiro de 1955 a dezembro de 1957.

⁹⁴ O 7º volume da *EI* trata exclusivamente das poesias escritas por integralistas conhecidos e anônimos.

⁹⁵ Textos originalmente escritos na década de 1930 e reeditados em, pelo menos, 4 volumes da *EI*.

A despeito disso, Dórea confirmou que a ausência se deveu, basicamente, ao término da edição no 12º volume. “De fato, sua presença significava uma marca singular do integralismo. Não tínhamos certeza de sua ausência, mas também não tínhamos nenhuma convicção de sua presença...”. (Dórea. SP. 13/6/2001) Não se pode desconsiderar que este é um depoimento contemporâneo, e que, portanto, está distanciado dos acontecimentos rememorados pelo editor da GRD. De qualquer maneira permanece a questão: uma vez não publicados, porque os escritos de Barroso foram anunciados para comporem os primeiros volumes do compêndio?

A listagem de colaboradores da *EI* indica a presença de autores pertencentes a três gerações do universo político-cultural integralista.⁹⁶ (SIRINELLI, Apud FERREIRA & AMADO, 1997, 133). A primeira congregou um número expressivo de intelectuais que realizaram sua formação no decorrer dos anos 1910 e 1920, atuaram no movimento antes de outubro de 1932 e vincularam-se à Sociedade de Estudos Políticos, antecessora da AIB. Olbiano de Melo⁹⁷; Luis da Câmara Cascudo; Miguel Reale; Severino Sombra⁹⁸; além de Jeovhá Mota; Padre Hélder Câmara; Félix Contreiras; João Carlos Fairbanks; Alcebíades Delamare; Madeira de Freitas e Plínio Salgado.

A despeito das propagandas da *EI* apontarem em seus quadros temáticos a presença de uma segunda geração vinculada ao desenvolvimento da AIB, o que se percebeu, de fato, foi que, esta segunda geração de escritores integralistas proveio tanto dos quadros da AIB quanto do movimento pós-1945. Seus escritos, embora mais permeáveis à tendência democrática ainda defendiam posturas que poderiam ser identificadas como rememorativas. No âmbito político-partidário, essa postura mais flexível à prática democrática, fortaleceu-se com a posse do General Dutra na presidência da República, candidatura que contou com o apoio dessa nova geração. Dentre seus nomes mais representativos destacam-se: San Thiago Dantas; Antonio Galotti; Pedro Lafayette; Luis Campagnolli; e Aníbal Teixeira. Por fim, o grupo mais jovem e menos conhecido foi formado por integrantes recém incorporados ao PRP, dentre os quais, Edgard e Hélio Rocha; Geraldo Mello Mourão; Humberto Pergher; Carmen Pinheiro Dias; Genésio Pereira Filho; Ivan Luz e Gumercindo Rocha Dórea.

Nas páginas da *EI*, diversas vezes reiterou-se a proposta de que a “face moderadamente esverdeada da *Intelligentsia Integralista*” (*Correio Paulistano*, 9/10/1957, 5) imprimiu uma renovada percepção de propaganda doutrinária, o que viabilizou a presença do integralismo como mais um elemento atuante do cenário político. Além disso, a *EI* demonstrou que a presença quase exclusiva⁹⁹ da intelectualidade integralista nos seus escritos apresentou pensamentos absolutamente identificados com a proposta do ideal integralista. É significativo que não existisse nos textos da

⁹⁶ A utilização do termo “geração” exige do pesquisador certa precaução. Não se trata aqui da geração no sentido biológico, mas cultural. O conceito geracional aqui aplicado trata do pertencimento de uma dada faixa etária com forte identidade diferencial.

⁹⁷ Os escritos de Olbiano de Melo foram anunciados, mas não fizeram parte dos volumes da *EI*.

⁹⁸ Especialmente Severino Sombra propunha que a Ação Integralista se voltasse para o proletariado, o que não se concretizou. A AIB esteve, desde o início, ligada à concepção pliniana que elegeu a classe média como foco de sua propagação. Não obstante o integralismo fosse um movimento cuja maioria de seus aderentes era oriunda das ‘classes médias’, houve a participação de todas as camadas sociais. Sombra desvinculou-se do partido por divergir dos rumos impostos por Salgado.

⁹⁹ A exceção se deu por conta das poesias populares, editadas no 7º volume.

El uma preocupação sistematizada da doutrinação, embora, esta aparecesse em todos os escritos de maneira diluída. Verificou-se, a partir disso, que muitos dos temas contidos na *El* apareceram mais de uma vez, o que obrigou uma maior atenção na análise destes temas. Já a escolha dos artigos constituintes do compêndio demonstra a preocupação de apresentar a *El* como se esta fosse uma espécie de caleidoscópio, cuja refração de ideias convergiria para a preocupação de que seria necessário “reentender o movimento”, fazendo desta ação “um hábito, até o grau de recepção absoluta”.¹⁰⁰ Assim, o antigo ideário integralista seria incutido no leitor de maneira a não distinguir o que fora passado e o que se mostrava como presente, tanto política como culturalmente, possibilitando que a rememoração ocupasse lugar central.

O projeto pautou-se pela apresentação das ideias do integralismo debatidas pelas três gerações presentes na *El*, estabelecendo-se assim um diálogo entre temas próximos nos diferentes volumes. Esta interlocução foi realizada, com maior frequência, por Gumerindo R. Dórea e Plínio Salgado que, desde o segundo volume, compareceram com intervenções e opiniões. Embora o perfil dos escritos fosse, via de regra, favorável ao integralismo pliniano, alguns escritos discutiam pontos considerados incômodos e comprometedores para a sigla, como a imprescindível anuência de Salgado para todas as decisões do partido e a constituição extremamente heterogênea do PRP, para citar apenas dois exemplos. Com relação a esses elementos, Dórea enfatizou:

(...) era necessário mostrar os vários lados. Discordava particularmente deles mas eram importantes para demonstrar a magnitude plural de nosso movimento. É claro que a palavra final era minha, eu publicava o que eu queria, mas nunca, digo, nunca passou um volume se quer, sem o consentimento e a apreciação rigorosa de Salgado. Como disse, o boneco da publicação ele via... aprovava ou fazia sugestões. A ideia de se variar e apimentar os volumes deu vida aos debates. Por isso a juventude integralista/perrepista passou a estudar os escritos da *El*. Líamos sistematicamente, formávamos grupos de estudos e revigorávamos nossa crença... (DÓREA, SP, 03/09/2001)

Note-se que, embora houvesse a preocupação de seu editor em oferecer uma leitura comprometida com o *integralismo pluralista*, que exprimisse diferenças e nuances de ideais, tal noção necessita ser matizada. Como entender o conceito de pluralidade se todos os artigos publicados na *El* passaram, necessariamente, pelo crivo do chefe integralista?

Indagado a respeito, Rocha Dórea foi enfático:

(...) Como disse anteriormente, a ideia e a compilação foram minhas. Plínio Salgado foi fonte de inspiração, mas ele não direcionava o trabalho. Na época eu era um jovem militante e acreditava que, editando coisas sobre o integralismo, saberíamos mais sobre esta doutrina tão maravilhosa... na época, nossas discussões (minhas e do chefe) eram mais no sentido de se direcionar pontos importantes da doutrina. Mas toda a escolha foi minha. Eu dei vida aos

¹⁰⁰ Este era o tom das propagandas publicadas pelo Jornal *A Marcha*, quando se tratava de oferecer ao seu consumidor a leitura da *Enciclopédia*. Com predominância nos últimos números da publicação, em especial o volume VIII, tal postura deixaria de ser frequente, nos demais volumes, conforme o súbito encerramento da publicação. Ver: edições esparsas em: *A Marcha* de 1960 e 1961.

pontos. Salgado apenas os aprovou... As diferenças são prova da multiplicidade de gostos e idiosincrasias presentes no movimento... acho que isso era um grande avanço nas relações entre o movimento, a militância e a doutrina... é verdade que percebemos isso de maneira mais clara apenas depois, mas isso não invalida o nosso propósito: mostrar vida e pulsação no movimento. (DÓREA, SP, 03/09/2001)

Misto de intenção e intuição, o projeto de integralismo contido na *EI* procurou construir uma identidade espelhada no passado, mas com perspectivas futuras. Ainda que voltassem suas atenções à AIB, a proposta de tomada de poder abandonava a perspectiva insurrecional, em detrimento de uma postura institucional. Tendo voltado sua atenção aos preceitos da AIB, a *EI* trouxe no seu bojo a ideia de um suporte celebrativo. Miguel Reale sintetizou o espírito empreendedor da intelectualidade integralista numa de suas frases: “O passado que nos condenava, também nos absolvía...”. (REALE, *EI*. Vol. X, 1961, 134) Cunhada originalmente nos anos 1930, tal frase foi reapropriada nos escritos da *EI*, mantendo-se com o mesmo sentido de quando foi formulada. Nos anos 1950, o passado que condenou o integralismo tentou redimi-lo. Sem muito sucesso. Embora se caracterizasse como um vigoroso depositário de expectativas e experiências entrelaçadas, o integralismo do pós-1957 não se sustentou. Indiferente ao credo dos integralistas e contradizendo a importância do compêndio, os adversários do movimento acreditavam que a criação de uma enciclopédia constituiu um “eufemismo político injustificável” (*O Globo*, 12/12/1958. 5), a apropriação de “um discurso falacioso e pusilânime”. (*O Cruzeiro*. 12/10/1959, 24-26)

A partir disso, procurou-se associar o fortalecimento do movimento integralista a uma trágica farsa. Estes foram apenas alguns adjetivos impingidos ao integralismo por uma heterogênea, mas coesa ala opositora, cuja força cresceu no decorrer da década de 1950. Tal oposição congregava políticos, representantes de diversos setores da sociedade, militares moderados e progressistas e órgãos de comunicação. Uma frente ampla que se opôs de forma contundente a tudo que lembrasse o movimento integralista dos anos 1930. Articulada às estratégias de promoção dos símbolos integralistas e concomitante à publicação do compêndio, seguiu-se uma campanha publicitária que visou apresentar a *EI* ao seu público. A maioria dos jornais perrepistas, em especial, *A Marcha*, publicou uma série de anúncios a respeito da publicação, que enfatizavam os objetivos do projeto.

A pesquisa no jornal *A Marcha*, durante os anos de 1957-59, permitiu localizar cerca de quarenta e cinco produtos anunciados, dos quais, pelo menos trinta eram voltados essencialmente para a militância e a doutrinação. As demais propagandas referenciavam-se a produtos que se identificavam com a linha editorial e política do partido. Assim como todos os jornais proselitistas, *A Marcha* também só veiculava anúncios que propagandassem produtos relacionados ao seu universo doutrinário. A estratégia de aproximação entre o produto anunciado e o universo integralista apresentava-se de maneira explícita. Nesse sentido, eram frequentemente anunciados os produtos que faziam alusões diretas ao modo integralista de se viver. No conjunto dessas propagandas, um gênero se destacou: as propagandas de livros e similares. De acordo com Cavalari,

“a palavra impressa, isto é, os livros e jornais, ocupou um lugar de destaque na rede constituída pelo integralismo”. (CAVALARI, 1999, 79)

Com relação à propaganda no jornal *A Marcha*, o discurso foi ainda mais direto, valendo-se de uma linguagem que procurava homogeneizar a mensagem emitida, sem diferenciar conteúdo ou termos dos textos ali apresentados. Não havia mais a preocupação em dividir os textos entre inteligíveis para a *massa* e para o *público intelectualizado*, inquietação tão presente nos anos da Ação Integralista.¹⁰¹ (CAVALARI, 1995, 78) Sempre contundente, a propaganda que figurava no jornal tinha como intuito abarcar todo o tipo de leitor. No período de celebração dos 25 anos da doutrina, o movimento reforçou sua conduta propagandística em prol da vendagem de livros, dentre os quais destacou-se a *El*: “o maior sucesso de vendas, assinaturas e anúncios já veiculado pela *Marcha*”. (*A Marcha*, 19/8/1959, 5) Veja-se o seguinte exemplo:

Para todos que amam o integralismo, a pátria e a leitura:
Eventualmente os que ainda não nos conhecem...
Estes são os livros que não podem faltar em sua biblioteca:
Os Ismos (grandes temas políticos) de Eugene Golos
A Verdade sobre os discos voadores¹⁰²:
Donald Keyroe, ambos da Livraria Clássica Brasileira,
nossa importadora e tradutora de títulos monumentais...
A Enciclopédia do Integralismo
(volumes I e II e III no prelo) da GRD Edições.

Em outro exemplo, a mensagem é ainda mais explícita:

A Enciclopédia do Integralismo é um monumento erguido pela máxima homenagem ao Sigma! Nenhum integralista pode, por conseguinte, deixar de ser assinante desta formidável obra! Então corra companheiro, pois hoje começa a grande marcha da campanha pela assinatura da Enciclopédia. Corra, pois os volumes vão acabar! Ser assinante da Enciclopédia é ser fiel aos propósitos do Sigma! (*A Marcha*, 28/2/1958, 15)

Acompanhados de suas respectivas ilustrações de capa, os livros propagandeados pelo jornal passaram a ser mais vendidos, propiciando que tais vendagens superassem a expectativa dos próprios editores. (*A Marcha*, 12/10/1957, 6) Para comprovar tal aumento na comercialização dos títulos, o jornal passou a anunciar os volumes da *El*, como exemplo de título que havia aumentado sua tiragem. Diversos anúncios indicavam que “o compêndio que iniciara com menos de mil exemplares vendidos chegava, após sistemáticos anúncios, ao 4º volume, com cerca de 3 mil exemplares, o que praticamente

¹⁰¹ Nos anos de atuação da AIB, uma das diretrizes de Plínio Salgado foi a publicação de textos doutrinários que diferenciasssem o seu público alvo. Com um teor fortemente proselitista e anticomunista, tais escritos eram divididos entre textos ‘intelectualizados’ e ‘gerais ou de fácil assimilação’. Havia diferenças na forma de transmitir a mensagem, ainda que o objetivo sempre fosse a doutrinação. Para os leitores considerados ‘cultos’, a mensagem era mais intelectualizada, ao passo que para a população do interior, tida como mais simples, geralmente semianalfabeta, a mensagem deveria ser desprovida de sofisticação.

¹⁰² A tentativa de popularização do gênero de ficção científica fez com que a *GRD Edições* investisse em propagandas que vinculassem a temática a todos os outros segmentos, fossem estes voltados à filosofia, história ou política.

quadruplicava sua tiragem”. O perfil das publicações apresentadas no jornal *A Marcha* tinha características bastante específicas. Reafirma-se que, por se tratar de um jornal partidário, proselitista por excelência, apenas anúncios de obras doutrinárias foram veiculados. Até a coleção de ficção científica, - coqueluche da *GRD Edições* - anunciada no jornal, era devidamente alinhada a um discurso político, para que sua apresentação não destoasse do perfil apresentado pelas demais publicações.

A referência aos “discos voadores” foi manifestada pela primeira vez em outubro de 1956. Desde 1954, a *GRD Edições* e a *Livraria Clássica Brasileira*, maiores distribuidores de títulos de cunho nacionalista e integralista na década, passaram a anunciar, sistematicamente, suas obras nas páginas de *A Marcha*. Tanto os livros de ficção científica quanto a *El* tornaram-se mais conhecidos graças à frequente exposição do jornal. Note-se que o discurso contido na maioria das obras anunciadas só pode ser entendido no contexto da disputa ideológica propalada pela Guerra Fria, que, no Brasil, também intensificou seus dispositivos anticomunistas como arma de demarcação político/ideológica. Desassociado desta variante, tal discurso perde seu valor. A repulsa integralista ao comunismo foi favorecida pela atmosfera de contraposição que se instaurou no país. Atrelado à tutela cultural e política dos EUA, o Brasil seguia as diretrizes norte-americanas, acarretando, inclusive, reflexos que foram percebidos nas publicações perrepistas, catalisadoras da atmosfera de tensão provocada pela guerra ideológica do mundo bipartite. Além do cuidado de veicular as mensagens de maneira clara, precisa, sem metáforas exageradas, o jornal passou a dispor de recursos visuais (como fotografia de capa dos livros ou de consumidores em plena leitura), procurando assim, sensibilizar o leitor da necessidade de se consumir o que era avalizado pelo movimento. A estratégia de anúncio evoluiu, a partir de então, para uma apresentação mais atraente dos produtos a serem consumidos.

Em consonância com a realidade editorial e financeira do país, cujos investimentos diretos beiravam a ordem dos 30%¹⁰³ (ANDRADE, 1978), e como reflexo das novas tendências do setor editorial que, a partir do início da década, sofreu um crescimento e uma profissionalização nos seus três níveis de atuação (produção, promoção e vendas), o jornal *A Marcha* mostrou-se permeável aos anúncios de obras literárias que corroborassem o perfil ideológico propalado pelo integralismo, o que se fez sentir por meio do aumento de publicações anunciadas e recomendadas pelo jornal.

A editoria d’*A Marcha* passou então a aumentar, cada vez mais, sua quota de sugestões bibliográficas.¹⁰⁴ (*A Marcha*, 12/12/1957, 3) De maneira sistemática, *A Marcha* publicava curiosos posicionamentos, principalmente nas colunas destinadas à opinião dos leitores:

Diferente essa *nova* abordagem! Com isso o jornal ficou mais fácil de ler. Até minha mulher, que não gosta de política passou a se interessar. Mas o que ela gosta mesmo são das figuras... Até me pediu pra comprar um daqueles livrinhos que tem discos voadores... na capa... é, ela me viu comprar a Enciclopédia e quis o que falava desses discos aí... coisa que a mulherada

¹⁰³ De 1956 a 1958, o setor editorial brasileiro cresceu em média 9% ao ano, o que foi uma média considerável, principalmente se comparado aos primeiros anos da década. *Quadro de canais de distribuição do mercado editorial brasileiro em finais de 1950*.

¹⁰⁴ A modernização da concepção editorial e de layout do jornal projetou o volume de anúncios, em cerca de 20%, aumentando inclusive, sua tiragem, que saltou do patamar de 40 mil exemplares/dia para quase 55 mil, entre 1954 e 1957. Dados: ‘*Nosso Layout*’.

gosta. Imagina... política e disco voador... Só mesmo um jornal renovador pra colocar lado a lado partes tão... tão... diferentes. O saudoso Salgado e os discos voadores... é ou não é uma onda modernizadora? (*A Marcha*, 12/12/1958, 5)

Tal estrato deixa transparecer a percepção de um antigo leitor de jornais integralistas com relação ao aumento das peças publicitárias vinculadas ao movimento. A doutrinação passou a fazer parte das proposições do jornal de maneira mais dissimulada. Mais do que nunca a sedução dos anúncios foi explorada, e nesse sentido, a modificação do jornal, no sentido de recriar suas mensagens doutrinárias, atingira seu público leitor. Note-se, portanto, que as estratégias de propaganda passaram a explorar o declarado apelo emocional da militância. Em meados de setembro de 1957, portanto às vésperas das comemorações dos 25 anos integralistas e da publicação da *EI*, o jornal iniciou uma série de chamadas publicitárias, cujos textos explicitavam a necessidade do “bom integralista” adquirir “a fonte e a essência da essência da nossa doutrina, bem acabada, reunida e discutida por pessoas que viveram e vivem a doutrina do sigma”. (*A Marcha*, 13/09/1957, 5) Tratava-se, naturalmente, da publicação da *EI*. Diversos depoimentos procuravam corroborar a intenção de se publicar a essência do movimento integralista:

Conheci essa Enciclopédia através dos anúncios da *Marcha*. Até agora tenho os quatro volumes... nem vejo a hora de chegar o quinto e o resto... A *Marcha* só errou num ponto: deveria notificar o sumário dessas publicações. Mas talvez, seja de propósito, afinal é do suspense que vivem os bons negócios. Ainda me lembro e agora vou dizer: Anauê amigos. Anauê. (*A Marcha*, 13/09/1957, 5)

Semanas depois, foi a vez de Plínio Salgado se pronunciar: “Procure nas bancas, assine, é mais prático e mais cômodo. Possuir a Enciclopédia do Integralismo é dar prova de ser verdadeiro integralista. Consultá-la revelar ciência de responsabilidade doutrinária”. (*A Marcha*, 14/10/1957, 6) A veiculação de tais depoimentos promoveu uma continuidade nos debates acerca da importância de se adquirir o compêndio. No trecho destacado abaixo, percebe-se o grau de abrangência que o jornal procurou alcançar com este tipo de anúncio, de maneira a abarcar o maior número possível de apreciadores. O anúncio continha o seguinte texto:

VOCÊ... É... VOCÊ!!!!!! [letras em caixa alta]

Doutrinação?!

Doutrinação! Pra que?

Pra criar uma nova mentalidade, a mentalidade existente está levando o Brasil para caminhos que negam o nosso passado e proporcionam às gerações atuais um péssimo presente medíocre que praticamente nega o futuro grandioso a que o Brasil foi destinado por Deus. Esta nova mentalidade só o Integralismo poderá edificar.

E já não existem os integralistas, com todas as organizações?

Sim, existem. Mas o principal não está em nível acelerado como devia. Mais do que nunca os integralistas precisam intensificar a Doutrinação. Mesmo porque, não se compreende integralismo sem forte divulgação doutrinária.

Nesse sentido: INTEGRALISTA!!!

Você é um fiel seguidor do Sigma? Ótimo!

Isto significa que você já é assinante da Enciclopédia do Integralismo, certo? Seu 3º volume já se acha no prelo!

E, principalmente: você já leu os livros de Plínio Salgado, para poder defender o ideário integralista com bases irrefutáveis? E mais: já leu livros de expoentes integralistas escritos por [descreve uma lista infindável de nomes].

Por isso INTEGRALISTA!!! Precisamos nos convencer de uma vez para sempre: sem a leitura das obras doutrinárias não existe convicção verdadeira. TODOS precisamos ler os LIVROS, a ENCICLOPÉDIA a DOCTRINA, pois são eles que ensinam o valor do Integralismo. Mas não é só ler. Temos que divulgar junto a todos que podem ser doutrinados. O BRASIL e o INTEGRALISMO dependem de você.¹⁰⁵

A diagramação do texto descrito acima explicita o tom imperativo, prescritivo da linguagem utilizada para veicular a mensagem. Os editores responsáveis pelo jornal oficial do PRP passaram a buscar uma comunicação mais direta com seus leitores. Isso, segundo seus profissionais, rompia com uma “manobra textual estática”¹⁰⁶ característica dos anúncios até então veiculados. Esta estratégia foi implementada visando dinamizar a relação entre o anunciante e o público. O autoritarismo, a relação de subordinação da militância, a tentativa de aproximação com o leitor, utilizando-se, principalmente, de frases destacadas por vários pontos de exclamação, intercalação de caixas alta e baixa na disposição das palavras, estabeleceram uma relação de hierarquia entre elementos primordiais e acessórios na mensagem. Essa relação foi pautada pela importância dada às palavras registradas em caixa alta, cujo apelo sensacionalista e proselitista explícito entrava em harmonia com o texto editado em caixa baixa e tipos pequenos, o que proporcionou ao leitor a distinção não só dos tamanhos das letras, e de seus respectivos significados - explícitos e implícitos - mas uma diferença que estabelecia parâmetros entre o necessário e o subliminar. Exemplo disso são as palavras: “VOCÊ, INTEGRALISMO, INTEGRALISTA, BRASIL, TODOS, LIVROS, ENCICLOPÉDIA e DOCTRINA” que, veicularam a essência do ideal integralista, supervalorizando seus conteúdos.

O apelo sob a forma de texto foi de tamanha eficiência que a receptividade pôde ser medida nas edições posteriores a março de 1959. De abril a junho do mesmo ano, a *EI* triplicou sua tiragem, tendo sido anunciado o rompimento da meta dos 20 mil exemplares. (DÓREA, *EI*, Vol. VII. 1958, 3) Os anúncios e o aumento das assinaturas do jornal *A Marcha* favoreceram o crescimento na vendagem dos volumes da *EI*. Como estratégias de propaganda foram veiculadas diferentes mensagens. Utilizou-se de maneira mais racional as páginas do jornal, possibilitando uma maior visualização dos produtos propagandeados. Não só os tipos e cores, mas também as dimensões dos anúncios aumentaram. Foram experimentados vários formatos, o que pode ser sentido na intensificação do elemento visual. As imagens agregadas aos anúncios supervalorizaram a exposição dos produtos,

¹⁰⁵ *A Marcha*, edições sucessivas em março de 1959. Grafia original.

¹⁰⁶ A mudança nas estratégias de propaganda do PRP foi tema de diversos artigos do jornal, dos quais destaca-se: “*A estática manobra textual*”. *A Marcha*. Diversas edições - 1957.

que eram veiculados em conjunto com pequenos textos explicativos. Esses anúncios marcaram um diferencial: a reprodução da imagem em três cores, episódio inédito na imprensa integralista. Até então, tal técnica era utilizada apenas na capa do jornal. A despeito desse sensível crescimento na utilização de imagens, o texto sempre foi o referencial das propagandas. Veja-se outro exemplo de anúncio que primou pela exposição textual:

Nossa mensagem tem sido ouvida, mas ainda precisa adentrar nos corações avermelhados e descorados de todo o país. Amigo que deixou o integralismo: a força da volta e do retorno triunfantes aguarda por você. Hoje somos milhares de simpatizantes esperando o seu retorno ou a sua admissão no nosso conselho. Venha ser um leitor do Sigma. Venha ser um membro do PRP. Venha ser um assinante da Enciclopédia do Integralismo. Leve para sua casa o nosso jornal. Figure-se dentre as centenas de milhares de assinantes. Assinaturas: Cx. Postal 129, DF.¹⁰⁷

Entre os meses de outubro de 1958 a novembro de 1959, com o objetivo de aumentar a venda da *EI* por meio da assinatura, o jornal passou a veicular o seguinte anúncio:

Aviso

Enciclopédia do Integralismo

A Livraria Clássica Brasileira comunica os prezados clientes que os volumes da Enciclopédia do Integralismo já se encontram prontos e impressos, devendo ser lançado o mais novo volume no final do mês. Chamamos a atenção dos leitores d' *A Marcha* e clientes da Livraria Clássica Brasileira para o seguinte: *o lançamento desta Enciclopédia destina-se a mostrar, ao povo brasileiro, e principalmente aos que não ignoram o que é o Movimento do Sigma, que grandes vultos possuía e possui, o que fez ontem e poderá fazer amanhã, quando chegar ao Poder. Aos pais integralistas cabe uma enorme responsabilidade: o de possuir os volumes da Enciclopédia do Integralismo, mostrar aos filhos o que é o movimento, de que faz parte, o que ele significou nos últimos 25 anos na vida brasileira. Aos professores, responsabilidade e missão semelhantes se fazem presente: a de chamar a atenção de seus alunos para a Enciclopédia oferecendo a eles meios de se formarem e informarem decentemente, afim de que conheçam o que foi o Integralismo, e possam juntos com ele, realizar o bem para o Brasil. Por este motivo, a Livraria Clássica Brasileira aconselha aos integralistas não deixarem de possuir seus exemplares. Aos professores, ofereçam uma coleção para as escolas em que lecionam, e a todos, de modo geral sua leitura, ofertando também aos juizes, padres e amigos, enfim, a todos os brasileiros para que possam ter uma visão completa do que é e foi o Integralismo e o quanto foi importante para a história do Brasil. (A Marcha, 1/11/1957, 2. Grifos meus.)*

É significativo destacar que a publicação de tais anúncios era intercalada com a intensa propaganda a respeito da manutenção dos quadros do PRP, sob o claro propósito de arrematar o maior número possível de novos afiliados. Como forma de incentivo aos leitores e assinantes, os editores do jornal, em parceria com a editoria da *EI*, criaram uma propaganda que incitava o orgulho

¹⁰⁷ *A Marcha*, em várias publicações de agosto a setembro de 1958.

integralista, associando o sentimento de pertencimento do militante às necessidades imediatas do movimento. Assim, publicou-se um diploma de aceitação e fidelidade partidária que atestava a honradez e o pertencimento do militante. Denominado *Diploma de Fidelidade Integralista*, tal certificado objetivava restaurar a ideia de pertencimento desgastada nos últimos anos pela fraca atuação política do PRP e a pequena veiculação de reportagens de cunho entusiasta nos jornais do partido. O diploma trazia o seguinte texto:

Declaro que [fulano] integralista apresenta nesta data, [tantos] anos de Fidelidade à causa abraçada, constituindo assim, uma das colunas do Sigma, através de todas as vicissitudes históricas, sonhando a grandeza da Pátria e trabalhando pelo Bem do Brasil. Subscrive-se: Plínio Salgado, no Jubileu de Prata do Integralismo.
Rio de Janeiro, 7 de outubro de 1957. (*A Marcha*, 18/10/1957, 5)

Nesse sentido, vale destacar que, após 1957, conceitos como doutrinação e pertencimento passaram a ser mais bem explorados pelos anúncios, principalmente por conta das comemorações de outubro. Ao longo dos anos 1950, a manutenção da ação militante foi tema recorrente das matérias dos jornais perrepistas: primeiro na *Idade Nova* depois n'*A Marcha*. Este sentimento de pertencimento do militante perrepista também foi propagandeado durante toda a publicação da *EI*, com maior contundência no último volume. Neste, destacou-se uma expressiva passagem escrita por Gumercindo R. Dórea, na qual o editor afirmou que “a mudança de nós mesmos [integralistas] começaria na permissibilidade de quem nos ouvisse”. (DÓREA, *EI*. XI, 1961,188) De fato, ao escrever esta frase, Dórea dirigiu-se aos antagonistas do movimento integralista na ordem democrática. A acusação desses adversários sempre foi a mesma: “que o integralismo não havia entendido a mudança dos tempos”. Conclusão: seus integrantes foram condenados a pagar a dívida de seu passado, e seus antagonistas permaneceram referenciando este passado como “marca indelével e irrecuperável” (*Diário Carioca*, 12/12/1957, 4), num jogo cuja acusação permaneceu inalterada. Uma vez integralista sempre integralista.

Em contraposição, registra-se a necessidade premente da imprensa integralista em apoiar-se nas estratégias de promoção e propaganda de produtos doutrinários, essenciais na consolidação do novo cenário de reapropriação simbólica integralista. A efetiva circulação de produtos de bens de consumo que traziam a marca integralista visava confirmar a “sacralização” do mito integral e sua introdução no universo da vida cotidiana. Tal permanência era constantemente alimentada por meio da efetiva rememoração das experiências legitimadoras de sua cultura política, sua ideologia, seu modo de vida. Assim, a propaganda doutrinária constituiu-se no combustível necessário para o restabelecimento do ideário integralista, num período em que a palavra escrita se solidificou como o mais importante propulsor do movimento.

Concebida para fazer parte das comemorações dos 25 anos do integralismo, a *EI* surgiu como uma proposta de apresentação ordenada da leitura de mundo dos integralistas. A apresentação desse corpo doutrinal pautou-se pela necessidade de seus escritos parecerem um conjunto coerente e sólido,

uma vez que, por meio dele, seus membros pretendiam divulgar suas realizações. Os integralistas comungavam uma leitura radical de mundo, cuja partilha de sentimentos e convicções era o centro de seu ideário, e o fortalecimento do integralismo do pós-guerra esteve intimamente ligado a essa partilha, terreno seguro, num período cada vez mais adverso à presença do integralismo no cenário político. No momento em que quase todos estavam contrários ao restabelecimento integralista, e que os membros do movimento eram acusados de não possuírem propostas adequadas nem para o presente nem para o futuro, a publicação da *EI*, objetivando uma melhor aceitação do movimento na sociedade vigente, consubstanciou-se num suporte para a divulgação das suas atividades.

Pretende-se, dentre os vários elementos destacados da *EI*, distinguir alguns aspectos doutrinários tidos como basilares na consolidação do movimento integralista brasileiro. Essa é apenas uma das possibilidades de se apreender tamanha diversidade de temas e escritos. Nesse sentido, ao se descolarem do terreno da mera compilação, pretende-se responder a uma dupla indagação: o que permaneceu do integralismo nesse momento de democracia e qual a relação existente entre os possíveis integralismos presentes neste compêndio? Para tentar responder a essas indagações, partiu-se da premissa de que o integralismo apresentado na Enciclopédia deixou, em grande parte de seus escritos, aflorar elementos de tensão, ou seja, pontos de discordância inicialmente dados como aquiescentes, definitivos, de seu aparato conceitual. A noção de tensão se estabeleceu em diversos pontos do compêndio, não só com relação a elementos da doutrina, mas também referente à postura do correligionário diante da figura onipotente e onipresente do chefe integralista. Em diversas passagens a tensão é flagrante. Em outras, subjacente. No entanto, está presente em parte significativa do compêndio.

Essas tensões permitiram apreender as dissonâncias e similitudes no interior do discurso da *EI*. Este ponto se mostrou significativo, pois evidenciou que as formulações integralistas foram mais heterogêneas do que a historiografia especializada fez crer. A partir da constatação desses elementos, notou-se a constituição de um triplo eixo de abordagens, cuja sutileza estabeleceu o afloramento de múltiplas temporalidades. Isto porque, antes de tudo, tratava-se de um compêndio que objetivava divulgar escritos de militantes que participaram tanto da AIB como do PRP. A reelaboração de conceitos e a manutenção de antigos propósitos conferiram à *EI* um perfil convergente aos escritos integralistas anteriores que, na sua maioria, estavam de acordo com as concepções de Plínio Salgado. Este aspecto não pode ser negligenciado, pois longe de estarmos diante de um compêndio que, como o nome parecia indicar, pretendia reunir todo o saber e a prática integralista, há indícios de que a finalidade última fosse a manutenção das tradições plinianas do integralismo, numa época em que a questão da herança do movimento já se colocava como um problema real. Dos seus 12 volumes, perfazendo mais de 1770 páginas, foram destacados alguns elementos que construíram a *cultura política* e a *proposta doutrinária* do integralismo, tanto no primeiro quanto no segundo momento de sua prática política. Com esses elementos, a *EI* objetivou sintetizar e apresentar ao seu público leitor o caminho que o integralismo percorreu até se enquadrar no cenário democrático que então se apresentava.

MEMORIALIZANDO O MOVIMENTO

Longe dos “presentismos” que, vez por outra, seduzem os historiadores obrigando-os a recriar *historicidades modismos* - como lembra Eric Hobsbawm - a discussão sobre a relevância e o papel da memória nos dias atuais sinaliza a escolha, por parte considerável da historiografia, de eleger como foco de suas preocupações os chamados *lugares da memória* que nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, e que por isso torna-se urgente criar arquivos, manter aniversários, organizar celebrações, justamente porque estas operações mnemônicas não são naturais. É, neste sentido, a defesa de uma *memória refugiada* sobre focos privilegiados. Pois, como afirma Pierre Nora, “sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria”. São eles, os *lugares da memória*, portanto, bastiões sobre os quais se escora toda a escolha do lembrar. (NORA,1995,13)

Nora sinaliza também a problemática dos lugares da memória e da história sugerindo uma dialética que, longe de apontar ambas as categorias como sinônimas as coloca como antípodas. A história seria, portanto: “(...) a representação sempre problemática e incompleta do que não existe mais, uma representação do passado, ao passo que a memória, um elo atual, um elo vivido no eterno presente” (NORA, 1995, 9). No caso específico do movimento integralista brasileiro do período pós-guerra, a relação existente entre os que *memorializavam* as façanhas do integralismo e os que vivenciavam esta memória criada (intelectuais do movimento e militantes), sempre como baluarte a ser reverenciado; pode ser interpretada como um exemplo pontual de *gestão de passados*. Portanto, tais memórias integralistas são aqui interpretadas como ato e sentido, pois, estes integralistas da segunda metade do século 20 utilizarão suas relações sociais, suas redes de sociabilidade para buscar uma solidez calcada na cristalização de sua memória.

A constante evolução desta memória incentivou a ação da *anamnese* (ato proposital de rememorar/evocar memórias) por parte dos integralistas do pós-guerra, instrumento de recondução de seus preceitos e suas propostas mais significativas. As transformações sociais, culturais e simbólicas dos anos 1940/50/60 exigiam que os indivíduos, as famílias, as novas classes, procurassem não no passado, mas no presente a sua legitimação. E, se por um lado, as comemorações parecem ser um culto nostálgico e regressivo, por outro, o passado é oferecido como arquétipo ao presente e ao futuro, pelo que, embora o rito insinue uma concepção repetitiva e cíclica, o seu significado último é determinado pela crença na irreversibilidade do tempo.

Os integralistas, contrariando a ordem natural vigente na época e remando a jusante da corrente, insistiram na preservação do passado como legitimador de suas ações. Buscaram em seus antecedentes guarida para suas realizações. Estes integralistas lançaram mão de estratégias de cooptação que incluíam dentre vários eventos, ritos coletivos de recordação que se consubstanciavam em cerimônias cada vez mais afetivas. Buscando respostas otimistas às suas questões mais perturbadoras, os integralistas tentaram, então, replicar uma questão central: qual seria o destino do integralismo, ou melhor, a vocação do integralismo como destino? O imaginário e

as representações destas respostas encontraram nos estertores da década de 1950 palco privilegiado para serem postos em prática.

A culminância desse processo se deu na publicação dos 12 volumes que contaram a história do integralismo. Tal projeto editorial buscou reavivar as *auto memórias do movimento*, recriando, rememorando, ressignificando chagas que se mostravam doloridas para seus membros, há muito tempo. Uma construção que ecoava, ora como uma crônica de um futuro anunciado, ora como um repente de um passado que não queria passar. A *Enciclopédia do Integralismo* aparece, então, como apanágio de um grupo com relativa expressão, mas grande pretensão política, servindo de exemplo paradigmático e catalisador deste imaginário integralista que, funcionou como fonte e referência para aqueles que ainda viam no movimento algo de inspirador. O fato de pouco mais de 50 mil exemplares deste compêndio ter chegado aos seus leitores (sobretudo, via mala direta) nos três anos de sua publicação atesta a relativa força simbólica deste imaginário que insistia em se desenhar.

Os integralistas operaram neste sentido, selecionando memórias que entendiam como relevantes para a perpetuação de seus discursos. Não é despropositado o fato de eles terem buscado perenizar tais memórias a partir de sua rede oficial de comunicações e de sociabilidade, sobretudo seus jornais proselitistas, que a despeito da pequena penetração cumpria fielmente um papel memorialístico. Os guardiões da memória integralista, nesse sentido, exemplificariam a dialética entre a lembrança/esquecimento, presente na história do movimento. Isto porque construíram narrativas, selecionando e enquadrando o que devia segundo sua ótica, ser lembrado e esquecido, atuando permanentemente com a memória.

A *Enciclopédia do Integralismo*, fiel à balança pliniana sugeria para seus leitores, tal como os jornais, a manutenção e a valorização de seu passado/presente também funcionando como plataforma a partir de onde se buscava reviver o ocorrido, lembranças amplificadas pela certeza de que não eram mais os mesmos. E, a despeito da máxima integralista: “Não estamos no poder, mas, o alimentamos!” resistir à oxidação de seu tempo, suas memórias tiveram que conviver com o anacronismo e o arcaísmo, uma vez que o integralismo revivido nos escritos da *Enciclopédia* buscou cumprir o papel de vitrine dessas *memórias criadas*. Teria, de fato, conseguido? Em oposição ao *passado que insistia em não passar*¹⁰⁸, criaram-se novas perspectivas, abordagens e maneiras de se mostrar o movimento. Então, tendo realizado um exercício de memória o integralismo discutido na *enciclopédia* instituiu mecanismos para ser reavaliado pela sociedade, utilizando estratégias que redimensionaram a percepção da sociedade civil frente seus propósitos. A pecha de provocadores de ressentimentos e a certeza inabalável de que não possuíam mais espaço de destaque foram decisivos para que o compêndio fosse encarado, simultaneamente como tábua de salvação do discurso integralista e uma proposta de sobrevivência política. Esta foi a maneira adotada pelo integralismo/

¹⁰⁸ “O passado que não queria passar”, tornou-se o mote das campanhas anti-integralistas, resposta à tentativa de sua revitalização. O integralismo, por sua vez, buscando a todo o custo desvincular-se deste passado estacionado, se fortalece na campanha do “presentismo democrático”, denunciado por muitos como “pusilânime e falacioso”. Os integralistas, talvez tenham sido os únicos a acreditarem que foram produtores desta realidade, não produto dela. E como toda a relação de imposição migraram de uma condição de produtores para predadores, instantaneamente.” Samuel Wainer, *Última Hora*, 18/11/1958.

perrepista para expandir e perenizar suas memórias. Então, no momento em que os membros do movimento eram acusados de não possuírem propostas adequadas nem para o presente nem para o futuro, a publicação da *Enciclopédia do Integralismo* consubstanciou-se num suporte para a divulgação das suas atividades, uma proposta ordenada da leitura de mundo dos integralistas.

A seleção dos aspectos entendidos como relevantes foi definida segundo o critério da importância e penetração junto à militância integralista, o que, certamente conferiu a esta seleção um caráter plural. Logo, houve a necessidade de mapear os elementos que melhor permearam a cosmologia integralista. Esta é apenas uma das possibilidades de se apreender tamanha diversidade de temas e escritos, e nesse sentido, ao se descolarem do terreno da mera compilação, tais escritos aparecem como pistas para que possa ser respondida uma dupla indagação: o que permaneceu do integralismo nesse momento de democracia e qual a relação existente entre os possíveis integralismos presentes neste compêndio? Partiu-se da premissa de que o integralismo apresentado na *Enciclopédia* deixou, em grande parte de seus escritos, aflorar elementos de tensão, ou seja, pontos de discordância inicialmente dados como aquiescentes, definitivos, de sua ideologia. A tensão se estabeleceu em diversos pontos do compêndio, não só com relação a elementos da doutrina, mas também referente à postura do correligionário diante da figura onipotente e onipresente do chefe integralista. Em diversas passagens, a tensão é flagrante. Em outras, subjacente. No entanto, está presente em parte significativa do compêndio. Este ponto se mostrou significativo, pois evidenciou que as formulações integralistas foram mais heterogêneas do que se pôde estudar até o momento.

O CONTEXTO DA PUBLICAÇÃO DA ENCICLOPÉDIA DO INTEGRALISMO

(...) como vimos, em fim dos anos 1950, Salgado, no primeiro volume da *Enciclopédia do Integralismo* chega à exorbitante pretensão de garantir que, ao longo de décadas, as propostas contidas em suas premissas básicas são as norteadoras de todas, ou quase todas as medidas políticas que os governos brasileiros vão realizando (...) blágue ou constatação? (J. Chasin – O integralismo de P. Salgado, p.141, 1999, 2ª edição)

“Aquele suspiro integralista foi como festejar o passado, em tempos em que este passado não servia mais”. (WAINER, *Última Hora*, 30/09/1958, 7) A citação do jornalista Samuel Wainer é bastante significativa e aponta para o paradoxo que ensejou a publicação da *Enciclopédia do Integralismo*, compêndio editado durante o período de outubro de 1957 a março de 1961, que vai suscitar, dentre os intelectuais e políticos da época um debate acalorado sobre a dicotomia: passado/presente. Parafraseando a socióloga Lúcia Lippi Oliveira: “os anos cinquenta podem ser vistos como uma partida de futebol, com dois tempos” (OLIVEIRA, 2002, 33). O estudo da criação e publicação da *Enciclopédia do Integralismo* tem como cenário o segundo tempo desta partida, ou seja, de um lado, os anos do governo JK, finais de uma década que prenunciava a chegada de um futuro aguardado, e de outro os tumultuados princípios do governo Jânio Quadros/João Goulart, período em que os

radicalismos se acentuaram. Esta discussão trata justamente do choque causado pelo encontro de dois modelos diametralmente opostos: o *novo* e o *passadista*, representados aqui, respectivamente, pelo contexto modernizador do período e a tentativa dos integralistas de emplacar um passado, entendido por eles como vigoroso.

Podemos dizer que a segunda metade da década foi marcada pela ideia da incorporação do que era novo e moderno: o desenvolvimento, as estradas, as hidroelétricas, a arquitetura moderna, a música, as novas práticas e propostas editoriais. Estávamos de fato, em um tempo cultural acelerado e marcado pelo espírito do “novo” e pela vontade da mudança. Tudo era novo: Novacap (Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil), cinema novo, bossa nova. Caracterizado pela busca por este “novo”, pela expansão da oferta dos bens de consumo e pelo incremento de novas perspectivas no setor econômico, o período no qual a *Enciclopédia do Integralismo* foi criada assistiu ao deslocamento da agricultura para a indústria, o que possibilitou “o crescimento da renda *per capita*, a expansão da publicidade e os investimentos industriais públicos e privados criando novas oportunidades para o mercado de comunicação”. (BAHIA, 1990, 259).

Entre 1956 e 61, o país viveu momentos decisivos com a instalação de setores tecnológicos mais avançados e com investimentos de grande porte. As reformas, bancária, industrial, fiscal, monetária, universitária, dentre outras, ditaram a linguagem do período JK e foram essenciais para o sucesso de Plano de Metas, que “objetivava implementar no Brasil os setores industriais mais avançados, como a indústria elétrica pesada, química, automobilística, naval, e levar adiante indústrias estratégicas como a do aço, petróleo e energia elétrica” (MELO e NOVAIS, 1998, 599). Tais mudanças favoreceram a expansão da economia nacional, o que pôde ser verificado nos mais variados setores da indústria e comércio, inclusive na indústria editorial brasileira.

A situação da indústria editorial brasileira conheceu novas bases de sustentação a partir de 1956, quando passou a existir um maior interesse do governo pelo setor, manifesto na diminuição dos tributos sobre o papel, na simplificação das tarifas alfandegárias e no surgimento de uma política de financiamento. Os incrementos na área inseriram-se, portanto, no bojo das transformações econômicas conhecidas pelo país. Vários são os indicadores que demonstram a sua expansão: o mercado de publicações ampliou-se, aumentando o número de jornais, revistas e livros, bem como suas tiragens. Entretanto, a distribuição continuava sendo realizada em moldes tradicionais. Poucos eram os pontos de vendas, o que dificultava a comercialização. Tal quadro possibilitou o surgimento de canais alternativos de circulação, como bancas de jornal, reembolso postal e malas diretas (ANDRADE, 1978), que passaram a constituir um novo circuito de distribuição editorial. (*Última Hora*, 23/05/1959, 6) Segundo Renato Ortiz, “a implantação de uma indústria cultural modificou o padrão de relacionamento com a cultura, uma vez que definitivamente passa a ser concebida como um investimento comercial” (ORTIZ, 1998, 43).

A concorrência entre as grandes empresas editoriais, que cresciam aceleradamente, foi a base da constituição da indústria cultural. Exposta ao seu impacto, a sociedade brasileira

passou diretamente de iletrada e deseducada a massificada, sem percorrer a etapa intermediária da absorção da cultura moderna. Nesse processo de urbanização e modernização aceleradas, a informação passou a ser um bem essencial para a consolidação de uma sociedade disposta a soterrar as tradições rurais, até então muito presentes na vida cotidiana. Entretanto, o consumo desses bens culturais - cultura impressa por meio dos livros, jornais, suplementos literários, a massificação da indústria fonográfica, o paulatino crescimento da televisão etc. - destinava-se a uma pequena parcela da população brasileira. A despeito do analfabetismo, um obstáculo a ser vencido, o setor editorial beneficiou-se com o crescimento do mercado consumidor, o que pôde ser comprovado por meio do aumento dos produtos oferecidos nas bancas de jornal.

Outra característica importante é que, até os anos 1960, quando a indústria de comunicação de massa era ainda incipiente, ela podia ser considerada partidária. Embora os jornais não fossem sustentados por nenhuma facção política, refletiam os interesses ideológicos dos partidos, faziam parte de uma imprensa que tinham uma concepção missionária de sua atividade. Basta lembrar que *O Estado de S. Paulo* e *O Globo* eram jornais que defendiam as ideias e posições liberais da UDN, enquanto a *Última Hora* era partidária e defensora do PTB. Nos anos 1950-60 foram introduzidas importantes modificações na imprensa brasileira: a linguagem foi se tornando mais objetiva e a notícia começou a ocupar maior espaço que a opinião. Foram incorporadas inovações gráficas, nova diagramação e modificação na paginação dos jornais. Durante o governo Jânio Quadros, teve início a uma crise da imprensa escrita, ligada à Instrução nº 204 da Sumoc, medida tomada pela Superintendência da Moeda e do crédito em 13 de março de 1961¹⁰⁹, que implicou importante modificação no regime cambial. A importação do papel era subsidiada pelo governo, pois havia uma taxa especial que reduzia em 70% o preço de compra dessa matéria prima. Com o fim do câmbio favorecido para a imprensa, os jornais tiveram que arcar com o aumento de custos.

Essas mudanças na imprensa se davam em um contexto político de grande exaltação contra o comunismo, e no período em que se editou a *Enciclopédia do Integralismo* uma série de acontecimentos influenciou direta e indiretamente a seleção e sequência de sua publicação. Em março de 1957, portanto sete meses antes do compêndio ser publicado foram assinados os tratados internacionais que criaram a Comunidade Econômica Europeia (CEE) e a Comunidade Europeia da Energia Atômica, dois pontos suscitados como definidores de uma política global levada a cabo em finais dos anos cinquenta. No mesmo ano, foi lançado o primeiro satélite artificial a orbitar a atmosfera terrestre, o soviético Sputnik. Esses eventos serviram de pano de fundo para uma condução mais direta do integralismo com relação à sua posição no cenário ideológico. Anticomunista visceral, o integralismo aproveitou-se da conjuntura para fortalecer sua contraposição ao comunismo, chegando a duvidar publicamente do lançamento do satélite soviético, por diversas vezes em seu jornal, *A Marcha*.

¹⁰⁹ Data exata da publicação do último volume da *Enciclopédia do Integralismo*.

Em abril de 1958 (momento em que se publica o terceiro volume do compêndio) acontecimentos diplomáticos causam furor na política nacional. O embaixador do Brasil nos EUA, Ernani Amaral Peixoto, foi chamado a Washington para dar esclarecimentos sobre a crescente tendência do Brasil de reatar as relações comerciais com a URSS e para lá escoar o excedente de café. Esse acontecimento teve influência direta na organização do sumário de publicação da *Enciclopédia*, pois incentivou a discussão travada no compêndio sobre a necessidade de se questionar o comunismo e a aproximação político-comercial do Brasil junto à URSS. Por outro lado, os resultados dos pleitos de outubro 1958 não alteraram a composição das forças que compunham o cenário político nacional, que pela ordem mantinha como maiores partidos o PSD, a UDN e o PTB, respectivamente. Essa conformação suscitou um debate sobre o espaço e o papel dos partidos de menor porte, não só dentro da própria *Enciclopédia*, mas, sobretudo dentro dos jornais integralistas.

Em fevereiro de 1959, o presidente norte-americano Dwight D. Eisenhower visita o Brasil, procedendo a uma política de fortalecimento da política na América Latina, em face da Revolução Cubana de 1º de janeiro de 1959. Em maio, o então primeiro ministro cubano, Fidel Castro, que acabara de se sagrar vitorioso em seu país, visitou o Brasil, inspecionando as obras de Brasília. Estes dois eventos possivelmente repercutiram na escolha dos temas a serem propostos nos anos de 1959 e 1960. Em mesma medida, o ano do falecimento de Gustavo Barroso (1959) foi utilizado no sentido de ressaltar a proeminência do ex-integralista. No entanto, é sintomático que o mesmo tenha sido anunciado como membro do projeto, mas não tenham sido selecionados textos de sua autoria. Gustavo Barroso seria, naquele momento, resgatado pelos intelectuais vinculados a Academia Brasileira de Letras como exemplo de um novo tipo de historiador, capaz de unir as duas histórias (história e folclore). “O passado já não é mais fardo, mas força que esclarece sobre o presente”. Esse foi o mote que fez o folclore aparecer como área que permitiu o contato entre a cultura popular e a erudita, o que alguns antropólogos chamariam de “brasilianidade”. O integralismo exposto na *Enciclopédia* não soube aproveitar o ensejo, contradizendo-se no dilema que oscilava entre apresentar um integralista de caráter antissemita, ou esquecê-lo. Venceu a segunda opção e o máximo que se conseguiu perceber quanto à presença de Barroso nos volumes foram as duas chamadas nos quadros sinóticos de 1957, onde o autor apareceu como um dos integralistas homenageados.

A inauguração da nova capital federal, ao contrário do que se esperava sequer foi mencionada, lembrada ou comentada nos dois volumes publicados nos anos de 1960 (maio e dezembro). O presidente Jânio Quadros assume seu governo em janeiro de 1961. Em 25 de agosto renúncia. João Goulart assume com grandes dificuldades. Sua eleição para vice, em 1955 e depois sua reeleição em 1960 haviam sido apoiadas pelos comunistas. Quando de sua posse para a presidência, após a renúncia inesperada de Quadros, os ministros militares de Jânio Quadros declaram-se contrários à posse de Jango, criando um ambiente de pré-guerra civil. João Goulart era o líder da ala esquerda do PTB e um dos principais responsáveis pela transformação do partido getulista, em aliado do PCB. A conjuntura de suas *primeiras* ações como presidente foi marcada pela proliferação de entidades

anticomunistas, em decorrência do medo que assolava as direitas. Nos anos anteriores ao golpe de 1964 surgiram dezenas de entidades dessa natureza. Experiências ora duradouras, ora efêmeras.

O acompanhamento das primeiras discussões (1961 e 1962) sobre o que viria a ser uma dessas entidades foi revelada de maneira superficial no 10º volume da *Enciclopédia*: tratava-se do grupo que fundaria em 1965 a Sociedade de defesa da Tradição, Família e Propriedade – TFP, associação civil, criada por Plínio Corrêia de Oliveira inspirada no “integrismo”, ideologia de defesa do catolicismo tradicional tinha como objetivos, segundo seus estatutos “combater a vaga do socialismo e do comunismo e ressaltar o valor positivo da ordem natural”. Há, portanto um diálogo entre associações de caráter análogo neste período, mostrando que tais organizações concordavam com as ideias integralistas, sobretudo no tocante aos seus adversários.

Nesse sentido, é interessante perceber que no plano da sociedade, houve também o avanço de outros movimentos sociais e o surgimento de novos atores. Os setores esquecidos do campo começaram a se mobilizar. As ligas camponesas começaram a aparecer a partir de 1955, movimento que teve como seu maior destaque uma figura da classe média urbana pernambucana, o advogado Francisco Julião, que me finais da década era figura bastante conhecida. Por outro lado, o movimento operário e as chamadas Reformas de Base passaram a ser referencias especiais deste período que abrange os finais de 1950 e princípios de 1960. Nem as discussões sobre o campo, nem a plataforma do operariado, nem as modernizações sindicais, nem as reformas, e muito menos a ascensão das esquerdas foram sequer mencionadas nos volumes da *Enciclopédia*, calcada basicamente na manutenção de antigas ideias formuladas nos anos 1930, portanto, anacrônicas às demandas dos anos 1950/60.

Do lado da esquerda, o PCB alcançará importante influência no meio sindical e no jogo político partidário. Com isso, ocorreu uma forte ruptura da esquerda, decorrente, sobretudo de fatos ocorridos na URSS, a partir do relatório Krushev. Em 1961, seria criado do PC do B, como dissidência do PCB. Frente ao avanço das forças de esquerda o anticomunismo foi usado para difundir o medo na classe média e para identificar a “reformas de base” com a passagem do regime capitalista para comunista. Esse medo foi parcialmente noticiado em passagens da *Enciclopédia*, sempre por seu editor, Rocha Dórea que denominava tais intervenções com a curiosa chancela de: o “termômetro político”. As aferições da temperatura política foram por diversas vezes a linha que costurou os temas nos volumes da *Enciclopédia*. Temperaturas sempre altas que foram sempre sentidas na fraseologia ofensiva aos comunistas.

O editor da *Enciclopédia* aproveitava as manchetes dos jornais da época para externar seus pensamentos contrários à permanência no tabuleiro político dos atores de esquerda, em princípios da década de 1960. Para isso costurou interlocuções entre pares que se agruparam em torno de institutos claramente reacionários como o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES), o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD), a Ação Democrática Parlamentar, o Movimento Anticomunista (MAC) e o Grupo de Ação Patriótica (GAP), este, composto por estudantes universitários de orientação

direitista. A despeito destes organismos não serem citados na *Enciclopédia*, uma análise dos jornais integralistas da época, sobretudo, *A Marcha*, sinalizam o diálogo e a aproximação existente entre eles e aponta para construção de uma frente anticomunista. Por isso, mais uma vez, no que tange à interlocução o integralismo manteve relação direta com tais organismos, fosse por aderência, afinidade ideológica, ou proposta de sobrevivência política, uma vez que os campos de disputa se escancararam definitivamente a partir da posse de João Goulart. Nesse sentido, a mobilização anticomunista teve papel preponderante na arregimentação dos grupos adversários dos governos (Jânio Quadros e João Goulart - sobretudo, no seu primeiro ano de mandato), fornecendo o principal argumento que unificou os setores de oposição.¹¹⁰ (MOTTA, 2006, p. 147)

Outro fator que direcionou a seleção de textos dentro da *Enciclopédia* foi resultado da exacerbação da dicotomia *capitalismo versus comunismo*. A relação entre Cuba e os Estados Unidos se agravava a partir de 1961 com a invasão da Baía dos Porcos. O fracasso da operação levou Cuba a buscar apoio militar da União Soviética, o que se deu em agosto/setembro de 1961. Meses depois, em princípios de 1962 seria decretado o embargo econômico norte-americano a Cuba. Essas eram as questões dominantes na conjuntura internacional, com grande polarização e confronto entre os países capitalistas e comunistas, situação que perdurou por todo o governo Goulart e que exacerbou internamente as posições ideológicas em conflito. (ABREU, 2006, 107) Toda essa conjuntura pôde ser percebida na elaboração do 8º e 10º volumes da *Enciclopédia*, em que foram selecionados textos jurídicos integralistas (todos originalmente escritos nos anos 1930) para se contraporem ao que chamavam de “ilegalidade ideológica” das forças de esquerda. Do ponto de vista jurídico, o integralismo denunciava a “comunização” do país. Nesse contexto, Jânio Quadros e João Goulart (referenciados nos últimos volumes da *Enciclopédia*, respectivamente, como o “pessedista desastroso” e o “manobrista vermelho”) serão os únicos sujeitos políticos contemporâneos à publicação a serem citados. Na realidade, outro ator político seria referenciado: Carlos Lacerda, este como detrator *número um* da política do PRP, em finais dos anos 1950.

Nesse mesmo período, vale revelar dois acontecimentos que suscitaram discussões acaloradas dentro e fora do compêndio. O primeiro teve grande carga simbólica: a condecoração de Che Guevara por Jânio Quadros (ainda na presidência) com a Ordem do Cruzeiro do Sul, em 1961. A política externa de Quadros abriria tempos depois a possibilidade de se criar para o Brasil um perfil terceiro-mundista e antiestadunidense. Esse caminho anti-imperialista entusiasmou os intelectuais brasileiros de esquerda. Já para os intelectuais de direita (dentre eles, intelectuais integralistas) o evento marcou uma guinada perigosa nas relações diplomáticas do país. O segundo fato foi mais significativo e teve seu início no governo de João Goulart: a necessidade de continuar as reformas modernizadoras, buscando consenso e participação popular a partir do que se determinou

¹¹⁰ De acordo com o historiador, outras entidades de maior peso ficaram responsáveis pela estruturação de novos grupos anticomunistas. Refere-se ao IBAD, que nasce em 1959, tornando-se conhecido graças à revista *Ação Democrática* e o IPES, que a partir de meados 1961, foi organizado por empresários cariocas e paulistas temerosos com o crescimento da esquerda, e, especialmente com a ascensão de Goulart. A atuação conjunta das duas entidades, Ipes e Ibad, que mantinham algum nível de cooperação, estimulou a proliferação das muitas entidades anticomunista na conjuntura 1961-1964.

de “reformas de base”. Ambos os acontecimentos elevaram o grau de participação institucional e social dos setores de esquerda, funcionando como uma virada diante da sondagem conservadora. (FERREIRA & SARMENTO Apud GOMES, 2002)

A despeito de todo este contexto não aparecer explicitamente nas discussões da *Enciclopédia*, tais escritos não saíram incólumes àquela atmosfera. É necessário chamar a atenção para o fato de que toda a seleção do material havia sido realizada no calor da hora, em pleno acontecimento de tais mudanças. O fato de não aparecerem explicitamente, não implica que tais eventos não tenham ressonância na produção do compêndio. Mesmo porque é evidente e reveladora a quantidade de intervenções que Gumercindo Rocha Dórea, o editor, faz em diversos volumes comentando sobre a agenda dos jornais da época, bem como da receptividade dos integralistas sobre tais episódios. Portanto, o contexto político-cultural da época refletiu na opção dos temas a serem retratados no compêndio, fosse pela via da aderência ou da refutação.

A ENCICLOPÉDIA DO INTEGRALISMO E SEUS CANAIS DE COMUNICAÇÃO

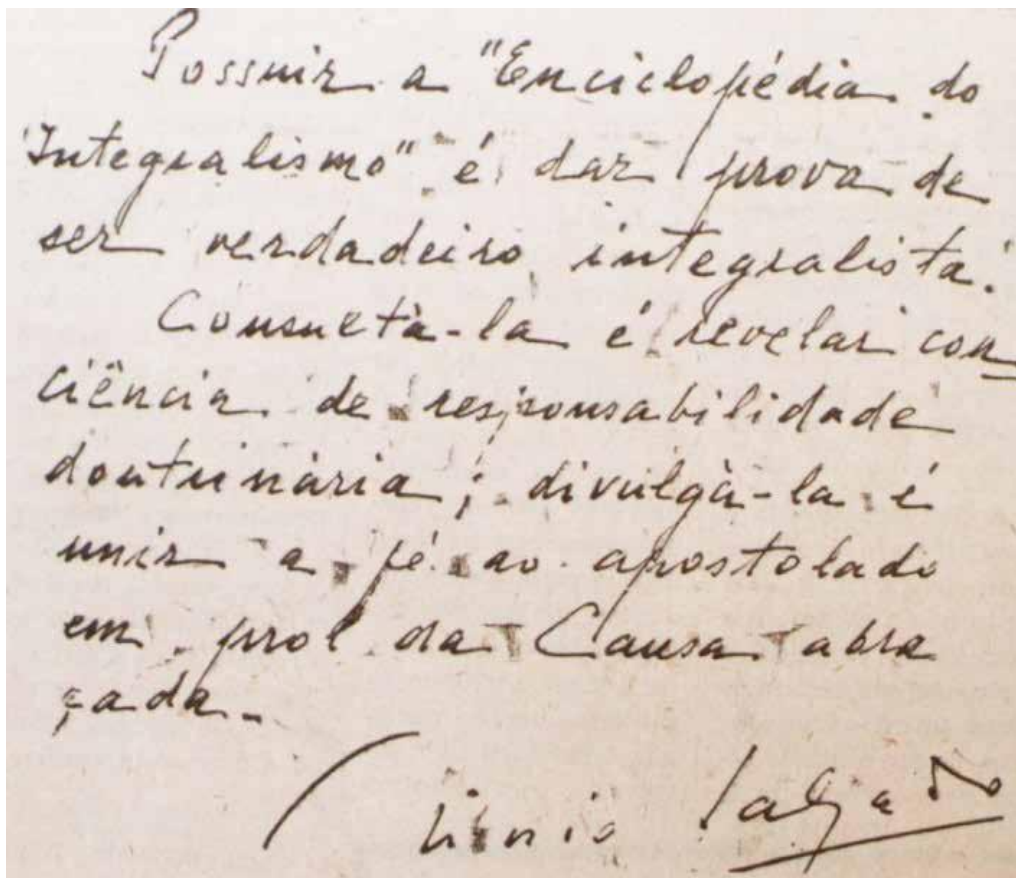
Atentos às possibilidades de articulação de suas ideologias, os partidos políticos constataram o potencial das bancas de jornal como lugar de disseminação de sua propaganda e de aproximação do eleitorado. As bancas, as livrarias e as malas diretas – também recém incorporadas pela nova concepção propagandística - serviram como locais e veículos de irradiação da propaganda eleitoral e partidária de muitas agremiações. Tipos específicos de publicações político-partidárias, viabilizadas pela facilidade da circulação, passaram a ser consumidas com maior frequência. Os integralistas, vinculados ao PRP, foram um dos primeiros a investir nesses canais de irradiação propagandística, com especial atenção às malas diretas, que difundiam cerca de 70% de sua produção doutrinária. A *Enciclopédia do Integralismo* efetivou-se num claro exemplo de publicação veiculada por meio deste canal.

Tendo sido constituída para propagandear as conquistas integralistas, a *Enciclopédia do Integralismo* foi concebida visando apresentar ao seu público leitor os feitos de maior relevância do integralismo. Nesse sentido, Plínio Salgado acreditava “nada ser mais apropriado que iniciar o compêndio de resumos com aquilo que os integralistas denominaram de carteira de identidade do movimento, ou seja, a cartilha de princípios de todos seus seguidores”. (SALGADO, El I, 1957, 24) De acordo com Gumercindo Rocha Dórea, o objetivo maior do compêndio era “colocar nas bancas e nas mãos dos interessados um produto de ótima qualidade gráfica para conter um conjunto significativo do melhor pensamento nacional”¹¹¹. Antes de tudo, a *Enciclopédia do Integralismo* pretendia ser “o veículo de integração e reaproximação de todos aqueles que acreditavam, louvavam e queriam bem ao Brasil. Um compromisso para com a história da imprensa brasileira que jamais se furtaria de, em anais, ou lembranças, esquecer-se desse compêndio”.¹¹²

¹¹¹ A *Marcha*, 27/2/1957, p. central.

¹¹² A *Marcha*, outubro de 1957. De acordo com o texto/ propaganda do lançamento da publicação.

Figura 11 - A coautoria: bilhete de Plínio Salgado publicado durante os meses de setembro de 1957 a novembro de 1959 em *A Marcha*.



Possuir a "Enciclopédia do Integralismo" é dar prova de ser verdadeiro integralista. Consuetá-la é revelar consciência de responsabilidade doutrinária; divulgá-la é unir a fé ao apostolado em prol da Causa abraçada.

Plínio Salgado

Fonte: *A Marcha*, 03/10/1957.

Na maioria dos volumes concentrou-se uma perspectiva otimista de seu editor, congregada nos pontuais lembranças e reflexões de Plínio Salgado, cujos elementos direcionaram uma postura de intervenção implícita do chefe. O intuito da *Enciclopédia do Integralismo* foi sistematicamente comunicado ao seu público leitor, por meio de frases de forte conteúdo doutrinário, que repetidas em diversas oportunidades, durante o período de sua publicação, ora como apêndices e notas explicativas dos autores dos artigos, ora como indicações do editor reforçava o caráter pedagógico/doutrinal da publicação.¹¹³ Com isso sua recepção foi, a partir de 1957, facilitada pela veiculação cada vez mais efetiva de anúncios sobre o compêndio em jornais do movimento, a partir de então, atrelados ao PRP. Além disso, a intensificação das propagandas em comícios urbanos e a leitura conjunta dos volumes nas áreas rurais e em pequenas cidades do interior, sobretudo, dentro dos *Programas de Leitura e Estudos* dos Centros Culturais da Juventude, conferiram ao compêndio um papel de divulgador da “verdade integralista”. Para esses integralistas, caberia aos escritos da *Enciclopédia do Integralismo* “facilitar a penetração do ideário integralista na massa acéfala e desejosa de um líder”. (SALGADO, El I, 1957, 229). A significância do compêndio pôde ser evidenciada por meio da reaproximação de

¹¹³ Intervenções de Gumercindo R. Dórea em diversos volumes da *Enciclopédia do Integralismo*, em especial Vols. III e XI.

um número considerável de integrantes antes dispersos. Note-se que, durante sua publicação, foi bastante intensa a troca de correspondência entre a editoria e seu público leitor. Segundo Gumerindo R. Dórea, muitas dessas correspondências “serviram como um retorno daqueles que haviam deixado o movimento, mas que sensibilizados com a coletânea e a rearticulação da sigla naquela atmosfera de celebração, retornavam o contato parabenizando a iniciativa e explicitando o desejo da refiliação”. (DÓREA, SP. 13/6/2007) Nas pesquisas realizadas junto ao acervo de cartas passivas e ativas de Plínio Salgado, podemos ter uma ideia do quanto estes telegramas foram exaustivamente utilizados durante a campanha de fortalecimento do PRP em finais de 1950.¹¹⁴

Em resposta a uma dessas correspondências remetida por um ex-integrante da AIB da Bahia, Plínio Salgado referiu-se aos objetivos do projeto: “Se o esforço da *EI* era substantivar a reconquista do respeito de muitos integralistas que, momentaneamente abandonaram a crença e o sentimento de pertencer a algo, este objetivo estava sendo alcançado. Sem contar com a nova geração que conhecia o movimento pelo cerne e não pela epiderme”.¹¹⁵ A confirmação deste intuito foi enfatizada por Dórea, que acrescentou: “Tínhamos todo o aval de Plínio Salgado. Passávamos o layout da edição e ele aprovava, sugeria, mas nunca, nunca discordava. Nesse sentido, sempre foi um trabalho em conjunto. A reaproximação de nossos companheiros veio junto com o interesse da nova geração. As cartas chegavam com o passar dos meses e o antigo e atual se encontravam, num único objetivo: aprender sobre o integralismo. É pena que tenhamos perdido o controle dessas correspondências”.¹¹⁶

Também é digna de nota a preocupação no sentido de estabelecer um cronograma para a publicação. Excetuando o período de garimpo e seleção do material, que provavelmente tenha sido realizado entre princípios de 1956 e setembro de 1957¹¹⁷ da concepção gráfica à veiculação, o tempo gasto inicialmente pela editora para colocar os volumes no mercado não ultrapassava o período de três semanas. Assim, a publicação se estenderia para além do período das comemorações dos vinte e cinco anos do integralismo, prolongando-se pelos quarenta meses posteriores ao primeiro volume, editado em outubro de 1957. Então, a publicação da *Enciclopédia do Integralismo* se prolongou, permitindo que as suas propagandas possibilitassem a recepção do que foi considerado pela cúpula do PRP como um novo fôlego integralista. Numa dessas propagandas, reeditada e comentada no 9º volume do compêndio, lê-se: “a chama contínua deste projeto não se fragmentaria mais do que o necessário para que, pouco a pouco os leitores se sentissem confortáveis e pertencentes”.

Segundo Rocha Dórea a publicação da *Enciclopédia do Integralismo* foi lançada objetivando constituir-se numa “obra escrita por brasileiros de três gerações sucessivas, e que procurará responder a

¹¹⁴ Consultar: Correspondências ativas e passivas (1957,1958,1959). APHRC – Fundo Plínio Salgado.

¹¹⁵ SALGADO, Plínio. ‘Sobre os novos livros’. Resposta de correspondência editada no jornal A Marcha em 17/9/1960. p. 8. Eram comuns as respostas de Salgado às cartas de correligionários e ex-correligionários oriundos de várias partes do país. Utilizava-se o jornal para responder simultaneamente a vários destinatários, principalmente questões relativas à doutrinação.

¹¹⁶ Procurou-se reproduzir, com a máxima exatidão, as palavras Gumerindo R. Dórea, pois a audição e a reprodução desta entrevista foram inviabilizadas por problemas técnicos do áudio, antes mesmo de providenciarmos sua transcrição.

¹¹⁷ Entrevista com Gumerindo Rocha Dórea. São Paulo, 12/02/2008. “(...) fiz isso tudo em 1956 (...) até final de agosto ou setembro de 57 (...) dias e noites a fio arrumando, redigindo apêndices, datilografando com os funcionários da editora os originais, que nos chegava às mãos todos quase ilegíveis, enfim, (...) montando o quebra-cabeças (...)”.

qualquer pergunta de ordem doutrinária ou histórica, relacionada com o movimento cultural e político iniciado nos anos 1930”. (*A Marcha*, 03/08/1957) Gerardo Mello Mourão, representante de umas das primeiras gerações de escritores lançados pela *GRD Edições* e membro do projeto da *Enciclopédia do Integralismo*, corroborou que a empreitada fora planejada pela editora de Rocha Dórea, destacando o que chamou de “louvável, porém malfadada, intenção de se prolongar a comemoração dos 25 anos por meio da sustentação dos volumes da *EI*”. Para Mourão: “(...) tão importante quanto criar novos canais, seria reconduzir os militantes integralistas por formas, talvez mais convencionais. No fundo, no fundo, a periodicidade da publicação já nascera com o destino meio escrito”. (MOURÃO, RJ, 7/01/2005)

A *Enciclopédia do Integralismo* contava com o apoio da imprensa ligada ao partido e, muitas vezes, sua distribuição era realizada pelos próprios correligionários, o que suscita questionamentos com relação ao profissionalismo com que essa distribuição era realizada. Sem um projeto efetivo de distribuição, a amplitude nacional, propagandeada pelos anúncios de assinatura do compêndio deve ser encarada com reservas.

Deve-se destacar ainda que, embora a *Livraria Clássica Brasileira* fosse inicialmente a maior distribuidora do compêndio no território nacional, a partir da publicação do oitavo volume, o contrato entre a *GRD* e *Livraria* passou por reformulações¹¹⁸, o que comprometeu a distribuição do conjunto de livros por todo o país. Este foi um dos maiores problemas enfrentados pela editora para conseguir manter o compêndio no mercado. Independente do grau superdimensionado das falas de alguns dos participantes da *Enciclopédia do Integralismo*, um ponto parece consensual em quase todos os depoimentos: a maioria das regiões do país recebia seus volumes. Por meio da escassa documentação disponível, pôde-se verificar que, ao menos nas regiões Sul e Sudeste do país e numa parte significativa da região norte, a distribuição atingiu um patamar razoável.¹¹⁹

A *Livraria Clássica Brasileira*, responsável pela distribuição da *EI* foi constituída em 1949, com a participação de Plínio Salgado e de dirigentes partidários, com apoio de banqueiros e industriais. De acordo com *A Marcha*, Salgado pretendia, desde 1946, criar uma editora para “antepor-se a diversas editoras comunistas, que inundavam o mercado com obras de divulgação do credo marxista. (...) Urgia fundar uma empresa corajosa, disposta a enfrentar os azares de um ambiente jornalístico e livreiro verdadeiramente hostil a uma obra editorial nacionalista e cristã”. (*A Marcha*, Rio de Janeiro, 22/2/1957, 9-11)

Até 1955, a editora tinha lançado 41 títulos, dos quais, nove de Plínio Salgado, 12 traduções de obras anticomunistas europeias e norte-americanas e 20 obras diversas, em sua maioria romances, livros de poesia e ensaios sociológicos.¹²⁰ A LCB editou os 12 volumes dos 25 previstos da *Enciclopédia do Integralismo*, mas, sua principal coleção, denominada “*Estrela do Ocidente*”, voltava-

¹¹⁸ Notas esparsas em diversos artigos publicados no jornal de maio de 1960 a junho de 1963, ano em que *A Marcha* foi fechada.

¹¹⁹ Referências encontradas nas “Notas e Balanços da Editora”, dados editados n’ *A Marcha*, (período da publicação da *EI*) e, em “Notas Protocolares da GRD Edições”. Fundo: “Notas Financeiras”. Acervo Plínio Salgado. Arquivo Municipal de Rio Claro.

¹²⁰ Livros Editados pela Livraria Clássica Brasileira, 1955 (APHRC-FPS 012.015.003). Dentre seus principais títulos, pode-se citar *Deus nos subterrâneos da Rússia*; *O novo império soviético*; *A cortina de ferro*; *34 desiludidos do comunismo*; *O trabalho forçado na Rússia Soviética*; *A teoria política do bolchevismo*; *Assim é a Rússia*; *Marx contra o camponês*; *O caso do camarada Yulayev*; *Plano vermelho para as Américas*; e *Uma freira na China Vermelha*.

se ao anticomunismo, e era constituída em sua maioria por traduções de obras anticomunistas europeias e norte-americanas. Em novembro de 1962, Salgado anunciava que pretendia encerrar as atividades da LCB, em virtude do alto custo do papel, e informava que a mesma já não estava mais editando livro algum. No mesmo mês as instalações da editora e todo o seu estoque foram destruídos por um incêndio, atribuído por Salgado à “Providência Divina”:

As edições encalhavam, o prejuízo era brutal, as tais classes conservadoras, mesmo nos Estados onde os nossos companheiros gozam de prestígio junto a elas, nunca me ajudaram [sic]. A situação de minhas finanças particulares, com suprimentos sucessivos, tornou-se difícilíssima. Mas a Providência Divina salvou-me de minhas angústias, por um curto circuito num frigorífico gaúcho que funcionava em baixo e incendiou todo o prédio consumindo todas nossas edições.¹²¹

De acordo com o historiador Gilberto Grassi Calil (2002), os projetos desenvolvidos pela editora, ainda que não tenham tido êxito completo, evidenciam a importância que o PRP atribuía a ela - assim como à imprensa e aos programas radiofônicos - para a doutrinação integralista e a expansão partidária. Embora algumas vezes enfrentando dificuldades financeiras, compreensíveis em face da dimensão do empreendimento pretendido pelos integralistas, é inegável que eles tiveram êxito na estruturação de uma rede de propaganda vasta e diversificada, constituída pelos jornais semanais, por programas radiofônicos regulares e extraordinários, pela publicação sistemática de livros através de uma editora integralista, além da produção de materiais de propaganda como folhetos e panfletos. Essa máquina de propaganda era diversificada não apenas em termos de veículos, mas também buscava atingir públicos diversos, visando desde a propaganda voltadas às “massas” até a doutrinação permanente da militância, por meio de livros de Salgado e de seus artigos doutrinários, e foi encarada como prioridade pelos integralistas durante todo o período analisado.

Rocha Dórea afirma que “a distribuição atendia aos pedidos que eram realizados, possibilitando que de norte ao sul do país a *EI* fosse comercializada por um preço módico, como o de qualquer outro livro do mesmo padrão”. (DÓREA. SP. 22/6/2007). Havia, naturalmente, Estados que recebiam mais exemplares que outros. As regiões Sul e Sudeste, mais populosas e representativas do ponto de vista da militância, tiveram uma maior distribuição com relação a Norte e Nordeste.¹²² Infelizmente, toda documentação e registros de contabilidade da *Livraria Clássica Brasileira* foram perdidos no incêndio supracitado, o que inviabilizou um maior aprofundamento quanto ao grau de receptividade dos volumes da *Enciclopédia do Integralismo*.

A situação econômica nacional no início da década de 60 era bastante diferente daquela que viu surgir a publicação integralista. Os finais do governo JK foram caracterizados por profundas modificações em todos os setores da economia, que se via enfraquecida no final de seu mandato. Concomitante a essa conjuntura, problemas internos da *GRD Edições*, aliados a transformações no setor

¹²¹ Correspondência de Salgado com Raymundo Padilha, 16/12/1962. (APHRC-Pi 16/12/1962).

¹²² “Notas Protocolares da GRD Edições”. Fundo: “Notas Financeiras”. Acervo Plínio Salgado. Arquivo Municipal de Rio Claro.

editorial brasileiro (MICELLI, 1999: 234), fizeram com que o projeto da *Enciclopédia do Integralismo* passasse por reformulações. Em duas oportunidades, num espaço de três anos, os responsáveis pela empreitada apresentaram ao público o *rol* de volumes que seriam publicados. Tais quadros informavam à cerca do mês de publicação, data, assunto e página. Tanto no primeiro, publicado em 1957, quanto no segundo arrolamento, veiculado a partir de 1959, os conteúdos dos cinco primeiros volumes são coincidentes, o que demonstra que, ao menos inicialmente, o prognóstico de publicação havia sido cumprido. Esses volumes tratavam de depoimentos de antigos militantes.

Figura 12 - Quadro temático com os 20 volumes iniciais previstos para o compêndio. A *Marcha*, set/1957.

Enciclopédia do Integralismo?

20 volumes contendo o Histórico, a Filosofia, a Criteriologia, a Política, a Ação Social e Educacional do Integralismo Brasileiro

GRD Edições

OS VOLUMES SAIRÃO MENSALMENTE, A PARTIR DE OUTUBRO DE 1957, CONSTITUINDO UM MONUMENTO COMEMORATIVO DO JU-

BILEU DE PRATA DO MANIFESTO DE OUTUBRO COM QUE FOI FUNDADA A AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA, NA SEGUINTE ORDEM:

<p>I — O Integralismo na Vida Brasileira (obra prefacial da Enciclopédia) — Plínio Salgado.</p> <p>II — Estudos e depoimentos (geração anterior a 1932), 1.º tomo: Belisário Pena, Rodolfo Jossé, Lúcio José dos Santos, Madeira de Freitas, Alcebiades Delama., Herbert Parentes Fortes, Victor Pujol, e outros.</p> <p>III — Estudos e depoimentos (geração anterior a 1932), 2.º tomo: Tasso da Silveira, João Carlos Fairbank, Felix Correia Rodrigues, Jaime Regalo Pereira, Gustavo Barroso, Ribeiro Couto, Custódio de Viveiros, Oribiano de Melo e outros.</p> <p>IV — Estudos e depoimentos (geração de 1932): Miguel Reale, Roland Corbisier, Almeida Salles, Loureiro Júnior, Antônio Galotti, Santiago Dantas, Cotrin Netto, Lauro Camará, Guérreiro Ramos, Angelo Simões de Arruda, Jorge Lacerda, Luis Comwagnoni, Rubem Nogueira, Arnobio Graça, Augusto Frederico Schmidt, Thiers Martins Moreira, Augusto Duque, Padre Ponciano dos Santos, D. Helder Camara, Jeová Mota, Fernando Mota, Edgar da Rocha Miranda, Luis da Camara, Casendo, Mario Marroquin, Adonias Filho, Rômulo de Almeida, Álvaro Sardinha, Alberto Lamego Filho, Nilza Rezende Peres, Edmundo Amaral, Ernani Silva Bruno, Godredo da Silva Teles Júnior, Indício da Silva Teles e outros cujos trabalhos estão sendo colhidos. Esse volume será precedido do "Manifesto de Recife", no qual a Juventude Pernambucana responde aderindo ao "Manifesto de Outubro", com assinaturas, em 24 de novembro de 1932, de Álvaro Lins, José Carlos Dias, Otto Guerra, Andrade Lima Filho, André de Oliveira Costa e João Roma.</p> <p>V — Estudos e depoimentos (ainda geração de 1932).</p> <p>VI — Estudos e depoimentos (geração de 1957): Escritos de jovens dos tempos atuais: Alfredo Leite, Carmen Pinheiro Dias, Edgard Rocha, Aníbal Teixeira de Souza, Hélio Rocha, Silveira Neto, Umberto Fergner, Gumerindo R. Dorea, João André Pório, J. Lucena, Ronaldo Moreira, Lelis Ferreira, Carlos Matheus e outros.</p> <p>VII — A Poesia no Integralismo — Estudo crítico de Dario Bittencourt seguido de uma antologia em que são representados todos os Estados Brasileiros.</p> <p>VIII — Testemunhos de contemporâneos — Comentários e opiniões de personalidades alheias ao movimento integralista: Menotti Del Picchia, Everardo Backeuser, Oswaldo Chateaubriand, Costa Régio, Cláudio de Souza, General Góis Monteiro, Masão Soares, Getúlio Vargas, Tristão de Ataíde, Conde de Afonso Celso, e muitos outros, inclusive ilustres Prelados Brasileiros.</p> <p>IX — O Integralismo e a Justiça Brasileira — Julgamento favorável da Magistratura do País, através de decisões, acordos e votos de eminentes personalidades do Judiciário.</p> <p>X — A mulher e a criança no Integralismo — Escritos de Belisário Pena, Isafis Alves, Leopoldo Aires, Nilza Rezende Peres, Margarida Corbisier, Herbert Parentes Fortes, Carmen Pinheiro Dias e outros, seguido de toda a or-</p>	<p>ganização feminina e pliniana da A. I. B.</p> <p>XI — O Integralismo e as Artes — Música, Artes Plásticas, Teatro, Cinema, Iconografia folclórica do Integralismo — Trabalho crítico e narrativo por um grupo de autores.</p> <p>XII — O Integralismo e a afirmação de Cristo — Palavra dos parlamentares em todo o Brasil.</p> <p>XIII — O Integralismo e a Educação Moral e Cívica — A Revolução Interior — Organização da Milícia — Protocolos e Rituais — Códigos de Ética — Bandeiras e distintivos — Culto aos heróis da Pátria — Escolas de alfabetização — Medalhas comemorativas — Hinário Integralista — (Volume especial, de preço superior aos demais, devido à clicheira e estampas a cores).</p> <p>XIV — O Fundador do Integralismo — Estudos e ensaios. Sobre o homem e a obra. 1.º tomo: autores brasileiros.</p> <p>XV — O Fundador do Integralismo — Estudos e ensaios sobre o homem e a obra. 2.º tomo: autores estrangeiros.</p> <p>XVI — O Integralismo e a Assistência Social — Conceito de assistência — Organização assistencial: ambulatórios médicos e dentários, lactários, farmácias, restaurantes populares, agência de colocações, socorros a calamidades públicas.</p> <p>XVII — O Integralismo perante a Nação — Reedição do livro já existente, com acréscimo de novos documentos e manifestos.</p> <p>XVIII — O que é o Integralismo — Seguido de cartas aos camisas-verdes e outros escritos de Plínio Salgado, no período de 1932 a 1937.</p> <p>XIX — O golpe de Estado de 1937 e a revolução de 1938 — Narrativa histórica, comentários e documentação sobre os dois acontecimentos.</p> <p>XX — O Integralismo durante a guerra de 1939-1945 — Narrativa e comentários acompanhados de documentação. Índice remissivo de todos os volumes, com menção dos autores e assuntos, no respectivo volume e páginas em que se encontram.</p>
---	--

VOLUME A SAIR EM
OUTUBRO :

**O INTEGRALISMO NA
VIDA BRASILEIRA**

POR
Plínio Salgado

Preços (excetuando o XIII volume):
 Brochado 130,00
 Encadernado 160,00

Remessas pelo Recembúso Postal
 Pedidos, desde já, à
 LIVRARIA CLÁSSICA BRASILEIRA
 Rua 1.º de Março, 147-2.º andar
 RIO DE JANEIRO

ESTA OBRA MONUMENTAL, ESCRITA POR BRASILEIROS DE TRÊS GERAÇÕES SUCESSIVAS, RESPONDE À QUALQUER PERGUNTA DE ORDEM DOUTRINÁRIA OU HISTÓRICA, RELACIONADA COM O GRANDE MOVIMENTO CULTURAL E POLÍTICO INICIADO EM 1932 E FORMULADA DIANTE DO

ÍNDICE REMISSIVO DO ÚLTIMO VOLUME

Fonte: A *Marcha*, 06/09/1957.

Ainda carecemos de maiores detalhes sobre o que, de fato, teria colaborado ou determinado o fim da publicação deste compêndio, mas uma coisa é certa: a *Enciclopédia do Integralismo* entrou e saiu da linha editorial das Edições GRD constituindo-se em um dos títulos mais vendidos da trajetória da editora¹²³. Até os dias de hoje, a editora, que permanece na ativa publicando na proporção de um décimo do que alcançara nos anos 1950 e 60, assume que o período de publicação da enciclopédia coincide com o período de maior visibilidade e vendagem de seus livros.

GARIMPO E MEMÓRIA: ENTRE A MOCIDADE E A VELHA GUARDA INTEGRALISTA

O editor ainda enfatizou que a *Enciclopédia do Integralismo* estabeleceu, ao longo de sua publicação, uma “ponte entre a mocidade que integrava os quadros do PRP e a velha guarda do movimento”. (DÓREA, SP. 28/4/2008) Criada a partir da constatação de que quase toda a produção intelectual dos grandes vultos do movimento era dispersa e de “difícil acesso” (*A Marcha*, 12/4/1957, 12), os trabalhos foram compilados de jornais e revistas cujas coleções eram (sic) difíceis de se localizar. Gumercindo R. Dórea coletou os escritos da *Enciclopédia* em jornais de circulação encerrada e tiragens esgotadas, além de rastrear coleções particulares de alguns correligionários e militantes integralistas, na sua maioria em estado de conservação bastante precário. Dispersos e perdidos em diversas instituições e órgãos de imprensa integralistas, tais escritos foram reagrupados, obedecendo a uma “noção dirigida” do conceito e das ações integralistas, portanto, construída a partir da seleção de diversas tendências integralistas, num conjunto heterogêneo. As dissidências e variadas concepções de política e partido foram intencionalmente exploradas na idealização editorial do compêndio. E, nesse sentido, a perspectiva de conjunto foi primordial para que se apreendessem as múltiplas possibilidades de leitura propiciadas pelo corpo documental. Rocha Dórea, sempre assertivo dizia: “(...) os escritos não eram das pessoas, mas do integralismo. (...) Foi esta minha intenção era assim que eu via a seleção (...)”. (DÓREA, SP, 21/4/2007)

Para tanto, arregimentou textos, poesias, reportagens, cartas passivas e ativas dos líderes do integralismo (tanto no período da AIB, quanto do PRP), bem como, partes de livros escritos ao longo da década de 1930, compilando-os nos quatro cantos do país¹²⁴, dando-lhes uma nova roupagem, visando a leitura nos anos 1950/60. É o próprio editor quem nos conta como se dava o processo de seleção do material:

¹²³ Até os dias de hoje a Enciclopédia do Integralismo é encontrada (em volumes avulsos ou na versão completa) podendo ser adquirida por meio de sites especializados em livros antigos. Em dois dos mais visitados sites (Traca.com.br) e (Estantevirtual.com.br) encontramos a coleção completa da Enciclopédia pelo preço que variou entre de R\$1500,00 a R\$1800,00). Os volumes avulsos são vendidos, em média, a R\$180,00 e R\$220,00.

¹²⁴ “Me lembro que eu enfrentei muito trem (...) fui de Manaus á Porto Alegre (...) ia, fazia umas vendas do catálogo e logo buscava garimpar um documento, uma jornal, uma figura que fosse representativa, pois afinal, no Rio e em São Paulo, nem tudo estava pronto (...) aliás, nem os jornais que só foram possíveis de se pesquisar uns poucos volumes no sul do país, mas é fato (...) rodeio o Brasil todo garimpando esses escritos (...) uni o útil (vender meus títulos) ao agradável!” Entrevista com Gumercindo R. Dórea. SP. 30/4/2008.

“(…) A primeira coisa que eu pensei foi: como farei para selecionar tanta coisa que o integralismo já fez? Então, comecei a ir de diretório, em diretório, de jornal, em jornal, e isso deve ter durado todo o ano de 1956, creio (…) então, em posse de alguns desses jornais, às vezes livros, eu redigia parte por parte, digo, passava para o datilógrafo da editora datilografar tudo e seccionava partes deste, daquele, daquele outro (…) Mas, o mais difícil foi encontrar o fio da meada (…) tanto que precisei mudar os planos porque a minha primeira seleção era imensa (…) Você veja, isso lá nos anos 1950, final dos anos 1950 (…) hoje eles começam a falar de centro de documentação, mas naquela época isso não existia. Ninguém sequer pensou em guardar essas informações, não como eu pensei!”. (DÓREA, SP, 24/08/2008)

Sob essa ótica, a construção da memória integralista e sua concepção de registro histórico foi, aos poucos, reinterpretada pelos correligionários do movimento que, por meio da *Enciclopédia do Integralismo*, tiveram a oportunidade de rever conceitos, reaproximar-se da doutrina, recordar efemérides e discutir pontos não consensuais de alguns elementos contidos na formulação original político/doutrinal do movimento. Tal enfoque aponta para a tentativa de se sistematizar elementos que comprovavam o caráter comemorativo/celebrativo da empreitada. Prova disso é que da totalidade dos artigos e ou escritos publicados no compêndio, 51 foram reedições de escritos anteriores. Pelo menos 35 autores do total publicado viram alguns de seus escritos serem republicados, ora com adendos contemporâneos, como comentários ao longo da publicação, ora mantendo-se sua estrutura original.

A memória integralista foi elaborada como suporte para determinadas representações e possíveis associações com a memória coletiva. Daí a produção de objetos, lugares e celebrações, que se assentou numa literatura histórica que privilegiava um passado, supostamente glorioso. Buscava-se afirmar a versão de seus agentes, isto é, apresentar às gerações futuras a leitura integralista da recente história política nacional. A catalogação e a preservação dessas fontes objetivavam garantir a permanência do integralismo e de sua memória, não só para as gerações integralistas, mas para toda a população interessada em conhecer a interpretação integralista dos fatos.

A seleção dos escritos da *Enciclopédia do Integralismo* pautou-se por um aprofundado trabalho de pesquisa, principalmente se atentarmos para o fato de que, pelo menos até 1955, não havia arquivos integralistas organizados e sistematizados. A tentativa de se preservar esta memória enfrentou dificuldades de diferentes ordens. Como lembrou Dórea: “(…) da falta de verbas do partido à absoluta descrença na necessidade do registro, foram vários os obstáculos a serem transpostos para que pudesse se organizar este compêndio”. Nesse sentido, Dórea se refere a uma sistemática que ainda não era muito levada em consideração no período em que a *Enciclopédia* foi compilada. Naquele momento, não se conhecia a preocupação sistemática de se preservar a história do integralismo pós-1945. Isso pode parecer um contrassenso, uma vez que, são vários os artigos em que o próprio Plínio Salgado exalta a necessidade de se registrar a história do partido, dos diretórios e das eleições em que a sigla integralista tivesse participação. Apesar de alguns contratempores (nem sempre a pauta da publicação ou seus respectivos quadros sinóticos eram respeitados), a

Enciclopédia do Integralismo transcreveu variados artigos, provenientes de diferentes localidades do país, segundo graus variados de percepção do movimento.

Em mesma proporção, é interessante mostrar como nasceu a ideia de compor a Enciclopédia. Seu editor afirma que mesmo não conhecendo pessoalmente a maioria de seus autores via neles o potencial para sintetizar o que fora o integralismo. Dórea relembra: “(...) veja, a maioria deles eu não conheci. Na época que eu atuei mesmo ao lado de Plínio a maioria desses homens já havia morrido, da primeira geração, então, quase todos eu não conheci, e isso é interessante, pois, quando surgiu o PRP eu logo ingressei nele, eu comecei a tomar contato com esses escritos todos, posteriormente, selecionados por mim na ideia de se fazer uma síntese do história do movimento. A ideia era mostrar ao público os escritos daqueles homens e mulheres que eu também não conheci, é isso, a *Enciclopédia do Integralismo*”. (DÓREA, SP,16/12/2008) Veremos nos itens seguintes como a seleção de Rocha Dórea se pautou buscando mostrar um integralismo “mal interpretado” pela sociedade, e por isso, condenado ao ostracismo, fator que o incentivou a sinalizar uma proposta de apresentação do que, segundo seus preceitos, realmente fora o movimento. Parece-nos claro que o tratamento dado a esta seleção corrobora o enquadramento a que eram submetidos os militantes mais próximos de Salgado, sobretudo, os da alta cúpula do movimento: obediência e fidelidade expostas em cada um dos textos selecionados.

A ENCICLOPÉDIA QUE NÃO ERA UMA ENCICLOPÉDIA?

*“São muitas as leituras possíveis,
mas, todas as leituras não são possíveis.”*

(Roger Chartier, *A história ou a leitura do tempo*, 2009, 45)

Do ponto de vista estrito de sua criação algumas considerações são essenciais. Diferentemente do escopo realizado pelos enciclopedistas liberais do século 18 (a la D’alambert e Diderot), que *sumarizavam* em verbetes os assuntos buscando uma universalização dos temas, numa expressão autêntica dos preceitos daquele momento histórico, ou projetos análogos dos finais do 19 e meados do século 20¹²⁵, o compilador integralista da segunda metade do século 20 se diferenciava em quase tudo de seus congêneres do passado. A concepção de um enciclopedismo meio às avessas, ou seja, que privilegiasse não o universal, mas o particular foi o mote inicial deste empreendimento que se diferenciava dos demais produtos editoriais de finais dos anos 1950, sobretudo, do ponto de vista da divulgação, difusão e penetração popular.

Nesse sentido, empreendimentos intelectuais da envergadura da *Enciclopédia do Integralismo* são antes de tudo um campo intelectual de forças antagônicas, por meio do qual se

¹²⁵ A *Encyclopédie Française*, a *Encyclopaedia Britannica*, a *Nelson’s Encyclopaedia*, a *Perpetual Loose-leaf Encyclopaedia*, a *Encyclopaedia Universalis*, a *Collier’s Encyclopaedia* e até mesmo a *Grande Encyclopédie Larousse*.

estruturam a noção de ideologia ou cultura partilhada. Entender o que continha, como e porque foi publicado este conjunto de livros temáticos demanda que seja questionado não só o teor e o conteúdo deste projeto editorial, mas, sobretudo, qual foi e como se deu a recepção deste material (tarefa certamente dificultosa), num momento da política nacional em que tudo o que lembrasse os já idos, mas não esquecidos anos 1930 era considerado anacrônico, passadista e perigoso.

Essa percepção nos lança um desafio, já enfrentado pelo historiador Roger Chartier, para quem a idealização, produção, distribuição e recepção do impresso denunciam, antes de tudo, a criação de um *demiurgo*. Algo que ganha força simbólica e mobilizadora, uma vez impressa, divulgada e apreendida. No caso específico do projeto editorial da *Enciclopédia do Integralismo* há de se levar em consideração não apenas a sua edição e publicação, mas o teor das intervenções editoriais que tal compêndio sofreu, podendo assim imaginar quais estratégias foram utilizadas visando a adequação de seu público leitor. Ou seja, não ficarmos apenas nos questionamentos unilaterais sobre os porquês de sua publicação, e aprofundarmo-nos no mote sobre como tal empreendimento se efetivou antes de chegar às mãos de seus leitores. “(...) Assim, a especificidade dos materiais editados em conjunto, prende-se não somente com os próprios textos, eruditos e diversos, mas com a intervenção editorial que tem por objetivo adequá-lo às capacidades de leitura dos compradores que tem de conquistar (...)”. (CHARTIER, 1996,129) Pois, assim, tais publicações buscariam simultaneamente, inspirar uma “leitura autorizada” (BOURDIEU, 1996 & RICOUER 1972) do compêndio e censurar as descrições consideradas licenciosas, termos pouco lisonjeiros ou inconvenientes, criando uma lógica de adaptação dupla que tivesse por finalidade, controlar os textos, submetendo-os às exigências da moral integralista, para em seguida torná-los mais facilmente decifráveis por parte de seus leitores.

Então, na segunda metade do século 20, quando seria de se esperar que, face ao progresso acelerado e à especialização exponencial do conhecimento, o movimento enciclopedista se visse condenado a desaparecer ou adotasse uma fórmula exclusivamente especializada, assistimos, não apenas ao renovar do interesse pelo projeto enciclopedista, levado a cabo por alguns grupos ciosos por propagarem suas realizações, mas ao revigorar da sua figura, ao repensar dos seus propósitos. Tratar-se-ia, segundo (FEBVRE, 1935, 11), de não perder de vista o sentido etimológico da ideia de enciclopédia enquanto “rotação completa do horizonte dos saberes” e de reconhecer no homem ou nos diversos grupos que se congregam, o “centro comum” potenciador do conhecimento. Como Lucien Febvre explica, precisou haver um momento que se abandonou a ordem alfabética para organizar uma enciclopédia em torno dos principais problemas de cada campo do saber, preferir a perspectiva alargada e viva dos principais *problemas* em aberto à simples enumeração exaustiva dos *factos*” (FEBVRE,1935, p.12).

É interessante ressaltar que, as enciclopédias mais inovadoras buscaram efetivamente rejeitar tanto a estrutura alfabética contínua e homogênea como a organização disciplinar e adaptar uma estrutura temática. A tendência é para reduzir significativamente o número das entradas, selecionando aquelas cuja pertinência, atualidade ou capacidade de irradiação justifique um

tratamento alargado e compreensivo. Nesse sentido, a intenção dos projetos enciclopédicos pós anos 1950, caracteriza-se pelo caráter seletivo e integrado. A *Enciclopédia do Integralismo* (1957-1961) constitui um caso relevante desta tendência à organização temática. Os seus 12 volumes caracterizam-se pela ruptura com a exaustividade característica de todo o enciclopedismo anterior e por uma diminuição drástica do número de artigos em favor daqueles cuja pertinência perante a cultura política integralista se mostrava plausível. Como se pode ler no prognóstico com que o editor abre o primeiro volume da *Enciclopédia do Integralismo*, o objetivo foi “concentrar a atenção sobre os elementos importantes do discurso cultural integralista, sobrepujando diferenças idiossincráticas em favor de uma homogeneidade doutrinal”. (DÓREA, EI, 1957, 35)

A publicação da *Enciclopédia do Integralismo*, por outro lado, não conseguiu afastar-se do esquema unilateral que marca projetos enciclopedistas desta natureza, (nem pretendia) apresentando-se com propostas fortemente propagandísticas e proselitistas. Assim, inventariando (mas, não apenas isto) os conhecimentos adquiridos no passado pelo integralismo, exaltando, redimensionando suas experiências buscou realizar um balanço dos episódios vividos pelo movimento, projetando, como corolário, visões de um passado entendido como mítico. Os verbetes, que na realidade são textos, procuram pôr em evidência aproximações dos diversos discursos integralistas, buscando uma transversalidade com temas tidos como fundamentais na organização político-simbólica do integralismo, como é o caso dos motes: *doutrina, democracia e anticomunismo*, tripé do *misecene catártico integralista* (O GLOBO, 9/09/1957, 5), no período da publicação da *Enciclopédia*. Estas clivagens ilustram cruzamentos e sugerem itinerários possíveis de leitura.

Pois, então, retomemos uma observação que nos parece pertinente: o fato da *Enciclopédia do Integralismo* não se limitar a ser o inventário de um saber constituído no passado, nem sequer apenas o balanço dos episódios já conhecidos sobre o integralismo. Ao contrário, seu projeto buscou criar, ou mesmo patrocinar de maneira ativa e determinante a produção de novas abordagens sobre o movimento integralista, operando uma reorganização de um discurso, no sentido de sinalizar um arrefecimento das tensões já estabelecidas ao longo do tempo, em face das suas opções de poder. Nesse sentido, seus idealizadores sublinharam nos volumes, não apenas o papel reativo, de luta contra a impossibilidade da permanência integralista no tabuleiro político dos anos 1950/1960, mas, sobretudo, uma função conservacionista de seu passado, sintetizando um papel afirmativo.

Embora, por vezes, a intenção da edição da *Enciclopédia do Integralismo* possa ter sido construir um papel quase heurístico para os artigos temáticos selecionados para sua empreitada, vale nossa desconfiança. Pois, se pensarmos a heurística como a capacidade de realizar inovações, apontar diferentes perspectivas às ideias já previamente concebidas, de forma imediata e positiva para um determinado fim, é contraditória que a compilação desta coleção de artigos, tenha sido costurada por uma linha idiossincrática do líder integralista, Plínio Salgado, privilegiando neste sentido, a tradição e não a inovação sobre o pensamento integralista. Cabe, então, afirmar que

a escolha dos temas e artigos também obedeceu a critérios de amplitude e transversalidade. É o caso de conceitos como os que organizam o saber e o viver do integralismo, que são apresentados buscando evidenciar uma visão mais institucionalizada do movimento. Nessa perspectiva, como interpretar a estruturação dos volumes? Que significado pode ter a adoção de um modelo temático? Que sentido se revela na adoção de uma estrutura descontínua (uma vez que se trata de escritos de três gerações diferentes de integralistas - separados por décadas de atuação política diversa)? Veremos, no entanto, que a despeito da linha editorial da compilação ter sido toda mediada pelos palpites de Plínio Salgado, sobressaltar-se-á de sua leitura, algumas tensões que ora se colocarão como tênues, ora como evidentes. O integralismo que se vê na *Enciclopédia* é o integralismo pliniano, mas suas nuances apontam, difusamente, para um mecanismo de pluralidade nos discursos de seus representantes. Isso é bastante evidente quando destacamos categorias como *dissidência*, *liderança*, *subserviência* ou *autoafirmação*, quatro elementos diluídos ao longo de seus 12 volumes.

Note-se, que isto se dava, basicamente, de duas maneiras: primeiro, por meio da capacidade de auto exaltação das virtudes integralistas presentes nos artigos (o integralismo sempre foi dubiamente apresentado, ou como solução dos problemas políticos do país, portanto, como saída e opção clara frente aos infortúnios, ou como redenção das demais opções político-ideológicas que se faziam presentes no espectro político vigente). Em segundo lugar, tais tensões se mostravam claras pela capacidade dos integralistas estabelecerem certa correlação entre os feitos políticos do movimento e as benesses vividas pela nação em tempos de democracia: como se muito do que se conseguiu em tempos democráticos tivesse saído das cabeças pulsantes dos integralistas, revelando aproximações, interferências, confrontando problemáticas, fomentando, enfim, contradições nos discursos de seus adversários, ou acentuando as fraturas, que julgavam necessárias para a manutenção de seus próprios quadros e discursos. Foi assim que o integralismo da *Enciclopédia* buscou ressuscitar sua presença na política nacional de finais dos anos 1950. Neste sentido, a seleção dos artigos teve o papel fundamental de estabelecer uma perspectiva crítica das dificuldades e problemas enfrentados pelo movimento.

Se, procede afirmar que a *Enciclopédia* - ela mesma um cosmos de personagens, intenções e imagens - é a única configuração que, espacialmente reúne, condensa e apresenta aos olhos de todos, materiais dificilmente confrontáveis noutro contexto, (exemplo disto é a miscelânea heterogênea contida nos escritos), também é verdade que, a orientação de seleção, publicação e difusão deste compêndio, correspondeu, à efetiva capacidade que seu editor teve de esboçar itinerários de cruzamento, buscando uma unidade para a dada enciclopédia. Ontem como hoje, a leitura da *Enciclopédia do Integralismo* continua sinalizando um ideário de pequena penetração popular, ao contrário dos “arroubos megalomaniacos” que alguns dos seus textos trazem. Passados sessenta anos de sua publicação, a compreensão deste empreendimento ainda se mostra labiríntica.

PROPAGANDA E CONSUMO DE UMA IDEOLOGIA

Contrariamente ao que indica o subtítulo da *Enciclopédia do Integralismo* em propagandas de jornais do movimento (“*uma enciclopédia que visa ensinar a cronologia do movimento, de A a Z*”), os escritos deste compêndio não foram dispostos em sequência alfabética, tampouco apresentados segundo uma produção cronológica, do escrito mais antigo para o mais recente. O que se percebe é que os textos foram constituídos sem um plano pré-definido, sendo publicado em cada volume uma série de temas que mesclava textos rememorativos, ou seja, preocupações referentes ao passado do movimento, com avaliações sobre o presente do integralismo. No entanto, mesmo diferenciando-se do padrão enciclopédico clássico, o conteúdo compilado na publicação tinha a pretensão de um “saber enciclopédico”, principalmente, se entendido como um manancial de informações cujo objetivo era, antes de tudo, divulgar as ideias do movimento, informar e educar. Seu objetivo final era a informação por meio do proselitismo.

Desse modo, a coexistência de autores provenientes de conjunturas intelectuais distintas, a diversidade de áreas e gêneros, o empenho em dar cobertura aos principais tópicos em torno dos quais se articulava o debate político/ideológico/institucional do integralismo evidenciam os alvos focados pela *Enciclopédia do Integralismo*. Os “feitos” dos escritores vinculados ao integralismo foram amplificados na compilação realizada por Rocha Dórea. É como se o editor focalizasse uma lente de aumento nas ações realizadas pelos integralistas por ele selecionados, super enfatizando suas relações com o integralismo, a despeito de uma minoria, ainda permanecer vinculada ao movimento, na época em que foram publicados os volumes.

Dispondo deste expediente, supervalorizando os feitos integralistas, a partir da divulgação de uma ideia, uma articulação política, uma ação institucional etc., a *Edições GRD*, editora que publica o compêndio teve todo o interesse em se articular com o jornal oficial do PRP, *A Marcha*, demonstrando êxito não apenas na divulgação da publicação, mas construindo espaços permanentes de projeção dos autores que na *Enciclopédia* escreviam, de maneira que, de 1957 a 1961, diversas vezes, o jornal oficial passou a cobrir e divulgar a pauta de publicação da editora, tornando-se uma espécie de vitrine para os livros e autores direitista da GRD. Articulada às estratégias de promoção da ritualística e dos adereços integralistas, seguiu-se uma campanha publicitária que visou apresentar a *Enciclopédia do Integralismo* ao seu público. *A Marcha* publicou uma série de anúncios a respeito do compêndio, ocasião em que o discurso foi ainda mais direto, valendo-se de uma linguagem que procurava homogeneizar a mensagem emitida, sem diferenciar conteúdo ou termos dos textos ali apresentados. Não havia mais a preocupação em dividir os textos entre inteligíveis para a *massa* e para o *público intelectualizado*, inquietação tão presente nos anos da Ação Integralista.

Sempre contundente, a propaganda que figurava no jornal tinha como intuito abarcar todo o tipo de leitor. No período de celebração dos 25 anos da doutrina, o movimento reforçou sua conduta propagandística em prol da vendagem de livros, dentre os quais se destacou a *Enciclopédia*

do *Integralismo*: “o maior sucesso de vendas, assinaturas e anúncios já veiculado pela *Marcha*”. (A *Marcha*, 19/8/1959, 5) Veja-se o seguinte exemplo: “A *Enciclopédia do Integralismo* é um monumento erguido pela máxima homenagem ao *Sigma*! Corra, pois os volumes vão acabar! Ser assinante da *Enciclopédia* é ser fiel aos propósitos do *Sigma*!”. (A *Marcha*, 28/2/1958, 15. Grifo meu.) Acompanhados de suas respectivas ilustrações de capa, os livros propagandeados pelo jornal passaram a ser mais vendidos, propiciando que tais vendagens superassem a expectativa dos próprios editores. (A *Marcha*, 12/10/1957, 6) Para comprovar tal aumento na comercialização dos títulos, o jornal passou a anunciar os volumes da enciclopédia, como exemplo de título que havia aumentado sua tiragem. Diversos anúncios indicavam que “o compêndio que iniciara com menos de mil exemplares vendidos chegava, após sistemáticos anúncios, ao 4º volume, com cerca de três mil exemplares, o que praticamente quadruplicava sua tiragem”. (A *Marcha*, 12/10/1957, 6)

O perfil das publicações apresentadas no jornal *A Marcha* tinha características bastante específicas. Reafirma-se que, por se tratar de um jornal partidário, proselitista por excelência, apenas anúncios de obras doutrinárias foram veiculados. Até a coleção de ficção científica, - coqueluche das *Edições GRD* - anunciada no jornal, era devidamente alinhada a um discurso político, para que sua apresentação não destoasse do perfil apresentado pelas demais publicações. A referência aos “discos voadores” foi manifestada pela primeira vez em outubro de 1956. Desde 1954, a *GRD Edições* e a *Livraria Clássica Brasileira*, maiores distribuidores de títulos de cunho nacionalista e integralista na década, passaram a anunciar, sistematicamente, suas obras nas páginas de *A Marcha*. Entende-se que tanto os livros de ficção científica quanto a *Enciclopédia do Integralismo* tornaram-se mais conhecidos graças à frequente exposição do jornal.

Note-se que o discurso contido na maioria das obras anunciadas só pode ser entendido no contexto da disputa ideológica propalada pela Guerra Fria, que, no Brasil, também intensificou seus dispositivos anticomunistas como arma de demarcação político/ideológica. Desassociado desta variante, tal discurso perde seu valor. A repulsa integralista ao comunismo foi favorecida pela atmosfera de contraposição que se instaurou no país. Atrelado à tutela cultural e política dos EUA, o Brasil seguia as diretrizes norte-americanas, acarretando, inclusive, reflexos que foram percebidos nas publicações perrepistas, catalisadoras da atmosfera de tensão provocada pela guerra ideológica do mundo bipartite.

Além do cuidado de veicular as mensagens de maneira clara, precisa, sem metáforas exageradas, o jornal passou a dispor de recursos visuais (como fotografia de capa dos livros ou de consumidores em plena leitura), procurando assim, sensibilizar o leitor da necessidade de se consumir o que era avalizado pelo movimento. A estratégia de anúncio evoluiu, a partir de então, para uma apresentação mais atraente dos produtos a serem consumidos. Em consonância com a realidade editorial e financeira do país, cujos investimentos diretos beiravam a ordem dos 30%¹²⁶ (ANDRADE, 1978), e como reflexo das novas tendências do setor editorial que, a partir do início da

¹²⁶ De 1956 a 1958, o setor editorial brasileiro cresceu em média 9% ao ano, o que foi uma média considerável, principalmente se comparado aos primeiros anos da década. *Quadro de canais de distribuição do mercado editorial brasileiro em finais de 1950*.

década, sofreu um crescimento e uma profissionalização nos seus três níveis de atuação (produção, promoção e vendas), o jornal *A Marcha* mostrou-se permeável aos anúncios de obras literárias que corroborassem o perfil ideológico propalado pelo integralismo, o que se fez sentir por meio do aumento de publicações anunciadas e recomendadas pelo jornal.

A editoria d'*A Marcha* passou então a aumentar, cada vez mais, sua quota de sugestões bibliográficas.¹²⁷ (*A Marcha*, 12/12/1957, 3) Em meados de setembro de 1957, portanto às vésperas das comemorações dos 25 anos integralistas e da publicação da *Enciclopédia do Integralismo*, o jornal iniciou uma série de chamadas publicitárias, cujos textos explicitavam a necessidade do “bom integralista” adquirir “a fonte e a essência da essência da nossa doutrina, bem acabada, reunida e discutida por pessoas que viveram e vivem a doutrina do sigma”. Diversos depoimentos procuravam corroborar a intenção de se publicar a essência do movimento integralista:

Conheci essa Enciclopédia através dos anúncios da *Marcha*. Até agora tenho os quatro volumes... nem vejo a hora de chegar o quinto e o resto... A *Marcha* só errou num ponto: deveria notificar o sumário dessas publicações. Mas talvez, seja de propósito, afinal é do suspense que vive os bons negócios. Ainda me lembro e agora vou dizer: Anauê, amigos. Anauê.¹²⁸

A veiculação de depoimentos como este promoveu uma continuidade nos debates acerca da importância de se adquirir o compêndio. No trecho destacado abaixo, percebe-se o grau de abrangência que o jornal procurou alcançar com este tipo de anúncio, de maneira a abarcar o maior número possível de apreciadores. O anúncio continha o seguinte texto:

VOCÊ... é um fiel seguidor do Sigma?
Isto significa que você já é assinante da Enciclopédia do Integralismo, certo? Por isso INTEGRALISTA!!! Precisamos nos convencer de uma vez para sempre: sem a leitura das obras doutrinárias não existe convicção verdadeira. TODOS precisam ler a ENCICLOPÉDIA e a DOUTRINA, pois são eles que ensinam o valor do Integralismo. Mas não é só ler. Temos que divulgar junto a todos que podem ser doutrinados.¹²⁹

A diagramação do texto descrito acima explicita o tom imperativo, prescritivo da linguagem utilizada. Os editores responsáveis pelo jornal oficial do PRP passaram a buscar uma comunicação mais direta com seus leitores. Isso, segundo seus profissionais, rompia com uma “manobra textual estática”¹³⁰ característica dos anúncios até então veiculados. Esta estratégia foi posta em

¹²⁷ A modernização da concepção editorial e de layout do jornal projetou o volume de anúncios, em cerca de 20%, aumentando inclusive, sua tiragem, que saltou do patamar de 40 mil exemplares/número para quase 55 mil, entre 1954 e 1957.

¹²⁸ Depoimentos de antigos integralistas, editados em alguns jornais do PRP. Primeira propaganda efetiva sobre a *El. “Propaganda: O depoimento”*. Por: Hélio Rocha. *A Marcha*, setembro de 1957 a outubro de 1959, pp. 5; 7; 9. Fairbanks, Mello Mourão e Galotti são outros integralistas que aparecem nestes depoimentos.

¹²⁹ *A Marcha*, edições sucessivas em março de 1959. Grafia original.

¹³⁰ A mudança nas estratégias de propaganda do PRP foi tema de diversos artigos do jornal, dos quais destacamos: “*A estática manobra textual*”. *A Marcha*. Diversas edições - 1957.

atividade visando dinamizar a relação entre o anunciante e o público. O autoritarismo, a relação de subordinação da militância, a tentativa de aproximação com o leitor, utilizando-se, principalmente, de frases destacadas por vários pontos de exclamação, intercalação de caixas alta e baixa na disposição das palavras, estabeleceram uma relação de hierarquia entre elementos primordiais e acessórios na mensagem.

O apelo sob a forma de texto foi de tamanha eficiência que a receptividade pôde ser medida nas edições posteriores a março de 1959. De abril a junho do mesmo ano, a enciclopédia triplicou sua tiragem, tendo sido anunciado o rompimento da meta dos 20 mil exemplares. (DÓREA, EI, VII. 1958, 3) Os anúncios e o aumento das assinaturas do jornal *A Marcha*, favoreceram, ao que tudo indica o crescimento na vendagem dos volumes da enciclopédia. Como estratégias de propaganda foram veiculadas diferentes mensagens. Utilizou-se de maneira mais racional as páginas do jornal, possibilitando uma maior visualização dos produtos propagandeados. Não só os tipos e cores, mas também as dimensões dos anúncios aumentaram. Foram experimentados vários formatos, o que pode ser sentido na intensificação do elemento visual. As imagens agregadas aos anúncios supervalorizaram a exposição dos produtos, que eram veiculados em conjunto com pequenos textos explicativos. Esses anúncios marcaram um diferencial: a reprodução da imagem em três cores, episódio inédito na imprensa integralista. Até então, tal técnica era utilizada apenas na capa do jornal.

Entre os meses de outubro de 1958 a novembro de 1959, com o objetivo de aumentar a venda da *EI* por meio da assinatura, o jornal passou a veicular o seguinte anúncio:

A Livraria Clássica Brasileira comunica os prezados clientes que o lançamento desta Enciclopédia se destina a mostrar, ao povo brasileiro, o que o integralismo fará quando chegar ao Poder. Aos pais e professores integralistas cabe uma enorme responsabilidade: o de possuir os volumes da Enciclopédia do Integralismo, mostrar aos filhos e alunos o que é o movimento, de que faz parte, o que ele significou nos últimos 25 anos na vida brasileira. Por este motivo, a Livraria Clássica Brasileira aconselha aos integralistas não deixarem de possuir seus exemplares. (*A Marcha*, 1/11/1957, p.2. Grifos meus)

Nesse sentido, vale destacar que, após 1957, conceitos como doutrinação e pertencimento passaram a ser mais bem explorados pelos anúncios, principalmente por conta das comemorações de outubro. Ao longo dos anos 1950, a manutenção da ação militante foi tema recorrente das matérias dos jornais *perrepistas*: primeiro na *Idade Nova* depois n'*A Marcha*. Esse sentimento de pertencimento do militante também foi propagandeado durante toda a publicação da *Enciclopédia do Integralismo* com maior contundência no último volume. Neste, destacou-se uma expressiva passagem escrita por Gumercindo R. Dórea, na qual o editor afirmou que “a mudança de nós mesmos [integralistas] começaria na permissibilidade de quem nos ouvisse”. (DÓREA, EI. XI, 1959, 188)

De fato, ao escrever esta frase, Dórea dirigiu-se aos antagonistas do movimento integralista na ordem democrática. A acusação desses adversários sempre foi a mesma: “que o integralismo não

havia entendido a mudança dos tempos”. Conclusão: seus integrantes foram condenados a pagar a dívida de seu passado, e seus antagonistas permaneceram referenciando este passado como “marca indelével e irre recuperável” (*Diário Carioca*, 12/12/1957, 4), em um jogo cuja acusação permaneceu inalterada. Uma vez integralista sempre integralista. Assim, a propaganda doutrinária constituiu-se no combustível necessário para o restabelecimento do ideário integralista, num período em que a palavra escrita se solidificou como o mais importante propulsor do movimento. Contraditória e heterogênea a *Enciclopédia do Integralismo*, surgiu, com suas mais de 1770 páginas, como uma proposta de apresentação ordenada da leitura de mundo dos integralistas, consolidando, assim, o discurso que pretendiam deixar para seus herdeiros.

SOBRE O QUE DISSERTAVAM TAIS ESCRITOS?

A despeito de nos parecer à primeira vista um desfile de nomes desconhecidos, portanto, sem muita importância no espectro político-ideológico da direita do período, é importante ressaltar que é este o grupo de integralistas que vai desenhar a linha de intersecção entre a doutrina e a prática política nas duas aparições do movimento, tanto na década de 1930, quanto de 1940/50. Portanto, de maneira sumária, do primeiro ao décimo segundo volume (ou melhor, o suplemento que seria publicado após o 11º volume), os temas, as preocupações, os personagens e os depoimentos englobaram um contexto de diversidade sobre o qual o integralismo foi construído. Em consonância, a seleção explorou estas pluralidades esforçando-se para não serem entendidas como uma contradição.

Plínio Salgado abre a seleção com um texto construído especialmente para sua inauguração: “*A orgânica do movimento e suas funções básicas na sociedade dita ‘ideal’*” foca a mentalidade doutrinária do integralismo, esboçada a partir das ideias de seu idealizador. O segundo volume tem as presenças de Belisário Penna, com trechos da carta escrita ao diretor geral do jornal *Correio da Manhã*, originalmente redigida em meados de 1937. Além desta carta, Penna também escreve sobre a família, (em texto, provavelmente redigido nos anos 1920) de um ponto de vista bastante peculiar. Chama a atenção um fragmento deste volume em que o sanitarista aponta suas reflexões sobre como entendia o espaço e a função da mulher na sociedade. É no mínimo curioso: “(...) Urge, a bem da humanidade, um corretivo a loucura da mulher de querer igualar-se ao homem em tudo e por tudo, em contraposição as leis biológicas quando o que lhe compete é procurar corrigi-los dos seus vícios e desregramentos”. (EI, IX, A mulher, a família, o lar e a escola, 1959)

Lucio José dos Santos destaca a relação do integralismo com o catolicismo e o corporativismo. No texto: *Consulta sobre o Integralismo (A ligação entre a Igreja católica, o cristianismo e o Integralismo...)*, originalmente retirado do jornal *O Panorama*, de finais de 1937, o autor se aprofunda na discussão sobre o essencial motivo de todo o integralista ser católico! De

Alcebiades Delamare foi publicada uma carta endereçada à mocidade integralista das Faculdades de Direito, intitulada: *a Flâmula Sagrada do Sigma*. Também publicada em 1937, faria par com o *Curso de Economia política* - criado por Delamare e adotado na Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil, ambos editados nos volumes 2 e 5, respectivamente. Rodolfo Josetti, discute a relação do integralismo com a cultura artística em dois momentos: *O sentido Estético do Integralismo* e o *Sentido cultural e artístico do integralismo (1937)*. Victor Pujol debate a ideia de Estado Integral e relata sua vivência quando da transcrição do *Regulamento do jornal Monitor Integralista*, uma das partes da “Orgânica da AIB!”.

O caricaturista, Madeira de Freitas discorre sobre o *Movimento do Sigma e sua excelência moral: o sentido patriótico do Sigma*, seu sentido vocacional como uma mística e uma reação nacionalista. Tasso Silveira, por sua vez, realiza um resumo dos elementos básicos do integralismo: discutindo que o Modernismo e Integralismo são compatíveis desde a origem. O autor aponta os seguintes elementos: *O Manifesto de Outubro Estratégia; As diferenças e semelhanças entre o documento integralista e os demais e a Concepção de mundo. O Homem. A Família. O Trabalho. O Estado. Revolução espiritual. O Chefe*. Complexo, este texto é, certamente, um dos mais aprofundados estudos da *Enciclopédia do Integralismo*.

Augusto de Lima Jr. publica: *O Espírito Integralista da Inconfidência Mineira*. Trata-se de uma inusitada comparação entre o movimento integralista e a Inconfidência Mineira, mote retomado por Felix C. Rodrigues, que escreve sobre a Organização social do integralismo (ambos de 1936). Este último texto corrobora o artigo publicado por Juvenil da Rocha Vaz sobre *o Estado Integral e a Biopsicologia individual do integralista*. De João Carlos Fairbanks, é aproveitado um discurso proferido em São Paulo no Dia da Bandeira, de 1957. O professor de Química, Jaime Regalo Pereira, escreve sobre *Liberalismo, Socialismo e Integralismo: a questão do sindicalismo como reforma de representação*. AB Cotrim Neto, sobre as *Bases do pensamento político Integralista*, além de possuir um poema na coletânea de poetas integralistas, editado no sétimo volume.

San Tiago Dantas discorre sobre O Integralismo e as Classes Armadas, bem como sobre a “Preparação das elites integralistas”, Aula Magna proferida em meados de 1934, cujo tema fora o Direito corporativo. Além disso, edita juntamente com Ernani Silva Bruno o Estatuto da Escola Brasileira de Jornalismo, assinado em Belo Horizonte, no dia 19 de dezembro de 1936. Em coautoria com Plínio Salgado assina o Regulamento Nacional de Imprensa, parte constituinte da Orgânica do Movimento.

J. Venceslau Jr aparece no compêndio com o texto: *“O que significa Revolução Integralista”*, texto de finais dos anos 1930, cujo cunho proselitista se sobressai. Temática bastante próxima da apresentada pelo então padre, Hélder Câmara, que aparece na *Enciclopédia do Integralismo* com dois textos publicados originalmente na década de 1930: *O Integralismo em face do Catolicismo e A Educação e o Integralismo*. Este último, fragmento de um discurso de paraninfo proferido pelo padre em 1937. Arnóbio Graça escreve sobre a noção de *Governo Forte*, texto que responde às provocações do jornalista Pedro Lafayette intitulado: *A luta dos Fariseus*. Além disso, Lafayette

também descreve a briga ocorrida nos jornais entre Alceu Amoroso Lima/Fábio Alves Ribeiro, articulista do “Diário de Notícias”, do RJ e a AIB. Escritos em meados de 1940, estes artigos têm um caráter peculiar, pois trás à tona, os princípios de discordância que afastaram Amoroso Lima de sua simpatia pelos integralistas. O líder católico, anteriormente simpático à AIB, sobretudo devido ao seu apelo católico, modifica sua postura, tornando-se um tenaz discordante da ideologia integralista.

Ernani Silva Bruno, em *A crise brasileira de Autoridade* sinaliza o que acreditava ser o maior problema do país. Edita juntamente com San Tiago Dantas o *Estatuto da Escola Brasileira de Jornalismo*, bem como, o *Regulamento da Secretaria Nacional de Doutrina e Estudos*. Contemporâneos serão os escritos de Antonio Galotti que aparece por diversas vezes. No entanto, seu texto mais representativo é: *O Renascimento do Estado*. Artigo em que analisa cronologicamente a evolução do termo *Renascimento*, foi retirado da palestra inaugural, que proferiu em uma das Salas da Seção de Doutrinamento da AIB, em 1936. Trata-se de uma fala calcada na consolidação do sistema integral e da Economia Dirigida, sublinhando a força do governo fascista que dirigia tudo para o Estado. Nestes seus escritos, Galotti trata da economia sublinhando as propostas do integralismo. Além dos textos já mencionados, o economista também apresenta uma Aula magna, intitulada: *Para as elites do integralismo*, parte do curso de doutrinas econômicas que ministrou aos aspirantes à integralistas nos anos 1930. Por fim, assina o *Regulamento Nacional das relações com o Exterior*, datado de 25 de agosto de 1936, mesmo ano em que Loureiro Jr. escreve o texto: *Aos Estudantes Paulistas, O Regulamento da Diretoria Nacional de estatística e do Gabinete da Chefia Nacional*, documentos também assinados por ele.

Helio Vianna propõe uma espécie de resumo sobre os episódios históricos que culminaram na chegada do integralismo. Descreve, em tom claramente proselitista as *Bases Históricas da Unidade Nacional*. Também apresenta partes de uma Aula magna ocorrida em meados de 1934: Aula sobre o Direito corporativo. *Para formar as elites integralistas*. Representante do universo integralista feminino, Margarida Corbisier comparece com dois textos em que discute, respectivamente: a) *o Conceito de vida heróica*. Para a autora: o integralista é, antes de tudo, um herói! e b) *Integralismo e a educação feminina*, um trabalho apresentado originalmente no I Congresso Nacional Feminino da AIB, em outubro de 1936. Já, Luis Alexandre Compagnoni apresenta: *Por que me tornei e continuo integralista* – texto em que exprime suas visões enquanto um católico integralista. Escrito em meados dos anos 1950 é contemporâneo dos escritos de outro militante católico, Leopoldo Ayres. Em sua *Carta Aberta aos Sacerdotes de minha Pátria* e seu *O sentido da formação pliniana*, corrobora a forte inclinação católica de grande parte da militância integralista. Em ambos escritos, discorre sobre as pontes que ligam o “catolicismo e o movimento do Sigma em pleno período pós-guerra”.

Ernani Lomba Ferraz descreve um tratado que intitula: *Sobre Democracia e Sufrágio*, colaboração de uma discussão travada entre Lomba Ferraz e José Garrido Torres, que, no compêndio apresenta um texto sobre a *Concepção Integral da Economia*. O diplomata, Rômulo

Almeida escreve sobre uma questão até então pouco debatida. O artigo: *Reflorestamento* inaugura uma discussão que seria aprofundada apenas no final do século 20. Datado de meados dos anos 1950, este é o primeiro texto integralista que trata da intersecção entre o pensamento político e a preservação do meio ambiente. Entretanto, tem um caráter dúbio esta preocupação de reflorestar: a alusão ao verde do partido, num momento em que reflorestar significa plantar novas ideias para novas gerações. Esta metáfora fora transportada durante toda a década de 1930, e migrou no imaginário político integralista até sua fase posterior.

Lauro Escorel, com seu *Conteúdo humano do integralismo e a intervenção do Estado* e Genoino Ferreira Filho com o artigo intitulado: “*Ser ou não ser integralista*”, constroem dois escritos analíticos sobre a tendência dos correligionários nos anos 1950. Para ambos há uma certeza peremptória: ou os militantes estavam no PRP, ou estavam fora do integralismo. Interessante conclusão a que chega Genoino F. Filho, afirmando que a maioria dos correligionários que não estivesse vinculada ao PRP teria que estar, necessariamente, arrolada nas fileiras dos três outros partidos: UDN, PTB E PSD.

Umberto Pergher, com seu paradigmático texto: *Como estudar Plínio Salgado?* e Genésio Pereira Filho, em: *Ser ou não ser integralista: como os integralistas congregam as aspirações da geração dos anos 1950*; acompanhados do escrito de Abelardo Cardoso sobre o *Ato de fé integralista!*, configuram a tríade de *perrepistas* que buscaram traduzir em textos exclusivamente escritos para a *Enciclopédia*, os conceitos de fidelidade militante. No caso de Cardoso, este ainda apresenta uma carta endereçada a Gumercindo Rocha Dórea, na qual, afirma que se converteu ao integralismo e que passaria, a partir daquela data, a ser e fazer valer o integralismo. Note como a força de aliciamento do movimento ainda era pautada pelos antigos protocolos. Por outro lado, José Soares Arruda com *O conceito de cultura integralista* e Ivan Luz, com seu texto sobre *A Teleologia Integralista* formam com Hélio Rocha - *O integralismo não é totalitarismo* outra trinca de autores da terceira geração, portanto, textos escritos em plena década de 1950. Em consonância, Gumercindo Rocha Dórea, com suas *Introduções* e comentários nos volumes: 1, 3, 4, 6, 8, 10 e 11 edita em partes o também conhecido texto: *Plínio Salgado e a Estirpe de Aretino*, texto original dos anos 1950, mas modificado pelo autor para compor o compêndio.

A chamada velha guarda integralista, capitaneada por Luis da Câmara Cascudo, aparece com o tema: *Vários brasis*; Jeovah Mota, com *Regulamento do Departamento Nacional dos Serviços Sindicais* - organização dos grupos profissionais e *A orgânica da AIB*; Thiers Martins Moreira: *Aula magna: A preparação das elites integralistas*¹³¹ e *Introdução à Sociologia Geral*, textos que contrapunham-se aos escritos dos chamados autores mais jovens como Carmem Pereira Dias, com seu: *A mulher e o integralismo* e mesmo o padre Francisco Galvão de Castro, em cujo texto: *Os*

¹³¹ Fizeram parte desta aula “Preparação das elites integralistas”, ocorrida em meados de 1934: San Tiago Dantas (aula sobre o Direito corporativo), Gustavo Barroso (aula sobre a História militar brasileira), Hélio Vianna (aula sobre a História social e política do Brasil) e Antonio Galotti (sobre Doutrinas Econômicas). Os planos de aula destes cursos estão disponíveis na *Enciclopédia do Integralismo*. Vol. 9. pp.154-159.

quatro pontos cardeais do Integralismo I e II constrói a noção de cristianismo integral, de maneira bem menos sectária que seus correligionários dos anos 1930. Além deste, o padre Galvão de Castro também assina: *Revolução da família; O problema da ordem; Técnica de Sorel, técnica de Cristo e A concepção integralista do trabalho*, tornando-se assim, um dos mais profícuos escritores compilados na *Enciclopédia*. Por fim, Miguel Reale aparece com seu conhecido escrito: *O que é o Integralismo*, além da *Cartilha do Integralismo*, inteiramente redefinida e ampliada, ainda nos anos 1930, apropriadas para a publicação na *Enciclopédia do Integralismo*.

Figura 13 - Livros para a elite política, com especial destaque à *Enciclopédia do Integralismo*: anúncio direcionado aos CCCJ e à classe política do movimento. *A Marcha*, out./1957, pp.8 e 12.

10 de Maio
A MARCHA
1-5-1958

Aos Srs. Candidatos a Cargos Eletivos:

Um Integralista não compra votos,
conquista consciências!
Um integralista não faz demagogia,
forma mentalidades!
Um Integralista não quer se eleger para "ser deputado",
"vereador", ou "senador", quer ser representante de uma
idéia!

Assim pensando, e sabendo que este é o verdadeiro pensamento do Sigma,

a LIVRARIA CLÁSSICA BRASILEIRA

vem recomendar aos Candidatos a Cargos Eletivos (Vereança, Deputação,
Senatoria) os seguintes livros, para divulgação do Integralismo:

— O Conceito Cristão da Democracia (Plínio Salgado)...	50,00
— Reconstrução do Homem (idem)	80,00
— O Homem Integral (Sacerdos)	70,00
— O Estado Integral (idem)	80,00
— O Romance de Plínio Salgado (Augusta Garcia R. Dorea)	40,00

e, por fim, a

— ENCICLOPÉDIA DO INTEGRALISMO (I e II vols. publicados, III e IV no prelo)	150,00 (brachado)
--	----------------------

COMPANHEIROS!

CONQUISTEM CONSCIÊNCIAS!
FORMEM MENTALIDADES!
REPRESENTEM UMA IDEIA!

No planejamento de sua campanha eleitoral,
distribuem livros, livros e livros!

NOTA: CADA PEDIDO DE MAIS DE 10 VOLUMES GOZARA DE 30% DE ABATIMENTO

Último lançamento em edição GRIP:
3 MULHERES DE XANGO
de JORJA TELLES
(com o II Intelecto do Cardeal)
Um livro que despertará oprimos no Integralismo
Brasileiro!

Preço: Cr\$ 180,00

Partidos para a
Livraria Clássica Brasileira
Rua 1.º de Março, 147 - 2.º
Rio de Janeiro
Tel. 43-7044

LIVRARIA CLÁSSICA BRASILEIRA

RUA 1.º DE MARÇO, 147 - 2.º
TEL. 43-7044
RIO DE JANEIRO

PRÓXIMOS LANÇAMENTOS E
DISTRIBUIÇÃO DA CLASSICA:

- Uma Fênix na China Vermelha,
de José Maria Soares
- Facúlo, o colírio de nossa his-
tória, de Herbert Parreira Farias
- Prêmio do Século Tronchoso,
de Enquet

Fonte: *A Marcha*, 05/10/1957, p. 8 e 12.

DISCURSOS RECAUCHUTADOS

Uma rápida observada no repertório descrito anteriormente sinalizará que muitos dos autores arrolados não eram mais associados ao integralismo no momento em que tais textos foram republicados (anos 1950), o que nos leva a questionar: havia por parte dos autores não mais integralistas concordância ou conhecimento sobre a utilização de seus textos pregressos? A questão da autoria dos textos e da concordância de sua utilização deve ser analisada levando-se em conta a postura polivalente mantida por Gumercindo Rocha Dórea entre os anos de 1957 e 1961. Era ele quem arregimentava, selecionava, editava, publicava, distribuía e cobrava dos Centros Culturais da Juventude, a leitura dos volumes, uma vez que nos dois primeiros anos da publicação da *Enciclopédia*, Dórea também ocupava a presidência da CCCJ. Portanto, há de se questionar como se dava o processo de utilização dos escritos originais, por este jovem editor (à época com menos de 35 anos).

É curioso notar que, de maneira geral, todos os textos editados no compêndio, sobretudo, os de militantes já afastados do integralismo foram publicados sem a anuência formal dos missivistas. Aliás, esta foi uma prática seguida pelo editor: a sistemática e aleatória presunção de que os escritos selecionados por ele em “sua” enciclopédia não pertenciam mais aos missivistas, mas ao integralismo. Paralelamente, cabe aqui outra pergunta: teria havido por parte dos autores que aparecem no compêndio (os afastados do movimento, naturalmente) concordância ou conhecimento prévio sobre a publicação de seus textos pregressos? Se, sim, quantos autores autorizaram? Se não, como reagiram diante de uma publicação a sua revelia? Esta não é uma questão menor, pois é sabido que parcela significativa dos autores que tem escritos no compêndio caminhava em direções diferentes do integralismo naquele momento. Por trezentos anos, a propriedade intelectual serviu tanto para remunerar os criadores quanto para garantir que seus inventos fossem creditados e legados à posteridade, segundo suas rubricas. Nesse sentido, a lei de propriedade intelectual significou um avanço inquestionável para as artes e a ciência. Quando surgiu na Inglaterra, em meados do século XVIII, foi o que legitimou pela primeira vez uma ideia que viria a se tronar um dos alicerces do mundo moderno: a de que o autor é dono de sua obra e deve ser recompensado sempre que ela trazer ganho financeiro, moral ou intelectual a outra pessoa. Não foi isso que ocorreu com os textos publicados na *Enciclopédia*. Parece-nos claro que não houve, por parte do responsável pelo projeto, o devido cuidado de consultar os ex-integralistas. Talvez, por ter ocorrido a anuência formal de Plínio Salgado (o chefe), Gumercindo Rocha Dórea tenha entendido ser desnecessário a consulta aos autores. Embora as discussões sobre a questão do direito autoral jamais tivesse sido um foco da preocupação de Dórea, (nem o era com tamanha profissionalização de hoje) nos parece estranho como um editor, que vivia e vive o *metier* de publicações e autoria tenha se furtado de prestar contas sobre esta apropriação de escritos alheios. Por diversas vezes, ao longo das entrevistas concedidas para escrita desse livro, o editor afirmou que à época, “a ideia que se tinha sobre o afastamento de muitos dos militantes que apareciam com escritos na enciclopédia, era que

uma vez militado no integralismo, seu discurso jamais seria esquecido ou apartado do momento, independentemente do tempo em que tivesse sido falado ou escrito tal discurso. Logo, o ‘discurso’ passava a ser “propriedade” não do autor (pessoa física), mas da “instituição integralismo”. (DÓREA, SP, 30/07/2009) Mais curioso ainda é constatar como, nenhum dos nomes citados ou compilados tenha se manifestado, se rebelado ou se pronunciado em nenhuma ocasião (ao menos a que se tenha conhecimento), sobre o fato de terem sido utilizados textos que possivelmente depunham contra suas convicções vigentes na época. O mais provável é que não soubessem da publicação (o que é bastante razoável, já que o alcance da mesma era extremamente reduzido – centrada apenas no meio militante perrepista/integralista); ou ainda, eram anuentes, conheciam a publicação, mas não se identificaram, justamente por desacreditarem que tais textos pudessem ser entendidos como permanência ideológica de suas posições políticas no período. Caso tenha existido qualquer manifestação de repúdio ou contrariedade por parte dos ex-integralistas arrolados no compêndio, não foi possível encontrá-los.

Podemos, em contraposição aos argumentos utilizados acima entender que a maneira mais fácil para se desvincularem do que não aceitavam mais era sinalizar que se tratava de textos anacrônicos à época e, portanto, inofensivos. Independentemente das conjecturas sobre os propósitos destes (ex-integralistas) não terem se pronunciado, o que se sabe é que estes autores não se sentiram prejudicados pela vinculação. Causa curiosidade imaginar, San Tiago Dantas, Hélder Câmara e Miguel Reale (para citar apenas alguns dos mais representativos ex- militantes) não se manifestando contrários à utilização de escritos que não mais legitimavam seu posicionamento. E, no entanto, são estes os exemplos de autores e textos utilizados pela Enciclopédia para corroborar a máxima integralista: *o integralismo para o presente, o integralismo para o futuro!* Tendo coincidido com o momento de maior visibilidade do movimento desde sua “recriação”, a publicação da *Enciclopédia do Integralismo*, consubstanciou-se numa empreitada robusta. No entanto, para seus adversários, tratou-se apenas de um diálogo de cegos e mudos que sinalizou o ocaso do integralismo do pós-guerra.

LEITURA EM METONÍMIA: A ENCICLOPÉDIA DO INTEGRALISMO VISTA POR DENTRO

Discorreremos a seguir sobre a seleção das temáticas que compuseram a *Enciclopédia do Integralismo*. Em um contexto propício para a manutenção desses elementos o integralismo saiu da década de 1950 com uma grande contradição exposta: se, por um lado esforçava-se para ser aceito no âmbito democrático, carregando ainda a pecha de autoritário, por outro encontrava espaço num cenário propício à luta contra o comunismo e o avanço das esquerdas. Este contexto possibilitou a retomada das atividades integralistas de maneira bem mais incisiva. Veremos a seguir como isso se deu.

No final de 1957 o jornal *A Marcha* publicou uma relação de dez (*A Marcha*, 19/12/1957, 3) princípios que deveriam ser seguidos pelos integralistas. Com o sugestivo título: *Ninguém Pode dizer ser integralista se não cumpre os seguintes preceitos*, a lista resume os elementos que fizeram do integralismo uma causa contraditória, sinalizando as obrigações integralistas por meio de uma metonímia, ou seja, tomando as partes pelo todo.¹³²

1. Ter perfeito conhecimento dos fatos históricos relacionados com o Integralismo e o seu Chefe, a fim de saber refutar as inverdades lançadas em circulação pelos adversários;
2. Usar o distintivo do Sigma;
3. Comparecer às reuniões para que é convocado;
4. Assinar *A Marcha*;
5. Sacrificar prazeres, obrigações, interesses particulares e comodidades, quando escalado para qualquer serviço em favor da Causa;
6. Não formar sua opinião sobre nenhum assunto baseado na leitura de jornais, rádio ou televisão proveniente de pessoas ou grupos políticos estranhos;
7. Cumprir rigorosamente seus deveres familiares, profissionais e públicos, procurando ser modelo de virtudes particulares e cívicas;

¹³² Originalmente, *A Marcha* publicou 15 preceitos que foram, a partir de 1957/58 modificados para agregar a leitura da EI como fundamental elemento da doutrina e prática integralista.

8. Lembrar-se de que o crescimento da sua agremiação depende do trabalho intelectual do Chefe e que este depende do tempo de que dispuser;
9. Nunca sobrepor o interesse ou a vaidade pessoal às superiores razões da Causa;
10. Assinar, ler e debater a *Enciclopédia do Integralismo* como foco central da doutrinação de nossa causa.

De acordo com a propaganda veiculada durante meses no jornal *A Marcha*, a leitura, discussão e incorporação dos temas contidos na *Enciclopédia* (na sua maioria textos escritos originalmente nos anos 1930 e republicados nos anos 1950) fechariam o ciclo pensado por Salgado: “a educação pela doutrina, a doutrina pela ação e a ação pela obediência!”. (SALGADO, *A Marcha*, 1957, 06) Os dez mandamentos conferiram à militância um código de condutas que mobilizou milhares de brasileiros ainda crentes na força do Sigma, somatória que visava agregar às vidas dos militantes um conjunto de valores restritivos e conservadores, como, aliás, reza a cartilha autoritária.

Os textos da *Enciclopédia do Integralismo* surgiram com uma dupla proposta: a) sintetizar a trajetória da doutrina integralista, selecionando apenas fatos que julgava lisonjeiros para o movimento, escondendo, assim, debaixo do tapete da disputa política, tudo o que era execrado por seus adversários; e b) abarcar uma amostra diferenciada e heterogênea de escritos que perfizeram três décadas de ideologia, esperando que tal seleção atingisse o rigor e a simplicidade capazes de cooptar um leque amplo de simpatizantes. Dos mais de vinte temas compilados na *Enciclopédia* conjunto menor foi selecionado para uma análise mais aprofundada.¹³³ A seleção se deu mediada pelos seguintes critérios: a) reincidência da temática; b) consistência das relações entre os integralismos do pré e pós-guerra; c) O apelo com relação aos elementos fundamentais do integralismo e, d) a importância em relação ao período publicado. Assim, elementos que ganharam força em 1950-1960 receberam um tratamento mais aprofundado.

Apresentaremos a seguir o conjunto de temas responsável pela organicidade da *Enciclopédia*. Dele, destacamos a *educação* e o *catolicismo* integralistas; a proposta do *estado integral*; o binômio: *estética/poética* do movimento; as questões sobre a *liderança* e as *dissidências*, bem como os *antagonismos* enfrentados pelo movimento. Todos esses temas foram subordinados a dois assuntos que se sobressaíram: o *anticomunismo* e o conceito integralista de *democracia*: elementos complexos e contraditórios que encontraram terreno fértil para serem debatidos em finais dos anos 1950 e princípios dos anos sessenta. Foi em torno do binômio *anticomunismo/democracia* que as demais temáticas se coadunaram. Por outro lado, optou-se por não evidenciar certos temas que se mostraram superados na conjuntura dos anos 1950. As temáticas que discutiam o mimetismo

¹³³ Em minha dissertação de mestrado (2002), elenquei os 22 temas que a EI publicou, construindo naquele momento, uma pequena discussão sobre seus pontos mais relevantes. Como não dispunha de tempo nem instrumental teórico que me possibilitasse uma análise mais acurada do material, este primeiro contato serviu de mote para que fosse repensado o manejo e o processo de análise deste compêndio. Duas décadas depois, o produto desta análise se mostra mais amadurecido. Por isso a seleção desse conjunto reduzido de temas que, em minha opinião, sintetizam as duas dezenas de temas presentes na compilação de artigos realizada por Rocha Dórea.

fascista, bem como a verve autoritária, antiliberal e nacionalista exacerbada do integralismo são alguns exemplos, temas para novos estudos mais aprofundados, em futuro próximo.

ANÁLISES POSSÍVEIS

Com relação à análise dos escritos da *EI*, alguns pontos concentram maior importância: a) como os integralistas enfrentaram seus problemas internos?; b) quais eram suas posições frente a pontos considerados estratégicos para a nação?; c) quais suas funções, enquanto movimento político, cultural e educativo?; e, finalmente, d) como se apresentou sua autopercepção partidária, isto é, qual a postura do PRP enquanto um partido político que necessitou modificar suas estratégias para revigorar seu fôlego político? Nos três primeiros tópicos, aparece de maneira bastante clara a noção de autogestão e de contínua rememoração de um passado de realidades opostas às vivenciadas pelo PRP nos anos 1950. A partir desta década a organização do partido sofre transformações que faz ascender uma nova práxis política.

Quanto aos pontos que a *EI* destaca como estratégicos, vale lembrar a permanência de sua postura antiliberal, fator concomitante ao estabelecimento de uma nova atitude com relação às resoluções de problemas decorrentes das especulações financeiras vividas no país em finais da década. A abertura do mercado ainda era um problema insolúvel para os integralistas, embora funcionasse paradoxalmente como um álibi para sua contraposição ao liberalismo. A estratégia antiliberal foi reforçada pela permanência do caráter arraigadamente anticomunista. Outro ponto de destaque neste compêndio trata da noção de *conteúdo enciclopédico*.¹³⁴ Na maioria das vezes, o conceito de ‘*enciclopédico*’ apresentado no compêndio tinha como ponto de comparação, a lógica e clareza existentes nos verbetes da enciclopédia clássica. Isso criou uma vinculação, ou comparação, com o ideário iluminista que, poderia explicar a magnificência dessa nomenclatura. Embora jamais fosse pretensão de seu idealizador conceber a *EI* com um perfil enciclopédico iluminista clássico merece destaque a maneira com a qual seus volumes foram propagandeados: “como lembretes de sabedoria... histórico manancial de estudo e saber do bom integralista... fiel aos princípios do Sigma e da clássica e magna história...”. (*A Marcha*, 12/10/1957, 5)

Por outro lado, as palavras de Dórea corroboram a ideia de que, independentemente de seu intuito, a aproximação deste projeto com o conceito de enciclopédia clássica não lhe desagradava. Para o idealizador do compêndio seria preciso transmitir uma imagem “clara e coesa do projeto, como se os volumes fossem de fato desbravadores do conhecimento integralista” espécie de:

lembrete, cuja prática reuniria pensamentos e iluminaria o saber daqueles que a conhecessem (...) um verdadeiro facho de história, sobriedade e patriotismo (...) Repito

¹³⁴ Apesar da nomenclatura pouco usual, o conceito de ‘conteúdo enciclopédico’ aparece com frequência nos volumes analisados.

que o uso do termo ‘enciclopédia’ objetivou apenas ilustrar a ideia de grupo, reunião. Não vejo nada de negativo nisso, nem tampouco comparativo. O objetivo foi tão alcançado que pessoas continuaram interessadas em descobrir minúcias, e quem sabe esclarecer episódios que congreguem fatos sobre o projeto. (DÓREA, SP, 24/08/2001)

Por outro lado, a transformação das práxis políticas do PRP, foi sendo paulatinamente incorporada pelos escritos publicados na *EI*, uma vez que contemporâneos também escreveram no compêndio. Percebe-se nos volumes a diferenciação de cada elemento constituinte de sua doutrina. Exemplo é a distinção estabelecida entre as instâncias religiosa, artística e jurídica. A vertente religiosa recebeu uma atenção peculiar no compêndio. Nos escritos de cunho religioso as referências permaneceram sendo as encíclicas papais - em especial a *Rerum Novarum* e a *Quadragesimo Anno* - e os discursos do líder integralista. A significância do elemento religioso foi imortalizada na máxima estabelecida por Salgado, quando de seu retorno do autoexílio: “Orai novamente pela oração integral, mesmo que seja para partição do seu saber...”. (Idade Nova, em 29 de março de 1946, 19) Tais dizeres objetivavam ilustrar a posição do integralismo com relação à sua postura religiosa que, apesar de capital, respeitava, antes, a autonomia e primazia da esfera política. No caso do elemento artístico, destaca-se que, as concepções elaboradas pelos colaboradores do PRP contribuíram, decisivamente, para a consolidação de um padrão simbólico próprio - “uma alternativa à estética multiforme e aculturada existente nos meandros da formação cultural/político e artística do país”. (SALGADO, *EI*, X, 1960, 167) Para o integralismo, o elemento artístico era o diferencial que sublimava a ignorância da população. Componente por meio do qual todos, sem distinção, poderiam ser sensibilizados, o veio artístico foi considerado como “a vertente justa, a aresta aparada pela sensibilidade; a tarefa que uma Vênus de Botticelli e uma Madonna de Da Vince souberam bem exprimir”. (FAIRBANKS, *EI*, V, 1958, 46)

A despeito desta preocupação, a *EI* dispensou todo e qualquer material iconográfico, o que evidenciou a apresentação de escritos (prosa e verso) como uma característica peculiar do integralismo. Tal estratégia pode ser referenciada, a partir da ideia de que o compêndio pretendia apresentar o movimento às novas e antigas gerações, por meio de discursos que pudessem ser considerados persuasivos. Num de seus artigos editados no compêndio, Miguel Reale explicitou a significância do discurso: “é pela palavra que se conforta, persuade, conquista (...) e por meio do bom discurso que os ouvidos são seduzidos e que os corações ouvem os apelos da verdade. O visual é importante, mas o principal é o que cala fundo no coração do homem”.¹³⁵ (REALE, *EI*, VI, 1958, 45)

Com relação ao elemento jurídico presente nos escritos do compêndio, foram apresentados depoimentos e decisões de membros do poder judiciário vinculados à doutrina integralista. Na sua maioria, reproduções de decisões polêmicas da época de vigência da AIB, tais escritos fundamentaram sua argumentação respaldados por depoimentos de expoentes do Judiciário nacional que depuseram a favor do movimento. Nesse sentido, destacou-se a atuação de Miguel Reale como um atuante defensor do ideário integralismo, em discursos deslocados no

¹³⁵ Frase cunhada originalmente em 1933, quando responsável pela Seção de Propaganda e Doutrina da AIB.

tempo, sobretudo após sua desvinculação do movimento. Outros assuntos abordados na *EI*, em mais de uma oportunidade e sob vários ângulos não raro antagônicos foram o apelo militante do integralismo, sua face estética¹³⁶, psicológica, econômica e administrativa. Algumas dessas subdivisões deixaram de figurar no interior do compêndio para ganhar vida própria. Assim, questões como as alianças políticas, e discussões acerca das posturas militante e parlamentar saíram dos debates promovidos pelos escritos integralistas para se conflitarem no campo político real. Ao lado desse conteúdo havia uma gama de curiosidades, que quebrava a sisudez dos escritos do compêndio, por exemplo: as estatísticas integralistas com relação ao número de votantes nas várias eleições sempre apareceram como superiores aos demonstrados, nos anais do Superior Tribunal Eleitoral. Aliás, as estatísticas integralistas, nunca consideravam as margens de erro, supervalorizando seus números, fosse na computação de votos, fosse na simples presença da militância em eventos comemorativos.

O VOLUME NORTEADOR DA ENCICLOPÉDIA DO INTEGRALISMO: “O INTEGRALISMO NA VIDA BRASILEIRA”

“De todos os movimentos políticos de reação construtiva no planeta, o Integralismo ficará pela circunstância referida, e pelo seu triunfo completo, como a que mais claramente expressa o poder da ideia na dialética da história, em formal desmentido à doutrina marxista”.

(Tasso da Silveira, *EI*, Vol 2, 1958)

A publicação da *EI* iniciou-se com um volume de reflexões de Plínio Salgado, intitulado: *O Integralismo na vida brasileira*, texto que direcionou a editoração dos demais volumes. Nos números subsequentes, editaram-se depoimentos; atos, decisões e pareceres do poder judiciário relativos ao integralismo; documentos sobre a estrutura orgânica do movimento e até mesmo, uma coletânea de poetas integralistas. Ao artigo inaugural do compêndio, seguiram-se escritos que compilaram os conceitos medulares do universo doutrinário integralista. Nesse sentido estabeleceram-se os eixos centrais através dos quais tais conceitos foram elaborados e por meio dos quais foram postos em circulação e apropriados. Esses elementos atuaram como catalisadores de ideias, criando um sistema de conexões dentro de um universo cultural particular. O integralismo foi mediado pelos seguintes eixos: a relação entre a militância e o *Chefe*; a noção de *Corporativismo*; a profundidade de seu *Catolicismo*; a auto percepção de *Predestinação*; o ‘flerte’ com a noção de *Totalitarismo*/ e ou sua refutação; as diferenciações do *Estado Integral*; a relação com a *Dissidência*; a ampla noção de *Simbologia*; a arraigada predisposição ao *Anticomunismo*; a contestada vocação

¹³⁶ Componente de uma afirmação artístico/simbólica que resultaria na criação de elementos estéticos próprios como os distintivos, o hinário e a manutenção dos gestos de saudação hierárquica.

à *Democracia*; a coerência na manifestação de sua *Justiça*; sua *Estética e Manifestação Poética Popular*. Além desses aspectos foram sistematizados conceitos que, embora trouxessem apenas mensagens subliminares, permearam toda os escritos da *EI: o Direito Integralista* e sua concepção de *política externa*.

Neste primeiro volume, Plínio Salgado demonstrou, de maneira pormenorizada, o cenário que acolheu a publicação do manifesto integralista, apresentado pelo autoproclamado *Chefe* como o “remédio para os problemas do mundo”. (SALGADO, EI, I, 1957, 134) Além de ressaltar a influência de Farias Britto, Alberto Torres, Jackson Figueiredo e Oliveira Viana¹³⁷ na sua formação intelectual o autor introduz um conceito que marcou sua carreira política de forma indelével. Salgado afirmou que, “a igualdade dos homens deve ser procurada, não mediante a tábula rasa do coletivismo, mas da hierarquia das virtudes, uma espécie de diferencial dos grandes homens”. (SALGADO, 1935, 35) Julgando-se detentor de tal atributo, elemento definidor e diferenciador entre “os verdadeiros líderes e os charlatões de conduta” (SALGADO, EI, I, 45), defendeu o direito às legítimas aspirações de cada um, “todas, perante o aval de Deus”. (SALGADO, EI, I, 1957, 135),

O *Manifesto de Outubro*, por ser um escrito doutrinário que tinha a pretensão de correlacionar os fenômenos externos e internos da situação político/cultural/econômica nacional da época, objetivou deduzir as soluções particulares da solução geral dos problemas nacionais e humanos, apresentando-se à nação como uma filosofia e um método salvadores. A intenção de se iniciar a *EI* com um texto de Salgado visava incentivar os já entusiasmados integralistas para a possibilidade de estarem adquirindo algo apresentado como “a síntese de tudo o que fora e o sumário de tudo do que ainda seria o movimento”. (*A Marcha*, 05/07/1957) A proposta do compêndio se tornou muito clara à medida que os demais números foram editados. Porém, foi imediatamente após a edição do primeiro volume que se projetou a trajetória a ser seguida pela *Enciclopédia do Integralismo*. No primeiro volume, concentrou-se toda a perspectiva otimista de seu editor, personificada nas lembranças e reflexões de Salgado, cujos elementos tratados direcionaram uma postura implícita do chefe com relação à publicação. Mesmo não participando ativamente das decisões do corpo editorial responsável pela trajetória do compêndio, Salgado acabou por direcionar o sumário da publicação mediante seus apontamentos iniciais:

Lembro que este será o redirecionamento do nosso valor, e que, por tudo o que aqui for escrito. Deveremos então, prestar contas aos nossos admiradores, ao nosso público. Respeitar o não integralista, afinal não será só nossos admiradores que nos lerão. Os adversários de ontem e de sempre, se fortalecem no nosso seio, para amanhã tirar proveito do nosso erro... Por isso, o Integralismo é digno de seus escritores e vice-versa. O Integralismo é digno de ser compilado numa Enciclopédia. Que assim se consubstancie! ¹³⁸

¹³⁷ Conceitos como os de: Corporativismo e Municipalidade, bem como o apego arraigado aos temas: Simbólico e o Religioso foram frutos da identificação de Salgado com os escritos desses autores.

¹³⁸ Carta de Plínio Salgado a Gumercindo R. Dórea, a 12 de setembro de 1957. Acervo Plínio Salgado - Arquivo Público Municipal de Rio Claro.

Se Salgado não opinou diretamente no conteúdo dos volumes, suas observações descritas no 1º volume tiveram sem dúvida um grande peso na decisão do direcionamento seguido pela publicação. A ideia de que a compilação editoria “o que fosse mais plausível na esteira da rememoração” (DÓREA, SP, 24/8/2001) começou a tomar forma logo no primeiro tomo. Cumpriram-se à risca as propostas de Salgado e Gumercindo R. Dórea, aglutinadores da concepção, que buscavam parecer ‘grandiosas’ e ‘exemplares’. Sua principal finalidade foi “injetar o caldo do revigoramento nas veias da população descrente e da militância moribunda” (ROCHA, EI, VIII, 1958, 25), numa época propícia para uma espécie de ‘revisionismo integralista’. O texto inaugurador do empreendimento editorial elencou pontos essenciais do universo político/cultural integralista: nesta estreia, reuniram-se todos os elementos que seriam pontualmente discutidos nas edições posteriores. Da concepção de doutrina e de democracia à autopercepção de movimento fadado ao ostracismo, da superlativa autoprocamação à todas as póstumas lamentações, tudo foi minuciosamente inventariado pela mítica figura chefe. Nesse sentido sua concepção original e sua marca pessoal impressas mediante *o ABC integralista*, (alfabetização e celebração doutrinárias simultâneas) pavimentaram uma estrada de via única a se percorrer. Não obstante acreditemos que o Integralismo seja plural percebemos o perfil do movimento afinado segundo o diapasão plinista.

Tal perfil seguiu a diretriz de instruir a população leitora acerca do que ‘convinha ser informado’. Nesse sentido, foi firmada uma meta, atentando para o que parecia importante: à tradição do movimento, às suas reais possibilidades de permanência no cenário político democrático, bem como, às suas aspirações mais recônditas. A *EI* desempenhou, então, um papel de divulgador intelectual e moral da ‘verdade integralista’, cabendo ao compêndio ministrar a penetração da “massa acéfala de líderes” (EI, I, Alfa e Omega, 1957, 129); o que a partir de 1957 se fez por meio da veiculação dos jornais e livros, da intensificação dos comícios urbanos, da apresentação de oradores nos campos e em pequenas cidades do interior. Seu papel era o de aglutinar todos estes campos de atuação e doutrinação.

A proposta apresentada no compêndio - insistiam seus colaboradores - “era fazer, por meios democráticos e persuasivos de propaganda de educação ao povo, o que os legisladores tentaram impor de maneira coercitiva sob textos legais...”. (EI, I, 1957, 157) O objetivo moral da estruturação e arregimentação de um condensado compêndio visou, portanto, confirmar o integralismo como uma doutrina que se baseava na educação do povo, mesmo porque, um de seus vetores melhor explorados foi a alfabetização do grande contingente iletrado existente no país, com a suposta intenção de angariar seus votos. (CAVALARI, 1999, 167) Lembremos que, na década de 1930, os analfabetos não votavam e, nos anos 1950, sua porcentagem ainda era bastante elevada.

Plínio Salgado fecha a introdução do 1º volume afirmando ter sido esta iniciativa de publicação, o celeiro que “reuniu em suas páginas o legado da oralidade e a proposta que tempos atrás, coube aos órgãos de imprensa integralistas e afins”. (SALGADO, EI, I, 254) Na fraseologia plinista: o Integralismo permanecia vivo! Interessante notar que todo esse discurso tomou proporções épicas

quando este sistematizou os elementos formadores do ideário integralista, cujo foco central sempre foi a constituição do Estado Integral (síntese das inspirações demarcadas pelo movimento). Tal discurso foi pautado por digressões que ilustraram o teor saudosista do movimento. Personificados na figura de Salgado, os sentimentos integralistas foram os de expectativa frente ao presente e ao futuro, e os de nostalgia frente ao passado dito glorioso. O simpatizante integralista necessitava desta relação dialética para permanecer ligado à doutrina. O passo como fomento de sua mística, o presente como redenção do movimento e o futuro como perspectiva de poder.

Uma vez que o condicionamento estritamente político não era mais o nóculo que os prendia ao movimento, necessitava-se, portanto, eleger novas perspectivas. De 1957 até o seu estertor, o PRP, espelhado na figura carismática de Salgado, permaneceu construindo relações, contabilizando vitórias e derrotas políticas (mais derrotas que vitórias), visando sua permanência no jogo democrático. As comemorações dos 25 anos do movimento foram o prólogo da desagregação do partido, que, em 1964, foi definitivamente seduzido pela possibilidade de permanência no poder ao lado dos militares, o que fez protelar a inabalável crença integralista de que “jamais estariam sozinhos!”. (SALGADO, 1972, 134) Sediciosos para uns, mártires para outros, os integralistas terminaram sua participação política de forma melancólica. O poder real, jamais chegou às mãos de Salgado.

A DOCTRINA

*“Nas nossas fileiras não assentarão praça os covardes, os trânsfugas, os bifrontes,
os energúmenos... todos este que, por suas ignominias febris,
nem ao menos sabem, de acordo com a norma, o que de fatos são...”*

(Alcebíades Delamare, EI II, 1958)

Uma das razões mais frequentemente arguidas contra os integralistas dos anos 1930, e depois contra os *perrepistas* foi o seu atribuído fanatismo pela doutrina e coisas do passado. Na concepção integralista, *programa* não pode existir sem *doutrina*. Este é o preceito básico para sua formação. Entretanto, o Integralismo sugere que se pode achar doutrinas sem programas, pois - segundo seu entendimento - “a doutrina coexiste com o programa ou ainda pré existe a ele”. (DELAMARE, EI, II, 1957, 34) Com a rearticulação do movimento pós-1945, o integralismo passou a se autodefinir como um “centro de irradiações doutrinárias, uma doutrina geradora de partidos” (DELAMARE, EI, II, 1957, 4) pois, segundo a ótica integralista, a doutrina prescindia o partido. Tal noção desvinculava a função do partido e da doutrina, tornando-as aspectos singulares, uma clara tentativa de afastar o movimento dos aspectos da trajetória pretérita da AIB.

Esse elemento se mostra particularmente interessante, pois indica a noção exata, do que cada Secretaria podia executar no movimento. A gradação das Secretarias de apoio doutrinária no período *perrepista* obedecia a uma hierarquia que não se diferenciava muito da aplicada durante

a vigência da AIB: nos anos 1950, a doutrina continuava alvo central das predileções articuladoras do partido. Tais Secretarias, que institucionalmente eram órgãos de administração do movimento, detinham a função de arregimentar e cooptar a nova contingência simpatizante. Embora tivessem poucos resultados práticos, algumas Secretarias eram significativos medidores da receptividade do partido frente à população, abarcando os seguintes setores: Educação Moral; Cívica e Física; Cultura Artística; Arregimentação Trabalhista; Arregimentação Feminina; Arregimentação Estudantil e de Arregimentação Eleitoral (duas das mais atuantes); dentre outras de menor relevância. Todo conjunto de secretarias era mediado pela Secretaria Geral de Doutrina, cuja finalidade principal pretendia “difundir no mais alto grau, a doutrina, os princípios básicos e o programa do Partido de Representação Popular de modo a conquistar o maior número de adeptos”. (Boletim do PRP/RS. 31/9/1947, 2) A partir de 1955, a doutrinação esteve para o *integralismo perrepeista* assim como o pluripartidarismo esteve para a democracia. Foi a lança de ataque e a arma de retaguarda do movimento. Nesse sentido, a doutrina vislumbrada na *EI* apresentou uma proposta de mediação entre a tríade: educação/política/arte e a massa, “órfã e carente de perspectivas”. (SALGADO, *EI*, X, 1961, 34)

Note-se que a tríade destacada indica o centro da argumentação integralista, pois abarca as noções de educação (leitura do mundo segundo sua cartilha), política (materialidade de uma teoria entendida por poucos) e arte (subterfúgio diferenciador que cativava a massa). Ao referir-se aos lugares de cada componente deste *governo*, Salgado demonstrou que a noção de Estado forte passava obrigatoriamente pela ideia de heterogeneidade, ou mistura de nuances. Não obstante, nunca se sobrepondo à importância do Estado. Na fraseologia reapropriada pelo PRP, “o Estado e a Doutrinação são o agrupador geral das constituições e esperanças de nossa população”. (Idade Nova, 16/12/1946)

Por meio deste agrupamento, verificamos os apontamentos e as maneiras de disseminação desta arte integral. Descreve Rodolpho Josetti: “O Integralismo quer promover o contato íntimo entre os artistas e o povo, entre as massas e o saber. Fez isso em 30, e quer retornar a fazê-lo nos 50. Os anos 60 serão nossas testemunhas” (JOSETTI, *EI*, II, 1957, 105) Outro escritor que perpassou a questão doutrinária foi Antônio Galotti. Segundo sua percepção, “o sistema integral, começava na doutrinação”. (GALOTTI, *EI*, III, 1958, 33) Este é um ponto imprescindível para entendermos a relação entre movimento/militância ou simpatia partidária. “Tanto a militância quanto a dissidência são frutos da doutrinação, má ou bem efetuada. A verdade é que a doutrinação deriva de outros pormenores, mas é também, e tão somente a divisão de uma subordinada aflição mantida e desenhada pela chefia do lugar, ou distrito. No âmbito geral, ainda é o Chefe quem dita as cartas proféticas. Doutrinar e publicizar... eis a chave de ouro!”.

Por sua vez, Plínio Salgado, com a admissão do PRP no jogo político democrático, preocupou-se em separar as *atividades mundanas de partido*, da efetiva doutrinação, que reputava *eterna*:

(...) o Integralismo é a doutrina política e o PRP é um partido político. Como doutrina espiritualista e cristã o integralismo pode usar de meios práticos para a afirmação de seus princípios básicos (em vários setores). Até 1938, o integralismo possuía, ele mesmo, um órgão de ação política que era a AIB. Essa fase histórica se foi, não a havendo mais a necessidade de

certas práticas ideológicas(...) O PRP, sendo apenas um órgão político, *não pode conter todo o integralismo* [grifo meu], mas cumpre aos integralistas dever inscreverem-se nas fileiras do PRP. Foi este o dever que o fundador do integralismo cumpriu, concitando todos os seus amigos e companheiros a fazer o mesmo. (SALGADO, Idade Nova, 27/10/1946, 5 e 8).

Contradizendo as palavras do chefe, o ex-líder provincial gaúcho, Jayme Ferreira da Silva afirmou, em reportagem do *Boletim do PRP* de Porto Alegre¹³⁹ que:

(...) o Integralismo não é coisa nenhuma o PRP. Nem o PRP é o integralismo. Absolutamente não. O PRP apresentou um dos programas dos mais perfeitos a população brasileira. Resolveram-lhe dar-lhe apoio, elementos que foram integralistas, mas também um número bem maior de pessoas que jamais haviam estado nas fileiras integralistas, tudo isso publicamente, sem mistérios nem máscaras (...). (Boletim do PRP, 18/1/1946, 1. Apud: CALIL, Op. Cit. 26)

Por isso, mesmo depois da adesão aberta dos integralistas ao PRP, Salgado continuava a titubear quando era questionado sobre a origem do PRP ou sobre a participação de integralistas no partido. Dizia Salgado: “a metade dos populistas¹⁴⁰ não era integralista...”. (SALGADO, Idade Nova, 12/05/1949, 1 e 6) Entretanto, quando se tratava de atrair novos militantes, ou reforçar a convicção partidária, abandonava-se a proposição de que o movimento não havia interferido na criação do PRP, sustentando que os princípios da AIB estavam muito presentes na criação do novo partido.

O CHEFE

Cântico para meu Chefe

*“Estranho e singular instrumento que evoca os tempos bíblicos,
misto de harpa davídica e tuba clangorosa, erguendo-se em preces a Deus,
tuba clangorosa e guerreira igual às trombetas de Jericó,
que tem penetrado nos tímpanos mais empedernidos e cétricos,
conclamado as hostes e legiões integralistas,
trombeta arrasadora que derrubará um dia, fragorosamente,
os últimos bastiões e os últimos derradeiros redutos da liberal democracia.*

*Esta voz chama-se Integralismo... seu auditor: o povo,
seu idealizador: um homem... simples mas compelido.*

Seu nome: Plínio Salgado.

(Rodolpho Josetti, EI, Vol 3)

¹³⁹ Excelente documentação sobre os primórdios do PRP, não só no RS, mas em escala nacional, os *Boletins do PRP* embora bastante atuantes nos primeiros anos da formação do PRP tiveram uma circulação efêmera: apenas 2 anos e 10 meses, de 1946 a meados de 1948.

¹⁴⁰ Referência aos membros do Partido de Representação Popular, daí o adjetivo *populista*.

O trecho em epígrafe assinala a evocação contundente dos integralistas ao chefe do movimento. Para além disso, indica o poder persuasivo que o líder exercia sobre seus discípulos e a força do seu discurso. A figura do chefe, além de se estabelecer como ponto referencial de toda a interpretação integralista da gênese ao desenvolvimento de suas características era o elemento ao qual todas as instâncias se subordinavam. A figura demiúrgica do chefe, inspiração e finalidade de todas as ações militantes cresceu em relevância na medida em que a *EI* tornou-se porta-voz das expectativas do integralismo no final dos anos 1950. Foram diversos os exemplos laudatórios relacionados ao chefe integralista e a autopromoção dos militantes como um grupo diferenciado, predestinado. Em um dos trechos da *EI*, o advogado integralista A. B. Cotrim Neto assim se referiu a Plínio Salgado: “Salgado, nosso guia espiritual, a quem consideramos louvor, o maior dos brasileiros vivos...”. (NETO, AB Cotrim, *EI*, Vol. III, 1958, 50) Percebe-se, portanto, a verdadeira afeição de seus seguidores, que o viam como uma figura mítica. (Protocolos e Rituais. Cap. VII, artigo 127) A adjetivação carregada que tais escritos continham privilegiou o que os integralistas denominavam de “sotera predestinação, onipresença e onipotência” de Salgado, atributos que - segundo o próprio Cotrim Neto - “eram conferidos apenas aos ditos ‘grandes líderes’”. Tecendo homenagens infundáveis e laudatórias ao chefe do movimento, os escritos da *EI* consideram-no, simultaneamente, centro e irradiação de energia para o movimento, seu combustível e finalidade. Belisário Penna¹⁴¹, um dos mais relevantes integralistas da primeira geração, descreveu o chefe como “alguém que se encontra num patamar de audição e lucidez que poucos conseguem chegar. É o nosso espelho. Tê-lo conosco é mais que uma dádiva, é a certeza de que não estamos desamparados”. (PENNA, *EI*. Vol. IX, 1960, 89).

A exaltação havia sido inspirada num dos poemas destinados à celebração da liderança de Plínio Salgado. Tratava-se da poesia de José Mayrink Souza Motta, conhecido poeta integralista que publicou durante toda a década de 1930 poesias de cunho proselistista. De acordo com Mayrink, “o rufar dos tambores silenciosos obedeciam apenas ao chamamento de um só homem: obedecia apenas à voz do Chefe”. (MAYRINK, Poemas integralistas. 1936) Daí criar o poema “A voz do Chefe”, que seria considerado pelos integralistas sua mais obra mais criativa:

“Soa a voz, que ao Brasil fala – de sul a norte!...
Malho que, na bigorna, ao fundo dos ouvidos,
Bate retemperando o aço, em que, tempos idos,
Se fundiu – para sempre, a alma da Raça Forte...
Voz de alerta, à Nação! Voz que a todos irmana,
Contra o corsário ateu, que sonha em nossos dias,
Como outrora o huguenote, - a Rússia americana!
Voz que em meio ao tormento anima o Brasil – Novo,
Que comandando a obra há de salvar seu povo!
(...) E quando Deus falou chamando: ‘integralistas’
elevaram-se as mãos e ouviram-se um grito: Pronto!
(...) E, quando a embarcação içar ferros, singrando

¹⁴¹ Belisário Augusto de Oliveira Pena, além de um dos mais destacados integralistas da primeira geração, membro da Câmara dos 40, conselho da cúpula central da AIB, foi também um dos mais destacados médicos sanitários das primeiras décadas do século passado.

as águas do porvir graças à geração que renuncia e crê,
na glória do Brasil, todo mundo há de ouvir um grito de emoção,
pelos ares vibrando: ANAUÊ, ANAUÊ, ANAUÊ!¹⁴²
(MAYRINK, *EI*. Vol. VII, 1959, 56)

Concomitantemente às manifestações de apreço ao chefe integralista, veiculou-se, por diversas vezes ao longo da publicação, uma teoria que se balizava na necessidade de comprovar que os integralistas eram todos predestinados, um grupo cuja herança permaneceria para sempre viva. De acordo com a teoria da predestinação integralista assimilada por uma considerável parcela da ala católica integralista, “Salgado e o Integralismo estariam para a predestinação, assim como os povos da Judéia estariam para a preferência de Cristo”. CORBISIER, *EI*, VI, 1958, 96.) Essa vinculação estritamente religiosa revestiu de força uma teoria que só convencia aos simpatizantes, aqueles convencidos da chegada de Salgado e do movimento ao poder. Margarida Corbisier, criadora da teoria concordou com as ideias de Miguel Reale em finais de 1934, para quem “(...) o Sigma era sem dúvida nenhuma, a vocação suprema de um povo predestinado”. (REALE, *EI*, IX, 1959, 45). Corbisier, uma das poucas mulheres a possuir uma certa influência na cúpula da AIB, acreditava que o mais importante com relação às ordens integralistas era o seu estrito cumprimento. (CORBISIER, *M. EI*. Vol. V, 1958, 60. Grifos meus)

Ainda com relação à mítica teoria da predestinação integralista, Alcebíades Delamare, integrante da primeira geração, em texto intitulado, *A Flâmula sagrada do Sigma!* assegurou que “a transmissão das ideias integralistas para as novas gerações seria sempre uma preocupação da comitativa central do movimento”. Em palestra aos estudantes de Direito que, tempos depois, viriam a se tornar parte da primeira geração integralista, Delamare advertiu: “sois soldados de uma nova cruzada contra os infiéis (...) Sois os arautos do advento da Idade Nova, que breve será instaurada no Brasil, sob o signo sagrado de Cristo, e a flâmula bendita do sigma (...) Frente a este chamamento, centenas de estudantes se reservavam no seu pensamento a possibilidade inédita de uma verdadeira revolução (...)” (DELAMARE, *EI*, Vol. II, 1957, 66.) Assim sendo, o apelo cristão do movimento sempre recorreu no sentido de desqualificar o que era contrário ao seu dogma. Caracterizou seus oponentes de maneira contundente adjetivando-os como aos “verdadeiros anticristo”.

O liberalismo e o comunismo sempre foram os maiores adversários do integralismo. Nos escritos da *EI*, foram sempre comparados como “os dois lados de um mesmo demônio, contra o qual o integralismo cristão lutaria (...) e claro, venceria!”. (DÓREA. *EI*, Vol. VI, 1958, 46) Em trecho de mesma temática, Plínio Salgado reafirmou o caráter demoníaco de seus adversários adotando uma postura que repetiria ao longo de seus comentários nos volumes seguintes. Como se prescrevesse um antídoto ao veneno liberal comunista, Salgado exaltou a consciência integralista que estaria imune ao “vírus da sociedade estrangeira” caso seguisse fielmente seus preceitos. Exclamou o líder integralista:

¹⁴² Os protocolos integralistas baseiam-se na hierarquia. Por isso, destacavam-se gradações na saudação *Anauê!* Apenas ao Chefe, poder-se-ia bradar três vezes, *Anauê!* Era o grau mais elevado de respeito, dispensado apenas na presença de Plínio Salgado.

Você integralista. Você que não admite sermos passados para trás pelo vírus da sociedade internacionalizante. Vestistes camisa verde. E vestindo-a, tomaste uma atitude na vida, definistes para sempre uma posição em face dos acontecimentos, pusestes ao serviço de uma causa santa o que possuis de melhor – a vossa inteligência, liberdade e vida. Erguestes um braço. E nisso, erguendo-o com entusiasmo, convicção, galhardia, desassombro, elegância preferistes um posto de vanguarda no setor mais perigoso da luta em defesa da honra e da dignidade da Pátria. Em Deus, contra seus inimigos e pelo pleno poder que é e será nosso, agora ou nas gerações vindouras, sob o mesmo manto da integridade e respeito aos preceitos integralistas. (SALGADO, EI, I, 1957, 157)

Um dos elementos mais explorados nos escritos da *EI* foi uma pretendida “natural vocação ao poder”. A despeito da rede de subserviência atuar, antes de tudo, como um filtro que impedia uma maior e mais evidente contradição ao discurso e às diretivas do líder integralista, deve-se atentar para o fato de que, mesmo sob a tutela integralista, a ideia propalada pelo chefe nem sempre persuadia todos seus correligionários. Municipalismo¹⁴³ e individualismo político, integração e pluralidade são binômios conceituais que, nos escritos da *EI*, apareceram dispersos e desconexos, mas que se agruparam num conjunto bastante coeso de contraposições ao vigente e fortalecido discurso pliniano. Ernani Rodrigues acreditava na descentralização administrativa, embora fosse influenciado pelo peso da tutela pliniana, como, aliás, demonstrariam ser todos os membros integralistas, mesmo que em escala e grau variados. Por conta de personificar uma postura discordante dentro do movimento, o discurso de Rodrigues serviu de referência ao pequeno número de simpatizantes que permaneceu contradizendo os “pontos pacíficos de Salgado”. (RODRIGUES, EI, III, 1959, 119)

Outro veterano integralista, João Carlos Fairbanks, acrescentou que uma vez postas a executar sua função “as presas desses tubarões em cima de toda a população apenas refletiriam a forte presença da tutela desse coronelato”. (FAIRBANKS, EI, Vol. III, 1959, 20) O integralista sustentava que tal “coronelato”¹⁴⁴ apresentava-se absolutamente favorável às grandes siglas partidárias, pois conservava, assim, os currais eleitorais disponíveis a cada pleito. Por outro lado, Fairbanks demonstrou uma sutil ambiguidade no seu posicionamento frente à representação municipal que segundo o autor se mostrou, inicialmente, como algo “largamente necessário, importante para a condução política do país”. (FAIRBANKS, EI, III, 1959, 25).

Verifica-se, também, que a elaborada e acentuada doutrinação não se restringia apenas à militância. Era efetivamente aplicada perante os membros do movimento. A figura demiúrgica do chefe, inspiração e finalidade de todas as ações militantes aumentou sua importância para o movimento, na medida em que, a *EI* se tornou porta-voz reprodutiva dessa subserviência militante. A simbologia instituída nos anos 1930 e trabalhada com competência pela estratégia integralista,

¹⁴³ Com relação ao conceito de municipalismo, Salgado afirmou ter sido influenciado pelo político e magistrado Domingos Jaguaribe, que no século XIX foi Ministro de Guerra no Gabinete Rio Branco. Suas ideias com relação ao municipalismo encontraram forte ressonância nos anseios de Salgado.

¹⁴⁴ Palavra sistematicamente utilizada nos escritos integralistas, sem nenhuma precisão conceitual, quando estes queriam acusar os chefes locais de estarem traindo a confiança do de Plínio Salgado.

alcançou na década de 1950 um estatuto de permanência incontestada. Na percepção discipular, o chefe sempre seria o chefe. Os escritos da *EI* demonstraram uma “unívoca e inequívoca sacralidade” de seu líder, que embora rechaçada e exposta às vicissitudes temporais dos humores alheios, permaneceu como epicentro de um discurso que congregou gerações. (NETO Cotrim. *EI*, VI, 1959, 49)

Talvez, por isso, os escritores demonstrem tanta exaltação e admiração à figura de Salgado. Em um de seus mais significativos recortes, Cotrim Neto expressa a mais contundente exaltação à personalidade pliniana registrada no compêndio: “Plínio Salgado, nosso guia espiritual, a quem consideramos louvor, o maior dos brasileiros vivos...” Percebe-se, portanto, a verdadeira afecção de seus seguidores, que enxergavam a figura do chefe como algo mítico, um demiurgo. A exacerbada adjetivação que continha tais escritos privilegiou a “sotera predestinação, onipresença e onipotência”, de Salgado, atributos que - segundo próprio Cotrim Neto - “eram conferidos apenas, aos ditos ‘grandes líderes’”. Tecendo homenagens laudatórias ao chefe do movimento, encômios verdadeiramente constrangedores, os escritos da *EI* consideraram-no, simultaneamente, centro e irradiação de energia para o movimento: “a força que mantém acesa a chama da militância”. (DÓREA, *EI*, Introdução. Vol. IV, p.4.) Esta foi a radiografia de Salgado, retratada de forma dogmatizada nos escritos do compêndio.

ANUÊNCIA E ANAUÊNCIA¹⁴⁵

A questão da liderança/chefia sempre foi abordada pelos escritos integralistas como algo inquestionável, um dogma a ser seguido. Por isso, propõe-se aqui discutirmos uma provocação: teriam sido bem-sucedidos os integralistas, caso tivessem lançado mão de outras estratégias menos personificadas em seu líder Plínio Salgado? Os integralistas teriam sobrevivido a uma história apartada de seu líder? Nesse contexto, o neologismo “*anauência*”, é bastante pertinente se entendermos a dinâmica de subserviência e concordância que os membros integralistas depositaram na chefia do movimento.

O *habitus*, o *campo de forças* e as intermediações percebidas nos escritos da *Enciclopédia* corroboram a noção de que a anuência (concordância absoluta) foi, simultaneamente, o combustível, a direção e o freio do movimento. Algumas dissidências excederam esta regra, mas não tiraram o foco dos dois grandes aglutinadores do integralismo do período estudado: a linguagem pliniana (sempre voraz e inflamada) e a simbologia adotada na publicação da *Enciclopédia do Integralismo*: esta sim, último apanágio deste movimento contraditório. Nos escritos selecionados sobre esta temática, a figura *demiúrgica* do chefe foi sempre mostrada como inspiração e finalidade de todas as ações militantes, crescendo em relevância na medida em que a *EI* tornou-se porta-voz das expectativas

¹⁴⁵ Neologismo sugerido de maneira anedótica pelo cientista social Mário Grynspar, na primeira aula do curso que ministrou em princípios de 2007. No caso, “*anauência*”, (do vocábulo tupy, ANAUÊ! – “você é meu irmão!” - cumprimento integralista) seria uma corruptela da ideia de anuência (concordância) integralista às questões referentes ao movimento: militância, organização, *modus vivendi*, *habitus* político, reconfigurações de forças no tabuleiro ideológico da época (anos 1950) etc. Devo à criativa intervenção do professor Grynspar a ideia deste neologismo.

do integralismo. Os autores que discorrem sobre esta temática: Plínio Salgado, Alberto Cotrim Neto, João Carlos Fairbanks, Ernani B. Rodrigues, Tasso da Silveira, Félix Contreiras Rodrigues, Antônio Galotti, Belisário Penna, Margarida Corbisier, Alcebíades Delamare, José Mayrink Souza Motta e Gumercindo Rocha Dórea, reproduziram sempre a mesma catarse quando se tratava de auferir valores sobre a postura do chefe. Registra-se que, e diversas intervenções, o próprio Plínio Salgado, se exaltava por acreditar possuir tais predicados.

Para além da supervalorização de uma suposta onipresença e onipotência de Salgado, o que também se percebeu foi uma série de indicações que reportaram ao período de ausência¹⁴⁶ do líder integralista (período do autoexílio em Portugal). Em diversos momentos, observou-se na escrita de alguns militantes (principalmente nos volumes 1 e 6) um anseio bastante semelhante àquele que unia os antigos portugueses à eterna espera do salvador, um *sebastianismo pliniano* ² metáfora da lendária epopeia do povo lusitano na expectativa do retorno do rei Sebastião que, em luta pela reconquista de Portugal frente aos mouros do século 16, jamais voltaria. No entanto, foram poucos os textos que referenciaram os episódios deste período. Destacaram-se, especialmente, depoimentos que apontaram como primordial para a permanência da doutrina a convicta esperança de que um dia o chefe voltaria.

Referência de valor expressivo foi a análise realizada pelo veterano integralista Tasso da Silveira sobre o poema do escritor português Faria de Vasconcelos, composto originalmente em 1922. Reapropriado por Silveira no intuito de homenagear Plínio Salgado, tal poema era uma ode laudatória à figura do líder:

CHEFE! Eis a palavra e o ato necessário. Quem é capaz de dizer tudo quanto encerra esta palavra e este ato? Realizar uma obra pessoal não é ser CHEFE. Não é ser CHEFE estar a serviço de um grupo, de um partido, seita ou escola (...) O CHEFE sabe recomeçar e reconstruir sobre ruínas... o CHEFE sabe obedecer aos interesses de seu destino, disciplinar a vida conforme estes preceitos, aceitar sem discutir, pois é o exemplo maior de obediência. Pois, sem dúvida nenhuma que é por saber obedecer que o CHEFE sabe mandar. Porque mandar é na essência ainda obedecer! (VASCONCELOS Apud SILVEIRA, EI, Vol.6, 1959, 45)

No poema acima, verifica-se que a expressividade da palavra “chefe” se fortalecia na reincidência de seu uso. Quanto mais contínua sua repetição, mais força adquiria no cotidiano da militância. Tudo indica que este era seu objetivo principal. A presença do Chefe é - segundo a análise de Silveira - a condição primordial para o estabelecimento do poder integralista, condição determinante para a consolidação do movimento. Daí a relevância em se repetir a palavra “Chefe”, editada originalmente em letras maiúsculas, que no texto acima aparece por oito vezes como se fosse uma espécie de mantra. Portanto, a repetição em escala da palavra “Chefe” ajudava a solidificar o seu poder e, conseqüentemente, sua doutrina. A exaltação havia sido inspirada num dos poemas destinados à celebração da liderança de Plínio Salgado. Tratava-se da poesia de José Mayrink Souza

¹⁴⁶ Trata-se do ‘mito do ausente’, bastante explorado pela militância integralista nos anos de ilegalidade do movimento.

Motta, conhecido poeta integralista que publicou durante toda a década de 1930 poesias de cunho proselistista. De acordo com Mayrink, “o rufar dos tambores silenciosos obedeciam apenas ao chamamento de um só homem: obedecia apenas à voz e a sabedoria do Chefe, é para ele que bradamos os três Anauês!”.¹⁴⁷ (MAYRINK, EI, Vol. 7, 1959, 89)

Concomitantemente às manifestações de apreço ao chefe integralista, veiculou-se, por diversas vezes ao longo da publicação, uma teoria que se balizava na necessidade de comprovar que os integralistas eram todos predestinados, um grupo cuja herança permaneceria para sempre viva. De acordo com a teoria da predestinação integralista assimilada por uma considerável parcela da ala católica integralista, “Salgado e o Integralismo estariam para a predestinação, assim como os povos da Judeia estariam para a preferência de Cristo”. (CORBISIER, EI, Vol. 6, 1958, 96) Essa vinculação estritamente confessional revestiu de força uma teoria que só convencia aos simpatizantes: a possibilidade concreta de Plínio Salgado ascender ao poder. Margarida Corbisier, criadora da teoria concordou com as ideias de Miguel Reale, em finais de 1934, para quem “(...) o Sigma era sem dúvida nenhuma, a vocação suprema de um povo predestinado” (REALE, EI, Vol. 9, 1959, 45).

Para legitimar sua constante aspiração ao poder, o integralismo inferiu diversas relações de parentesco entre seus membros e renomados personagens políticos do país. A partir dessa concepção de herança ou legado, os integralistas procuraram reconstruir uma árvore genealógica de personagens que havia colaborado com o ideário integralista. Nesse sentido, a herança de grandes personagens históricos funcionava como uma espécie de comprovação de que o Integralismo possuía uma raiz fértil e antiga. Vários de seus membros possuíam - de acordo com a teoria da predestinação - a ascendência de ilustres personagens e que, por conta disso, adquiriram as credenciais para modificar os rumos da Nação. Ainda para os integralistas, tais ascendentes eram a prova viva de que o integralismo possuía uma linhagem especial. Dentre os personagens arrolados pelos escritos destacaram-se: Castro Alves, Marechal Deodoro, Farias Brito, Rui Barbosa, Oswaldo Cruz, Rocha Pombo, José de Alencar, dentre outros que teriam deixado descendentes integralistas.

O integralismo também julgava ser descendente direto de movimentos fundantes da identidade nacional. Um dos exemplos mais utilizados pelos integralistas, quando estes necessitavam comprovar sua brasilidade e sua oposição frente ao internacionalismo, era a comparação que faziam entre os diversos movimentos emancipacionistas e a postura anti internacionalista do Integralismo. Se os integralistas construíam sua genealogia buscando no passado as bases de seu nacionalismo também projetaram o futuro do movimento preocupando-se com a passagem de seu legado. A transferência da liderança sempre foi um dos grandes problemas enfrentados pelo integralismo. Foi assim nos anos 1940 e na década de 1950. No entanto, paralelamente às adjetivações destinadas a Plínio Salgado e aos seus “predestinados seguidores”, instituíram-se em alguns escritos questionamentos com relação à postura centralizadora do chefe. Essas contradições acabaram por

¹⁴⁷ Os protocolos integralistas baseiam-se na hierarquia. Por isso, destacavam-se gradações na saudação Anauê! Apenas ao Chefe, poder-se-ia bradar três vezes, Anauê! Era o grau mais elevado de respeito, dispensado apenas na presença de Plínio Salgado.

relativizar a subordinação quase inquestionável ao líder integralista. Em alguns artigos reeditados na *Enciclopédia do Integralismo*, datados tanto dos anos 1930 quanto dos anos 1940 e 1950, alguns desses questionamentos tornaram-se frequentes, o que multiplicou as abordagens sobre o assunto.

A partir de então, uma sutil tensão foi instituída no seio integralista o que serviu, paradoxalmente, para fortalecer o poder centralizador de Salgado. A tensão, ao invés de abalar a convicção militante no poder central, acabou por fortalecê-lo, uma vez que alguns dos líderes locais mostravam-se desorganizados, agindo contra ou contestando a liderança de Salgado de maneira avulsa e desarticulada, o que os enfraquecia. No campo das decisões políticas, problemas oriundos da herança do poder em âmbito local (lideranças municipais e estaduais, as baixas patentes integralistas) ajudaram a solidificar a ação centralizadora de Salgado em detrimento das oposições exercidas por poucos descontentes.

Com a readaptação da política integralista do pós-guerra, sobretudo a partir de finais da década de 1940, a organização do PRP conheceu um redimensionamento que trouxe uma contradição: em muitos casos, e alimentada pelos mais diferentes aspectos, a chefia local começava a se rebelar contra a figura da chefia central. Em outras palavras, choques de interesses locais começaram a interferir no, até então, absoluto controle pliniano, o que acabou por enfraquecer e desacreditar a viabilidade do binômio municipalidade/autonomia anteriormente tão alardeado pelos integralistas.

A despeito da rede de subserviência atuar, antes de tudo, como um filtro que impedia uma maior e mais evidente contradição ao discurso e às diretivas do líder integralista, deve-se atentar para o fato de que, mesmo sob a tutela integralista, a ideia propalada pelo chefe nem sempre persuadia todos seus correligionários. Municipalismo¹⁴⁸ e individualismo político, integração e pluralidade são binômios conceituais que, nos escritos da *Enciclopédia* apareceram dispersos e desconexos, mas que se agruparam num conjunto bastante coeso de contraposições ao vigente e fortalecido discurso pliniano. Por vezes contundente, por vezes titubeante, as reações dos militantes ilustraram o quanto a relação entre as esferas de mando e subordinação interioranas ainda eram rígidas para aqueles homens que viveram o primeiro momento da sigla. A despeito das fortes concepções de Salgado e da manutenção de sua postura centralizadora, houve, nuances que possibilitaram o questionamento de pontos entendidos como inabaláveis na crença integralista. A “*anauência*” (anuência integralista) teve longa vida, mas não se mostrou eterna, sobretudo no quesito hierarquia. Como consequência foram diversos os antagonismos enfrentados pelo integralismo. A *Enciclopédia* evidenciou alguns deles.

No contexto do pós-guerra, a aproximação dos conceitos defendidos pela AIB e o PRP tornou-se um problema bastante difícil de ser equacionado, uma vez que o rearticulado movimento pretendia se afastar da comparação com o fascismo e, por isso, afirmava que o PRP era, em essência, diferente da AIB. Advém daí a primeira das muitas tensões percebidas nos escritos da *EI*, que trata de uma questão originada no seio do próprio movimento. Neste momento de reavaliação, PRP é a mesma coisa que AIB? Como visto anteriormente, foi a partir do Congresso de Vitória, em 1957, que

¹⁴⁸ Com relação ao conceito de municipalismo, Salgado afirmou ter sido influenciado pelo político e magistrado Domingos Jaguaribe, que no século XIX foi Ministro de Guerra no Gabinete Rio Branco. Suas ideias com relação ao municipalismo encontraram forte ressonância nos anseios de Salgado.

os perrepistas homogeneizaram seu discurso, assumindo-se como integralistas. No ano do jubileu, o PRP não conseguiu comemorar nenhuma realização política. É a partir daí que a tensão se torna flagrante. Qual a intercomunicação existente entre AIB e PRP, sendo que ambos se assumiram como partes constituintes de um mesmo movimento? E mais, como objetar que a doutrina integralista da AIB não respondia mais às necessidades dos tempos de vigência do PRP? Como se explica a aproximação desses dois momentos do integralismo e qual a relação existente entre os possíveis integralismos presentes no compêndio?

Desde a década de 1940, a grande imprensa veiculou e estabeleceu correlações e aproximações entre o ideário do PRP e da extinta AIB. Assim, a frase: *O PRP é o mesmo que a AIB* reproduziu o que os integralistas denominaram de uma “mentecapta aproximação infundada” (Idade Nova, 13/09/1946, 5), sob a ótica integralista, tratavam-se de movimentos diferentes. “Para que fosse ele a mesma AIB, é óbvio, necessário seria não tivesse havido solução de continuidade entre a existência de um e outro. Não é verdade que o PRP tenha sido formado por apenas elementos constituintes da antiga AIB. A leitura completa de tal peça oratória demonstra, ao contrário do que pretende o denunciante, que o PRP não guarda a menor sombra de identidade com a extinta AIB”. (SALGADO, 1967, 131)

A desvinculação entre AIB e PRP visava evitar que se estabelecesse uma correlação imediata entre integralismo e fascismo, ou doutrinas totalitárias. Tal estratégia poderia significar o diferencial entre a permanência ou a derrocada da sigla. Em 1945, os integralistas afirmaram que o PRP era diferente da AIB, e que os perrepistas não eram integralistas. Terminada a década de 1940, então numa conjuntura político democrática definida, o discurso de seus militantes modificou-se. Voltou-se ao passado na tentativa de vincular-se novamente aos preceitos integralistas como forma de sustentação política, uma vez que o PRP não respondia mais às demandas de seus militantes, que na sua maioria provinham de levas remanescentes e simpatizantes dos preceitos da AIB. Portanto, o elemento de tensão referido anteriormente aparece porque os integralistas precisavam prestar contas de um passado do qual estavam se reaproximando. Fazia-se necessário recuperar as variantes deste passado.

Os integralistas praticaram, antes de tudo, um exercício de memória. Como memorialistas, organizaram seu passado a partir das demandas do presente. E ao reorganizar essa memória os integralistas também propunham um projeto para o futuro. A partir desse projeto, que encontrou poucas possibilidades de realização seu discurso e sua prática tornam-se pouco consistentes, pois os integralistas não puderam voltar ao passado dito glorioso de maneira completa, muito menos responder às questões pautadas pelos desafios do presente. Tornam-se, portanto, órfãos de uma perspectiva de futuro que os sustentasse. O problema original, de fato, surgiu do equívoco de se acreditar que a compilação de sua história num compêndio organizado segundo a lógica integralista faria com que os integralistas fossem recebidos pela sociedade como um grupo que pensou uma proposta para o país.

Também problemático é que no trabalho de construção dessa memória afloram elementos de contradição. Como responder aos problemas suscitados originalmente nos anos 1930, mas que

não correspondem à realidade dos anos 1950? Nesse sentido, a tensão do passado com relação aos desafios do presente apareceu de maneira bastante clara. Outra contradição oriunda do choque entre a doutrina e a memória se dá por meio da tentativa de recuperação de um passado que é visto segundo uma homogeneidade, uma lógica interna própria. Trata-se de tentar responder como, em tempos de democracia, os integralistas permaneceram fiéis ao seu estatuto de movimento político de caracterização autoritária.

Uma das acusações mais frequentemente utilizadas contra os integralistas dos anos 1930, e depois contra os perrepistas, foi o seu fanatismo pela doutrina e as características de seu passado. Assim, conceitos como os de programa, doutrina, ou mesmo ideologia, eram encarados pelos adversários do integralismo do pós-guerra como elementos anacrônicos, pois respondiam negativamente às necessidades do novo período democrático. Como resposta aos críticos, a concepção originária do integralismo indicava que *programa* não poderia existir sem *doutrina*. Esse foi o preceito básico para a formação política integralista que instituía uma relação de dependência direta entre o pensamento e a ação, entre a norma e a execução. Por isso, Victor Pujol, representante da primeira geração integralista, enfatizava que se podiam encontrar doutrinas sem programas, mas não o contrário, pois “a doutrina e somente ela pré existe ao programa, podendo no máximo, coexistir com ele, pois a doutrina viria sempre em primeiro lugar”. (PUJOL, *EI*, II, 1957, 34)

Com a rearticulação do movimento pós 1945, a doutrina fortaleceu-se como “o centro irradiador e congregador do movimento, a alma do partido”, pois possuía um caráter estável, permanente, ao passo que o programa, mesmo pretendendo constituir a efetivação prática de uma doutrina, possuía caráter mutável. *Doutrina*, portanto, era um conjunto de princípios, enquanto que *programa*, um sumário, um índice de meios. A despeito de quase não aparecer nos volumes como um conceito específico, exceto por alguns escritos e, ainda assim, de forma isolada, a doutrina permeou todos os escritos da *EI*. Da explícita identificação de eventos ou manifestações entendidos como doutrinários, às implícitas mensagens que, via de regra, também objetivavam doutrinar o leitor, tal conceito apresentou-se como um elemento indicador da força do movimento, sempre presente em todas as instâncias constituintes do integralismo, mesmo que de forma não declarada.

O que mais se percebeu nos escritos da *EI* com relação ao conceito de doutrina, ou doutrinação, é que tanto o conceito quanto a ação apareceram como sendo um mesmo elemento: a doutrina (corpo de vicissitudes) e a doutrinação (efetivação prática do termo) possuem um mesmo significado, no sentido de que buscam uma mesma finalidade. De acordo com o líder integralista: “(...) a doutrina nas cartilhas inviabiliza as transformações, e a prática de uma teoria mal-entendida, também não surte o efeito desejado. Logo, tanto a doutrina, quanto a doutrinação, isto é, o elemento fundador e o elemento difusor necessitam sempre combater juntos. Esta, a chave para o sucesso da aprendizagem”. (*A Marcha*, set/1957)

Com o intuito de salientar a força aglutinadora deste elemento, destacou-se, em uma das passagens da *EI*, uma tentativa de explicação que exemplificava com clareza o que Salgado entendia por doutrina. Tal metáfora relacionava a teoria de Aristóteles, que diferenciava a “substância” do “acidente”.

Para se entender essa diferença, necessitava-se - segundo Salgado - perceber que *substância* é o que existe por si mesma, ao passo que *acidente* é tudo o que não pode se conceber sem dependência de um ser pressuposto. Utilizando-se desta explicação, o chefe integralista salientou que a doutrina era a substância, enquanto o programa, o acidente. A interpretação pliniana foi originalmente publicada no jornal *Idade Nova*, no ano de 1949. (*Idade Nova*, 21/7/1949, 6) Anos depois, em finais de 1957, foi reapropriada pelo movimento, sobretudo para fortalecer a atuação doutrinal do PRP. Nesse período, mais do que nos dez ou quinze anos anteriores, tanto a substância (doutrina) quanto o acidente (programa) participaram ativamente do processo político/simbólico perrepista.

Uma vez que o integralismo passou a definir-se como um “centro de irradiação doutrinal” (EI, Vol. IV, p.56); uma “doutrina geradora de partidos e setores de apoio logístico” (EI, VIII, 1959, 79)¹⁴⁹, a partir de 1955, a doutrinação se fortaleceu, confirmando sua vocação à pedra de toque do movimento. Foi simultaneamente sua arma de ataque e de retaguarda. Nesse sentido, os elementos doutrinadores apresentados na *EI* demonstram uma proposta de mediação entre uma sólida tríade de elementos constituintes do integralismo: educação, política e arte. Percebe-se que a tríade constitui o centro da argumentação integralista, abarcando as noções de leitura do mundo segundo sua cartilha (educação); a materialidade de uma teoria entendida por poucos (política); e o incentivador geral da doutrina (a arte). Todos os três elementos eram subordinados ao poder central, instituído pela figura de um Estado forte, sobre o qual recaía toda a responsabilidade institucional e moral. De acordo com a Carta de Princípios do PRP, “o Estado, a Doutrinação e a Arte são os agrupadores gerais das constituições e esperanças de nossa população”.

O que se percebe nos escritos da *EI* é que a despeito de serem textos preocupados com problemas de suas respectivas épocas, eles acabaram por traçar paralelos significativos entre as duas atuações políticas do integralismo. Tanto nos escritos dos anos 1930, quanto nos textos do pós-guerra, procurou-se diferenciar o conceito de doutrina de outros conceitos que derivavam da ação doutrinária. Isso é flagrante quando se analisa a postura de Plínio Salgado. Numa de suas intervenções, Salgado chamou a atenção para tal diferença, à qual denominou de “diferença medular entre produto (doutrina) e subproduto derivativo (ações, crenças, convicções)”. (SALGADO, EI, VII, 1958, 89) De acordo com o integralista “o produto residia na essência, no âmago do integralismo, ao passo que o subproduto derivava do desenvolvimento da ideia, dos erros e acertos de sua atuação”. Com a admissão do PRP no jogo político democrático do pós-guerra, Salgado preocupou-se em separar as atividades cotidianas, “mundanas”¹⁵⁰ do partido, da efetiva doutrinação que reputava eterna. Escrevendo a respeito da nova atuação política do movimento, o líder integralista afirmou categoricamente que:

¹⁴⁹ Não foram apenas as Secretarias que prestaram serviços logísticos ao integralismo. Diversas outras divisões do movimento, tais como as sessões juvenis e alas jovens do mesmo também serviram como ponto de retaguarda para o fortalecimento das campanhas do partido integralista, tanto no pré, quanto no pós-guerra.

¹⁵⁰ A expressão: “atividades mundanas do partido” foi originalmente cunhada pelo próprio Plínio Salgado. Derivada de sua concepção arraigadamente cristã, constituiu-se num dos pilares da doutrinação integralista que, ainda nos anos cinquenta, se apoiava no tripé: religião, nacionalismo e disciplina.

(...) o Integralismo é a doutrina política e o PRP é um partido político. Como doutrina espiritualista e cristã o integralismo pode usar de meios práticos para a afirmação de seus princípios básicos (em vários setores). Até 1938, o integralismo possuía, ele mesmo, um órgão de ação política que era a AIB. Essa fase histórica se foi não havendo mais a necessidade de certas práticas ideológicas. Por isso, o PRP, sendo apenas um órgão político, *talvez não possa conter todo o integralismo*, mas cumpre aos integralistas dever inscreverem-se nas fileiras do PRP. Foi este o dever que eu, como fundador do integralismo cumpri, concitando todos os amigos e companheiros a fazer o mesmo. (SALGADO, EI, IV, 1958, 46)

Com o embaraço de Salgado em confirmar a presença de integralistas na gênese do PRP - Salgado mostrou-se, inicialmente, titubeante com relação a essa temática - abriu-se precedente a uma das mais contundentes reações de militantes já publicadas contra o líder integralista. Contrapondo-se às palavras do Chefe Nacional, o ex-líder provincial gaúcho, Jayme Ferreira da Silva afirmou, veementemente, num dos números do *Boletim do PRP* de Porto Alegre-RS¹⁵¹, que o integralismo:

(...) não é coisa nenhuma o PRP. Nem o PRP é o integralismo. Absolutamente não. O PRP apresentou um dos programas dos mais perfeitos a população brasileira. Resolveram-lhe, dar-lhe apoio, elementos que foram integralistas mas também um número bem maior de pessoas que jamais haviam estado nas fileiras integralistas, tudo isso publicamente, sem mistérios nem máscaras. (Boletim do PRP, 18/1/1946, 1. Apud: CALIL, Op. Cit. 126)

A hesitação de Salgado não foi registrada apenas pelos jornais perrepistas, mas também por alguns jornais de grande circulação.¹⁵² Seu embaraço estimulou a cobertura jornalística do caso, a ponto de Salgado articular o seguinte raciocínio, quando questionado a respeito da origem do PRP, ou da participação de integralistas neste: “a metade dos populistas não era integralista... nem que vocês queiram, não é...”. (SALGADO, Idade Nova, 12/05/1949, 1 e 6) Entretanto, quando se tratava de atrair novos militantes, ou reforçar a convicção partidária, abandonava-se a proposição de que o movimento não havia interferido na criação do PRP, e sustentava-se que os princípios da AIB estavam muito presentes na criação do novo partido. A divulgação pela imprensa da tática pendular de Salgado de ora não identificar o integralismo com os perrepistas originais, isto é, os que criaram o partido, ora vinculá-los, foi vista pelos próceres integralistas como uma “deformação da imprensa, uma errônea interpretação dos jornais”. Mesmo perante a acusação integralista de que a imprensa havia distorcido o episódio, os jornais noticiaram o fato sem parcimônia.

Após o registro do PRP, o discurso de Salgado com relação ao vínculo PRP/ integralismo modificou-se. Nos dez anos que se sucederam ao registro definitivo do PRP, *ação política*, *partido* e *movimento* figuraram sempre como elementos constituintes de uma mesma doutrina, sustentáculos de uma ação que, embora combatida por muitos, sobrevivera como fomentadora do ideário integralista. As temáticas e elementos observados nos volumes da *EI* romperam a

¹⁵¹ Excelente documentação sobre os primórdios do PRP, não só no RS, mas em escala nacional, os *Boletins do PRP* embora bastante atuantes nos primeiros anos da formação do PRP tiveram uma circulação efêmera: apenas 2 anos e 10 meses.

¹⁵² Ver: *Correio Paulistano*, *Diário Carioca*. Set/Dez. de 1945. Notas esparsas.

explicação monocórdica que até então interpretava o integralismo como uma variante do fascismo e que tal interpretação bastava a si própria. De maneira reversa, o que se percebeu foi uma proposição multifacetada de integralismo, diversa daquela que foi consagrada por grande parte da historiografia voltada ao tema. Por outro lado, a verificação de elementos de tensão na trajetória política do integralismo e na *EI* favoreceu, antes de tudo, a percepção de uma gama de relações político/ideológicas que legitimaram o integralismo como um movimento atuante da história política contemporânea nacional. A ideia de que a publicação editaria “o que fosse mais plausível na esteira da rememoração” (SALGADO, P. EI, Vol. I, 1957, 5) começou a tomar consistência a partir do primeiro volume. Prova disso foram algumas frases que se destacaram no corpo do texto e que serviram como lembretes direcionados aos leitores. “(...) os integralismos aqui presentes seguirão a mesma linha de raciocínio configurada por mim em inícios dos anos 1930; ou (...) nós do integralismo possuímos a chance de nos mostrarmos como antes, mas reatualizados nas plurais intenções que congregam este fantástico movimento político-cultural”. Procuraram-se cumprir as propostas de Salgado e Gumercindo R. Dórea, que visavam transformar a publicação num evento grandioso, “injetando o caldo do revigoreamento nas veias da população descrente e da militância moribunda” (ROCHA, EI, VIII, 1958, 25), numa época propícia a uma reavaliação dos preceitos integralistas. A *EI* tinha uma proposta clara: confirmar o integralismo como uma doutrina que se baseava na educação do povo. Um dos aspectos melhor explorados pelo movimento foi a alfabetização do grande contingente analfabeto existente no país, com a intenção clara de angariar seus votos. (CAVALARI, 1995, 167) Vale lembrar que, na década de 1930, os analfabetos não votavam e nos anos 1950, além de ainda permanecerem apartados do sistema eleitoral, sua porcentagem continuava bastante elevada.

O primeiro volume da *EI*, escrito exclusivamente por Plínio Salgado para compor a introdução do compêndio, apresentou de maneira pormenorizada o cenário que acolheu o integralismo: da publicação do Manifesto Integralista (1932), postulado como o “remédio para os problemas do mundo” (SALGADO, EI, 1, 1957, 266), às comemorações do jubileu de prata do movimento (1957/8), entendidas como “o epílogo de algo não compreendido, mas o sumário de uma nova era”. Interessante notar que o discurso de Salgado, ao longo do compêndio, foi todo caracterizado por uma linguagem superlativa, utilizando-se de muitas metáforas, principalmente quando sistematizou os elementos formadores do ideário integralista, cujo foco central sempre foi a constituição do Estado Integral (síntese das inspirações demarcadas pelo movimento). Tal discurso foi pautado por digressões que ilustraram o teor saudosista do movimento. Personificados na figura do chefe (é ele a essência que viabiliza o vínculo), os sentimentos dos militantes integralistas foram de expectativa frente ao presente e futuro, e de nostalgia frente ao passado dito glorioso. De acordo com Salgado, “o simpatizante integralista necessitava desta relação dialética para permanecer ligado à doutrina”. (SALGADO, EI, 1957, 56) A intenção dos editores da publicação ao iniciar os escritos da *EI* com um texto escrito pelo chefe era incentivar os integralistas para a possibilidade de estarem adquirindo algo apresentado por Salgado como “a síntese de tudo o que fora e o sumário de tudo do que ainda seria o movimento”.¹⁵³

¹⁵³ Texto de Plínio Salgado. Propaganda de veiculação da *Enciclopédia do Integralismo. A Marcha*, outubro de 1957, p.5.

Salgado arrolou uma série de elementos que, segundo ele, fariam com que o integralismo voltasse a ser respeitado pela opinião pública. De acordo com suas palavras, “o integralista que retornasse à sua origem, seria passível de retorno ao topo das intenções populares”. (SALGADO, EI, 1, 1957, 53). Julgando-se detentor de um atributo aglutinador, elemento definidor e diferenciador entre os “verdadeiros líderes e os charlatães de conduta”, Plínio Salgado defendeu o direito às legítimas aspirações de cada integralista, ressaltando, porém, que tais aspirações só seriam legítimas se avalizadas por ele. Note-se, portanto, a reafirmação da figura do chefe como centro e propulsor do movimento, permanência que se afirmou no pós-guerra.

Na análise de Plínio Salgado sobre o Manifesto registrou-se que, por ser um escrito doutrinário com a pretensão de correlacionar os fenômenos externos e internos da situação político/cultural/econômica nacional da época, tal Manifesto objetivou buscar uma solução geral para os diversos problemas nacionais, apresentando-se à Nação como uma filosofia e um método salvadores. Mas a intenção do Manifesto ia além da ordenação partidária ou doutrinária dos integralistas, ou mesmo da celebração. Propunha a penetração da educação integralista na sociedade. Seu criador insistia que seu maior trunfo foi “fazer, por meios democráticos e persuasivos de propaganda de educação ao povo, o que os legisladores tentaram impor de maneira coercitiva sob textos legais...”.¹⁵⁴

A ação congregadora do Manifesto, tanto nos anos 1930, quanto nos anos 1950 e mesmo nos anos 80 do século 20, foi a responsável pela manutenção da ação política de seus seguidores. Duas décadas e meia depois do Manifesto ter sido escrito, Salgado enalteceu a vocação aglutinadora de tal documento. Em consonância, o espólio integralista continuou cultuando o Manifesto como berço do movimento. Tornou-se, portanto, consensual para os membros integralistas que o Manifesto de Outubro de 1932 (que nascera como uma carta de princípios) permaneceu como elemento definidor das posturas morais e práticas do integralista: simultaneamente, a fonte e o produto do movimento. Fora até inspiração de diversos poemas publicados nos mais distintos jornais do movimento. Exemplo significativo foi o poema escrito por S. L. Michelloti, destacado da Antologia dos poemas integralistas e publicado na EI. O militante da primeira atuação integralista destacou a significância do Manifesto evidenciando que:

¹⁵⁴ Em decorrência de sua consistente formulação e consolidada penetração no meio integralista, as discussões a respeito da fundamentação do Manifesto romperam as barreiras temporais das décadas de 1930/1950. Gumercindo R. Dórea, em posfácio da reimpressão do Manifesto, editado em 1982 para as comemorações dos 50 anos do movimento, elaborou um raciocínio similar ao do líder integralista. Afirmou Dórea: “(...) tendo plenamente consciência de que a história não retroage, o integralismo, ao contrário do que afirmam os incautos, permanece como possibilidade viável, passando a depender apenas de seus seguidores, caso sejam eles dotados de coragem, ousadia, destemor em clamar o que são e o que pretendem fazer (...) todos seremos em verdade responsáveis pelos nossos destinos, pois temos berço. E quem provém de berços sólidos, solidificam sua presença na história. Nosso berço foi o Manifesto”. DOREA, Gumercindo R. Posfácio. Manifesto de Outubro – Reimpressão comemorativa dos 50 anos do movimento integralista. Voz do Oeste. SP. 1982, p.64. A despeito de ter sido escrito vinte e cinco anos depois dos apontamentos de Salgado, as palavras registradas por Dórea indicam o significado que os militantes integralistas imputaram ao Manifesto. Percebe-se não só nos apontamentos de Dórea, mas em todos os depoimentos de militantes e correligionários (salvo algumas raras exceções), mais que uma identificação com a origem, uma necessidade imperiosa de autorreferência constante, como se os integralistas necessitassem externar sua procedência como marca indelével de uma classe privilegiada: tributários do Manifesto e seu criador, Plínio Salgado.

O mais belo Manifesto seguiria seu rumo em todas as direções e gerações, pois (...)
Com que orgulho sustentas no teu braço o filho teu!
Que já levanta, junto ao seu regaço, o bracinho seu
Num anauê! Que Deus escuta e a pátria vê...
Jamais o tempo cancelará o gesto tão nobre e lindo.
De exemplo vivo nesse ‘manifesto’ de glória, infindo!
E ele é a imagem desse Brasil- menino...
Sabes por que?
Porque integral será o seu destino...
Até os pimpolhos já dão Anauê! (MICHELLOTTI, EI, VII, 1959, 78)

Entretanto, a realimentação do movimento integralista não dependeu somente da manutenção doutrinal espelhada no Manifesto de Outubro. Outro episódio histórico do movimento constituiu-se em marco definidor desta noção de doutrina e pertencimento. Trata-se da primeira marcha, ou passeata integralista, já analisada em partes anteriores deste texto. Diferentemente dos onze volumes que o sucederam, cuja característica principal foi a miscelânea de temas correlacionados, no volume escrito por Salgado, além de se analisar os episódios formadores da doutrina integralista, ressaltaram-se as influências de autores como de Farias de Britto, Alberto Torres, Jackson Figueiredo e Oliveira Viana¹⁵⁵ na formulação original do movimento. Para além de engendrar tais episódios numa reconstituição histórica do movimento, Plínio Salgado cunhou uma frase que identificaria sua carreira política de forma definitiva: “a igualdade dos homens deveria ser procurada, não mediante a tábula rasa do coletivismo, mas da hierarquia das virtudes, uma espécie de diferencial dos grandes homens” (SALGADO, 1933, 35) Em finais da década de 1950, Salgado se auto imputava tais predicados. A crença nessa hierarquia de virtudes (etimologicamente, hierarquia significa: subserviência ao dito “sagrado”) foi o mote de quase todas as suas intervenções nos escritos da *EI*.

Salgado afirmou que tanto o jubileu do Manifesto quanto a celebração dos 25 anos da primeira marcha tiveram para o militante integralista um mesmo significado: “ambas celebrações demonstraram que a ressonância integralista perdurou e que a despeito da achincalhação dos que não acreditavam na sua força, mostrou-se com todas as honras que, depois de 25 anos, a chama do integralismo continuou sendo realimentada por jovens crentes e comprometidos com a doutrina”. (SALGADO, EI, I, 1957, 53) O chefe integralista comparou a marcha à “propagação do eco que se forma devido às imperfeições das ondas sonoras, esperando convencer que, mesmo vinte e cinco anos depois, o eco do que representou a marcha permanecia audível”. (EI, I, 1957, 49) No entanto, a imagem utilizada por Salgado tornou-se um dos pontos mais atacados pela imprensa a partir de finais de 1957. Tal imagem acabou por produzir um efeito contrário ao esperado por seu criador. Mais uma vez, a imprensa não se furtou a ridicularizar a comparação de Salgado. Se para o líder integralista, “nos espaços históricos assim como nos espaços físicos, o reflexo de um pensamento subordina-se à lei que rege a propagação das ondas sonoras”, para a imprensa de grande circulação,

¹⁵⁵ Conceitos como os de: Corporativismo e Municipalidade, bem como o apego arraigado aos temas: Simbólico e o Religioso foram frutos da identificação de Salgado com os escritos desses autores.

principalmente paulistana, os “Ecos do além...”, ou a “Marcha para o passado”¹⁵⁶, ilustraram a metáfora da propagação sonora integralista de maneira, no mínimo, jocosa.

Cabe registrar que nenhuma dessas informações referentes à imprensa anti-integralista, ou mesmo com relação à repercussão que a primeira marcha teve na sociedade, constaram do primeiro volume da EI. Embora isto pareça óbvio, não se deve esquecer a praxe integralista de distorcer o conteúdo das notícias negativas a seu respeito, visando com isso desviar o foco das mesmas, e dando a entender que o movimento fosse vítima de constantes perseguições políticas. Portanto, o que se percebeu foi uma manifestação nostálgica por parte dos integralistas - personificada nas palavras de Salgado - que viram na realização da marcha o primeiro grande trunfo integralista perante a opinião pública. Afinal, lembravam seus membros: foi a partir deste episódio que o integralismo passou a ser conhecido. Para alguns integrantes, o evento da marcha foi o “germe do mais importante movimento de massas que o país teve notícia”. (FAIRBANKS, EI, VI, 1958, 67)

A concepção integralista de mundo afirmava que, numa ordem direta, a grandiosidade dos episódios integralistas estaria para a história assim como a vocação do movimento estaria para o usufruto do poder. Independente do grau superlativo e da escala metafórica utilizada pelo integralismo, foi esta a linha de pensamento adotada por Salgado ao longo da publicação. A despeito do volume introdutório focar atenção nos desdobramentos desses dois eventos formadores da ideologia integralista, Salgado também avaliou uma série de episódios político-históricos que, afirmou surgirem de “versões do integralismo, ou seja, de um desvirtuamento natural do integralismo original” (SALGADO, EI, I, 1957, 147).

Tais episódios foram apresentados em diversas passagens da EI. Modelar nesse sentido foi a reivindicação de Plínio Salgado para uma série de elementos, ideias e órgãos públicos que, embora originários do integralismo, teriam sido apropriados e implementados nos governos posteriores ao fechamento da AIB. Do incremento das forças dos municípios à efetivação do partido nacional; da centralização política à representação de classe¹⁵⁷; passando pela reivindicação de que teriam sido os integralistas os verdadeiros idealizadores de órgãos estatais como o SESI, o SENAI, o Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER), Legião Brasileira de Assistência (LBA) e mesmo a Petrobrás; uma série de realizações foi reivindicada como sendo de matriz integralista. De acordo com Salgado, todas essas diretivas haviam sido previstas desde 1936, quando da publicação do Manifesto Programa, carta que trazia o programa político de um suposto governo integralista.¹⁵⁸

¹⁵⁶ Títulos de artigos referentes ao episódio, publicados respectivamente nos jornais: *Correio Paulistano* e *O Estado de S. Paulo*. Cf: artigos do período (abril de 1958).

¹⁵⁷ Não no molde corporativista, mas em essência, primando pela representatividade classista, levada a cabo por meio de nomeação de representantes vinculados a diversos setores da sociedade.

¹⁵⁸ Documento complementar do Manifesto de Outubro de 1932, o Manifesto Programa, datado de janeiro de 1936, foi criado para ser a plataforma de campanha de Plínio Salgado nas eleições presidenciais previstas para 1938. Em 1957, Salgado afirmou: “quem ler atentamente o Manifesto Programa da AIB coteja os seus capítulos e artigos com os fatos da vida nacional nestes últimos vinte anos. Não deixa, portanto, de concluir pela certeza e afirmativa que o Integralismo foi a maior fonte de ideias novas e o maior centro irradiador de uma influência social e política sem precedentes na história de nossa Pátria”. *EI*, Vol I, p.83.

Plínio Salgado, mediante a afirmação de que o integralismo havia sido a base conceitual e intelectual de muitas das decisões tomadas pelos governos brasileiros desde o Estado Novo, contestou a versão alardeada por parcela significativa da grande imprensa que afirmava ter sido a “vestimenta verde” o único atributo sobrevivente do integralismo. Para além disso, a imprensa ressaltou uma irônica dúvida: teria a vestimenta sobrevivido como peça de museu ou como trapo velho para o esfregão?¹⁵⁹ Não obstante a resposta integralista sempre procurasse invalidar qualquer relação entre a manutenção da simbologia (a camisa-verde) e a intenção de reajuste doutrinário, acentuando com isso seu caráter anacrônico e contraditório, as acusações de que apenas a indumentária - a simbologia - havia sobrevivido foram revigoradas a partir de 1957, com a reapropriação do Sigma e outros elementos simbólicos do integralismo dos anos 1930. Tornou-se cada vez mais complicado para os integralistas esquivarem-se de tais acusações. Ainda com relação às reivindicações integralistas, o movimento sustentou a afirmação de que possuía uma genealogia relevante, pois ascendia de alguns dos mais importantes movimentos contestatórios da formação social brasileira. Nesse sentido, o ativista¹⁶⁰ Augusto de Lima Junior instituiu para seus pares uma inusitada comparação entre o movimento integralista (que, julgava ser um movimento de caráter libertário, no sentido de que, tentava desatar o país das amarras internacionais e do domínio estrangeiro) e o movimento da chamada Inconfidência Mineira.

Tal comparação baseava-se na alegação de que o movimento integralista se mostrou tão emancipador, contestatório e libertário quanto o movimento oitocentista mineiro. Publicado, originalmente no jornal *A Offensiva* de abril de 1935, o texto da comparação traçava os seguintes paralelos entre ambos:

Como o Integralismo, a Inconfidência Mineira foi uma conjuração de vontades no sentido de salvar o Brasil das espoliações do regime colonial, dando-lhes independência e liberdade. Por esses dois ideais, juntaram-se elementos de todas as classes sociais, irmanados por um sentimento unânime de solidariedade e sacrifício pelo bem comum. A hierarquia ditada pelo saber e capacidade, tão intrínseca à ação integralista, culminou na trama inconfidente. Nessa Inconfidência, como no Integralismo, não havia lugar para os materialistas interesseiros, mercadores de tudo, homens ventres insaciáveis. O hipócrita, que é na primeira inconfidência representado pelo senhor Joaquim Silvério dos Reis (o delator) é agora representado por aqueles que não toleram o integralismo... o delatam mentirosamente! Assim, também procedem aos miseráveis acusadores do nosso movimento que pressentem que a vitória do Integralismo não cae nos arranha céus, mas apenas debaixo de seus coturnos... A Inconfidência mineira é pois, o mesmo anseio brasileiro, que irrompida em 1789 retomou seu surto regenerador na Ação Integralista Brasileira. Em 1789, o Brasil era uma colônia

¹⁵⁹ De acordo com artigos da grande imprensa paulistana e carioca. Ver. *Correio Paulistano* e *Diário Carioca*, no período entre setembro e dezembro de 1957.

¹⁶⁰ Ao longo dos 12 volumes da *EI*, apenas Augusto de Lima Júnior autointitulou-se um “ativista do movimento” integralista. O adjetivo ativista, neste contexto, era carregado de um significado não só político-contestatório, como também, artístico/alegórico. O ativista integralista atuava em todas as frentes do movimento. Os demais autores, se autodenominaram “membros”, “participantes”, “componentes”, dentre outros adjetivos. O sentimento de pertencimento era tão valioso para o integralista que, alguns autores, em muitos de seus artigos, sublinhavam tal pertencimento, utilizando um trocadilho bastante empregado por seus pares: “integrantes integrados do integralismo”.

portuguesa. Hoje é uma colônia do capitalismo internacional. Em 1789 havia escravos negros e senhores brancos. Hoje somos de maioria branca, pardo e negra, escravos todos de meia dúzia de senhores mais bárbaros que os de outrora. Integralismo e Inconfidência são uma mesma coisa. Coincidência notável! (LIMA JUNIOR, EI, VIII, 1958, 67).

A identificação entre o integralismo e os diversos movimentos sociais de relevo na história nacional foi, por diversas vezes, o mote dos escritos da *EI*. Concomitante às comparações, referências e genealogias construídas por parte dos integralistas para comprovar seu passado glorioso, aquilo que seus antagonistas jocosamente chamaram de “a comprovação do pedigree integralista”¹⁶¹, as contradições ensejadas no discurso de seus membros afirmavam ainda mais a vocação nacionalista do movimento, que agregava uma série de elementos refratários às tendências que vinham de fora. Ora remetendo-se ao passado como legitimador de sua posição atual, ora culpando os sucessivos governos de se apropriarem de suas mais diletas criações, o integralismo apresentado na *EI* procurou consolidar a imagem de um movimento que fora, simultaneamente, ludibriado e plagiado por todos os seus adversários.

Com relação aos elementos de conduta integralistas apropriados pelos sucessivos governos pós-fechamento da AIB, Salgado dirigiu-se à base militante com frases de interpretação ambígua. Na concepção do líder “tais apropriações, só demonstravam o quanto a doutrina era forte, pois afinal, se tais ideias perduraram em outros governos, era claro sinal de que essas ideias não eram assim (...) tão absurdas. Que permaneçam com as referências integralistas mesmo vestindo roupas diferentes das nossas (...)”. (SALGADO, EI, I, 1957, 45). Outros exemplos incoerentes foram relatados por Salgado: “(...) todas essas ideias apropriadas pelos demais só comprovam que o Brasil quer o Integralismo, talvez com outro nome, talvez sobre outras formas de expressão, porém querem a mesma doutrina nacionalista de hierarquia de valores”. (SALGADO, EI, I, 1957, 69)

Pode-se avaliar de diversas maneiras esta afirmação de Salgado. Uma vez assegurado que não era imprescindível a manutenção das ideias integralistas apenas por membros do movimento, contanto que suas concepções fossem sistematicamente sustentadas por quaisquer ideologias, Salgado abdicou da premissa que sempre norteou seu discurso: “a de que somente o integralismo poderia dirigir os destinos dos brasileiros, de que apenas o integralismo salvaria o país”. (SALGADO, 1986, 253) Cogitando a possibilidade de alterar o nome ou a conduta do sistema de governo que implementaria suas ideias, Salgado desobrigou-se também de sua mais importante retórica, que alinhava os integralistas à necessidade de compartilhar, vivenciar, um conjunto de valores integralista. Nesse sentido, o discurso de Salgado se torna ambíguo e incoerente, pois cogita a abdicação do conceito “integralismo”, em prol da manutenção da doutrina, independente de quem a implementasse. Por outro lado, também se pode fazer uma interpretação das ideias Salgado. Abdicando do conceito integralismo, o líder ambicionava ver implementado, mesmo que

¹⁶¹ A recorrência desta expressão objetivava minimizar o passado integralista afirmando, por várias vezes que seus membros não passavam de animais que necessitavam comprovar sua procedência. Conferir, principalmente: MARINHO, Roberto. *O Globo*. Julho de 1946 & CORÇÃO, G. *O Estado de S. Paulo*, nov.1958.

de maneira parcial, o sonho das diretivas integralistas, já mencionadas anteriormente. Contudo, independentemente das motivações de Salgado, sua frase apontou para a tendência de se matizar os conceitos ortodoxos do integralismo.

As respostas às afirmações do líder não tardaram a aparecer e provieram do próprio seio integralista. A reação militante foi imediata e a repercussão das frases atribuídas a Salgado gerou tensões, logo dissimulada pelo movimento. Em diversos artigos publicados em *A Marcha*, no período correspondente à edição do primeiro volume, registrou-se o apoio dos militantes a Salgado e a surpresa de muitos dos correligionários perrepistas.

Houve os que concordaram: “(...) a pena do chefe dita o tom a ser seguido; (...) tens razão Plínio Salgado (...)”. (*A Marcha*, out/dez. 1957) Merece destaque, no entanto, a postura de alguns correligionários que, embora exprimissem uma pacata contraposição, insistiram em desafinar o coro de subserviência pliniana, afirmando que: “mesmo não condenando a interpretação do chefe, pois afinal a ideia saiu dele, questionamos o tom da assertiva, aproveitando para nos congratular aos que pensam parecido conosco”. É importante destacar que, na maioria das vezes, quando o correligionário ou simpatizante assumia uma postura discordante à do chefe integralista, as rubricas eram sempre identificadas por pseudônimos, provavelmente para evitar o constrangimento de serem identificados.

De forma análoga, quando esboçou uma interpretação conjuntural a respeito da política do final dos anos 1950, Salgado incitou o debate entre os setores ligados ao movimento, dentre eles, alguns leitores da EI - que fizeram de algumas colunas do jornal *A Marcha* um fórum de discussão sobre os volumes, até pelo menos o seu quarto ou quinto número. A reavaliação do papel que o PRP ocupava no período foi acompanhada de uma minuciosa descrição de como o chefe percebia a atuação militante no decorrer da década de 1950. De acordo com Salgado, “nem mesmo a mais titubeante das militâncias conseguiria caracterizar o que se percebeu, com relação a muitos dos militantes de nosso ideário. Daí reafirmarmos que infelizmente, tal como foi registrado nos anos 1930, ainda hoje, existem mais perrepistas de barganha que integralistas... infelizmente”. (*A Marcha*, fev/set. 1957) Contrariando a praxe do elogio enfático, típica de Salgado, principalmente com relação à militância, este demonstrou uma postura menos incisiva com relação aos militantes integralistas. A despeito de apresentar o movimento sempre coadunado com seu pensamento, o líder integralista criticou uma parcela da militância afirmando que:

Embora estejamos nos finais de 50 um elemento necessita ser registrado. Há claramente críticas a fazer ao integralismo. Uma delas, e talvez, a mais importante é que a exterioridade deu ao movimento algo do tom demagógico e demasiadamente popular que, deve ter, de certa forma, prejudicado o sentido profundo da revolução cultural e moral que o movimento se propunha. Isto equivale a assinalar que houve naqueles idos de 30 mais adesões que o esperado. A crítica contundente é que existiram mais camisas verdes que propriamente integralistas. Esse foi um erro, pois a essência foi corrompida. Uniformizado, mas fragilizado, o movimento não suportou. Hoje, isso é patente! Precisamos hoje, de perrepistas integralistas, os dois em um... (SALGADO, EI, I, 1957, 43)

Não obstante todo o diagnóstico conjuntural de Salgado ter partido das análises do Manifesto de Outubro e dos desdobramentos da primeira marcha integralista, tornou-se claro que o integralismo do pós-guerra procurou solidificar uma postura independente dos episódios anteriormente citados. Mesmo tributário dos acontecimentos fundadores da doutrina, o integralismo perrepista – como bem demonstrou Salgado, em várias intervenções, ao longo dos demais volumes da EI – procurou buscar uma identidade própria, oscilando entre a rememoração e a efetivação de uma nova postura. Assim, pode-se afirmar que, simultaneamente, o integralismo do pós-guerra percorreu dois caminhos paralelos: o da rememoração de um passado pujante, vivenciado, sobretudo durante a trajetória política da AIB, principalmente no tocante às suas constituições simbólicas; e o da reafirmação enquanto movimento adequado ao quadro político vigente, esforçando-se para atuar segundo as normas e as necessidades do período. Plínio Salgado ressaltou que a iniciativa de se publicar um compêndio que sintetizasse os conhecimentos do integralismo objetivava a permanência da doutrina, ou seja, a conservação do ideário integralista face às atitudes e crenças de seus membros. Concomitante a este propósito, a afirmação de que a doutrina permaneceu como o aspecto mais significativo do movimento encontrou ressonância nos demais escritos do compêndio.

De acordo com Salgado, o compêndio se revestiu de um caráter cultural todo particular, no sentido de que a EI foi um verdadeiro “celeiro que reuniu em suas páginas o legado da oralidade e a proposta que tempos atrás coube aos órgãos de imprensa integralistas e afins”. Hiperbólico nos adjetivos autoatribuídos, Salgado assegurou não ter medo do esquecimento, pois de acordo com a fraseologia pliniana: “contraditório ou não, revisitado ou saudosista, o Integralismo permaneceria vivo!”. A despeito da afirmação, o tempo comprovou que os integralistas haviam se equivocado mais uma vez.

O ANTICOMUNISMO: BANDEIRA FUNDAMENTAL DO INTEGRALISMO

A publicação da *Enciclopédia do Integralismo* se deu em um contexto político nacional e internacional bastante tumultuado. Enquadrada entre os governos JK/JQ/Jango (1956-1961), situa-se em plena vigência do que se convencionou chamar de Guerra Fria entre as duas superpotências. Ancorados em pressupostos ideológicos aparentemente irreconciliáveis, EUA e URSS constituíram dois poderes que se afirmavam como centro e liderança de dois blocos antagônicos. De fato, foram notáveis na década de 1950-60 a guerra de propaganda, a corrida armamentista, assim como a iminência de um conflito nuclear. Ao mesmo tempo houve uma reestruturação das organizações de esquerda e direita (dentro e fora do Brasil), novas orientações e a criação de novos grupos no país, com tendências políticas mais radicais.

A Revolução Cubana foi apenas o estopim que fez emergir a radicalização. Desde 1959, a esquerda, com o PCB, ainda na ilegalidade, alcançou importante influência no meio sindical e no jogo político partidário. Em princípios de 1960 ocorreu uma forte ruptura da esquerda, racha que originou em 1962 a criação do PC do B, como dissidência do PCB, em consequência da crise causada

após 1956, no XX Congresso do Partido Comunista da URSS. A relação entre Cuba e os Estados Unidos se agravava a partir de 1961 com a invasão da Baía dos Porcos. O fracasso da operação levou Cuba a buscar apoio militar da União Soviética, o que se deu em agosto/setembro de 1961. Meses depois, em princípios de 1962, seria decretado o embargo econômico norte-americano a Cuba. Essas eram as questões dominantes na conjuntura internacional, com grande polarização e confronto entre os países capitalistas e comunistas, situação que perdurou por todo o governo João Goulart e que exacerbou internamente as posições ideológicas em conflito. (ABREU, 2006,114)

O anticomunismo foi então usado para difundir o medo na classe média e para identificar as “reformas de base” como a passagem do regime capitalista para comunista. Os jornais foram os maiores responsáveis pela campanha anticomunista. Com isso, já em finais dos anos 1950, as forças de direita também se reagruparam, em torno do Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES), do Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD) e, posteriormente, nos anos 1960, em torno da Sociedade protetora da Tradição Família e Propriedade. A atuação conjunta dessas e de outras entidades de caráter análogo, que mantinham algum nível de cooperação, estimulou a proliferação de entidades anticomunistas na conjuntura 1957-1961. Nesse sentido, a mobilização anticomunista teve papel preponderante na arregimentação dos grupos adversários dos governos (JQ e Jango – sobretudo no seu primeiro ano de mandato), fornecendo o principal argumento que unificou os setores de oposição. (MOTTA, 2006,145) Por isso, de certa maneira, direta ou indiretamente, todos estes elementos estiveram presentes na seleção, publicação ou discussão suscitada pela *Enciclopédia do Integralismo*.

Desempenhando função decisiva na formação da identidade partidária-ideológica do integralismo tanto nos anos 1930 como no pós-guerra, a contraposição ao comunismo também fez parte da ação da igreja católica e de grande parte da imprensa. Por isso, no que tange à contraposição comunista, o integralismo jamais esteve sozinho. Embora os integralistas acreditassem serem, de fato, “os donos do anticomunismo” (CALIL, 2005, 145), compartilhavam tal sentimento de repulsa com grande parcela da sociedade, afinal havia uma propaganda anticomunista bastante radical no período. É significativo destacar que, enquanto a defesa do corporativismo, do antiliberalismo e do ataque aos diversos partidos de perfis ideológicos distintos perdeu sua função no período democrático, o anticomunismo permaneceu sendo utilizado como mote de campanha integralista, o que possibilitou o fortalecimento da relação do integralismo com a Igreja Católica.

Para os integralistas, os argumentos que embasavam o anticomunismo eram “mais importantes do que os que identificavam os capitalistas liberais (...) isso porque, o perigo vermelho possuía artifícios mais elaborados de persuasão do que a tacanha, porém eficiente imposição liberal capitalista”(SALGADO, EI, 1957, 58). De acordo com Gumercindo R. Dórea a contraposição se dava basicamente por três motivos: inicialmente, porque o comunismo havia sido o maior responsável pelo acirramento da luta de classes; que motivado por isso, se mostrava como uma proposta internacionalista e não nacionalista e que mediante seu caráter internacional estaria prontamente apto a implementar um plano de dominação mundial. (DÓREA, EI, 8, 1960, 06)

O acento dado ao espiritualismo atualizava o sentimento anticomunista originado na década de trinta. Outro argumento sistematicamente utilizado pelos integralistas para fundamentar sua contraposição era a presença, cada vez maior, do Partido Comunista que, no período democrático crescia como expressiva força eleitoral. Verdadeiro fomentador do anticomunismo, o *Manifesto de Outubro* (documento mais importante do integralismo) enfatizava: “o comunismo destrói a família para melhor escravizar o operário ao Estado; destrói a personalidade humana; destrói a religião; destrói a iniciativa de cada um”. (*Manifesto de Outubro de 1932*, 11) Cabe destacar que o *Manifesto de Outubro* foi discutido e interpretado nos escritos da *Enciclopédia do Integralismo* como o centro irradiador de sua doutrina. Nesse sentido, por diversas vezes, os escritos do compêndio teceram relações com textos que, embora não tivessem uma chancela integralista, comungavam da mesma percepção anticomunista. Nos quatro primeiros volumes, e em especial no volume 6, a *Enciclopédia* cedeu espaço para a publicação de trechos de escritos não integralistas, mas que se caracterizavam pelo contundente perfil anticomunista. Exemplo disso foi um trecho retirado do jornal carioca *Correio da Manhã*, intitulado “Propaganda Comunista”, em que o jornal se contrapôs ao que chamou de “vertiginosa escalada comunista”. Note-se que se trata de um texto escrito em meados da década de 1930, justamente quando o integralismo intensifica sua autopropaganda.

É significativo também que em pleno desenvolvimento da chamada Revolução Cubana, nenhum escrito tenha sido compilado sobre esta temática. Nos meses de julho a outubro de 1959, (período em que sai o 8º volume), o jornal *A Marcha* manteve uma coluna específica que tratava dos desdobramentos do que o jornal chamou de “infame e deletéria tentativa de comunizar a América”. (*A Marcha*, 19/07/1959, 6) Dórea, no entanto, preferiu a manutenção do anticomunismo que caracterizou os primeiros anos do movimento. Até nos poemas dedicados ao anticomunismo, este sempre foi enfocado como um sistema escravizador, uma ideologia que congregava “cínicos perigosos” e que, por isso, enganava facilmente os incautos da nação com furtivas promessas de salvação. Na maioria das vezes, o integralismo rivalizava-se com a ação comunista apresentando-se como uma barreira natural contra sua propagação. Os exemplos poderiam se multiplicar. Ao longo do sétimo volume, exclusivo sobre poetas integralistas, autores dos mais variados estilos veicularam a chave: comunismo/atraso, em detrimento do binômio nacionalismo/salvação.

A ideia de que uma significativa parcela da sociedade teria aderido ao comunismo sem uma avaliação prévia e sem um grau mais aguçado de discernimento tentava provar que a população, em sua maioria, ainda era tratada como massa de manobra, amorfa e ignorante. A pretensão de demonstrar um conhecimento mais aprofundado das coisas fazia com que os integralistas afirmassem que, “a única verdade só se mantinha viva por detrás da lente integralista, a verdadeira fé cristã e nacionalista do país” (SALGADO, EI, 1957, 67). Posicionamentos como estes, sempre encarados com ironia, geravam antes de tudo um enorme desprezo de seus adversários. Os ideólogos integralistas, por vezes, aproximavam o capi talismo e o comunismo como se ambos fossem faces de um mesmo liberalismo. Ora a crítica mordaz do integralismo homogeneizava os dois lados, veiculando

comunismo e capitalismo como sinônimos, ora os apresentava como antagonistas de magnitudes diferentes. No entanto, eram sempre vinculados como adversários da religião.

Com relação ao operariado, os integralistas acreditavam que a classe trabalhadora brasileira teria apenas uma chance de resgatar as perdas históricas que o sistema liberal havia impingido a seus pares. Os integralistas confiavam ser a única solução compatível com a dignidade operária, por isso reafirmavam sua diferença com os comunistas. Nesse sentido, o esquema geral de anticomunismo perrequista retomava os pontos principais que o caracterizava na AIB, seja no esquema teórico que antagonizava em oposição binária, o materialismo e o espiritualismo, seja por argumentos de oposição ao comunismo pelo instigamento dos conflitos sociais; seja pela suposta submissão ao estrangeiro; seja ainda pelo caráter (sic) totalitário, mantendo a noção de um perigo iminente.

O anticomunismo desempenhou função decisiva na formação da identidade partidária do integralismo tanto nos anos 1930 como no pós-guerra. (CALIL, Op. Cit., 283 – 344) A contraposição ao comunismo também fez parte da ação da igreja católica. Por isso, no que tange à contraposição comunista, o integralismo jamais esteve sozinho. É significativo destacar que, enquanto a defesa do corporativismo, do antiliberalismo e do ataque aos diversos partidos de perfis ideológicos distintos perdeu sua função no período democrático, o anticomunismo permaneceu sendo utilizado como mote de campanha integralista. Uma vez que nos anos 1930 esta contraposição unia diversos setores sociais, ela possibilitou também o fortalecimento da relação do integralismo com a Igreja Católica. Com uma atuação mais contundente nos anos 1930, a campanha integralista contrapôs-se ao seu maior adversário, a despeito da promulgação da Lei da Segurança Nacional¹⁶² e da desarticulação da Aliança Nacional Libertadora. Especificamente com relação à Lei de Segurança Nacional, ainda nos tempos da AIB, Salgado rememorou, em passagem do sexto volume da EI: “Sob o pretexto de presumir o país contra o comunismo os políticos rotineiros, avessos a tudo o que significa algo novo começaram a confabular desde os fins de 34... E no ano de 35 surgiu o projeto da Lei de Segurança Nacional. Aparentemente, inspirava-se nas precauções recomendadas pelos integralistas contra as manobras dos adeptos de Moscou. Em verdade, visava o próprio movimento Integralista”. (SALGADO, EI, VI, 1960, 16)

Ainda com referência à Lei, Salgado sentenciou:

(...) o projeto atualmente na Câmara, nos seus lineamentos gerais objetiva a repressão a todos os processos violentos de assalto ao Poder ou respeito às autoridades constituídas. Não é projeto de lei exclusivamente contra o comunismo, ou o “extremismo”, vocábulos que não são empregados no texto. A doutrina, pois, do projeto, inspira-se nas próprias fontes do Integralismo. Nada temos, pois, nós os integralistas, a pôr contra o espírito da Lei de Segurança, e foi por isso que afirmei aos jornalistas que me procuram que, “*em princípio, não somos contra essa lei*”. (SALGADO, EI, VI, 1960, 23)

¹⁶² Aqui se trata de como os integralistas, na figura de Salgado, absorveram a Lei de segurança Nacional. Como será mostrado, uma absorção bastante pendular.

A despeito do que o líder integralista afirmara, sua percepção da Lei de Segurança mudaria meses depois:

(...) se em princípio não somos contra essa lei, é porque as ideias que a inspiram se enquadram num sistema de ideias construtivas da nossa concepção do Estado. A Lei de Segurança é, no entanto, ineficaz, por abranger um ângulo muito restrito do complexo problema da ordem social. O controle ao comunismo, por exemplo, não se pode fazer exclusivamente com a repressão e a violência. *A unilateralidade desta Lei tira-lhe toda a autoridade moral.* E a maior prova disso está nas ameaças de greve e no manifesto dos extremistas chefiados por Luis Carlos Prestes. Uma Lei unilateral, ainda que boa não produzirá resultados. (SALGADO, EI, VI, 1960, 26)

Uma vez aplicada contra os integralistas esta lei foi vista como persecutória e antidemocrática. Salgado focou a atenção para o que denominou ser uma “unilateralidade da Lei” (fator desfavorável ao integralismo) que, de acordo com o líder integralista, “havia exacerbado o seu, até então escondido, mas acentuado caráter odioso e monstruoso”. (SALGADO, EI, VI, 1960, 32) De acordo com o integralismo, não havia solução parcial para os problemas sociais. Antes de tudo, seus membros acreditavam que a problemática social interessava a todos, não apenas aos operários, e que por isso havia a necessidade de “intervir na sociedade de maneira definitiva”. (REALE, EI, V, 1959, 39). Assim, propunha-se uma modificação radical na sociedade, exterminando o individualismo e o dito coletivismo mal estruturado.¹⁶³ O integralismo combatia o comunismo porque este “criava uma casta de exploradores do trabalho, sufocando as energias individuais que queriam se expandir reduzindo o indivíduo a um autômato, posto ao serviço do Estado, que tudo absorvia”. (REALE, EI, V, 1959, 40). Combatia também os liberais capitalistas “por serem como hienas gargalhantes que se deliciavam com o sangue das populações mais pobres como se fosse vinho de vinícola estrangeira, sempre propondo modos alienígenas para resolver os problemas de dentro do Brasil”. (REALE, EI, V, 1959, 41).

Para os integralistas, os argumentos que embasavam o anticomunismo eram “mais importantes do que os que identificavam os capitalistas liberais (...) isso porque, o perigo vermelho possuía artifícios mais elaborados de persuasão do que a tacaña, porém eficiente imposição liberal capitalista”. (SALGADO, EI, I, 1957, 58) De acordo com Gumercindo R. Dórea a contraposição se dava basicamente por três motivos: inicialmente, porque o comunismo havia sido o maior responsável pelo acirramento da luta de classes; que motivado por isso, se mostrava como uma proposta internacionalista e não nacionalista e que mediante seu caráter internacional estaria prontamente apto a implementar um plano de dominação mundial. (DÓREA, EI, VIII, 1960, 06). O acento dado ao espiritualismo atualizava o sentimento anticomunista originado nos anos 1930. Outro argumento sistematicamente utilizado pelos integralistas para fundamentar sua contraposição era a presença,

¹⁶³ Este estudo foi publicado originalmente pela *Revista Brasileira*, nºs 7 e 8. De acordo com informações constituintes na *EI*, tais estudos formavam alguns capítulos da *Cartilha do Integralismo*, documento que sofreu reformulação e ampliação para contribuir com trechos em alguns volumes do compêndio. Dados apresentados a partir da conclusão de Gumercindo Rocha Dórea, finalizando os estudos de Miguel Reale.

cada vez maior, do Partido Comunista que, no período democrático crescia como expressiva força eleitoral. Verdadeiro fomentador do anticomunismo, o Manifesto de Outubro enfatizava:

O comunismo destrói a família para melhor escravizar o operário ao Estado; destrói a personalidade humana para melhor escravizar o homem à coletividade; destrói a religião para melhor escravizar o ser humano aos instintos; destrói a iniciativa de cada um, mata o estímulo, sacrifica uma humanidade inteira, por um sonho, falsamente científico, que promete realizar o mais breve possível, isto é, daqui a 200 anos no mínimo. (Manifesto de Outubro de 1932, 11)

Todos os teóricos integralistas se posicionaram contra o socialismo e o comunismo. Em geral, este último foi visto como uma forma mais radical do primeiro, isto é, o socialismo seria um conjunto vago de ideias que levariam a uma ditadura comunista. Numa outra perspectiva, o socialismo e o liberalismo seriam, aos olhos dos seguidores de Salgado, duas faces da mesma medalha: o materialismo. De acordo com Salgado, em artigo intitulado “Capitalismo e Comunismo”, o que não se pode negar é a identidade absoluta do marxismo com a filosofia burguesa, “criada para oprimir os humildes e justificar a exploração do homem pelo homem. O que é fora de dúvida é que o Capitalismo e o Comunismo não passam de palavras diferentes para designar a mesma coisa: a brutalidade da violência, o materialismo grosseiro”.¹⁶⁴ (SALGADO, 1938, vol. 7, 404)

O *Manifesto de Outubro* foi discutido e interpretado nos escritos da *EI* como o centro irradiador da doutrina integralista. Embora os integralistas acreditassem ser, de fato, “os donos do anticomunismo” (CALIL, 1998, 145), compartilhavam tal sentimento de repulsa com grande parcela da sociedade. Não sei se dá para afirmar isso. Dizer que havia uma propaganda anticomunista forte, isso sim... Nesse sentido, por diversas vezes, os escritos do compêndio teceram relações com textos que, embora não tivessem uma rubrica integralista, comungavam da mesma percepção anticomunista. Nos quatro primeiros volumes, e em especial no volume seis, a *EI* cedeu espaço para a publicação de trechos de escritos não integralistas, mas que se caracterizavam pelo contundente perfil anticomunista. Exemplo disso foi um trecho retirado do jornal paulistano *Correio da Manhã*, intitulado “Propaganda Comunista”. Neste pequeno trecho, o jornal contrapôs-se veementemente ao que chamou de “vertiginosa escalada comunista”. Note-se que se trata de um texto escrito em meados da década de 1930, justamente quando o integralismo começou a despontar no cenário político nacional como uma possibilidade viável de poder.

A propaganda comunista, em vários estabelecimentos de ensino superior é um fato que não deve passar aos representantes dos poderes públicos com a responsabilidade da defesa da ordem social dos brasileiros. Ninguém, hoje, desconhece a maneira por que se instila no espírito da nossa juventude o veneno maléfico importado de Moscou. Se, o Ministério da Educação, com o dever de orientar a cultura moral da mocidade se mantém indiferente à

¹⁶⁴ Lembremos aqui o que nos diz Marilena Chauí: “O discurso integralista tem a peculiaridade de operar com imagens em lugar de trabalhar com conceitos. (...) Grosso modo, o discurso opera de três maneiras: por simples justaposição de imagens, por transformação de um conceito em uma imagem, e enfim, por associações livres de imagens”. CHAUI, Marilena. *Op. Cit.*, p. 40.

obra perversa de certos professores, pagos com o imposto cobrado aos tributos burgueses, é porque não quer ouvir nem ver o que já faz entre nós, a vanguarda bolchevista. Em qualquer outro país mais sério, este professorado comunista teria sido expurgado de seu emprego. Aqui, não. O governo da República permite, criminosamente, que docentes comunistas se sirvam da respectiva cátedra para o desvio dos jovens inexperientes. É assim na Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, onde *professores comunistas brigam com outros professores, só porque são católicos*. O povo assiste assim a impassibilidade de um governo displicente diante da avançada de um inimigo temível. Não há qualificativo que defina bem esta miséria. (EI, IX, 1959, 167. Grifo meu).

Os integralistas afirmavam que os adeptos do comunismo o faziam motivados por uma “efetiva e manipuladora campanha financiada pelo inescrupuloso ideário vermelho da foice e martelo que usou de subterfúgios espúrios visando uma catarse coletiva”. (GRAÇA, EI, IV, 1958, 45) A ideia de que uma significativa parcela da sociedade teria aderido ao comunismo sem uma avaliação prévia e sem um grau mais aguçado de discernimento tentava provar que a população, em sua maioria, ainda era tratada como massa de manobra, amorfa e ignorante. A pretensão de demonstrar um conhecimento mais aprofundado das coisas fazia com que os integralistas afirmassem que, “a única verdade só se mantinha viva por detrás da lente integralista, a verdadeira fé cristã e nacionalista do país”. (SALGADO, EI, I, 1957, 67)

Posicionamentos como estes, sempre irônicos geravam, antes de tudo um enorme desprezo de seus adversários. O líder integralista, a exemplo do que Miguel Reale havia feito com os liberais, comparou os comunistas a uma “matilha de hienas que, não dividiam a caça, a despeito de se auto intitulem divisoras universais (...)”. (A *Marcha*, nov. 1961) Para Salgado, “(...) hienas riem sozinhas das carcaças que devoram enquanto se tingem com o rubro do sangue de suas presas. E ainda dizem que são animais coletivos” (A *Marcha*, nov. 1961) Os ideólogos integralistas, por vezes, aproximavam o ideário capitalista do comunista como se ambos fossem faces de um mesmo liberalismo. Ora a crítica mordaz do integralismo homogeneizava os dois lados, veiculando comunismo e capitalismo como sinônimos, ora os apresentava como antagonistas de magnitudes diferentes. No entanto, eram sempre vinculados como adversários da religião, “o verdadeiro fundamento espiritualizante da civilização”. (SALGADO, EI, I, 1957, 67) Salgado ainda afirmava: “o que diferenciava ambas vertentes era que, o comunismo possuía uma base essencialmente má, ao passo que o que fazia o liberalismo¹⁶⁵ se aproximar do comunismo era que, a burguesia sofria de uma determinante covardia, pois não sabia se impor diante a ameaça pseudo-uniformizadora do comunismo”. (SALGADO, 1949, 31) Daí sustentar que a “oposição fundamental entre o espiritualismo integralista e o materialismo mundializante capitalista/comunista era a chave para a permanência de um Brasil mais espiritualizado e nacionalista”. (SALGADO, EI, I, 1957, 78) Com relação ao operariado, os integralistas acreditavam que a classe trabalhadora brasileira teria apenas uma chance de resgatar as perdas históricas que o sistema liberal havia impingido a seus pares. Os integralistas confiavam

¹⁶⁵ Liberalismo este que era classificado por Plínio Salgado como um “agnosticismo burguês”.

ser a única solução compatível com a dignidade operária, por isso reafirmavam sua diferença com os comunistas. De acordo com Félix Contreiras Rodrigues:

O Sigma é o Gênio da brasilidade, que deflagrou a reação nacionalista contra tirania da foice e do martelo(...) Enquanto o Comunismo acena ao proletariado com uma falsa miragem de ordem de coisas, a um tempo utópicas e execrandas; enquanto o Comunismo condiciona a felicidade dos trabalhadores pela privação de direitos que lhe são sagrados e inalienáveis; enquanto o Comunismo promete resolver a questão social do trabalho; enquanto o Comunismo exige que o operário renuncie à família, à Pátria e às mais nobres aspirações espirituais, *enquanto o Comunismo escraviza o obreiro dos campos e fábricas ao Capitalismo internacional, enquanto a Liberal Democracia permite e tolera que se perpetre, o Integralismo promete apenas uma coisa: justiça social e nada mais*. (RODRIGUES, EI, III, 1958, 55)

No que se referia aos problemas com relação à posse, à manutenção da propriedade e à partilha das terras, bem como à preocupação de se instituir uma relação de partilha dos lucros com a respectiva classe operária, certas ideias encontraram ressonância em alguns integralistas. Para os integralistas, seus adversários, sobretudo o comunismo, “havia plagiado as intenções mais obstinadas do integralismo: a arrancada para a formação de uma civilização genuinamente nacional”. (SALGADO, EI, I, 1957, 79) A invasão ou infiltração comunista estaria, portanto, presente em todos os setores da sociedade, atuando - em todos os períodos de atuação integralista - de maneira mais organizada nos partidos políticos (com exceção, é claro, do “incorrupível” integralismo) e nos jornais (sobretudo, paulistanos, tais como: *O Estado de S. Paulo; Correio da Manhã; Gazeta e Correio Republicano*) (Apud CALIL, 1998, 342) , bem como em alguns setores públicos. Salgado acreditava que “caberia ao movimento detectar, reprimir e corrigir essa força que se expandia”. (SALGADO, EI, I, 1957, 79) Nesse sentido, de acordo com Gilberto Calil, o esquema geral de anticomunismo perrepista retomava os pontos principais que o caracterizava na AIB, “seja no esquema teórico que antagonizava em oposição binária, o materialismo e o espiritualismo, seja por argumentos de oposição ao comunismo pelo instigamento dos conflitos sociais; seja pela suposta submissão ao estrangeiro; seja ainda pelo caráter totalitário, mantendo a noção de um perigo iminente, canalizando temores de setores da sociedade no contexto da redemocratização e da Guerra Fria”. (CALIL, 1998, 249)

Até nos poemas dedicados ao comunismo, este sempre foi focado como um sistema escravizador, uma ideologia que congregava cínicos perigosos e que, por isso, enganava facilmente os incautos da nação com furtivas promessas de salvação. Na maioria das vezes, o integralismo rivalizava-se com a ação comunista apresentando-se como uma barreira natural contra sua propagação. Os exemplos poderiam se multiplicar. Ao longo do sétimo volume, exclusivo sobre poetas integralistas, autores dos mais variados estilos veicularam a antitética: comunismo/atraso, em detrimento do binômio: nacionalismo/salvação. O militante Assis Silva assim enfatizou o comunismo:

Meninos esfarrapados, imundos, abandonados,
ao crime e ao roubo se entregam:
abrindo a porta ao abismo,
os russos do Comunismo a moral e a crença negam.
Milhares de seres, forçados
Por bandidos, explorados, sem liberdade e sem pão,
Gemem e morrem no trabalho,
não se lhes poupa o vergalho, e mais feroz opressão...
Eis o sublime idealismo que homens falsos de cinismo vem à Pátria oferecer.
Mas o povo brasileiro brada-lhes firmes altaneiro: Isso... aqui? Não há de ser!
(SILVA, El, VII, 1959, 56)

A apropriação desses elementos sinaliza que tanto nos anos 1930 como no período democrático do pós-guerra, as propostas políticas do integralismo continuaram tendo como centro de atuação o combate ao comunismo. E embora essa atuação não apresentasse propostas concretas para os problemas da nação, o que se percebeu foi que a luta ideológica radicalizou as posições de ambos os lados. Ao longo dos 12 volumes da *Enciclopédia* a temática (comunismo/anticomunismo) permeou quase todos os assuntos. Amparado por outra temática tão recorrente quanto a apresentada neste item (uma heterodoxa concepção de democracia) o integralismo de finais dos anos 1950 buscou reatar laços que se mostravam frouxos. Por isso, no que tange à consolidação do movimento, esta enfrentou embates que acentuaram uma série de contradições. A pecha de autoritários precisou ser matizada. Nascia então, no seio do movimento, um discurso que não fazia sentido nos anos 1930, mas que no contexto do perrepeísmo foi apresentada como algo natural: a aproximação do integralismo com o conceito de *democracia*.

A DEMOCRACIA: UMA CONTRADIÇÃO EXPOSTA EM DOIS ATOS

ATO 1 - OS ANOS 1930

Diferentemente do anticomunismo, as discussões sobre o conceito de *Democracia* não aparecem na *Enciclopédia* de forma explícita. Pulverizado ao longo das 1770 páginas do compêndio, os escritos sobre a temática ocuparam um espaço representativo, a despeito do termo “democracia” ter sido utilizado apenas por seis vezes, o que, numa primeira leitura poderia sugerir uma superficialidade do conceito adotado pelos integralistas. No entanto, cabe registrar que tal superficialidade também pode ser interpretada como um proposital artifício de linguagem: não se fala, não se contesta, logo, não há identificação com um movimento contrário à democracia. Decorrentes deste artifício, tais escritos apontam para questões pouco aprofundadas sobre os posicionamentos da AIB/PRP frente à democracia. Talvez, por crerem numa espécie de democracia diferenciada da liberal, conhecida entre os seus membros como “democracia cristã”, os integralistas acreditavam que sua permanência

no jogo político não infringia a concepção democrática universal. Ao contrário, entendiam que sua presença enriquecia o meandro político, uma vez que os integralistas, tal como quaisquer partidos ou instituições mereciam um lugar no contexto democrático.

Calcada nesta contradição, a democracia integralista só aparece nos escritos da *Enciclopédia* a partir do seu contrário. A questão democrática só é posta em discussão quando se trata de diferenciar o integralismo dos regimes comunista e liberal. Em vista desses dois regimes, o integralismo sempre foi descrito por seus integrantes como uma doutrina que possuía um programa plenamente democrático. As contraposições enfrentadas ao longo da década de 1930 levaram os integralistas a criar respostas às acusações de que eram antidemocráticos. A cada denúncia, acusação ou censura, eles apresentavam o registro concedido pelo TSE afirmando que a AIB se configurava numa sigla democrática. Muitos dos magistrados brasileiros naqueles anos 1930 aceitaram a AIB como um partido de tipo democrático.

Para a maioria dos integralistas, a sociedade democrática liberal reproduzia, em outra escala, a constante luta biológica, batalha inspirada na teoria do darwinismo social, que impunha a sobrevivência ao mais apto e forte. Segundo uma metáfora, por vezes, empregada pelos cientistas vinculados ao movimento, “os rins filtram os líquidos, separando impurezas que intoxicariam todo o organismo (...) e que se, hipoteticamente, os rins fossem políticos partidários, fariam essa purificação no interesse próprio”. Concluía-se que: “(...) o resultado dessa purificação seria inevitável, pois todo o corpo se envenenaria e, no seu padecimento morreriam também os rins. É disso que o integralismo foge. Somos célula deste organismo e não permitiremos seu envenenamento”. (FAIRBANKS, EI, III, 1958, 98)

Para os integralistas, o partido era plenamente democrático, pois suas propostas (sic) visavam a melhoria da população em geral, sem os subterfúgios das mentiras pregadas pelo sistema liberal que, no final das contas só enganavam a população. Já para grande parte da sociedade as tentativas integralistas de parecerem aptos ao regime os afastavam ainda mais da credencial democrática. Cabe lembrar que os integralistas dos anos 1930 tiveram que admitir a falta de respostas plausíveis frente a tais contradições, afinal, ora acusados de fascistas ora de extremistas, os integralistas teriam no período entre 1945 e 1964 que se desvencilhar de tal pecha. Outro elemento se fez presente na discussão integralista acerca da democracia: o conceito de *cidadão*, sobretudo porque o projeto de democracia apresentado pelos integralistas dos anos 1930 se mostrava, antes de tudo, antidemocrático e carregado de teores raciais. Rodolpho Josetti possuía uma visão eugênica do que ele chamava de “cidadão integral”. O integralista acreditava que o homem integralista era o homem do futuro. “O integralista ideal”. (JOSETTI, EI, III, 1958, 77)

Mesmo que discursivamente Plínio Salgado tenha sempre afirmado a natureza multirracial do integralismo, as diferenças apontadas entre o cidadão integralista e o não integralista foram apresentadas na esfera da diferença biológica, o que reforçou o conteúdo racial do discurso integralista. Sobretudo, nos anos 1930 período de formação do integralismo muitos integrantes nutriam diferentes concepções com relação à admissão de negros e cidadãos de outras etnias no

seio do integralismo. Influenciados pelas ideias de Gustavo Barroso, o mais antisemita de todos os integralistas, esses militantes acabaram por explicitar uma contradição que nascera junto com o próprio integralismo: como se demonstrar democrático se o movimento possuía propostas que, ao invés de universalizar os direitos dos cidadãos, os diferenciava?

ATO 2 - OS ANOS 1940 E 1950

A contradição explicitada anteriormente encontrou no período de redemocratização (pós 1945) um campo extenso para ser debatida. Em sua segunda atuação, a formal conversão¹⁶⁶ do integralismo à democracia teve algumas peculiaridades, como, por exemplo, seu próprio “discurso pendular”. Ora discutindo sobre os princípios democráticos, ora abstendo-se, o integralismo encontrou nas décadas de 1940-60 seu grande componente de propaganda: o “elemento espiritualista”, que, embora sempre estivesse presente na essência de seu discurso ganhou relevância exatamente no período de redemocratização. Como justificativa discursiva para apresentar o conceito de democracia elaborado por ele como *verdadeira democracia*, além de uma constante crítica às massas, também se exaltou a congruência existente entre o discurso e a prática integralistas.

Sobre a concepção de democracia peculiar apresentada pelo PRP o que se observou é que esta se mostrou uma combatente feroz da concepção de mundo materialista¹⁶⁷, em favor de uma posição espiritualista. De acordo com a historiadora Márcia Regina Carneiro, a definição dessa concepção espiritualista permitiu ao PRP deflagrar ataques ao liberalismo e à democracia liberal, abertamente. A autora afirma que toda crítica faz sentido a partir da legitimação que é buscada no espiritualismo. Além disso, ao propor que os problemas sociais eram resultantes da escolha da concepção materialista, ou seja, do comunismo e capitalismo, o espiritualismo permitiu ao PRP se apresentar com o discurso de portador de uma nova opção, uma “terceira via”. Mas, este discurso pelo qual o PRP se apresentava como “terceira via” não se sustentou, porque apesar de fazer algumas críticas ao capitalismo não chegou a questionar a propriedade privada e o lucro, assim, agiu a favor da burguesia e permanência do capitalismo.

Mesmo após a conversão formal ao discurso democrático do integralismo do pós-guerra, instituído a partir da criação pelo PRP do conceito de *Democracia orgânica* (CALIL, 1998, 102) podemos encontrar a proposição de centralização do poder, autoritarismo e censura no conceito de democracia apresentado. A antiga base doutrinária, agora maquiada pela ênfase no espiritualismo, pode ser percebida na crítica às massas e o controle das liberdades por “princípios religiosos”. Como

¹⁶⁶ Podemos dizer que a “conversão” do integralismo à democracia foi originada ainda com Plínio Salgado no auto exílio em Portugal. Nesse período de auto exílio são editados livros que desenvolvem uma concepção de “democracia cristã” que foi utilizada para sustentar a formal conversão à democracia. Em *O conceito Cristão de Democracia*, livro de autoria de Salgado publicado em Portugal, podemos encontrar as principais ideias utilizadas na argumentação do discurso democrático integralista no período de atuação pela legenda do PRP.

¹⁶⁷ Ao contrário, o espiritualismo seria a crença em Deus e no destino sobrenatural do homem. Definida desta forma a concepção espiritualista, baseada em “princípios religiosos”, foi utilizada como elemento de suporte para conceitos perrepetistas.

se percebe, o conceito de *Democracia Orgânica* era bastante impreciso.¹⁶⁸ Nos anos 1940 e 1950, e mesmo no princípio dos anos 1960, o paradoxo foi ainda mais flagrante. Como defender posições tão extremadas num período em que os extremismos eram tão combatidos? De que maneira a democracia pensada pelos integralistas nos anos 1930 foi vista nos escritos de um compêndio editado e publicado duas décadas depois, período de consolidação das liberdades políticas e civis? Ou ainda, como a *Enciclopédia do Integralismo* pôde publicar depoimentos e conceitos que se chocavam frontalmente à realidade democrática vigente? Os integralistas responderiam: “(...) justamente, por estarmos vivendo em uma democracia!”. Portanto, o conceito de democracia difundido pelo integralismo em sua segunda atuação, adjetivada de “defensiva e cristã” opunha-se diametralmente à chamada democracia liberal, que os integralistas reputavam como sendo materialista por natureza. Mais uma de suas várias contradições. Na *Carta Programa do PRP* editada em 1945, previa-se que a atuação seria realizada “mediante a anunciação da consagração e intransigente defesa do regime democrático, baseado na pluralidade partidária e na garantia dos direitos fundamentais do homem”. (Carta de Princípios e Programa do PRP, 1945, 35)

Como se percebe, a transformação do discurso antitotalitarismo acabou por assimilar os vocábulos que permitiram a declaração de Salgado a favor da *democracia*. Uma mudança relevante para quem sempre mediou o discurso de modo a não comprometer sua atuação pregressa. Os integralistas perrepistas precisaram criar soluções e explicações, muitas vezes, inconsistentes, para convencer a sociedade de que não haviam agido de maneira incoerente ao tornarem-se repentinamente democráticos. Uma das tentativas de justificar a mudança na postura política integralista partiu de Francisco Assis Galvão, que procurou explicar a alegação democrática do PRP a partir do seu contrário.

Mais uma vez, a noção de democracia contida no discurso integralista era substituída pela cautela de se mostrar antitotalitária ou antiditatorial, mas não explicitamente democrática. O fato dos integralistas do período pós-guerra quase nunca se referirem à democracia num discurso direto, mas com um uso recorrente de metáforas e comparações, também se mostra significativo. Esse discurso nos leva a entender que com essa atitude os integralistas visavam demarcar um desempenho político mais próximo de seu passado, acentuando, portanto, a presença de elementos constituintes de sua primeira atuação. A hesitação em se postular favorável à democracia, como se vê, causava um efeito contrário, pois contribuiu para que se criassem comparações indefensáveis.

Posto que as relações do integralismo com a noção de *Democracia* sempre foram pouco explícitas, fixou-se o contraditório: como sobreviver ao contexto democrático sem expor suas querelas e antagonismos? Este problema se resolvia facilmente com a deflagração da mais importante bandeira de propaganda integralista. Ela foi atemporal, e por isso mesmo norteou todas as rubricas do movimento. Para afirmar-se adepto da democracia o integralismo fixou-se na ambivalência de seu discurso e no pronto ataque ao comunismo. E para consolidar suas ações preparou o terreno

¹⁶⁸ O chamado conceito “cristão de democracia” foi desenvolvido por Salgado a partir de 1942 em diversas obras publicadas ainda em seu auto exílio em Portugal. Seu conteúdo é discutido em CALIL, O integralismo no processo político brasileiro. Op. Cit. 159-169.

com as sementes de sua doutrina, germinadas pelas mãos daqueles que criaram base sólida para uma pedagogia integralista. O anticomunismo e uma particular noção de democracia foram os ingredientes mais usados nesta receita que, teve como fermento a Estado Integral, substrato essencial presente nos documentos fundadores do integralismo.

DEMOCRACIA E ESTADO INTEGRAL

Na *EI* discussões sobre o conceito “democracia” não aparece de forma explícita. Além disso, os escritos sobre a temática ocuparam um pequeno espaço no compêndio. Ao longo dos doze volumes, o termo “democracia” foi utilizado apenas seis vezes, o que, por si só implica numa superficialidade do conceito adotado pelos integralistas. Em decorrência disso, tais escritos apontam para questões pouco aprofundadas sobre os posicionamentos da AIB frente à democracia. Talvez, por crerem numa espécie de democracia diferenciada da liberal, conhecida entre os seus membros como “democracia cristã”, os integralistas acreditavam que sua permanência no jogo político não infringia a concepção democrática universal. Ao contrário, entendiam que sua presença enriquecia o meandro político, uma vez que os integralistas, tal como quaisquer partidos ou instituições mereciam um lugar no contexto democrático. Sendo assim, a democracia integralista só aparecia nos escritos da *EI* a partir do seu contrário. A questão democrática só era posta em discussão quando se tratava de diferenciar o integralismo dos regimes comunista e liberal. Em vista desses dois regimes, o integralismo sempre foi descrito por seus integrantes como uma doutrina que possuía um programa plenamente democrático.

As contraposições enfrentadas ao longo da década de 1930 levaram os integralistas a criar respostas às acusações de que eram antidemocráticos. A cada denúncia, acusação ou censura, eles apresentavam o registro concedido pelo TSE afirmando que a AIB se configurava numa sigla democrática. Salgado, em tom irônico, sempre se referia ao assunto da seguinte maneira: “o integralismo, em 1934, requereu ao TSE o registro de seu partido sendo prontamente atendido e julgado como uma sigla inteiramente democrática, *acreditem os comparsas, fomos admitidos pelo contexto democrático (...)*” (SALGADO, *EI*, I, 1957,199)

Muitos dos magistrados brasileiros naqueles anos 1930 aceitaram a AIB como um partido de tipo democrático. Para A.B. Cotrim Neto, a hierarquia só poderia existir se acompanhada da noção da democracia integralista. O integralista afirmou que “embora muitas pessoas costumem dizer que a doutrina integralista exclui a doutrina democrática, é preciso, antes de perguntar a essas pessoas o que é a democracia. Pois, a doutrina integralista pode não aceitar que a delegação ou a representação dos poderes promane de certas fontes. Em substância, porém, admite-a, é exato com formas novas e originais, mas nem por isso é menos democrático o pensamento que inspira, desde que busca sua força no consenso coletivo”. (COTRIM NETO, *EI*, III, 1958, 23) A noção excludente de democracia defendida por Cotrim Neto encontrou ressonância em muitos integrantes do movimento. O centro

da concepção democrática integralista, segundo Rocha Vaz, militante da terceira geração integralista, “seria sentido mediante a influência revolucionário-científica que legitimava o caráter nacionalista do integralismo”. (VAZ, EI, VI, 1959, 33) Para Rocha Vaz “a organização científica do trabalho sem o conhecimento do material humano será sempre uma obra mutilada e de escassa eficiência (...) por isso, o Estado Integral tem necessidade imprescindível de conhecer o HOMEM – conhecer sua Biopsicologia individual, para que este seja útil a si próprio e à coletividade”. (VAZ, EI, VI, 1959, 34)

O estudo dessa “biopsicologia individual” era responsável pela configuração do biotipo intelectual e psicológico dos integrantes do movimento. Por meio de testes psicológicos o movimento traçava um perfil ideal para seus membros. No início da aplicação desses testes, todos os que fossem reprovados nas pontuações mínimas necessárias (não especificadas na documentação analisada), não poderiam ingressar no movimento. Tais testes, via de regra, podiam ser aplicados de variadas maneiras: de uma rigorosa entrevista com o pleiteante até a aplicação de testes de aptidão linguística. No entanto, os famigerados testes de aptidão integralista foram realizados num curto período. Com o crescimento dos quadros integralistas, a partir de 1936, o alistamento nas fileiras do movimento abandonou o caráter mais científico da seleção e passou a ser realizado seguindo, apenas, uma breve, porém, rigorosa pesquisa da vida pregressa do futuro ingressante.

Nesse sentido, para se vincular à doutrina integralista, o pretendente ao quadro era previamente sabatinado junto à direção responsável pela arregimentação de militantes de maneira que, suas capacidades psicossomáticas fossem detectadas, “com o maior grau de filigranas possível”. (VAZ, EI, III, 1958, 145) Estes testes incentivavam as potencialidades do candidato, de modo a apontar a área em que, poderia desempenhar funções com maior sucesso. O Integralismo via na realização dessa triagem a possibilidade de agrupar seus simpatizantes de acordo com suas aptidões, o que, na visão de seus líderes, acabava por favorecer o próprio movimento.

Outra questão analisada pelos ideólogos que pensavam uma democracia específica para o integralismo foi a problemática que envolvia a educação, os estudos. A mentalidade integralista confiava que o cidadão necessitava possuir uma formação moral, intelectual e principalmente física, que estivesse sintonizada com a credibilidade do movimento. Daí acreditarem que o corpo, assim como o intelecto, muitas vezes, indicava as funções a serem desempenhadas por cada indivíduo.

Para a maioria dos integralistas, a sociedade democrática liberal reproduzia, em outra escala, a constante luta biológica, batalha inspirada na teoria do darwinismo social, que impunha a sobrevivência ao mais apto e forte. Segundo uma metáfora, por vezes, empregada pelos cientistas vinculados ao movimento, “os rins filtram os líquidos, separando impurezas que intoxicariam todo o organismo (...) e que se, hipoteticamente, os rins fossem políticos partidários, fariam essa purificação no interesse próprio”. (FAIRBANKS, EI, III, 1958,156) Concluía-se que: “(...) o resultado dessa purificação seria inevitável, pois todo o corpo se envenenaria e, no seu padecimento morreriam também os rins. É disso que o integralismo foge. Somos célula deste organismo e não permitiremos seu envenenamento”. (FAIRBANKS, J. EI, III, 1958,156)

João Carlos Fairbanks, a exemplo da teoria de Rocha Vaz, também teorizou a respeito de outra questão voltada à problemática da democracia. Para o autor, a ideia da atuação psicobiologia só era plausível se fosse interligada a um outro processo, denominado por ele como psicopolítico. Nesse sentido, defendeu o movimento diante às diversas acusações veiculadas pela mídia da época. Exemplo significativo foi a celeuma causada na ocasião da efetivação da AIB como partido político apto ao processo democrático. Isso porque, uma das contradições exploradas à exaustão pelos antagonistas do integralismo dizia respeito à ambiguidade de sua própria formação partidária. Percebe-se, deste modo, um dos elementos mais utilizados por parte da oposição integralista, quando esta visava acusar o integralismo de incoerente, contraditório e por isso, antidemocrático e não confiável. Para os integralistas, o partido era plenamente democrático, pois suas propostas “visavam a melhoria da população em geral, sem os subterfúgios das mentiras pregadas pelo sistema liberal que, no final das contas só enganavam a população” (FAIRBANKS, J. El, III, 1958,156) Já para a grande parte da sociedade, as tentativas integralistas de parecerem aptos ao regime os afastava ainda mais da credencial democrática. Cabe lembrar que os integralistas dos anos 1930 tiveram que admitir a falta de respostas plausíveis frente a tais contradições.

Dessa maneira, outro elemento se fez presente na discussão integralista acerca da democracia. Tratava-se do conceito de cidadão, sobretudo porque o projeto de democracia apresentado pelos integralistas dos anos 1930 se mostrava, antes de tudo, antidemocrático e carregado de teores raciais. Rodolpho Josetti possuía uma visão eugênica do que ele chamava de “cidadão integral”. O integralista acreditava que o homem integralista era o homem do futuro. E afirmava: “na antevisão de um futuro não muito remoto veria nitidamente o integralista tal como foi o heleno: generoso, culto, em atitudes ufanas, mas benignas, expressão do perfeito equilíbrio, da vigorosa saúde física e moral (...) este é o homem do futuro. Este é o integralista de amanhã. O integralista ideal” (JOSETTI, El, IX, 1960,77) Mesmo que discursivamente Plínio Salgado tenha sempre afirmado a natureza multirracial do integralismo, as diferenças apontadas entre o cidadão integralista e a dita pessoa comum foram apresentadas na esfera da diferença biológica, o que reforçou o conteúdo racial do discurso integralista. Sobretudo, nos anos 1930 período de formação do integralismo muitos integrantes nutriam diferentes concepções com relação à admissão de negros e cidadãos de outras etnias no seio do integralismo. Influenciados pelas ideias de Gustavo Barroso, o mais antisemita de todos os integralistas, essa parcela integralista acabou por explicitar uma contradição que nascera junto com o próprio integralismo: como se demonstrar democrático se o movimento possuía propostas que, ao invés de homogeneizar os direitos dos cidadãos, os diferenciava?

Nos anos 1940 e 1950, o paradoxo foi ainda mais flagrante. Como defender posições tão extremadas num período em que os extremismos eram tão combatidos? De que maneira a democracia pensada pelos integralistas nos anos 1930 foi vista nos escritos de um compêndio editado e publicado em finais dos anos 1950, período de consolidação das liberdades políticas e civis? Ou ainda, como a El pôde publicar depoimentos e conceitos que se chocavam frontalmente à realidade democrática

vigente? A crença dos integralistas nesta particular modalidade de democracia dificultou ainda mais a recepção do movimento por parte de uma significativa parcela da sociedade do pós-guerra. Em 1949, período de plena atuação do PRP no Parlamento, Plínio Salgado intensificou declarações em prol da democracia, modificando seu discurso. Numa de suas afirmações, Salgado referiu-se de maneira explícita à necessidade de uma democracia específica. O chefe integralista lembrou que “no momento atual, de tanta confusão, vemos uma atitude nítida em prol da unidade do Brasil e da espiritualidade que deve ser inspirada de nossas instituições. Acreditamos na Democracia, estamos convencidos de que a sua prática é possível se esta não for confundida com anarquia ou indisciplina. E o povo vai compreender com que coerência agimos, algo que transcende o cotidiano político (...)” (SALGADO, EI, I, 1957, 206).

No período do pós-guerra, os integralistas se fundamentaram a partir de uma noção de democracia bastante peculiar. Esta era conhecida como a “democracia defensiva e cristã”. Para o PRP a democracia teria necessariamente que partir de um fundamento cristão opondo-se diametralmente à chamada democracia liberal, materialista por natureza. Na Carta Programa do PRP editada em 1945, previa-se que a atuação seria realizada “mediante a anunciação da consagração e intransigente defesa do regime democrático, baseado na pluralidade partidária e na garantia dos direitos fundamentais do homem” (Carta de Princípios e Programa do PRP, 1945, 35) Como se percebe, a transformação do discurso antitadura acabou por assimilar os vocábulos que permitiram a declaração de Salgado a favor da Democracia. Uma mudança relevante para quem sempre mediou o discurso de modo a não comprometer sua atuação pregressa. Os integralistas do pós-guerra precisaram criar soluções e explicações as mais diversas, até inconsistentes, para convencer a sociedade de que não haviam agido de maneira incoerente ao tornarem-se repentinamente democráticos.

O fato dos integralistas do período pós-guerra quase nunca se referirem à democracia num discurso direto, mas com um uso recorrente de metáforas e comparações, também se mostra significativo. Salgado desenvolveu a noção de que a democracia liberal, tal como praticada, impedia a realização de uma verdadeira democracia, convertendo-se numa nova e disfarçada ditadura. O liberalismo seria assim, “o grande inimigo da liberdade e da democracia, pois seu sistema de representação democrática ludibriava a população com seduções inconsistentes e falsas promessas impraticáveis”. (SALGADO, EI, I, 1957, 209). Outra alegação dos integralistas para tentar comprovar sua natureza democrática era que o partido não podia ser acusado de antidemocrático, justamente porque não havia sido o único partido a ser fechado pelo golpe de 1937. Diziam os integralistas que se apenas eles tivessem “sido expurgados da constitucionalidade, aí sim, poderiam ser caluniados e acusados de antidemocráticos, mas não, a antidemocracia é que acabou com sua pretensão de permanecer na democracia, e não o contrário” (SALGADO, EI, I, 1957, 202). Mais uma vez, o discurso integralista inverte a situação, colocando-se como o maior prejudicado. Comprova-se, novamente, que os integralistas apenas se afirmavam por meio da negação evitando a todo o custo concordar com as práticas da democracia liberal. Ao que tudo indica, Salgado visava com essa atitude demarcar

uma performance política mais próxima do passado integralista, acentuando, portanto, a presença de elementos constituintes de sua primeira atuação.

A hesitação em se postular favorável à democracia, como se vê, causava um efeito contrário, pois impelia o integralismo a comparações indefensáveis. Salgado procurava reforçar a noção de que “a democracia pela democracia não surtiria o efeito que a nação necessitava”. (SALGADO, EI, I, 1957, 205) De acordo com o chefe integralista, “para o egrégio desenvolvimento de uma verdadeira democracia, seria preciso pôr em prática as diretrizes que caracterizam os partidos nacionais” (SALGADO, EI, I, 1957, 206) Sem isso, afirmava Salgado, “a bagunça se tornará generalizada e a democracia espriar-se-á pelos salões da inoperância”. (SALGADO, EI, I, 1957, 207)

Jayme Ferreira da Silva, integralista que apoiava o entendimento de Plínio Salgado quanto às “falsas manobras da democracia liberal”, também chegou a comparar a democracia imediata do pós-guerra a uma oocracia; uma ocorrência degenerada, em que o poder passa às mãos das camadas inferiores e apaixonadas, desmandando-se e desrespeitando-se os direitos sagrados do homem”. (SILVA, 9/7/1947, 9. Apud: CALIL, Op. Cit. 243) Posto que as relações do integralismo com a democracia foram sempre controversas, Gilberto Calil afirmou: “é certo que nem todos agentes e partidos sustentaram a mesma posição, com a mesma radicalidade com relação à democracia do pós-guerra (...) Nesse sentido, as desconfianças relativas à democracia liberal e a solução centralizadora remontam ao integralismo dos anos 1930, apresentando-se com algumas modificações e sob um vocabulário que busca uma melhor adaptação ao novo contexto político” (CALIL, 1998, 252)

Tal como a concepção de democracia, a noção de Estado constitui-se num dos principais elementos do Integralismo. Esse conceito é encarado como algo constituído a partir da integralidade de seus grupos profissionais e indivíduos que, no vocabulário integralista eram os “homens integrais”. A definição de Estado Integral se apresenta em oposição aos Estados Liberal ou Comunista, criticados pelos integralistas por promover divisões e fragmentações em seus aderentes. Por isso, os integralistas se autorreferenciavam como “aqueles que se contraporiam ao Estado totalitário do Comunismo e do Nazismo, e ao Estado Neutro, de estrutura puramente jurídica, da Liberal-Democracia. pois o integralista é o verdadeiro legatário de um Estado síntese” (ESCOREL, EI, IV, 1958,157).

A estrutura funcional deste Estado não se apresenta de maneira clara no *Manifesto de Outubro* de 1932, afirmando-se que o papel deste Estado seria o de construtor de uma unidade nacional. Nessa perspectiva, a ideia de Estado contida no documento integralista é a de uma estrutura fechada em si mesma, baseada na concepção espiritual-nacionalista presente no discurso ideológico de Salgado. A construção de um Estado tornou-se a finalidade principal do movimento integralista, necessidade sem a qual o integralismo não se desenvolveria. Para seus aderentes, o Estado teria que se basear fundamentalmente na família, o grupo natural mais significativo da sociedade.¹⁶⁹ Para Sérgio Buarque de Hollanda, “a energia sobranceira dos movimentos fascistas europeus transformou-se, aqui, em pobres lamentações de intelectuais neurastênicos, e que por

¹⁶⁹ Modelo este caracterizado como familiar-corporativista, em detrimento do indicado por Reale que se pretendia sindical-corporativista.

isso (...) tudo fazia esperar que o integralismo fosse cada dia mais uma doutrina acomodatória, (...) empenhada no fortalecimento de instituições sociais, morais e religiosas de prestígio indiscutível como a família, a Igreja e o seu suposto Estado Integral”. (HOLLANDA, 1995, 187) Apesar das críticas, Miguel Reale defendeu o Estado integralista, evidenciando pontos diversos dos que Salgado havia defendido. De acordo com Reale, o novo Estado deveria necessariamente se formar a partir de uma base muito mais sólida e apropriada. O jurista acreditava que este papel cabia à base sindical e não familiar. Vale ressaltar que a base sindical da qual se referiu Reale foi baseada no corporativismo. Os integralistas apresentavam o corporativismo como um antídoto para as agruras do sistema liberal e suas consequências. Doutrina política que concebia a sociedade como um todo organizado, cujas crises seriam mediadas e resolvidas por uma instância superior, no caso, o Estado, o corporativismo determinava que a organização da coletividade deveria se basear na associação representativa dos interesses e das atividades profissionais.

De acordo com o cientista político, Ludovico Incisa:

Enquanto o corporativismo tradicional é essencialmente pluralista e tende à difusão de poder, o corporativismo dirigista é monístico. No tradicional, as corporações se compõem ao Estado, no dirigista, estão subordinadas ao Estado, são órgãos dele. A rígida subordinação das corporações ao Estado é constantemente proclamada pelos expoentes do fascismo. Em todo o caso, o Corporativismo dirigista, embora não seja difícil construir sua genealogia, fazendo-o derivar, por meio do nacionalismo, do Tradicional, constitui em relação a este, uma ruptura radical. (INCISA, 1998, 289)

O integralismo buscava praticar este corporativismo *dirigista* consubstanciado na representatividade de classe e centralização político administrativa. Ludovico Incisa ainda enfatizou que “os interesses particulares das corporações reproduziam o discurso que afirmava que os operários, industriários, membros de profissões liberais, todos enfim, seriam mais bem representados se fossem por intermédio das grandes corporações profissionais. (...) e estas, fora dos interesses partidários”. (INCISA, 1998, 230) Ludovico chega à conclusão de que com isso. “ter-se-ia um organismo e não uma máquina”. (INCISA, 1998, 231) O ponto nevrálgico do antagonismo entre a liberal democracia e a concepção corporativista de Estado se fortalece na medida em que, no caso do sistema liberal, a força do Estado consiste na infinita atomização da sociedade e na luta dos indivíduos entre si. Para os integralistas, o corporativismo propunha o contrário, senão o “trabalho de conscientização que faria dessa doutrina uma vitória para a vida da Nação” (Manifesto de Outubro de 1932, 4) Esta concepção apresentava um dos mais fortes pilares da doutrina integralista: cada indivíduo e cada grupo teria seus papéis pré-determinados. De maneira contrária à democracia liberal, em que as aspirações da sociedade são delegadas por meio de partidos políticos, o sistema corporativo previa a representação dos indivíduos por meio das “classes profissionais” e seus respectivos sindicatos.

No início da década de 1930, Plínio Salgado define o corporativismo como “o único reabilitador da força nacional (...) o único sistema que faria o país deixar para trás as tramóias e as

fraudes eleitorais (...) deixar para sempre sua vocação escrava” Salgado afirmava que, “ao invés do sufrágio popular, ou voto direto, os integralistas estabeleceriam o voto sindical. Cada profissional só poderá votar dentro de sua profissão, em pessoas pertencentes à sua classe. O voto sindical é assim uma expressão qualitativa, racional, em oposição ao voto popular, que não passa de uma expressão quantitativa, irracional, manipulável e servil”. (SALGADO, A Acção, Nov.1936)

Já no *Manifesto de Outubro de 1932* encontra-se a fórmula de como deve ser feita a representação corporativista:

(...) a Nação precisa de organizar-se em classes profissionais. Cada brasileiro se inscreverá na sua classe. Essas classes elegem, cada uma por si, seus representantes nas Câmaras Municipais, nos Congressos Provinciais e nos Congressos Gerais. Os eleitos para as Câmaras Municipais elegem o seu presidente e o prefeito. Os eleitos para os Congressos Provinciais elegem o governador da Província. Os eleitos para os Congressos Nacionais elegem o Chefe da Nação, perante o qual respondem de sua livre escolha. (SALGADO, A Acção, Nov.1936)

Nesse sentido, a concepção de Sindicato atrelada ao conceito de corporação efetivaria a força da unidade em detrimento da pluralidade. A ideia é de que existe a necessidade de haver sindicatos relevantes, que representem sua classe, mas que obedeçam a uma organização unitária: todos vinculados a uma mesma proposta de acertos, discussões e conquistas. Na fraseologia jurídica integralista, “o corporativismo torna-se, portanto, a realidade infringível que pretende restabelecer a ordenação orgânica. Eis como se justifica em plenitude do princípio corporativista incluído como uma das vigas mestras da Doutrina do Sigma” (REALE, EI, X, 1960, 46). No entanto, a efetivação do corporativismo nunca encontrou um terreno favorável em que pudesse se desenvolver. Essa tese defendida por Salgado pretendia ser o álibi para fazer do Brasil “o grande celeiro para o nascedouro dessa nova idealização de Estado” (SALGADO, EI, III, 1958, 39) De acordo com o líder integralista, apenas a hierarquia integralista aliada ao corporativismo reconduziria a nação ao crescimento. Jaime Pereira Rodrigues, integralista da primeira geração, afirmava que “para a retomada do crescimento nacional seria necessário haver uma modificação na forma de representatividade, por esse motivo é que os integralistas queriam acabar com o voto direto e com os partidos políticos”. (PEREIRA, EI, II, 1957, 232)

Em outra análise sobre a temática, A. B. Cotrim Neto ressaltou a objetividade da contraposição ao comunismo, como forma de legitimar este Estado corporativista. O advogado integralista assegurou que “a doutrina do integralismo pode não querer aceitar que a delegação ou a representação dos poderes advenha de certos poderes. No entanto, nem por isso é menos democrático o pensamento que o inspira. (...) Tal inspiração vem da constatação de que o comunismo não pode agir sozinho, impune, frente às disposições ditas democráticas”. (COTRIM NETO, EI, III, 1958, 23) Por sua vez, Miguel Reale, na maioria de seus escritos publicados na *EI* afirmou que, “a melhor representação seria, de fato, a sindical, uma vez que no país já se faziam sentir algumas mudanças que legitimariam tal transformação, como a insatisfação da representatividade liberal clássica e o desconforto popular frente aos mandos e desmandos coronelistas” (REALE, EI, V, 1958, 232)

Se Reale foi o maior representante dos pensadores do corporativismo integralista nos anos 1930, deve-se, no entanto, questionar a ausência de escritos de Olbiano de Melo¹⁷⁰ nos volumes da *EI*, posto que este fora um dos mais significativos representantes do pensamento corporativista/sindicalista do movimento. (BELLOCH, ABREU, Op. cit., 2194-6, vol. 3) Olbiano de Melo foi um dos responsáveis pela introdução da concepção social corporativa de Estado no movimento integralista. No primeiro cronograma temático de publicação da *EI*, anunciado em 1957, seu nome aparece como presença certa no compêndio. No segundo cronograma, publicado em 1959, seu nome não apareceu. Não foi publicado nenhum de seus textos ou depoimentos. Durante toda a publicação, Olbiano de Melo não foi sequer mencionado, nem mesmo quando os problemas tratados nos escritos diziam respeito ao corporativismo ou à sindicalização integralista. De acordo com Francisco Galvão de Castro, integralista vinculado à terceira geração de militantes, a questão social brasileira só seria resolvida mediante “um distributismo cristão, algo baseado na justiça distributiva”. (CASTRO, *EI*, XII, 1961,09), originalmente escrito em 1958. Castro advertia que, “o corporativismo se contenta de ser um regime político-econômico que garantirá uma nova ordem social e mais que isso, uma nova civilização cristã. Por isso é preciso evidenciar que o corporativismo imposto pelo Estado e não inspirado pela força das ideias poderá desencadear como já ocorreu, num regime fascista ou nazista, numa ditadura corporativa ou numa República sindical, mas nunca será um Estado integralista que quer chegar ao povo e sugerir uma espécie de regime que venha pela força das ideias”. (CASTRO, *EI*, XII, 1961,09)

Não foi apenas com relação ao corporativismo que Reale e Salgado divergiram. Outro ponto de discordância entre os líderes integralistas era que, se para Salgado o Estado se confundia com o conceito de Nação, a concepção de Reale sobre Estado era bem mais complexa. Miguel Reale advogava que o primeiro elemento engendraria o segundo, ou seja, o Estado seria o alimentador da Nação, no sentido de que as forças deste Estado se apresentariam à sociedade como uma organização hierárquica de grupos e indivíduos que aumentariam, a cada dia, a grandeza da Nação. As concepções se adequavam ao que Lauro Escorel advogava ser uma junção de posições que só engrandeceria a Nação, no sentido de que “seria preciso entender que Estado e Nação não se opõem, mas se completam. Segundo a doutrina integralista, o Estado é a própria Nação organizada. O Estado será expressão autêntica da vida nacional. Dessa maneira, não haverá propriamente uma intervenção, mas uma ação conjunta de duas forças...” (ESCOREL, *EI*, IV, 1958,183). A relação que o integralismo nutria com o aspecto intervencionista do Estado Integral também fez parte dos debates. Arnóbio Graça, em alusão ao governo despótico do Leviatã de Hobbes, interveio alegando que: “(...) quanto ao integralismo tenho a dizer que quando chegarmos às vias de fato, como grande movimento de insurreição nacionalista, estabeleceremos para o Brasil um governo forte, que não se aproximará

¹⁷⁰ Olbiano Gomes de Melo dedicando-se à leitura das diversas vertentes de socialismo, do marxismo e do fascismo, proclamou-se adepto desta última doutrina em 1929. Em 1932, com a repercussão de seus livros pró-corporativismo, é convidado por Plínio Salgado para compor a Sociedade de Estudos Políticos (SEP) como representante desta em Minas. Olbiano participou da elaboração dos estatutos da Ação Integralista Brasileira (AIB). Em 1934, foi confirmado como chefe “provincial” da AIB de Minas Gerais. Depois do final do Estado Novo, Melo entra para o Partido de Representação Popular (PRP), em 1946, desligando-se no ano seguinte. Revendo suas posições, rompe, em 1951 com a proposta corporativista que defendia antes da II Guerra Mundial. Faleceu a 8/5/1969.

absolutamente das velhas fórmulas de despotismo Hobesiano em que o pensamento se retrai, a concordância se apaga e o indivíduo se anula”. (GRAÇA, EI, III, 1958,156)

San Tiago Dantas, veterano integralista, acreditava na década de 1930 que o Estado Integral seria o verdadeiro aglutinador da civilização brasileira. Para o advogado, “no Brasil, o povo, enquanto povo, era melhor que as elites, enquanto elites. Por isso que o trabalho do Estado Integral era o de homogeneizar o povo e as elites, num projeto único” (DANTAS, EI, III, 1958, 45). Lauro Escorel, por sua vez, afirmava que a intervenção do Estado pressupõe como condição necessária uma teoria de Estado completamente diversa da teoria liberal. “Segundo esta, o Estado constitui uma superestrutura. (...) Por isso, o direito de intervenção é um direito pela própria realidade social. Em nome desse direito é que o Estado agirá para compor as grandes harmonias e realizar a verdadeira justiça”. (ESCOREL, EI, IV, 1958,184)

Posto suas considerações finais, Escorel lembrou que as intervenções do Estado Integral na sociedade brasileira compunham uma estrutura privilegiada frente às demais e que jamais seria confundida com a empregada no Estado Liberal nem Comunista, nem, tampouco, nos estados de características racistas, por motivo único e exclusivo que o Estado Integral incentivava a pluralidade do homem e não o seu individualismo. Essa foi uma das principais razões que fizeram os integralistas criticarem as demais propostas de Estado. Consideração semelhante foi a de Ivan Luz, integralista da terceira geração, para quem a mais significativa diferença entre o Estado Integral e as demais tentativas estatizantes era o caráter humanista da proposta integralista.

Contudo, a despeito das tentativas apresentadas nos escritos sobre a proposta do Estado integralista a *EI* foi lacônica no momento de indicar propostas concretas de ação do Estado Integral. Situação semelhante foi percebida nos escritos que propunham discutir a concepção jurídica e econômica do movimento. Em relação à economia planejada pelos integralistas para dar suporte ao Estado Integral um dos poucos autores a tratar do tema foi o veterano integralista, José Garrido Torres, para quem “era capital que, para possuímos uma economia sã tivéssemos uma concepção justa do homem...” (TORRES, EI, I, 1959, 57)

Victor Pujol, por sua vez, enfatizou que se tratava de um dos planos mais bem definidos do Integralismo. Serão também nacionalizadas todas as forças econômicas tais como: caminhos de ferro, navegação e cabotagem, navegação aérea dentro do país, quedas d’água, minas, caça e pesca, bancos, empresas elétricas, telégrafos, telefones, instalações radiotelegráficas, correios e portos. “Nacionalizar não é confiscar!!! O Brasil se liberta da escravidão dos juros de toda a exploração financeira dos banqueiros de NY e Londres que o transformaram numa colônia de banqueiros. (PUJOL, EI, II, 1957, 135)

Madeira de Freitas, em consonância com os trechos anteriormente descritos, afirmou que “o Direito integral sempre crescerá proporcionalmente ao crescimento numérico dos efetivos integralistas, pois antes de tudo, deve-se considerar o fator de qualidade dessa aderência, principalmente no que tange ao material humano que faz o vigamento desta grande obra jurídica de

ressurreição nacional...” (FREITAS, EI, III, 1958,153). De maneira análoga, as temáticas relacionadas ao Direito integralista, bem como à manutenção de sua posição jurídica, tampouco foram discutidas com profundidade. Via de regra, os poucos apontamentos registrados faziam parte dos escritos publicados por Miguel Reale, principalmente com relação às diversas acusações contra o caráter totalitário do movimento.

Concomitante aos artigos de Reale também foram publicados os Estatutos da Ação Integralista Brasileira que constituíam a unidade básica do movimento, registrados a partir do II Congresso Integralista de Petrópolis, em 7 de março de 1935 e aprovados pelo Superior Tribunal de Justiça Eleitoral, dois anos depois, em 8 de setembro de 1937. Paralelamente às discussões processuais e de cunho jurídico, a tônica seguida pelos artigos do compêndio modificou-se a partir do oitavo volume, evidenciando os depoimentos da geração de 1950. Essa mudança conferiu um novo perfil à coletânea. Sempre inspirados pelos escritos de seus antecessores, os autores destes depoimentos eram, na sua maioria, recém vinculados ao partido. Com exceção de Gumercindo Rocha Dórea e Genésio Pereira Filho (sobrinho de Salgado), todos os demais trataram de elementos já discutidos nos volumes anteriores, configurando mais um reforço de que a proposta era mais uma rememoração e menos a criação de algo novo.

Outra prova de que se tratavam de depoimentos com o intuito de reafirmar o integralismo, supervalorizando o seu passado, ao invés de seu presente, foi a insistente veiculação de depoimentos de militantes que, a despeito de ingressarem no movimento em pleno desenvolvimento do PRP, afirmavam terem se filiado ao integralismo inspirados pela atuação pregressa do movimento. Tiram-se algumas conclusões desta afirmação: uma delas seria o fato de que, mesmo quando um novo simpatizante era absorvido pela doutrinação integralista, este chegava ao movimento mediado e doutrinado pelos escritos originais do integralismo, considerados por seus membros como “formadores da elevação cristã/integral”. De acordo com Salgado e a cúpula integralista, em diversas passagens da EI, sobretudo quando se trata da ampla noção de doutrinação, diluída em vários escritos do compêndio.

O novo simpatizante (que se transformaria em militante convicto do movimento) conhecia o integralismo lendo os livros de Salgado, seus manifestos, e claro, o Manifesto de Outubro de 1932. Significativo exemplo foi a adesão de um funcionário do Itamaraty que prestava serviços na capital norte-americana. Incentivado a se vincular ao integralismo após a leitura da coleção completa dos escritos de Plínio Salgado, o depoente afirmou: “depois de ler tamanha profusão de consciência nacionalista, havia chegado à conclusão de que o integralismo seria a única possibilidade de uma reviravolta naquela política tacanha implementada pelo governo vigente”. (CARDOSO, EI, VIII, 1960, 40) Em carta remetida a Gumercindo Rocha Dórea, em pleno período de celebração do jubileu integralista, Abelardo Cardoso, funcionário do consulado brasileiro em Washington, revelou ter se convertido ao integralismo por acreditar ser esta a única solução para o bem do Brasil, passando, a partir daquela data, a ser mais um integralista brasileiro.

“Washington, 30 de agosto de 1957.

Prezado senhor Dórea. (...) Congratulo-me com o senhor e peço autorização para divulgar as ideias integralistas cá pras bandas de Washington, onde sou membro do Itamaraty (...) Dou fé que esta doutrina é tudo o que o verdadeiro brasileiro gostaria de ver implementadas no país que ama (...) Criador de doutrina, justiça e economias sólidas essa doutrina tem tudo pra se fortalecer como o timão da sociedade nacional. Subscrevo-me... Abelardo Cardoso”.¹⁷¹

O trecho da carta descrita acima sublinha como a força do aliciamento integralista ainda era pautada pelas antigas escrituras, por seus protocolos, e não pela tentativa do PRP de se apresentar como uma postura diferente daquele integralismo dos anos 1930. Ainda na década de 50, a cooptação se dava assessorada pelos escritos originais do integralismo e não pelas renovações implementadas pelo partido, prova irrefutável de que, no integralismo, o que unia era antigo e não o moderno ou o atual. Nesse sentido, respaldado por diversos exemplos que poderiam ser enumerados, conceitos como os de “existência” e “permanência” do movimento (tanto na esfera do Direito quanto no âmbito da Economia) foram discutidos mediante o retrospecto dos escritos anteriores. Gumercindo Rocha Dórea lembrou:

Depois do primeiro volume, escrito por Plínio Salgado, lançamos o segundo, que trouxe os depoimentos da geração anterior a 32, dando procedência aos autores já falecidos e deixando para o terceiro volume os autores vivos da mesma geração. O IV e V volumes assinalam o alvorecer da Grande Geração de 32... Interrompidos os estudos e depoimentos pelos VI e VII volumes, que traziam, primeiro o escritos sobre a Justiça e a Economia e outro, que trazia alguns de nossos poetas... Reatamos neste VIII volume a série das manifestações sobre o surgimento do integralismo. Os que nesse volume comparecem dando o seu testemunho são os continuadores da Geração de 32. Ouçamo-los e preparemo-nos para ouvir a geração de 1950 até o presente. Esse desfile de Gerações debatendo o mesmo tema, e realizando uma obra de cultura, quanto à sua essência substancia, é acontecimento único na história deste povo e só por ela basta se avaliar a força e grandeza do Integralismo Brasileiro. Os Editores. Rio de Janeiro, 29 de junho de 1959. (DÓREA, EI, VIII, 1960, 2)

Para implementar o projeto social integralista, seus ideólogos procuraram construir uma sólida posição jurídica. Visavam com isso legitimar a implementação de políticas necessárias para que o corporativismo lograsse êxito. Em contrapartida, a concepção econômica integralista, absolutamente vinculada ao Estado Integral, constituiu-se num dos elementos mais controversos do programa integralista, devido a sua subordinação direta aos comandos deste Estado Integral.

O ESTADO INTEGRAL - EM PAUTA UMA PROPOSTA PARA A NAÇÃO

Seguindo os preceitos da *Rerum Novarum*, Encíclica papal de 1891 que discutia a “questão social” a partir do enfoque do catolicismo e dos caminhos de explicação da fé indicados por Tomás de Aquino, o *Estado Integral* deveria encerrar, em si mesmo, a família, o município e o mundo do

¹⁷¹ Trecho da carta escrita a punho pelo funcionário do Itamaraty, Abelardo Cardoso. *EI*, Vol. VIII. p.33-41. Grifo meu.

trabalho, amparados nesta intercessão, pela sutura moral do catolicismo que o lema do movimento procurava sustentar: “Deus, Pátria e Família”. Assim, o *Estado Integral* visava a unidade nacional por meio de um controle autoritário sobre a sociedade, grupos e indivíduos. Nesse sentido, é relevante perceber que Salgado, desde os seus primeiros romances deixou muito claro o seu desejo ideológico: a defesa de uma política nacionalista baseada no conservadorismo, tendo a manutenção da propriedade como forma de organização social, e a aversão ao cosmopolitismo para a defesa de uma sociedade forte e organizada dentro de um contexto tradicionalista. A rejeição da democracia liberal revela-se nas críticas existentes às instituições, de maneira que o *Estado integral* teria sua organização diferenciada, negaria o pluralismo, e nele, as pessoas seriam organizadas em classes, em modelo corporativo.

Este conceito é encarado como algo constituído a partir da integralidade de seus grupos profissionais e indivíduos que, no vocabulário integralista eram os “homens integrais”. A definição de *Estado Integral* se apresenta em oposição aos Estados Liberal ou Comunista, criticados pelos integralistas por promover divisões e fragmentações em seus aderentes. Porém, a síntese deste Estado, não resultaria nem da junção ou da acumulação, muito menos da sua superação no movimento da História, devendo ser restritiva e finalista frente às verdades unidas pela espiritualidade do catolicismo escolástico, revivido no enfrentamento de uma nova concepção da natureza. O Estado, como síntese, deveria ser erguido sob o primado do espírito.

Os nomes mais representativos dos primórdios do movimento, Plínio Salgado, Gustavo Barroso, Miguel Reale, San Tiago Dantas e Lauro Escorel contribuíram decisivamente para que se construísse a interpretação integralista de *Estado Integral*. Não é à toa que são deles os textos selecionados na *Enciclopédia* para comporem esta temática. Uma vez que este estado integral seria uma organização estatal forte, centralizada e autoritária que se responsabilizaria pela chamada “renovação nacional” frente às “tendências negativas” da modernidade, seu caráter mais acentuado também tomou forma nos escritos da *Enciclopédia*: como o fruto de um reacionarismo nostálgico em relação ao passado entendido como ordeiro e tranquilo.

Nos textos selecionados para debater a temática, o sufrágio universal e o modelo de representatividade receberam intensos ataques, mas as críticas também se dirigiram ao “excesso” de liberdade que conduziria a sociedade às consequências nefastas. Em contraposição a esta consequência nefasta surgiria uma *democracia cristã*, cujo par imediato seria o Corporativismo, apresentado como solução aos problemas das falhas da democracia liberal: “A democracia orgânica, com a participação real das corporações profissionais, será, a nosso ver, a solução para os erros do atual Legislativo. Nesse caso, o voto será dado aos homens competentes, legítimos e autorizados representantes de sua classe na Assembleia”. (DANTAS, EI, Vol. 8, 1959,67)

A partir de agosto de 1957, (portanto, dois meses antes da escancarada readesão integralista aos seus antigos ritos e símbolos) a proposta de uma pauta de princípios para a recondução do poder aos integralistas tomou forma mais concreta, com a reforma dos estatutos do PRP aprovada no Conclave de Vitória, instituindo como uma das finalidades do partido o “aperfeiçoamento, pelos

meios constitucionais, do sistema representativo vigente, fundamentado no sufrágio universal e no pluripartidarismo, complementando-o também através da representação dos grupos econômicos, profissionais e culturais, de caráter corporativo”. (*A Marcha*, 4/10/1957, 16) Embora bastante aquém da “revolução integralista” almejada, a proposta de reforma eleitoral foi encampada com bastante ênfase pelo movimento, ao mesmo tempo em que possibilitava recuperar a crítica ao sufrágio universal:

Para Miguel Reale “(...) Não há dúvida de que essa reforma constitui uma necessidade urgente, podendo mesmo melhorar de certa maneira a representação política tão mal feita pelo sistema partidário (...) ou se muda esse sistema de representação, substituindo-o por outro em que a verdade popular seja autenticamente apurada, ou se dá ao povo mais uma oportunidade de se decepcionar com os seus legisladores” (REALE, EI, VI, 1958, 9). Este trecho, retirado de um jornal integralista de 1936, foi utilizado como se Reale tivesse exprimido tais ideias em finais dos anos 1950. Nenhuma nota acompanhou o texto, nem mesmo alguma menção explicativa do editor do compêndio. Isso sinaliza duas questões relevantes: ou, o editor utilizava esta estratégia para dar maior visibilidade às propostas integralistas as quais tinha predileção, (numa atitude coautoral) ou, utilizava dizeres descontextualizados no sentido de realizar uma manutenção de um discurso que encontrava grandes argumentos contrários no momento em que foi publicado. De qualquer maneira o fato de utilizar, anacronicamente, textos de autores em contextos diferentes do que foram produzidos atesta o *modus operandi* calculado que o editor dispunha para a construção de se sua *Enciclopédia*

A defesa da Câmara Corporativa tinha como um dos argumentos principais sua pretensa superioridade “técnica”: assim para alguns integralistas, os deputados estariam tecnicamente despreparados, o que se resolveria com a adoção da “Câmara Corporativa” onde, “ao lado dos partidos políticos, que formam a representação política e que decidiriam em última instância, todos os grandes problemas da Nação, se colocaria uma representação de especialistas dos vários problemas de caráter não político, cuja solução interessa ao país. A solução do problema democrático está em conciliar a representação política com a dos grupos naturais da Nação”. (*A Marcha*, 16/8/1957, 5) O mesmo argumento era desenvolvido por Salgado: “Entendo que, paralelamente à Câmara Política, precisávamos ter uma Câmara representativa das forças econômicas, culturais e morais da Nação”. (SALGADO, Anais da Câmara dos Deputados, 1959, 66) Esta concepção marcaria por definitivo a proposta de uma retomada nacionalista implantada por um suposto plano de recondução nacional, impetrado pelos integralistas.

San Tiago Dantas, veterano integralista, acreditava nos anos 1930, que o Estado Integral seria o verdadeiro aglutinador da civilização brasileira. Para o advogado, “no Brasil, o povo, enquanto povo era melhor que as elites, enquanto elites. Por isso que o trabalho do Estado Integral era o de homogeneizar o povo e as elites, num projeto único”. (DANTAS, EI, III, 1958, 45) Nos anos 1960, Salgado romperia definitivamente com San Tiago Dantas com quem manteve uma relação de cordialidade por mais de 30 anos. O estopim deste afastamento se deveu ao que Salgado chamou de “postura esquerdizante” tomada por Dantas a partir de 1958, quando foi eleito deputado federal pelo PTB de Minas Gerais, e mais tarde, nomeado embaixador do Brasil na Organização das Nações Unidas em

1961, pelo então presidente da República Jânio Quadros. Todavia não chegou a assumir o cargo, pois o presidente renunciou três dias após a nomeação. Tornou-se então, ministro das Relações Exteriores durante o período “parlamentarista” do governo João Goulart, quando o Brasil reatou suas relações diplomáticas com a União Soviética. Esse foi um elemento preponderante para o afastamento definitivo entre Dantas e Salgado. Então, em 1963, com a volta do regime presidencialista, San Tiago Dantas foi indicado por Goulart para a pasta da Fazenda. Foi o ponto final de trinta anos de aproximações.

Em suas considerações finais, descritas no 8º volume do compêndio, Lauro Escorel lembrou que as intervenções do *Estado Integral* na sociedade brasileira compunham uma estrutura privilegiada frente às demais e que jamais seria confundida com a empregada no Estado Liberal nem Comunista, nem, tampouco, nos estados de características racistas, por motivo único e exclusivo que o *Estado Integral* incentivava a pluralidade do homem e não o seu individualismo. Esta foi uma das principais razões que fizeram os integralistas criticarem as demais propostas de Estado. Contudo, a despeito das tentativas apresentadas nos escritos sobre a proposta do Estado integralista a *Enciclopédia do Integralismo* foi lacônica no momento de indicar propostas concretas de ação do *Estado Integral* o que rendeu críticas de seus antagonistas. O dito pelo não dito. Enquanto os detratores integralistas afirmavam que “o Estado integral nada mais era do que uma propaganda enganosa, leda e leviana!” (*Correio Paulistano*, 20/12/1936. 09); os integralistas, décadas a fio, utilizaram a *Enciclopédia* como plataforma de propaganda se esforçando para sustentar sua premissa. A equação resultou em um embate político vencido pelas prerrogativas de um mundo cuja democracia ainda estava em construção.

O estado corporativo era núcleo duro da ideologia integralista. E, se por um lado a inflexibilidade do mundo político renegou o integralismo do período estudado a uma espécie de ostracismo, a maleabilidade das artes (da mente e do corpo) foi o salvo conduto que propiciou ao movimento integralista expressar pontos de vista diversos. Mesmo reproduzindo a ideologia sectária de um grupo que possuía visões de mundo contraditórias, os integralistas puderam apresentar à sociedade uma faceta pouco conhecida do grande público: um interesse que pendulava entre as mais variadas expressões artísticas, com ênfase para a poesia.

INTEGRALISMO E REGIMES TOTALITÁRIOS

Tradicionalismo, autoritarismo, totalitarismo, fascismo brasileiro, quinta-coluna cabocla, radicalismo católico incongruente. Adjetivos não faltam para qualificar o integralismo quando se trata de aproximá-lo aos movimentos fascistas e referenciá-lo como algo originado a partir de uma matriz estrangeira. Não há dúvidas de que o integralismo, sobretudo na sua atuação dos anos 1930 foi um movimento autoritário. Em diversos volumes da *EI*, a vinculação entre os regimes totalitários e o integralismo aparece apenas quando o último se esforça para se afastar dos pontos tidos como similares entre sua postura e dos demais regimes. Nos trechos referentes à comparação entre o movimento integralista e os europeus de caráter totalitário, novamente as temporalidades dos escritos se mesclaram. Pode-se perceber trechos datados de épocas diferentes, o que conferiu à

temática um caráter bastante heterogêneo de posições e apontamentos. Por outro lado, o conceito de totalitarismo, quando utilizado, foi tomado pelos integralistas de maneira meramente ilustrativa. Usaram-se figuras de linguagem ou eufemismos para confundir o leitor. Os integralistas classificam o totalitarismo da seguinte maneira:

(...) é justamente, por serem ainda, derivações últimas do espírito naturalista, particularista, que ambos os regimes, assim como o comunismo, não sabem distinguir a individualidade da personalidade (pessoa e indivíduo). E vendo o homem apenas como indivíduo, desrespeitando sua significação transcendente, que é o que constitui a personalidade, que o reduzem a uma significação nula, em face da totalidade estatal ou racial. Para nós o *totalitarismo aparece como contrário do particularismo e não com o tom pejorativo de ditadura, que querem implementar ao integralismo*. (SALGADO, EI, I, 1979, 49)

O nazismo, bem como o fascismo, foram apresentados segundo seus tons mais carregados: o Nacional Socialismo Alemão, com sua falta de traquejo em diferenciar o indivíduo da pessoa, devido ao seu particularismo, fator inadmissível na concepção integralista; e o Fascismo italiano, com sua plenipotência exagerada, o que sugeriu a ideia de que, de um lado, “o *Führer* não passava de uma sombra caricata dele mesmo” e que de outro, o *Duce*, “era mesmo um ótimo ator, mas cujas atuações estavam prestes a desaparecer atrás do pano da história”, como diria certa vez, o próprio Salgado. (*A Marcha*, 5/7/1958, 6)

Hélio Rocha, membro dos Águias Brancas, corroborava, nos anos 1940 e 1950, a intenção de desvincular os regimes de suas respectivas ideologias. Segundo o *Águia Branca*, quando “Mussolini escreveu em *La dotrina Del Fascismo* que para o fascista, tudo reside no Estado, e nada tem valor nem no ser humano ou espiritual, se estiver com seu valor desvinculado ao Estado, *percebeu-se a diferença maior ente o Duce e Plínio Salgado: Para o chefe, o homem é centro de movimentos. A sociedade só pode funcionar sem angústias tendo os direitos como centro o homem. O fascismo proclama: ‘nada fora do Estado’, o integralista grita: ‘nada fora do homem’*. O fascista diz: ‘a Nação é criada pelo Estado’, o integralista: ‘O estado é a nação’. *Nada mais inconciliáveis que os conceitos fascistas e integralistas...*”. (ROCHA, EI, VI, 1959, 37). A diferença sustentada pelos integralistas afirmava que, no regime da Democracia Integral, os direitos e os deveres humanos surgiram para sustentar a primazia dos homens, ao passo que nos regimes totalitários, as relações eram exercidas com a finalidade de preservar a primazia do Estado. Em depoimento publicado no sexto volume da *EI*, Félix Contreiras Rodrigues¹⁷², integralista da primeira geração, enfatizou que o que aproximava o manifesto integralista dos documentos estrangeiros¹⁷³ eram, “no máximo, alguns pontos estéticos”. (CONTREIRAS, EI, VI, 1959, 127). O integralista atestou que, a despeito da aparência, tratavam-se de manifestos diferentes:

¹⁷² Félix Contreiras Rodrigues que era o chefe provincial do integralismo gaúcho, reproduziu a declaração de Plínio Salgado para quem: “(...) os pontos estéticos do integralismo, embora se aproximassem dos constituídos pelo fascismo, possuíam certas peculiaridades (...)”. Apud: SALGADO, P. *EI*, Vol. I, p.46.

¹⁷³ Os documentos principais desses regimes foram citados no intuito de apresentar as diferenças entre os documentos europeus e o Manifesto de Outubro, caracterizado, por diversas vezes, como a Carta Magna Integralista.

Estudando-o em face, por exemplo, da Carta das Liberdades do Carmo; do Programa dos Fasci di Combattimento e do *Statuto per il Partito Nazionale Fascista* da Itália; do Programa político e econômico do Partido Nacional Socialista do operário Alemão; dos discursos fundamentais de Salazar (este mais adequado a um corpo mais fechado de doutrina do que os demais documentos inaugurais) percebi que algo de semelhante acontece, ainda em mais alta escala, com os grandes documentos pontífices modernos, por exemplo as encíclicas, *Rerum Novarum* e *Quadregéssimo Anno*, respectivamente elaboradas por Leão XIII e Pio XI. Todas me auxiliaram no que agora eu vos entrego. O Manifesto é diferente de todos estes documentos, embora tenha adquirido ao longo do tempo uma clara inspiração estética (...). (CONTREIRAS, EI, VI, 1959, 126).

De acordo com Plínio Salgado, todos estes documentos europeus e as encíclicas “foram enquadrados como semelhantes, pois não contemplavam a sua proposta que era solucionar os problemas de um curso mal administrado na história”. (SALGADO, EI, I, 1957, 89) Para o líder integralista, “o Integralismo pretendia ser o diferencial dos demais, o solucionador, o leme, neste tortuoso caminho de inverossímeis semelhanças...” (SALGADO, EI, I, 1957, 88) Tornou-se consenso entre os membros do movimento entender que o integralismo caminhou para uma espécie de síntese apresentada em todos estes documentos, mesmo os religiosos, pois possuía, antes de tudo, a “pretensão de ensinar o abecedário religioso ao homem” (DÓREA, EI, VIII, 1960, 91) Por isso, a comparação e a dissimulação em afirmar que seu documento (o Manifesto de Outubro) era o “mais bem acabado e melhor elaborado em termos de doutrina”.(SALGADO, EI, I, 1979, 91). Plínio Salgado também declarou, por diversas vezes, que o Integralismo não poderia ser confundido com o Fascismo ou Nazismo, pois, em essência:

(...) ambas doutrinas impunham ao homem um sacrifício de alma ao Estado, através da responsabilidade do *füher* ou *duce*. Se o integralismo se difere do fascismo pela ação contrária ao absolutismo do Estado, também se distancia do nazismo, não só pela reivindicação dos direitos essenciais da pessoa, mas principalmente por repelir em consequência o racismo e a decorrente esterilização. A ideia *mater* do Nazismo foi a superioridade da raça germânica sobre os outros povos. A ideia do Integralismo é a superioridade da possibilidade de uma Nação Integral. (SALGADO, EI, I, 1979, 116).

A recorrência com que Salgado enfatizou as diferenças entre os Estados totalitários europeus e o integralismo, descrevendo minuciosamente tais supostas diferenças, contradizia certas colocações do líder integralista. Nesse sentido, um elemento que chamou a atenção refere-se à admiração que Salgado demonstrou nutrir pelo ditador português, Antonio Salazar, entusiasmo que se acentuaria tempos depois, durante o autoexílio de Salgado em Portugal, e que se perpetuaria até a morte do integralista. (SALGADO, Câmara dos Deputados, 6/7/1972) Tornava-se contraditório o integralismo apregoar um afastamento dos regimes totalitários sendo que o próprio Salgado exaltava sua admiração por um ditador totalitário. Em outro trecho, Salgado alimenta ainda mais a incoerência:

Nosso Manifesto resume as verdades essenciais do momento. Antes de tudo, esclarece-nos frente à radical diversidade que existe entre o fascismo e nazismo, de um lado, e integralismo do outro. De qualquer maneira, o movimento de Mussolini, com seu característico cesarismo, e o de Hitler, com seu racismo radical, são expressões de uma visão particularista do mundo. São filhos, ainda, do negativismo moderno. *Não vai nessa análise, nenhum desconhecimento da grandeza interior desses dois movimentos, nem do serviço inoxidável que lhes ficou devendo a humanidade, que certa vez até os caracterizei como movimentos de salvação*, pelo menos no instante agudo da crise desagregadora. Mas é necessário acentuar-se aquela diversidade, dada a resistência com que os gratuitos do Sigma acusam de totalitarismo estatal a doutrina integralista. (SALGADO, EI, III, 1958,48)

A despeito da pendular postura de Salgado, oscilando entre elogios e o distanciamento de pontos considerados desconfortáveis para o integralismo (como o autoritarismo e mesmo a pecha de totalitarismo caboclo), os integralistas perceberam que a tentativa de se diferenciar dos regimes mencionados não funcionava de maneira convincente. Gumercindo R. Dórea, inspirado na obra de Plínio Salgado, *A Quarta Humanidade*, também escreveu algumas linhas a respeito do distanciamento entre o integralismo e o nazifascismo. Para Rocha Dórea, tratavam-se de “coisas imiscíveis e incomparáveis”. Descreveu o editor da Enciclopédia que:

No velho berço da latinidade, ergueu-se o *fascio*, com a adição das forças nacionais; no Báltico, remanescentes arianos, ergueu-se a cruz suástica, expressão de um sentimento racial; na estepe, a bandeira vermelha desfraldou-se com o velho espírito semita de totalização humana, num sentido de materialismo; aqui, no Brasil, um homem arguto, cheio de instintos percucientes, que herdou de seus próximos avós selvagens, ‘o homem telúrico’, desfralda a bandeira do Sigma. A doutrina do Integralismo não vai buscar sua inspiração no otimismo de Locke, nem nos excelsos pessimistas de Hobbes, imaginando o Leviatã, o Estado absorvente, anulador de liberdades... Por isso, essa obra de educação chamamos de ‘revolução espiritual’, e é em função disto que nos distinguimos do fascismo e hitlerismo. (DÓREA, EI, VI, 1959, 83)

Uma das lideranças católicas dentro do integralismo do pós-guerra, Hélio Rocha, na maioria de seus depoimentos contrapôs o caráter cristão do integralismo ao perfil agnóstico dos regimes totalitários. Sua concepção baseava-se na seguinte premissa:

Sendo o Integralismo algo novo, na sua aplicação sul-americana, é, contudo, na sua essência, a cristalização do cristianismo... Deste modo, o mais rudimentar dos raciocínios alcança, de pronto que o Integralismo e Totalitarismo são filosofias inconciliáveis. O binômio Nacionalismo-Cristianismo exclui, racionalmente, qualquer tentativa de aproximação, entre a filosofia integralista e as totalitárias existentes. Como Nacionalistas, constituímos o polo diametralmente oposto aos totalitarismos de esquerda e direita, aos quais por coerência aos seus postulados estadistas, não de violentar e absorver a Personalidade humana. Vê-se então, que seria empresa de insensato alguém aproximar o Integralismo dos totalitarismos... (DÓREA, EI, VI, 1959, 74)

O integralista também questionou a vinculação do movimento com as ideologias totalitárias por creditar ao integralismo um caráter “eminente cristão, que o diferenciaria dos demais regimes”. (ROCHA, EI, VI, 1959,74). Segundo Rocha, “seria impossível conciliar o Totalitarismo cujo fundamento é anticristão com o Integralismo que é, por essência inspiração Evangélica”. (ROCHA, EI, VI, 1959,75). Para Hélio, Plínio Salgado havia sido o maior dos combatentes do regime totalitário alemão:

Numa série de artigos fartamente documentados, estudei a influência nacionalista do Integralismo na desnazificação do Brasil... Provei as invenções dos criptocomunistas de Maritain. Primeiramente, provei que Plínio Salgado foi o primeiro jornalista sul-americano que rompeu fogo contra o nazismo; segundo, provei que nenhum escritor brasileiro criticou mais o nazismo que ele, e isso, justamente na época em que todos cortejavam os totalitarismos triunfantes; e em terceiro, provei que foi ele, Plínio S., o político brasileiro mais atacado pelos nazistas (...) Assim, há um abismo absoluto entre Integralismo e Totalitarismo... mesmo embora ainda persistam pessoas do calão de um, Tristão de Ataíde, Hamilton Nogueira, Carlos Lacerda, Orlando Vilela, Raquel de Queiroz, Gustavo Corção, uma geração que pós-1945 continuava a chamar Plínio Salgado de nazifascista. (ROCHA, EI, VI, 1959,87)

Como todos os integralistas das três gerações presentes na *EI*, Félix Contreiras também descaracterizou a aproximação entre os regimes autoritários e o integralismo. Simpatizante do movimento mesmo depois do fechamento da AIB, o integralista gaúcho, em tempos de democracia, continuou contestando aqueles que acusaram o integralismo de nazifascismo caboclo e defendeu, até a segunda metade da década de 1940, um regime que congregasse as propostas contidas no Estado Integral, com outro que não cometesse as injustiças que o presidencialismo centralizador havia cometido. Nesse sentido, ele sugeriu o parlamentarismo como uma solução paliativa. Começava aí a minar suas convicções, uma vez que a finalidade do integralismo era mesmo o Estado Integral viabilizado pelo corporativismo de representação sindical e não a representatividade parlamentar.

A verdade é que o nosso ideal democrático não coincide com a Democracia Liberal, mas daí não decorre que nos caiba impedir por quatro votos ou mesmo dificultar o melhor jogo do regime hoje operante no Brasil... Talvez, o Parlamentarismo abraça uma esperança a este rumo... Este é o mais sério dos nossos compromissos políticos... Quem sabe se através do parlamentarismo, por sua dualidade mesma, não se possa encaminhar a opinião pública e depois desta a própria política na direção em que enxergamos a salvação nacional? Que readquira o seu Parlamentarismo a Democracia liberal. Melhor para ela... Nós reservamos o corporativismo para a Democracia Integral. Mas até lá nos contentaremos com as formas mais promissoras... (RODRIGUES, EI, III, 1958,126-7).

Não se deve negligenciar o fato de que este é um escrito datado de finais da década de 1940. Portanto, as perspectivas político-partidárias já obedeciam ao ritmo democrático. As disposições do então PRP eram muito claras: necessitavam amoldar muitos de seus elementos às

proposições democráticas, o que significava realizar coligações partidárias e modificar pontos que faziam daquele antigo partido integralista um partido totalitário. Diferente dos idos de 1930 - em que a falta de organização política acabou por derrotar a tão sonhada pretensão de um Estado Integral, corporativista e, antes de tudo, centralizado - , na vigência do regime pluripartidário e democrático, a descentralização era fundamental. Portanto, a proposta paliativa de Contreiras endossou a nova postura do movimento integralista do pós-guerra, indicando o Parlamentarismo como um degrau necessário à institucionalização do Corporativismo Integral. Nos anos 1940 e 1950, as propostas políticas do integralismo permaneceram à espreita dos acontecimentos. Uma espera que, acreditavam os integralistas, “chegaria ao fim com a necessidade de resolução dos problemas nacionais, pois seriam os únicos a efetivar um novo projeto para a Nação”. (*Idade Nova*, 08/12/1947) Os integralistas ainda nutriam vagas esperanças de representarem esta mudança.

No entanto, excluindo o período militar, no qual diversos integralistas tomaram participação direta, ensaiando uma tímida tomada de poder, mesmo que de forma coadjuvante, tais oportunidades jamais apareceram realmente. Isso foi bastante perceptível em alguns depoimentos da *EI*, principalmente os que abordavam temáticas relacionadas à atuação partidária do integralismo no pós-guerra. Em 1949, a despeito de toda a postura contrária à influência do nazifascismo, Félix Contreiras Rodrigues, que sugeriu a solução paliativa do parlamentarismo, foi acusado por um repórter dos *Diários Associados* de “permanecer fiel às aproximações com os diversos fascismos mesmo tentando se disfarçar de democrático”. Pesadas as diferenças básicas, Contreiras acabou por confirmar a inspiração fascista do integralismo. Tímido, mas contundente, afirmou:

Sim, de fato, incontestavelmente o Integralismo sofreu sua influência. Os cidadãos brasileiros de origem alógena, em certo momento das tropelias de Mussolini e Hitler, chegaram a ver no Integralismo uma reprodução de um e de outro daqueles fenômenos europeus, desvirtuando a brasilidade de início desesperada (...) Não só o Miguel Reale, mas o Gustavo Barroso exageraram a doutrinação, e o próprio chefe, Salgado chegou a escrever tópicos que para os leitores intolerantes comprometiam a democracia que o caracterizava. (RODRIGUES, *Diário de Notícias*, 26/3/1949, 14. Apud: CALIL, 1998, 110)

Por sua vez, Raymundo Padilha, chefe provincial paulista, buscando uma solução técnica para a questão do disfarce que o corporativismo teria nos quadros propostos pelo PRP, corroborou as palavras de Contreiras, levantando o aspecto econômico da questão:

O PRP é democrático e cristão, e embora o corporativismo não seja condenado pela igreja - pelo contrário, está informado pelo seu espírito - o Partido não crê na viabilidade de um regime corporativo, o qual pressupõe uma disciplina e uma unidade impossível de realizar num país de economia poli fórmica. A expressão economia dirigida é vaga quando com ela não se discute uma economia de Estado, de cunho totalitário. A solução, talvez esteja no termo, uma feliz combinação entre a livre iniciativa e o controle dos governos o qual não deve exercer instituído nos controles legais e isso, de repente, até pode ser resolvido com um parlamento sério. (*A Marcha*, em 24/11/1955, 14)

Por fim, contrariando todas as suas declarações anteriores, e a despeito de parecer leviano nas suas afirmações e comprometer com isso não só sua imagem, mas principalmente a do movimento integralista, Plínio Salgado afirmou algo que fez enfraquecer a convicção de seus seguidores. Outra vez indagado a respeito das semelhanças dos respectivos regimes, declarou: “(...) não serei leviano em afirmar que preto é branco. Nos anos trinta, tínhamos uma satisfação a prestar perante uma Nação inteira, mas o fato é que, embora sejam regimes diferentes, e o são, *tanto a Democracia Integral como os regimes ditos totalitários teciam aparências muito aproximadas um com o outro*. Estética? Interesses aproximados? Sim. Conduta? Ideologia? Definitivamente não!”. (SALGADO, EI, I, 1957, 119). A declaração de Salgado, datada originalmente de finais da década de 1940, confirmou que todos os adjetivos atribuídos contra os integralistas tinham certa proximidade com o real. Comprovou-se que o tradicionalismo, autoritarismo e radicalismo integralistas deitavam raízes na aproximação com os regimes em questão. No entanto, tal comprovação não impediu que a problemática permanecesse polêmica no movimento integralista, principalmente porque para muitos simpatizantes tal declaração “não passava de uma interpretação de má fé de seus adversários”. (*Idade Nova*. Setembro de 1949) A despeito dos registros históricos, para os integralistas incrédulos, o movimento jamais teceu aproximações ideológicas com os regimes totalitários. A documentação italiana analisada por João Fábio Bertonha atesta o contrário. (BERTONHA, 2000, 08)

O CATOLICISMO INTEGRALISTA

A relação do integralismo com a Igreja Católica se dá de maneira diversa em dois momentos: os anos 1930, quando a aproximação é mais que uma colaboração ideológica, e os anos 1950, quando a argamassa que unia suas relações também aproximava grande parte da sociedade civil da época: o anticomunismo. No primeiro momento, ao longo da década de 1930, observou-se uma aproximação entre os integralistas e os setores mais conservadores da Igreja Católica brasileira. O ano de 1935 aparece, então, como ano chave desta década no que diz respeito à tomada de posições político-partidárias e ideológicas do país. No final deste mesmo ano, a Intentona Comunista e sua repressão imediata significaram o fechamento de espaço às forças populares emergentes. A ala mais conservadora da Igreja, que tinha no comunismo seu maior inimigo, não hesitou em posicionar-se a favor dos movimentos contrários a ele.

Em um segundo momento, o leque de ações de ambas as instituições favoreceu uma aproximação diferente da anterior. A igreja dos anos 1950/60, diversamente do período anterior, começou a se preocupar com as camadas populares que formavam sua base social. Do início dos anos 1950 até o golpe de 1964, alguns setores da Igreja Católica no Brasil - ligados à direção da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), criada em 1952, e a grupos de Ação Católica - passaram a assumir posições de apoio a lutas populares, o que fez com que as críticas ao comunismo ou a determinados aspectos do capitalismo (como o laicismo e a secularização) dessem lugar ao

questionamento das injustiças sociais. Estava surgindo, nesse momento, uma espécie de esquerda católica que, todavia, ocupava posições não majoritárias dentro da instituição, a qual se mantinha como atuante batalhadora contra o comunismo.

A preocupação da Igreja com questões sociais geradas pelo modelo de capitalismo no país, como a fome e o desemprego fortalece grupos vinculados à juventude católica, incentivando-os a criarem em 1960, a Juventude Universitária Católica (JUC), forte segmento da base jovem da igreja influenciada pela Revolução Cubana e por teóricos católicos esquerdistas como Jacques Maritain. Progressivamente, os jucistas passaram a questionar a sociedade capitalista, o que leva a JUC a aderir formalmente ao socialismo e, como reflexo do crescimento do marxismo na América Latina, a vivenciar uma crise com a hierarquia da Igreja. Pressões de setores conservadores da Igreja (mais próximos ao integralismo) levam, então, os militantes da JUC a criar um movimento de esquerda, a Ação Popular (AP) que visava o claro embate com as forças reacionárias da igreja de então.

No entanto, tal comportamento foi se matizando, ao ponto de, em finais da década de 1950, o próprio anticomunismo antes acirrado foi dando lugar a uma atitude mais equilibrada: combatia-se o comunismo, mas entendia-se que os males do capitalismo é que tinham provocado a expansão comunista. (FAUSTO, 2000, 446) A Igreja, diante da publicação da encíclica *Mater Magistra* do Papa João XXIII - em maio de 1961, a primeira a tratar explicitamente dos problemas do mundo subdesenvolvido, teve um importante incentivo para o catolicismo reformista não radical. Diante desse quadro, as relações entre o integralismo e o catolicismo entrava em uma outra fase. Era necessário explicitar um mote que pudesse unir as expectativas de ambos. Ao contrário da igreja, que buscava outras formas de militância, cada vez mais aberta ao esquerdismo, o integralismo desse mesmo período, relutou mais que a igreja no que tange à mudança de comportamento. Nesse sentido, é importante lembrar que a relação que o integralismo construiu com a Igreja Católica sempre foi ambígua e mediada por embates. Ora aliada, ora antagonista, a Igreja, por meio do catolicismo foi o interlocutor mais próximo do integralismo. Embora, no período pós-guerra sua relação não tenha sido tão consistente, quanto o fora nos anos 1930, os escritos da *Enciclopédia do Integralismo* atestam que a Igreja possibilitou o fortalecimento da doutrina integralista. Em linhas gerais, a doutrina, ao enfatizar o lema “Deus, Pátria e Família” e seu consistente anticomunismo ensejava naturalmente uma aproximação com o catolicismo.

Autores das três gerações integralistas apresentaram na *Enciclopédia* textos com temática religiosa: Plínio Salgado, Hélder Câmara, Leopoldo Ayres e Lúcio José dos Santos, afirmaram em escritos originais dos anos 1930, que a ideia de força coletiva perpassava necessariamente a relação entre as fontes da modernidade e da tradição, relação esta em que a tradição era personificada pela religião e a quebra dos individualismos ou coletivismos radicais. Plínio Salgado, como chefe do movimento Salgado dirigiu-se aos seus militantes apresentando-se como uma liderança religiosa, detentora da prerrogativa da mediação entre os militantes e a divindade. Exemplos que atestam

esta tentativa de mediação são as suas *Mensagens de Natal*, que foram em partes retratadas em trechos do compêndio.¹⁷⁴ No entanto, em detrimento dessa postura mediadora assumida por Salgado e a aproximação com os preceitos cristãos, o integralismo logrou uma relação pendular com a hierarquia da Igreja Católica, no sentido de que se valorizava os preceitos cristãos apregoados pelo catolicismo, mas se mostrava independente no tocante à sua concepção ideológica.

A influência que alguns líderes católicos (aglutinados em torno da revista *A Ordem* e do Centro Católico Dom Vital¹⁷⁵) exerceram sobre Plínio Salgado, se deu, principalmente devido à identificação do líder integralista com os setores mais conservadores do catolicismo brasileiro. O Centro Católico Dom Vital permaneceu como o núcleo da intelectualidade católica, ao passo que a Revista *A Ordem* se consolidou como a porta-voz de uma específica manifestação católico-nacionalista que tinha seu maior foco nas ideias antiliberais e anticomunistas. Ambos foram inicialmente dirigidos por Jackson de Figueiredo e, depois, por Alceu Amoroso Lima, personagem que viria a contrapor-se veementemente ao integralismo a partir dos anos 1940, período caracterizado por uma constante tensão entre a ala mais ortodoxa da Revista *A Ordem* e Plínio Salgado.

Os escritos que na *Enciclopédia* abarcam a temática religiosa foram, via de regra, expressões do mais alto grau do comportamento hierarquizado e disciplinado dos integralistas com relação às figuras mitificadas de Jesus Cristo e do chefe, Plínio Salgado. Cabe ressaltar que, nesses volumes, não foram selecionados nenhum escrito do então Padre Hélder Câmara, vinculado à temática religiosa. Os textos escolhidos pelo editor para representar Câmara resumiram-se nos artigos de combate a Severino Sombra, a quem acusava de “vestir-se de cristão, no intuito de flertar inclusive com os maçons”. (CÂMARA, EI, V, 1959, 35) Até mesmo durante o autoexílio de Salgado em Portugal os membros integralistas escreviam a respeito da necessidade de se preservar a chama religiosa cristã integralista. A permanência de Plínio Salgado na Península Ibérica foi determinante para que este escrevesse em terras portuguesas o livro: *A Vida de Jesus*. De volta ao Brasil em agosto de 1946, Salgado fortaleceu a relação com a base católica do então recém-criado PRP visando consolidar as bases de uma coalizão que viabilizasse sua progressão política. Nos anos 1950, a relação integralista/católica enfraqueceu-se paulatinamente.

Em um dos mais longos depoimentos relacionados à temática religiosa, Leopoldo Ayres, traçou um paralelo entre a situação social vigente na época (anos 1930) e as propostas contidas em

¹⁷⁴ Exemplos dessas Cartas natalinas podem ser consultados nos jornais integralistas da década de 1930 e perrepistas das décadas de 1940 e 50. Cf: “Carta de Natal e Ano Novo”, dirigida por Salgado, no Natal de 1935. Durante o período de vigência do PRP, a praxe continuou. Ver: *A Marcha*, 24 de dezembro de 1954, 56 e 57. O texto das Cartas de Natal e dos desejos de prosperidade, em muitos de seus exemplares, terminava com a seguinte frase: “E que a bondosa preponderância dos justos seja iluminada pelo Pai criador. Que a bandeira do Sigma [na época da AIB e depois de 1957] ou: Que a bandeira da paz [durante o período de pouca contestação do simbolismo integralista] recubra a todos nós. Salve o movimento. Viva o Brasil. E lembrai: Cuidai primeiro do reino de Deus e da justiça que, tudo o mais virá por acréscimo”. Cartas de Natal.

¹⁷⁵ A Revista *A Ordem* foi fundada em 1921 e o Centro Dom Vital, em 1922. Tiveram como diretores: Jackson de Figueiredo, Tristão de Ataíde (Alceu Amoroso Lima) e Perillo Gomes. Além disso, contaram com a colaboração dos seguintes nomes: H. Sobral Pinto, Hamilton Nogueira, Augusto Frederico Schmidt, Jonathas Serrano, Plínio Corrêa de Oliveira, Pedro Dantas, Luiz Delgado, Afonso Celso, dentre outros.

duas encíclicas papais: *Rerum Novarum* e *Quadragesimo Anno*.¹⁷⁶ Uma questão permeou toda sua fala: se o integralismo era totalitário, como muitos afirmavam, onde residia seu caráter cristão? Essa questão ganhou maior relevância quando publicada na *Enciclopédia*, pois os anos 1950 exigiam com clareza a posição política de seus indivíduos.

A temática da religião não foi exclusividade das primeiras gerações de escritores integralistas. Diversos representantes da terceira geração (anos 1950-60) também se preocuparam com o tema. Dentre eles, destacaram-se os *Águias Brancas*: Hélio Rocha, Ivan Luz, Genésio Pereira Filho e Gumerindo Rocha Dórea. Este último, afirmou que “se tratava de um desfile de gerações que debateria o mesmo tema e realizaria uma obra de cultura, ordenada quanto a sua essência e substância, ainda que variada nas posições e perspectivas (...) que serviria para avaliar o peso e a força da grandeza da religião e do Integralismo Brasileiro”. (DÓREA, EI, VIII, 1959, 9) Para Ivan Luz, “o liberalismo concebeu um Estado sem finalidade; o fascismo, um Estado com finalidade em si mesmo; o nazismo caminhava para a negação do Estado, com a idealização da supremacia racial; e o comunismo era a sua negação total, logo seria preciso determinar uma teleologia integralista que, baseado na religiosidade, se afinaria numa escala de instrumentalidade frente ao perigo da falta de religiosidade”. (LUZ, EI, VIII, 1959, 57)

Os documentos produzidos por esta geração de autores integralistas dialogaram com as mais variadas vertentes do catolicismo. Não obstante, os escritos que apresentaram como pano de fundo a relação conflituosa entre o integralismo e o Maritanismo¹⁷⁷, permeou boa parte dos textos de temática religiosa. Os maritanistas foram desqualificados com os mais variados adjetivos, ao longo dos volumes da *Enciclopédia*. Segundo os integralistas, os “esquerdistas de Maritain”, sob os quais também pesava outro epíteto, o de “discípulos falsificadores de imagens alheias”, não eram moralmente capazes de influenciar a sociedade, sob o julgo de terem que apresentar o seu verdadeiro propósito: “sua sempre condenável socialização do catolicismo”. (ROCHA, EI, VIII, 1959,131) Deste modo, não causa surpresa o fato da revista *A Ordem* - na qual escrevia alguns *maritanistas* -, referir-se ao líder integralista nos seguintes termos: “revolvamos estas fezes”, ou então “apontemos o dedo para registrar sua produção literária, esta verdadeira e pura bestiologia”. (LIMA, A Ordem, 1946,57)

¹⁷⁶ Verdadeira carta de princípios do catolicismo social, que se referia à condição dos trabalhadores da época, a encíclica *Rerum Novarum* foi promulgada pelo papa Leão XIII, em 1891. Quarenta anos depois, em 1931, o Papa Pio XI em comemoração às quatro décadas da *Rerum Novarum*, promulgou outra encíclica, denominada *Quadragesimo Anno*, na qual, distinguindo os dois ramos do socialismo (o comunista, propugnador da violência e o socialismo moderado), visou alertar os católicos em relação ao iminente “perigo comunista”. A encíclica retoma e desenvolve a doutrina social da Igreja, afirmando a exigência de conciliar capital e trabalho por meio de uma distribuição mais igualitária dos lucros e uma certa submissão do exercício da propriedade ao interesse público. Além disso, aprovava a organização corporativista e recomenda uma maior participação na ação católica. Na encíclica lê-se: “(...) não vá alguém pensar que os partidos ou grupos socialistas que não são comunistas se contentem todos, de fatos ou de palavras, com isso apenas (...) [referindo-se à justiça social] Eles suavizam, de algum modo, a luta de classes ou a abolição da propriedade, porém não as suprimem”. E, mais adiante, em expressões definitivas, Pio XI declara: “(...) Socialismo religioso, socialismo cristão, são termos contraditórios; ninguém pode, ao mesmo tempo, ser bom católico e socialista verdadeiro”. Pio XI finaliza o texto da encíclica afirmando peremptoriamente que: “o socialismo é filho do liberalismo e pai do bolchevismo”.

¹⁷⁷ Jacques Maritain (1882-1973) desempenhou um papel significativo no movimento de renovação intelectual e espiritual do catolicismo francês, no período entre guerras, que se aproximava do liberalismo.

A despeito dos ataques que partiam de líderes leigos e religiosos dos mais variados matizes, por vezes denominados de “maritanismos de ocasião”, registram-se, nos escritos da *Enciclopédia do Integralismo*, diversos trechos que apontam para uma série de repostas a outra espécie de adversário, talvez muito mais atuante: a imprensa de grande circulação, para a qual a vinculação entre o catolicismo e o integralismo era “uma mistura bastante perigosa”. (*Diário da Noite*. Setembro de 1958, 3) A exemplo dos apontamentos de Ivan Luz e Hélio Rocha, que se concentraram nas ações dos adversários e nas reações dos adeptos de Salgado, as considerações de Gumercindo Rocha Dórea e Genésio Pereira Filho sobre a temática religiosa focalizaram a atuação do líder integralista, reputada por estes como (sic) “irrepreensível do ponto de vista moral religioso” (DÓREA, EI, VIII, 1959, 140). Deste modo, a conexão entre integralismo e catolicismo foi apresentada nos textos da *Enciclopédia do Integralismo* como um binômio indispensável para a manutenção do ideário integralista, como o mais importante interlocutor do movimento.

Embora, os escritos referentes à temática da religião tenham se pautado, antes de tudo, por uma explícita valorização da figura de Plínio Salgado, como se este fosse uma espécie de entidade intermediária entre as ações humanas e divinas, herdeiro legítimo das tradições do catolicismo; em várias passagens, registraram-se elementos de tensão nos textos publicados. O fato de o catolicismo ter se tornado uma espécie de contraponto para o integralismo, no sentido de que fora um misto de aliado e adversário, vem reforçar a necessidade de se aprofundar o estudo das relações mantidas pelo movimento integralista e a Igreja Católica, especialmente no que diz respeito ao grau de contraposição de alguns de seus líderes diante da doutrina integralista, sobretudo a partir da década de 1940.

Em um período em que a presença comunista (como possibilidade ou fato) foi o maior álibi da sustentação integralista/católica, a constatação de que o catolicismo havia sido um dos únicos interlocutores do movimento só veio a acentuar a necessidade dos integralistas procurarem canais de aproximação com novos setores da sociedade. No entanto, mesmo com o esforço dos integralistas a tentativa de aproximação não encontrou ressonância. A relação duradoura junto ao catolicismo terminou como um monólogo integralista. Mas a predisposição integralista aos preceitos religiosos estimulados pelo conteúdo impresso nas encíclicas papais de finais do XIX (alerta contra o liberalismo e o comunismo) possibilitou o crescimento das aspirações integralistas. Esta postura foi o único ponto de contato que sobreviveu da relação entre o catolicismo e o integralismo em finais dos anos 1950. Como pano de fundo a criação de um *estado* forte e centralizador pôde fazer da ideologia integralista o elo que uniu decisões políticas e atitudes religiosas.

A relação entre o integralismo e a Igreja Católica sempre foi mediada por embates. O catolicismo demonstrou ser, ao longo de toda a história do movimento integralista, um contraponto nas diversas relações efetuadas pelo movimento. Ora aliada, ora antagonista, a Igreja, por meio do catolicismo foi o interlocutor mais próximo do integralismo. Embora, a relação do integralismo do pós-guerra com a Igreja não fosse tão consistente, os escritos da *EI* atestam que a Igreja possibilitou o fortalecimento da doutrina integralista. Em linhas gerais, a doutrina, ao enfatizar o lema “Deus, Pátria e Família” ensejava naturalmente uma aproximação com o catolicismo.

O líder católico integralista Lúcio José dos Santos, afirmou que “a ideia de força coletiva perpassava necessariamente a relação entre as fontes da modernidade e da tradição, relação esta em que a tradição era personificada pela religião e a quebra dos individualismos ou coletivismos radicais”. (SANTOS, EI, II, 1957, 48) Ao atentar para a vocação católica do integralismo, Santos lembrou que, “mesmo a modernidade prevalecendo, não é de bom grado esquecermos da força que ainda detém a tradição (...) e a solidez que a religião católica ainda detém em nosso meio”. (SANTOS, EI, II, 1957, 49)

Eric Hobsbawm, afirmou que a visão predominante da Igreja Católica em todo mundo na década de 1930 pressupunha uma sociedade estruturada na hierarquia e no corporativismo. De acordo com o historiador britânico, os valores reacionários consagrados pelo I Concílio Vaticano de 1870 eram predominantes na postura vigente da Igreja. No entanto, não é correto afirmar que a Igreja enquanto instituição era fascista. Mais apropriado seria assegurar que os preceitos autoritários apoiados por setores da Igreja foram em grande parte elaborados em círculos fascistas. Nas palavras de Hobsbawm: “(...) na década de 1930, o que ligava a Igreja aos reacionários anacrônicos e aos fascistas era o ódio comum ao Iluminismo e à Revolução Francesa e por tudo que deles derivava: a democracia, o liberalismo e principalmente o ‘comunismo ateu’”. (HOBBSAWMM, 1995, 234)

Os escritos que na *EI* abarcam a temática religiosa são, via de regra, expressões do mais alto grau do comportamento hierarquizado e disciplinado dos integralistas com relação às figuras mitificadas de Jesus Cristo e do chefe, Plínio Salgado. Cabe ressaltar que, nos volumes da *EI*, o mais significativo representante do catolicismo integralista, Padre Hélder Câmara não apresentou sequer um artigo vinculado à temática religiosa. Sua participação resumiu-se em combater Severino Sombra, a quem acusava de “vestir-se de cristão, no intuito de flertar inclusive com os maçons” (CÂMARA. EI, V, 1959, 35) Tanto para a Igreja quanto para o integralismo os elementos morais da nacionalidade eram, sobretudo, a religião e a família. Por outro lado, os integralistas questionavam a separação entre Estado e Igreja, pois de acordo com Plínio Salgado, “nenhum Estado poderia se furtar ao cumprimento desse dever com Deus”. (SALGADO, 1946, 141) Outro elemento significativo levantado por Lúcio José dos Santos tratava da necessidade da construção de um Estado forte, baseado nos preceitos da hierarquia e da religião.

Outros integralistas tentaram estabelecer parâmetros de diferenciação entre as noções de Estado integral e Estado totalitário. De acordo com Rodolpho Josetti, “o estado integralista só é totalitário no sentido de ser a expressão dos interesses legítimos de todas as classes e profissões, de ser a resultante de todas as forças vivas da nação contra a ameaça do espectro comunista (...) Sendo assim, totalitarismo, extremismo de direita, e outras designações que se têm empregado ao integralismo são inadequadas e injustas, visando apenas torná-lo suspeito”. (JOSETTI, EI, II, 1957,41) A postura do integralista em assumir para o movimento um perfil totalitário, afirmando-se como tal, apenas para proteger seus militantes e resguardar o país da ameaça comunista acentuou ainda mais a incoerência de alguns membros integralistas. O gaúcho Luiz Campagnoni, membro contemporâneo

da AIB também registrou suas preocupações religiosas. Em seu depoimento, o integralista sentenciou que “o que mais saltava aos olhos quando ouvia a pregação político-católica de Plínio Salgado era a sua forte ligação religiosa que, misteriosamente, fazia com que militantes e não militantes, cristãos e não cristãos ficassem hipnotizados em suas palestras” (CAMPAGNONI, EI, III, 1958, 89) Similar apreciação teve Leopoldo Ayres, também representante das primeiras gerações integralistas, para quem “prestigiar o Integralismo significava fazer a nossa parte, no jogo existencial entre o divino e o humano (...) no intuito sempre premente de que Deus nos ajudasse, sobretudo, nas horas incertas e perigosas em que vivemos sós” (AYRES, EI, IV, 1959, 136-7).

Até mesmo durante o auto exílio de Salgado em Portugal os membros integralistas escreviam a respeito da necessidade de se preservar a chama religiosa cristã integralista. Além disso, confirmaram por meio de correspondências¹⁷⁸ trocadas com o líder integralista que, mesmo fora do território brasileiro, Salgado continuou vinculado ao ideário católico. A permanência de Plínio Salgado na Península Ibérica foi determinante para que este escrevesse em terras portuguesas o livro: *A Vida de Jesus*. De volta ao Brasil em agosto de 1946, Salgado fortaleceu a relação com a base católica do então recém-criado PRP visando consolidar as bases de uma coalizão que viabilizasse sua progressão política. Nos anos 1950, a relação integralista/católica enfraqueceu-se paulatinamente.

A temática da religião não foi exclusividade das primeiras gerações de escritores integralistas. Diversos representantes da terceira geração de autores integralistas também se preocuparam com o tema. Dentre eles, destacaram-se os Águias Brancas: Hélio Rocha, Ivan Luz, Genésio Pereira Filho e Gumercindo Rocha Dórea. Este último, afirmou que “se tratava de um desfile de gerações que debateria o mesmo tema e realizaria uma obra de cultura, ordenada quanto a sua essência e substância, ainda que variada nas posições e perspectivas, pois seria um acontecimento singular e único na História de um Povo (...) que serviria para avaliar o peso e a força da grandeza da religião e do Integralismo Brasileiro”. (DÓREA, EI, VIII, 1960, 9).

Para Ivan Luz, “o liberalismo concebeu um Estado sem finalidade; o fascismo, um Estado com finalidade em si mesmo; o nazismo caminhava para a negação do Estado, com a idealização da supremacia racial; e o comunismo era a sua negação total”. (LUZ, EI, VIII, 1960, 57). Logo, afirmava o integralista “seria preciso determinar uma teleologia integralista que, baseado na religiosidade, se afinaria numa escala de instrumentalidade frente ao perigo da falta de religiosidade”. (LUZ, EI, Vol. VIII, 58). Os documentos produzidos por esta geração de autores integralistas dialogaram com as mais variadas vertentes do catolicismo. Não obstante, os escritos que apresentaram como pano de fundo a relação conflituosa entre o integralismo e o Maritanismo, permeou boa parte dos textos de temática religiosa.

¹⁷⁸ Durante o período de auto exílio, Salgado correspondeu-se frequentemente com alguns antigos militantes e correligionários integralistas. Por meio de seu genro, Raymundo Padilha e outros próceres, o chefe integralista manteve-se atualizado sobre a ordem política vigente no Brasil. Em contrapartida, manteve a militância integralista informada quanto aos seus projetos na Península Ibérica. Um desses projetos versava justamente sobre o fortalecimento de sua posição frente à fé católica e suas proposições espiritualistas. Ver: Correspondências passivas. Período de auto exílio - anos 1939-1946. Arquivo Público Municipal de Rio Claro – SP. Acervo Plínio Salgado.

Os maritanistas foram, ao longo dos escritos da *EI*, desqualificados com os mais variados adjetivos. Segundo os integralistas, os “esquerdistas de Maritain”, sob os quais também pesava outro epíteto, o de “discípulos falsificadores de imagens alheias”, não eram moralmente capazes de influenciar a sociedade, sob o julgo de terem que apresentar o seu verdadeiro propósito: “sua sempre condenável socialização do catolicismo”.(ROCHA, *EI*, VIII, 1960,131) Pedro Lafayette, em 1946, qualificou o maritanismo como “um quisto dentro da igreja, um movimento que, no Brasil tinha como o seu maior divulgador, a figura de Alceu Amoroso Lima”. (LAFAYETTE, *Idade Nova*, 21/9/1946, 1 e 5) Frente à acusação de que, no Brasil, os discípulos de Maritain haviam se arregimentado num misto de “comunistas hieráticos e neoliberais anacrônicos” (SANTOS, *EI*, III, 1958, 46), os maritanistas passaram, paulatinamente, a uma contraofensiva. Deste modo, não causa surpresa o fato da revista *A Ordem* - que provavelmente foi a principal porta-voz maritanista no país -, referir-se ao líder integralista nos seguintes termos: “revolvamos estas fezes”, ou então “apontemos o dedo para registrar sua produção literária, esta verdadeira e pura bestiologia”. (LIMA, *A Ordem*, 1946, 56)

A exemplo dos apontamentos de Hélio Rocha e Ivan Luz, que se concentraram nas ações dos adversários e nas reações dos adeptos de Salgado, as considerações de Gumercindo Rocha Dórea e Genésio Pereira Filho sobre a temática religiosa focalizaram a atuação do líder integralista, reputada por estes como “irrepreensível do ponto de vista moral religioso”. (DÓREA, *EI*, VIII, 1960, 140). Outros elementos derivados da esfera religiosa foram analisados por estes autores, como se segue. Pereira Filho e Rocha Dórea focaram dois assuntos significativos na elaboração da prática religiosa do movimento: de um lado, a discordância de alguns líderes católicos com relação à “suposta” liderança religiosa de Salgado, tido por seus adversários como um “pseudocatólico, aproveitador e disseminador de falsa fé” (LIMA, *A Ordem*, 1946, 56), e de outro, a acusação de que o integralismo aplicava um sectarismo religioso, anunciado, patrocinado e veiculado por parte significativa da imprensa da época.

Em detrimento dessa contestação, Rocha Dórea sustentou que:

o movimento de denegrição em torno de Plínio Salgado conta com diversos líderes, sublíderes e também com a escumalha dos que apenas papagaiam, mas não raciocinam. Torna-se mais que nunca necessário tomarmos cuidado com afirmações como as do senhor Alceu Amoroso Lima, em jornal da capital federal, que exprimiu, de modo pusilânime, o que se proclama, erradamente, em torno de Plínio Salgado. Faz-se necessário não nos esquecermos do que este senhor nos acusou (...) a calúnia infame de que a extrema direita está no Integralismo, representando no ato de seu invento o prestígio vitorioso do fascismo. Ora minha gente isso não passa de um embuste.¹⁷⁹ (DÓREA, Gumercindo R. *EI*, Vol. VIII, p. 142)

No entanto, a despeito das divergências enfrentadas pelo integralismo e da detratção feita a Plínio Salgado por parte de uma ampla frente anti-integralista, Rocha Dórea, ao longo de sua análise, enfatizou uma linha de raciocínio seguida tanto por seus correligionários quanto pelos

¹⁷⁹ Extrato originalmente publicado no jornal perrepista *Idade Nova*, em setembro de 1950, que objetivava responder às acusações do líder católico Alceu Amoroso Lima, publicadas no jornal carioca *Diário de Notícias* em 6/8/1950, p.7. Grifos meus.

católicos, perfil que previa, dentre outras coisas, a aproximação efetiva entre as ações e princípios de ambos, pautados, sobretudo no anticomunismo e antiliberalismo. Aspecto definidor da trajetória do movimento integralista, a sua aproximação com o catolicismo foi a opção buscada pelo integralismo para apresentar Plínio Salgado como o legítimo herdeiro da ortodoxia católica, esta, impregnada de elementos presentes no ideário integralista. Nesse sentido, a apresentação da crença em Deus como princípio norteador de toda a ação humana (inclusive a intervenção política) contribuiu para que o integralismo atribuísse ao espiritualismo um papel central na constituição de seu ideário. O espiritualismo em questão visava, antes de tudo, contrapor-se ao materialismo histórico, espécie de “autoflagelação social” (SALGADO, *EI*, I, 1957,111) que, de acordo com Salgado, “fustigava a Nação a ponto deste materialismo ser encarado como tábua de salvação (...) no entanto, tábua que se apresentava de maneira putrefata e inconsistente (...)”. (DÓREA, *EI*, VIII, 1960, 112). Com o desenvolvimento do conceito de espiritualização, a ideia de uma “reespiritualização da sociedade”. (CALIL, 1998, 236) também foi tema abordado por Rocha Dórea, que via nessa tarefa integralista um bem essencial para o desenvolvimento espiritual e nacionalista do país. Deste modo, a conexão entre integralismo e catolicismo foi apresentada nos textos da *EI* como um binômio indispensável para a manutenção do ideário integralista, como o único interlocutor do movimento. Embora, os escritos referentes à temática da religião tenham se pautado, antes de tudo, por uma explícita valorização da figura de Plínio Salgado, como se este fosse uma espécie de entidade intermediária entre as ações humanas e divinas, herdeiro legítimo das tradições do catolicismo; em várias passagens, registrou-se elementos de tensão nos textos publicados. Num período em que a presença comunista (como possibilidade ou fato) foi o maior alibi da sustentação integralista/católica, a constatação de que o catolicismo havia sido o único interlocutor do movimento só veio a acentuar a necessidade dos integralistas procurarem canais de aproximação com novos setores da sociedade. No entanto, mesmo com o esforço dos integralistas a tentativa de aproximação não encontrou ressonância. O diálogo pretendido com a sociedade terminou como um monólogo integralista.

ANTAGONISMO E DISSIDÊNCIA NO SEIO DA ENCICLOPÉDIA

É significativo notar que, alguns dos mais incisivos críticos do integralismo do pós-guerra haviam sido entusiastas da AIB e de sua doutrina. Em 1945, assumindo um discurso antifascista muitos ex-militantes passaram a acusar o integralismo de autoritário, antidemocrático, conservador e reacionário. Os esparsos, porém, veementes antagonismos fizeram com que o “absolutismo moral” empregado pelo integralismo pliniano convivesse com contradições no seio do próprio movimento. Por vezes acanhados, por vezes exaltados, tais dissidências tomariam as páginas dos jornais, bem como as discussões nos gabinetes e diretórios do PRP. Então, como ferramenta desta contraposição os principais adversários políticos do movimento, desde a década de 1940, eram sempre desqualificados como sendo “agentes bolchevistas” – uma alusão pejorativa a todas

as lideranças vinculadas à esquerda e que, portanto, tornavam-se potencialmente adversárias do integralismo. Assim, tornaram-se comuns as afirmações de que seus inimigos existiam apenas para fortificar e aprimorar o integralismo.

Ora evasivos, ora contundentes, os integralistas que escrevem sobre o tema carregaram a todo o momento a dúvida com relação à unicidade do integralismo. Assim, membros consagrados na primeira atuação integralista como Miguel Reale, Hélder Câmara e Luis da Câmara Cascudo, dividiram espaço com jovens militantes como Gumercindo Rocha Dórea, Pedro Lafayette, Ernani Lomba Ferraz e Luiz Alexandre Compagioni, quando o assunto era “dissidência”. Com relação ao primeiro nome (Miguel Reale) é significativo que não haja na *Enciclopédia* nenhum artigo sobre a disputa travado pelo poder da então AIB. É de conhecimento público que a tríade integralista, composta por Salgado, Reale e Gustavo Barroso, passou toda a década de 1930 articulando possibilidades de ascender à chefia do movimento. As dissidências começavam dentro do próprio seio integralista, na alta cúpula. A vertente pliniana venceu os oponentes, mas só depois de enfrentar incisivas contraposições. Percebe-se, então, o quanto os adversários do integralismo, na maioria das vezes, dissidentes do movimento, foram combatidos nos escritos da *Enciclopédia*. A ideologia, a política e a religião, respectivamente relacionadas às figuras de Severino Sombra (anos 1930), Alceu Amoroso Lima (anos 1940) e Carlos Lacerda (anos 1950) foram os alvos prediletos dos integralistas, sobretudo nos primeiros cinco volumes da *Enciclopédia*.

A dissidência abriu fissuras no movimento. Uma delas foi Severino Sombra. No início da formação do movimento integralista, o cearense acabou se afastando após discordar das diretrizes traçadas por Salgado de implementar no movimento uma roupagem mais urbana e de classe média, ao invés de proletária sindical. Sua saída foi encarada como uma traição, fato que permaneceu como um estigma no seio integralista. Tanto que esse episódio foi retomado 25 anos depois, nos seguintes termos: rebatendo as acusações de Sombra, para quem “Plínio Salgado teria plagiado suas obras, e forjado um conceito ideológico fraco, porém já conhecido”¹⁸⁰, Hélder Câmara, em trecho de uma carta resposta publicada no jornal *A Ação* de fevereiro de 1934, e republicada na *Enciclopédia do Integralismo*, afirmou que “a relação do integralismo com os falsos católicos já havia conhecido, desde os tempos primeiros, um traidor em potencial (...) o velho Sombra”. (CÂMARA, EI, Vol. 3, 1958:27)

O folclorista Luis da Câmara Cascudo, no período em que estava vinculado ao movimento, também escreveu sobre os dissidentes integralistas. Especificamente com relação a Severino Sombra, Cascudo afirmou em texto de 1934, republicado em 1958, no 4º volume da *Enciclopédia* que “(...) torcendo os textos, alargando-os, pode-se a cada passo envenenar um pensamento, foi isso que houve com relação à este que não chega nem à sombra do que um dia foi o senhor Sombra (...)”. (CASCUDO, EI, IV, 1958, 34) Nesse trecho, Cascudo refere-se à outra carta que escrevera, respondendo ao ex-membro integralista. De acordo com o missivista, Sombra “não raciocinava direito ao atacar o

¹⁸⁰ SOMBRA, Severino. Carta aberta aos integralistas. Publicada no jornal *A Ação*, de março de 1934. Trechos dessa carta foram publicados, ao longo dos volumes da *Enciclopédia do Integralismo*, especialmente nos volumes que se referiram aos dissidentes integralistas.

movimento (...) pois, mesmo tendo ele denunciado o integralismo aos quatro ventos às autoridades eclesiásticas, suas objeções não foram de maior valor e não surgiram com um sentimento de organicidade que o ex- integralista não tem...”. (CASCUDO, EI, IV, 1958, 36) Câmara Cascudo rebateu as acusações desferidas por Sombra reavaliando a postura do dissidente: “Sombra, *conspuò discus nunc*” – ou, não cuspas no prato em que se alimentou!”. A acusação sobre Plínio Salgado de que este não passava de uma “farsa mal construída” não foi exclusividade de Severino Sombra.

Outra dissidência muito combatida foi a do líder católico e ex simpatizante do movimento integralista Alceu Amoroso Lima, o Tristão de Athayde. É significativo lembrar que ele, principalmente a partir de finais dos anos 1940 foi um dos maiores opositores da vinculação ideológica do integralismo com a Igreja católica, sobretudo devido à influência de Plínio Salgado junto a alguns prelados. A despeito da contraposição de Amoroso Lima, o integralismo conseguiu a adesão e algumas declarações favoráveis de alguns bispos e arcebispos católicos, que foram utilizados como grandes peças publicitárias em torno e em prol do movimento. Mesmo assim, nunca o integralismo conseguiu uma vinculação mais sólida com a hierarquia católica. Nesse sentido, merece destaque o asseverou Luiz A. Compagnoni, em finais de 1957: “Hoje não há quem nos calunie com mais perversidade como Tristão de Athayde, tal como ontem, não houve quem mais nos elogiasse com mais exuberância do que ele (...) o verdadeiro vira casaca”. (COMPAGNONI, EI, II, 1957, 94)

Em trechos retirados originalmente do jornal *A Idade Nova*, mas republicados na *Enciclopédia*, no 4º e 9º volumes, o jornalista Pedro Lafayette descreveu a contenda desencadeada entre um dos seus mais diletos seguidores de Alceu Amoroso Lima, o articulista do “*Diário de Notícias*”, do RJ, Fábio Alves Ribeiro e a Ação Integralista Brasileira. Escritos em meados de 1945, logo após as primeiras disposições do PRP frente à redemocratização, tais artigos têm, além de um valor histórico significativo, um caráter diferenciador no sentido de que evidenciam trechos ambivalentes da postura do seguidor de Amoroso Lima, apontando características paradoxais de seu ideário e pensamento. Fábio Ribeiro foi comparado pejorativamente a “uma vitrola controlada por Alceu Amoroso Lima”, daí insistirem os integralistas em criticar tanto um quanto outro.

Quando as críticas eram direcionadas ao próprio Amoroso Lima, evitando acusações a intermediários, a reação do acusado era impingir aos integralistas a mais contundente censura. Nos anos 1940, assim como durante toda a década seguinte, o antagonismo entre Amoroso Lima e Plínio Salgado continuou sendo alimentado. O partido sustentou várias polêmicas com alguns de seus adversários políticos, dentre eles Gustavo Corção, o próprio Amoroso Lima e Carlos Lacerda. Os dois primeiros, que em diversas ocasiões nos anos 1930 haviam elogiado o integralismo, intensificaram as denúncias aos seguidores de Salgado, comparando-os aos simpatizantes nazifascistas. Da segunda metade dos anos 1940 em diante, sobretudo, Amoroso Lima assumiu uma posição política de incriminação ao integralismo. De acordo com o historiador, Gilberto Calil “(...) as brigas com Amoroso Lima indicavam não apenas a crescente diversificação ideológica da Igreja Católica, mas também a pretensão de Salgado em qualificar-se como liderança daquela, ou pelo menos de sua

parcela mais direitista” (CALIL, 1998: 230). Daí a indicação de que o PRP se articulava com os setores mais conservadores da Igreja Católica.

Se, religiosamente, líderes católicos de diferentes matizes como Gustavo Corção e Alceu Amoroso Lima fizeram da oposição a Plínio Salgado uma de suas maiores motivações, politicamente, os antagonistas do movimento também possuíam os perfis ideológicos mais distintos. Não bastasse a oscilante contraposição de um Assis Chateaubriand, Roberto Marinho ou Samuel Wainer, a atuação majoritária da UDN no jogo partidário da época possibilitou o destaque de outro opositor do integralismo: Carlos Lacerda, que ficou conhecido não apenas por ser um opositor voraz do integralismo, mas por sua ácida fraseologia.

“Ele não pode ser candidato, se candidato não pode ser eleito, se eleito não pode ser empossado, se empossado não pode governar.” Esta passagem evidenciada por Lacerda e endereçada ao então candidato à presidência JK, resume o estilo agressivo e direto que fez desta figura a personificação do que até hoje se chama de direita. Carlos Lacerda, além de ser o nome mais combativo e a figura exponencial da antiga UDN, também foi a figura dramática que melhor encarnou o pacote direitista naqueles tumultuados anos 1950 e 60, fosse pela veia moralista e conservadora, fosse pela mistura de um nacionalismo radical e um liberalismo heterodoxo. Sobre ele Salgado diria: “um dos maiores cancros que a sociedade brasileira já produziu”. (*Idade Nova* (1951 e 1953) e *A Marcha* (1959))

De certa maneira, gramaturas diferentes do espectro direitista colaboraram para que o conservadorismo se consolidasse como algo plural. Exemplo claro deste *sobretom* ideológico se deu entre os integralistas e os udenistas, que ao longo dos anos 1950 e 1960, nunca se entenderam. A eleição presidencial de 1955, por exemplo, (tema esparsamente mencionado em alguns volumes da *Enciclopédia*, por meio das intervenções de seu editor) acirrou ao extremo o conflito entre os integralistas e os partidários da UDN. Este conflito tinha como objeto principal a disputa pelo eleitorado conservador, particularmente aquele egresso nos setores médios urbanos, e se explicitou em diferentes momentos desde 1945, mas em particular a partir de 1953, no contexto da afirmação da “independência partidária” do PRP. Ora se aproximavam, ora tergiversavam, ignorando-os uns aos outros.

Carlos Lacerda e Plínio Salgado nunca se bicaram. O Corvo – apelido de Lacerda - e a galinha verde pliniana jamais ciscaram no mesmo terreno. Duas direitas diferentes, mas direitas. Salgado se locupletava em discursos ao longo dos anos 1970, afirmando em voz alta e característico sotaque paulista do interior que a única coisa que unia os lacerdistas udenistas e a sigla verde era sua inclinação à ditadura de 1964. Assim, diversos jornais de circulação nacional nos anos 1950 e 60, e com ressonâncias até os anos 1970, focalizavam ambos os personagens como centro de uma disputa para assegurar a matriz direitista na política nacional. Em um cenário que buscava apresentar alguns exemplos de antagonismos que o integralismo enfrentava ao longo de sua trajetória, a figura de Lacerda foi talvez, a mais aguda de todas. Carlos Lacerda foi, na realidade, alvo de denúncias, tal como fora Salgado. Em reportagem do jornal *Última Hora*, Samuel Wainer ataca a ambos com jocoso discurso, instituindo para sempre o que ele chamou de: “a relação labiríntica e paranóica entre a

desenvoltura catártica da galinha verde e a histriônica megalomania do Corvo (Última Hora, 1957). Em resposta lacônica, Gumercindo Rocha Dórea comenta em passagem rápida no segundo volume da *Enciclopédia* que a verborragia de Wainer “não traria prejuízos, nem problemas ao integralismo” (DÓREA, EI, II, 1957, 03).

Posto que as dissidências e os antagonistas do integralismo representavam os mais variados setores da sociedade, o movimento integralista passou grande parte do período do pós-guerra ocupando-se em rebater as acusações de permanecer ligado ao fascismo, e principalmente, tentando convencer a sociedade quanto ao seu caráter democrático. Os integralistas inclinados a enxergar nas vicissitudes da história as marcas deixadas por seus membros insistiram que o movimento havia sido a sentinela frente às tentações de uma modernidade que seria prejudicial para o país. Esse pensamento combinado à nova postura adotada pela Igreja Católica, que passou a rever certos pontos de sua atuação, acabou por distanciar o mais ativo interlocutor do movimento integralista. O catolicismo, as demais siglas direitistas e o integralismo flertaram, dialogaram, trocaram elogios entre si, mas terminaram os anos 1950-60 se afastando cada vez mais.

Embora Plínio Salgado enfatizasse que no PRP não havia dissidência, nem tampouco desertores, não pôde afirmar o mesmo com relação à extinta AIB. Convocando a todos os novos correligionários “a tomarem parte no esforço febril de reerguer o país”, Salgado proclamou:

Não... não possuímos dissidência, pelo contrário. Todos os populistas/perrepistas estão convictos de que princípios de disciplina e hierarquia devem ser cumpridos a fim de que não sucumba a própria liberdade. (...) Nós não constituímos um partido estipendiado por outros governos, por nenhuma facilidade oficial ou oficiosa. Vivemos a nossas próprias custas: mantemos nossa propaganda com enormes sacrifícios. Nossa doutrina nos absorve a todos, é o nosso leme. Sem dissidência aqui dentro sempre seremos fortes. Seremos fortes, pois como já foi nos ensinado pela história, aquele que trai um dia cairá no fogo da desvinculação moral e cristã. Permanecer no PRP é uma questão de civismo moral e inteligência política. Nós somos o futuro do poder. (Idade Nova, 24 de agosto de 1950, 1)

Pedro Lafayette referiu-se aos antagonistas do movimento e ex-simpatizantes do integralismo como uma “malha insignificante de porcos traidores que insistiam em comparar o integralismo ao autoritarismo totalitário”. (LAFAYETTE, P. EI, VIII, p.195)

Pugnando em 32 pelo Sistema Representativo (corporação), nada mais exprimia o seu programa senão, a legítima fórmula da democracia orgânica. Assim, há um abismo absoluto entre Integralismo e Totalitarismo... mesmo embora ainda persistam pessoas do calão de um Tristão de Ataíde, Hamilton Nogueira, Carlos Lacerda, Orlando Vilela, Raquel de Queiroz, Gustavo Corção, uma geração que pós 1945 continuava a chamar Plínio Salgado de NAZI-FASCISTA... (LAFAYETTE, EI, VIII, 79)

Percebe-se o quanto seus adversários, na maioria das vezes, dissidentes do movimento, foram combatidos nos escritos da EI. A ideologia, a política e a religião, respectivamente relacionadas

às figuras de Severino Sombra, Alceu Amoroso Lima e Carlos Lacerda foram os alvos prediletos dos integralistas. A dissidência abriu fissuras no movimento. Uma delas foi Severino Sombra. No início da formação do movimento integralista, o cearense desligou-se do integralismo após discordar das diretrizes traçadas por Salgado de implementar no movimento uma roupagem mais urbana e de classe média, ao invés de proletária sindical. Sua saída foi encarada como uma traição, fato que permaneceu como um estigma no seio integralista. Tanto que esse episódio foi retomado 25 anos depois, nos seguintes termos.

Rebatendo as acusações de Sombra, para quem “Plínio Salgado teria plagiado suas obras, e forjado um conceito ideológico fraco, porém já conhecido”¹⁸¹, Hélder Câmara, em trecho de uma carta resposta publicada no jornal *A Acção* de fevereiro de 1934, e republicada na *EI*, afirmou que “a relação do integralismo com os falsos católicos já havia conhecido, desde os tempos primeiros, um traidor em potencial (...) o velho Sombra que causa aos seus amigos de ontem extrema ojeriza por causa de sua supermansidão hipócrita, violência extremada e imoral”. (CÂMARA, *EI*, Vol. III, p. 27). Por ter relacionado o integralismo com a maçonaria, Severino Sombra afirmou que “o integralismo seria uma doutrina duplamente mentirosa, porque mantinha comprovadas relações com um adversário filosófico, tanto da igreja católica quanto da postura antiliberal integralista”. (SOMBRA, Carta aberta aos integralistas. 1934) Apesar da acusação, Hélder Câmara foi enfático:

Surgiram no nosso caminho, um sacerdote esclarecido, um diletante e agora um despeitado. Com os três discutimos e aos três tivemos a impressão de vencer.¹⁸² O que assinalamos é o declínio do arraial dos acusantes: da sinceridade esclarecida passou a diletantismo e termina em despeito! O Severino perdido no senso das coisas não essenciais entra em acusações descabidas, quando diz que o movimento tem contato direto com maçons... é não apreender noções básicas de integralistas supor que Integralismo e Maçonaria possam entender-se: a Maçonaria é a sociedade liberal-burguesa por excelência... Somos, ao contrário, antiburgueses por excelência., pois em definição a Maçonaria é internacionalista... e nós universalistas, integralistas, o que no ditame fechado é o oposto.... De fato, o Sr. Severino não faz outra coisa a não ser deturpar textos. (CÂMARA, *EI*, II, 1957, 96)

O folclorista Luis da Câmara Cascudo¹⁸³, no período em que estava vinculado ao movimento, também escreveu sobre os dissidentes integralistas. Especificamente com relação a Severino Sombra, Cascudo afirmou que “(...) torcendo os textos, alargando-os, pode-se a cada passo envenenar um pensamento, foi isso que houve com relação a este que não chega nem à sombra do que um dia foi o

¹⁸¹ SOMBRA, Severino. *Carta aberta aos integralistas*. Publicada no jornal *A Acção*, de março de 1934. Trechos dessa carta foram publicados, ao longo dos volumes da *EI*, especialmente nos volumes que se referiram aos dissidentes integralistas.

¹⁸² Não foi possível identificar os dois primeiros nomes lembrados por Câmara. O que se sabe, com segurança, é que o referido “despeitado”, de acordo com o padre, era Severino Sombra.

¹⁸³ Luis da Câmara Cascudo foi folclorista e escritor. Nasceu em Natal, Rio Grande do Norte, em 1898. Construiu uma obra fundamental para os estudos etnográficos e antropológicos no Brasil, dedicando-se essencialmente ao folclore. Aderiu ao integralismo na sua primeira atuação permanecendo ativo até o final dos anos 1930. Cascudo faleceu em 1986.

senhor Sombra (...). (CASCUDO, EI, II, 1957, 34) Este escrito é datado do início do movimento (1934), momento em que o folclorista cearense acabara de se filiar ao integralismo. Nesse trecho, Câmara Cascudo refere-se à outra carta que escrevera, respondendo ao ex-membro integralista. De acordo com Câmara Cascudo, Sombra “não raciocinava direito ao atacar o movimento (...) pois, mesmo tendo ele denunciado o integralismo a quatro ventos às autoridades eclesiásticas na esperança de ver condenado o movimento que odeia, suas objeções não foram de maior valor e não surgiram com um sentimento de organicidade que o ex-integralista não tem...”. (CASCUDO, EI, II, 1957, 36) Câmara Cascudo rebateu as acusações desferidas por Sombra reavaliando a postura do dissidente, sobretudo por este ter subestimado o ideário integralista que afirmava serem pessoa e indivíduo coisas distintas. Um agravante, porém, foi o que incentivou a resposta do folclorista: a acusação de que a figura de Plínio Salgado era uma farsa:

O sr Sombra declara que chamar o Chefe Nacional de “supremo e perpétuo” é negar o dogma da queda. Mais uma vez, deslealmente, dá às palavras uma significação extremada, com o intuito de combater-nos. Diz Sombra: “O amoralismo e a farsa político de Plínio Salgado revela-se de uma forma pantanosa e grosseira...” É preciso deixar bem claro para Sombra e aos demais que ao nosso conceito de erro não envolve um sentido moral, mas sim mecânico. Já quanto à violência integralista, não perderemos tempo em comentar a impressão de repugnância que Sombra causa aos seus amigos de ontem pela deslealdade com que vacila entre uma supermansidão hipócrita e uma violência, dele sim, extremada, falsa e imoral... (CASCUDO, EI, II, 1957, 77-95)

A acusação de que Plínio Salgado era uma “farsa mal construída” não foi exclusividade de Severino Sombra. Outra dissidência muito combatida foi a do líder católico e ex-simpatizante do movimento integralista Alceu Amoroso Lima, o Tristão de Athayde.¹⁸⁴ É significativo lembrar que ele foi, principalmente na segunda metade década de 1950, um dos maiores opositores da vinculação ideológica do integralismo com a Igreja católica, sobretudo devido à influência de Plínio Salgado junto a alguns prelados. A despeito da contraposição de Amoroso Lima, o integralismo conseguiu a adesão e algumas declarações favoráveis de alguns bispos e arcebispos católicos, que foram utilizados como grandes peças publicitárias em torno e em prol do movimento. Mesmo assim, nunca o integralismo conseguiu uma vinculação mais sólida com a hierarquia católica. Nesse sentido, merece destaque o depoimento de Luiz Campagnoni, integralista da segunda geração, escrito em meados de 1950.

Bem poucos homens têm sido tão calculadamente cruéis para com Plínio Salgado do que o Sr. Tristão de Ataíde. Dir-se-ia que seu fanatismo socialista, lhe cega a consciência a tal ponto que seria capaz de vender a própria alma para lograr exclusividade no título de Carrasco de Plínio Salgado. Assim como seu mestre, Jackson de Figueiredo fomos nós do integralismo

¹⁸⁴ O uso de pseudônimos era um hábito no universo intelectual dos anos 1930. Alceu Amoroso Lima usava o pseudônimo de Tristão de Athayde, não somente para encobrir a sua identidade, mas também por julgar incompatíveis as práticas intelectuais e industriaria que, na época desempenhava, fruto da herança que recebera de sua família.

traídos pelos sr. Tristão. Hoje não há quem nos calunie com mais perversidade tal como ontem, não houve quem mais nos elogiasse com mais exuberância do que ele (...) Aqui, portanto, consubstancia-se um antes e depois contraditório (...) o verdadeiro vira casaca. (CAMPAGNONI, EI, II, 94)

Em extratos retirados originalmente do jornal *A Idade Nova*, o jornalista Pedro Lafayette descreveu a contenda desencadeada entre um dos seus mais diletos seguidores de Alceu Amoroso Lima, o articulista do *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, Fábio Alves Ribeiro e a Ação Integralista Brasileira. Escritos em meados de 1945, logo após as primeiras disposições do PRP frente à redemocratização, tais artigos têm, além de um valor histórico significativo, um caráter diferenciador no sentido de que evidenciam trechos ambivalentes da postura do seguidor de Amoroso Lima, apontando características bastante paradoxais de seu ideário e pensamento. Fábio Ribeiro foi comparado pejorativamente a “uma vitrola controlada por Alceu Amoroso Lima”, daí insistirem os integralistas em criticar tanto um como outro.

O artigo que o senhor Fábio Alves Ribeiro publicou no suplemento literário do ‘Diário de Notícias’ e no qual o autor apresenta o Integralismo como sendo uma grave ameaça à sociedade merece positivamente, resposta! Merece resposta por duas razões. Primeiro porque ele é, incontestavelmente, uma das figuras principais de um movimento pseudo católico, que desfraldou o ‘Maritanismo’ – doutrina edificada pelo francês Jacques Maritan. Não há nenhum exagero na afirmação de que o citado articulista, é, por isso mesmo, uma espécie de vitrola, na qual o dr. Alceu Amoroso Lima, que muitas vezes prefere agir nos bastidores, vai pondo os discos de sua preferência. As ideias, a dialética propositadamente confusa e o estilo sempre manhoso do sr. Fábio bem traduzem a matriz de onde são provenientes. (LAFAYETTE, EI, VIII, 1960,179)

Mais do que criticar seu seguidor, a contestação irônica objetivava atingir o próprio Amoroso Lima, denunciado por “esconder-se atrás de seus pupilos” (LAFAYETTE, EI, VIII, 1960,180) e que, por isso, era imprescindível ao movimento “responder ao sr. Fábio Ribeiro, bem como a todos seus amigos de escola filosófica e ao seu mentor brasileiro, Alceu Amoroso Lima, (...) pois, antes de tudo, isso levaria os integralistas a focalizar que seu artigo é de grande relevância para o Integralismo: somente agora o grupo de Amoroso Lima deliberou confessar os verdadeiros motivos do seu intransigente ódio ao integralismo”. (LAFAYETTE, EI, VIII, 1960,181) Quando as críticas eram direcionadas ao próprio Amoroso Lima, evitando acusações a intermediários, a reação do acusado era, via de regra, impingir aos integralistas a mais contundente censura. Como resposta, os seguidores de Salgado sempre afirmavam que:

(...) nas nossas polêmicas com o sr. Alceu Amoroso Lima sempre tivemos o cuidado de basear as nossas afirmações em longas transições de livros daquele autor, em transações que encerrem pensamentos completos. Por isso não cabe ao pseudo líder católico acusar Plínio Salgado por aquilo que só os plagiadores fazem! Que diremos desse procedimento ao sr. Alceu? Diremos mesmo que toda a importância do artigo reside no fato de conter a revelação das verdadeiras e profundas razões da campanha tenaz, cruel e desabrida, que

vem sendo feita contra o Integralismo por parte do grupo de intelectuais católicos que seguem a orientação de Amoroso Lima e que se proclamam discípulos de Maritain. *Apenas constatamos que este grupo que gravita em torno de Amoroso Lima apresenta-se como um quisto dentro da igreja sob a bandeira daquilo que eles mesmos chamam de 'maritanismo', mas não culpamos Maritain por isso. É, exatamente, o que existe de mais indisciplinado no seio da comunidade católica que se ergue com tamanha e tão suspeita virulência contra a doutrina do Integralismo e a pessoa, por todos os títulos, respeitável, do sr. Plínio Salgado".* (LAFAYETTE, EI, VIII, 1960,189)

Em uma das intervenções de Gumercindo Rocha Dórea, este concordou com a resposta dada por Pedro Lafayette a Amoroso Lima e seus discípulos, assegurando que o líder católico não seguia a tradição dos líderes idôneos. Segundo Rocha Dórea:

Amoroso Lima não havia sido talhado para prosseguir a construção cujas primeiras pedras foram lançadas pela ousadia e sinceridade de um Jackson de Figueiredo. (...) As linhas de existência de Plínio Salgado nunca foram traçadas com o fio tênue da dubiedade quebradiça (...) e o Catolicismo não argumenta contra a doutrinação política de Plínio Salgado. Não obstante, Amoroso Lima e seus seguidores repetem, contra o ensinamento de Salgado, o epíteto de neofascismo. Equivoca-se tristemente o senhor Amoroso Lima" (DÓREA, EI, VIII, 1960, 198).

Nos anos 1940, assim como durante toda a década seguinte, o antagonismo entre Amoroso Lima e Plínio Salgado continuou sendo alimentado. O partido sustentou várias polêmicas com alguns de seus adversários políticos, sobretudo Amoroso Lima e Carlos Lacerda. O primeiro, que em diversas ocasiões nos anos 1930 havia elogiado o integralismo, intensificou as denúncias aos seguidores de Salgado, comparando-os aos simpatizantes nazifascistas. Da segunda metade dos anos 40 em diante, Amoroso Lima assumiu uma posição política de incriminação ao integralismo, acusando o movimento de manter relações espúrias com os movimentos direitistas europeus como os de Salazar, em Portugal; Franco, na Espanha e Dolfuss¹⁸⁵, na Áustria. De acordo com Gilberto Calil "(...) as brigas com Amoroso Lima indicavam não apenas a crescente diversificação ideológica da Igreja Católica, mas também a pretensão de Salgado em qualificar-se como liderança daquela, ou pelo menos de sua parcela mais direitista" (CALIL, 1998, 230) Daí a indicação de que o PRP se articulava com os setores mais conservadores da Igreja Católica. Se, religiosamente, líderes católicos de diferentes matizes como Gustavo Corção, Alceu Amoroso Lima, dentre outros, fizeram da oposição a Plínio Salgado e ao integralismo uma de suas maiores motivações, do ponto de vista político, os antagonistas do movimento também possuíam os perfis ideológicos mais distintos. Não bastasse a pendular contraposição de Assis Chateaubriand, e as declaradas acusações da maioria dos proprietários de mídia impressa da época, no período de redemocratização, a atuação majoritária da UDN no jogo partidário da época possibilitou o destaque de outro opositor do integralismo: o jornalista Carlos Lacerda.

¹⁸⁵ Chanceler austríaco no poder até 1934. Dirigiu a coalizão conservadora formada pelos cristãos sociais e pela direita austríaca, aproximando-se do fascismo italiano.

Lacerda passou a década de 1950, censurando, acusando e incriminando as ações de Plínio Salgado. Na campanha presidencial de 1950, por exemplo, o líder udenista foi contrário à aliança entre o PRP e seu partido. Com a efetivação da aliança, Lacerda rompeu temporariamente com a UDN, passando a apoiar a candidatura de Cristiano Machado do PSD. O PRP atribuía a postura de contrariedade de Carlos Lacerda “ao seu rubro passado como membro da ANL e do Partido Comunista”.¹⁸⁶ Posto que as dissidências e os antagonistas do integralismo representavam os mais variados setores da sociedade, o movimento integralista passou o período do pós-guerra ocupando-se em rebater as acusações de permanecer ligado ao fascismo, e principalmente, tentando convencer a sociedade quanto ao seu caráter democrático. Os integralistas, inclinados a enxergar nas vicissitudes da história as marcas deixadas por seus membros, insistiram que o movimento havia sido a sentinela frente às tentações de uma modernidade que seria prejudicial para o país. Este pensamento combinado à nova postura adotada pela Igreja Católica, que passou a rever certos pontos de sua atuação, acabou por distanciar o único interlocutor do movimento integralista. O catolicismo e o integralismo flertaram, dialogaram, trocaram elogios entre si, mas terminaram a década se afastando cada vez mais.

EDUCAÇÃO E ESTÉTICA

A ideia de que a educação sempre foi um dos pilares da civilização era levada à risca pelo movimento integralista. Tal premissa alertava para o fato de que “o acúmulo de conhecimento não se bastava em si, e que era necessário uma educação que rompesse com as fronteiras do intelecto tornando-se o conceito de educação algo polissêmico”. (SALGADO, EI, I, 1957, 235) O movimento integralista propunha uma reestruturação geral na educação do indivíduo. Essa reestruturação apregoava uma reforma interior das pessoas, pois para os integralistas, mais do que um projeto educacional, tratava-se de uma revolução espiritual.¹⁸⁷ Plínio Salgado, por diversas vezes, referia-se à educação como o diferencial entre prósperos e improdutivos. O líder integralista sustentava a convicção de que:

(...) Antes mil vezes um povo de analfabetos do que uma nacionalidade de parvicultos
(...) Pensando assim, a cultura integralista sobreviveria graças ao seu caráter calcado na educação, que abarcava todo o espectro da população, pois previa que a cultura integral chegaria a todos (...) uma educação do povo para o povo, das massas para as massas e das elites para as elites (...) é por isso que afirmamos que nas nossas fileiras não assentarão praça os covardes, os trânsfugas, os biltes, os bifrontes, os energúmenos... todos este que, por suas ignomínias febris, nem ao menos sabem de acordo com a norma, o que é educação, e o que, de fato são! (SALGADO, EI, I, 1957, 234)

Ao mesmo tempo em que a educação era relacionada com a totalidade da formação do membro integralista, “sua função era educar o homem integralmente” (DÓREA, EI, IX, 1961, 65),

¹⁸⁶ SALGADO, P. *Idade Nova*. Diversos artigos. Set/1951.

¹⁸⁷ Estas apreciações dialogam com o trabalho de Rosa M. F. Cavalari, pesquisadora que aprofundou os estudos da educação integralista. Para maiores detalhes sobre a educação integralista. Cf: CAVALARI, *Op. Cit.*: Cap. I - A Revolução do Espírito, p.41.

também era veiculada como sinônimo de sofrimento e fortalecimento, sentimentos sem os quais não se ascenderia à vitória. Nesse sentido, o padre Hélder Câmara evidenciava tanto aos educadores quanto aos aprendizes plinianos¹⁸⁸ que “(...) O lindo não era viver as horas fáceis de deleite. Belas eram as horas ásperas e difíceis (...) a conquista dos píncaros que nunca foram escalados e que devem guardar o segredo das auroras inéditas, cheias de esplendores”. (CÂMARA, EI, IX, 36) Sendo assim, o sofrimento para o integralista era razão de alegria e fortalecimento.

A pedagogia integralista imaginada pelo Padre Hélder Câmara era baseada nos princípios elementares da autoafirmação integralista e visava, antes de qualquer coisa, a contraposição às ideologias capitalista e comunista. Segundo o clérigo, o integralismo necessitava buscar uma “Educação e uma Escola que refletisse a vida, que fosse criada para a vida e pela vida”. (CÂMARA, EI, IX, 1961, 34) No entanto, enfatizava Câmara: “(...) o comum, quanto à educação de nossas crianças é que, hoje em dia, o que existe é o esmagamento da capacidade pelo meio hostil (...) Coerentes e justos, só mesmo os educadores integralistas que ultrapassaram as vacilações criminosas dos limites burgueses, não se tornando práticos por conservantismo, nem ao menos, se tornaram doutrinadores de excesso como o são os mestres russos que só objetivam criar intelectuais socialistas”. (CÂMARA, EI, IX, 1961, 35)

A concepção de cultura formulada pelo integralismo era um desdobramento da ideia de educação que Salgado possuía. Esta sintetizava a necessidade do integralista sempre se manter atrelado aos preceitos da doutrina integral. No trecho destacado abaixo se percebe que a noção de cultura era, antes de tudo, expressa como uma necessidade vital do movimento:

Cultura: é tarefa sobremaneira árdua. Há de se querer precisar o conceito dessa palavra, tão em moda. O homem cultivado é o que desenvolveu as suas capacidades originais; o primitivo ou bárbaro é aquele que as deixou. Tem, pois, cultura, um sentido completo de vida para o indivíduo, inseparável na sua finalidade e, também um sentido amplo de vida e finalidade de um povo. A religião já foi imperante primeiro; por seu turno, a arte já foi quase tudo; a ciência, a deusa do século passado; a economia e a técnica, hoje dominam, sob o signo do americanismo. É a vez da técnica como corolário pragmático dos filhos do Tio Sam. Assim, Cultura é o cultivo desses valores, pois ela tem em si o germe da revolução em marcha para a superação da natureza... Examinemos a nossa realidade nacional. Inúmeros foram os partidos que tiveram vida, lutaram e caíram no ostracismo. E por que? não havia paixão pelos princípios eternos. A cultura estava ausente! No Integralismo, O Estado Integral é Revolucionário porque, como substancia e forma, movimento e evolução, o integralismo é espírito de revolução e cultura...” (SALGADO, EI, I, 1957, 44-51)

No integralismo foram hegemônicas as interpretações de cultura que seguiam a orientação de Plínio Salgado.¹⁸⁹ De acordo com Leopoldo Aires: “O projeto educativo integralista visa educar o

¹⁸⁸ A Juventude Integralista também era conhecida como o grupo de Plinianos, aspirantes e aprendizes da doutrina integralista.

¹⁸⁹ Exemplo disso foi o discurso proferido pelo tenente integralista, F. H. Loyola, que motivado pela fala de Salgado, enfatizou que “o integralismo empresta uma importância capital à educação encarada sob o tríplice aspecto moral cívico e físico. Isto constitui um dos traços mais expressivos de sua identificação com a época em que vivemos, caracterizada pelo progresso acelerado da civilização hodierna”. LOYOLA, F.H. (Tenente Integralista) *Província da Guanabara*, I, (5), 13/7/1937, p.2. Apud: CAVALARI, *Op. Cit.* p.45.

homem todo (...) E o homem todo é o conjunto do homem físico, intelectual, cívico e moral”. (CAVALARI, 1999, 45) A educação integral visava antes de tudo ser física, artística, científica, econômica, política, social e religiosa, e tal educação destinava-se tanto às massas quanto aos considerados aptos para formarem a elite da Nação. Se, nos anos 1930, os preceitos culturais e educacionais integralistas eram moldados de acordo com os referenciais de Salgado, a praxe permaneceu inalterada nos anos 1950. Gumercindo Rocha Dórea, em introdução do volume da *EI* dedicado à educação integralista, chamou a atenção para um fator significativo dentro das propostas do compêndio: “ (...) o simples enunciado da matéria contida neste volume evidencia, desde logo, o caráter documentário desta obra que visa compendiar uma doutrina educacional partindo metodologicamente de seu conceito filosófico, de sua decorrente criteriologia, que objetiva a aplicação técnica dos princípios, a concatenação lógica dos assuntos (...)” (DÓREA, *EI*, IX, 1961, 43)

Por outro lado, se a noção educacional integralista era um dos pilares mais sólidos de sua afirmação político/ideológica, a confirmação nacionalista do movimento agregava uma série de elementos impermeáveis às influências externas. Isto incentivou ainda mais os integralistas a acreditarem na relevância de seu papel na história brasileira. Os integralistas se consideravam os legítimos legatários de 22 e valorizavam muito suas capacidades e superdimensionavam suas aptidões. Assim, seus maiores divulgadores enfatizavam a suposta qualidade de seus membros em consonância com o dístico latino que afirmava: *MENS SANA IN CORPORE SANO* (mente sã e m corpo são). Para o integralista dos anos 1930, nada mais soava tão contundente. Com relação ao incentivo ao desempenho físico, Rodolpho Josetti era enfático:

Não existe nenhuma restrição do integralismo à cultura física. Muito ao contrário. Dela somos apologistas, e a maior prova é que o chefe, no recente congresso de Petrópolis, reconhecendo igualmente a sua relevância, criou uma secretaria da Cultura Física... Para o vigor e a robustez, energia e saúde de nossa raça, tudo o que se faça em prol do aperfeiçoamento físico do tipo brasileiro, em verdade nunca será demasiado” (JOSETTI, R. *EI*, IX, 1961, 85)

A dinâmica da ostentação do senso estético/físico/corporal é considerada por Rodolpho Josetti como um dos veios mais importantes para se compreender a aceitação e a visibilidade do integralismo até aquele momento. O ano de 1935 marca um divisor na postura do movimento integralista, pois é neste ano que as ações comunistas se intensificam, e é justamente este o período de maior tensão entre os militantes de ambas ideologias. Simultaneamente, é nesse período que a ação integralista passa a obter maiores resultados quanto à sua penetração social. Por isso, a preocupação de Josetti em sincronizar a relevância do corpo e da mente como constituintes de uma mesma estética. “Não é edificante, senhores e não é realmente chocante aferir e cotejar o esplendor, o prestígio e a ascendência da cultura física, com o abandono e penúria, o desamparo e negligência da cultura artística? Do que vale o valor físico, o valor estético da capacidade de pensar, sem a estetização do pensamento ou do corpo? Ambos devem caminhar juntos”. (JOSETTI, *EI*, IX, 86). Entretanto, se por um lado o integralista evidencia a necessidade da convergência estética, por

outro, critica a mistura das formas alienígenas em busca de uma substância própria. Para Josetti, os exageros eram condenáveis. É em função dessa necessidade de “brasilianização” nas artes que o autor intensifica, em seus argumentos, a incessante procura da chamada “fisionomia estética brasileira”, que Josetti adjetiva como “nacional e integralista”: algo genuíno, que não pretendia nutrir referências exteriores, mas sim, possuir uma essência nacional, endógena. Motivado por esta incessante procura, o integralista culpava a ação nefasta do individualismo e a expansão do liberalismo pela ruptura da estética essencialmente nacional:

Seriam estes dois, os reais culpados pela falta de caracterização nacional no senso estético que procuramos (...) Sofremos, porem do grande mal dos tempos que correm, tempos estes, sob o signo nefasto da liberal democracia, a grande responsável por esta crise mundial que enfrentamos hoje... pois digo novamente: A crise é fundamentalmente Universal! Por isso, este sino se faz ouvir por meio da voz do chefe! Sim, camisas verdes, nesta hora de apatia e indecisões generalizadas irrompe magnífico o Integralismo, pronto a salvar-nos dos sentidos ridículos, das estéticas importadas, dos males de fora. (JOSETTI, R. EI, IX, 1961, 88)

Outra proposta estética apresentada pelo integralismo tratava-se da implementação de calendários de arte para a população, que seriam planejados sempre de acordo com o calendário central das comemorações integralistas. O domínio da estética significava o domínio sobre as variadas manifestações artísticas brasileiras, a noção de uma arte integral e integrada com suas variadas facetas. Nesse sentido, a eterna luta entre criação de uma estética própria e a manutenção da vigente (segundo a ótica integralista, infiltrada de “ismos” de fora) se dava nos mais variados campos: da literatura, às artes plásticas, da poesia à política *stricto senso*, pois para os integralistas, “a força de sua estética baseava-se na cooperação e integração de todas as extremidades de um projeto nacional”. (SALGADO, EI, I, 1957, 89) Porém, ao contrário das acusações de seus antagonistas, os integralistas afirmavam “que não pretendiam impor sua vontade estética, mas sim respeitar a vigente, de maneira que esta se apropriasse de conceitos nacionalizantes e anti-internacionalistas”. (SALGADO, EI, I, 1957, 87)

De nenhum modo o Estado Integral cercará o vôo livre da imaginação, os ímpetus ascensionais da força criadora... Entretanto, dentro das normas da disciplina ética que o Estado Integralista impõe, não será mais possível aos artistas perpetrarem, com a absoluta liberdade que ultrapassa as raias da licenciosidade, estes inumeráveis crimes de lesa-estética que efetuam, licenças poéticas e maus gostos estéticos estrangeiros utilizados como nacionais... pois estão prenhes os anais da arte nestas últimas décadas... Revivamos a arte nacional, filha de mãe e pai consultores nacionais... esperta por saber dialogar em outras línguas... mas, eminentemente nossa ... daqui! (SALGADO, EI, I, 1957, 87)

A preocupação integralista em diferenciar a matriz nacional da estrangeira era reforçada por uma forte convicção: a confiança de que apenas conjuntamente, a estética e a política poderiam fortificar o sentimento nacionalista brasileiro. Para legitimar essa convicção os integralistas

afirmavam que seu sentimento de brasilidade provinha das discussões nascidas durante a semana de Arte moderna de 1922, episódio no qual Salgado lograra certa notoriedade. Salgado postulava ser o maior herdeiro das proposições nacionalistas de 1922 (entendido na sua vertente verde-amarela.), movimento que, segundo ele, teria nascido com mesmo sentimento patriótico do movimento integralista. A despeito da proximidade sustentada por seu discurso, os antipáticos ao integralismo evidenciaram uma contradição que estaria no âmago da vinculação entre os movimentos modernista e integralista: “embora houvesse em ambos uma elaborada fermentação de ideias foram o integralismo e o modernismo dois movimentos diametralmente opostos, pois pregavam concepções de brasilidade essencialmente díspares, sobretudo porque o modelo integralista era fomentado pela necessidade de sustentar o medo de uma mudança nas estruturas da sociedade”. (BOSI, 1994, 369)

A convicção integralista de que seus membros haviam plantado sementes que germinariam frutos em razão da herança da estética nacionalista ou do legado educacional que transmitiam, adquiriu um novo fôlego com a celebração do jubileu de prata. Com isso, a reafirmação simbólica do movimento fez reviver antigas e fortes oposições. No entanto, uma vez que a postura educacional integralista era tida como “excludente” por parte da imprensa, as acusações de que os integralistas postulavam uma manifestação estética “empobrecedora e vulgar” também ganharam consistência no final dos anos 1950. A despeito dos opositores, os integralistas terminaram a década crenes na sua reabilitação política. Para os adversários, esta era apenas mais uma prova da insanidade e do desespero dos seguidores de Salgado.

A EDUCAÇÃO COMO FERMENTO DE UMA MASSA EM DESCANSO

A *Enciclopédia do Integralismo* continha uma proposta clara: confirmar o integralismo como uma doutrina que visava a educação política do povo. Um dos aspectos melhor explorados pelo movimento foi a alfabetização do grande contingente analfabeto existente no país, com a intenção clara de angariar seus votos. Vale lembrar que, na década de 1930, os analfabetos não votavam e nos anos 1950, além de ainda permanecer apartados do sistema eleitoral, sua porcentagem continuava bastante elevada. Nesse sentido, o panorama do ensino oficial no momento em que a *Enciclopédia* é lançada, não era nada encorajador. Por isso, nas décadas de 1950 e 1960 diversos projetos no campo da educação coexistiram e disputaram espaço político. O projeto educacional integralista (inalterado desde sua criação nos anos 1930) foi mais um desses projetos. De maneira geral tais propostas continuavam acreditando no poder de transformação social da educação e postulando que sua missão era modernizar o país e integrar os setores mais pobres da população. (GOMES, 2002, 385) No entanto, considerado retrógrado se comparado a outros projetos do período, (o dos pioneiros, por exemplo), o projeto educativo integralista reproduzia uma visão de mundo anacrônica e antiuniversalista. Estes elementos são o mote da publicação do primeiro e nono volumes do compêndio, que chamam atenção, de maneira pormenorizada, para o cenário

que acolheu a publicação do *Manifesto Integralista* (1932), o portfólio educativo do movimento. Interessante notar que o discurso de Salgado, ao longo do compêndio foi todo caracterizado por uma linguagem superlativa, utilizando-se de muitas metáforas, principalmente quando sistematizou os elementos formadores do ideário integralista, cujo foco sempre foi a constituição do *Estado Integral* (síntese das inspirações demarcadas pelo movimento). Tal discurso foi pautado por digressões que ilustraram o teor saudosista do movimento. Nos volumes supracitados, a ponte que unia o passado ao presente do movimento sempre foi a educação.

Paralelamente, a intenção do editor da publicação, Gumercindo Rocha Dórea, ao iniciar os volumes com um texto de pretensões educativas produzido pelo chefe integralista era incentivar os simpatizantes a adquirirem o que Salgado chamou “de síntese de tudo o que fora a Doutrina e o sumário de tudo o que ainda seria o movimento” (SALGADO, EI, I, 1957, 5). A análise do *Manifesto de Outubro* expõe a pretensão dos integralistas de solucionarem os diversos problemas nacionais, apresentando-se à Nação como uma síntese de filosofia, educação e método salvadores. Mas, a intenção do *Manifesto* ia além da ordenação partidária ou doutrinária dos integralistas, ou mesmo da celebração. Propunha explicitamente a penetração da educação integralista na sociedade. A ação “congregadora” do *Manifesto* seria de acordo com Salgado, tanto nos anos 1930, quanto nos anos 1950 a responsável pela manutenção da ação educativa de seus seguidores. Duas décadas e meia após o *Manifesto* ter sido escrito, os integralistas continuariam enaltecendo a vocação aglutinadora de tal documento. Em consonância, o espólio integralista permaneceu cultuando o documento como berço do integralismo.

Diferentemente dos onze volumes que o sucederam, cuja característica principal era a miscelânea de temas correlacionados (com exceção do 7º, 9º e 10º volumes que foram consagrados a temas únicos - poesia, educação e atos jurídicos), no volume escrito por Salgado, além de se analisar os episódios formadores da doutrina integralista, ressaltaram-se as influências de autores como de Farias de Britto, Alberto Torres, Jackson Figueiredo e Oliveira Viana na formulação original do movimento: símbolos da educação integralista, com seriam lembrados em diversas passagens da *Enciclopédia*. Dado relevante é que quando o compêndio é editado cerca de 50% da população do país era analfabeta. O panorama do ensino oficial não inspirava mudanças, mas o poder de transformação social da educação passou a ser o postulado de diversos segmentos políticos, dentre os quais o próprio integralismo que via nos setores mais pobres da população possibilidade de aderência política. Nessas duas décadas, chama a atenção a luta dos educadores vinculada à tradição dos pioneiros contra a centralização, burocratização, e uniformização que haviam tomado conta do campo da educação, em clara oposição a projetos mais conservadores.

A orientação de Salgado influenciou diretamente nas interpretações que os militantes detinham sobre *educação* e *cultura*. Nesse sentido outros integralistas aparecem, com textos sobre o tema em outros volumes, corroborando as ideias expostas pelo chefe integralista. Dentre os quais se destacaram: o, então, padre Hélder Câmara, os integralistas da primeira geração: Leopoldo Ayres,

Rodolpho Josetti e Belisário Penna, as únicas mulheres presentes na *Enciclopédia*: Margarida Corbisier e Carmen Pinheiro Dias, bem como Gumercindo Rocha Dórea, (sempre por meio de intervenções contemporâneas à publicação da *Enciclopédia*).

Ao mesmo tempo em que a educação era relacionada com a totalidade da formação do membro integralista, “sua função era educar o homem integralmente” (DÓREA, EI, IX, 1959,65), também era veiculada como sinônimo de sofrimento e fortalecimento, sentimentos sem os quais não se ascenderia à vitória. Nesse sentido, o padre Hélder Câmara evidenciava tanto aos educadores quanto aos “aprendizes plinianos” que: “(...) O lindo não era viver as horas fáceis de deleite. Belas eram as horas ásperas e difíceis (...) a conquista dos píncaros que nunca foram escalados e que devem guardar o segredo das auroras inéditas, cheias de esplendores” (CÂMARA, EI, IX, 1959,36). Sendo assim, ao que parece, o sofrimento para o integralista era razão de alegria e fortalecimento.

A pedagogia integralista imaginada por Hélder Câmara era baseada nos princípios elementares da autoafirmação integralista e visava, antes de qualquer coisa, a contraposição as ideologias capitalista/liberal e comunista. Como se percebe o anticomunismo sempre foi o pano de fundo de qualquer ação integralista. A educação integral (leia-se anticomunista) visava, então, antes de tudo ser física, artística, científica, econômica, política, social e religiosa, destinada tanto às massas quanto aos considerados aptos para formarem a elite da Nação. Esse é um elemento que confirma a tese de que tanto nos anos 1930, quanto nos anos 1950 os preceitos culturais e educacionais integralistas eram moldados de acordo com os referenciais de Salgado. A praxe permaneceu inalterada nos dois momentos.

Gumercindo Rocha Dórea, na introdução do 9º volume, dedicado exclusivamente à educação integralista, chamou a atenção para um fator significativo dentro das propostas do compêndio: “(...) o simples enunciado da matéria contida neste volume evidencia o caráter documentário desta obra que visa compendiar uma doutrina educacional partindo metodologicamente de seu conceito filosófico, objetivando a concatenação lógica dos assuntos (...)” (DÓREA, EI, IX, 1959, 43) Em princípios dos anos 1960, portanto, no período de publicação dos últimos volumes da *Enciclopédia* alguns elementos, apesar de pouco aprofundados, serviram de palco para uma série de discussões. Um ponto relevante nesse período é que no Plano de Metas de Kubitschek, não havia contemplado quase nada em termos de educação. Os embates em torno da qualidade da educação brasileira redundaram em contendas sobre a necessidade de uma urgente reforma educacional, discussão esta que em verdade, tramitava no Congresso desde 1947. O início do governo Goulart mapeou os principais problemas, entraves e caminhos possíveis para esta reforma funcionando como um campo de experiências, onde inúmeras ideias e novas propostas emergiram. Nesse sentido, o ano de 1961 foi emblemático para a educação no país, pois aconteceu neste ano a votação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (20/12/1961), que introduziu uma orientação descentralizadora em nosso sistema de ensino.

Esse debate, apesar de capital para o tema, não foi tratado pela *Enciclopédia*, (seja por meio de textos, seja por meio de intervenções do editor), o que forçosamente direciona para seguinte

entendimento: o silêncio em torno deste debate evidencia uma postura desatualizada do movimento em torno da questão, ou ainda, uma proposital desvinculação do tema, como se a questão não estivesse na ordem do dia? Ambas as possibilidades demonstram que o integralismo preferiu não dialogar com o presente, entendendo que sua proposta passadista de educação integral continuava dando conta de responder aos problemas vigentes. E quando os integralistas perceberam que a educação integralista não respondia às demandas de um novo contexto, a propaganda maciça de sua doutrina e a relação com seu maior interlocutor (o catolicismo), tornaram-se então, as vias percorridas pelo integralismo em um novo processo de cooptação.

ESTÉTICA E POÉTICA: AS ARTES DA MENTE E DO CORPO

*“Outros, com mais luzes e melhor documentação,
prossequindo na estrada que palmilhei, que busquem complementar este trabalho.*

Os poetas integralistas não são conhecidos e merecem ser focalizados.

Os latinos na sua sabedoria, já diziam: faciunt meliora potentes”

(Dario Bittencourt. Antologia dos poetas integralistas, 1936 - Conclusão).

A tríade essencial do integralismo (Deus, Pátria, Família) teve um corolário bastante divulgado pelo movimento, o binômio: Estética/Poética. A convicção integralista de que seus membros haviam plantado sementes que germinariam frutos em razão da herança da estética nacionalista ou do legado educacional que transmitiam, adquiriu um novo fôlego com a celebração do Jubileu de Prata de 1957. Com isso, a reafirmação simbólica do movimento fez reviver antigas e fortes oposições. No entanto, uma vez que a postura educacional integralista era tida como “excludente” por parte da imprensa, as acusações de que os integralistas postulavam uma manifestação estética “empobrecedora e vulgar” também ganharam consistência no período. Concomitantemente, a afirmação poética da militância integralista apareceu como uma das expressões estético/literárias de maior diversidade no compêndio. Assim, essa produção poética reuniu uma gama variada de profissionais que tinham em comum o sentimento de pertencimento integralista e uma profunda devoção por Plínio Salgado. A predominância de cidadãos comuns, desconhecidos do público em geral, mesclou-se com a presença de alguns dos mais renomados poetas integralistas.

O contexto em que o sétimo volume é editado confronta uma onda de negacionismos em relação ao integralismo. Os anos de 1957 a 1961 marcaram outros eventos significativos no universo da arte brasileira. Em 1957, 1959 e 1961 as Bienais de Arte de São Paulo, sob a curadoria geral de Mario Pedrosa ampliaram a participação nacional inaugurando uma maior representação de obras de caráter histórico. O país mostrado na bienal de artes era um país que lutava para se mostrar dono do próprio destino. Tratava-se da retomada da consciência de um país que estava buscando

crescer cinquenta anos em cinco. Paralelamente, a criação do Manifesto Concretista, que aglutinava poetas como Ferreira Gullar, Décio Pignatari, Haroldo de Campos, Augusto de Campos e Waldemir Dias Pino, revigorou a discussão sobre forma, estética e política dentro da poesia e artes plásticas brasileiras. As formas e propostas reacionárias, os temas e as proposições conservadoras ficaram, neste momento, no fim da fila, esperando sua vez para aparecer novamente. E, nesse momento, as poesias de forma e temática proselitista dos integralistas tomou este espaço. No entanto, o mais interessante é que em nenhum momento os escritos da *Enciclopédia* sequer mencionam o contexto em que todas essas mudanças estão ocorrendo. Mais uma vez, a opção em focar apenas a temporalidade do escrito (como se esta existisse paralelamente à dos acontecimentos vigentes) se mostrou recorrente.

A partir disso, a compilação dos poemas se fez mediante pesquisa realizada por Gumercindo Rocha Dórea, que na época, além de editor da *Enciclopédia do Integralismo*, também ocupava o cargo de redator chefe do jornal *A Marcha*. Foram enviados pedidos de colaboração aos jornais integralistas do interior do país em busca de “novos talentos patrioticamente poéticos”.¹⁹⁰ O trabalho de arregimentação e compilação realizado por Dórea foi, desta vez, facilitado pela existência de uma antiga coletânea já publicada, e que continha um número superior a trinta poetas integralistas. Principal fonte do 7º volume, a antiga antologia publicada por Dario Bittencourt, em 1936, traz uma coletânea de poetas integralistas de sua época. Bittencourt reforçou um antigo desejo de Salgado em aproximar o integralismo da intelectualidade, já que esta era considerada salvadora pelos integralistas. E para além da relação intelectual, os poemas analisados em sua antologia exaltavam o patriotismo de seus leitores. Tratava-se, antes de uma tática de aliciamento. Por outro lado, diferentemente da obra arregimentada por Dário Bittencourt, a coletânea integralista incluída na *Enciclopédia* mesclou poemas de seus mais conhecidos militantes, com o caráter renovador de escritos produzidos por poetas desconhecidos.¹⁹¹ Portanto, tinha como proposta não somente apresentar à militância os pensamentos dos membros famosos, mas disponibilizar o que a população simpatizante pensava sobre o movimento. Pouco antes do sétimo volume¹⁹² sair do prelo, seu editor, fez questão de frisar que nessas poesias, seria destacado o cotidiano do militante. Se o itinerário

¹⁹⁰ DOREA, Gumercindo R. “Poetas Integralistas”. *A Marcha*. Diversos anúncios, a partir de novembro de 1959.

¹⁹¹ Relação dos poetas integralistas presentes no sétimo volume da *EI*: Alfredo Gomes; Francisco Luis de Almeida Salles; Assis Silva; Augusto de Lima Filho; Pe. Benedicto de Lucca; Brasil Pinheiro Machado; Clodoaldo de Alencar; Colbert Crelier; Dantas Motta; Da Silva Garcia; Durval Passos de Mello; Eymar Cardoso de Mattos; Figueiredo Carneiro; Floriano Mendonça; Geminiano Guimarães; Hydée Machado Marques Porto; Jaime de Castro; Jacinto Figueiredo; J. G. de Araújo Jorge; J. Hercílio Fleury; José Maria de Andrade Rodrigues; J. T. de Castro Alves; Judas Isgorogota; Júlio Dias; Lopes Ribeiro; Lourival Santos Lima; Mário de Oliveira; Mário Ypiranga Moreira; Manoel Sobrinho; José Mayrink Souza Motta; Marcos Sandoval; Mauro Moreira; Miguel Edmar Soares Arruda; Nicenor de Carvalho; Nóbrega de Siqueira; Nunes da Silva; Maria Rita Vaz de Hollanda Cunha; O. Muniz; Osmar Barbosa; Padão (DS); Padre Melo; Pessoa de Lima; Ribamar Pereira; Sidney Netto; Silvio Luis Michelloti; Cônego J. Thomaz de Aquino Menezes; Adão Valente; Major Waldomiro Ferreira. Do total de atores apenas Gerardo Mello Mourão e AB Cotrim Neto eram notórios integralistas.

¹⁹² Volume exclusivamente editado com poesias de integralistas conhecidos e anônimos. A Coletânea de Poetas Integralistas, editada na *Enciclopédia do Integralismo*, ainda necessita de um estudo mais aprofundado. No presente trabalho resolveu-se apenas destacar algumas de suas características básicas, bem como um número mínimo de poemas, visto que partes destes foram absorvidas no texto deste trabalho.

percorrido pelos demais volumes foi a via da doutrinação, a resposta da militância veio em forma de versos e muita passionalidade: decassílabos, alexandrinos, prosaicos, haicais; a interação entre a via consumidora e a produtora da doutrina se estabeleceu naquele volume. Embora apenas uma pequena parcela dessa militância apresentasse ou sugerisse a inclusão de seus poemas na coletânea, o sétimo volume foi uma espécie de intermediador do projeto, no sentido de que, a população simpatizante do movimento teve acesso às páginas do compêndio não só como leitora, mas como agente produtora do que seria lido.

Dentre os elementos constituintes deste *corpo* de mais de oitenta poemas, encontram-se poesias que tratam da população brasileira (8); do Comunismo como inimigo (13); do Estado como finalidade essencial do movimento (9); da Geografia como metáfora do organismo nacional (4); da mulher enquanto coadjuvante das relações parentais (5); da ideologia propriamente dita (9); da família enquanto instituição fundamental da sociedade integralista (4); da simbologia (2); da exaltação do movimento ao chefe (8); do negro (3); da religião (2); da doutrina como força motriz (3); dos militares (1); dos considerados humildes e pobres (3); dos estudantes (3); dos operários do campo e da cidade (4) e dos documentos fundamentais do integralismo (3), dentre outros. Cada um desses elementos apareceu nos poemas como componente fundamental da práxis política/ideológica/cultural integralista.

Como forma de ilustrar o conteúdo de alguns desses variados poemas, optou-se por fazer uma pequena seleção destacando seis temas pouco recorrentes nos escritos, mas, que apareceram nos poemas de maneira bastante relevante.¹⁹³ A preocupação de que, cedo ou tarde, o integralista encontraria pelo caminho a comparação entre seu ideal e de estrangeiros, (tema sem muita ressonância em finais dos anos 1950) incentivou a propagação de uma série de poesias que tinham como temática o apelo nacionalista (xenóforo?) e ufanista do militante. No conteúdo do poema de autoria de Brasil Pinheiro Machado, um integralista da primeira geração, comprova-se a preocupação do integralismo em consagrar como superior a “língua mulata cabocla portuguesa”. Para tanto, o autor afirma que a “desbrasilianidade” é um perigo que ronda apenas a cabeça dos ignorantes sobre integralismo. O ufanismo foi, certamente, o elemento mais explorado nos poemas integralistas.

No entanto, outra preocupação dos poetas integralistas era justamente a adequação e o cuidado dispensado ao conceito de gênero. A mulher não foi esquecida pelo movimento, sendo homenageada em odes e poemas. Nesta compilação foram diversos os poemas que destacam a figura feminina atrelada a um comportamento vaidoso e vibrante, pronto a abraçar as causas do movimento. “Troca a veste pomposa pela camisa verde vigorosa...”, como seria cantado em outro poema de mesma temática. Embora houvesse a admiração pela participação das mulheres integralistas, sobretudo nas atividades de retaguarda do movimento, tais como nas escolas, hospitais e lactários integralistas,

¹⁹³ Todos os poemas aqui destacados foram originalmente escritos nos anos 1930. A escolha de apresentar somente exemplares referentes à primeira geração de poetas integralistas deveu-se, inicialmente, à pequena quantidade de poesias de autores vinculados às demais gerações. Julgou-se, portanto, mais representativo demonstrar exemplares de poemas que expressassem de maneira mais contundente as variantes engendradas pela Antologia dos poetas integralistas que, na sua maioria, expressavam temáticas vinculadas à primeira atuação do integralismo.

as *blusas verdes* (como eram conhecidas as mulheres militantes) sempre foram apontadas como coadjuvantes, nunca atuando diretamente na ação e participação política, doutrinal ou intelectual do movimento. (GERALDO, 2002); (CAVALARI, 1999); (POSSAS, 2000) e (FERREIRA, 2018).

Simultaneamente ao discurso de Belisário Penna que dizia ser urgente “para o bem da humanidade, surgir do homem integralista um corretivo à loucura da mulher de querer igualar-se ao homem em tudo e por tudo, em contraposição às leis biológicas (...)” (PENNA, EI, III, 1959, 43), o poema do militante Colbert Crelier exemplifica e corrobora a significação secundária da figura feminina, apresentando uma personagem preocupada meramente com a estética de seu uniforme. O importante, segundo o poema é que o uniforme não escondesse sua feminilidade. Cabe destacar que dos 84 poemas (escritos por 52 poetas integralistas) constituintes desta antologia, apenas dois foram escritos por mulheres. Seus nomes: Haydée Machado Marques Porto e Maria Rita Vaz de Hollanda Cunha, ambas representantes da primeira geração integralista. Embora um dos pilares contra a ofensiva antiintegralista fosse justamente apregoar o caráter aberto, não preconceituoso e antisexistista do movimento, a estatística é clara: no universo das poesias integralistas, bem como na cosmologia da decisão partidária, as mulheres eram simplesmente figurantes.¹⁹⁴

Se a figura feminina era coadjuvante, a juventude masculina foi utilizada à exaustão como elemento propagandístico de um movimento que entendia ter em seus quadros “o futuro da Nação”.¹⁹⁵ A despeito do conteúdo do poema se mostrar pouco significativo, se comparado aos demais selecionados (não debatia ou exaltava nenhuma temática nova), este poema foi utilizado pelos integralistas para promover a penetração da doutrina junto aos jovens que começavam a se interessar por política. Nesse sentido, incentivavam-se novas maneiras de se investir em diferentes linguagens e formas de aproximação. Na época, o autor deste poema chamou mais atenção que as mulheres ou os negros, agentes sociais naturalmente coadjuvantes no universo integralista. A juventude passava a fazer parte, mais que nunca, da construção imagética integralista: força, jovialidade e permanência, a tríade constituinte do *integralista ideal*, uma imposição do movimento no auge de sua constituição em meados de 1935 a 1936.

Em comunhão com as figuras *feminina* e do *homem jovem*, o *negro* também foi utilizado como elemento propagandístico do integralismo, principalmente para contrapor às acusações de racismo, veiculadas de maneira sistemática pela imprensa. Poemas como o de D. S. Padão, um ilustre desconhecido, foram por diversas vezes utilizados como álibi quando o movimento era denunciado como racista. Os quadros integralistas sempre aceitaram negros, embora sua participação fosse bastante reduzida. A poesia foi uma das manifestações que mais divulgou esta recepção. O poema de D. S. Padão (que, provavelmente era um dos muitos militantes negros) visou retratar o quanto a força da etnia era bem recebida pela sigla. As referências em prol do militante negro também apareceram em outras duas poesias que obedeciam ao mesmo eixo temático, porém não

¹⁹⁴ Dialogando com os apontamentos da pesquisadora Rosa Maria F. Cavalari a respeito da constituição educacional integralista percebe-se que a posição da mulher integralista no universo de atuação do movimento possuía um papel de pouco protagonismo.

¹⁹⁵ Título de umas das poesias da antologia escrita pelo poeta Mayrink.

evidenciando a oposição racismo/militante negro, mas sim, indicando a figura do negro como um elemento natural do universo integralista.

O integralismo e seus diversos personagens: o homem branco e negro; a mulher; o jovem; o brasileiro e o estrangeiro que, se simpatizasse com o movimento; o militar e o militante civil eram sistematicamente apresentados como uma “herança salvacionista de uma Nação desprovida de futuro”.(SALGADO, EI, 1957, 9) Foi também a “sentinela atenta”; o “oráculo dos problemas da Nação”; o “dissipador das mazelas do Brasil”, títulos sempre laudatórios de poemas apresentados no sétimo volume. Nesse sentido, o poema de Julio Dias, escrito em meados de 1935 é paradigmático. A vocação salvadora do militante integralista foi, mais uma vez, explorada como um atributo original dos aderentes do movimento, cuja finalidade única se dava na viabilidade do tão esperado Estado Integral.

Uma vez que os poemas foram, na sua maioria, publicados originalmente nas páginas dos jornais integralistas da década de 1930, ao serem reapresentados na *Enciclopédia do Integralismo* reconstituíram o ideal do velho movimento frente à nova conjuntura. E como o objetivo central da publicação desta antologia foi dar voz aos desconhecidos integralistas, apontando elementos considerados valiosos do universo dessa militância, a antologia arregimentada por Rocha Dórea termina com uma espécie de prognóstico para futuros volumes do projeto poético integralista: “Dois anos e dois meses decorrem sobre as poesias apresentadas neste volume (1959). O que agora nos cumpre é tomar este volume como ponto de partida para uma arrecadação completa das poesias que no integralismo inspirou”. (DÓREA, EI, VII, 1959, 96)

Entretanto, o reduzido número de poemas datados do pós-guerra aponta para o fato de que a colaboração militante perrepista, se deu de maneira exígua e descontínua, fator que dificultou uma maior avaliação do grau de recepção do empreendimento editorial. Contabilizado os investimentos, verificou-se que a acanhada recepção da *Enciclopédia do Integralismo* deveu-se, possivelmente, ao seu histórico de comparações e aproximações estéticas e ideológicas com os fascistas europeus, em especial com os italianos.¹⁹⁶ Em um universo em que a concordância com as disposições lançadas pelo chefe era o passaporte para a permanência no movimento, a poesia foi apenas uma das várias ferramentas utilizadas para exaltar a liderança integralista.

O POETA DESCONHECIDO

Na produção poética que aparece na *EI*, predominou o cidadão desconhecido. A compilação dos poemas se deu a cargo de uma minuciosa pesquisa, que ocorreu por meio de pedidos de colaboração aos jornais integralistas do interior do país, em busca de *novos talentos patrioticamente poéticos*. O trabalho de arregimentação e compilação realizada por Dórea foi, desta vez, facilitado

¹⁹⁶ Embora este seja um tema já superado no momento da publicação e a despeito de seus representantes, a exemplo de Plínio Salgado, afirmarem nunca terem sido ajudados pelos fascistas, nunca terem sequer flertado com sua postura autoritária e política, “(...) no máximo com sua bela estética!”, torna-se difícil não crer nas possíveis aproximações entre ambos. Aliás, pesquisas recentes dão conta da aproximação estreita entre o integralismo e movimentos congêneres europeus, relação que pendulava entre a mimese ideológica e a ajuda financeira. (BERTONHA: 2002 e 2008)

pela existência de uma antiga coletânea já publicada e que continha um número superior a 30 poetas integralistas¹⁹⁷. Pouco antes do sétimo volume¹⁹⁸ sair do prelo, Dórea vaticinou: “*Da poesia faça-se o reerguimento desta varonil esperança. Viva a poesia integralista diante do berço desta nova criança!*” (DÓREA, VII, Introdução) Dórea compôs versos trocados. A esperança empedernida e descontínua foi substituída pela confiança e a simpatia do indivíduo comum, representante do cotidiano militante integralista.

Nessas poesias arremetidas pelo editor da *Enciclopédia*, destacou-se a cosmogonia do militante. Se o itinerário percorrido pelos demais volumes da *Enciclopédia* foi a via da doutrinação, a resposta da militância veio em forma de versos e muita passionalidade: decassílabos, alexandrinos, prosaicos, haicais; a interação entre a via consumidora e a disseminadora da doutrina se estabeleceu naquele volume. O sétimo volume foi o espelho do projeto: a partir dele, a recepção começava a surtir efeito. E em tempos de descontinuidade e camuflagens partidárias, os integralistas confirmaram o que a consultoria da *Enciclopédia* esperava alcançar: *o sentimento de pertencimento era a tônica do reerguimento e do poder*. (SALGADO, EI, X, 1961,53)

Para Plínio Salgado:

O essencial nesta obra é que a Enciclopédia do Integralismo, é a consagração, num de seus volumes, da Poesia, que gerou o movimento, criou um estado de espírito, tornou-se fonte perene de um idealismo superior. A ideia de se criar após este volume, outro celebrando o Hinário do Integralismo acabou por não se desenvolver. Se agora a poesia é a bola da vez, que chegue a vez dos nossos hinos, tão bonitos e representativos de nossa real vida e vontade. (BITTENCOURT, EI, VII, 1959,15)

Um dos pontos levantados pela antologia de Dario Bittencourt, reeditada no volume de poesias integralistas da Enciclopédia, trata da vinculação entre o movimento e os intelectuais. Diria Bittencourt:

“Lá está no Manual Integralista, que o movimento do Sigma considera como operários da Pátria, como trabalhadores intelectuais, tanto o químico que consome seus dias no laboratório, como o astrônomo que enamorado pela sideral sinfonia das esferas, como o poeta inspirado, o pintor, o músico, escritor, todos exprimem o gênio da raça e o esforço criador da Nacionalidade. (...) Em todos os ramos da atividade do Estado Integral precisamos de intelectuais. Precisamos deles para governar nosso estado. Só eles, pela sensibilidade pela sua intuição e mediunidade serão capazes de compreender os mistérios da raça, a voz secreta da Terra, os anseios profundos da humanidade”. (BITTENCOURT, EI, VII, 1959,16)

Os poemas analisados na antologia de Bittencourt exaltam o patriotismo de seus leitores. Tratava-se de uma arrojada tática de aliciamento, como o próprio autor nos revelou: “O ufanismo na poesia é arma mordaz. Vira espingarda e mordação, depende de como se é utilizada... mas

¹⁹⁷ Trata-se da Coletânea: *Introdução à Antologia dos Poetas Integralistas*, publicada em 1936 pelo autor riograndense, Dario Bittencourt.

¹⁹⁸ Volume exclusivamente editado com poesias de integralistas conhecidos e anônimos. Visando facilitar sua apreensão analisamos esta antologia do 7º volume destacada dos demais volumes do compêndio.

também pode ser bandeira branca e estimulador... depende só de quem utiliza e quem recebe...". (BITTENCOURT, EI, VII, 1959, 31) Bittencourt concluiu sua apresentação seguro de que: "Assim fica provado que ao contrário dos poetas daqueles outros movimentos ditos patrióticos, que se inscreviam em determinados centros, os *aedos* do Sigma encontram-se espalhados em toda carta geográfica da Pátria". (BITTENCOURT, EI, VII, 1959, 35) Diferentemente da obra selecionada por Dário Bittencourt, procurou-se neste volume mesclar a força dos poemas de seus mais conhecidos congêneres, com a renovadora propulsão de escritos produzidos por poetas desconhecidos. Portanto, tinha como proposta não somente clarificar para a militância o pensamento dos membros famosos, mas disponibilizar para a contingência integralista o que a população simpatizante pensava do movimento.

Para a publicação deste volume, optou-se por fazer uma fusão entre as tendências poéticas antigas e recentes do movimento que, naquele momento, despontavam como força poética e artística. Em decorrência disso, dos 84 poemas presentes na antologia, alguns merecem maior destaque. Dentre os elementos constituintes deste *corpo*, encontram-se poesias que tratam da população brasileira, do Comunismo como inimigo, do Estado como finalidade precípua do movimento, da Geografia como arregimentadora de uma grande nação, da mulher, da ideologia propriamente dita, da simbologia, da exaltação ao movimento, do chefe, do negro, da religião, da doutrina como força motriz e dos militares. Cada um desses elementos apareceu nos poemas como parte fundamental da práxis política/ideológica/cultural integralista.

É significativo registrar que da totalidade dos poemas selecionados e editados nesta pequena antologia, apenas dois foram escritos por mulheres. Seus nomes: Haydée Machado Marques Porto e Maria Rita Vaz de Hollanda Cunha, ambas representantes da primeira geração integralista. Embora um dos pilares da contraposição integralista aos seus opositores fosse justamente, apregoar o caráter libertário e liberal - na acepção mais genérica possível dos termos - e 'não machista' do movimento, a estatística é clara. No universo das poesias integralistas, bem como na cosmologia da decisão partidária, as mulheres eram simplesmente figurantes. Ao contrário do que aponta o estudo da pesquisadora Rosa Maria F. Cavalari a respeito, da constituição educacional integralista percebemos que a posição da mulher integralista na cosmogonia do Sigma era coadjuvante. Uma vez que esses poemas foram, na sua maioria, publicados originalmente nas páginas dos jornais integralistas dos anos 1930, ao serem reapresentados na *EI* reconstituíram o ideal do velho movimento. Como o objetivo central desta antologia era apresentar os desconhecidos integralistas, apontando elementos valorativos dentre suas poesias, o sétimo volume da *EI* finaliza suas apreciações afirmando: "O que agora nos cumpre é tomar este volume como ponto de partida para uma arrecadação completa das poesias que no integralismo inspirou. Sete anos e dois meses decorrem sobre as poesias apresentadas neste volume. Foi o tempo de auto exílio do Chefe. A 17 de agosto de 1946, o Chefe regressa à Pátria. Inicia-se um novo ciclo!". (FERREIRA, EI, VII, 1959, 49)

Se a educação e a estética apresentadas nos escritos integralistas demonstraram uma concepção cultural por parte de seus produtores, a afirmação poética da militância integralista

apareceu na *EI* como uma das expressões estético/literárias de maior diversidade de abordagens e assuntos. Assim sendo, essa produção poética reuniu uma gama variada de profissionais que tinham em comum o sentimento de pertencimento integralista e uma profunda devoção por Plínio Salgado. A predominância de cidadãos comuns, desconhecidos do público em geral, mesclou-se com a presença de alguns dos mais renomados poetas integralistas. A partir disso, a compilação dos poemas se fez mediante pesquisa realizada por parte dos organizadores do compêndio, em especial de Gumercindo Rocha Dórea, que na época, além de editor da enciclopédia, também ocupava o cargo de redator chefe do jornal *A Marcha*. Foram enviados pedidos de colaboração aos jornais integralistas do interior do país em busca de “novos talentos patrioticamente poéticos”. O trabalho de arregimentação e compilação realizado por Dórea foi desta vez facilitado pela existência de uma antiga coletânea já publicada, e que continha um número superior a 30 poetas integralistas. Principal fonte do 7º volume, a antiga antologia publicada por Dario Bittencourt, em 1936, traz uma coletânea de poetas integralistas de sua época.

Em 1936, Dario Bittencourt, chefe provincial de AIB, escreveu um ensaio sobre ‘O Integralismo e os seus Poetas’, entregando uma duplicata dos originais a Plínio Salgado. O trabalho foi extraviado, em consequência do saque praticado na biblioteca e arquivos do chefe nacional da AIB pela polícia da Ditadura. Dez anos mais tarde, regressando Plínio Salgado de seu autoexílio, o ensaio de Bittencourt veio, inexplicavelmente, ter-lhe de novo às mãos. Agora que se edita a Enciclopédia do Integralismo, este grupo de editores entendeu que não poderia deixar de dedicar um volume à produção poética inspirada pelo Integralismo. A antologia de Bittencourt veio facilitar a busca e pesquisa de jornais e revistas da época. Estes fizeram uma adaptação. Nosso tempo escasso permitiu-nos remodelar, até mesmo para cumprir com nosso cronograma de publicação. (DÓREA, *EI*, VII, 1959, 20)

Para além da relação intelectual, os poemas analisados em sua antologia exaltavam o patriotismo de seus leitores. Tratava-se de uma tática de aliciamento, como o próprio autor revelou: “O ufanismo na poesia é arma mordaz. Vira espingarda e mordaza, depende de como se é utilizada (...) mas também pode ser bandeira branca e estimulador (...) depende só de quem utiliza e quem recebe (...) Os poetas integralistas não são conhecidos e merecem ser focalizados. Os latinos na sua sabedoria, já diziam: *faciunt meliora potentes*.” (BITTENCOURT, *EI*, VII, 1959, 35)

Diferentemente da obra arregimentada por Dário Bittencourt, a coletânea integralista incluída na *EI* procurou mesclar poemas de seus mais conhecidos militantes, com o caráter renovador de escritos produzidos por poetas desconhecidos. Portanto, tinha como proposta não somente apresentar à militância os pensamentos dos membros famosos, mas disponibilizar o que a população simpatizante pensava sobre o movimento. Pouco antes do sétimo volume¹⁹⁹ sair do prelo, Rocha Dórea enfatizou: “(...) da poesia faça-se o reerguimento desta varonil esperança. Viva a poesia

¹⁹⁹ Volume exclusivamente editado com poesias de integralistas conhecidos e anônimos. A Coletânea de Poetas Integralistas, editada na *EI*, ainda necessita de um estudo mais aprofundado. No presente trabalho resolveu-se apenas destacar algumas de suas características básicas, bem como um número mínimo de poemas, visto que uma parte destes foram absorvidos no texto da dissertação. A análise do conteúdo geral da Coletânea será, no futuro, objeto de maiores pesquisas.

integralista diante do berço desta nova criança! (...), pois, à primeira parte deste livro poderíamos subordinar à legenda: ‘Antes’; e a segunda parte, a este apêndice, ao dístico ‘Depois’. E, unindo o ‘Antes’ ao ‘Depois’, poderíamos dar a todo este volume um título: ‘Sempre’”. (EI, VII, 1959, 03) O editor do compêndio aspirava resgatar a cultura poética integralista que acreditava basear-se na “importante demonstração de que o integralismo possuía, antes de tudo, uma proposta claramente ilustrada de cultura”. (*A Marcha*, nov, 1959, 6) A esperança dos grandes expoentes foi combinada com a confiança e a simpatia do indivíduo comum, representante do cotidiano militante integralista. A coletânea organizada pelos editores da Enciclopédia é antes de tudo, documentária. “Neste compêndio há poesias de todos os calões. Há pontos altos, médios e submédios. Alguns atingem alta expressão poética e valor técnico, muitos outros não vão além do valor como subsídio histórico de um estado de espírito”. (SALGADO, EI, VII, 1961, 14)

Nessas poesias, destacou-se o cotidiano do militante. Se o itinerário percorrido pelos demais volumes da *EI* foi a via da doutrinação, a resposta da militância veio em forma de versos e muita passionalidade: decassílabos, alexandrinos, prosaicos, haicais; a interação entre a via consumidora e a produtora da doutrina se estabeleceu naquele volume. Embora apenas uma pequena parcela dessa militância apresentasse ou sugerisse a inclusão de seus poemas na coletânea, o sétimo volume foi uma espécie de intermediador do projeto, no sentido de que, a população simpatizante do movimento teve acesso às páginas do compêndio não só como leitora, mas como agente produtora do que se leria posteriormente. De qualquer maneira, a militância integralista confirmou o que Salgado almejava alcançar quando dizia que: “o sentimento de pertencimento era a tônica do reerguimento e do poder”. (SALGADO, EI, VII, 1959, 14) Plínio Salgado acreditava que o essencial sobre a postura cultural da *EI* se dava, principalmente “(...) devido à consagração da Poesia que num de seus volumes propiciou ao integralismo um estado de espírito antes não percebido e que, por isso, tornou-se fonte perene de um idealismo superior. A ideia de se criar, após este volume, outro celebrando o Hinário do Integralismo acabou por não se desenvolver (...) se agora a poesia é a bola da vez, que chegue a vez dos nossos hinos, tão bonitos e representativos de nossa real vida e vontade”.²⁰⁰ (SALGADO, EI, VII, 1959, 15)

Dentre os elementos constituintes deste *corpo* de mais de oitenta poemas, encontram-se poesias que tratam da população brasileira; do Comunismo como inimigo; do Estado como finalidade essencial do movimento; da Geografia como metáfora do organismo nacional; da mulher; da ideologia propriamente dita; da família enquanto instituição fundamental da sociedade integralista; da simbologia; da exaltação do movimento ao chefe; do negro; da religião; da doutrina como força motriz; dos militares; dos considerados humildes e pobres; dos estudantes; dos operários do campo e da cidade e dos documentos fundamentais do integralismo, dentre outros. Cada um desses elementos apareceu nos poemas como componente fundamental da práxis política/ideológica/cultural integralista.

²⁰⁰ Intervenção de Plínio Salgado à obra do integralista gaúcho, Dário Bittencourt.

Como forma de ilustrar o conteúdo de alguns desses variados poemas, optou-se por fazer uma pequena seleção destacando seis temas pouco discutidos nos escritos integralistas, e que apareceram nos poemas de maneira bastante relevante²⁰¹. A preocupação de que, cedo ou tarde, o integralista encontraria pelo caminho a comparação entre seu ideal e dos estrangeiros, incentivou a propagação de uma série de poesias que tinham como temática o apelo nacionalista e ufanista do militante. No conteúdo do poema abaixo, de autoria de Brasil Pinheiro Machado, um integralista da primeira geração, comprova-se a preocupação ufanista do integralismo em consagrar como superior a “língua mulata cabocla portuguesa”. Para tanto, o autor afirma que a “desbrasilianidade” é um perigo que ronda apenas a cabeça dos ignorantes sobre integralismo.

AQUILO NÃO ERA BRASIL

“O brasileiro nortista que chegava dizia que aquilo não era Brasil!
Que aquilo era uma aldeia russa!
... só que o brasileiro do norte que chorava a desbrasilidade do sul,
não notou que quando parava o seu fórdinho na estrada esburacada
e apeava, para pedir água ou comprar fruta na chacinha em frente
o polaquinho, o russinho, o alemãozinho, o italianinho, nascido ali,
traduziu o pedido do viajante pro pai e do pai pro viajante
numa língua igualzinha a dos caboclos cor de bronze
amulatado sem regra de gramática português, graças a Deus!”

Uma das preocupações dos poetas integralistas era justamente a adequação e o cuidado dispensado ao conceito de gênero. Sendo assim, a mulher não era esquecida pelo movimento, sendo homenageada em odes e poemas. O poema destacado abaixo apresenta a figura feminina atrelada a um comportamento vaidoso e vibrante, pronto a abraçar as causas do movimento. “Troca a veste pomposa pela camisa verde vigorosa...”, como seria cantado em outro poema de mesma temática. Embora houvesse a admiração pela participação das mulheres integralistas, sobretudo nas atividades de retaguarda do movimento, tais como nas escolas do movimento, nos hospitais e lactários, as blusas verdes sempre foram apontadas como coadjuvantes, nunca atuando diretamente na ação e participação política, doutrinal ou intelectual do movimento. Simultaneamente ao discurso de Belisário Penna que dizia ser urgente “para o bem da humanidade, surgir do homem integralista um corretivo à loucura da mulher de querer igualar-se ao homem em tudo e por tudo, em contraposição às leis biológicas (...)” (PENNA, B. EI, IX, 1961, 43) O poema do militante Colbert Crelier exemplifica a significação secundária da figura feminina, apresentada com a sutil preocupação estética frente o uniforme que não escondesse sua feminilidade.

²⁰¹ Todos os poemas aqui destacados foram originalmente escritos nos anos 1930. A escolha de apresentar somente exemplares referentes à primeira geração de poetas integralistas deveu-se, inicialmente, à pequena quantidade de poesias de autores vinculados às demais gerações. Julgou-se, portanto, mais representativo demonstrar exemplares de poemas que expressassem de maneira mais contundente as variantes engendradas pela Antologia dos poetas integralistas que, na sua maioria, expressavam temáticas vinculadas à primeira atuação do integralismo.

A MULHER BRASILEIRA

Penápolis 1935

“Troca os faustos, o luxo de outras vestes pela graça mais simples e atraente
desta camisa verde que, somente de uma sóbria elegância se reveste.
Sem que nenhuma pena te moleste, desde adornos gentis, serenamente,
E num gesto de fé, sincera, ardente esta camisa e esta gravata veste
Se outro vestido mais encanto empresta e sua feminil vaidade exalta
A tua formosura que realça, esta camisa, aqui, verde e modesta,
É o verbo inicial de uma epopéia, não veste o corpo só, veste uma ideia”.

Cabe ainda destacar que dos 84 poemas constituintes desta antologia, apenas dois foram escritos por mulheres. Seus nomes: Haydée Machado Marques Porto e Maria Rita Vaz de Hollanda Cunha, ambas representantes da primeira geração integralista. Embora um dos pilares contra a ofensiva anti-integralista fosse justamente apregoar o caráter aberto, não preconceituoso e antimachista do movimento, a estatística é clara: no universo das poesias integralistas, bem como a cosmologia da decisão partidária, as mulheres eram simplesmente figurantes. Se a figura feminina era coadjuvante, a juventude foi utilizada à exaustão como elemento propagandístico de um movimento que tinha em seus quadros “o futuro da Nação” tal como aludia uma das poesias da antologia do poeta Mayrink. O poema do jovem Miguel Edmar Soares Arruda, que na época não havia ainda completado 17 anos, evidenciou a preocupação em referenciar um possível novo futuro para os brasileiros. A despeito do conteúdo do poema se mostrar não muito significativo, se comparado aos demais selecionados (não debatia ou exaltava nenhuma temática nova), este poema foi utilizado pelos integralistas para promover a penetração da doutrina junto aos jovens que começavam a se interessar por política. Nesse sentido, incentivavam-se novas maneiras de se investir em diferentes linguagens e formas de aproximação. Na época, o autor deste poema chamou mais atenção que as mulheres ou os negros, agentes sociais naturalmente coadjuvantes no universo integralista. A juventude passava a fazer parte, mais que nunca, da cosmogonia poética integralista: força, jovialidade e permanência, a tríade constituinte do integralista ideal, uma imposição do movimento no auge de sua constituição em meados de 1935 a 1936.

Em comunhão com as figuras feminina e jovem, a figura do negro também foi utilizada como elemento propagandístico do integralismo, principalmente para contrapor às acusações de racismo, veiculadas de maneira sistemática pela mídia da época. Poemas como o de D. S. Padão, militante sem identificação conhecida, foram por diversas vezes utilizados como álibis quando o movimento era denunciado como racista. Os quadros integralistas sempre aceitaram negros, embora sua participação fosse bastante reduzida. A poesia foi uma das manifestações que mais divulgou esta recepção. O poema de D. S. Padão (que, provavelmente era um dos muitos militantes negros) visou retratar o quanto à força da raça negra era bem recebida pela sigla. As referências em prol do militante negro também apareceram em outras duas poesias que obedeciam ao mesmo eixo temático, porém não evidenciando a oposição racismo/militante negro, mas sim, indicando a figura do negro como um elemento natural do universo integralista.

POEMA DO HOMEM NEGRO

“Aquele homem forte, *escuro*²⁰², erecto, valente desafiava a morte.
Na milícia, não mal comparando, parecia o jequitibá
Em torno do qual, gloriosamente, a floresta verde se estendia.
Mas um dia, porém, Deus o levou também, e desde esse dia,
Um vácuo na terra se sentia em prol da Milícia do Além.
Hoje resta a clareza à minha alma varonil.
Quem morre camisa verde,
Morto, é muito mais vivo
No coração do Brasil!”

O Integralismo do homem branco e negro; da mulher; do jovem; do brasileiro e do estrangeiro que, simpatisasse com o movimento; do militar e do militante civil sempre foi apresentado como a “salvação de uma Nação desprovida de futuro”. (SALGADO, EI, I, 1957,78) Foi também a “sentinela atenta”; o “oráculo dos problemas da Nação”; o “dissipador das mazelas do Brasil”²⁰³, títulos de poemas laudatórios apresentados no volume. No poema de Julio Dias, escrito em meados de 1935, a vocação salvadora foi, mais uma vez, explorada como um atributo original do integralismo, cuja finalidade única se dava na viabilidade do tão esperado Estado Integral.

O aspecto militar do integralismo sempre foi questão de orgulho por parte de seus membros. O alerta dos militares seduziu os integralistas que pregavam a autoestima e a disciplina como elementos imprescindíveis para sua auto realização. Por outro lado, o integralismo canalizou os sonhos de muitos militares (mais na marinha de guerra), que viam no ideário a ponte para ascensão do tão sonhado estado brasileiro integrado. Os conceitos de hierarquia, respeito e disciplina - atributos cobrados de um integralista – tiveram neste poema do Major Waldomiro Ferreira, (militar de carreira desde o início vinculado ao movimento), um tratamento peculiar, pois apresentaram aos leitores a indissociável relação entre os universos militar e integralista. Tal relação atestou a significância da figura do militar no cotidiano do integralismo, interlocutor direto quando se tratava de fazerem-se valer os elementos patrióticos e disciplinadores.

Uma vez que esses poemas foram, na sua maioria, publicados originalmente nas páginas dos jornais integralistas dos anos 1930, ao serem reapresentados na *EI* reconstituíram o ideal do velho movimento rearticulado frente à nova conjuntura. E como o objetivo central da publicação desta antologia foi dar voz aos desconhecidos integralistas, apontando elementos considerados valiosos do universo dessa militância, a antologia arregimentada por Rocha Dórea termina com uma espécie de prognóstico para futuros volumes do projeto poético integralista. “O que agora nos cumpre é tomar

²⁰² Como a grafia da palavra “escuro” havia sido publicada em negrito no volume consultado resolveu-se pesquisar junto a exemplares do mesmo volume para comprovar o destaque ou se a grafia do exemplar consultado havia sido um erro de impressão. Pesquisados cinco exemplares do 7º volume da *EI*: Coletânea dos poetas integralistas constatou-se que, em três exemplares a grafia acompanhava a palavra “escuro” em negrito, o que fez supor que havia a intenção editorial de se destacar a palavra. Apesar dessa constatação, nenhuma indicação comprovou a real intenção do destaque, não podendo também explicar o porquê dos dois outros exemplares não terem sido publicados com o destaque em negrito da referida palavra.

²⁰³ Alusão a outros poemas constituintes da Antologia dos poetas integralistas cuja temática discutia elementos levantados pelo militante Julio Dias.

este volume como ponto de partida para uma arrecadação completa das poesias que no integralismo inspirou. Doze anos e dois meses decorrem sobre as poesias apresentadas neste volume. Sete deles foi o tempo de auto exílio do Chefe. A 17 de agosto de 1946, o Chefe regressava à Pátria. Iniciava-se um novo ciclo!”. (MJ. FERREIRA, *EI*, VII - Poesias - 1959, 49) Entretanto, o reduzido número de poemas datados do pós-guerra aponta para o fato de que a colaboração militante perrepista, se deu de maneira exígua e descontínua, fator que dificultou uma maior avaliação do grau de recepção do empreendimento editorial. Contabilizado os investimentos, verificou-se que a acanhada recepção da *Enciclopédia do Integralismo* deveu-se, possivelmente, ao caráter estigmatizante que o integralismo ainda conservava mediante seu histórico de comparações e aproximações estéticas e ideológicas com os fascistas europeus, em especial com os italianos. A despeito de seus representantes afirmarem nunca terem sido ajudados pelos fascistas, nunca terem sequer flertado com sua postura autoritária e política, “(...) no máximo com sua bela estética!” (*Idade Nova*, 12/4/1946, 4), provas recém pesquisadas sustentam a vinculação do fascismo com o integralismo.

Registra-se que a proposta de se analisar alguns dos poemas deste grupo específico de militantes integralistas, avulsos, desconhecidos, sem proeminência dentro do movimento, se dá na medida em que a *EI* consubstanciou-se num projeto de fortalecimento da identidade política de uma parcela da sociedade que, embora reduzida, requeria, naquele momento, direito de se pronunciar. Segundo a percepção passional de seus idealizadores, corroborada pelas manifestações de apreço e solidariedade de sua militância: o compêndio se constituiu no “único guia confiável diante o mundo de retrocessos e brumas políticas” em que o país se encontrava. Em contrapartida, para a maioria dos segmentos da sociedade vigente, os “jacarés falantes do integralismo”, tal como enfatizou Mario de Andrade, significaram um enorme retrocesso político. A colaboração militante, no que tangia ao envio contínuo de poesias para a publicação pouco valeu para que, concretamente, pudesse-se avaliar o seu grau de recepção.

Contabilizado os investimentos, verificou-se que, a acanhada recepção da *Enciclopédia do Integralismo* deveu-se, possivelmente, ao acirrado ranço que ainda pairava sobre os integralistas, mediante seu histórico de comparações e aproximações estéticas e ideológicas com os fascistas europeus, em especial com os italianos. Embora seus representantes sempre afirmassem nunca terem sido ajudados pelos fascistas, nunca terem sequer, flertado com sua postura autoritária e política “no máximo com sua bela estética!” (*A Marcha*, 12/4/1946. 4), provas recém encontradas por um estudioso do tema sustentam a aproximação provedora do fascismo italiano com o integralismo. (BERTONHA, (1992-3 e 200-01). Por isso registramos que a proposta de se analisar a condução política doutrinal deste grupo específico de integralistas, se dá na medida em que, a *EI* consubstanciou-se num projeto de apresentação de suas credenciais para o público militante. Segundo a percepção passional de seus idealizadores: foi o *único guia no mundo de brumas políticas* em que o país se encontrava. A percepção de quem a estudou é de que as hipérboles foram a maior marca da publicação deste compêndio, que revelou a auto compressão que os integralistas tinham de si: notas supervalorizadas em um cenário de desvalorização do seu papel social.

Conforme foi mostrado estabeleceu-se, no interior dos textos da *Enciclopédia do Integralismo*, elementos contraditórios que, apesar do filtro de seu organizador, acabou por aflorar. Estes permitiram apreender as dissonâncias e similitudes no interior do discurso integralista. Deste modo, a coexistência de diferentes gerações e a seleção de um temário heterogêneo fez do sumário desta *Enciclopédia* palco privilegiado do debate político/ideológico/institucional do integralismo. Os ‘feitos’ dos escritores vinculados ao integralismo foram amplificados na compilação realizada por Rocha Dórea, como se este lançasse uma lente de aumento nas ações realizadas pelos integralistas por ele selecionados, super enfatizando suas relações a despeito de uma minoria, ainda permanecer vinculada ao movimento, na época em que foram publicados os volumes. Da leitura de seus 12 volumes sobressaiu a noção de um integralismo estruturado para reagir às contraposições impostas pelo estabelecido jogo democrático. As posturas morais presentes no compêndio não destoaram do antigo e cultuado perfil nacionalista e os projetos expressos em cada volume coadunaram-se num corpo mais ou menos coeso de lembranças e depoimentos, tributários à figura de Salgado. Este, por sua vez, apareceu, invariavelmente, como figura central e difusora dos limites entre a memória e a história do integralismo. Finalizando, tornou-se claro que a dinâmica exercida pelos temas da *Enciclopédia* sinalizou a absoluta impossibilidade por parte dos integralistas de responderem ou dialogarem com os problemas e temáticas contemporâneas à publicação. Suas temáticas continuaram referenciando sua atuação nos anos 1930, e o único elemento contemporâneo apresentado foi o anticomunismo, verdadeira bandeira que uniu diversos seguimentos da sociedade, em finais dos anos 1950. Com exceção do anticomunismo, e dos debates em torno de um comportamento supostamente democrático por parte do PRP o silêncio que imperou nos debates bem como nas apresentações do compêndio sinaliza a absoluta falta de ambientação dos integralistas no período vigente, demonstrando que estes optaram por permanecer presos a um passado que acreditavam ter sido glorioso. Embora o integralismo tenha se esforçado, sua ode à nostalgia criou descrédito ao invés de atenção. Este projeto editorial, antes de apontar para uma sobrevivência de um integralismo redivivo, sinalizou a derrota de um projeto que visava ampliar suas redes de sociabilidade, bem como suas listas de simpatizantes. Ainda assim, acredita-se que a *Enciclopédia do Integralismo* se constituiu no mais significativo marco do integralismo do pós-guerra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O INTEGRALISMO DA ENCICLOPÉDIA: ÊXITO OU ÊXODO?

Qual teria sido o maior dogma do sigma? Nos perguntamos na introdução desse livro. As respostas para essa pergunta nos pareceram diversas e divergente. Ter descoberto um conjunto de escritos que jamais havia sido analisado foi uma chance singular de explorar este caminho dicotômico entre a memória e a história. Paralelamente, ter mantido contato com seu idealizador, nonagenário integralista ainda fiel às suas premissas acentuou ainda mais esta dicotomia. Desde quando tive meus primeiros contatos com a *Enciclopédia do Integralismo*, até o presente momento, (final de uma trajetória cheia de pontos e contrapontos na busca por ideias, memórias e personagens), muitas histórias foram conhecidas. Muitos personagens foram ouvidos. Mesmo assim, diversas peças ainda faltam para preencher este mosaico.

Os objetivos deste livro foram parcialmente alcançados. Verificou-se que, nos três últimos anos da década de 1950, quatro acontecimentos recolocaram o integralismo na ordem do dia: a) a retomada do legado integralista dos anos 1930, b) a criação de entidades extrapartidárias, como por exemplo, a CCCJ, c) o lançamento de candidatura própria à presidência em 1955, e d) o resgate da simbologia integralista, com especial atenção à publicação da *Enciclopédia do Integralismo* deram maior visibilidade ao movimento e modificaram sua estruturação interna. Ainda que não tenha determinado o retorno à perspectiva estratégica adotada nos anos 1930, o que, de resto, seria inviável no contexto dos anos 1950, as novas táticas adotadas foram importantes, dotando o movimento de novos instrumentos (as entidades extrapartidárias), possibilitando que seu discurso tivesse maior repercussão pública (candidatura presidencial em 1955) e impedindo que perdesse completamente sua identidade (retomada do legado e simbologia integralistas).

Portanto, se um dos objetivos deste livro era focar com lente de aumento os acontecimentos que envolveram o integralismo no final dos anos 1950, grande parte desta finalidade foi contemplada. Outros escopos, no entanto, tiveram que ser relativizados, muito em função do pequeno conjunto de informações que se encontrava disponível, sobretudo com relação aos indivíduos e suas biografias. Nos cinco capítulos apresentados, foi possível mapear alguns dos personagens mais representativos do movimento integralista no período estudado, com ênfase para as dezenas de horas de gravação de seus depoimentos, base sólida na qual este trabalho se assentou. O contato com os depoentes, as negativas, ilações, réplicas, tréplicas, enfim, o contraditório dos depoimentos, bem como dos silêncios diante de perguntas entendidas como impertinentes, mobilizou um universo (diria, *pluriverso*) que

apenas as evidências orais poderiam apresentar. Gumercindo Rocha Dórea foi, nesse sentido, um interlocutor corajoso, pois aceitou enfrentar as contradições de mais de meio século atrás, dispondo-se e despendo-se de preconceitos, ao menos, os que inviabilizassem nossas conversas. Com ele, aprendi que a *Enciclopédia do Integralismo* foi mais que uma retomada folclórica de um movimento político contestado. Mas, também foi com Dórea que entendi definitivamente a correlação entre “memórias edulcoradas” e “histórias forjadas”. Seu discurso foi, para mim, o híbrido das duas coisas.

Por outro lado, se meus interlocutores e a documentação disponível propiciaram adentrar profundamente no discurso, ações e contradições integralistas, o período em que se concentrou a pesquisa foi preponderante para que se comprovassem algumas de minhas hipóteses. Todos os mecanismos de ação militante e doutrinal descritos neste livro (as alianças políticas levadas a cabo pelo Partido de Representação Popular, as interlocuções do integralismo no período estudado, as celebrações dos 25 anos do integralismo e a publicação da *Enciclopédia do Integralismo*, as representações caricaturadas desse período) fizeram emergir uma questão que apenas as fontes escritas não deram conta de responder: por que os integralistas voltaram ao cenário partidário nacional do período estudado municiados de um discurso passadista e não vanguardista, como seria de se esperar de um grupo que objetivava a manutenção de sua permanência, em um cenário - diga-se de passagem - contrário às pretensões de grupos de discursos e ações radicais, como era o dos integralistas? Porque insistiram na manutenção de suas vestes, ritos e alegorias pregressas, ainda vinculadas a um discurso nacionalista e autoritário?

O integralismo dos anos 1930 pregava um nacionalismo sectário, uma postura antialianças, a manutenção de um estado corporativo, bem como alimentava a certeza de que era o único partido nacional que possuía as credenciais para apresentar um projeto de Nação, segundo suas palavras: “realmente plausível”. Então, redefinindo (a seu modo) pontos de choque com a postura dos anos 1930, os integralistas *perrepistas* de finais dos anos 1950, buscaram na sua estruturação elementos que reafirmaram seu aparato ritualístico e mítico. Mantiveram uma oposição ferrenha ao comunismo e concentraram-se em supervalorizar seus aspectos simbólicos, como força motriz para sua caminhada política. O foco foi atingir a atenção da antiga, mas dissipada, desmotivada e desmantelada militância. É relevante que nos finais da década de 1950 questões que legitimavam os estatutos da democracia, nacionalismo, partido político, militância, dentre outros elementos constituintes da redemocratização voltariam a ganhar importância, o que fez a permanência do integralismo no cenário nacional ser questionada. O integralismo forçou-se então, a modificar sua mensagem e seus preceitos doutrinários, no momento em que a atenção da sociedade estava voltada para a reconquista de direitos civis e políticos que lhe haviam sido extirpados: dentre eles, a livre iniciativa política, a liberdade de voto e de coligações partidárias.

Nos doze primeiros anos de sua atuação (1945-57) o Partido de Representação Popular - PRP (veia partidária do “novo integralismo”) procurou afastar-se de todos os preceitos que lembrassem a primeira atuação integralista. No entanto, a partir de 1957, o que antes foi renegado passou a partir daquele momento a ser conduta do partido. O partido passou então a atuar como incentivador da

rememoração de um passado, entendido por eles como “glorioso”, no qual o movimento ocupava lugar de destaque. Procurou-se então se aproximar dos ritos, alegorias e símbolos oficializados no integralismo dos anos 1930 como forma de reafirmar o movimento que, perdia cada vez mais adeptos. Desse quadro complexo, foi possível depreender que a publicação da *Enciclopédia do Integralismo* surgiu como uma tentativa de propagandear a retomada ideológico/simbólica do movimento, apresentando-se à sociedade como um movimento que objetivava a ascensão ao poder e o combate ao comunismo.

Também se tornou possível perceber que a *Enciclopédia do Integralismo* foi, antes de tudo, um instrumento de aglutinação de vários grupos diferentes, pertencentes ou não ao movimento, que visava redimensionar a dar visibilidade dos autores selecionados, em um momento que muitos destes nomes já não mais atuavam no integralismo. Deriva disso apenas a primeira de várias contradições percebidas nesta pesquisa. Pois, como sustentar uma publicação com discursos e escritos de pessoas que não comungavam mais da cartilha integralista? Esse é um elemento fundamental deste trabalho porque, como foi demonstrado, mais da metade dos sujeitos presentes nos escritos faziam parte de uma “ala não mais integralista”, no momento em que o compêndio é publicado. Aliás, como se tratou de uma seleção planejada e executada exclusivamente por uma pessoa, o proprietário das *Edições GRD*, este compêndio expressou antes de tudo, as preferências idiossincráticas deste editor de livros, cuja tendência conservadora fora alimentada pela interlocução que este manteve ao longo da vida com chefe integralista, Plínio Salgado.

Entende-se que sua compilação só foi possível graças à conjuntura daquele período, momento especial com relação ao crescimento dos meios de comunicação e difusão dos mesmos, o que também possibilitou a construção de uma rede de sociabilidades entre integralistas diversos. Nesse sentido, este trabalho buscou demonstrar que os autores selecionados na *Enciclopédia do Integralismo* possuíam uma relação que ia além da afinidade meramente partidária, demonstrando pontos de contato entre suas biografias que não eram apenas os da militância, mas muitas vezes, pessoal, profissional e mesmo emocional. Para isso, a percepção desta sociabilidade pôde ser mais bem expressada a partir da leitura de um projeto de cultura política específica, que sustentou a base desta pirâmide de relações pessoais. A leitura que se depreende deste mosaico integralista é que a pluralidade que caracterizou os artigos expressos na *Enciclopédia* foi o mote fundamental para sua compreensão. Tratou-se de integralismos no plural. Dito isso, a opção de se estudar a *Enciclopédia do Integralismo* como um *lugar de memória* integralista, bem como um lugar de fermentação intelectual, de relação afetiva, e ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade, foi a chave para perceber mais que um amontoado aleatório de escritos, saídos da engenhosidade de um editor pitoresco.

No entanto, uma questão permanece inalterada: os integralistas viam na publicação da *Enciclopédia* uma tentativa de redenção perante tudo o que havia construído e esquecido por parte da militância. Congregava, assim, um caráter memorialista, no sentido, de atribuir valores às práticas do integralismo do pré-guerra. Corroboro a afirmação de que esta publicação, antes de se constituir num êxito editorial, político e mesmo discursivo, mostrou ser uma tentativa de

ressonância mediana no reavivamento das memórias integralistas. Nesse sentido, a noção sobre o êxito deste empreendimento é bastante diferente entre os integralistas e os pesquisadores do integralismo, pois os primeiros acreditam que o simples fato de pesquisadores estarem interessados em redescobrirem a *Enciclopédia* já aponta para sua dimensão exitosa.

Em contrapartida, o fato de dezenas de escritos integralistas terem sido compilados em forma de uma publicação, e desta ter chegado a uma parcela ainda não computada de militantes por meio de mala direita, não informa o quanto estes escritos tiveram, de fato, papel transformador na tentativa do integralismo de se fortalecer simbolicamente. O êxito dessa publicação reside no fato dos integralistas conseguirem por tempo determinado (não raro, curto) colocar na ordem das discussões vigentes o que foi este movimento político. Ao contrário, o que se percebe é que o projeto editorial acabou por se transformar em uma vitrine do êxodo de ex-integralistas, que no período em que o conjunto de escritos foi publicado não faziam mais parte nem do partido PRP, nem do movimento integralista, transformando a *Enciclopédia* em um *lugar de memória* de um movimento representado por pessoas que não mais faziam parte de seus quadros, nem tampouco legitimavam as ideias contidas neste compêndio. Cabe ainda lembrar, que este conjunto de escritos refletiu as ideias de três gerações de integralistas (dos anos 1930, 1940 e 1950), com uma proporção esmagadora para os escritos datados dos anos 1930.

Podemos aferir que esta publicação foi mais um demonstrativo panorâmico de como o integralismo se apresentou ao longo de seu curso. Talvez o êxito esperado por seu editor, tenha sido congregar gerações distintas. No entanto, mais de sessenta anos depois de sua edição fica a pergunta: qual foi o legado deixado por estas gerações? Ainda hoje nos falta resposta plausível para esta indagação. O que podemos afirmar, é que, os integralistas dos finais dos anos 1950 legaram para seus descendentes ideológicos um espólio de ações, discursos e práticas que tinha na leitura radical de mundo o esteio para sua sobrevivência. Parece-nos que os legatários dessa herança aprenderam bem a lição deixada por seus ancestrais direitistas. A importância de se estudar o integralismo (em suas diversas manifestações) se pauta, portanto, pela necessidade de se entender e interpretar as diversas culturas políticas ligadas ao conservadorismo. Este trabalho legitima a ideia de que o integralismo foi a versão fascista brasileira, mas antes de tudo, procura assegurar que houve gradações em seus elementos fundantes, e que estes merecem ser desmistificados. O dogma do sigma foi acreditar que a palavra de seu líder, Plínio Salgado reverberada nos escritos da *Enciclopédia do Integralismo* respondia a um continuum tempo-espaco. Permanecia atual e valorosa, em detrimento de ser proferida em tempos de democracia. A contradição foi o espelho do dogma refletido nos últimos arroubos de uma geração acostumada a referenciar sua liderança.

Por tudo o que foi elencado entende-se que a *Enciclopédia do Integralismo* sugeria a seus leitores a manutenção da valorização de seu passado/presente funcionando como âncora numa tentativa desesperada de reviver o ocorrido, lembranças amplificadas pela certeza de que não eram mais os mesmos. E, a despeito do discurso integralista resistir à oxidação, suas memórias

enfraqueceram-se com o tempo, o que acentuou definitivamente seu anacronismo. Todas essas questões ajudaram a construir a trajetória deste estudo. De 2000 quando pela primeira vez entrei em contato com a *Enciclopédia*, até o dado momento, esta trajetória foi recheada de surpresas e de reflexões, processo que entendo ser interessante compartilhar. Se, inicialmente eu estudava o integralismo para perceber dissonâncias do discurso direitista (proposta que, como tempo se mostrou minimalista), com o passar das leituras e discussões, o foco se ampliou.

O discurso conservador do integralismo permaneceu como elemento de minhas indagações, mas não como elemento único. A diversidade contida nos escritos daquele compêndio me fez ampliar os interesses sobre os *tons* da dinâmica integralista. Antes, questionava o discurso e a representação hermenêutica do que os integralistas buscavam. Depois, o amadurecimento da pesquisa me levou a perceber, além do discurso, as ações e as contradições existentes nesse curioso e mutável conservadorismo. Este, sem dúvidas o maior dos desafios para um pesquisador acostumado a lidar com os mecanismos do discurso político. A intersecção entre os aspectos simbólico-culturais e discursivo-analíticos me viabilizou ampliar os focos e as perspectivas com as quais construí esta análise.

No período pós-guerra, questões que legitimavam os estatutos da democracia, nacionalismo, partido político, militância, dentre outros elementos constituintes da redemocratização voltaram a ganhar importância, o que fez a permanência do integralismo no cenário nacional perder sentido, sobretudo porque o movimento ainda era acusado de manter algumas das características radicais dos anos 1930. O PRP surgiu então, modificando sua mensagem e seus preceitos doutrinários, no momento em que a atenção da sociedade estava voltada para a reconquista de direitos civis e políticos que lhe haviam sido extirpados: dentre eles, a livre iniciativa política, a liberdade de voto e de coligações partidárias. A partir de 1945, torna-se lugar comum o partido afirmar uma postura mais permeável, adequada ao cenário democrático que se estruturara.

Nos doze primeiros anos de sua atuação (1945-57) o PRP procurou afastar-se de todos os preceitos que lembrassem a primeira atuação integralista. No entanto, a partir de 1957, por conta da pequena representatividade conseguida até então, e das comemorações do Jubileu integralista a postura do PRP modificou-se. O que antes foi renegado passou a partir daquele momento a ser conduta do partido. O integralismo do período pós 1957 foi um movimento que buscou na sua estruturação elementos que reafirmassem seu aparato ritualístico e mítico. Além disso, com uma oposição ao comunismo cada vez mais acentuada o integralismo concentrou-se em supervalorizar seus aspectos simbólicos. A publicação da *Enciclopédia do Integralismo* surgiu então como uma tentativa de propagandar a retomada ideológico/simbólica do movimento. Os integralistas pretendiam, antes de tudo, apresentar à sociedade um integralismo que objetivava o combate ao comunismo e a ascensão ao poder.

Conforme foi demonstrado, estabeleceu-se, no interior dos textos da *EI*, elementos de tensão entre as várias gerações que, apesar do filtro dos organizadores, acabou por aflorar. Tal tensão permitiu apreender as dissonâncias e similitudes no interior do discurso da *EI*. O integralismo, tal

como veiculado no compêndio carregou a marca pliniana, mas, contou com contraposições que fizeram do integralismo do pós-guerra um movimento multifacetado. Em vista disso, acredita-se que as celebrações dos 25 anos e a publicação da *EI* se constituíram no mais significativo marco da guinada política, simbólica e estética do integralismo do pós-guerra.

Finalizando, o caminho percorrido neste livro possibilitou a percepção de que os integralistas, no momento em que publicam a *Enciclopédia* não possuíam mais espaço de destaque no cenário político nacional. Esta constatação foi decisiva para que o compêndio fosse encarado, simultaneamente como tábua de salvação e única proposta de sobrevivência política para aqueles integralistas. Neste cenário, os doze volumes da *Enciclopédia do Integralismo* lograram um êxito momentâneo, mas evidenciou e representou também, o explícito êxodo das grandes lideranças que nos anos 1930 forjaram o movimento. Conclui-se com isso que a *Enciclopédia* (seus artigos, autores e editor) se constituiu na aparição mais efetiva que o integralismo teve na sua segunda incursão política. Forjou-se no próprio dogma de que seria perpétuo, mas conheceu o caso semelhante a tantos outros dogmas. Por isso, buscou-se analisar partes desta história, chamando a atenção para o fato de que o integralismo do pós-guerra, suas certezas, fraquezas e dogmas merecem ser mais bem interpretados. Para o bem da própria democracia.

REFERÊNCIAS

40º Aniversário do Manifesto da Ação Integralista Brasileira. Câmara dos Deputados. Sessão de 10 de outubro de 1972. Departamento de Imprensa Oficial, Brasília, 1973.

A CRISE PARLAMENTAR E OS 5 DISCURSOS DE PLÍNIO SALGADO. Rio de Janeiro: Folha Carioca Editora, 1962. Mandado publicar pelo Comitê Pró-Candidatura de Plínio Salgado

ABRAMO, Fulvio. “*Manifesto da Frente Única anti-fascista*”. SP, 14 de julho de 1933, in: *Frente única Antifascista (1934-1984)*. Caderno CEMAP, nº 1, SP, CEMAP, outubro de 1984.

ABRAMO, Fulvio. *7 de outubro de 1934 – 50 anos*. SP: Centro de Documentação do Movimento Operário Mario Pedrosa (CEMAP), 1984.

ABREU, Alzira Alves de [et. al.]. *Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930*. Edição revista e atualizada. Rio de Janeiro, Ed. FGV; CPDOC, 2001. 5 volumes. AC/Primyl, 1995.

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral do CPDOC*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1989.

Alguns aspectos da vida cultural brasileira. RJ, MEC, 1952-1954 e 1956-1958.

ALMOND, G. & VERBA, S. *The civic culture revisited*. Boston, Little & Brown, 1980. p.213. Apud. SANI, Giacomo. Verbete: Cultura Política. In: BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política*. UNB, Brasília 1995, 2 vols.

ALVES, Ivan. *Os nossos super-heróis: nem notívagos nem marinheiros, são os integralistas que chegam*. Rio de Janeiro, Otto Pierre, 1982. (Coleção Grandes enigmas de nossa História).

ANDRADE, Olimpio de Souza. *O livro Brasileiro desde 1920*. Rio de Janeiro, Cátedra/MEC, 2.ª edição, 1978.

ANSART, Pierre. *Ideologias, conflitos e poder*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

ARAÚJO, Célia Cerqueira de. *A ideologia integralista de Olbiano de Melo: estudo sobre o pensamento político de Olbiano de Melo nas décadas de 1920 e 1930*. Dissertação de Mestrado (História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1991.

- ARAÚJO, Ricardo Benzaquén de. *Totalitarismo e revolução: o Integralismo de Plínio Salgado*. Rio de Janeiro, Zahar, 1987.
- ARENDT, Hanna. *Origens do Totalitarismo*. São Paulo, Difel, 1978.
- ARON, Raymond. *Démocratie et Totalitarisme*, Paris, Gallimard, s/d.
- ATHAIDES, Rafael. *As paixões pelo Sigma: afetividades políticas e fascismos*. 2012. Tese. (Doutorado em História). Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 2012
- ATTIAS-DONFUT, Claudine. 'La notion de génération: usages sociaux et concept sociologique. *L'Homme et la Société*'. Paris. *L'Harmattam* (90): 36-50, 1988.
- BACZO, Bronislaw. "Imaginação social". in: ROMMANO, R. (Dir.) *Enciclopédia Einaudi - Anthropos – Homem*, Lisboa: Casa da Moeda, Imprensa Nacional, 1985, v.5.
- BAHIA, J. A. *Jornal, história e técnica. História da imprensa brasileira*. São Paulo, Editora Ática, 1980.
- BARBOSA, Jefferson Rodrigues. *Chauvinismo e extrema direita: crítica aos herdeiros do Sigma*. São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- BATISTA, Neusa Chaves, CALIL, Gilberto Grassi, SILVA, Carla Luciana. *Depoimento de Umberto Pergher*. Porto Alegre: Centro de Documentação sobre a Ação Integralista Brasileira e o Partido de Representação Popular, 1998.
- BATISTA, Neusa Chaves, CALIL, Gilberto Grassi, SILVA, Cátia Fabiana. *Depoimento de Dolmy Antonio Tarasconi*. Porto Alegre: Centro de Documentação sobre a Ação Integralista Brasileira e o Partido de Representação Popular, 2000.
- BATISTA, Neusa, FLACH, Ângela, MILKE, Daniel Roberto. *Depoimento de Antônio Setembrino de Mesquita*. Porto Alegre: Centro de Documentação sobre a Ação Integralista Brasileira e o Partido de Representação Popular, 1999. 53p.
- BEIRED, José Luis Bendicho. *Sob o signo da nova ordem - Intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina (1914-1945)*. SP, Edições Loyola, 1999.
- BELMONT, Nicole. *Vida/Morte*. In: *Enciclopédia Einaudi*. Vol. 36: Vida/Morte – Tradições/Gerações. Lisboa- Porto- Coimbra. Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1997.

- BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *O Governo Jânio Quadros*. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- BENEVIDES, Maria Victória. *A UDN e o Udenismo*. RJ: Paz e Terra, 1981.
- BENEVIDES, Maria Victória. *O PTB e o trabalhismo*. RJ: Paz e Terra, 1985.
- BENNASSAR, Barolomé. “*Culte de héros, cultes dès reliques*”. *Caravelle – cahiers du Monde Hispanique et Luso-Brasilien*. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, nº 72, jun. 1999.
- BERSTEIN, Serge. *Les Cultures politiques en France*, Seuil, Collection “*L’univers historique*”, 1999.
- BERSTEIN, Serge. ‘*Rites et rituels politiques. & La culture politique*’. In: Jean Pierre Rioux & Jean François Sirinelli. *Pour une Histoire Culturelle*. Editions du Seuil, 1997.
- BERTONHA, João Fabio. “A máquina simbólica do Integralismo. Controle e propaganda política no Brasil dos anos 1930”. *História e Perspectiva*. Uberlândia, MG, julho/dezembro - 1992 (pp.87-110).
- BERTONHA, João Fabio. “Entre Mussolini e Plínio Salgado: o Fascismo italiano, o Integralismo e o problema dos descendentes italianos no Brasil”. *Revista Brasileira de História*. v. 20, nº 40, São Paulo, 2000.
- BERTONHA, João Fábio. *Bibliografia orientativa sobre o integralismo: 1932-2007*. Jaboticabal: Funep, 2010.
- BERTONHA, João Fábio. *Integralismo. Problemas, perspectivas e questões historiográficas*. Maringá, PR: EdUEM, 2014.
- BERTONHA, João Fábio. *Plínio Salgado. Biografia política (1895-1975)*. São Paulo: Edusp, 2018b.
- BERTONHA, João Fábio. Salgado, Reale e Barroso. Políticos e intelectuais em circulação entre o Brasil, a Itália, a Alemanha, a França e Portugal. *Perseu: História, Memória e Política*, v. 12, p. 11-37, 2018a.
- BEVILÁCQUA, Clovis. *História da Faculdade de Direito de Recife*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1927.
- BICCA, Luis Eduardo. *Para a crítica da Ideologia Integralista*. Dissertação de mestrado, Dep. Filosofia-PUC/RJ, 1978.
- BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola & PASQUINI, Gianfranco. *Dicionário de política*. Brasília, Fundação UNB, 1995.

- BODEA, Miguel. *Trabalhismo e populismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/ UFRGS, 1992.
- BOJUNGA, Cláudio. *JK – o artista do impossível*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.
- BOM MEIHY, José Carlos Sebe. *Manual de História Oral*, Loyola, São Paulo, 1996.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo, Cultrix, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. *Campo de poder, campo intelectual e habitus de classe*. In: *A economia das trocas simbólicas*. SP: Perspectiva, 1974.
- BOURDIEU, Pierre. *As Regras da Arte*. São Paulo, Cia. das Letras, 1996, pp. 362-363.
- BRASIL, Olavo. *Partidos políticos brasileiros (de 1945 a 1964)*. Rio de Janeiro, Graal, 1983.
- BRESCIANI, Stella (org.). *Imagens da cidade séculos XIX - XX*. São Paulo, Marco Zero, ANPUH / FAPESP, 1993.
- BRUNO, Ernani Silva. *Almanaque de memórias*. Hucitec, 1986. (autobiografia)
- BULHÕES, Tatiana da Silva. *Integralismo em foco: imagens e propaganda política*. Rio de Janeiro: Imprensa oficial do Estado do Rio de Janeiro, 2012.
- BURKE, Peter. O estudo das elites. In: *Veneza e Amsterdan: um estudo das elites do século XVII*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- BUSETTO, Áureo. *A Democracia Cristã em S. Paulo: princípios e práticas políticas*. Tese de doutoramento. FCL - UNESP/Assis, 1998.
- CADERNOS AEL. Anarquismo e Anarquistas. 8/9 – 1998 – p.181.
- CALDEIRA NETO, Odilon. Neofascismo, “nova república” e a ascensão das direitas no Brasil. *Conhecer: Debate entre o Público e o Privado*, v. 10, n. 24, p. 120-140, 2020.
- CALDEIRA NETO, Odilon. *Sob o signo do Sigma: integralismo, neointegralismo e o antissemitismo*. Maringá, PR: EdUEM, 2014a.
- CALDEIRA, João Ricardo de Castro. *Integralismo e política regional: Ação Integralista no Maranhão*. São Paulo, Annablume, 1999.

CALIL, Gilberto Grassi, SILVA, Carla Luciana. *Depoimento de Emílio Otto Kaminski*. Porto Alegre: Centro de Documentação sobre a Ação Integralista Brasileira e o Partido de Representação Popular, 1996.

CALIL, Gilberto Grassi. *A Nova face do verde: o Integralismo no pós-guerra e a criação do PRP*. Dissertação de Mestrado na PUC-RS, 1998.

CALIL, Gilberto Grassi. *Depoimento de Guido Fernando Mondin*. Porto Alegre: Centro de Documentação sobre a Ação Integralista Brasileira e o Partido de Representação Popular, 1998. 89p.

CALIL, Gilberto Grassi. *Integralismo e Hegemonia burguesa: a intervenção do PRP na política brasileira (1945-1965)*. Cascavel: Edunioeste, 2010.

CALIL, Gilberto Grassi. *O integralismo no pós-guerra - A formação do PRP (1945-1950)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

CAMPOS, Maria Teresa de Arruda; DOTTA, Renato Alencar (org.). *Dos papéis de Plínio: contribuições do Arquivo de Rio Claro para a historiografia brasileira*. Rio Claro, SP: Oca, 2013.

CÂNDIDO, Antônio. *Prefácio*. In: Chasin, J. *O integralismo de Plínio Salgado*. São Paulo: Liv. Ciências Humanas, 1978.

CANELLA, Sandra Cássia. *A Indústria cultural e a Reificação da Ideologia*. Dissertação de Mestrado. PUC/SP, 1990.

CÂNEPA, Mercedes Maria Loguércio. *Partidos e representação política: a articulação dos níveis estadual e nacional no Rio Grande do Sul (1945-1965)*. Porto Alegre: UFRGS, 1999, 2 v. Tese (Doutorado em Ciência Política).

CAPELATO, Maria Helena R. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. Campinas, Papirus/ FAPESP, 1998.

CARDOSO, Ciro & VAINFAS, Ronaldo. "História e Análise de Textos". *Os Domínios da História - Ensaios de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro, Campus, 1997, p. 377.

CARDOSO, Claudira do S. C., FLACH, Ângela, MILKE, Daniel Roberto. *Depoimento de Lino Grings*. Porto Alegre: Centro de Documentação sobre a Ação Integralista Brasileira e o Partido de Representação Popular, 2000.

CARDOSO, Claudira do Socorro Cirino. *O integralismo no processo político gaúcho: a máquina partidária do PRP e seus dirigentes (1945-1965)*. 2009. Tese (Doutorado em Ciência Política). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2009.

CARDOSO, Claudira, FLACH, Ângela. *Legalidade: movimento civil e militar completa 40 anos*. *Jornal Folha da História*. Porto Alegre, setembro de 2001. p. 10-11.

CARDOSO, Claudira. *Partido de Representação Popular: política de alianças e participação nos governos estaduais do Rio Grande do Sul de 1958 e 1962*. Porto Alegre: PUCRS, 1999. Dissertação (Mestrado em História).

CARDOSO, Miriam Limoeiro. *Ideologia do desenvolvimento. Brasil: JK-JQ*. Tese de Doutorado – USP, 1972 (mimeografada).

CARNEIRO, M. L. Tucci. *O anti-semitismo na era Vargas*. SP, Brasiliense, 1994.

CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos. *Do Sigma ao Sigma – entre a anta, a águia, o leão e o galo – a construção de memórias integralistas*. 2007. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2007.

CARONE, Edgard. *A Primeira República*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1969.

CARVALHO, José Murilo de. *Pontos e Bordados: escritos de história e política*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998, pp. 83-106

CARVALHO, Luiz Maklouf. *Cobras Criadas*. São Paulo, Senac, 2001.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo – ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. São Paulo: EDUSC, 1999.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO SOBRE A AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA E O PARTIDO DE REPRESENTAÇÃO POPULAR. *Relação dos Prefeitos, vice-prefeitos e vereadores do PRP-RS (1945-1965)*. Porto Alegre: CD-AIB/PRP, 1997.

CERTEAU, Michel de, GIARD, Luce, MAYOL, Pierre. *A Invenção do Cotidiano: 2. Morar, Cozinhar*. Petrópolis, Vozes, 1996.

CHACON, Vamireh. *História dos Partidos Brasileiros*. Brasília: Editora da UnB, 1981.

- CHARTIER, R. *A Nova História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa. Difel, s/d.
- CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. São Paulo. Estação Liberdade, 2009.
- CHASIN, José. *O Integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio*. São Paulo, Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.
- CHAUÍ, Marilena. “Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira”. In: CHAUÍ, M & FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. *Ideologia e Mobilização popular*. 2ª ed. RJ, Paz e Terra/ CEDEC, 1978.
- CHAVES, Niltonci Batista. ‘A saia verde está na ponta da escada: as representações discursivas do Diário dos Campos. A respeito do Integralismo em Ponta Grossa-PR’. Apontamentos de um dos capítulos da Dissertação de sua tese de mestrado. *Revista do Programa de Pós Graduação do Dep. História de PG*, vol.4 – nº1 – verão de 1999.
- CHIAVENATO, Júlio José. *O Golpe de 64 e a ditadura militar*. São Paulo: Moderna, 1994. (Coleção Polêmica).
- COHN, Gabriel.(org) *Comunicação e Indústria cultural*. São Paulo, Cia da Ed. Nacional/Edusp, 1971.
- COHN, Gabriel.(org) *Comunicação e Indústria cultural*. SP, Cia da Ed. Nacional/Edusp, 1971.
- COSTA, Hélio da. *Em busca da memória: Comissão de Fábrica, Partido e Sindicato no Pós-Guerra*. SP: Página Aberta, 1995.
- COUTINHO, Afrânio. *Enciclopédia da Literatura Brasileira*. São Paulo, Fundação da Biblioteca Nacional/ Global Editora, 2001.
- CYTRYNOWICZ, Roney. “Integralismo e política regional. O Integralismo no Maranhão (1933-37)”. *Revista Brasileira de História*, 2001, nº40, pp.277-286.
- Dados Estatísticos do Tribunal Superior Eleitoral. Eleições Federais e Estaduais realizadas no Brasil em 1965 e 1966*. Brasília: Departamento de Imprensa Nacional, 1971.
- DE FELICE, Renzo. *Explicar o Fascismo*. Lisboa: Edições 70, 1978.
- DECCA, Edgard de. 1930. *O silêncio dos vencidos. Memória, História e Revolução*. São Paulo, Brasiliense, 1992.

Dicionário de autores paulistas. SP, 1954.

DICIONÁRIO HISTÓRICO BIOGRÁFICO (1930-1983). 4 volumes. Rio de Janeiro, FGV/Cepedoc, 1984.

DINIZ, Eli. “Crise política, eleições e dinâmica partidária no Brasil: um balanço histórico”. In: *Dados. Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, vol. 32, nº 3, 1989, p. 323-340.

DOMENACH, J. M. *A propaganda política*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1955.

DOREA, Augusto Garcia Rocha. *O pensamento revolucionário de Plínio Salgado*. São Paulo, Voz do Oeste, 1988.

DÓREA, Gumercindo Rocha. Má fé e falsificação da História. In: *O Drama de um herói*. Edição da Casa Plínio Salgado, São Paulo, 1990.

DÓREA, Gumercindo Rocha. *Ora direis: ouvir orelhas que falam... de livros, pessoas e ideias*. Edições GRD, 2002.

DORIA, Pedro. *Fascismo à brasileira: Como o integralismo, maior movimento de extrema-direita da história do país, se formou e o que ele ilumina sobre o bolsonarismo*. Rio de Janeiro. Planeta, 2021.

DOSSE, François. *A história em migalhas - dos Annales à História Cultural*. Campinas. Unicamp, 1995.

DOTTA, Renato Alencar *Elementos verdes: os integralistas brasileiros vigiados pelo DOPS-SP (1938-1981)*. 2016. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, 2016.

DOTTA, Renato Alencar. *Sob o martelo e o sigma: o sindicalismo integralista dos anos 1930*. Dissertação de Mestrado. FFLCH. USP. 2002.

DOTTA, Renato Alencar; POSSAS, Lidia Maria Vianna; CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro (org.). *Integralismo: novos estudos e reinterpretações*. Rio Claro, SP: Arquivo Público e Histórico de Rio Claro, 2004.

DREIFUSS, René Armand. *1964: A conquista do Estado. Ação política, poder e golpe de classe*. Rio de Janeiro: Vozes, 3ª ed., 1981.

DULLES, John W. F. *A Faculdade de Direito de São Paulo e a resistência anti-varguista (1938-1945)*. São Paulo, Edusp, 1984.

DUTRA, Eliana. “O Fantasma do Outro – Espectros Totalitários na Cena Política Brasileira dos Anos 1930”. In: *Revista brasileira de história*. São Paulo: v. 12, nº 23/24, pp. 125 – 141, set. 91/ago. 92.

DUTRA, Eliana. *O ardil totalitário. Formação política na década de 30*. Ed. UFMG/UFRJ, 1997.

ECO, Umberto. *Baudolino*. 3. ed. Rio de Janeiro, Record, 2001.

ECO, Umberto. Signo. *Enciclopédia Einaudi*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1994, p.245.

FAORO, Raymundo. *Os donos do poder*. Porto Alegre, Globo, 1976.

FAUSTO, Boris. (dir). *História geral da civilização brasileira. III – O Brasil republicano: sociedade e política (1930-1964)*. São Paulo. Difel-Difusão Editorial S.A.,1981.

FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930: Historiografia e História*. (Edição Revista) São Paulo, Cia das Letras, 1997.

FELIZARDO, Joaquim. *A Legalidade: último levante gaúcho*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1988.

FERNANDES, Florestan. *A Ditadura em questão*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1982.

FERNANDES, Florestan. *Prefácio*. In: VASCONCELLOS, G. *A ideologia Curupira. Análise do discurso integralista*. São Paulo, Brasiliense, 1978.

FERREIRA, Lilian Tavares de Bairros. *Blusas-verdes à beira-mar: mulheres integralistas - Santos (1932-1937)*. 2018. 178 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

FERREIRA, Marieta de Moraes, ABREU, Alzira Alves de. (coord.). *Entrevistas: Abordagens e usos da história oral*. Rio de Janeiro, Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1994.

FERREIRA, Marieta Maria de Moraes & AMADO, Janaína (Org.) *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FERREIRA, Marieta Maria de Moraes (Coord.) *João Goulart: entre a memória e a história*. Rio de Janeiro, FGV, 2006.

- FERREIRA, Marieta Maria de Moraes e SARMENTO, Carlos Eduardo. A República Brasileira: pactos e rupturas. PPP.451-495. In: GOMES, Ângela de Castro *et al* (Org.). A República no Brasil. Rio de Janeiro, Nova Fronteira/FGV, 2002.
- FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz - UERJ/CNPq. *História e Prosopografia*. Anais da Anpuh, Rio de Janeiro, 2002.
- FILHO, Venâncio Alberto. *Das Arcadas ao Bacharelismo. 150 anos de ensino jurídico no Brasil*. São Paulo, Perspectiva, 1977.
- FLEISCHER, David (org.). *Os partidos políticos no Brasil*. Brasília, Editora da UnB, 1981.
- FLEIUSS, Max. A caricatura no Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico*. Brasileiro. Rio de Janeiro, 80: 584/609, 1916.
- FRANCO, Affonso Arinos de Melo. *História e teoria dos partidos políticos no Brasil*. SP, Alfa Omega, 1974.
- FREITAS, Marcos Cezar. (org). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. Contexto, São Paulo, 1998.
- FREITAS, Marcos Cézar. *Integralismo: fascismo caboclo*. São Paulo, Ícone, 1998.
- GARCIA, Nelson Jahr. *O que é propaganda ideológica*. São Paulo, Abril Cultural/ Brasiliense, 1985.
- GERALDO. Endrica. O discurso da eugenia. Dissertação de mestrado. Unicamp. 2002.
- GERTZ, René E. *O perigo alemão*. 2ª ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998. (Síntese rio-grandense; 5).
- GERTZ, René. "O Integralismo na zona colonial alemã". In: DACANAL, José H. *RS imigração e colonização*. Porto Alegre, 1980 (pp.195-223).
- GIRARDET, R. *Mitos e mitologias políticas*. São PAULO, Cia das Letras, 1984.
- GOMES, Ângela de Castro (coord.) *Regionalismo e centralização política: partidos e constituinte nos anos 1930*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.
- GOMES, Ângela de Castro (org.) *O Brasil de JK*. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 1981.

- GOMES, Ângela de Castro *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro, IUPERJ, 1988.
- GOMES, Ângela de Castro *História e Historiadores: políticas culturais do Estado Novo*. Rio de Janeiro, FGV, 1996.
- GOMES, Lúcia Maria Gaspar. “Cronologia do governo Castelo Branco”. *Dados. Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, vol. 2/3, 1967, p.112-132.
- GONÇALVES, Leandro Pereira. Do fascismo ao conservadorismo católico: a trajetória de Plínio Salgado. In: FERREIRA, Jorge; CARLONI, Karla. (Org.). *A República no Brasil: trajetórias de vida entre a democracia e a ditadura*. Niterói: Eduff, 2019, p. 121-163.
- GONÇALVES, Leandro Pereira; CALDEIRA NETO, Odilon. O corporativismo e a tríade integralista: Miguel Reale, Plínio Salgado e Gustavo Barroso. In: ABREU, Luciano Aronne de; VANNUCCHI, Marco Aurélio. (Org.). *Corporativismos ibérios e latino-americanos*. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2019, p. 209-238.
- GONÇALVES, Leandro Pereira; CALDEIRA NETO, Odilon. *O Fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo*. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2020.
- GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte (org.). *Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista*. Rio de Janeiro: Autografia, 2019. v. 3.
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da Cultura*. RJ: Civilização Brasileira, 1978.
- GRINBERG, Lúcia. *ARENA. A criação do bipartidarismo e do partido do governo, 1965-1979*. Niterói: UFF, 1998.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo, Vértice, 1990.
- HALL, Michael M. ‘*História Oral: os riscos da inocência*’. *O direito à memória*. Patrimônio Histórico.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil - uma história*. Edusp, São Paulo, 1981.
- HECKER, Alexandre. *Socialismo Sociável. A história da esquerda democrática*. São Paulo, Unesp, 2001.
- HECKER, Alexandre. *Um socialismo possível: a atuação de Antônio Piccarolo em São Paulo*. São Paulo, TA Queiroz, 1989.

HEINZ, Flávio. (Org) *Por outra história das elites*. RJ, FGV, 2006. HELLER, Agnis. *O cotidiano e a História*, RJ. Paz e Terra, 1972.

HELLER, Agnis. *O cotidiano e a História*, RJ. Paz e Terra, 1972.

HIPÓLITO, Lúcia. *PSB de raposas e reformistas*. São Paulo, Paz e Terra, 1985.

HOBBSAWM, Eric J. & RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. 2ª Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.

HOBBSAWM, Eric J. *A Era dos Extremos. O Breve Século 20 - 1914 - 1991*. São Paulo, Cia. das Letras, 1995.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro, Ed. José Olympio, 1973.

IANNI, Otávio. *Estado e planejamento econômico no Brasil (1930-1970)*. Rio de Janeiro, Civilizações, 1985.

IANNI, Otávio. *Imperialismo e Cultura*. Petrópolis: Vozes, 1976.

IGLÉSIAS, Francisco. *História e Ideologia*. São Pulo, Perspectiva, 1971.

JESUS, Carlos Gustavo Nóbrega de. *Antissemitismo e nacionalismo, negacionismo e memória*. São Paulo: EdUnesp, 2006.

JOUTARD, Philippe. *Ces voix qui nous viennent du passé*. Paris, Hachette, 1983.

KINZO, Maria D'Alva Gil. "Novos partidos: o início do debate". In: LAMOUNIER, Bolívar (org.). *Eleições e mudança política no Brasil (1970-1979)*. São Paulo: Vozes, Cebrap, 1980, p. 217-262.

KONDER, Leandro. 'História dos intelectuais nos anos 1950'. In: FREITAS, Marcos Cezar. (org). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. Contexto, São Paulo, 1998. pp. 355-374.

KUSCHNIR, Karina 'Cultura, política e espaço urbano'. In: VELHO, Gilberto (org). *Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e Portugal*. Rio de Janeiro, Zahar, 1999.

LAMOUNIER, Bolívar, MENEGUELLO, Rachel. *Partidos políticos e consolidação democrática – o caso brasileiro*. São Paulo, Brasiliense, 1986.

LAMOUNIER, Bolívar. *Formação de um pensamento político autoritário na Primeira República. Uma interpretação*. In: BORIS, Fausto (dir). *História Geral da Civilização*. Tomo III, Vol. 2 (dir. Boris Fausto), SP: Difel, 1969.

LASKI, Harold, J. *O liberalismo europeu*. SP, Mestre Jou. 1973.

LÁZZARO, A; COUTINHO, G. A ; FRANCISCHETTO, C. *Capixaba: imigrantes italianos e a preocupação com a questão integralista no ES*. In: *Lembranças Camponesas: a tradição oral dos descendentes italianos em Venda Nova do imigrante – Vitória – ES.s/e*, 1992.

LE GOFF, Jacques. *Passado/Presente*. In: ROMANO. R. *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa. Imprensa Nacional, s/d.

LEFORT, Claude. *A invenção democrática*. São PAULO, Brasiliense, s/d.

LENHARO, Alcyr. *A sacralização da política*. Campinas. Papyrus, 1986.

LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In: RÉMOND, RÉNE. *Por ma História Política*. 2ª Edição. Rio de Janeiro, 2003,p.147.

LIPPI OLIVEIRA, Lúcia. (coord.) GOMES Angela de Castro & WHATELY, Maria Celina. *Elite intelectual e debate político nos anos 1950*. RIO DE JANEIRO, FGV, 1980.

LIPPI OLIVEIRA, Lúcia. *O PSD*. Dissertação e mestrado. IUPERJ, RJ, 1973.

LOFEGO, Roberto. *Memória de uma metrópole*. São Paulo na obra de Ernani Silva Bruno. Annablume/Fapesp. 1996.

LOUREIRA, Maria Amélia Salgado. *O Integralismo*. SÃO Paulo, Voz do Oeste, 1981.

LUSTOSA, Isabel. *Brasil pelo método confuso – humor e boemia em Mendes Fradique*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. *“A Igreja e o Integralismo no Brasil: 1932-1939” Revista de História*. São Paulo: FFLCH/USP, 108: 503-532, out./dez, 1976.

MAIO, Marcos Chor. *Nem Rotschild nem Trotsky: o pensamento anti-semita de Gustavo Barroso*. Rio de Janeiro, Imago, 1992.

MALATIAN, Teresa. *Império e Missão: um novo monarquismo brasileiro*. São Paulo, Cia Editora Nacional, 2001.

MARTINS, Luciano. 'A Gênese da Intelligentsia – Os intelectuais e a política no Brasil 1920-1940.' *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 4 (2). Junho de 1987.

MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira*. 6 Volumes, SDP, Edusp/ Cultrix, 1978.

MEDEIROS, Jarbas. 'P.Salgado' In: *A ideologia autoritária no Brasil (1930-45)*. Rio de Janeiro, FGV, 1978.

MELLO, João Manuel Cardoso de & NOVAIS, Fernando. "Capitalismo tardio e sociabilidade moderna". In: *História da Vida Privada no Brasil*. Vol. 4. SP: Cia das Letras, 1998, p.559-658.

MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo, Cia das Letras, 2001.

MILMAN, Luis, VIZENTINI, Paulo Fagundes (org.). *Neonazismo, negacionismo e extremismo político*. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS): CORAG, 2000.

MONDIM, Guido. Depoimento cedido ao CD –AIB/PRP de Porto Alegre, 1997.

MONTENEGRO, Antônio Torres. *História Oral*. São Paulo, Contexto, 1993.

MORAES, Fernando. *Chatô – o Rei do Brasil, a vida de Assis Chateaubriand*. São Paulo, Cia das Letras, 1994.

MOREIRA, Daniel A. *Didática do Ensino Superior – Técnicas e Tendências*. 1ª ed. São Paulo: Editora Pioneira, 1997.

MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974)*, 5ª ed. São PAULO, Ática, 1985.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o "Perigo Vermelho": o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002. (estudos; 180)

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Jango e o Golpe de 1964 na caricatura*. Rio de Janeiro, Zahar, 2006.

MOURÃO FILHO, Olympio. *Memórias: a verdade de um revolucionário*. Porto Alegre: L&PM, 1978.

NASSER, David. *A revolução dos covardes: diários secretos de Severo Fournier – reportagens políticas e ordens de censura do Ditador*. São Paulo, 2ª ed. Gráfica Cruzeiro, 1947.

NEITART, B. Sobre o objeto e o método prosopográfico. *In: Politeia. Hist e Soc.* Vitória da Conquista – BA. Vol. 5, nº1, p.49. 2005. (Trad.) Cybelle Crossette de Almeida.

“O último Anauê!” – Entrevista concedida ao *Semanário Aqui São Paulo*, nº 5, 1975.

OLIVEIRA, Alexandre Luis. *Do integralismo ao udenismo: a trajetória política de Raymundo Padilha.* 2014. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2014.

OLIVEIRA, Laura de. *Guerra fria e Política Editorial: a trajetória da Edições GRD e a campanha anticomunista no Brasil (1956-1968).* Maringá: EDUEM, 2015.

OLIVEIRA, Lisandre Medianeira de. “O preço da liberdade é a eterna vigilância”: a UDN no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PUCRS, 2001. Dissertação (Mestrado em História).

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. *História da imprensa da Ação Integralista Brasileira.* São Paulo: LiberArs, 2019.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional.* São Paulo, Brasiliense, 1985.

PADRÓS, Enrique Serra. “Contribuições para uma discussão do fascismo na América Latina”. *In: Revista de História.* Porto Alegre, nº 1, 1986/1987, p. 5-27.

PÉCAUT, Daniel. *Intelectuais e a Política no Brasil. Entre o Povo e a Nação.* São Paulo, Ática, 1990.

PEREIRA, Jaime Regalo. *Democracia Integralista.* Rio de Janeiro, Liv. José Olympio, 1936.

PEREIRA, Luis Carlos Bresser. *Desenvolvimento e crise no Brasil.* Rio de Janeiro, Zahar, 1968.

PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *Golpe de 64.* Porto Alegre: UE, 1994.

PINHEIRO, Paulo Sérgio & ZIROLDO, Ângela. ‘Um dia de Luta e união’. *Isto É*, nº146, p.80-2, out/1979.

PIRES, Antônio C. S. *Pelo PRP, na política gaúcha.* Depoimento para o Centro de Documentação sobre a AIB e o PRP. Porto Alegre, 1997.

PISTORELLO, Daniela. “Os homens somos nós”: o integralismo na região colonial italiana do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: PUCRS, 2001. Dissertação (Mestrado em História).

POSSAS, Lídia Maria Viana. *O trágico 3 de Outubro – estudo histórico de um evento*. Dissertação de mestrado – FCL- Unesp – Assis, 1992.

PRADO, Maria Lígia C. *Democracia ilustrada: o Partido Democrático em São Paulo (1926-1934)*. São Paulo, Ática, 1986.

PREDEBON, Gabriel Soares. *A trajetória e as colunas cinematográficas de Ironides Rodrigues para A Marcha (1954-1962)*. 2019. Dissertação (Mestrado em História) –Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. “*Relatos orais: do indizível ao dizível*”. *Ciência e Cultura*, 1987, vol.39, p 276-280.

RAGO, Filho Antônio. ‘Posfácio’: O Integralismo de P. Salgado de J. Chasin. SP: Ad Hominem, 1999. 2ª ed.

RAGO, Filho Antônio. *A crítica romântica, a miséria brasileira: o Integralismo de Gustavo Barroso*. Dissertação de mestrado, PUC – SP, 1982.

RAMOS, Ricardo. *História da Propaganda no Brasil*. São Paulo, ECA, USP, 1972.

RAYNAUD, Phillipe. “*La commémoration: ilusion ou artifice?*” *Le Débat*, nº 78, jan/fex. 1994, p.104-115.

REMON, Rene. (org). *Por uma História política*. Ed. FGV. Rio de Janeiro, 1995.

RENNÓ, Lúcio. ‘*Teoria da cultura política: vícios e virtudes*’. *BIB*, Rio de Janeiro, n.º 45, 1995, 1.º semestre, p.71-92.

REVISTA DE CIÊNCIA POLÍTICA. Ed FGV, RJ, 1978, vol.21, nº 3. Artigo: “*As classificações de Plínio Salgado- uma análise entre 32 e38*”. (artigo sob responsabilidade da revista)

RICOUER, Paul. *Tempo e Narrativa*. Vol. III. Campinas: Papyrus, 1997, p. 124.

RIOUX, Jean-Pierre & SIRINELLI, Jean- François. *Para uma história cultural*. Coleção Nova História. Portugal: Estampa, 1998.

RODEGHERO, Carla Simone. *O diabo é vermelho: Imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)*. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

- SAES, Décio. *'Classe média e política'*. In: FAUSTO, Boris (org.) *História Geral da Civilização Brasileira*. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertand, 1991. Tomo III: O Brasil Republicano, v.3: Sociedade e Política 1930-1964, pp.449-506.
- SALEM, Helena. *As tribos do mal*. Rio de Janeiro, Atual, 1995 (4.ª ed.)
- SALGADO, P. *Espírito da burguesia*. 4ª Edição, RJ, Livraria Clássica Brasileira, 1949.
- SALGADO, P. *A Quarta Humanidade*. Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro. 1934.
- SALGADO, P., "Madrugada do Espírito" In: *Obras Completas*, Augusto Frederico Schmidt, Vol. 7, 1938.
- SAUVY, Alfred *Le pouvoir et l'opinion* – Paris: Payot, 1948.p.181.
- SCHWARTZMAN, Simon, BOMENY, Helena M.B. & COSTA, Vanda Maria Ribeiro. *Tempos de Capanema*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2000, 2ª edição, pp143-144.
- SCHWARTZMAN, Simon. *Bases do autoritarismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Campus, 1982.
- SILVA, Francisco Carlos Teixeira da, MEDEIROS, Sabrina Evangelista, VIANA, Alexander Martins. *Dicionário crítico do pensamento da direita: instituições e personagens*. Rio de Janeiro: FAPERJ: MAUAD, 2000.
- SILVA, Francisco Carlos Teixeira. "Redescobrimo o Totalitarismo". Artigo apresentado na XX Reunião Nacional da ANPUH. SC, 1999.
- SILVA, Giselda Brito (org.). *Estudos do integralismo no Brasil*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.
- SILVA, Giselda Brito, GONÇALVES, Leandro Pereira & PARADA, Mauricio. (Orgs). *Histórias da Política Autoritária: integralismo, nacional sindicalismo, nazismo e fascismos*. Editora UFRPE,2010.
- SILVA, Giselda Brito; GONÇALVES, Leandro Pereira; PARADA, Maurício (org.). *Histórias da política autoritária: integralismos, nacional-sindicalismo, nazismo e fascismos*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.
- SILVA, Hélio. *1938 – Terrorismo em campo verde*. RJ, Civilização Brasileira, 1971.
- SILVA, Hélio. *1964 – Vinte Anos de Golpe Militar*. Porto Alegre: L&PM, 1985.

- SILVA, José Luiz Werneck da.(Org.) *O feixe e o prisma: uma revisão do Estado Novo*. Rio de Janeiro, Zahar, 1991.
- SIMÕES, Solange de Deus. *Deus, Pátria e família: as mulheres no golpe de 64*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- SIRINELLI, J. François (dir) *Histoire des droites*. Paris: Gallimard, 1992, v.2.
- SIRINELLI, J. François (org) *Les droites françaises. De la Révolution à nos jours*. Folio/Histoire. Paris, 1995.
- SIRINELLI, J. François. 'Lê hasard ou la necessitè? Une histoire em Chantier – histoire de intellectuelles. 20^e Siècle'. *Revue d'Histoire* (9), jan/mai/ 1986.
- SIRINELLI, J. François. *Génération intellectuelle: khâgneux et normaliens de l'entre-deux-guerres*, Fayard Paris 1988.
- SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio Vargas À Castello Branco – 1930-1964*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.
- SOARES, Evaldo. *Evolução do pensamento Católico Brasileiro. (1952-1964). Um estudo de Raízes*. Dissertação de Mestrado. FHDSS – UNESP - Franca, 1996.
- SOARES, Gláucio Ary Dillon. "Alianças e coligações eleitorais: notas para uma teoria". *Revista Brasileira de Estudos Políticos*, nº 17, jul. 1964, p. 95-124.
- SOARES, Gláucio, D'Araujo, Maria Celina & CASTRO, Celso (orgs). *A volta aos quartéis: a memória militar sobre a abertura*, Rio de Janeiro, Relúme-Dumará, 1995.
- SOARES, Gláucio. *21 anos de Regime Militar*. Cap. III: TRINDADE, Hégio: "O Integralismo e o Regime Militar".
- SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Civilização Brasileira, São Paulo, 1967.
- SODRÉ, Muniz. 'O mercado de bens culturais'. In: Sérgio Micelli (org.) *Estado e cultura*, São Paulo, Difel, 1983.
- SODRÉ, Nelson Werneck. 'Prefácio'. In: *A batalha da Praça da Sé*. Rio de Janeiro, Philobibliion, 1984.

- SODRÉ, Nelson Werneck. 'Prefácio'. In: *A batalha da Praça da Sé*. RJ: Philobiblion, 1984.
- SOMBRA, Luís Henrique. *As imagens do sigma*. Arquivo Estadual do Rio de Janeiro, 2000.
- SONTAG, Susan. *Sob o signo de Saturno*. (Trad.) Ana Maria Capovilla & Albino Polli Jr. Porto Alegre, L&PM, 1986.
- SOUZA, Francisco Martins de. "O Integralismo" *Evolução do Pensamento Político Brasileiro*. São Paulo, Editora da USP, 1989
- SOUZA, Maria do Carmo Campello de. *Estado e partidos políticos no Brasil (1930-1964)*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976.
- SPENCER VAMPRÉ, *Memórias para a história da Academia de São Paulo*, São Paulo, Saraiva, 1924.
- TANAGINO, Pedro Ivo Dias. *A síntese integral: a teoria do integralismo na obra de Miguel Reale (1932-1939)*. 2018. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2018.
- THOMPSON, Paul. *The voice of the past. Oral History*. Oxford, Oxford University, 1978.
- TOLEDO, Caio Navarro de. *ISEB: fábrica de ideologias*. SP: Ática, 1978.
- TOLEDO, Caio Navarro de. *O Governo Goulart e o golpe de 64*. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- TRAGTENBERG, Maurício. 'Resenha sobre o Integralismo de Plínio Salgado'. In: *O integralismo de Plínio Salgado* de J. Chasin, Liv. Ciências Humanas, 1978.
- TRENTO, Angelo. "Relações entre Fascismo e Integralismo: o ponto de vista do Ministério dos Negócios Estrangeiros Italiano". *Ciência e Cultura*. 34/12/ 1982. (pp1601-1613).
- TRINDADE, Hélió. *A tentação fascista no Brasil: imaginário de dirigentes e militantes integralistas*. Porto Alegre: UFRGS, 2016.
- TRINDADE, Hélió. *Integralismo (o fascismo brasileiro na década de 30)*. São Paulo, UFRGS/DIFEL, 1974.
- URBAIN, Jean Didier. *Morte*. In: *Enciclopédia Einaudi*. Vol. 36. Vida/Morte – Tradições/Gerações. Lisboa – Porto – Coimbra, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1997, p.381-417.

VALERI, V. *Festa*. In: *Enciclopédia Einaudi*. Religião – Rito. Lisboa – Porto – Coimbra, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1994, p.402-414.

VASCONCELLOS, Gilberto. *A ideologia curupira*. São Paulo, Difel, 1978.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro, Zahar, 1999.

VELLOSO, Mônica Pimenta. *A brasilidade verde-amarela: nacionalismo e regionalismo paulista*. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro, FGV, 1984.

VENÂNCIO FILHO. *Os juristas e Academia*. Rio de Janeiro, ABL, 1997.

VERBA, S. *The civic culture revisited*. Boston, Little & Brown, 1980.

VESENTINI, Carlos A. *A teia do fato. Uma proposta de estudo sobre memória e histórica*. Tese de doutoramento. FFLCH, USP, 1982.

VICTOR, Rogério Lustosa. *O integralismo nas águas do Lete: história, memória e esquecimento*. Goiânia: Ed. Universidade Católica de Goiás, 2005.

VICTOR, Rogério Lustosa. *O labirinto integralista: o conflito de memórias (1938-1962)*. Goiânia: IFITEG Editora/Ed. América, 2013.

WAINER, Samuel. *Minha razão de viver: memórias de um repórter*. São Paulo, Record, 1980.

WEFORT, Francisco. *O populismo na política brasileira*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

WINOCK, Michel. *História da Extrema Direita na França*. São Paulo, E-Books, 2001.

ZOLA, Emile. *J'Acuse! L'Aurore*, 13 de janeiro de 1898.

FONTES E ARTIGOS DE JORNAIS CONSULTADOS

- 'Reedição malfadada'. O Cruzeiro. 12/10/1959. pp. 24-26.
- 'Vergonha para a imprensa: falência moral de O Globo'. Idade Nova. 8/6/1946, pp.1 e 4.
- "Águias, ou galinhas?". Correio Paulistano. 8/10/1957. p.5
- "As cerimônias da Milícia do Além". Protocolos e Rituais. Estrato 4, p.23, 1936. Reeditado em A Marcha em 12 de novembro de 1957.
- "As comemorações integralistas". Correio Paulistano, 3/10/1957, p.5.

- “Bodas de Prata Verde. Sigma e rituais, renasce o integralismo no Brasil”. Última Hora/SP, 8/10/1957, p.4. A sucursal paulistana de Última Hora foi inaugurada em 1952.
- “Camisas verdes para Museu: Ressurgem entre nós as coisas verdes”. Jornal do Brasil, 9/10/1957, p.4. Grifos meus.
- “Coisas de S. Paulo, coisas do Brasil”. Coluna de canto de página assinada pelo próprio Assis Chateaubriand. Diário Carioca. Edição de Maio de 1958.
- “Com Anauês e Hurras ao Chefe Nacional encerrou-se ontem a Convenção Integralista”. Diário de Notícias, 8/10/1957, p.8.
- “Com Sigma camisa verde e anauê, retorna ostensivamente, à atividade os integralistas”. Folha da Tarde, 8/10/1957, p.4 & Folha da Noite, 9/10/1957, p.4.
- “Comunismo, reacionarismo, Integralismo”. A Ordem. RJ. p.167-168, set. 1945.
- “Discurso falacioso”. Folha da Manhã. 9/10/1957, p 6.
- “Editorial: Não acreditamos na volta do Integralismo”. Correio Paulistano, 8/10/1957, p.8.
- “Editorial: O perigo Verde!”. Folha da Manhã, 8/10/1957, p.8.
- “Editorial: Vergonha da Nação: A devida interpretação!”. A Marcha 5/1/1958, p.5.
- “Integralismo: Oh! Vergonha!”: Mote das campanhas veiculadas na maioria dos jornais de grande circulação do país.
- “Mistura perigosa”. Nota de canto de página. Diário da Noite. Setembro de 1958, p.3.
- “Nada daquilo de fato nos chega!”. Jornal do Brasil, 13 de outubro de 1957
- “Não voltarão os camisas verdes”. Folha da Manhã. 8/10/1957. p.6
- “Noitada Integralista. Por: Gustavo Corção”. Diário de Notícias. RJ: 10/10/1957, p.5.
- “Notas e Balanços da Editora”, dados editados n’ A Marcha, (período da publicação da EI) e, em “Notas Protocolares da GRD Edições”. Fundo: “Notas Financeiras”. Acervo Plínio Salgado. Arquivo Municipal de Rio Claro.
- “Notas Protocolares da GRD Edições”. Fundo: “Notas Financeiras”. Acervo Plínio Salgado. Arquivo Municipal de Rio Claro.
- “Notas Protocolares da GRD Edições”. Fundo: “Notas Financeiras”. Acervo Plínio Salgado. Arquivo Municipal de Rio Claro.
- “O Encontro do novo integralismo: a volta do Sigma”. A Gazeta. Vitória. 29/7/1957, p.6.
- “O hino e o archote”. Última Hora/SP, 8/10/1957, p.8.
- “O papel, a impressão e o susto”: A Marcha, 30/4/1960, p.4.
- “O que a mulher necessita, seus deveres e obrigações”. A Marcha. Diversos artigos veiculados no período de agosto a dezembro de 1957.
- “Os Águias Brancas assumem a Vanguarda”. Folha da Manhã, 8/10/1957, p.7
- “Plínio propõe implantar a nova democracia orgânica”. Última Hora/SP, 8/10/1957, 7 e 8.
- “Por água abaixo...”. Última Hora, 23/4/1958.
- “Por que nossa memória anda esquecida?”. A Marcha, 12/4/1957, p. 12.
- “Pretendemos realizar no mínimo um evento bastante planejado. A festa divisora de águas. Será AJ e DJ, ou seja: antes do Jubileu e depois dele”. ‘Notícia Curta’. A Marcha, em diversas veiculações de 15 a 25 de março de 1957.

- “Proclamação de Plínio Salgado: o partido espera que cada um cumpra com seu dever”. Idade Nova, 24 de agosto de 1950, p.1
- “Propaganda: O depoimento do Chefe”: Por: Plínio Salgado. A Marcha, 28 de setembro de 1957.
- “Propaganda: O depoimento do Chefe”: Por: Plínio Salgado. A Marcha, 14/10/1957, p.6.
- “Pura Bestiologia”. LIMA, Alceu Amoroso. A Ordem, 1946, p.56.
- “Rememoração por convicção”. A Marcha, 7 de maio de 1958.
- “Renascendo sobre a marcha fúnebre”. Ibidem. 13/10/1957, p.3
- “Resposta”: A Marcha, 9/10/1957, p.3.
- “Transformação do quê?”. Diário Popular, 7/10/1957, Caderno 1, p.2.
- “Volta o Integralismo com seus antigos símbolos”. O Estado de S. Paulo. 8/10/1957.
- A despeito do reduzido número de repórteres que cobriram o evento, foram enviados mais de 250 convites a toda a imprensa de grande circulação do país. A Marcha, 3/5/1958, p.5.
- A Marcha 1/5/1958, p.3.
- A Marcha, 03/08/1957.
- A Marcha, 1/11/1957, p.2.
- A Marcha, 1/5/1958, p.6.
- A Marcha, 15/9/1956. p.5.
- A Marcha, 18/10/1957, p.5.
- A Marcha, 19/8/1959. p.5.
- A Marcha, 21 de julho de 1958, p. central
- A Marcha, 24 de julho de 1958, p.4.
- A Marcha, 24/4/1958, p. 5.
- A Marcha, 27/2/1957, p. central.
- A Marcha, 28/2/1958, p.15.
- A Marcha, 3/11/1957, p.9.
- A Marcha, 5/4/1958, p.5.
- A Marcha, 6/4/1955, última página.
- A Marcha, 6/9/1957, p.2.
- A Marcha, 8/7/1957, p.6.
- A Marcha, n.º avulso de comemoração. 1962, p.4.
- A Marcha, outubro de 1957. De acordo com o texto/ propaganda do lançamento da publicação.
- A Semana. Entrevista concedida por Salgado à revista carioca, 8 de maio de 1950, p.24.
- A semente que alimenta milhões. A Marcha, Rio de Janeiro, nov./dez.1954. p. 4.
- A verdadeira representação popular. A Marcha, Rio de Janeiro, 16.8.1957, p. 5.
- Acervo Plínio Salgado. Arquivo Público de Rio Claro.
- As luzes do archote! Estão de volta as gerações do Sigma. O Globo, 8/10/1957, p.10.
- Boletim do PRP, 18/1/1946, p.1.
- Boletim PRP/RS, nov/1946.
- Caderno de Presença da Exposição Integralista, outubro de 1957.

- Carta de Plínio Salgado a Gumercindo R. Dórea, a 12 de setembro de 1957. Acervo Plínio Salgado - Arquivo Público Municipal de Rio Claro.
- Congresso de Líderes Águias Brancas, A Marcha, Rio de Janeiro, 5/7/1957, p. 5.
- Convenção do PRP encerrada com os Tambores Silenciosos. O jornal, 8/10/1957, p.6.
- Correio Paulistano, 11 novembro de 1945. p.3.
- Correio Paulistano, 9/10/1957, p.5.
- Correio Paulistano, Notas Curtas, maio de 1958.
- Correspondência de Salgado com Raymundo Padilha, 16/12/1962. (APHRC-Pi 16/12/1962).
- Correspondências ativas e passivas (1957,1958,1959). APHRC – Fundo Plínio Salgado
- Decisão dos integralistas: aperfeiçoar o sistema representativo vigente. A Marcha, Rio de Janeiro, 2/8/1957, p. 12.
- Deliberações do Governo do Estado do Espírito Santo. A Tribuna - Vitória. 27/07/1957, p.6.
- Desfazendo intrigas: o Tribunal Superior Eleitoral aprovou por unanimidade os novos Estatutos do PRP. A Marcha, Rio de Janeiro, 4/10/1957, p. 16.
- Destaque do depoimento de Damiano Gullo em reportagem da Revista Manchete. 17/5/1958.
- Diário Carioca, 12/12/1957, p.4.
- Diário Popular. 9/10/1957.
- Diário Popular. Caderno 2, 8/10/1957, p.1.
- Distintivo Oficial. Protocolos da Fundação do PRP, janeiro de 1946.
- DÓREA, G. Apontamentos para a cultura. A Marcha, nov, 1959, p.6. Reeditado como “Apontamentos sobre a cultura” no Vol. VII da EI, p.67.
- Ergue-se Juventude Integralista na plenitude do seu destino histórico. A Marcha, Rio de Janeiro, 13.2.1958, 5.
- Estrato do discurso de recepção aos presentes na Comemoração do Jubileu de Prata Integralista, proferido no Teatro carioca, João Caetano, a 1º de outubro de 1957. Dados: A Marcha, 11/10/1957, p.2.
- Folha da Manhã, 10/9/1957, p.3.
- Folha da Tarde, 9/10/1957, p.3.
- Gustavo Corção. ‘Duras penas!’. O Globo, 12/12/1958. p.5.
- Idade Nova, edição de setembro de 1946, p.5.
- Impressionante manifestação da juventude nacionalista de São Paulo. A Marcha, Rio de Janeiro, 19/3/1954, p. 1 e 11.
- Intervenções de Gumercindo R. Dórea em diversos volumes da Enciclopédia do Integralismo, em especial Vols. III e XI.
- Itinerário. A Marcha, outubro de 1964, p. 1
- Jornal do Brasil, de 27 de abril de 1958. Relatório da Polícia Militar do Estado da Guanabara. Folha 15, de 25 de abril de 1958.
- Juramento publicado no jornal A Marcha de 1º de maio de 1958.
- LAFAYETTE, P. A luta dos fariseus. Idade Nova, 21/9/1946, p.1 e 5.
- MARINHO, Roberto. O Globo. Julho de 1946 & CORÇÃO, G. O Estado de S. Paulo, nov.1958.

- Monitor Integralista, ano II, 6/5/1934, p.07.
- Monitor Integralista. Ano I, 22/7/1933, p.13.
- Notas da Câmara Gestora do XVI Congresso do PRP. Vitória/julho de 1957, p.6.
- Notas. Boletim PRP – RS, 13/5/1958, p.4.
- O II Congresso Nacional de Centros Culturais da Juventude. A Marcha, Rio de Janeiro, 21/1/1955, 5.
- O que é, afinal, o Estado Integral integralista? Correio Paulistano, 20/12/1936. p.09.
- Para atingir o Estado Integral, estrutura-se organicamente o Movimento dos Águias Brancas. A Marcha, Rio de Janeiro, 14/8/1959, p. 4.
- Partido de Representação Popular. Carta de Princípios e Programa do PRP, 1945, p.35.
- Perfis Parlamentares da Câmara dos Deputados. 27 de fevereiro de 1971.
- Protocolos e Rituais. Cap. XI, Artigo 168.
- Protocolos e Rituais. Cap.VII, Artigo 73
- Reestruturação dos serviços de A Marcha – Interrupção das nossas edições durante algumas semanas. A Marcha, Rio de Janeiro, 20/12/1962, p. 1.
- Resposta de GULLO, Damiano. A Marcha, 7/8/1957, p.6.
- Revista Anauê! Ano III, s/nº. 3/3/1937.
- Revista Manchete, nº 317 – 17 de maio de 1958.
- SALGADO, P. ‘Integralistas e Populistas’. Idade Nova, 12/05/1949, p.1 e 6.
- SALGADO, P. “Totalitarismos e o Integralismo: um balanço”. A Marcha, 5/7/1958, p.6.
- SALGADO, P. A militância de hoje. A Marcha. Série de artigos publicados de fev. a set. de 1957.
- SALGADO, P. A revolução integralista. A Offensiva. 17/1/1935. p.1.
- SALGADO, P. Entrevista à revista O Cruzeiro. 10/4/1954, p.11-12.
- SALGADO, P. Idade Nova. Diversos artigos. Set/1951.
- SALGADO, P. Idade Nova.dez.1947.
- SALGADO, P. Integralistas e Populistas. Idade Nova, 12/05/1949, p.1 e 6.
- SALGADO, Plínio. Diferente e dissidente *In*: Idade Nova, 12/4/1946, p.4.
- SALGADO, Plínio. O perigo comunista. A Marcha, Rio de Janeiro, 28/10/1955, p. 1,6,7,10 e 12.
- Seção Ineditorial: Carta Aberta à Nação Brasileira: a extinta Ação Integralista Brasileira no tribunal da opinião pública. Diário de Notícias, Porto Alegre, 17/5/1945, p.4.
- Série de artigos intitulada: “A verdade contra a mentira”. A Marcha, (semana da comemoração).
- Última Hora/RJ, 12/10/1957, p.7.
- Um misecene catártico integralista! O GLOBO, 9/09/1957, p.5.
- WAINER, Samuel. Editorial: O descalabro do retorno integralista! Última Hora, 30/09/1958, p.7.

ENTREVISTAS

- Gumercindo R. Dórea. SP. 28/4/2000.
- Gumercindo R. Dórea. SP. 22/6/2001.
- Gumercindo R. Dórea. SP. 13/6/2001.

- Gumercindo R. Dórea, SP. 13/6/2001.
- Gumercindo R. Dórea. SP. 24/7/2001.
- Gumercindo R. Dórea. SP, 24/8/2001.
- Gumercindo R. Dórea. SP, 03/09/2001.
- Gumercindo R. Dórea. SP. 7/10/2001.
- Gumercindo R. Dórea. SP. 19/11/2001.
- Gumercindo R. Dórea, SP. 13/6/2007.
- Gumercindo R. Dórea. SP. 22/6/2007.
- Gumercindo R. Dórea. SP. 19/11/2007.
- Gumercindo R. Dórea. SP, 30/07/2009.
- Gumercindo R. Dórea. SP, 12/02/2008.
- Gumercindo R. Dórea. SP. 28/4/2008.
- Gumercindo R. Dórea. SP. 30/4/2008.
- Gumercindo R. Dórea. SP. 28/4/2008.
- Gumercindo R. Dórea. SP, 16/12/2008.
- Geraldo Mello Mourão, RJ, 07/01/2002.
- Geraldo Mello Mourão, RJ, 7/01/2005.
- José Batista de Carvalho. SP. 20/6/2000.
- Miguel Reale, SP, 12/08/2005.
- José Constante Barreto, Rio Claro, 12/01/1999.

SOBRE O AUTOR

Após duas décadas estudando o Integralismo, (dissertação e tese sobre o tema), além de publicar dezenas de artigos e capítulos de livros no Brasil e no exterior sobre a temática, Rodrigo Christofolletti migrou suas pesquisas para o âmbito da preservação do patrimônio cultural. Atualmente, é professor de Patrimônio Cultural no curso de História da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e leciona no Programa de Pós-Graduação da mesma universidade. Tem trabalhado na interface entre a História e as Relações Internacionais com foco no patrimônio cultural. É líder do grupo de pesquisa Cnpq - Patrimônio e Relações Internacionais. Pesquisador do LAPA - Laboratório de Patrimônio da UFJF e colaborador do CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória” da Universidade de Letras do Porto (ULP). Possui experiência na área de História política e bens culturais; História da direita brasileira e Integralismo. (r.christofolletti@uol.com.br)